

O EVANGELHO DE  
Sri Ramakrishna

por M.



VOLUME II

# O Evangelho de Sri Ramakrishna

Por

M. (Mahendranath Gupta)  
(*Um discípulo direto de Sri Ramakrishna*)

*Original em Bengali*

Traduzido para o inglês por  
Swami Nikhilananda

Vol. II

Traduzido do inglês por  
Leda Marina Bevilacqua Leal

2002

“Translated from *The Gospel of Shri Ramakrishna*, as translated into English by Swami Nikhilananda and published by the Ramakrishna-Vivekananda Center of New York. U. S. Copyright, 1942, Swami Nikhilananda.”

*O Evangelho de Shhri Ramakrishna* é uma tradução literal para o português da edição de 1979 do *The Gospel of Sri Ramakrishna*, traduzido do bengali pelo Ramakrishna-Vivekananda Center de New York, U. S. Copyright 1942, Swami Nikhilananda.

A presente tradução foi feita com autorização formal do Ramakrishna-Vivekananda Center of New York, a quem agradecemos a oportunidade de tornar acessível a todos os leitores da língua portuguesa, essa obra monumental, que retrata a mensagem espiritual desse grande Ser que em vida, foi a Encarnação do Puro Amor e Pura Espiritualidade.

Leda

Todos os direitos reservados.

Segunda edição revisada

## CAPÍTULO XVI

### COM OS DEVOTOS EM DAKSHINESWAR (II)

*Domingo, 9 de dezembro de 1883*

**S**HRI RAMAKRISHNA estava sentado no pequeno divã em seu aposento com Adhar, Manomohan, Rakhal, M., Harish e outros devotos. Eram mais ou menos duas horas da tarde. O Mestre descrevia-lhes o estado exaltado de Sri Chaitanya.

Mestre: “Chaitanya experimentou três estados mentais. Primeiro, o estado consciente, quando sua mente morava no denso e sutil. Segundo, o estado semiconsciente, quando sua mente entrava no corpo causal e permanecia absorto na felicidade da intoxicação divina. Terceiro, o estado mais interior, quando sua mente se unia à Grande Causa.

“Isto concorda muito bem com os cinco koshas ou ‘envoltórios’, descritos na Vedanta. O corpo denso correspondente ao annamayakosha e pranamayakosha; o corpo sutil ao manomayakosha e ao vijnanamayakosha e o corpo causal ao anandamayakosha. A Mahakarana, a Grande Causa, está além destes cinco envoltórios. Quando a mente de Chaitanya fundia-se n’Aquele, ele entrava em samadhi. Chama-se este último estado, Nirvikalpa ou jada samadhi.

“Enquanto consciente do mundo exterior, Chaitanya cantava o nome de Deus; quando em estado de consciência parcial, dançava com os devotos e quando no estado mais interior de consciência, permanecia imerso em samadhi.”

M. (*para si mesmo*): “Será que o Mestre está se referindo aos diversos estados de sua própria mente? Há muita semelhança entre Chaitanya e o Mestre.”

Mestre: “Chaitanya foi o Amor Divino Encarnado. Desceu à terra para ensinar as pessoas como amarem Deus. Uma pessoa alcança tudo quando ama Deus. Não há necessidade de Hatha Yoga.”

Um devoto: “Senhor, o que é a Hatha Yoga?”

Mestre: “Um homem que pratica Hatha Yoga concentra-se muito no corpo. Lava os intestinos com um tubo de bambu, através do ânus. Absorve ghee e leite através do órgão sexual. Aprende a manipular a língua praticando exercícios. Senta-se numa postura determinada e de vez em quando, levita. Tudo isto é devido à ação do prana. Um mágico estava fazendo seu número quando a língua virou e prendeu-se no céu da boca. Imediatamente o corpo ficou imóvel. As pessoas tomaram-no como morto. Foi enterrado, permanecendo na sepultura durante muitos anos. Depois de muito tempo, não se sabe como, a sepultura abriu-se. Subitamente o homem voltou à consciência do mundo e gritou: ‘Venha a ilusão! Venha a confusão!’<sup>1</sup> (*Todos riem*): Todas essas são ações do prana.

“Os vedantistas não aceitam a Hatha Yoga. Há, também, a Raja Yoga que tem por objetivo obter a união de Deus através da mente por meio da discriminação e bhakti. Essa yoga é boa. A Hatha Yoga não é boa. A vida do homem no Kaliyuga depende da comida.”

Shri Ramakrishna estava na calçada, ao lado do Nahabat. Quando se dirigia para o aposento, vindo do bosque de pinheiros, viu M. através da cerca, sentado na varanda do Nahabat, absorto em meditação.

Mestre: “Olá! Você está aqui? Obterá resultados brevemente. Se praticar um pouco, surgirá alguém para ajudá-lo.”

M. olhou para o Mestre espantado, permanecendo sentado no chão.

Mestre: “A época está apropriada para você. A mãe passarinho não quebra a casca do ovo, antes do dia certo. Aquele que lhe indiquei, é de fato o seu Ideal.”

Shri Ramakrishna disse novamente a M. qual era o seu Ideal Escolhido.

---

<sup>1</sup> Os mágicos, quando executam suas proezas, gritam deste jeito, para enfeitiçar a platéia.

Mestre: “Não é necessário que todos pratiquem grande austeridade. Eu, porém, passei por muitos sofrimentos. Costumava ficar no chão com a cabeça sobre um monte de terra, como se fosse um travesseiro. Mal notava o passar dos dias. Somente chamava Deus e chorava, ‘Ó Mãe! Ó Mãe!’ ”

Há dois anos M. vinha visitando Shri Ramakrishna. Como tinha sido educado à inglesa, adquirira amor pela filosofia e ciência ocidentais e gostava de assistir às conferências de Keshab e de outros eruditos. Shri Ramakrishna às vezes dirigia-se a ele, como “inglês”. Desde que tinha começado a freqüentar Shri Ramakrishna, M. havia perdido todo interesse por conferências e livros escritos por eruditos ingleses. A única coisa que o atraía agora, era ver o Mestre dia e noite e ouvir as palavras que saíam de seus lábios abençoados. M. tinha como certas, as palavras de Shri Ramakrishna. O Mestre havia dito, “Uma pessoa certamente vê Deus pela prática da disciplina espiritual” e também, “A visão de Deus é a única meta da vida humana.”

Mestre (*a M.*): “Se você praticar nem que seja um pouco, alguém surgirá para lhe mostrar o caminho certo. Observe ekadashi.”

“Você é íntimo meu, meu parente, senão, por que viria aqui com tanta freqüência? Durante o kirtan, tive a visão de Rakhali entre os companheiros de Shri Krishna em Vrindavan. Narendra pertence a uma classe muito elevada. Hirananda <sup>2</sup> também. Como sua natureza é infantil! Que disposição doce! Quero vê-lo também.

“Uma vez vi os companheiros de Chaitanya, não num transe, mas com esses olhos. Antes, estava em tal estado mental exaltado, que podia ver todas essas coisas no estado normal, mas agora as vejo em samadhi. Vi os companheiros de Chaitanya com esses olhos. Creio que lá também vi você e Balaram. Já deve ter notado que ao ver certas pessoas, tenho um sobressalto, dou um pulo. Sabe por que? Um homem sente-se assim quando vê sua própria gente, depois de muito tempo.

“Tinha o hábito de orar à Mãe, chorando: ‘Mãe, se eu não encontrar os devotos, certamente morrerei, por favor, traga-os para mim imediatamente.’ Naqueles dias, qualquer desejo que surgia em minha mente tornava-se realidade. Plantei um pequeno bosque de tulsi no Panchavati para praticar japa e meditação. Queria muito cercá-lo com varas de bambu. Pouco tempo depois, um amarrado de bambu foi trazido pela maré do Ganges e deixado defronte ao Panchavati. Um funcionário do templo viu e alegre, contou-me.

“Naquele estado de intoxicação divina, eu não podia mais fazer o culto formal. ‘Mãe’, disse, ‘quem tomará conta de mim? Não tenho força para cuidar de mim mesmo. Só quero ouvir falar de Ti. Desejo alimentar Teus devotos. Desejo dar uma pequena ajuda àqueles que por acaso, encontre. Como tudo isto será possível, Mãe? Dê-me um homem rico para ficar a meu lado.’ Foi por isso que Mathur Babu fez tanto para me servir.

“Disse mais, ‘Com certeza não terei filhos, Mãe, mas gostaria que um rapaz com amor sincero a Deus, ficasse sempre comigo. Dá-me esse rapaz.’ Esta é a razão pela qual Rakhali veio aqui. Aqueles que considero meus íntimos são parte e pedaço de mim.”

O Mestre foi novamente para o Panchavati, acompanhado de M. Não havia mais ninguém com eles. Shri Ramakrishna com um sorriso, contou-lhe vários incidentes dos passados anos de sua vida.

Mestre: “Veja, um dia vi uma figura estranha envolvendo todo espaço, desde o templo de Kali até o Panchavati. Acredita nisso?”

M. permaneceu em silêncio, maravilhado. Arrancou uma ou duas folhas de um galho no Panchavati e colocou-as em seu bolso.

Mestre: “Veja ali – aquele galho foi quebrado. Tinha o hábito de me sentar debaixo dele.”

M.: “Peguei um raminho daquela árvore – tenho-o em casa.”

Mestre (*com um sorriso*): “Por que?”

M.: “Fico feliz quando olho para ele. No futuro este lugar será considerado sagrado.”

Mestre (*sorrindo*): “Que espécie de lugar sagrado? Como Panihati?”

Quase todos os anos o Mestre assistia ao festival religioso de Panihati.

---

<sup>2</sup> Devoto do Mestre de Sindh.

Era quase noite. Shri Ramakrishna estava sentado no pequeno divã, em seu quarto, absorvido em meditação sobre a Mãe Divina. O culto da tarde nos templos começou com a música de gongos e conchas. M. ia passar a noite com o Mestre.

Depois de um certo tempo, Shri Ramakrishna pediu a M. para ler algo do *Bhaktamala*, livro sobre os santos vaishnavas, o que ele fez.

Havia um rei chamado Jayamal que amava Krishna de todo o coração. Seguia com devoção fiel, todos os ritos e cerimônias relacionados com a adoração de Krishna, a quem adorava sob o nome de Syamalasundara. Totalmente satisfeito com sua Divindade Escolhida, jamais dirigiu sua atenção a qualquer outro deus ou deusa. Uma de suas regras inflexíveis de devoção, era adorar a Divindade diariamente até mais ou menos meio-dia. Nunca se desviaria de sua prática, mesmo sob o risco de perder sua riqueza e seu próprio reino. Sabedor deste segredo, um rei inimigo invadiu seu país de manhã. Os soldados de Jayamal não podiam lutar sem sua ordem; assim, observaram a invasão em silêncio. Lentamente o inimigo cercou os fossos da capital. Jayamal, contudo, não saiu do seu oratório. Sua mãe foi ter com ele e chorou amargamente, tentando persuadir o rei a lutar. Calmamente ele lhe disse: “Por que a senhora está preocupada? Syamalasundara deu-me este reino. O que posso fazer se Ele resolveu tirá-lo de mim? Por outro lado, ninguém será capaz de fazer mal se Ele me proteger. Nossos próprios esforços são vão!”

Realmente, nesse ínterim, Syamalasundara, a Própria Divindade, pegou o cavalo do rei e, muito bem armado, cavalgou até o campo. Enfrentou o rei hostil e sozinho, destruiu seu exército. Tendo esmagado as forças inimigas, a Divindade voltou ao templo e amarrou o cavalo ali mesmo.

Ao acabar a adoração, Jayamal saiu e viu o cavalo ali, arquejando e coberto de suor. “Quem andou cavalgando no meu cavalo?” perguntou. “Quem o trouxe para o templo?” Os funcionários declararam que nada sabiam. Pensativo, o rei foi até o campo de batalha com seu exército e ali encontrou seus inimigos mortos, à exceção do comandante. Olhava a cena sem compreender, quando o rei inimigo aproximou-se, adorou-o e disse: “Por favor, permita-me dizer-lhe algo. Como podia eu lutar? O senhor tem um guerreiro que poderia conquistar o mundo inteiro. Não quero nem sua riqueza, nem seu reino, na verdade ficaria feliz em dar-lhe o meu próprio, se o senhor me falasse a respeito deste seu amigo, o Guerreiro Azul. Logo que voltei meus olhos em sua direção, lançou-me uma magia sobre meu coração e sobre minha alma.”

Jayamal compreendeu que havia sido o próprio Syamalasundara que havia aparecido no campo de batalha. O rei inimigo também compreendeu. Adorou Jayamal e através de sua bênção, recebeu a graça de Krishna.

Mestre: “Você acredita em tudo isto? Acredita que Krishna montou naquele cavalo e matou os inimigos de Jayamal?”

M.: “Creio que Jayamal, devoto de Sri Krishna, orou a Ele com o coração anelante. Mas não sei se o inimigo realmente viu chegando no campo de batalha num cavalo. Krishna pode ter chegado montado num cavalo, mas não sei se Ele realmente foi visto.”

Mestre (*com um sorriso*): “O livro contém lindas histórias sobre os devotos, mas é unilateral. Também condena aqueles que divergem dos seus pontos de vista.”

Na manhã seguinte o Mestre e M. estavam conversando no jardim.

M.: “Então ficarei aqui.”

Mestre: “Bem, vocês vêm aqui com muita frequência. O que isto quer dizer? As pessoas visitam um santo, no máximo, uma vez, mas vocês vêm muitas vezes. O que significa isso?”

M. ficou em silêncio. O próprio Mestre deu a resposta.

Mestre: “Vocês viriam aqui se não pertencessem ao meu círculo íntimo? Isto quer dizer que vocês todos são meus parentes, minha gente – como pai e filho, irmão e irmã.

“Eu não lhes digo tudo. Se o fizesse vocês continuariam a vir aqui?”

“Uma vez Shukadeva foi a Janaka, para ser instruído no Conhecimento de Brahman. Janaka disse, ‘Primeiro pague meus honorários’, ‘Mas’, disse Shukadeva, ‘por que os pagaria antes de receber a instrução?’ Janaka riu e disse: ‘Será que você será consciente de guru e discípulo, depois de atingir Brahmajñana? Foi por isso que lhe pedi o pagamento de meus honorários adiantado.’”

Já noite, a lua apareceu, envolvendo todos os cantos com sua luz prateada. M. andava sozinho, no jardim do templo. Num dos lados do caminho, estavam o Panchavati, o bosque de bakul, o nahabat e o aposento do Mestre e do outro lado corria o Ganges, refletindo milhões de luas fragmentadas na sua superfície ondulante.

M. disse a si mesmo: “Pode uma pessoa realmente ver Deus? O Mestre diz que é possível. Ele diz que, se uma pessoa fizer um pequeno esforço, aparece alguém para mostrar o caminho. Ora, sou casado. Tenho filhos. Apesar de tudo isso, pode alguém realizar Deus?”

M. refletiu um pouco e continuou seu solilóquio: “Claro que sim. Senão, por que haveria o Mestre de afirmá-lo? Por que não seria isso possível pela graça de Deus?”

“Aqui está o mundo ao meu redor – o sol, a lua, as estrelas, os seres vivos e os vinte quatro princípios cósmicos. Como vieram à existência? Quem é seu Criador? O que sou eu para Ele? Na verdade a vida é vã sem este conhecimento.

“Com certeza Shri Ramakrishna é o melhor dos homens. Em toda minha vida, jamais vi outra alma tão grande como a dele. Deve ter visto Deus, senão, como poderia falar com Deus dia e noite, dirigindo-se a Ele com tanta intimidade como ‘Mãe’? Se não fosse assim, como poderia amar a Deus tão intimamente? Seu amor por Deus é tanto, que se esquece do mundo exterior. Entra em samadhi e permanece como uma coisa sem vida. Do mesmo modo, no êxtase deste amor, ri e chora, dança e canta.”

*Sexta-feira, 14 de dezembro de 1883*

Às nove horas da manhã Shri Ramakrishna estava na varanda perto da porta de seu quarto, com Ramlal a seu lado, Rakhali e Latu passeavam. M. chegou e prosternou-se diante do Mestre. Shri Ramakrishna disse-lhe carinhosamente: “Você veio. É muito bom. Hoje é um dia auspicioso.”

Era o último dia do mês bengali e dia de lua cheia. M. ia passar alguns dias com o Mestre, praticando disciplina espiritual. O Mestre havia lhe dito: “Se um aspirante praticar um pouco de disciplina espiritual, então alguém aparece em seu caminho para ajudá-lo.”

O Mestre havia dito a M.: “Você não deve comer todos os dias na casa de hóspedes do templo de Kali. Ela é reservada para dar comida gratuita aos monges e pobres. Traga sua própria comida.” M. assim o fez. O Mestre arranjou um lugar para cozinhar e pediu a Ramlal para falar com o leiteiro sobre o fornecimento de leite.

Mais tarde, Ramlal começou a ler o *Adhyatma Ramayana*. O Mestre e M. escutavam.

Rama casou-se com Sita depois de quebrar o grande arco de Shiva. A caminho de Ayodhya com Sua esposa, Rama foi abordado pelo sábio guerreiro Parashurama, que estava disposto a criar-lhe problema. Parashurama atirou um arco para Rama e desafiou-o a estendê-lo. Dasharatha, pai de Rama, ficou apreensivo. Sorrindo, Rama apanhou o arco com a mão esquerda e esticou-o. Depois, vibrando a corda, fixou uma flecha e perguntou a Parashurama onde deveria atirar. Isto venceu o orgulho do sábio guerreiro. Prosternando-se diante de Rama, Parashurama adorou-O como o Supremo Brahman.

Enquanto ouvia o hino de Parashurama, Shri Ramakrishna entrou em êxtase e de vez em quando, com a voz melodiosa, cantava o nome de Rama.

Depois o Mestre pediu a Ramlal para ler a respeito de Guhaka, o que ele fez.

Guhaka, o pária, era o chefe dos intocáveis e amigo íntimo de Rama. Quando Rama, Sita e Lakshmana estavam atravessando a floresta para pagar a promessa de Dasharatha, Guhaka levou-os de barco pelo rio. Rama abraçou Guhaka afetuosamente e disse que ia passar quatorze anos no exílio, vestindo casca de árvore e alimentando-se de ervas, frutas e raízes que cresciam pelos bosques. Prometeu visitar Guhaka novamente, quando voltasse a Ayodhya, depois do desterro. O pária rei esperou pacientemente, mas quando os quatorze anos haviam se passado e Rama ainda não voltara, Guhaka acendeu a pira funerária. Estava a ponto de entrar nela, quando Hanuman chegou, como mensageiro de Rama. Imediatamente Rama e Sita apareceram num carro celestial e a alegria de Guhaka não teve limites.

Depois do almoço, Shri Ramakrishna deitou-se para descansar. M. estava sentado no chão. Logo Dr. Shyama e alguns devotos chegaram. O Mestre sentou-se na cama e começou a conversar com eles.

Mestre: “Não é absolutamente necessário ficar-se o tempo todo ocupado com as obrigações. As ações caem quando se realiza Deus, como a flor cai quando o fruto aparece.

“Aquele que realizou Deus não mais executa deveres religiosos como o sandhya. Nesse caso o sandhya funde-se com o Gayatri. Quando isto acontece é suficiente repetir o mantra Gayatri. Então o Gayatri funde-se no Om. Depois disso, nem mais se recita o Gayatri; é suficiente simplesmente cantar Om. Por quanto tempo tem-se que praticar tais devoções como o sandhya? Enquanto não sentir arrepios no corpo e derramar lágrimas de alegria, ao repetir o nome de Rama ou de Hari. As pessoas adoram Deus para ganhar dinheiro ou uma causa na Justiça. Isto não é bom.”

Um devoto: “Vemos que todo o mundo luta por dinheiro. Mesmo Keshab Sen casou a filha com um príncipe.”

Mestre: “O caso de Keshab é bem diferente. Deus provê tudo para um devoto autêntico, mesmo que ele não faça muito esforço. O filho de um rei tem uma mesada mensal. Não me refiro aos advogados que usam o sofrimento dos outros para ganhar dinheiro e que se tornam escravos dos outros também, com aquele dinheiro. Estou falando de um príncipe real. Um verdadeiro devoto não tem desejos. Não se importa com dinheiro. O dinheiro vem a ele por si mesmo. O *Gita* descreve um devoto assim, como ‘contente com aquilo que lhe vem sem esforço’. ‘Um autêntico brahmin, sem qualquer interesse pessoal, pode aceitar comida até mesmo de um intocável. Não o deseja: isto lhe vem por si só.’

Um devoto: “Senhor, como se deve viver no mundo?”

Mestre: “Viva no mundo como os bagres vivem na lama. Desenvolve-se amor por Deus, retirando-se para a solidão de vez em quando e meditando em Deus. Em seguida, pode-se viver no mundo com desapego. O bagre tem que viver na lama, mas seu corpo não fica sujo. Semelhante pessoa pode levar a vida de um chefe de família com desapego.”

O Mestre notou que M. escutava suas palavras com muita atenção.

Mestre (*olhando para M.*): “Pode-se realizar Deus ao sentir um intenso desapego pelas coisas mundanas. Um homem que tem esse desapego sente que o mundo é como uma floresta em chamas. Considera a esposa e os filhos como um poço profundo. Se sentir realmente aquele desapego, renuncia ao lar e à família. Não lhe basta viver no mundo com desapego.

“Somente ‘mulher e ouro’ são maya. Uma vez reconhecida, maya sente-se envergonhada e foge. Um homem vestiu uma pele de tigre para assustar outro, mas este último lhe disse: ‘Ah! Eu o reconheci. Você é nosso Hare.’ A isso o homem vestido com a pele fugiu, sorrindo, para assustar outra pessoa.

“Todas as mulheres são a personificação de Shakti. É o Poder Primordial que Se tornou mulher e Se nos apresenta sob essa forma. Está escrito no *Adhyatma Ramayana* que Narada e outros louvaram Rama, dizendo: ‘Ó Rama, só Tu és tudo o que vemos como masculino e Sita, tudo o que vemos, como feminino. Tu és Indra e Sita, Indrani; Tu és Shiva e Sita, Shivani; Tu és homem e Sita, mulher. O que mais é preciso dizer? Tu somente existes onde existe um ser masculino e Sita onde existe um ser feminino.

(*Aos devotos*): “Não se pode renunciar simplesmente por simples desejo. Há o prarabdha karma – tendências herdadas – e coisas assim. Certa vez um yogi disse a um rei, ‘Venha viver na floresta comigo e pensar em Deus.’ O rei respondeu: ‘Isto não posso fazer muito bem. Poderia viver com você, mas ainda possuo desejo de desfrutar vida. Se for viver na floresta, é possível que eu crie um reino ali. Ainda tenho desejos.’

“Natabar Panja costumava cuidar de suas vacas neste jardim, em sua infância. Possuía muitos desejos. Por esta razão abriu uma fábrica de óleo de rícino e ganhou muito dinheiro. Tem um próspero negócio de óleo de rícino em Alambazar.

“Há uma seita que prescreve disciplina espiritual na companhia de mulheres. Uma vez levaram-me até as mulheres pertencentes à seita Kartabhaja. Todas sentaram-se à minha volta. Dirigi-me a elas como ‘mãe’. Com isto cochicharam entre si: ‘Ele é ainda um pravartaka. Ainda não conhece o caminho.’ Segundo aquela seita, o pravatarka é o iniciante. Em seguida, vem o sadhaka, o aspirante que luta e por fim, o siddha do siddha, o supremamente perfeito. Um mulher aproximou-se de Vaishnavcharan e sentou-se junto a ele. Interrogado sobre isto, respondeu: “Ela sente-se como uma jovem.’ Uma pessoa rapidamente afasta-se do caminho religioso se olhar a mulher como esposa, mas olhá-la como mãe é uma atitude pura..”

Alguns devotos despediram-se do Mestre, dizendo que iam visitar o templo de Kali e os outros.

M. saiu sozinho caminhando pelo Panchavati e outros lugares do templo. Pensava na certeza das palavras do Mestre, de que Deus pode ser facilmente realizado, na sua exortação a se levar uma vida de intensa renúncia e em sua afirmação de que maya, ao ser reconhecida, desaparece.

Às três e meia da tarde, M. novamente entrou no quarto do Mestre e sentou-se no chão. Um instrutor do Instituto Broughton havia chegado com vários estudantes, para visitar Shri Ramakrishna. Conversavam. De vez em quando o instrutor fazia perguntas. A conversa girava em torno da adoração de imagens.

Mestre (*ao instrutor*): “O que há de errado com a adoração de uma imagem? A Vedanta diz que Brahman manifesta-Se onde há ‘Existência, Luz e Amor’. Por conseguinte, só Brahman existe.

“Por quanto tempo as meninas brincam com suas bonecas? Até se casarem e viverem com seus maridos. Depois do casamento guardam suas bonecas numa caixa. Qual a necessidade em se adorar a imagem depois da visão de Deus?”

O Mestre olhou de relance para M. e disse: “Atinge-se Deus, quando se anseia por Ele. Uma grande inquietude é necessária. Através dela, a mente inteira vai para Deus.

“Um homem teve uma filha que enviuvou quando era ainda muito jovem. Jamais havia conhecido seu marido. Notou o marido das outras moças e uma vez perguntou a seu pai: ‘Onde está meu marido?’ O pai respondeu: ‘Govinda<sup>3</sup> é seu marido. Ele virá se você O chamar.’ A essas palavras a menina foi para seu quarto, fechou a porta e chamou por Govinda, dizendo: ‘Ó Govinda, venha até mim! Mostra-Te a mim! Por que Tu não vens?’ Deus não pôde resistir ao comovente apelo da menina e apareceu-lhe.

“Deve-se ter uma fé infantil – e o intenso desejo que uma criança sente para ver a mãe. Este grande desejo é semelhante ao céu vermelho no leste, ao nascer do sol. Depois disso, o sol nasce. Imediatamente após este desejo ardente, vê-se Deus.

“Vou contar-lhe a história de um menino chamado Jatila. Costumava ir para a escola pelo bosque e isto dava-lhe muito medo. Um dia falou à sua mãe, sobre seu temor. Ela respondeu-lhe: ‘Por que ter medo? Chame Madhusudana<sup>4</sup>’. ‘Mãe’, disse o menino, ‘quem é Madhusudana?’ A mãe respondeu-lhe, ‘É seu Irmão Mais Velho.’ Um dia depois, quando, novamente o menino sentiu medo, ao atravessar o bosque, gritou: ‘Ó Irmão Madhusudana!’ , mas não obteve resposta. Começou a chorar em voz alta, ‘Onde estás, Irmão Madhusudana? Vem, tenho medo.’ Então Deus não mais pôde se manter afastado. Apareceu diante do menino, dizendo-lhe: ‘Estou aqui. Por que estás tão assustado?’ Assim falando levou o

<sup>3</sup> Nome de Krishna.

<sup>4</sup> Nome de Krishna.

menino para fora do bosque, mostrando-lhe o caminho da escola. Ao despedir-se, Deus disse: ‘Virei sempre que Me chamar. Não tenha medo.’ Deve se ter a fé de uma criança, esse anelo.

“Um brahmin costumava oferecer comida à Divindade Familiar diariamente. Um dia teve que viajar a negócios. Quando estava saindo de casa, disse a seu filho pequeno: ‘Dê a oferenda à Divindade hoje. Cuida para que Deus seja alimentado.’ O menino ofereceu comida no altar; mas a imagem permaneceu em silêncio. Não falava nem comia. O menino esperou muito tempo, mas mesmo assim, a imagem não se movia. Ele, porém, acreditava firmemente que Deus desceria do Seu trono, se sentaria no chão e comeria. Repetidamente orou para a Divindade, dizendo: ‘Ó Senhor, desça e venha comer. Já é muito tarde. Não posso ficar aqui por mais tempo.’ Mas a imagem não pronunciou uma palavra. O menino em prantos, gritava: ‘Ó Senhor, meu pai pediu que Te alimentasse. Por que não desce? Por que não queres comer de minhas mãos?’ Chorou por algum tempo, com a alma anelante. Por fim, a Divindade, sorrindo, desceu do altar e sentando-se diante da oferenda, comeu-a. Depois de alimentar a Divindade, o menino saiu do santuário. Seus familiares disseram-lhe: ‘A adoração está terminada. Agora, retire a oferenda.’ ‘Sim’, disse o menino. ‘terminou a adoração, mas Deus comeu tudo.’ ‘Como isto é possível?’ perguntaram. O menino respondeu, inocentemente: “Ora, Deus comeu-a.” Entraram no templo e, mudos de espanto, viram que a Divindade havia comido cada pedacinho.”

Ao entardecer, Shri Ramakrishna conversava com M. em pé, no lado sul do nahabat. Como era inverno, o Mestre estava agasalhado com um xale de lã.

Mestre: “Onde você vai dormir? Na cabana do Panchavati?”

M.: “Será que eles me deixam usar o quarto do andar de cima do nahabat?”

M. preferia o nahabat porque possuía um temperamento poético. Dali podia olhar o céu, o Ganges, o luar e as flores do jardim.

Mestre: “Eles deixarão, mas sugeri o Panchavati porque ali foi feita muita contemplação e meditação<sup>5</sup> e o nome de Deus foi cantado muitas vezes.”

Era noite. O incenso queimava no quarto do Mestre. Estava sentado no pequeno divã, absorvido em meditação. M. estava sentado no chão com Rakhil, Latu e Ramlal.

O Mestre disse a M.: “O mais importante de tudo é cultivar devoção por Deus e amá-Lo.” A pedido de Shri Ramakrishna, Ramlal cantou, com o próprio Mestre entoando o primeiro verso de cada uma.

Ramlal cantou:

Ó que visão que eu tive na cabana de Keshab Bharati!  
Gora, em toda sua graça incomparável.  
Derramando lágrimas em mil torrentes!  
Como um elefante louco,  
Ele dança em êxtase e canta  
Embriagado com amor arrebatador. ...

Depois cantou:

Embora Eu<sup>6</sup> jamais relute em conceber liberação,  
Hesito realmente em dar puro amor.  
Aquele que consegue puro amor supera tudo.  
É adorado pelos homens;  
E triunfa sobre os três mundos. ...

Sri Ramakrishna disse a Ramlal: “Cante aquela que diz ‘Gaur e Nitai, Ó irmãos abençoados’. Ramlal começou a canção e o Mestre juntou-se a ele:

Gaur e Nitai, Ó irmãos abençoados!

<sup>5</sup> Durante sua sadhana, Shri Ramakrishna praticou disciplina espiritual na cabana do Panchavati.

<sup>6</sup> A canção representa as palavras de Shri Krishna.

Ouvi dizer quão bondosos vocês são.  
 E portanto, vim vê-los.  
 Quando visitei Benares,  
 Shiva, o Senhor de Kashi, falou-me  
 Do nascimento do Parabrahman.  
 Como homem, na casa da Mãe Sachi.  
 Ó Brahman, a Ti reconheço!  
 Muitos sadhus já vi,  
 Mas nenhum tão bom como você.

Uma vez em Braja, vocês nasceram.  
 Como Kanai e Balai, o irmão d'Ele.  
 Agora, mais uma vez, em Nadia,  
 Como Gaur e Nitai vocês aparecem,  
 Escondendo as formas que naquela época utilizara.  
 Correndo livremente nos pastos de Braja.  
 Uma vez vocês me divertiram; agora de brincadeira,  
 Vocês rolam no chão em Nadia,  
 Cantando em voz alta, o nome de Hari,  
 Rindo, gritando, uma vez vocês brincaram  
 Em Braja com seus amigos pastores  
 E agora, vocês cantam o nome de Hari.

Ó Gaur, com que habilidade você esconde  
 A forma azul escura<sup>7</sup> que usou em Braja!  
 Mas Seus olhos oblíquos o traem.  
 Pela bênção do Seu nome.  
 O pecador é liberado e dizem:  
 E assim, minha alma fica cheia de esperança.  
 Agora, com o coração ansioso, apresso-me  
 A Teus pés, Senhor! Eu Te imploro,  
 Mantém-me a salvo dentro da sombra deles,

Tu redimiste Jagai e Madhai  
 Embora tivessem sido perversos pecadores;  
 Peço-te fazer o mesmo por mim.  
 Ouvi falar que tu abraças  
 Todos os homens como irmãos, mesmo os párias.  
 Sussurrando nos ouvidos de todos,  
 O nome do Senhor Hari, que dá vida nova.

Tarde da noite, M. sentou-se sozinho no nahabat. O céu, o rio, o jardim, as torres do templo, as árvores e o Panchavati estavam inundados pelo luar. Em todos os lugares, reinava um silêncio profundo, quebrado apenas pelo murmúrio melodioso do Ganges. M. meditava em Shri Ramakrishna.

Às três horas da manhã M. levantou-se e dirigiu-se para o Panchavati, como Shri Ramakrishna lhe havia sugerido. Não se interessava mais pelo nahabat e havia resolvido ficar na cabana do Panchavati.

De repente ouviu um som distante, como se uma pessoa se lamentasse, “Ó, onde estás Tu, irmão Madhusudana?” A luz da lua cheia estendia-se sobre a folhagem densa do Panchavati e à medida que caminhava, viu à distância, um dos discípulos do Mestre sentado no bosque, sozinho, chorando, desesperadamente. “Ó, onde estás Tu, Irmão Madhusudana?” M. observou-o silenciosamente.

*Sábado, 15 de dezembro de 1883*

---

<sup>7</sup> Alusão ao tom azul escuro da pele de Krishna; a pele de Gauranga é dourada.

M. estava vivendo em Dakshineswar com Shri Ramakrishna. O Mestre, sentado em seu aposento, ouvia a vida de Prahlada, que Ramlal lia do *Bhaktamala*. M. estava sentado no chão. Rakhal, Latu e Harish encontravam-se também, no quarto, enquanto que Hazra estava na varanda. Ouvindo a história de amor de Prahlada por Deus. Shri Ramakrishna entrou em êxtase.

Hiranyakashipu, rei dos demônios e pai de Prahlada, havia submetido seu filho a torturas sem fim, a fim de desviar a mente do rapaz do amor a Deus, mas pela graça divina, todas as tentativas do rei para matar Prahlada, foram vãs. Por fim, Deus apareceu sob a forma de Nrisimha, o leão-Homem, e matou Hiranyakashipu. Os deuses se apavoraram com a raiva e o rugido do leão-Homem e pensaram que a destruição do mundo era iminente. Enviaram Prahlada para acalmar a Divindade. O rapaz cantou um hino, com palavras de amor e o leão-Homem, tomado de emoção, lambeu o corpo de Prahlada.

Imóvel, em êxtase, o Mestre disse: “Ah! Ah! Que amor pelo devoto!” O Mestre entrou em samadhi profundo. Estava sentado ali, imóvel. Uma lágrima poderia ser vista, em cada canto dos olhos.

O Mestre desceu ao plano do mundo dos sentidos e falou a M., expressando seu desdém por aqueles que, enquanto praticam disciplina espiritual, gozam vida sexual.

Mestre: “Vocês não têm vergonha? Têm filhos, mas ainda mantêm relações sexuais com sua esposa. Não sentem ódio por si mesmos, por levarem uma vida de animal? Não se detestam por namorarem um corpo que contém somente sangue, fleuma, detritos e fezes? Aquele que contempla os Pés de Lótus de Deus olham, mesmo a mulher mais linda, como cinzas do campo de cremação. Imaginem tirar proveito de um corpo que não dura e que é formado de elementos impuros como intestinos, bile, carne e ossos! Não se envergonham?”

M. sentou-se ali, silenciosamente, balançando a cabeça, envergonhado.

Mestre: “Aquele que provou uma simples gota do amor de Deus, olha ‘mulher e ouro’, como insignificantes. Aquele que bebeu calda de açúcar cande, olha a bebida feita de melado, como inferior. Obtém-se gradualmente, esse amor por Deus, somente orando-Lhe, com o coração ansioso e sempre cantando Seu nome e glórias.”

O Mestre estava em êxtase de amor. Começou a andar pelo quarto, cantando:

Quem está cantando o nome de Hari na margem do sagrado Ganges?  
Foi Nitai quem chegou, aquele que dá amor celestial? ...

Eram dez horas da manhã. Ramlal havia terminado o culto diário no templo de Kali. O Mestre foi para o templo, acompanhado de M. Entrando no santuário, o Mestre sentou-se diante da imagem. Ofereceu uma flor ou duas, aos Pés da Mãe Divina. Em seguida colocou uma flor em sua própria cabeça e começou a meditar. Entoou uma canção para a Mãe Divina:

Teu nome, ouvi dizer, Ó Consorte de Shiva, é o destruidor de nosso medo.  
E assim em Ti deposito meu fardo. Salva-me! Salva-me! Ó Mãe gentil!...

Shri Ramakrishna voltou do templo de Kali e sentou-se na varanda sudeste de seu quarto. Tomou uma refeição ligeira, oferecida ao templo, da qual os devotos também participaram.

Rakhal sentou-se junto do Mestre e leu a respeito de Lord Erskine do livro *Self-Help* de Smiles.

Mestre (a M.): “De que o livro trata?”

M.: “Diz que Lord Erskine cumpria seu dever sem desejar nada para si mesmo. Dever desinteressado.”

Mestre: “É muito bom, mas a característica de um homem de Conhecimento Perfeito é que ele não guarda qualquer livro consigo. Guarda todo Conhecimento na ponta de sua língua. É o exemplo de Shukadeva. Os livros, quero dizer, as Escrituras – contêm uma mistura de areia e açúcar. O sadhu apanha o açúcar, deixando de lado, a areia. Pega somente a essência.”

Vaishnavcharan, o músico, chegou e cantou alguns cânticos devocionais.

*Domingo, 16 de dezembro de 1883*

Shri Ramakrishna estava sentado com M., no pÓrtico semicircular de seu quarto, mais ou menos Às dez horas da manhã. O perfume das gardÊnias, jasmims, espirradeiras, rosas e outras flores enchiam o ar. O Mestre cantava, olhando para M.:

Tu tens que me salvar a mais doce Mãe! Em Ti venho me refugiar.  
Sem esperança, como um pássaro aprisionado na gaiola.  
Cometi inúmeros erros e perambulo sem objetivo  
Desviado pela magia de maya, despojado da luz da sabedoria,  
Inconsolado como uma vaca, cujo bezerro extraviou-se para muito longe.

Mestre: “Mas, por que? Por que tenho que viver como um ‘pássaro aprisionado numa gaiola’? Fora! Que vergonha!”

Ao dizer estas palavras, o Mestre entrou em êxtase. Do corpo permaneceu imóvel e a mente, parou de funcionar; lágrimas escorriam por suas faces. Depois de um certo tempo, disse, “Ó Mãe, torna-me igual a Sita, completamente esquecido de tudo – corpo e membros – totalmente inconsciente das mãos, pés e órgãos dos sentidos - com somente um pensamento em sua mente, ‘Onde está Rama?’”

Será que o Mestre havia se inspirado no ideal de Sita, para ensinar a M. o desejo ardente que um devoto deve sentir por Deus? A vida de Sita estava centrada em Rama. Completamente absorvida no pensamento de Rama, Sita esqueceu-se até do corpo, que é tão caro a todos.

Às quatro horas da tarde o Sr. Mukherji, parente de Prankrishna, chegou em companhia de um brahmin, bem versado nas Escrituras.

Mukherji: “Estou muito feliz em conhecê-lo, senhor.”

Mestre: “Deus mora em todos os seres. É o ouro em tudo. Em alguns lugares está manifestado mais claramente do que em outros. Deus mora nas pessoas de mente mundana, sem dúvida, mas Ele está escondido ali, como o ouro nas profundas camadas de argila.”

Mukherji: “Senhor, qual a diferença entre o mundano e o não mundano?”

Mestre: “Enquanto luta pela realização de Deus, o aspirante tem que praticar renúncia, aplicando a lógica do ‘Neti, neti’- ‘Não é isto, não é isto’, mas depois de obter a visão de Deus, realiza que Deus tornou-Se todas as coisas.

“Uma vez Rama estava tomado pelo espírito de renúncia. Dasharatha, preocupado com este fato, foi ter com o sábio Vashishtha e pediu-lhe para persuadir Rama a não abandonar o mundo. O sábio foi até Rama e encontrou-o acabrunhado. O fogo da renúncia intensa estava consumindo a mente do Príncipe. Vashishtha disse: ‘Rama, por que Tu deverias renunciar ao mundo? Por acaso é o mundo exterior a Deus? Raciocina comigo.’ Rama realizou que o mundo tinha se originado do Brahman Supremo. Assim, não disse nada.

“A coalhada é feita da mesma substância que a manteiga. Aquele que reconhece isto, sabe que a manteiga vai com a coalhada e a coalhada com a manteiga. Depois de separar a manteiga com muito esforço – isto é, depois de atingir Brahmajnana – o senhor realizará que, enquanto a manteiga existir, a coalhada também deve existir. Onde houver manteiga, deve haver coalhada. Enquanto uma pessoa sentir que Brahman existe, ela deve levar em conta também, que o universo, seres vivos e os vinte e quatro princípios cósmicos existem também.

“O que Brahman é, não pode ser descrito em palavras. Tudo foi poluído, como o alimento que tocou a língua – isto é, tudo foi descrito em palavras, mas ninguém foi capaz de descrever Brahman. Portanto, não é poluído. Disse isso a Vidyasagar, que ficou maravilhado.

“Mas o Conhecimento de Brahman não pode ser realizado se o aspirante tiver mente mundana, mesmo em pequeno grau. Ele só consegue atingir este Conhecimento, somente

quando a mente estiver completamente livre de ‘mulher e ouro’. Parvati uma vez disse ao Pai: ‘Pai, procure a companhia dos santos, se quiser ter o Conhecimento de Brahman’.”

Dirigindo-se para o Sr. Mukherji, Sri Ramakrishna falou: “O senhor é rico e todavia chama por Deus. Em verdade isto é muito bom. Está escrito no *Gita* que aqueles que se desviam do caminho da Yoga nascem em sua próxima encarnação, em famílias ricas.”

O Sr. Mukherji citou o verso do *Gita*.

Mestre: “Deus, se quiser, pode também manter um jnani no mundo. O mundo e todos os seres vivos foram criados por Sua vontade. Ele tem vontade própria.”

Mukherji (*com um sorriso*): “Como pode Deus ter alguma vontade? Falta-Lhe algo?”

Mestre (*com um sorriso*): “O que há de errado nisso? Água é água, quer esteja parada ou em ondas. A cobra é cobra, quer esteja enroscada, imóvel ou rastejando. Um homem é o mesmo homem, sentado, quieto, ou empenhado em alguma atividade.

“Como se pode eliminar da Realidade, o universo e os seres vivos? Se assim for feito, Ela perderá todo o peso. Não se pode conhecer o peso da fruta bel, se as sementes e casca forem retiradas.

“Brahman é desapegado. Uma pessoa sente cheiro bom e mau no ar, mas o ar em si mesmo não é afetado. Brahman e Shakti são idênticos. Foi o Poder Primordial que Se tornou o mundo e todos os seres vivos.”

Mukherji: “Por que alguém se desvia do caminho da yoga?”

Mestre: “Como diz o ditado: ‘No ventre de minha mãe, eu me encontrava em estado de yoga; vindo ao mundo comi argila. A parteira cortou um elo, o cordão umbilical, mas como vou cortar o elo de maya?’

“Maya nada mais é do que ‘mulher e ouro’. Aquele que libertou a mente desses dois grilhões, atinge yoga. O Eu - o Supremo Ser – é o ímã, o eu individual, a agulha. O eu individual experimenta o estado de yoga, quando é atraído pelo Ser Supremo para Si mesmo, mas o ímã não pode atrair a agulha se ela estiver coberta de argila; só pode atrair a agulha, quando a argila foi removida. A argila de ‘mulher e ouro’ tem que ser eliminada.”

Mukherji: “Como podemos eliminá-la?”

Mestre: “Chore por Deus com o coração anelante. Lágrimas derramadas para Ele lavarão a argila. Quando você tiver se libertado de impureza, será atraído pelo ímã. Só então, atingirá yoga.”

Mukherji: “Palavras inestimáveis!”

Mestre: “Se um homem for capaz de chorar por Deus, O verá. Entrará em samadhi. A perfeição na yoga é o samadhi. Um homem alcança kumbhaka, sem qualquer exercício de yoga, se somente chorar por Deus. O estado seguinte é o samadhi.

“Há um outro método – a meditação. No Sahasrara o Próprio Shiva manifesta-Se de uma maneira especial. O aspirante tem que meditar n’ Ele. O corpo é como uma bandeja e a mente e o buddhi são como a água. O Sol de Satchidananda está refletido nessa água. Meditando no sol refletido, vê-se o Sol Real, pela graça de Deus.

“Mas o homem do mundo deve viver sempre na companhia dos homens santos. Isto é necessário para todos, até para sannyasis, mas é imprescindível para o chefe de família. Sua doença tornou-se crônica, porque ele tem que viver o tempo todo no meio de ‘mulher e ouro’.”

Mukherji: “Sim, senhor. A doença realmente tornou-se crônica.”

Mestre: “Dê a Deus sua procuração. Deixe-O fazer o que quiser. Seja uma gatinho e chore por Ele com o coração anelante. A mãe gata coloca-o onde ela quiser. O gatinho não sabe nada. É deixado às vezes em cima da cama e outras vezes, próximo do fogão.”

Mukherji: “É bom ler livros sagrados como o *Gita*.”

Mestre: “Mas o que se ganha com simples leitura? Alguns ouviram falar de leite, outros o viram e alguns o beberam. Deus pode realmente ser visto; o que é mais, pode-se falar com Ele.

“O primeiro estágio é o do iniciante. Estuda e ouve. O segundo estágio é o do aspirante que luta. Ora a Deus, medita n’Ele e canta Seu nome e glórias. O terceiro estágio é o da alma perfeita. Viu Deus, realizou-O direta e imediatamente em Sua Consciência interior. Por

último, vem o estágio do supremamente perfeito, como Chaitanya. Um devoto assim estabelece uma relação definitiva com Deus, olhando-O como Seu filho ou Bem-amado.”

M., Rakhal, Jogin, Latu e outros devotos ficaram fascinados com essas palavras de realização divina.

O Sr. Mukherji e seu amigo despediram-se do Mestre. Depois de saudarem-no, ficaram de pé. O Mestre, por cortesia, também, levantou-se.

Mukherji (*sorrindo*): “O senhor, levantar-se ou sentar-se!”

Mestre (*sorrindo*): “Mas qual é o mal? Água é água, quer esteja parada ou em ondas. Sou como uma folha atirada ao vento. O vento sopra-a para onde quiser. Sou a máquina e Deus, seu Operador.”

O Sr. Mukherji e seu amigo retiraram-se. M. pensou: “Segundo a Vedanta, tudo é como um sonho. Todos estes – o ego, o universo e os seres vivos são irrealis, então?”

M. havia estudado um pouco de Vedanta. Havia também lido os filósofos alemães como Kant e Hegel, cujos escritos são somente um fraco eco da Vedanta. Mas Shri Ramakrishna não chegara às suas conclusões pelo raciocínio, como os eruditos comuns. Foi a Mãe Divina do Universo quem lhe revelou a Verdade. Estes foram os pensamentos de M.

Um pouco mais tarde, Shri Ramakrishna e M. conversaram no pátio leste do quarto do Mestre. Não havia mais ninguém. Era uma tarde de fim de inverno, mas o sol ainda não havia desaparecido no horizonte.

M.: “É o mundo irreal?”

Mestre: “Por que haveria de ser irreal? O que você pergunta é assunto para discussão filosófica.

“No começo quando o homem raciocina seguindo o método vedantista de ‘Isto não, isto não’, realiza que Brahman não é o seres vivos, nem o universo, nem o vinte e quatro princípios cósmicos. Todas essas coisas são como sonhos para ele. Depois vem a afirmação de tudo o que foi negado e ele sente que o Próprio Deus tornou-Se o universo e todos os seres vivos.

“Suponhamos que você esteja subindo ao terraço pelas escadas. Enquanto estiver consciente do telhado, também o está dos degraus. Aquele que percebe o alto, também percebe o baixo, mas ao atingir o terraço, compreende que os degraus são feitos dos mesmos materiais – tijolo, cal e pó de tijolo – como o telhado.

“Além do mais já dei a lustração da fruta bel. Tanto a mutabilidade, quanto a imutabilidade pertencem à única e mesma Realidade.

“O ego não pode ser eliminado. Enquanto a ‘consciência do eu’ existir, os seres vivos e o universo devem também existir. Depois de realizar Deus, vê-se que foi Ele Próprio que Se tornou o universo e os seres vivos. Mas não se pode realizar isto pelo simples raciocínio.

“Shiva tem dois estados mentais. Primeiro, o estado de samadhi, quando está transfixado na Grande Yoga. Então Ele é Atmarama, satisfeito no Ser. Segundo, o estado em que Ele desce do samadhi e mantém um vestígio de ego. Dança de um lado para o outro, cantando ‘Rama! Rama!’ ”

Estava o Mestre, ao descrever Shiva, aludindo ao seu próprio estado mental?

Era quase meia-noite. Sri Ramakrishna meditava na Mãe Divina, cantando Seu santo nome. Os devotos também haviam ido a lugares solitários para meditar em seus Ideais Escolhidos. A adoração da noite começou no templo, nos santuários de Kali, Radha-Krishna e Shiva.

Era o segundo dia da quinzena escura da lua. Logo a lua apareceu no céu, banhando os templos, as árvores, as flores e a superfície encapelada do Ganges. O Mestre estava sentado no divã e M., no chão. A conversa girou em torno da Vedanta.

Mestre (*a M.*): “Por que o universo deveria ser irreal? Trata-se de uma especulação dos filósofos. Depois de realizar Deus vê-se que é o Próprio Deus quem Se tornou o universo É o Próprio Deus quem Se tornou o universo e todos os seres vivos.

“A Mãe Divina revelou-me no templo de Kali, que foi Ela que havia Se tornado tudo. Mostrou-me que tudo estava cheio de Consciência. A imagem era Consciência, o altar era

Consciência, os jarros d'água eram Consciência, a soleira da porta era Consciência, o chão de mármore era a Consciência. Tudo era Consciência.

“Descobri que tudo dentro do quarto estava, por assim dizer, mergulhado em Bem-aventurança – a Bem-aventurança de Satchidananda. Vi um homem mau em frente ao templo de Kali, mas nele também vi o Poder da Mãe Divina vibrando.

“Foi por isso que alimentei um gato com comida que ia ser oferecida à Mãe Divina. Claramente percebi que a Própria Mãe Divina havia Se tornado tudo – até mesmo o gato. O administrador do templo havia escrito a Mathur Babu, dizendo que eu estava alimentando o gato com a oferenda destinada à Mãe Divina, mas Mathur Babu compreendeu meu estado mental. Escreveu ao administrador: ‘Deixe-o fazer o que quiser. Não lhe diga nada.’

“Depois de realizar Deus, vê-se que tudo está certo – que foi Ele que Se tornou o universo, os seres vivos e os vinte e quatro princípios cósmicos, mas o que permanece quando Deus apaga completamente o ego, não pode ser descrito por palavras. Como Ramprasad diz, em uma de suas canções, ‘Somente então você saberá se é bom ou se eu sou bom!’ Ainda hoje em dia entro neste estado!

“Pelo raciocínio um homem vê uma coisa de um modo e de outro completamente diferente, quando o Próprio Deus revela-Se a ele.”

*Segunda-feira, 17 de dezembro de 1883*

Eram mais ou menos oito horas da manhã. Sri Ramakrishna estava no seu quarto com M., quando Dr. Madhu chegou e sentou-se ao lado do Mestre, no pequeno divã. Era um senhor idoso, muito arguto. Quando o Mestre se sentia indisposto, costumava chamá-lo.

Mestre: “Em resumo, o importante é que uma pessoa deve desenvolver amor por Satchidananda. Que tipo de amor? Como se deve amar Deus? Gauri costumava dizer que devemos nos tornar Sita, para entender Rama; assim como Bhagavati, a Mãe Divina, para compreender Bhagavan, Shiva. Deve-se fazer austeridade, como Bhagavati o fez, a fim de atingir Shiva. Deve-se cultivar a atitude de Prakriti para realizar Purusha - atitude de amigo, ajudante ou mãe.

“Numa visão vi Sita. Descobri que sua mente estava totalmente concentrada em Rama. Estava completamente indiferente a tudo – mãos, pés, roupas, jóias. Parecia que Rama havia preenchido cada pedacinho de sua vida e que ela não poderia viver sem Rama.”

M.: “Sim, senhor. Era louca de amor por Rama.”

Mestre: “Louca! É essa a palavra. Devemos ficar loucos de amor, a fim de realizar Deus, mas este amor não é possível, se a mente mora em ‘mulher e ouro’. Vida sexual com uma mulher! Que felicidade há nisso? A realização de Deus dá dez milhões de vezes mais felicidade. Gauri costumava dizer que, quando um homem atinge o amor de Deus, todos os poros de sua pele, mesmo a raiz de seus cabelos, tornam-se como numerosos órgãos sexuais e em cada poro, o aspirante goza a felicidade da comunhão com o Atman.

“Deve-se chamar Deus com o coração anelante. Deve-se aprender com o guru como Deus pode ser realizado. Somente se o próprio guru atingiu o Conhecimento Perfeito poderá mostrar o caminho.

“Um homem abandona todos os desejos quando tiver o Conhecimento Perfeito. Torna-se como um menino de cinco anos. Sábios como Dattatreya e Jadabharata tinham a natureza de uma criança.”

M.: “Ouvimos sobre deles, mas houve outros, de quem ninguém ouviu falar.”

Mestre: “Sim, o jnani liberta-se de todos os desejos. Se algum permanece, não o afeta. Ao toque da pedra filosofal, a espada transforma-se em ouro. Então ela não mais pode matar. Assim também o jnani mantém somente uma semelhança de cólera e paixão que são apenas em nome, mas não lhe podem fazer mal.”

M.: “Sim, senhor. O jnani vai além dos três gunas como o senhor diz. Não está sob o domínio de qualquer um dos gunas – sattva, rajas ou tamas. Todos os três são como ladrões, por assim dizer.”

Mestre: “Sim, deve-se assimilar isso.”

M.: “Nesse mundo há talvez não mais do que três ou quatro homens de Conhecimento Perfeito.”

Mestre: “Por que você diz isso? Podemos ver muitos santos e sannyasis nos mosteiros do norte da Índia.”

M.: “Bem, também posso tornar-me um sannyasi como um deles.”

O Mestre fixou os olhos em M. e disse, “Renunciando a tudo?”

“M.: “O que um homem pode alcançar, se não se livrar de maya? O que se ganha sendo simplesmente um sannyasi, se não puder subjugar maya.”

Ambos ficaram em silêncio por alguns minutos.

M.: “Senhor, qual a natureza do amor divino que transcende os três gunas?”

Mestre: “Atingindo esse amor, o devoto vê tudo pleno de Espírito e Consciência. Para ele ‘Krishna é Consciência e Sua Morada Sagrada também é Consciência.’ O devoto também é Consciência. Tudo é Consciência. Poucas pessoas conseguem esse amor.”

Dr. Madhu: “O amor que transcende os três gunas significa, em outras palavras, que o devoto não está sob o controle de qualquer um dos gunas.”

Mestre (*sorrindo*): “Sim, é isso. Torna-se como uma criança de cinco anos, fora do controle dos gunas.”

O Mestre descansava depois do almoço. Mani Mallick chegou e saudou-o. Shri Ramakrishna permaneceu deitado no divã e disse uma palavra ou duas a Mani.

Mani: “Ouvi dizer que o senhor visitou Keshab Sen.”

Mestre: “Sim, como ele está agora?”

Mani: “Não melhorou nem um pouco da doença.”

Mestre: “Achei-o muito rajásico. Tive que esperar muito tempo antes de poder vê-lo.”

O Mestre sentou-se no divã e continuou a conversa com os devotos.

Mestre (*a M.*): “Fiquei louco por Rama. Costumava perambular, levando a imagem de Ramlala <sup>8</sup> que me foi dada por um monge. Eu banhava-O, alimentava-O e punha-O para dormir. Levava-O comigo para onde quer que fosse. Fiquei louco por Ramlala.”




---

<sup>8</sup> Imagem de latão do Menino Rama.

## CAPÍTULO XVII

### M. EM DAKSHINESWAR (I)

*Terça-feira, 18 de dezembro de 1883*

**S**HRI RAMAKRISHNA estava sentado em seu quarto com os devotos. Elogiava o amor de Devendranath Tagore por Deus e sua renúncia e apontando para Rakhali e outros jovens devotos, disse: “Devendra é um homem bom, mas realmente são abençoados os jovens aspirantes que, como Shukadeva, praticam renúncia desde a tenra infância e pensam em Deus dia e noite, sem se envolverem com a vida mundana.

“O homem mundano tem sempre um desejo ou outro, embora de vez em quando demonstre muita devoção a Deus. Certa vez Mathur Babu, empenhado numa ação judicial, disse-me diante do altar de Kali, ‘Senhor, por favor ofereça esta flor à Mãe Divina’. Eu a ofereci sem suspeitar, mas ele acreditava firmemente que conseguiria o desejado se eu oferecesse a flor.

“Que devoção possuía a mãe de Rati! Quantas vezes veio aqui e o quanto me serviu! Era vaishnava. Um dia notou que eu comia alimento oferecido no templo de Kali e isso a fez não vir mais aqui. Sua devoção a Deus era unilateral. Não é possível entender uma pessoa imediatamente.”

Era uma manhã de inverno e o Mestre estava sentado perto da porta leste do seu aposento, agasalhado com seu xale de “moskelin”. Olhava para o sol, quando subitamente entrou em samadhi. Os olhos pararam de piscar e perdeu a consciência do mundo exterior. Depois de muito tempo desceu ao plano do mundo sensório. Rakhali, Hazra, M. e outros devotos estavam sentados perto dele.

Mestre (*a Hazra*): “O estado de samadhi é certamente inspirado por amor. Uma vez, em Shyambazar, organizaram um kirtan na casa de Natavar Goswami. Ali tive a visão de Krishna e das gopis de Vrindavan. Senti que meu corpo sutil caminhava atrás de Krishna.

“Entre em samadhi quando cantaram músicas religiosas semelhantes no Hari Sabha, no Jorashanko em Calcutá. Naquele dia temeu-se que eu deixasse o corpo.”

Depois que o Mestre terminou o banho, novamente voltou a falar do amor espiritual das gopis. Disse a M. e outros devotos: “Deve-se aceitar o apego abrasador das gopis ao seu Bem-Amado Krishna. Cante assim:

Diga-me, amiga, onde está o bosque  
Onde Krishna, meu Bem-Amado, mora?  
Seu perfume me alcança mesmo aqui.  
Mas estou cansado e não posso andar mais.”

Novamente cantou:

Não vou para casa, amiga.  
Porque aí é difícil para mim, cantar o nome de meu Krishna. ...

Shri Ramakrishna prometera oferecer coco verde e açúcar a Siddheshvari, Mãe Divina, pelo bem-estar de Rakhali. Perguntou a M. se ele pagaria as oferendas.

Naquela tarde o Mestre, acompanhado de M., Rakhali e alguns devotos, tomou uma caruagem para o templo de Siddheshvari em Calcutá. No caminho compraram as oferendas. Ao chegar ao templo, o Mestre pediu aos devotos que oferecessem fruta e açúcar à Mãe Divina. Viram os sacerdotes e seus amigos jogando cartas no templo. Shri Ramakrishna disse: “Jogar cartas num templo! Aí devemos pensar em Deus.”

Do templo, o Mestre foi para a casa de Jadu Mallick. Jadu estava cercado pelos seus admiradores, bajuladores bem vestidos. Saudou o Mestre.

Mestre (*com um sorriso*): “Por que mantém junto de você tantos palhaços e bajuladores?”

Jadu (*sorriso*): “Para que o senhor os libere.” (*Risada*).

Mestre: “Os bajuladores pensam que um homem rico abrirá a bolsa para eles, mas é muito difícil tirar alguma coisa dele. Certa vez um chacal viu um touro e não o largou mais. Onde o touro ia, o chacal ia atrás. O chacal pensou: ‘Os testículos do touro estão dependurados. Um dia desses vão cair no chão e vou comê-los.’ Quando o touro dormia no chão, o chacal também dormia e quando o touro andava de um lado para o outro, o chacal o seguia. Passaram-se muitos dias assim, mas os testículos do touro ainda estavam presos em seu corpo. O chacal foi embora, desapontado. (*Todos riram*). Isso também ocorre com os bajuladores.”

Jadu e sua mãe serviram uma refeição ligeira a Sri Ramakrishna e devotos.

*Quarta-feira, 19 de dezembro de 1883*

Eram nove horas da manhã. Sri Ramakrishna conversava com M. perto da árvore bel em Dakshineswar. Esta árvore, debaixo da qual o Mestre havia praticado a mais austera sadhana, erguia-se no limite norte do templo. Mais ao norte, erguia-se um muro alto e do lado de fora ficava o depósito do governo. A oeste da árvore bel estendia-se uma ala de altos pinheiros que balançavam-se ao vento. Embaixo corria o Ganges e para o sul, podia-se avistar o bosque sagrado do Panchavati. As árvores compactas e arbustos escondiam o templo. Nenhum barulho do mundo chegava até a árvore bel.

Mestre (*a M.*): “Mas não se pode realizar Deus sem renunciar a ‘mulher e ouro’.”

M.: “Por que? Vashishtha não disse a Rama, ‘Ó Rama, podes renunciar ao mundo, como se ele estivesse fora de Deus?’ ”

Mestre (*sorrindo*): “Falou assim com Rama para que Ele pudesse destruir Ravana. Rama aceitou a vida de chefe de família e casou-se para cumprir sua missão.”

M. permaneceu atônito e mudo, como um tronco de árvore.

Voltando para os aposentos, Shri Ramakrishna passou pelo Panchavati. M. acompanhou-o. Eram mais ou menos dez horas.

M.: “Senhor, há alguma disciplina espiritual que conduz à realização do Deus Impessoal?”

Mestre: “Sim, há, mas o caminho é muito difícil. Depois de intensa austeridade, os rishis da antigüidade realizaram Deus como sua consciência mais íntima e experimentaram a verdadeira natureza de Brahman. Mas como tiveram que trabalhar arduamente! Bem de manhã saíam de suas casas e durante o dia todo, praticavam austeridade e meditação. Voltando para casa na caída da tarde, tomavam uma refeição leve de frutas e raízes.

“Mas um aspirante não será bem sucedido neste tipo de disciplina espiritual se a mente estiver voltada pelo mundanismo, mesmo em grau ínfimo. A mente tem que ser totalmente retirada de todos os objetos de forma, paladar, olfato, tato e som. Somente assim torna-se pura. A Mente Pura é o mesmo que Atman Puro, mas ela deve estar totalmente livre de ‘mulher e ouro’. Quando ela se torna pura, tem-se outra experiência. Realiza-se: ‘Somente Deus é Aquele que faz e eu sou Seu instrumento’. Não se sente absolutamente necessário aos outros, seja em sua infelicidade ou em sua felicidade.

“Certa vez um homem malvado bateu num monge que vivia num mosteiro, levando-o à inconsciência. Ao recobrar os sentidos os amigos perguntaram-lhe: ‘Quem lhe está dando leite?’ O monge respondeu, ‘Aquele que me bateu, está agora me alimentando’.”

M.: “Sim, senhor. Conheço essa história.”

Mestre: “Não é suficiente conhecê-la. Deve-se assimilar o seu significado. É o pensamento dos objetos mundanos que impede a mente de entrar em samadhi. Quando se está totalmente livre do mundanismo, fica-se estabelecido em samadhi. É-me possível abandonar o corpo em samadhi, mas tenho um pequeno desejo de desfrutar o amor de Deus e a companhia de Seus devotos, portanto, presto pouca atenção a meu corpo.

“Há um outro tipo de samadhi chamado unmana samadhi. Este é obtido ao juntar de repente, a mente dispersa. Compreendeu ou não?”

M.: “Sim, senhor.”

Mestre: “Sim. É a súbita retirada da mente dispersa, para o Ideal, mas esse samadhi não dura muito tempo. Pensamentos mundanos intervêm e o destroem. O yogi cai de sua yoga.

“Em Kamarpukur vi uma mangusta que morava numa toca em cima do muro. Sentia-se bem acomodada ali. Às vezes as pessoas amarravam um tijolo em sua cauda; então o puxão do tijolo fazia-a sair de seu buraco. Todas as vezes que a mangusta tentava acomodar-se em sua toca, era obrigada a sair por causa do puxão do tijolo. Assim é o efeito de se concentrar nos objetos mundanos que tira o yogi do caminho da yoga.

“As pessoas mundanas podem, de vez em quando, experimentar o samadhi. O lótus de-sabrocha, sem dúvida, quando o sol está no céu, mas suas pétalas fecham-se de novo quando ele for coberto por uma nuvem. O pensamento mundano é a nuvem.”

M.: “É possível desenvolver tanto jnana como bhakti, pela prática de disciplina espiritual?”

Mestre: “Através do caminho da bhakti o homem pode alcançar ambas. Se for necessário, Deus dá Conhecimento de Brahman, mas um aspirante altamente qualificado pode desenvolver ambas, jnana e bhakti ao mesmo tempo. Tal é o caso dos Ishvarakotis - por exemplo, Chaitanya - mas com os devotos comuns é diferente.

“Há cinco tipos de luz: a luz de um lampião, a luz dos diversos tipos de fogo, o luar, a luz do sol e por fim, a luz combinada do sol e do luar. Bhakti é o luar e jnana, a luz do sol.

“Às vezes vê-se que mal o sol se põe, a lua aparece no céu. Numa Encarnação de Deus vê-se, ao mesmo tempo, o sol do Conhecimento e a lua do Amor.

“Podem todos, por um simples desejo, desenvolver Conhecimento e Amor ao mesmo tempo? Depende da pessoa. Um bambu é mais oco do que o outro. É possível para todos compreender a natureza de Deus? Pode um pote com a capa idade para uma medida conter cinco medidas de leite?”

M.: “Mas e a graça de Deus? Por Sua graça um camelo pode passar pelo buraco de uma agulha.”

Mestre: “Mas é possível obter-se a graça de Deus com facilidade? Um mendigo pode conseguir um centavo, se pedir. Mas suponhamos que ele lhe peça sua passagem de trem. O que me diz disso?”

M. permaneceu em silêncio, o Mestre também. Subitamente disse: “Sim, pela graça de Deus pode-se obter jnana e bhakti.”

M. saudou o Mestre e voltou para a árvore bel.

Ao meio-dia, como M. ainda não tivesse voltado, Sri Ramakrishna foi até a árvore bel, mas chegando ao Panchavati, encontrou M. com seu tapete de meditação e jarro d'água. M. saudou-o.

Sri Ramakrishna disse a M.: “Vim buscá-lo. Como estava demorando, imaginei que poderia ter pulado o muro e ido embora. Observei seus olhos hoje de manhã e fiquei com medo que você fosse embora como Narayan Shastri. Disse a mim mesmo: ‘Não, ele não vai fugir. Pensa muito antes de fazer qualquer coisa’.”

Naquela noite, o Mestre conversou com M., Rakhal, Latu, Harish e outros devotos.

Mestre (*a M.*): “Algumas pessoas dão uma interpretação metafísica ao episódio de Vrindavan da vida de Sri Krishna. O que você diz a respeito?”

M.: “Há várias opiniões, mas o que importa? O senhor contou-nos a história de Bhishmadeva, que chorou em seu leito de flechas, porque não compreendia nada a respeito os meios utilizados por Deus.

“O senhor também falou-nos que Hanuman costumava dizer: ‘Não sei nada a respeito dos dias da semana, posição das estrelas e assim por diante. Medito somente em Rama.’

“Além disso falou-nos que em última análise, há somente duas coisas: Brahman e Seu Poder. Disse-nos também que, depois de atingir Brahmajnana, realiza-se que esses dois são Uno, o Uno que não tem dois.”

Mestre: “Sim, verdade. Seu ideal é atingir a meta. Pode-se atingi-la ou por uma floresta espinhosa ou por uma estrada boa.

“Certamente há várias opiniões. Nangta costumava dizer que os monges não podem ser homenageados por causa da diversidade dos seus pontos de vista. Uma vez foi organizada uma festa para os sannyasis. Monges pertencentes a muitas seitas foram convidados. Cada um

dizia que sua seita deveria ser servida em primeiro lugar, mas acabaram por não chegar a nenhuma conclusão. Por fim todos se retiraram e a comida foi dada às prostitutas.”

M.: “Totapuri era sem dúvida uma grande alma.”

Mestre: “Mas Hazra diz que era um homem comum. Não adianta discutir estas coisas. Cada um diz que só o seu relógio dá a hora certa.

“Veja, Narayan Shastri desenvolveu uma intensa renúncia. Era um grande erudito. Abandonou a esposa e foi embora. Um homem atinge yoga ao tirar ‘mulher e ouro’ de sua mente. Em alguns, as características do yogi estão bem marcadas.

“Tenho que lhe falar algo sobre os seis centros. A mente do yogi passa por eles e realiza Deus por Sua graça. Já ouviu falar dos seis centros?”

M.: “São os ‘sete planos’ da Vedanta.”

Mestre: “Da Vedanta não, mas dos Vedas. Você sabe como são os seis centros? São como ‘lótus’ no corpo sutil. Os yogis os vêem. São como frutos e folhas da árvore de cera.”

M.: “Sim, senhor. Os yogis os percebem. Li que existe uma espécie de vidro através do qual os objetos muito pequenos parecem muito grandes. Também pela yoga, podem ser vistos esses lótus sutis.”

Seguindo instrução de Shri Ramakrishna, M. passou a noite na cabana do Panchavati. Nas primeiras horas da manhã, cantava sozinho:

Não consegui o menor benefício de oração e austeridade, Ó Senhor!  
Sou o mais humilde dos humildes: torna-me puro com Teu toque encantado.  
Um a um passo meus dias na esperança de alcançar Teus Pés de Lótus  
Mas, meu Deus, não Te encontrei. ...

Subitamente M. olhou da janela e viu o Mestre ali, de pé. Os olhos de Sri Ramakrishna estavam cheios de lágrimas, enquanto M. cantava o verso:

Sou o mais humilde dos humildes, torna-me puro com Teu toque encantado.

M. cantou outra vez:

Usarei vestimenta ocre e brincos de concha:  
Assim, na roupa de uma yogini, vagarei de lugar em lugar,  
Até que encontre meu cruel Hari. ...

M. viu que o Mestre estava passeando com Rakhali.

*Sexta-feira, 21 de dezembro de 1883*

De manhã o Mestre e M. conversavam debaixo da árvore bel. O Mestre contou-lhe muitos segredos da disciplina espiritual, exortando-o a renunciar a “mulher e ouro”. Disse-lhe, também, que a mente, às vezes, torna-se o guru.

Depois do almoço o Mestre foi para o Panchavati, usando um lindo manto amarelo. Dois ou três monges vaishnavas estavam ali, vestidos com a roupa de sua seita.

À tarde chegou um monge da seita Nanak. Era um adorador de Deus sem forma. Sri Ramakrishna pediu-lhe para meditar também em Deus com forma. O Mestre disse-lhe: “Mergulhe fundo; não se consegue as pedras preciosas se ficar simplesmente boiando na superfície. Deus é sem forma, sem dúvida, mas Ele também tem forma. Meditando em Deus com forma, rapidamente obtém-se devoção, depois pode-se meditar em Deus sem forma. É como jogar fora uma carta depois de ler o seu conteúdo e em seguida, comer a obedecer às suas instruções.

*Sábado, 22 de dezembro de 1883*

Rakhal, Harish, M. e Latu estavam vivendo com Sri Ramakrishna em Dakshineswar. Mais ou menos às nove horas da manhã, o Mestre estava sentado com eles na varanda sudeste de seu quarto, quando chegaram o pai de Balaram e Devendra Ghosh de Shyampukur.

Um devoto: “Senhor, como se obtém amor a Deus?”

Mestre: “Vá em frente. O rei mora além dos sete portões. Só se poderá vê-lo depois atravessar todos os portões.

“Por ocasião da consagração do Annapurna em Chatak, disse a Dwarika Babu: ‘Os peixes grandes moram nas águas profundas de um grande lago. Jogue isca condimentada e eles virão atraídos pelo cheiro; de vez em quando farão um barulho na água. Devoção e amor são como isca condimentada.

“Deus brinca no mundo como homem. Encarna-Se como homem – como no caso de Krishna. Rama e Chaitanya. Uma vez eu disse a Keshab: ‘A maior manifestação de Deus está no homem. Há pequenos buracos no campo, onde caranguejos e peixes acumulam-se na estação chuvosa. Se quiser encontrá-los deve procurá-los nos aí. Se estiver buscando Deus, deve procurá-Lo nas Encarnações.’

“A Mãe Divina do Universo, manifesta-Se através do ser humano que mede três e meio cúbitos. Há uma canção que diz:

Ó Mãe, que máquina é esta que Tu fizeste!  
Que travessuras Tu fazes com este brinquedo  
De três e meio cúbitos de altura! ...

“Para conhecer Deus e reconhecer as Encarnações Divinas, necessita-se de prática espiritual. Os peixes grandes moram no lago profundo, mas para vê-los temos que jogar isca condimentada na água. Há manteiga no leite, mas para obtê-la tem-se que bater o leite. Há óleo na semente de mostarda, mas para extrai-lo, temos que pressionar a semente.”

Devoto: “Deus tem forma ou Ele é sem forma?”

Mestre: “Espere, espere! Primeiramente tem-se que ir a Calcutá; só então saberá onde estão localizados o Maidan, a Sociedade Asiática e o Banco de Bengala. Se desejarem ir ao bairro brahmin de Khardaha, tem-se que ir em primeiro lugar a Khardaha.

“Por que não deve ser possível praticar a disciplina de Deus sem forma? Mas é muito difícil seguir este caminho. Não se pode segui-lo sem renunciar a ‘mulher e ouro’. Deve haver renúncia completa, tanto interna como externamente. Não terão sucesso nesse caminho, enquanto tiverem o menor traço de mundanismo.

“É fácil adorar Deus com forma, mas não é tão fácil como parece.

“Não se deve discutir a disciplina do Deus Impessoal ou o caminho do conhecimento com um bhakta. Talvez com muito esforço ele esteja cultivando um pouco de devoção. Talvez você estrague tudo ao tentar explicar-lhe que tudo não passa de um sonho.

“Kabir era adorador do Deus Impessoal. Não acreditava em Shiva, Kali ou Krishna. Costumava ridicularizá-los e dizer que Kali vivia de oferendas de arroz e banana e que Krishna dançava como um macaco, enquanto as gopis batiam palmas. (*Todos riem*).

“Aquele que adora Deus sem forma, talvez veja primeiramente a divindade com dez braços, em seguida, com quatro e depois, o Menino Krishna com dois braços. Por fim vê a Luz Indivisível e funde-se n’Ela.

“Diz-se que sábios como Dattatreya e Jatabharata não voltaram ao mundo relativo, depois de terem tido a visão de Brahman. Segundo alguns, Shukadeva provou somente uma gota desse Oceano de Consciência de Brahman. Viu e ouviu o barulho das ondas do Oceano, mas não mergulhou n’Ele.

“Uma vez um brahmachari disse-me: ‘Aquele que vai além de Kedar, não pode conservar vivo o corpo.’ Da mesma maneira, depois de ter atingido Brahmajnana<sup>1</sup> não se pode preservar o corpo. Ele cai em vinte e um dias.

---

<sup>1</sup> No caso de um aspirante comum o corpo cai depois de atingir o Conhecimento de Brahman, mas isso não ocorre com uma Encarnação Divina, porque Ela nasceu com a missão especial de ensinar a humanidade.

“Havia um campo muito vasto atrás de um muro alto. Quatro amigos quiseram descobrir o que havia além do muro. Três deles, um após o outro, escalaram o muro, viram o campo, caíram na gargalhada e pularam para o outro lado. Esses três não puderam informar nada a respeito do campo. Somente o quarto voltou e falou-lhes a respeito. Ele é como aqueles que retêm o corpo mesmo depois de atingir Brahmajñana, a fim de ensinar os outros. As Encarnações Divinas pertencem a esta classe.

“Parvati era filha do rei Himalaia. Depois de Seu nascimento, revelou ao rei, Suas várias formas divinas. O Pai disse-lhe: ‘Bem, Filha, Você mostrou-me todas essas formas. Isto é bom, mas Você possui um outro aspecto, que é Brahman. Por favor, mostre-me esse aspecto’. ‘Pai’, disse Parvati, ‘se o senhor está procurando o Conhecimento de Brahman, então renuncie ao mundo e viva na companhia dos homens santos’. O rei Himalaia, porém, insistiu. Por conseguinte, Parvati revelou Sua forma de Brahman e imediatamente o rei caiu, inconsciente.

“Tudo isso que acabei de dizer pertence ao campo do raciocínio. Só Brahman é real e o mundo ilusório – isto é raciocinar. E tudo, exceto Brahman, é como um sonho, mas este é um caminho extremamente difícil. Para quem o segue, até o jogo divino no mundo, torna-se um sonho e parece irreal; seu ‘eu’ também desaparece. Os seguidores deste caminho não aceitam a Encarnação Divina. É um caminho muito difícil. Os amantes de Deus não devem ouvir a respeito deste raciocínio.

“É por isso que Deus encarna-Se como ser humano e ensina o caminho da devoção. Exorta as pessoas a cultivarem a entrega de si mesmo a Deus. Seguindo o caminho da devoção, realiza-se tudo por Sua graça – o Conhecimento e a Sabedoria Suprema.

“Deus brinca neste mundo. Está sob o controle de Seu devoto. ‘A Própria Shyama, a Mãe Divina, está presa pela corda do amor de Seu devoto.’

“Às vezes Deus torna-Se o ímã e o devoto a agulha e, às vezes, o devoto torna-se o ímã e Deus, a agulha. O devoto atrai Deus para ele. Deus é o Bem-Amado do Seu devoto e está sob seu comando.

“Segundo uma escola, as gopis de Vrindavan, como Yashoda, nas suas encarnações anteriores, haviam acreditado em Deus sem forma, mas não haviam obtido nenhuma satisfação com esta crença. Foi por isso que, mais tarde, desfrutaram tanta felicidade na companhia de Shri Krishna, no episódio de Vrindavan de Sua vida. Um dia Krishna disse às gopis: ‘Venham comigo. Vou mostrar-lhes a Morada do Eterno. Vamos ao Jamuna tomar banho.’ Assim que mergulharam nas águas do rio, imediatamente viram Golaka. Em seguida viram a Luz Indivisível. Por isto Yashoda exclamou: ‘Ó Krishna, não nos importamos mais com essas coisas. Gostaríamos de ver-Te na Tua forma humana. Quero tomar-Te em meus braços e alimentar-Te.’

“Assim a maior manifestação de Deus é através de Suas Encarnações. O devoto deve adorar e servir uma Encarnação de Deus, enquanto Ela vive num corpo humano. ‘Ao cair do noite Ele desaparece na câmara secreta de Sua Morada.’

“Nem todos podem conhecer uma Encarnação de Deus. Tomando corpo humano, a Encarnação cai vítima de doença, tristeza, fome, sede e outras coisas como um mortal comum. Rama chorou por Sita. ‘Brahma chora, envolvido pelos grilhões dos cinco elementos.’

“Diz-se nos Puranas que Deus, em Sua Encarnação como uma Porca, viveu muito feliz com Seus filhotes, depois da destruição de Hiranyaksha<sup>2</sup>. Como uma Porca, amamentou-os e esqueceu-Se totalmente de Sua morada no céu. Por fim, Shiva matou a Porca com seu tridente e Deus, rindo às gargalhadas, regressou à Sua verdadeira morada.”

À tarde Bhavanath chegou. Rakhil, M., Harish e outros devotos estavam no quarto.

Mestre (*a Bhavanath*): “Amar uma Encarnação de Deus – é o suficiente. Ah! Que amor as gopis tinham por Krishna!”

Sri Ramakrishna começou a cantar, assumindo a atitude das gopis:

Ó Krishna! Tu és a Alma de minha alma. ...

<sup>2</sup> Segundo a mitologia hindu, Deus encarnou-Se como uma Porca, a fim de salvar o mundo da iniquidade do demônio Hiranyaksha.

Depois cantou:

Não estou indo para casa, Ó amiga,  
Porque é penoso para mim cantar o nome do meu Krishna. ...

E novamente:

Ó Amiga, naquele dia fiquei em pé na porta enquanto Tu ias para o bosque. ...

Continuando, o Mestre falou: “Quando Krishna subitamente deixou de dançar e brincar com as gopis, elas ficaram fora de si de tristeza. Olhando para uma árvore, disseram: ‘Ó árvore, você deve ser uma grande ermitã. Deve visto Krishna, senão, por que ficaria ali imóvel, como absorvida em samadhi?’ Olhando para a terra coberta pelo capim verde, disseram: ‘Ó terra, você deve ter visto Krishna. Por que seu cabelo está em pé? Deve ter experimentado a emoção do Seu toque.’ Olhando para a trepadeira madhavi, disseram: ‘Ó madhavi, devolvamos o nosso Madhava!’ As gopis estavam intoxicadas de amor por Krishna. Akrura veio a Vrindavan para levar Krishna e Balarama a Mathura. Ao subirem no carro, as gopis agarraram-se às rodas. Não deixavam o carro andar.”

Dizendo isso, Sri Ramakrishna cantou, assumindo a atitude de Akrura:

Não segurem, não segurem as rodas do carro  
São por acaso, as rodas que o fazem andar?  
Aquele que Faz Andar as rodas é Krishna.  
Pela vontade de quem os mundos se movem. ...

Mestre: “ ‘São as rodas que o fazem mover?’ ‘Por cuja vontade os mundos são movidos’. ‘O condutor move o carro a pedido do Seu Dono’. Sinto-me profundamente comovido com estes versos.”

*Domingo, 23 de dezembro de 1883*

Às nove horas da manhã, Sri Ramakrishna estava sentado no pórtico do seu quarto com Rakhal, Latu, M., Harish e alguns devotos. M. passara nove dias com o Mestre em Dakshineswar. De manhã cedo, Manomohan chegara de Konnagar, em seu caminho para Calcutá. Hazra também estava presente.

Um vaishnava cantava. Referindo-se a uma das canções, Sri Ramakrishna disse: “Não gostei muito dela. As canções dos autores antigos parecem que possuem mais o verdadeiro espírito. Uma vez cantei para Nangta no Panchavati: ‘Às armas! Às armas! Ó homem! A morte toma de assalto sua casa em formação de batalha’. Cantei outra: ‘Não tenho ninguém mais para culpar. Ó! Afundo-me no poço que estas próprias mãos cavaram.’

“Nangta, o vedantista, era um homem de profundo conhecimento. A canção comoveu-o até as lágrimas, apesar de não entender o significado. Padmalochan também chorou quando cantei as canções de Ramprasad sobre a Mãe Divina. Foi realmente um grande pundit.”

Depois do almoço Sri Ramakrishna descansou alguns minutos no seu quarto. M. estava sentado no chão. O Mestre estava encantado de ouvir a música que estava sendo executada no nahabat. Então explicou a M. que somente Brahman havia Se tornado o universo e todos os seres vivos.

Mestre: “Referindo-se a algum lugar, alguém me disse: ‘Ninguém canta o nome de Deus ali. Não há atmosfera sagrada.’ Mal acabou de falar, percebi que somente Deus era quem havia Se tornado todos os seres vivos. Apareceram como inúmeras borbulhas ou reflexos no Oceano de Satchidananda.

“Assim também, às vezes penso que os seres vivos são como muitas pílulas feitas da Consciência Indivisível. Uma vez eu estava a caminho de Burdwan, vindo de Kamarpukur,

quando a certa altura corri para o campo ver como os seres vivos vivem. Vi as formigas andando. Pareceu-me que, por toda parte, tudo estava tomado pela Consciência.”

Hazra entrou no quarto e sentou-se no chão.

Mestre: “Também percebo que os seres vivos são como flores diferentes, com várias camadas de pétalas. São também como borbulhas, algumas grandes, outras pequenas.”

Enquanto descrevia dessa maneira a visão das diferentes formas divinas, o Mestre entrou em êxtase e disse, “Vim à existência! Estou aqui!” Pronunciando essas palavras, entrou em samadhi. O corpo estava imóvel. Permaneceu assim durante muito tempo e então, gradualmente, retornou à consciência parcial do mundo. Começou a rir como um menino e a andar de um lado para o outro no quarto. Os olhos irradiavam felicidade como se tivesse tido uma visão maravilhosa. O olhar não estava fixo em nenhum objeto particular e o rosto brilhava de alegria. Ainda andando de um lado para o outro pelo quarto, o Mestre disse: “Vi o paramahansa que vivia debaixo de um baniano, andando e mostrando este mesmo sorriso. Estou também, naquele estado mental?”

Sentou-se no pequeno divã e começou a conversar com a Mãe Divina.

Mestre: “Não me interessa em saber, Mãe, que eu possa ter puro amor por Teus Pés de Lótus!

(a M.): “Atinge-se este estado logo depois de se libertar de todas as mágoas e desejos..

(a Mãe Divina): “Mãe, Tu acabaste com minha adoração. Por favor, Mãe, que eu não abandone todos os desejos. Mãe, o paramahansa é apenas uma criança. Uma criança não necessita de mãe? Portanto Tu és a Mãe e eu, a criança. Como pode uma criança viver sem a Mãe?”

Sri Ramakrishna falava com a Mãe Divina com uma voz que teria derretido até uma pedra. De novo dirigiu-se a Ela, dizendo: “Mero conhecimento da Advaita! Cuspo nele! Tu existes enquanto Tu manténs o ego em mim. O paramahansa é somente uma criança. Uma criança não precisa de mãe?”

M. sentou-se ali mudo, olhando a manifestação divina no Mestre. Disse a si mesmo: “O Mestre é um oceano de misericórdia, livre de qualquer interesse egoísta. Está no estado de paramahansa para poder, como instrutor, despertar minha consciência espiritual e de outras almas sinceras.”

M. pensou ainda: “O Mestre diz, ‘Advaita-Chaitanya-Nityananda’, isto é, que através do conhecimento de Brahman não-dual, pode-se atingir a Consciência e desfrutar a Felicidade Eterna. O Mestre não só atingiu o conhecimento da não-dualidade, mas está em um estado de Bem-aventurança Eterna, sempre inebriado de amor pela Mãe do Universo.”

De mãos postas, Hazra olhava para o Mestre e de vez em quando dizia: “Quão abençoado o senhor é! Quão abençoado o senhor é!”

“Mestre (a Hazra): “No entanto você tem pouca fé. Vive aqui simplesmente para completar o jogo, como Jatila e Kutila.”

À tarde M., sozinho, passeava sozinho pelo jardim do templo. Profundamente absorvido, pensava no Mestre e refletia em suas palavras sobre a maneira de obter o exaltado estado de paramahansa, depois que a mágoa e o desejo tiverem sido erradicados. M. disse a si mesmo: “Quem é esse Sri Ramakrishna agindo como meu instrutor? Será que Deus encarnou-Se para o nosso bem-estar? O próprio Mestre afirma que ninguém, a não ser uma Encarnação, pode descer do estado de Nirvikalpa Samadhi para o plano fenomenal.”

*Segunda-feira, 24 de dezembro de 1883*

Às oito horas da manhã. Shri Ramakrishna e M. conversavam no bosque de pinheiros. Este era o décimo primeiro dia em que M. passava com o Mestre.

Era inverno. O sol acabara de nascer. O rio corria em direção norte com a maré. Podia-se avistar não longe dali, a árvore bel, sob a qual o Mestre havia praticado grandes práticas espirituais. Olhando para o leste, Sri Ramakrishna falava com seu discípulo sobre o Conhecimento de Brahman.

Mestre: “Deus sem forma é real e igualmente real é Deus com forma. Nangta costumava me instruir a respeito da natureza de Brahman Satchidananda. Dizia que Ele é como um

oceano infinito – água por todos os lados, direita, esquerda, acima e abaixo. Água em volta de água. É a água da Grande Causa, sem movimento. As ondas surgem quando Ele Se torna ativo. Suas atividades são criação, preservação e destruição.

“Também costumava dizer que Brahman está onde a razão termina. Há o exemplo da cânfora. Nada sobra depois de queimada – nem vestígios de cinzas.

“Brahman está além da mente e da fala. Uma boneca de sal entrou no oceano para medir a profundidade, mas não voltou para dizer quão profundo era o oceano. Fundia-se com o próprio oceano.

“Os rishis uma vez disseram a Rama: ‘Ó Rama, sábios como Bharadvaja podem considerar-Te uma Encarnação de Deus, mas nós não podemos. Adoramos o Brahman-Palavra.<sup>3</sup> Não queremos a forma humana de Deus.’ Rama sorriu e foi embora, satisfeito com a adoração deles.

Mas Nitya e Lila são dois aspectos da mesma Realidade. Como já disse anteriormente, é como o terraço e os degraus que conduzem a ele. O Absoluto brinca de diferentes modos: como Ishvara, como os diversos deuses, como homem e como universo. A Encarnação é o jogo do Absoluto como homem. Sabe como o Absoluto joga como homens? É como a descida rápida da água de um grande terraço, através de um cano; o poder de Satchidananda – não, o Próprio Satchidananda – desce através do cano com a forma humana, da mesma maneira que a água desce. Apenas doze sábios, Bharadvaja e outros, reconheceram Rama como uma Encarnação de Deus. Não é qualquer um que reconhece a Encarnação.

“Somente Deus encarna-Se como homem a fim de ensinar às pessoas os caminhos do amor e do conhecimento. Bem, o que você pensa a meu respeito?

“Uma vez meu pai foi a Gaya. Ali Raghuvir disse-lhe em sonho, ‘Vou nascer como seu filho.’ Imediatamente meu pai respondeu-Lhe: ‘Ó Senhor, sou um pobre brahmin. Como poderei servir-Te?’ ‘Não se preocupe com isso’, Raghuvir replicou, ‘Isso será cuidado.’

“Minha irmã, a mãe de Hriday, costumava adornar meus pés com flores e pasta de sândalo. Um dia coloquei o pé em sua cabeça e disse-lhe: ‘Você morrerá em Benares.’

“Certa vez Mathur Babu disse-me: ‘Pai, não há nada dentro do senhor, a não ser Deus. Seu corpo é como uma concha vazia. De fora pode parecer uma abóbora, mas em seu interior não há nada – nem polpa, nem semente. Uma vez o vi como alguém movendo-se envolto num véu.’

(a M.): “Tudo me é mostrado antes. Uma vez vi Gauranga e seus devotos cantando o kirtan no Panchavati. Vi Balarama e também você.

“Desejei conhecer as experiências de Gauranga e elas me foram mostradas em Shyambazar, nosso distrito natal. Formou-se uma multidão; as pessoas até subiram nas árvores e muros, permanecendo comigo dia e noite. Durante sete dias não tive um momento de privacidade. Portanto, disse à Mãe Divina: ‘Mãe, já tive o suficiente.’

“Agora estou em paz. Tenho que nascer uma vez mais. Por isso não transmito todo o conhecimento aos meus companheiros (*Com um sorriso*). Suponhamos que eu lhe dê todo conhecimento, então você voltará para mim novamente, com tanta vontade?

“Eu o reconheci ao ouvi-lo ler o *Chaitanya Bhagavata*.<sup>4</sup> Você é meu amigo íntimo. A mesma substância, como pai e filho. Todos vocês estão vieram aqui outra vez. Ao se puxar uma parte da trepadeira kalmi, vêm todos os galhos. Vocês são todos parentes – como irmãos. Suponhamos que Rakhil, Harish e outros dirijam-se para Puri e você já se encontre lá. Por acaso vão ficar separados?

“Antes de virem para cá, não sabiam quem eram. Agora, sabem que Deus, como Guru, é quem faz uma pessoa saber.

“Nangta contou a história da tigresa e do rebanho de cabras. Certa vez uma tigresa atacou um rebanho de cabras. De longe um caçador viu-a, matando-a. A tigresa estava grávida. Antes de morrer, deu à luz a um filhote. Este cresceu em companhia das cabras. No começo foi amamentado pelas cabras mas, quando cresceu, começou a comer capim e balir como elas. Ao longo do tempo, o filhote transformou-se num grande tigre, mas continuava a comer ca-

<sup>3</sup> OM, o símbolo de Brahman.

<sup>4</sup> Vida de Chaitanya.

pim e balir. Ao serem atacados por outros animais, à sua aproximação, fugia com as outras cabras. Um dia, um tigre de aparência feroz, atacou o rebanho. Ficou admirado de ver um tigre no rebanho, comendo capim e fugindo com as cabras à sua aproximação. Deixou as cabras de lado e passou a perseguir o tigre que comia capim, que começou a balir e tentou fugir, mas o tigre feroz arrastou-o até a água e disse-lhe: ‘Olhe sua cara na água. Veja, você tem um focinho redondo como o dos tigres, exatamente igual ao meu.’ Em seguida, colocou um pouco de carne em sua boca. No começo o tigre que comia capim recusou-se a ingerir a carne, mas logo que sentiu seu gosto, gostou. Por fim, o tigre feroz disse ao tigre herbívoro: ‘Que vergonha! Você vivia com as cabras e comia capim como elas!’ O outro sentiu-se realmente envergonhado de si mesmo.

“Comer capim é como desfrutar ‘mulher e ouro’. Balir e fugir como cabra é comportar-se como um homem comum. Ir embora com o novo tigre é como refugiar-se no guru que desperta a consciência espiritual e reconhecer somente ele como seu parente. Ver o rosto de forma correta é conhecer o verdadeiro Ser.”

Shri Ramakrishna ficou de pé. Havia silêncio em todos os lados, perturbado somente pelo suave roçar dos galhos dos pinheiros e murmúrio do Ganges. O Mestre foi ao Panchavati e em seguida, para o quarto, conversando o tempo todo com M. O discípulo seguia-o, fascinado. No Panchavati Sri Ramakrishna tocou com a testa, o cimentado em volta do baniano. Este tinha sido o lugar de sua intensa prática espiritual, onde chorara amargamente pela visão da Mãe Divina, onde experimentara íntima comunhão com Ela e onde vira muitas formas divinas.

O Mestre e M. passaram pelas árvores bakul e chegaram ao nahabat. Hazra estava ali. O Mestre disse-lhe: “Não coma em demasia e largue esta mania de limpeza exterior. As pessoas com manias não atingem o Conhecimento. Siga as convenções somente enquanto forem necessárias. Não exagere.” O Mestre entrou no aposento e sentou-se no divã.

Shri Ramakrishna estava descansando depois do almoço, quando Surendra, Ram e outros devotos chegaram de Calcutá. Era mais ou menos uma hora da tarde. Estava M. andando sozinho pelo bosque de pinheiros, quando Hazra chegou e disse-lhe que o Mestre o queria ver em seu quarto. Alguém iria ler um trecho do *Shiva Samhita*, livro que contém instruções sobre yoga e os seis centros.

M. entrou no quarto e saudou o Mestre. Os devotos sentaram-se no chão, mas ninguém estava lendo. Sri Ramakrishna conversava com os devotos:

Mestre: “As gopis nutriam amo espiritual por Krishna. Há dois elementos neste amor: o ‘eu’ e o ‘meu’. O ‘eu’ é o sentimento de que Krishna ficará doente se ‘eu’ não O servir. Nesta atitude o devoto não considera seu Ideal, Deus.

“ ‘Meu’ é sentir que o Bem-Amado é seu. As gopis tinham este sentimento para com Krishna de tal forma, que colocavam seus corpos sutis sob Seus pés, para evitar que Suas solas se machucassem.

“Yashoda observou: : ‘Não compreendo seu Chintamani Krishna. Para mim Ele é simplesmente Gopala.’ As gopis também disseram: ‘Ó, onde está Krishna, nosso Bem-Amado? Onde está Krishna, nosso Amor?’ Não tinham consciência de que Ele era Deus.

“É como uma criancinha dizendo ‘meu papai’. Se alguém disser à criancinha, ‘Não, ele não é seu papai’, ela dirá, ‘Sim, ele é meu papai.’

“Deus, encarnando-Se como homem, comporta-Se exatamente como um homem. É por isso que é muito difícil reconhecer uma Encarnação. Quando Deus torna-Se homem, é exatamente um homem. Tem a mesma fome, sede, doença, mágoa e às vezes, até medo. Rama foi tomado de tristeza por causa de Sita. Krishna carregou na cabeça os sapatos e o banco de madeira de Seu pai Nanda.

No teatro, quando um ator sobe ao palco no papel de um santo, comporta-se como um santo e não, como o ator que faz o papel de rei. Desempenha seu próprio papel.

“Uma vez um ator vestiu-se como um monge renunciante. Satisfeitos com a perfeição de seu disfarce, algumas pessoas ricas ofereceram-lhe uma rupia. Não aceitou o dinheiro e saiu sacudindo a cabeça. Em seguida tirou o disfarce e apareceu com sua roupa comum. Disse às pessoas ricas, ‘Por favor, dêem-me uma rupia’. Responderam-lhe: ‘Ora, você foi embora, recusando nosso presente. Por que o pede agora?’ O homem disse: ‘Mas eu estava fazendo o

papel de um homem santo. Não podia aceitar dinheiro.’ Assim quando Deus torna-Se homem, comporta-Se exatamente como um homem.

“Em Vrindavan podemos ver muitos lugares associados à vida de Krishna.”

Surendra: “Estivemos lá nos feriados. Os visitantes eram continuamente importunados por causa do dinheiro. Os sacerdotes e outros pediam dinheiro com frequência. Nós lhes dissemos que íamos a Calcutá no dia seguinte, mas fugimos de Vrindavan naquela mesma noite.”

Mestre: “O que é isto? Que vergonha! Vocês disseram que deixariam o lugar no dia seguinte e foram embora naquele mesmo dia. Que vergonha!”

Surendra (*envergonhado*): “Aqui e ali vimos os babajis nos bosques praticando disciplina espiritual em solidão.”

Mestre: “Vocês lhes deram alguma coisa?”

Surendra: “Não, senhor.”

Mestre: “Isto não foi bom de sua parte. Deve-se dar alguma coisa aos monges e devotos. Aqueles que possuem recursos deveriam ajudar estas pessoas ao encontrá-las.

“Fui a Vrindavan com Mathur Babu. Quando cheguei ao Dhruva Ghat <sup>5</sup> em Mathura, num relance vi Vasudeva atravessando o Jamuna com Krishna no colo..

“Numa noite estava caminhando na praia do rio. Havia pequenas cabanas cobertas de sapé e grandes ameixeiras. Era a hora da ‘poeira da vaca’. As vacas estavam voltando do pasto, levantando poeira com os cascos. Vi-as atravessando o rio. Logo chegaram alguns pastores cruzando o rio com suas vacas. Mal acabara de assistir esta cena, comecei a gritar: ‘Ó Krishna, onde estás Tu?’ e cai inconsciente.

“Quis visitar Shyamakunda e Radhakunda; Mathur; por isso, Babu enviou-me lá num palanquim. Tínhamos um grande caminho a percorrer e por isso, levamos comida. Ao atravessar os campos fui tomado de emoção e chorei: ‘Ó Krishna tudo está igual. Só Tu não estás aqui. Esse é o mesmo campo em que Tu cuidavas das vacas.’ Hriday seguiu-me a pé. Eu estava banhado em lágrimas; não podia pedir aos condutores para parar o palanquim.

“Em Shyamakunda e Radhakunda vi os homens santos que viviam em pequenas cabanas de barro. De costas para a estrada, para que não pudessem olhar para as pessoas, faziam suas práticas espirituais. Deve-se visitar os ‘Doze Bosques’.

“Entre em samadhi à vista a imagem de Bankuvihari. Nesse estado quis tocá-la. Não quis visitar Govindaji pela segunda vez. Em Mathura sonhei com Krishna como menino pastor. Hriday e Mathur Babu também tiveram o mesmo sonho.

(A Surendra): “Você tem ambas – yoga e bhoga. Há diferentes tipos de sábios: o brahmarshi, o devarshi e o rajarshi. Shukadeva é o exemplo de brahmarshi. Não tinha qualquer livro. Um exemplo de devarshi é Narada. Janaka foi um rajarshi dedicado ao trabalho desinteressado.

“O devoto da Mãe Divina atinge dharma e moksha, e também, artha e kama. Um dia tive a visão de você como filho da Divina Mãe. Você tem ambas – yoga e bhoga, senão seu rosto pareceria seco.

“Um homem que renuncia a tudo, parece seco. Uma vez vi um devoto da Mãe Divina no ghat de banho no Ganges. Comia e, ao mesmo tempo, adorava a Mãe. Considerava-se Seu filho.

“Mas não é bom ter muito dinheiro. Acho que Jadu Mallick está mergulhado no mundanismo. É porque possui muito dinheiro. Nabin Niyogi também tem tanto yoga, como bhoga. Eu o vi com o filho abanando o leque diante da Mãe Divina, durante a cerimônia do Durga Puja.”

Surendra: “Senhor, por que não posso meditar?”

Mestre: “Você se lembra de Deus e pensa n’Ele, não é?”

Surendra: “Sim, senhor. Pego no sono, repetindo a palavra ‘Mãe’.”

Mestre: “Isso é muito bom. É suficiente lembrar-se e pensar n’Ele.”

Sri Ramakrishna assumira todas os deveres de Surendra. Por que haveria ele de se preocupar?

---

<sup>5</sup> Lugar de banho no qual, segundo a tradição, Vasudeva, pai de Krishna, numa noite de tempestade, atravessou o rio com o recém-nascido.

Era noite. O Mestre estava sentado no chão de seu quarto com os devotos. Falava-lhes sobre yoga e os seis centros. Esses centros estão descritos no *Shiva Samhita*.

Mestre: “Ida, Pingala e Sushumna são os três nervos principais. Todos os lótuses estão localizados no Sushumna. São formados de Consciência como a árvore feita de cera – galhos, brotos, frutos e assim por diante, tudo de cera. A Kundalini está no lótus do Muladhara. Esse lótus tem quatorze pétalas. A Energia Primordial reside em todos os corpos como Kundalini. Ela é como uma cobra enrolada adormecida, tendo o Muladhara como morada. (a M.) “A Kundalini desperta-se rapidamente quando se trilha o caminho de bhakti. Deus não pode ser visto a não ser que Ela seja despertada. Cante sincera e secretamente, em solidão.

Desperta, Ó Mãe! Ó Kundalini cuja natureza é Bem-Aventura Eterna!  
Tu és a serpente enrolada, adormecida no lótus do Muladhara.

“Ramprasad atingiu a perfeição, cantando. Tem-se a visão de Deus cantando com desejo ardente.”

M.: “A mágoa e angústia desaparecerão se alguém tiver essas experiências, apenas uma vez.”

Mestre: “É verdade. A angústia desaparece para sempre. Vou dizer-lhe algo sobre yoga. Veja, a mãe passarinho não quebra casca enquanto o filhote, dentro do ovo, não estiver formado. O ovo é chocado no devido tempo. É necessário praticar-se alguma disciplina espiritual. O guru, sem dúvida, faz tudo para o discípulo, mas no final, faz o discípulo trabalhar um pouco. Ao derrubar uma árvore, um homem corta o tronco quase todo; fica de lado por um instante e a árvore cai com um estrondo.

“Um fazendeiro traz água do rio para seu campo através de um canal. Afasta-se quando falta somente um pouco de terra para ser cavada, para ligar o campo à água. A terra fica encharcada e cai por si mesma e a água do rio entra em torrente, no canal.

“Um homem pode ver Deus ao se libertar do ego, de outras limitações e sentimentos como ‘sou um erudito’, ‘sou filho de tal e tal pessoa’, ‘sou rico’, ‘sou respeitável’ e assim por diante.

Só Deus é real e tudo o mais irreal, o mundo é ilusório – isso é discriminação. Ninguém pode assimilar instrução espiritual sem discriminação.

“Pela prática de disciplina espiritual, atinge-se a perfeição, pela graça de Deus, mas deve-se trabalhar um pouco. Tem-se a visão de Deus e desfruta-se a felicidade. Se um homem ouve falar que há um pote cheio de ouro enterrado num determinado lugar, corre para lá e começa a cavar. À medida que cava, começa a suar. Depois de muito cavar, sente que a pá bateu em qualquer coisa. Em seguida joga a pá fora e procura o pote. Ao encontrá-lo, dança de alegria. Pega-o e retira as moedas de ouro. Toma-as na mão contando-as, e sente um êxtase de alegria. Visão – toque – desfrutar. Não é assim?”

M.: “Sim senhor.”

O Mestre ficou em silêncio por um momento e logo continuou.

Mestre: “Aqueles que são meus amigos íntimos continuarão a vir aqui, mesmo que eu brigue com eles. Veja a natureza de Narendra! No começo costumava caçoar muito de minha Mãe Kali. Um dia disse-lhe asperamente: ‘Maroto! Não venha mais aqui.’ Deixou o quarto lentamente e preparou o fumo. Aquele que é um amigo muito íntimo, não se zanga, mesmo se for repreendido. O que me diz?”

M.: “É verdade, senhor.”

Mestre: “Desde o dia do seu nascimento Narendra é perfeito. Seu ideal é o de Deus sem forma.”

M. (*sorrindo*): “Sempre que vem aqui traz consigo grande exaltação.”

Sri Ramakrishna sorriu e disse: “Sim, exaltação, realmente.”

O dia seguinte era terça-feira, dia do ekadashi da quinzena lunar. Eram onze horas da manhã e o Mestre ainda não comera. M., Rakhai e alguns devotos estavam sentados no aposento do Mestre.

Mestre (*a M.*): “Deve-se jejuar no décimo primeiro dia da quinzena lunar. Purifica a mente e ajuda a desenvolver amor a Deus. Não é?”

M.: “Sim, senhor.”

Mestre: “Mas você pode tomar leite com arroz empapado. O que acha?”



## CAPÍTULO XVIII

### M. EM DAKSHINESWAR (II)

26 de novembro de 1883

**S**HRI RAMAKRISHNA, acompanhado por Manilal Mallick, M., e vários devotos, estava numa carruagem a caminho da chácara nova de Ram, que ele recentemente havia comprado e ficava ao lado da de Surendra. Ram adorava o Mestre como uma Encarnação de Deus. Visitava com frequência Shri Ramakrishna em Dakshineswar. Manilal Mallick era membro do Brahma Samaj. Os Brahmos não crêem em Encarnações Divinas.

Mestre (*a Manilal*): “Para se meditar em Deus, deve-se em primeiro lugar pensar n’Ele livre dos upadhis, limitações. Deus está além dos upadhis. Está além da fala e da mente, mas é muito difícil atingir-se perfeição nessa forma de meditação.

“Mas é fácil meditar-se numa Encarnação de Deus nascido como homem. Sim, Deus no homem. O corpo é mero envoltório. É como uma lanterna com a luz queimando em seu interior ou como uma caixa de vidro na qual vemos coisas preciosas.”

Chegando à chácara, o Mestre desceu da carruagem e acompanhou Ram e outros devotos ao sagrado bosque de tulsi. Ao aproximar-se disse: “Que lindo! É um lugar encantador! Aqui pode-se facilmente meditar em Deus.”

Shri Ramakrishna entrou na casa que ficava na parte sul do lago e sentou-se. Ram ofereceu-lhe um prato de frutas e doces que ele saboreou com os devotos. Decorrido algum tempo saiu para dar uma volta pelo jardim.

Mais tarde Shri Ramakrishna dirigiu-se para o jardim de Surendra,. Caminhou a pé uma pequena distância e viu um sadhu sentado num divã debaixo de uma árvore. Dirigiu-se imediatamente ao santo e começou a conversar com ele.

Mestre: “A que ordem de monges o senhor pertence? Possui algum título – Giri, Puri ou outro qualquer?”

Sadhu: “As pessoas chamam-me paramahansa.”

Mestre: “É bom. ‘Sou Shiva’- é um boa atitude, mas devo-lhe dizer algo mais. O processo de criação, preservação e destruição que ocorre dia e noite é devido a Shakti, o Poder de Deus. Esse Poder Primordial e Brahman são um e o mesmo. Shakti não pode existir sem Brahman, assim como as ondas não podem existir sem água. Não pode haver música instrumental sem instrumento.

“Enquanto Deus nos mantém em Seu mundo relativo, sentimos que há dois. Ao aceitar-se a Shakti, aceita-se também Brahman. Ao estar consciente da noite, também se é consciente do dia. Se estamos conscientes de conhecimento, também o somos de ignorância.

“Mas há um outro estado em que Deus revela a Seus devotos, que Brahman está além tanto do conhecimento, quanto da ignorância. Isso não pode ser descrito em palavras. O que existe, existe.”

Depois de uma conversa agradável com o sadhu, o Mestre voltou para a carruagem. O santo caminhava a seu lado. Shri Ramakrishna considerava-o um amigo de muito tempo e caminharam juntos de braços dados.

O Mestre chegou à chácara de Surendra. A primeira coisa que falou foi do sadhu.

Mestre: “É um homem muito bom. (*A Ram*). Trague-o a Dakshineswar quando vier. É realmente um homem muito bom. Há uma canção que diz que um homem não pode reconhecer um homem santo, a não ser que ele próprio o seja.

“O sadhu crê em Deus sem forma. Isto é bom. Deus é tanto sem forma, como com forma. É ainda muitas outras coisas. O Absoluto e o Relativo pertencem a uma e mesma Realidade. Aquele que está além da fala e mente, encarna-Se assumindo várias formas e ocupa-Se de várias atividades. Desse único *Om*, surgiram *Om Shiva*, *Om Kali* e *Om Krishna*. Suponhamos que o dono de uma casa tenha mandado um menino da família convidar as pessoas para

uma festa. Todos olham o menino com muita afeição, porque ele é filho ou neto de um homem importante.”

O Mestre depois de comer uma refeição ligeira na chácara de Surendra, partiu para Dakshineswar com os devotos.

*Quinta-feira, 27 de dezembro de 1883*

Os templos estavam tomados pela suave música do serviço matutino, que se misturava com a melodia matinal do nahabat. Ao se levantar Shri Ramakrishna cantou os nomes de Deus. Inclinou-se ante as imagens das diferentes divindades, no seu quarto e dirigiu-se ao pórtico oeste para saudar o Ganges.

Alguns devotos que tinham passado a noite no templo vieram ao quarto do Mestre e inclinaram-se ante ele; Rakkhal já estava morando com o Mestre e Baburam havia chegado na noite anterior. Há duas semanas M. estavam vivendo ali.

Shri Ramakrishna disse a M.: “Fui convidado para ir à casa de Ishan esta manhã. Baburam me acompanhará e você, também.” M. preparou-se para sair com o Mestre.

Às oito horas a carruagem alugada para o Mestre, chegou e ficou esperando defronte ao nahabat. Em todas as partes, plantas e árvores estavam em flor e o rio brilhava com a luz do sol, nesse brilhante dia de inverno. O Mestre inclinou-se uma vez mais diante das imagens, ainda cantando o nome da Mãe Divina, entrou na carruagem com M. e Baburam. Os devotos levavam consigo o xale de lã, o gorro e a pequena bolsa contendo as especiarias de Shri Ramakrishna.

Durante a viagem Shri Ramakrishna estava muito feliz aproveitando-a como uma criança. Eram quase nove horas quando a carruagem parou defronte a porta de Ishan.

Ishan e seus familiares saudaram-no, conduzindo-o até a sala de visitas no primeiro andar. Shrish, filho de Ishan, foi apresentado a Shri Ramakrishna. O jovem exercia advocacia em Alipur. Havia sido um estudante brilhante, tendo alcançado o primeiro lugar em dois vestibulares. Era, porém, muito modesto.

Mestre (*a Shrish*): “Qual é a sua profissão?”

Shrish: “Estou praticando advocacia em Alipur.”

Mestre (*a M.*): “Um homem como ele, advogado!”

(*A Shrish*): “Bem, você tem alguma coisa a me dizer? Talvez queira saber como viver de forma desapegada no mundo. Não é isso?”

Shrish: “Sob a pressão da responsabilidade as pessoas fazem muitas coisas incorretas no mundo. Algumas dedicam-se a obras boas e outras, a más. Isto é devido às suas ações em encarnações anteriores? É por isso que agem assim?”

Mestre: “Por quanto tempo um homem tem que cumprir seus deveres? Enquanto não tenha alcançado Deus. Os deveres caem depois da realização de Deus. Então vai-se além do bem e do mal. A flor cai assim que o fruto aparece. A flor tem o propósito de gerar o fruto.

“Por quanto tempo deve um devoto fazer suas devoções diárias como sandhya? Enquanto o cabelo não ficar de pé e os olhos não derramarem lágrimas ao ouvir o nome de Deus. Esses sinais indicam que o devoto realizou Deus. Devido a eles, tomamos conhecimento de que ele conquistou puro amor por Deus. Ao realizar Deus, vai-se além de virtude e vício.

Inclino a cabeça, diz Prasad, ante o desejo e a liberação.

Conhecendo o segredo que Kali e una com o mais elevado Brahman.

Uma vez por todas, descartei igualmente, a retidão e a iniquidade.

“Quanto mais se avança em direção a Deus, menos deveres mundanos Ele lhe dará.”

Shrish: “É extremamente difícil prosseguir em direção a Deus, enquanto se leva a vida de um chefe de família.”

Mestre: “Por que assim? O que me diz da yoga da prática? Em Kamarpukur, vi as mulheres de famílias de carpinteiros vendendo arroz tostado. Vou dizer-lhes quão alertas elas ficam enquanto executam o trabalho. O braço da máquina de debulhar arroz cai com frequência no buraco do pilão. A mulher com uma das mãos remexe no buraco e com a outra, segura

o bebê no colo, enquanto o amamenta. Nesse meio tempo, chegam os fregueses. A máquina continua socando o arroz, enquanto ela faz negócio com os fregueses. Diz-lhe: ‘Pague-me os poucos centavos que o senhor me deve, antes de levar alguma coisa.’ Veja, ela tem todas essas coisas para fazer ao mesmo – amamentar o bebê, virar o arroz enquanto o pilão soca, tirar o arroz tostado do buraco e atender aos compradores. A isto dá-se o nome de yoga prática. Quinze partes da mente de dezesseis partes estão fixas no braço da máquina de debulhar arroz, senão ela teria a mão esmagada. Com uma parte da mente amamenta o bebê e conversa com os compradores. Assim também, aquele que leva a vida de chefe de família deveria destinar quinze partes da mente a Deus, senão ela terá de enfrentar desgraça e cairá nas garras da morte. Deveria fazer os deveres do mundo somente com uma parte da mente.

“Pode-se levar a vida de chefe de família depois de atingir o Conhecimento, mas primeiro tem que alcançá-Lo. Se o leite da mente for guardado na água do mundo, ambos se misturarão. Por conseguinte deve-se transformar o leite em coalho e extrair a manteiga, batendo-o em solidão. Então ele poderá conservar a manteiga do mundo. Logo verá que a disciplina espiritual é necessária. Quando a árvore ashwattha é apenas um brotinho deve ser cercada, senão o gado a comerá, mas a cerca pode ser retirada quando o tronco ficar grosso e forte. Nem mesmo o elefante amarrado a ela poderá arrancá-la.

“No começo, o aspirante deve ficar de vez em quando só. É necessária disciplina espiritual. Você quer comer arroz: suponhamos que fique sentado num lugar qualquer e diga: ‘A madeira contém fogo e o fogo cozinha o arroz.’ Pode o simples dizer, cozinhar arroz? Tem-se que pegar dois pedaços de madeira e atritá-los para fazer fogo.

“Ao comer siddhi fica-se intoxicado e sente-se feliz, mas suponhamos que não vai comer siddhi ou nada tenha feito, simplesmente senta-se num lugar qualquer e murmura: ‘Siddhi! Siddhi!’ Isto o intoxicará e o tornará feliz?

“Pode-se ler muitos livros, mas tudo é inútil se não houver amor por Deus, nem desejo de realizá-Lo. Um simples pundit, sem discriminação e renúncia, tem a atenção dirigida para ‘mulher e ouro’. O abutre voa alto, mas os olhos estão voltados para a carniça.

“Só através do Conhecimento, poderemos conhecer Deus. Tudo o mais é fútil. Bem, qual a sua opinião a respeito de Deus?”

Shrish: “Senhor, sinto que existe um Ser Onisciente. Tomamos Conhecimento d’Ele ao contemplar a Sua criação. Permita-me dar-lhe uma ilustração. Deus deu condições para que os peixes e outros animais aquáticos vivessem em regiões frias. À medida que a água se esfria, gradualmente se comprime, mas a coisa mais extraordinária é que, antes de formar gelo, a água fica leve e expande-se. No frio congelaste, os peixes podem facilmente viver na água de um lago: a superfície pode estar congelada, mas a água embaixo dela, está em estado líquido. Se soprar um vento muito forte ele é bloqueado pelo gelo e a água embaixo permanece em quente.”

Mestre: “O fato de que Deus existe pode ser constatado ao se contemplar o universo, mas uma coisa é ouvir falar de Deus, outra é ver Deus e uma outra ainda, é falar com Deus. Alguns ouviram falar de leite, alguns o viram e outros o provaram. Fica-se contente ao ver o leite; alimentado e fortalecido ao tomá-lo. Só se alcança paz mental quando se viu Deus. Gozará felicidade e ganhará força somente ao se falar com Ele.”

Shrish: “Não temos tempo de orar a Deus.”

Mestre (*com um sorriso*): “Isto é verdade. Nada acontece a não ser no seu devido tempo. Indo dormir, uma criança disse à sua mãe: ‘Mãe, por favor, acorde-me quando eu sentir a chamada da natureza.’ ‘Meu filho’, disse a mãe, ‘essa mesma necessidade o acordará. Não preciso acordá-lo.’

“O que cada um receberá está de antemão, decidido por Deus. A sogra costumava medir o arroz com um prato, para suas noras, mas a quantidade de arroz não era suficiente para elas. Um dia o prato quebrou, o que muito alegrou as moças. A sogra, porém, disse-lhes: ‘Meninas, podem gritar e dançar, mas posso medir o arroz com a palma da mão.’

(A *Shrish*): “Entregue tudo aos pés de Deus. O que mais você pode fazer? Dê-Lhe sua procuração. Deixe-O fazer o que Ele julgar melhor. Se tiver confiança num grande homem, ele nunca o prejudicará.

“Sem dúvida é necessário praticar disciplina espiritual, mas há dois tipos de aspirantes. A natureza de um é igual a de um macaco novo, mas a do outro, é a de um gatinho. Com muito esforço o macaquinho agarra-se à sua mãe. Assim também, há alguns aspirantes que pensam que a fim de realizar Deus, tem que repetir o Seu nome um certo número de vezes, meditar n’Ele por um certo período e praticar austeridade. Um aspirante deste tipo empenha-se em segurar Deus, mas o gatinho sozinho não pode agarrar-se à sua mãe. Fica no chão e grita, ‘Miau! Miau!’ A gata às vezes coloca-o na cama, às vezes no terraço, atrás de um monte de madeira. Carrega-o na boca, para lá e para cá. O gatinho não sabe como agarrar-se à sua mãe. Assim também há alguns aspirantes que não podem praticar disciplina espiritual calculando sobre japa ou período de meditação. Tudo o que fazem é chorar a Deus com os corações anelantes. Deus ouve sua súplica e não pode manter-Se alheio. Revela-Se a eles.”

Ao meio-dia o dono da casa quis servir o almoço a Shri Ramakrishna e aos devotos. Sorridente, Shri Ramakrishna andava pelo quarto. De vez em quando trocava algumas palavras com o músico.

Músico: “É somente Deus que é ao mesmo tempo o ‘instrumento’ e a ‘causa’. Duryodhna disse a Krishna: ‘Ó Senhor, Tu estás sentado no meu coração. Ajo como Tu me fazes agir’.”

Mestre (*com um sorriso*): “Sim, é verdade. Somente Deus é quem age por nosso intermédio. Ele é Aquele que faz, sem dúvida e o homem, Seu instrumento, mas também é verdade, que uma ação não pode deixar de produzir seu resultado. Seu estômago certamente queimará se você comer pimenta. Foi Deus quem fez com que a pimenta queimasse o estômago. Quando se comete um pecado, deve-se colher o fruto, mas quem atingiu a perfeição, realizou Deus, não pode cometer qualquer pecado. Um exímio cantor não pode entoar uma nota falsa. Um homem de voz treinada canta as notas corretamente: sa, re, ga, ma, pa, dha, ni:”

A comida estava pronta. O Mestre e os devotos dirigiram-se ao interior da casa onde lhe foi oferecida uma festa suntuosa.

Aproximadamente às três horas da tarde, o Mestre novamente estava sentado na sala de visitas de Ishan com M. e Shrish. Continuou a conversa com Shrish.

Mestre: “Qual é sua atitude para com Deus? ‘Eu sou Ele’ ou ‘Amo e servo’? Para um chefe de família é muito bom olhar Deus como o Senhor. O chefe de família está consciente de que é ele mesmo quem faz as obrigações. Na vida sob tais condições como ele pode dizer, ‘Eu sou Ele?’ Para aquele que diz, ‘Eu sou Ele’ o mundo apresenta-se como um sonho. A mente, o corpo e até o ego são sonhos para ele. Por conseguinte não pode cumprir as obrigações mundanas. Assim é muito bom para um chefe de família considerar-se um servo e Deus, seu Amo.

“Hanuman tinha a atitude de um servo. Dizia a Rama: ‘Ó Rama, às vezes medito em Ti, como o todo e eu, como uma parte. Às vezes sinto que Tu és o Amo e eu, o Servo, mas quando tenho o Conhecimento da Realidade, vejo que eu sou Tu, e Tu és eu.

“No estado de Conhecimento Perfeito, pode-se sentir: ‘Eu sou Ele’, mas isto está além da experiência do homem comum.”

Shrish: “É verdade, senhor. A atitude de um servo alivia um homem de todas as suas preocupações. O servo depende inteiramente de seu amo. O cachorro é dedicado a seu dono. Depende dele e fica em paz.”

Mestre: “Bem, de quem você gosta? – Deus com forma ou a Realidade sem forma? Mas para lhe falar a verdade, Aquele que é sem forma é, também, dotado de formas. Para Seus bhaktas, Ele Se revela com forma. É como um grande oceano, uma extensão infinita de água, sem qualquer praia. Aqui e ali uma parte da água congelou. O frio intenso transformou-a em gelo. Assim, sob a influência fria, por assim dizer, do amor do bhakta, o Infinito parece ter tomado forma. Também o gelo derrete-se quando o sol surge e então, transforma-se em água, como antes. Da mesma forma aquele que segue o caminho do conhecimento – o caminho da discriminação – não vê mais a forma de Deus. Para ele tudo é sem forma. O gelo derrete-se na água, com o surgir do Sol do Conhecimento, mas guarde isso: forma e sem forma pertencem a uma e mesma Realidade.”

Ao entardecer o Mestre estava pronto para regressar a Dakshineswar. Parado no pórtico sul da sala de visitas, conversava com Ishan. Alguém havia observado que cantar o nome de

Deus, nem sempre produz resultados. Ishan disse: “Como pode o senhor dizer isto? As sementes de uma árvore ashwattha são, sem dúvida, pequeninas, mas nelas está o embrião de grandes árvores. Pode levar muito tempo até que cresçam.”

“Sim, sim”, disse o Mestre, “Leva muito tempo para se ver o efeito.”

Ao lado da casa de Ishan estava a de seu sogro. Sri Ramakrishna estava na porta dessa casa, pronto para entrar na carruagem. Ishan e seus amigos estavam ali para se despedirem dele. Shri Ramakrishna disse a Ishan: “Você está vivendo no mundo como um bagre vive na lama. Vive aí, mas o corpo não fica sujo.

“Há tanto vidya como avidya no mundo de maya. Quem pode ser chamado paramahansa? Aquele que, como um cisne, pode tomar leite de uma mistura de leite e água, deixando a água de lado. Aquele que, como uma formiga, pode tirar o açúcar de uma mistura de açúcar e areia, deixando a areia de lado.”

Era o entardecer. A caminho para Dakshineswar, o Mestre parou na casa de Ram. Foi conduzido à sala de visitas, onde conversou com Narendra Goswami. Narendra pertencia a uma seita vaishnava e era vizinho de Ram. Shri Ramakrishna gostava muito dele.

Mestre: “Os adoradores de Vishnu e de Shakti atingirão, no final, o mesmo objetivo; os meios podem ser diferentes. Os verdadeiros vaishnavas não criticam os shaktas.”

Goswami (*sorrindo*): “Shiva e Parvati são nosso Pai e Mãe.”

Shri Ramakrishna tirando do seu vocabulário de doze palavras inglesas, disse docemente: “Thank you!” Logo acrescentou: “Sim, Pai e Mãe!”

Goswami: “Além disso, é um pecado criticar as pessoas, sobretudo os devotos de Deus. Todos os pecados podem ser perdoados, menos o pecado de criticar os devotos.”

Mestre: “Mas essa idéia de pecado não afeta a todos, de forma alguma. Os Ishvarakotis, como as Encarnações Divinas, estão acima de pecado. Shri Chaitanya é um exemplo.

“Uma criança pode escorregar e cair numa vala, se andar numa beirada estreita e estiver segurando a mão do pai, mas isso não acontecerá se o pai a segurar pela mão.

“Escute, eu orava à Mãe Divina por puro amor. Dizia-Lhe: ‘Aqui está Tua retidão, aqui está Tua falta de retidão. Toma-as e dá-me puro amor por Ti. Aqui está Tua pureza, aqui está Tua impureza. Toma-as ambas e dá-me puro amor por Ti. Ó Mãe, aqui está Tua virtude, aqui está Teu vício. Toma-os ambos e dá-me puro amor por Ti’.”

Goswami: Sim, senhor. Está certo.”

Mestre: “Você sem dúvida nenhuma, deve inclinar-se ante todos os pontos de vista, mas há uma coisa chamada devoção firme a um ideal. Verdadeiramente deve-se saudar a todos, mas deve-se amar um ideal com toda sua alma. Isto é devoção firme.

“Hanuman não podia encontrar felicidade em nenhuma outra forma que não fosse a de Rama. As gopis tinham tal amor, a mente toda dirigida ao pastor Krishna de Vrindavan, que não se importavam com o Krishna de turbante de Dwaraka.

“Uma esposa pode servir aos irmãos do marido, apanhando água, ou de outras maneiras, mas não pode servi-los da mesma forma como faz com o marido. Com ele mantém um relacionamento especial.”

Ram ofereceu doces ao Mestre. Shri Ramakrishna estava pronto para partir para Dakshineswar. Vestiu o xale de lã e o gorro, e entrou na carruagem com M. e outros devotos. Ram e seus amigos saudaram o Mestre.

*Sábado, 29 de dezembro de 1883*

Era dia de lua nova, auspiciosa para o culto da Mãe Divina. A uma hora da tarde, Shri Ramakrishna foi de carruagem, visitar o templo de Kali, em Kalighat. Tinha intenção de, a caminho, ir à casa de Adhar, visto que Adhar deveria acompanhá-lo até o templo. Enquanto a carruagem esperava perto do pórtico do aposento do Mestre, M. foi ao Mestre e disse, “Senhor, posso ir também?”

Mestre: “Por que?”

M.: “Gostaria de visitar minha casa em Calcutá.”

Shri Ramakrishna refletiu um momento e disse, “Você tem que ir para casa? Por que? Está muito bem aqui.”

M. queria ver sua família por algumas horas, mas evidentemente o Mestre não aprovou.

*Domingo, 30 de dezembro de 1883*

Às três horas da tarde, enquanto M. andava de um lado para o outro perto de uma árvore, um devoto chegou e disse-lhe que o Mestre o chamava. M. foi até o aposento de Shri Ramakrishna onde encontrou muitos devotos. Saudou o Mestre.

Ram, Kedar e outros haviam chegado de Calcutá. Ram trouxera consigo o monge vedantista que o Mestre havia visitado perto do seu jardim, alguns dias antes. Naquela ocasião Shri Ramakrishna havia lhe pedido para trazer o sadhu a Dakshineswar.

O monge sentou-se no divã pequeno com o Mestre.

Conversavam animada mente em industani.

Mestre: “O que o senhor pensa de tudo isso?”

Monge: “É como um sonho.”

Mestre: “Só Brahman é real e o mundo, ilusório. Bem, senhor, o que é Brahman?”

Monge: “Brahman é o Som. É o Om.”

Mestre: “Mas deve haver algo indicado pelo som. Não é assim?”

Monge: “Esse mesmo é a coisa indicada bem como o indicador.”

A estas palavras Shri Ramakrishna entrou em samadhi e permaneceu imóvel. O monge e os devotos olhavam-no com admiração. Kedar disse ao monge: ‘Olhe para ele, senhor. Isso é samadhi.’

O monge já havia lido a respeito de samadhi, mas jamais havia visto antes. Depois de alguns minutos o Mestre começou gradualmente a descer ao plano normal de consciência. Disse à Mãe Divina: “Mãe, quero ser normal. Por favor, não me torne inconsciente. Gostaria de falar com o sadhu sobre Satchidananda. Mãe, quero ficar feliz falando de Satchidananda.”

O monge estava fascinado com o estado do Mestre e com suas palavras. Shri Ramakrishna disse-lhe: “Por favor, abandone o seu ‘Eu sou Ele’. Conservamos o ‘eu’ e o ‘Tu’ para aproveitar a brincadeira.”

Um pouco mais tarde o Mestre passeava no Panchavati com Ram, Kedar, M. e outros devotos.

Mestre (*a Kedar, com um sorriso*): “O que você achou do sadhu?”

Kedar: “É tudo conhecimento árido. A panela acabou de ser colocada no fogo, mas ainda não há arroz nela.”

Mestre: “Isso pode ser verdade, mas ele renunciou a tudo. Aquele que renunciou ao mundo, já fez grande progresso. O sadhu está no estágio de iniciante. Nada pode ser alcançado sem a realização de Deus. Quando um homem está embriagado com amor de Deus, não encontra felicidade em nada mais. Então -

Acaricie minha preciosa Mãe Shyama  
Afetuosamente dentro de ti, Ó mente;  
Que só tu e eu A contemplemos  
Não permitindo a ninguém mais intrrometer-se.”

Kedar repetiu as palavras de uma canção conservando o sentimento do Mestre:

Como abrirei meu coração, Ó amiga?  
Estou proibida de falar.  
Estou prestes a morrer, por falar de uma alma irmã.  
Que compreenda meu infortúnio. ...

Shri Ramakrishna retornou ao seu quarto. Mais ou menos às quatro horas foi aberta a porta do templo de Kali e o Mestre dirigiu-se para lá, com o monge. M. acompanhou-os. Entrando no santuário o Mestre prosternou-se respeitosamente ante a imagem. O monge, de mãos postas, também inclinou a cabeça repetidamente ante Kali.

Mestre: “O que o senhor pensa de Kali?”

Monge: (*com devoção*): “Kali é suprema.”

Mestre: “Kali e Brahman são idênticos. Não é verdade?”

Monge: “Enquanto a mente estiver voltada para o mundo exterior, temos que aceitar Kali. Enquanto um homem vir o mundo exterior e discriminar entre o bem e o mal, tem que aceitar o bem e rejeitar o mal. Fique certo que todos os nomes e formas são ilusórias, mas enquanto a mente vir o mundo exterior, o aspirante deve renunciar à mulher. As idéias de bem e mal são aplicadas àquele que é ainda um estudante no caminho, senão, se desviará da trilha da retidão.”

Assim conversando, o Mestre e o monge voltaram do templo.

Mestre (*a M.*): “Você reparou que o sadhu inclinou-se ante Kali?”

M.: “Sim, senhor.”

*Segunda-feira, 31 de dezembro de 1883*

Às quatro horas da tarde, o Mestre estava sentado em seu quarto com M., Rakhali, Latu, Harish e outros devotos.

Dirigindo-se a M. e Balaram, o Mestre disse: “Haladhari seguiu o caminho do conhecimento. Dia e noite estudava os Upanishads, o *Adhyatma Ramayana* e outros livros semelhantes sobre Vedanta. Torcia o nariz ao ouvir falar das formas de Deus. Uma vez comi no prato de folha dos mendigos. A isto Haladhari disse-me: ‘Como o senhor vai poder casar seus filhos?’ Respondi: ‘Seu velhaco! Algum dia terei filhos? Que sua boca que repete palavras do *Gita* e da *Vedanta*, seja amaldiçoada!’ Imagine! Declarou que o mundo era ilusório e também, meditava no templo de Vishnu com o nariz torcido.”

À tardinha Balaram e outros devotos voltaram para Calcutá. O Mestre ficou no quarto, absorvida na contemplação da Mãe Divina. Logo depois ouviu-se a música suave do culto vespertino nos templos.

Um pouco mais tarde o Mestre começou a falar à Mãe com uma voz tão doce que tocou o coração de M., que estava sentado no chão. Depois de repetir “Hari Om! Hari Om! Om!”, o Mestre disse, “Mãe, não me tornes inconsciente com o Conhecimento de Brahman. Mãe, não quero Brahmajnana. Quero ser alegre. Quero brincar.” Novamente disse: “Mãe, não conheço a Vedanta e Mãe, nem tenho interesse em conhecer. Os Vedas e a Vedanta ficam bem abaixo quando Tu és realizada, Ó Mãe Divina!” Disse então: “Ó Krishna! Eu Te direi, ‘Come, meu Filho! Toma isto, meu Filho!’” Então ele disse: “Ó Krishna, eu Te direi ‘Come, meu Filho! Tome isto, meu Filho!’ Ó Krishna, eu Te direi: ‘Meu filho, Tu assumiste este corpo para meu bem.’”

*Quarta-feira, 2 de janeiro de 1884*

Rakhali, Latu, Harish, Ramlal e M. estavam morando com Shri Ramakrishna no templo. Mais ou menos às três horas da tarde, M. encontrou o Mestre no pátio oeste de seu quarto, conversando com um devoto tântrico. O tântrico usava roupa ocre. Shri Ramakrishna pediu a M. para sentar-se a seu lado. Talvez o Mestre tivesse a intenção de instruí-lo enquanto conversava com o devoto tântrico. Mahima Chakravarty o havia enviado ao Mestre.

Mestre (*ao tântrico*): “Faz parte da disciplina tântrica beber vinho numa caveira humana. Esse vinho chama-se ‘karana’. Não é?”

Tântrico: “Sim, senhor.”

Mestre: “Mas não posso tocar vinho de forma alguma.”

Tântrico: “O senhor tem Felicidade Divina espontânea. Aquele que goza essa Felicidade, nada mais deseja.”

Mestre: “Não me importo com japa e austeridade, mas tenho constante lembrança e consciência de Deus.

“Diga-me, quando falam dos seis centros, o que querem dizer?”

Tântrico: “São como diferentes lugares sagrados. Em cada um dos centros moram Shiva e Shakti. Não podemos vê-los com os olhos físicos. Não se pode tirá-los cortando o corpo.”

M. escutava silenciosamente a conversa. Olhando para ele, o Mestre perguntou ao devoto tântrico: “Pode um homem alcançar perfeição sem a ajuda de um vija mantra, uma palavra sagrada do guru?”

Tântrico: “Sim, se tiver fé – fé nas palavras do guru.”

O Mestre virou-se para M. e disse, chamando sua atenção: “Fé!”

Após a saída do devoto tântrico, Jayagopal Sen, membro do Brahma Samaj, chegou. O Mestre conversou com ele.

Mestre (*a Jayagopal*): “Não se deve ter má vontade com ninguém. Os que crêem em Deus sem forma e os que adoram Deus com forma estão todos, sem exceção, caminhando em direção a Deus. O jnani, o Yogi, os bhaktas, todos sem exceção, O estão buscando. O seguidor do caminho do Conhecimento chama-O ‘Brahman’. O yogi chama-O ‘Atman’ ou ‘Paramatman’. O bhakta chama-O ‘Bhagavan’. Além disso, diz-se que há um Senhor Eterno e Seu Eterno Servo.”

Jayagopal: “Como podemos saber se todos os caminhos são verdadeiros?”

Mestre: “Podemos atingir Deus se trilharmos um caminho corretamente. Aí então podemos, então, conhecer todos os outros. É como chegar ao terraço de um modo ou de outro. Podemos então, descer pela escada de madeira ou de pedra, com uma vara de bambu ou mesmo, por uma corda.

“Um devoto pode conhecer tudo quando a graça de Deus descer sobre ele. Se O realizar será capaz de conhecer tudo sobre Ele. Tem-se que encontrar, de uma maneira ou outra, o dono da casa e relacionar-se com ele; desta forma ele mesmo lhe dirá quantas casas e títulos públicos possui.”

Jayagopal: “Como se recebe a graça de Deus?”

Mestre: “Tem-se que cantar frequentemente o nome e as glórias de Deus e abandonar os pensamentos mundanos tanto quanto se puder. Com maior esforço pode-se tentar trazer água pura para sua plantação, mas ela não pode esvair-se toda através dos buracos nas beiradas. Então todos seus esforços para trazer água, cavando um canal, serão inúteis.

“Você se sentirá inquieto por Deus quando o coração se tornar puro e a mente livre das coisas do mundo. Só então sua oração chegará a Deus. Um fio do telégrafo não pode levar mensagem se estiver partido num ponto ou com qualquer outro defeito.

“Eu costumava chamar por Deus totalmente sozinho, com o coração anelante. Chorava: ‘Ó Deus, onde estás?’ Chorando assim, perdia completamente a consciência do mundo. Minha mente submergia no Mahavayu.

“Como se pode alcançar yoga? Renunciando totalmente ao apego das coisas mundanas. A mente tem que estar pura e sem qualquer mácula, como o fio do telégrafo que não tem defeitos.

“Não se deve alimentar desejo algum. A devoção de uma pessoa que tem qualquer desejo é egoísta, mas devoção sem apego é amor pelo amor. Você pode me amar ou não, mas eu o amo; isso é amor pelo amor.

“O que se tem a fazer é amar a Deus. Através de intenso amor obtém-se sua visão. A atração do marido pela esposa, a atração do filho por sua mãe, a atração de um homem mundano para os objetos do mundo – quando se puder reunir essas três numa só, e direcioná-la para Deus, obtém-se a visão de Deus.”

Jayagopal era um homem do mundo. Seria por isso que o Mestre estava dando esses conselhos?

Às oito horas daquela noite, o Mestre estava sentado em seu quarto com Rakhil e M. Era o vigésimo primeiro dia da estada de M. com Shri Ramakrishna. O Mestre o havia proibido de se entregar ao raciocínio.

Mestre (*a Rakhil*): “Não é bom raciocinar demais. Primeiro deve vir Deus, depois o mundo. Realize primeiro Deus – logo conhecerá tudo a respeito de Seu mundo. (*A M. e Rakhil*) Se alguém é apresentado a Jadu Mallick, então poderá ficar conhecendo tudo a seu respeito – o número de propriedades, jardins, títulos públicos e assim por diante. Por esta razão o

rishi Narada aconselhou Valmiki<sup>1</sup> a repetir a palavra ‘mara’. ‘Ma’ quer dizer Deus e ‘ra’, mundo. Primeiro vem Deus e em seguida, o mundo. Krishnakishore dizia que a palavra ‘mara’ é um mantra sagrado porque foi dado a Valmiki pelo rishi.

“Por conseguinte, como Valmiki, deve-se em primeiro lugar, renunciar a tudo e chorar com o coração anelante por Deus. A primeira coisa necessária é a visão de Deus, em seguida, o raciocínio sobre as escrituras e o mundo.

(A M.): É por isso que venho lhe dizendo para não raciocinar mais. Vim do pinhal para lhe dizer isso. Devido ao excessivo raciocínio, sua vida espiritual ficará prejudicada; Por fim, você ficará como Hazra. Eu costumava vagar, à noite, pelas ruas, sozinho, chorando à Mãe Divina. ‘Ó Mãe! Destrói com Teu raio meu desejo de raciocinar!’ Prometa-me que não vai mais raciocinar”.

M.: “Sim, senhor. Não vou mais.”

Mestre: “Tudo pode ser conseguido somente com bhakti. Aqueles que desejam o Conhecimento de Brahman certamente O alcançarão seguindo o caminho de bhakti.

“Pode um homem abençoado pela graça de Deus não ter Conhecimento? Em Kamar-pukur vi um negociante de grãos pesando arroz. Assim que uma grande quantidade era pesada, outra era empurrada para ser pesada. A Mãe provê os devotos com uma ‘pilha’ de Conhecimento.

“Depois de ter alcançado Deus, olha-se um pundit como uma simples palha e poeira. Padmalochan disse-me: ‘Que mal há se eu o acompanhar a uma reunião na casa de um pescador?’<sup>2</sup> Com o senhor posso até comer na casa de um pária.’

“Tudo pode ser realizado simplesmente por amor a Deus. Se uma pessoa é capaz de amar a Deus, nada lhe faltará. Kartika e Ganesha<sup>3</sup> estavam sentados perto de Bhagavati, que usava um colar de pedras preciosas. A Mãe Divina disse-lhes: ‘Darei esse colar de presente ao primeiro que fizer a volta ao universo.’ Sem perder um só minuto, Kartika saiu montado num pavão. Ganesha, por sua vez, tranqüilamente deu a volta em torno da Mãe Divina e proster-nou-se ante Ela. Sabia que Ela continha em Si mesma o universo inteiro. A Mãe Divina ficou feliz com ele e colocou o colar em seu pescoço. Depois de muito tempo Kartika regressou e encontrou o irmão com o colar.

“Chorando, eu costumava orar à Mãe: ‘Ó Mãe, revela-me o que está contido nos Vedas e na Vedanta. Revela-me o que há nos Puranas e Tantras.’ Um por um Ela me revelou todos.

“Sim, Ela me ensinou tudo. Ó quantas coisas Ela me mostrou! Um dia Ela me mostrou Shiva e Shakti em todos os lugares. Em toda a parte via a comunhão de Shiva e Shakti, existindo em todas as coisas vivas; homens, animais, árvores, plantas. Vi-os na comunhão com todos os elementos masculinos e femininos.

“Outro dia foram mostradas pilhas de cabeças humanas tão altas como uma montanha. Nada mais existia e eu estava sozinho no meio delas.

“Ainda outro dia Ela mostrou-me um oceano. Tomando a forma de uma boneca de sal, fui medir sua profundidade. Enquanto fazia isto, pela graça do guru, transformei-me numa pedra. Vi então, um navio e logo entrei nele.” O timoneiro era o guru. Espero que você ore todos os dias a Satchidananda, que é o Guru. Você reza?”

M.: “Sim, senhor.”

Mestre: “Naquele barco o timoneiro era o guru. Vi que ‘eu’ e ‘você’ éramos duas coisas diferentes. Novamente saltei no oceano e fui transformado em peixe. Encontrei-me nadando, muito feliz, no Oceano de Satchidananda.

<sup>1</sup> Autor do *Ramayana*: Dizem que este sábio havia sido um salteador. Ao conhecer Narada, ficou ansioso para levar vida espiritual. Narada pediu-lhe para cantar o nome de Rama, como disciplina espiritual, mas devido à tendência pecadora de sua mente, Valmiki não podia repetir a palavra sagrada. Foi, então, aconselhado a repetir a palavra “mara”, reverso de “Rama”. Devido ao seu desejo ardente e sinceridade, o coração do ladrão ficou purificado e foi-lhe possível repetir o nome de Rama. Como resultado, alcançou a perfeição.

<sup>2</sup> Referência a Mathur Babu, que pertencia à casta de pescador. O brahmin ortodoxo recusa-se a entrar na casa de um pescador, que pertence a uma casta considerada inferior.

<sup>3</sup> Dois filhos de Bhagavati, a Mãe Divina.

“Tudo isto é um mistério profundo. O que você pode compreender pelo raciocínio? Compreenderá tudo quando o Próprio Deus lhe ensinar. Então não lhe faltará qualquer conhecimento.”

*Sexta-feira, 4 de janeiro de 1884*

Shri Ramakrishna estava sentado em seu quarto. M. ainda estava com o Mestre, dedicando o tempo à prática de disciplina espiritual. Passava grande parte do dia em oração e meditação, sob a árvore bel, onde o Mestre havia praticado grande austeridade e tivera muitas visões maravilhosas de Deus.

Mestre (a M.): “Não raciocine mais. No final, raciocinar só prejudica o aspirante. Deve-se tomar uma atitude particular em relação a Deus, enquanto estiver orando a Ele – a atitude de amigo ou servo, ou filhos ou herói.”

“Eu assumo a atitude de um filho. Para mim toda mulher é minha mãe. A divina Maya, vendo essa atitude num aspirante, sai de seu caminho, envergonhada.

“A atitude de ‘herói’ é extremamente difícil. Os shaktas e os bauls entre os vaishnavas seguem-na, mas é muito difícil manter-se na vida espiritual nessa atitude. Pode-se, também, assumir todas as atitudes em relação a Deus – a atitude na qual o devoto serenamente contempla Deus como Criador, a atitude de serviço para com Ele, a de amizade, a de afeição maternal ou a de amor conjugal. A relação conjugal, a atitude da mulher para com seu marido ou amante, contém em si todas as outras formas – serenidade, amizade e afeição maternal. (A M.): Qual delas atrai sua mente?”

M.: “Gosto de todas.”

Mestre: “Quando se atinge a perfeição, fica-se contente com todos esses tipos de relacionamento. Nesse estado o devoto não tem o menor traço de luxúria. Os livros sagrados dos vaishnavas falam de Chandidas e a lavadeira. Seu amor era totalmente desprovido de luxúria.

“Naquele estado um devoto olha-se como mulher. Não se olha como homem. Sanatana Goswami recusou-se a ver Mirabai porque era uma mulher. Mira informou-o que, em Vrindavan, o único homem era Krishna e todos os outros, Suas servas. ‘Era correto da parte de Sanatana, considerar-se homem?’ perguntou Mira.”

Ao entardecer M. estava sentado aos pés do Mestre. Shri Ramakrishna foi informado de que o estado de Keshab havia piorado. Falava sobre Keshab e incidentemente sobre o Brahma Samaj.

Mestre (a M.): “Eles somente dão palestras no Brahma Samaj? Ou também meditam? Entendo que chamam seu serviço no templo de ‘upasana’.

“Uma vez Keshab pensou muito a respeito do cristianismo e dos pontos de vista cristãos. Naquela época e anteriormente, havia pertencido à organização de Devendranath Tagore.”

M.: “Se Keshab tivesse vindo aqui desde o início, não teria estado tão preocupado com reforma social. Não teria estado tão ocupado com abolição de sistema de castas, casamento de viúvas, casamento entre castas diferentes, educação das mulheres e outras atividades sociais.”

Mestre: “Atualmente Keshab acredita em Kali como Encarnação do Espírito e Consciência, a Energia Primordial. Além disso, repete o sagrado nome da Mãe e canta Suas glórias.

“Você pensa que o Brahma Samaj se desenvolverá no futuro numa espécie de organização de reforma social?”

M.: “O solo deste país é diferente. Somente o que é puro sobrevive aqui.”

Mestre: “Sim, assim é. Somente o Sanatana Dharma, a Religião Eterna, postulada pelos rishis, permanecerá, mas também permanecerão algumas seitas como o Brahma Samaj. Tudo aparece e desaparece pela vontade de Deus.”

No começo da tarde, vários devotos de Calcutá visitaram o Mestre e cantaram muitos hinos. Um deles continha a seguinte idéia: “Ó Mãe, Tu me atraíste com brinquedos vermelhos. Tu certamente correrás para nós, quando os atirmos fora e gritarmos por Ti até ficarmos roucos.”

Mestre (a M.): “Como eles cantaram bem a respeito dos brinquedos vermelhos.”

M.: Sim, senhor. Uma vez o senhor falou com Keshab sobre os brinquedos vermelhos.”

Mestre: “Sim. Falei-lhes também sobre o Chidakasha, a Consciência Interna e sobre muitas outras coisas. Ó como estávamos felizes! Costumávamos cantar e dançar juntos.”

*Sábado, 5 de janeiro de 1884*

Era o vigésimo terceiro dia da estada de M. com Shri Ramakrishna. M. havia acabado sua refeição a uma hora da tarde e descansava no nahabat, quando subitamente ouviu chamar seu nome, três ou quatro vezes. Saindo, viu Sri Ramakrishna chamando-o da varanda norte de seu quarto.

M. saudou o Mestre e conversaram na varanda.

Mestre: “Quero saber como você medita. Quando eu meditava sob a árvore bel, costumava ter várias visões com muita clareza. Uma vez vi na minha frente, dinheiro, um xale, uma bandeja de ‘sandesh’ e duas mulheres. Perguntei à minha mente: ‘Mente, você quer alguma coisa dessas?’ Vi que ‘sandesh’ era simples lixo. Uma das mulheres tinha um grande anel em seu nariz. Podia ver tanto o interior como o exterior delas – entranhas, sujeira, ossos, carne e sangue. A mente não queria nada disso – dinheiro, xale, doces ou mulheres. Permaneceu fixa nos Pés de Lótus de Deus.

“Uma pequena balança tem dois ponteiros: o de cima e o de baixo. A mente é o de baixo. Sempre tive medo que a mente saísse do ponteiro de cima – Deus. Sentado, eu sempre via um homem perto de mim com um tridente na mão. Ele ameaçava me espetar com o tridente se o ponteiro de baixo se afastasse do de cima.

“Mas nenhum progresso espiritual é possível sem a renúncia de ‘mulher e ouro’. Renunciei a estes três: terra, esposa e riqueza. Um dia fui ao Registro de Imóveis registrar uma terra, cujo título estava em nome de Raghuvir. O funcionário pediu-me para assinar meu nome, mas não pude sentir que era ‘minha’ terra. Demonstraram muito respeito por mim, como guru de Keshab Sen. Presentearam-me com mangas, mas eu não levá-las para casa. Um sannyasi não pode acumular coisas.

“Como se pode esperar que alguém alcance Deus sem renúncia? Suponhamos que uma coisa é colocada sobre a outra, como se pode retirar a segunda, sem remover a primeira?”

“Deve-se orar a Deus sem qualquer desejo egoísta, mas a adoração egoísta praticada com perseverança, transforma-se gradualmente em desinteressada. Dhruva praticou tapasya para obter seu reino, mas, por fim, realizou Deus. Dizia: ‘Por que uma pessoa deve recusar o ouro se ela o obtiver ao procurar contas de vidro?’”

“Deus pode ser realizado quando uma pessoa conquistar sattva. Os chefes de família empenham-se em trabalho filantrópico, como caridade, principalmente por interesse. Isso não é bom, mas as ações desinteressadas são boas, porém, é muito difícil abandonar os motivos das ações.

“Quando vir Deus, você vai orar a Ele: ‘Ó Deus, concede que eu possa cavar reservatório, construir estradas e fundar hospitais e dispensários?’ Depois da realização de Deus todos esses desejos são deixados para trás.

“Então não se deve praticar atos de compaixão como caridade com os pobres? Não proíbo isso. Se um homem tem dinheiro, deve dá-lo para aliviar as tribulações e sofrimentos que chegam ao seu conhecimento. Quando isto acontece, o sábio diz: ‘Dê qualquer coisa aos pobres’, mas internamente sente: ‘O que posso fazer? Só Deus é O que faz. Não sou nada.’

“As grandes almas, profundamente tocadas pelos sofrimentos dos homens, mostram-lhes o caminho para Deus. Sankaracharya manteve o ‘ego do Conhecimento’ para ensinar a humanidade. A dádiva do conhecimento e da devoção é superior à dádiva do alimento. Assim, Chaitanyadeva, distribui bhakti a todos, inclusive aos párias. Felicidade e sofrimento são características inevitáveis do corpo. Você veio para comer mangas. Satisfaça aquele desejo. A única coisa necessária é jnana e bhakti. Só Deus é Sustância; tudo o mais é ilusório.

“É somente Deus quem faz tudo. Você pode dizer que neste caso o homem pode cometer pecado, mas isso não é verdade. Se um homem estiver convencido de que Deus é O que faz, e que ele mesmo não é nada, então jamais dará um passo em falso.

“Foi Deus somente quem plantou na mente humana aquilo que o ‘inglês’<sup>4</sup> chama de livre arbítrio. As pessoas que não realizaram Deus ficariam cada vez mais empenhados em ações pecaminosas, se Deus não tivesse plantado nelas o livre arbítrio. A incidência de pecado teria aumentado se Deus não tivesse feito o pecador sentir que somente ele era responsável pelo seu pecado.

“Aqueles que realizaram Deus estão conscientes de que o livre arbítrio é meramente aparente. Na realidade o homem é a máquina e Deus Seu operador, o homem é o carro e Deus, o Condutor.”

Eram aproximadamente quatro horas. Rakhal e muitos outros devotos estavam assistindo um kirtan conduzido por M. na cabana do Panchavati. Rakhal entrou em estado espiritual enquanto ouvia a canção religiosa. Depois de um certo tempo, o Mestre entrou no Panchavati, acompanhado de Baburam e Harish. Foi seguido por outros devotos.

Rakhal (*referindo-se a M.*): “Que bem ele [referindo-se a M.] cantou o kirtan para nós. Fez-nos muito felizes.”

O Mestre cantou em êxtase:

Ó amigas, como é grande o meu alívio  
Ouvi-las cantar o nome de Krishna! ...

Disse aos devotos: “Cantem sempre canções religiosas.” Continuando disse: “Amar a Deus e viver na companhia dos devotos é tudo. O que mais há?” Disse novamente: “Quando Krishna foi para Mathura, Yashoda foi ter com Radha que estava meditando. Depois, Radha disse a Yashoda: ‘Sou a Energia Primordial. Peça-Me uma graça. ‘Que outra graça Lhe pediria?’ disse Yashoda. ‘Apenas me abençoe para que eu possa servir a Deus com meu corpo, mente e língua, para que eu possa contemplar Seus devotos com estes olhos, para que eu possa meditar n’Ele com esta mente e que eu possa cantar Seu nome e glórias com esta língua.’

“Mas aqueles que estão firmemente estabelecidos em Deus, podem passar sem os devotos. Isto é verdadeiro para os que sentem a presença de Deus tanto no interior como no exterior. Às vezes não desfrutam a companhia dos devotos. Você não vai cair uma parede revestida de madreperla – a qual não pegará.”

Pouco tempo depois o Mestre regressou do Panchavati, conversando com M.

Mestre: “Você tem a voz de mulher. Pode ensinar uma canção como esta? -

“Diga-me, amiga, quão longe está o bosque  
Onde mora Krishna, meu Bem-Amado?”

(*A M. apontando para Baburam*): “Veja, minha própria gente tornou-se estranha. Ramlal e meus outros parentes parecem forasteiros. Os meus familiares se transformaram em familiares. Já reparou como falo com Baburam para lavar o rosto. Os devotos transformaram-se em parentes.

(*Olhando para o Panchavati*): “Costumava sentar ali. Ao longo do tempo fiquei louco. Aquela fase também passou. Kala, Shiva e Brahman. Aquele que se diverte com Kala é Kali, a Energia Primordial. Kala faz mover até o Imutável.”

Dizendo isso, o Mestre cantou:

Minha mente está tomada de admiração,  
Pensando no mistério da Mãe.  
Só o Seu nome remove  
O medo de Kala, a própria Morte;  
Sob Seus pés jaz Maha Kala.

<sup>4</sup> Sri Ramakrishna empregava esta palavra para designar os europeus em geral e também, as pessoas cujos hábitos eram profundamente influenciados pelas idéias dos ocidentais.

Em seguida disse a M.: “Hoje é sábado<sup>5</sup>. Vá ao templo de Kali.

Quando o Mestre chegou até a árvore bakul, falou novamente a M.: “Chidatma e Chishakti. O Purusha é o Chidatma e o Prakriti, Chitshakti. Shri Krishna é Chidatma e Sri Radha é o Chitshakti. Os devotos constituem as diversas formas de Chitshakti. Devem se considerar companheiros ou servos de Chishakti, Sri Radha. Este é o ponto.”

Depois do entardecer, Shri Ramakrishna foi ao templo de Kali e ficou feliz ao ver M. meditando.

O culto da tarde já havia terminado nos templos. O Mestre sentou-se no divã, absorvido em meditação sobre a Mãe Divina. M. sentou-se no chão. Não havia ninguém mais no aposento.

O Mestre estava em samadhi. Gradualmente começou a voltar ao plano normal. Sua mente estava tomada pela consciência da Mãe Divina. Naquele estado falava com Ela, como uma criança pequena importunando a mãe com vários pedidos. Com uma voz comovente, falou: “Mãe, por que Tu não me revelaste aquela Tua forma, que enfeitiça o mundo? Eu Te supliquei tanto por ela, mas Tu não me escutas. Tu ages como Te agrada.”

Aquelas palavras foram pronunciadas com uma voz tocante.

Continuou: “Mãe, uma pessoa necessita de fé. Fora com este raciocínio! Que seja amaldiçoado! Uma pessoa necessita de fé – fé nas palavra do guru, fé infantil. A mãe diz ao filho: ‘Um duende está ali’ e a criança fica firmemente convencida de que há um duende ali. Também a mãe diz à criança, ‘Há um bicho papão ali.’ e a criança acredita. A mãe também diz, apontando para um homem, ‘Ele é seu irmão mais velho’, e a criança acredita cento e vinte e cinco por cento que o homem é seu irmão. Uma pessoa necessita de fé. Mas por que haveria eu de censurá-los, Mãe? O que podem eles fazer? É necessário passar pelo raciocínio uma vez. Tu não vês o quanto lhe falei a respeito disso, no outro dia? Mas tudo veio a dar em nada.”

O Mestre chorava e orava à Mãe, com voz emocionada. Orou a Ela com os olhos cheios de lágrimas, pelo bem estar dos devotos: “Mãe, possam todos os que vêm a Ti ter todos os desejos satisfeitos! Mas por favor, não os faça desistir de tudo imediatamente, Mãe. Bem, Tu podes fazer o que desejas. Se queres mantê-los no mundo, Mãe, então, por favor, revela-Te a eles de vez em quando. Caso contrário, como viverão? Como podem ficar encorajados, se não te vêem pelo menos de vez em quando? Tu podes, afinal de contas, fazer tudo o que quiseses.”

O Mestre ainda estava em êxtase. Subitamente disse a M.: “Olhe, basta de raciocínio. Não mais. Prometa-me que não raciocinará mais.”

M. (*com as mãos postas*): “Sim, senhor. Não vou mais raciocinar.”

Mestre: “Você já fez o bastante. Quando você veio a mim, pela primeira vez, eu lhe disse qual era o seu Ideal espiritual. Sabia tudo a seu respeito, não foi?”

M. (*com as mãos postas*): “Sim, senhor.”

Mestre: “Sim, sei tudo; qual o seu Ideal, quem você é, seu interior e exterior, o que aconteceu em suas vidas passadas e o seu futuro. Não é?”

M. (*com as mãos postas*): “Sim, senhor.”

Mestre: “Eu o censurei quando soube que tinha um filho. Agora, vá para casa e fique lá. Faça-os acreditar que você lhes pertence, mas não se esqueça que no fundo do seu coração, você não lhes pertence, nem eles a você.”

M. sentou-se em silêncio. O Mestre continuava a instruí-lo.

Mestre: “Agora você aprendeu a voar, mas mantenha um relacionamento amoroso com seu pai. Você não pode prosternar-se ante ele?”

M. (*com as mãos postas*): “Sim, senhor. Posso.”

Mestre: “O que mais vou lhe dizer? Você sabe tudo. Compreende, não é?”

M. ficou ali, sem pronunciar uma palavra

Mestre: “Você compreendeu, não é?”

M.: “Sim, senhor, agora compreendo um pouco.”

<sup>5</sup> Sábado e terça-feira são considerados dias auspiciosos para o culto da Mãe Divina.

Mestre: “Não, você entende muito. O pai de Rakhal está satisfeito com a sua permanência aqui.”

M. continuava de mãos postas.

Mestre: “Sim, o que você está pensando, também passará.”

Shri Ramakrishna desceu então, ao estado normal de consciência. Rakhal e Ramlal entraram no quarto. A pedido do Mestre, Ramlal cantou:

Quem é a mulher lá longe que ilumina o campo de batalha?  
Seu corpo brilha mais escuro do que a nuvem  
Mais escura da tempestade.  
E de Seus dentes faíscam as chamas brilhantes do relâmpago! ...

Cantou novamente:

Quem é esta terrível Mulher, escura como o céu à meia-noite?  
Quem é esta Mulher que dança sobre o campo de batalha? ...

Mestre: “ A Mãe Divina é a mãe terrena. É a Mãe Divina que existe na forma do universo e penetra tudo como Consciência. A mãe terrena dá nascimento a este corpo. Costumava entrar em samadhi ao pronunciar a palavra ‘Ma’. Enquanto repetia a palavra, atraía para mim, a Mãe do Universo, por assim dizer, como os pescadores que jogam a rede e depois de um certo tempo, a puxam para si. Ao recolherem a rede, acharam um grande peixe.

“Uma vez Gauri disse que se conquista Conhecimento verdadeiro ao se realizar a identidade de Kali e Gauranga<sup>6</sup> Aquele que é Brahman é, também, Shakti, Kali. É Aquele que, tomando a forma humana, tornou-se Gauranga.”

A pedido do Mestre, Ramlal cantou novamente, desta vez sobre Gauranga.

Mestre (*a M.*): “Nitya e Lila são dois aspectos da Realidade. Deus desempenha o papel de homem, no mundo, por amor de Seus devotos. Podem amar Deus somente se eles O vêem sob a forma humana: só assim, podem mostrar seu amor a Ele, como irmão, Pai ou Mãe ou Filho.

“É somente por amor dos devotos, que Deus toma a forma humana e desce à terra para brincar Sua Lila.”




---

<sup>6</sup> Há uma hostilidade tolerada entre os devotos de Kali e de Gauranga.

## CAPÍTULO XIX

### O MESTRE E O BRAÇO QUEBRADO

*Sábado, 2 de fevereiro de 1884*

**E**RAM TRÊS HORAS DA TARDE. Shri Ramakrishna conversava com Rakhal, Mahimacharan, Hazra e outros devotos, quando M. entrou no quarto e saudou-o. Trazia consigo tala, gaze e compressas para enfaixar o braço quebrado do Mestre.

Um dia enquanto se dirigia ao bosque de pinheiros, Shri Ramakrishna caiu perto da grade de ferro e deslocou um osso do braço esquerdo. Estava sozinho e em êxtase.

Mestre (*a M.*): “Olá! O que o preocupava? Está bem agora?”

M.: “Sim, senhor, estou bem agora.”

Mestre (*a Mahima*): “Bem, se sou a máquina e Deus, o Operador, por que isto me aconteceu?”

O Mestre estava sentado no divã, ouvindo a história da peregrinação de Mahimacharan. Fazia doze anos que Mahima havia visitado diversos lugares sagrados.

Mahima: “Encontrei um brahmachari que morava numa chácara em Sicrole, Benares. Dizia que há vinte anos vivia ali, mas não conhecia o proprietário. Perguntou se eu trabalhava num escritório. Diante de minha resposta negativa, disse-me: “Então o senhor é um homem santo errante?” Vi um sadhu na margem do Narmada. Repetia mentalmente, o Gayatri. Isto de tal forma o emocionava que os pelos do corpo se eriçavam. Ao repetir o Gayatri e o Om, em voz alta, as pessoas que estavam próximas, também, ficavam de cabelos eriçados.”

O Mestre estava em estado semelhante ao de uma criança. Como estivesse com fome, disse a M.: “O que você me trouxe?” Olhando para Rakhal, entrou em samadhi.

Gradualmente voltava ao plano normal. A fim de trazer a mente à consciência do corpo, disse: “Vou comer jilipi. Quero um pouco d’água.”

Chorando como uma criança, disse à Mãe Divina: “Ó Brahmamayi! Ó Mãe! Por que Tu fizeste isto comigo? O braço dói muito. (*Aos devotos*) Será que ficarei bem de novo?” Eles o consolaram como se faz com uma criança, dizendo: “Claro. O senhor ficará bom novamente.”

Mestre (*a Rakhal*): “Você não pode ser responsabilizado apesar de estar aqui para cuidar de mim; porque mesmo que estivesse comigo, certamente não poderia ter levantado a grade.”

O Mestre novamente entrou em êxtase e disse: “Om! Om! Om!” Mãe, o que é isto que estou falando? Não me torne inconsciente, Mãe, com o Conhecimento de Brahman. Não me dê Brahmajnana. Sou apenas Teu filho. Facilmente fico preocupado e assustado. Necessito de Mãe. Um milhão de saudações ao Conhecimento de Brahman! Dá esse Conhecimento àqueles que o buscam. Ó Anandamayi! Ó Mãe Venturosa!”

Ao pronunciar em voz alta a palavra ‘Anandamayi’, desatou a chorar e disse:

Mãe, esse é o pesar que machuca o coração.  
Que mesmo tendo a Ti por Mãe e, embora estivesse bem alerta,  
Houve assalto em minha casa.

Também disse à Mãe Divina: “O que fiz de errado, Mãe? Alguma vez faço alguma coisa? És Tu, Mãe, que fazes tudo; sou a máquina e Tu és a Operadora.”

(*A Rakhal, sorrindo*): “Veja que não caia! Não se ofenda, nem se engane a si mesmo.”

Novamente dirigindo-se à Mãe, Sri Ramakrishna disse: “Estou chorando porque estou com o braço quebrado? Certamente que não.

Mãe, esse é o pesar que machuca o coração.  
Que mesmo tendo a Ti por Mãe e, embora bem alerta

Houve assalto em minha casa.”

Novamente dirigiu-se à Mãe Divina, falando e rindo, como uma criança que, embora doente, esquece-se de seu mal, ri e brinca.

Mestre (*aos devotos*): “Nada lhes adiantará se não realizarem Satchidananda. Não há nada como discriminação e renúncia. A devoção do homem mundano a Deus é momentânea – como uma gota de água numa frigideira quente. Talvez ele olhe para uma flor e exclame: ‘Ah, que criação maravilhosa de Deus!’”

“Deve-se ter desassossego por Deus. Se um filho reclama de forma persistente, sua parte na propriedade, os pais se consultam e a dão, mesmo que ele seja menor de idade. Deus certamente ouvirá suas preces se sentirem aquela inquietude por Deus. Uma vez que foi Ele quem nos criou, certamente, podemos reclamar d’Ele nossa herança. Ele é nosso Pai, nossa própria Mãe. Podemos exigir d’Ele, ‘Revela-Te a mim ou cortarei minha garganta com uma faca!’”

Shri Ramakrishna ensinou aos devotos como chamar a Mãe Divina.

Mestre: “Eu costumava orar a Ela assim: ‘Ó Mãe! Ó Bem-Aventurada! Revela-Te a mim, Tu tens que Te revelar!’ Também eu Lhe dizia: ‘Ó Senhor dos humildes! Ó Senhor do universo! Certamente não estou fora do Teu universo. Estou despojado de conhecimento. Estou sem disciplina. Não tenho devoção. Nada sei. Tu tens que ser misericordiosa e revelar-Te a mim.’”

Assim o Mestre ensinava os devotos a orar. Ficaram profundamente tocados. Os olhos de Mahimacharan encheram-se de lágrimas.

Sri Ramakrishna olhou para ele e cantou:

Implore à sua Mãe Shyama com uma súplica verdadeira, Ó mente!  
Como Ela pode manter-se afastada de você?  
Como pode Shyama ficar afastada? ...

Vários devotos chegaram de Shibpur. Visto que haviam vindo de tão longe, o Mestre não podia desapontá-los. Falou-lhes sobre as coisas essenciais da vida espiritual.

Mestre: “Só Deus é real e tudo o mais, ilusório. O jardim e seu proprietário. Deus e Seu esplendor, mas as pessoas só olham o jardim. Quão poucos procuram o proprietário!”

Um devoto: “Senhor, o que temos que fazer?”

Mestre: “Discriminação entre o Real e o irreal. Deve-se sempre discriminar que somente Deus é Real e o mundo irreal. Deve-se orar com anelo sincero.”

Devoto: “Mas senhor, onde há tempo disponível para essas coisas?”

Mestre: “Aqueles que têm tempo, devem meditar e adorar, mas aqueles que não podem fazê-lo, devem inclinar-se de todo o coração, ante Deus, duas vezes por dia. Ele mora nos corações de todos. Ele sabe que as pessoas do mundo têm muitas coisas para fazer. O que mais é possível fazer? Você não tem tempo para orar a Deus; portanto, dê-Lhe sua procuração, mas tudo é vão, a não ser que se atinja Deus e veja-O.”

Outro devoto: “Senhor, vê-lo é o mesmo que vermos Deus.”

Mestre: “Nunca mais diga isso. As ondas pertencem ao Ganges e não, o Ganges às ondas. Um homem não pode realizar Deus a não ser que se liberte de idéias egoístas como ‘Sou fulano de tal’, ‘Sou isso ou aquilo’. Reduza a pilha de ‘eu’ até o chão, dissolvendo-a com lágrimas de devoção.”

Devoto: “Por que Deus nos pôs no mundo?”

Mestre: “Para perpetuar Sua criação. É Sua vontade, Sua maya. Enganou o homem com ‘mulher e ouro’.”

Devoto: “Mas por que Ele nos iludiu? Por que Ele assim o desejou?”

Mestre: “Se Ele, apenas uma vez, tivesse dado ao homem o gosto da alegria divina, então o homem não teria levado a vida mundana. A criação chegaria ao fim.

“O negociante de grãos estoca arroz em grandes sacos, em seu armazém. Próximo desses sacos coloca uma bandeja com arroz empapado, para manter os ratos afastados. O arroz empapado cheira a doce para os ratos e eles o mordiscam a noite toda; não procuram mais o

arroz em grão. Mas pense bem! Um medida de arroz em grão vale quatorze medidas de arroz amapado. Quão infinitamente superior é a alegria de Deus em comparação com o prazer de ‘mulher e ouro! Para os que pensam na beleza de Deus, mesmo a beleza de Rambha e Tillot-tama<sup>1</sup> parece apenas as cinzas da pira funerária.”

Devoto: “Por que não sentimos intenso desassossego para realizá-Lo?”

Mestre: “Não se sente desassossego por Deus até que todos os desejos mundanos estejam satisfeitos. Não se lembra da Mãe do Universo, antes que o desfrutar de ‘mulher e ouro’ seja satisfeito. Uma criança absorvida em seus brinquedos, não procura a mãe, mas quando acaba de brincar diz, ‘Mãe! Devo ir com minha mãe!’ O filho de Hriday estava brincando com os pombos, chamando-os ‘Venham! Ti, ti!’ Quando tinha brincado o suficiente, começou a chorar. Um estranho chegou e disse-lhe: ‘Venha comigo. Vou levá-lo à sua mãe’. E sem hesitar, pulou nos ombros do homem e foi embora com ele.

“Aqueles que são eternamente livres não têm que levar uma vida do mundo. Seu desejo por divertimento já estava satisfeito desde o seu nascimento.”

Às cinco horas da tarde o Dr. Madhusudan chegou. Enquanto preparava a bandagem para o braço do Mestre, Shri Ramakrishna riu como uma criança e disse: “O senhor é Madhusudan<sup>2</sup> tanto neste mundo como no outro.”

Dr. Madhusudan (*sorrindo*): “Trabalho apenas sob o peso de seu nome.”

Mestre (*sorrindo*): “Ora, o nome é uma coisa banal? Deus não é diferente do seu nome. Styabhama tentou pesar Krishna com ouro e pedras preciosas, mas não conseguiu. Então Rukmini põe uma folha de tulsí com o nome de Krishna, nos pratos. Isto equilibrou os pratos.”

O médico estava pronto para enfaixar o braço do Mestre. Colocaram um colchão no chão e o Mestre, rindo, deitou-se nele. Disse: “Ah! Esta é a cena final de Radha, mas Brinde diz, ‘Quem sabe o que está ainda para suceder?’ ”

Os devotos estavam sentados em volta do Mestre que começou a cantar::

As gopis estavam todas reunidas na praia do lago.

Shri Ramakrishna riu e os devotos, também. Depois que o braço foi enfaixado, disse: “Não tenho muita fé em seus médicos de Calcutá. Quando Sambhu estava delirando, Dr. Sarvadhikari disse: “Ó, não é nada. Está somente embriagado devido ao remédio. Pouco depois, Sambhu<sup>3</sup> deu o último suspiro.”

Era o entardecer e o culto dos templos já havia terminado. Pouco tempo depois, Adhar chegou de Calcutá, para ver o Mestre. Mahimacharan, Rakhál e M. estavam no aposento.

Adhar: “Como vai o senhor?”

Mestre (*carinhosamente*): “Olha. Como meu braço dói! (*Sorrindo*) Não precisa perguntar como estou!”

Adhar sentou-se no chão, com os devotos. O Mestre disse-lhe: “Massageie aqui suavemente.” Adhar sentou-se na ponta do divã e gentilmente massageou os pés de Shri Ramakrishna.

O Mestre conversou com Mahimacharan.

Mestre: “Será muito bom se você puder ter amor desinteressado por Deus. Um homem que sente este amor, diz: ‘Ó Senhor, não procuro salvação, fama, riqueza ou cura das doenças. Não procuro nada disse. Apenas Te quero.’ São muitas as pessoas que vêm até um homem rico, por diferentes razões, mas se alguém se chega a ele simplesmente por amizade, sem desejar nenhum favor, então o homem rico sente-se atraído para ele. Prahlada teve esse amor desinteressado, esse puro amor por Deus sem interesse material.”

Mahimacharan permaneceu em silêncio. O Mestre dirigiu-se a ele.

<sup>1</sup> Duas dançarinas celestiais de extraordinária beleza.

<sup>2</sup> Também um nome de Krishna.

<sup>3</sup> Sambhu Mallick morreu em 1877.

Mestre: “Agora vou lhe dizer algo que está de acordo com seu estado. Segundo a Vedanta, tem-se que conhecer a natureza real do próprio Eu. Mas tal conhecimento é impossível sem renúncia do ego. O ego é como uma vara que parece dividir a água em duas. Faz você sentir que é uma pessoa e eu, outra. Quando o ego desaparece em samadhi, sabe-se que Brahman é sua própria consciência interior.

“Deve-se renunciar ao ‘eu’ que nos faz sentir ‘sou Mahima Chakravarty’, ‘Sou um homem instruído’ e assim por diante, mas o ‘ego do Conhecimento’ não fere ninguém. Sankaracharya reteve o ‘ego do Conhecimento’ a fim de ensinar a humanidade.

“Não se pode alcançar o Conhecimento de Brahman, a não ser que se seja muito cauteloso sobre mulheres. Por isso é muito difícil para os que estão no mundo, obter esse Conhecimento. Por mais cuidadosa que uma pessoa seja, se sujará se viver num aposento cheio de fuligem. A companhia de uma jovem evoca luxúria até num homem sem luxúria, por mais cuidado que tiver.

“Mas não faz mal para um chefe de família que segue o caminho do conhecimento, desfrutar a felicidade conjugal de vez em quando, com a esposa. Pode satisfazer seu impulso sexual como se fosse um outro impulso natural. Sim, você pode saborear um doce de vez em quando (*Mahimacharan ri*). Não é danoso para um chefe de família.

“Mas torna-se extremamente prejudicial para um sannyasi. Não se deve nem mesmo olhar para o retrato de uma mulher. Um monge que desfruta a companhia de uma mulher é como um homem que voltasse a engolir o que havia cuspidido. Um sannyasi não deve sentar-se junto de uma mulher, nem conversar com ela, mesmo que ela seja muito devota. Não, ele não deve falar com uma mulher mesmo quando ele já tenha controlado a luxúria.

“Um sannyasi tem que renunciar a ‘mulher e ouro’. Assim como não deve nem mesmo olhar para o retrato de uma mulher, não deve, tocar em ouro, isto é, dinheiro. É até mau que guarde dinheiro consigo, porque traz preocupações, cálculo, cólera e males assim. Parece com o sol: num momento brilha radiante, subitamente uma nuvem aparece e esconde-o.

“Foi por isso que não concordei com o depósito de dinheiro do Marwari para mim, por intermédio de Hriday. Eu disse: ‘Não, não autorizo nem isso. Se mantenho dinheiro junto de mim, certamente isso levantará comentários.’

“Por que estas regras tão restritas para sannyasis? É tanto para o bem-estar da humanidade, como para ele mesmo. É tanto para o bem-estar da humanidade, como para ele mesmo. Um sannyasi pode levar uma vida desapegada e pode até ter controlado suas paixões, mas tem que renunciar a ‘mulher e ouro’, a fim de servir de exemplo ao mundo.

“Um homem terá coragem de praticar renúncia se a vir cem por cento num sannyasi. Só então, tentará renunciar a ‘mulher e ouro’. Se um sannyasi não der este exemplo, quem o dará?

“Pode-se levar a vida de um chefe de família, depois de realizar Deus. É como bater manteiga do leite e em seguida, deixar a manteiga na água. Janaka levou a vida de um chefe de família, depois de ter alcançado Brahmajnana.

“Janaka lutava com duas espadas, uma de jnana e outra, do karma. O sannyasi renuncia à ação, portanto, luta com uma espada somente, a do Conhecimento. Um chefe de família, dotado de Conhecimento, como o de Janaka, pode saborear tanto o fruto da árvore, quanto o do chão. Pode servir os santos, entreter os convidados e fazer outras coisas semelhantes. Eu disse à Mãe Divina: “Ó Mãe, não quero ser um sadhu seco.’

“Depois de se atingir Brahmajnana, não se tem mais que discriminar, nem sobre alimento. Os rishis dos tempos antigos, dotados do Conhecimento de Brahman e tendo experimentado felicidade divina, comiam de tudo, até mesmo carne de porco

(A *Mahima*): “De modo geral há duas yogas: karma e manoyoga, isto é, união com Deus pelo trabalho e pela mente.

“Há quatro estágios na vida: brahmacharya, garhasthya, vanaprasthu e sannyas. Nos três primeiros estágios o homem tem que cumprir seus deveres no mundo. O sannyasi carrega somente seu cajado, a caneca de água e e gamela de pedinte. Também tem que fazer um certo nityakarma, mas a mente não está apegada a ele; não está consciente de fazer esse trabalho. Alguns sannyasis fazem nityakarma para servirem de exemplo ao mundo. Se um chefe de

família ou um homem que pertence a outro estágio de vida fez ações sem apego, está unido a Deus por esta ação.

“No caso de um paramahansa, como Shukadeva, todos os karmas – todo puja, japa, tarpan, sandhya e assim por diante, caem. Nesse estado o homem comunga com Deus somente pela mente. Às vezes agrada-lhe fazer obras exteriores para o bem-estar da humanidade, mas a lembrança e a contemplação de Deus permanecem ininterruptas.”

Eram aproximadamente oito horas da noite. Sri Ramakrishna pediu a Mahimacharan para recitar uns hinos das escrituras. Mahima leu o primeiro verso de *Uttara Gita*, descrevendo a natureza do Brahman Supremo.

Ele, Brahman, é Uno, sem partes, sem mácula e além do éter.  
Sem começo ou fim, não cognoscível pela mente ou inteligência.

Finalmente chegou ao sétimo verso do terceiro capítulo, onde se lê:

Aquele que nasceu duas vezes<sup>4</sup> adora a Divindade com fogo,  
Os munis O contemplam no coração.  
Homens de sabedoria limitada O vêem na imagem,  
E os yogis que obtiveram visão equânime  
Vêem-no em todos os lugares.

Mal o Mestre ouviu as palavras “os yogis que obtiveram visão equânime”, ficou de pé e entrou em samadhi, com seu o sustentado pela tala e faixa. Mudos, os devotos olharam para este yogi que havia alcançado aquele estado de visão equânime.

Depois de muito tempo, o Mestre recobrou a consciência do mundo exterior e sentou-se. Pediu a Mahima para recitar versos falando a respeito do amor a Deus. Mahima recitou trechos do *Narada Pancharatra*:

Qual a necessidade que há de penitência quando Deus é adorado com amor?  
Qual a utilidade da penitência, se Deus não é adorado com amor?  
Qual a necessidade de penitência se Deus é visto dentro e fora?  
Qual a utilidade de penitência se Deus não é visto dentro e fora?

Ó Brahman! Ó meu filho! Cesse de praticar mais penitências.  
Corra para Shankara, Ó Oceano de Sabedoria Celestial;  
Obtém d’Ele o amor de Deus, o puro amor exaltado pelos devotos,  
Que rompe os grilhões que prendem você ao mundo.

Mestre: “Ah! Ah!”

Ao ouvir estes versos, o Mestre quase entrou em êxtase, mas conteve-se com esforço. Mahima leu do *Yatipanchaka*:

Eu sou Ela, a Mãe Divina, em quem a ilusão do universo de coisas animadas e inanimadas é vista, como uma mágica e em quem o universo bilha, sendo o jogo de Sua mente. Sou Ela, a Personificação da Consciência, eu é o Ser do Universo, a única existência, Conhecimento e Bem-aventurança.

Ao ouvir o verso “Sou Ela, a Personificação da Consciência”, o Mestre disse com um sorriso, “Onde quer que o macrocosmo esteja, o microcosmo também está.”

Em seguida, Mahima leu as Seis Estrofes sobre o Nirvana:

OM. Não sou mente, inteligência, ego ou chitta.

<sup>4</sup> Um homem que pertence às castas brahmin, kshatriya ou vaishya, tem um segundo nascimento, por ocasião de sua investidura com o cordão sagrado.

Nem ouvidos, nem língua, nem os sentidos do olfato e visão,  
 Nem sou o éter, terra, água, fogo ou ar.  
 Sou Puro Conhecimento e Bem-Aventura. Sou Shiva! Sou Shiva!

Nem sou prana, nem os cinco elementos vitais,  
 Nem os sete elementos do corpo, nem as cinco envolturas,  
 Nem mãos, nem pés, nem língua, nem órgãos de reprodução e excreção:  
 Sou Puro Conhecimento e Bem-Aventura. Sou Shiva! Sou Shiva!

Nem aversão, nem apego tenho, nem cobiça ou ilusão;  
 Nem sentido de ego ou orgulho tenho, nem dharma ou moksha;  
 Nem desejo da mente ou objetos de desejo  
 Sou Puro Conhecimento e Bem-aventurança. Sou Shiva! Sou Shiva!

Nem o que fazer certo nem errado, nem prazer ou dor.  
 Nem mantra, o lugar sagrado, os Vedas, o sacrifício;  
 Nem o ato de comer, aquele que come, nem o alimento.  
 Sou Puro Conhecimento e Bem-aventurança. Sou Shiva! Sou Shiva!

Morte ou medo não tenho, nem distinção de casta;  
 Nem pai nem mãe, nem mesmo nascimento tenho.  
 Nem amigo, nem companheiro, nem discípulo, sem guru\  
 Sou Puro Conhecimento e Bem-aventurança. Sou Shiva! Sou Shiva!

Não tenho forma ou imaginação, sou O que tudo penetra;  
 Em toda parte existe, contudo, estou além dos sentidos,  
 Nem salvação sou, nem qualquer coisa que possa ser conhecida;  
 Sou Puro Conhecimento e Bem-aventurança. Sou Shiva! Sou Shiva!

Cada vez que Mahima repetia, “Sou Shiva! Sou Shiva!”, o Mestre acrescentava com um sorriso: “Não eu! Não eu! Tu és o Conhecimento Absoluto.”

Mahima leu mais alguns versos e também, a descrição dos seis centros psíquicos do corpo. Disse que em Benares assistiu a morte de um yogi, em estado de yoga.

Mahima: “Há lindos trechos no *Rama Gita*.”

Mestre: “Você fala do *Rama Gita*. Deve ser um forte vedantista. Quantos livros deste assunto os sadhus costumavam ler aqui!”

Mahima recitou a descrição do Om:

É como o fluxo contínuo do azeite, como o longo repicar de um sino.

Sobre as características do samadhi leu: “O homem estabelecido em samadhi vê a região superior tomada pelo Atman, a região inferior tomada pelo Atman, a região mediana tomada pelo Atman. Vê tudo cheio de Atman.”

Adhar e Mahima saudaram o Mestre e partiram.

Ao meio-dia do dia seguinte, depois do almoço, Sri Ramakrishna estava sentado no divã, quando Ram, Surendra e alguns devotos chegaram de Calcutá. Estavam preocupados com o braço do Mestre que continuava enfaixado. M. estava presente.

Mestre (*aos devotos*): “A Mãe deixou-me em tal estado mental que não posso esconder nada de ninguém. Minha condição é como a de uma criança. Rakhal não compreende isto. Cobre meu braço quebrado, protege meu corpo com uma roupa para que os outros não o vejam e me critiquem. Chamou o Dr. Madhu a um canto e falou-lhe de meu acidente, mas gritei dizendo: ‘Ó! Onde está você, Madhusudan? Vem ver. Meu braço está quebrado!’”

“Costumava dormir no mesmo quarto que Mathur e sua esposa. Tomavam conta de mim como se eu fosse seu próprio filho. Eu estava passando por um período de loucura divina. Mathur perguntava-me: ‘Pai, o senhor ouve a nossa conversa?’ ‘Sim’, eu respondia.

“Certa vez a esposa de Mathur suspeitou dele e disse-lhe: ‘Onde quer que você vá, ele <sup>5</sup> deve acompanhá-lo.’ Um dia Mathur foi a um certo lugar e pediu-me para esperar ao pé da escada. Voltou meia hora depois e disse-me: ‘Vem, pai, vamos agora. A carruagem está esperando.’ Quando a esposa de Mathur perguntou-me sobre isso, contei-lhe tudo exatamente como havia acontecido. Disse-lhe: ‘Fomos a uma certa casa. Disse-me para ficar embaixo e subi as escadas. Voltou meia hora depois e deixamos o lugar.’ Naturalmente ela compreendeu tudo a seu modo.

”Um sócio da propriedade de Mathur costumava levar frutas e legumes do templo. Quando os outros sócios me perguntaram, contei-lhes exatamente a verdade.”

*Domingo, 24 de fevereiro de 1884*

Shri Ramakrishna estava descansando em seu aposento, depois da refeição do meio-dia e Mani Mallick estava sentado no chão ao lado dele, quando M. chegou. M. saudou o Mestre e sentou-se ao lado de Mani. O braço do Mestre estava enfaixado.

Mestre (*a M.*): “Como você veio?”

M.: “Fui até o Alambazar de carruagem e dali, vim andando.”

Manilal: “Ó, ele está tão quente!”

Mestre (*com um leve sorriso*): “Isto me faz pensar que tudo não passa de meras fantasias do meu cérebro. Senão, por que esses ‘ingleses’ teriam tanto trabalho de vir aqui?”

Sri Ramakrishna começou a falar sobre a sua saúde e seu braço.

Mestre: “De vez em quando fico impaciente com o braço e o mostro a esse ou aquele, perguntando quando ficarei bom novamente. Isto faz Rakhil ficar zangado. Ele não compreende meu estado. De vez em quando digo a mim mesmo: ‘Deixe-o ir embora.’ Também digo à Mãe: Mãe, para onde ele irá? Por que ele se queimaria na frigideira do mundo?”

“Esta minha paciência infantil não é novidade. Tinha o hábito de pedir a Mathur Babu para tomar meu pulso e dizer se eu estava doente.

“Bem, onde está minha fé em Deus? Certa vez quando me dirigia a Kamarpukur, num carro de boi, várias pessoas subiram no carro, com paus na mão. Pareciam assaltantes. Comecei a cantar os nomes dos deuses. Ora repetia os de Rama e Durga, ora, ‘Om Tat Sat’, porque se um me falhasse, outro teria força.

(*a M.*): “Pode-me dizer por que sou tão impaciente?”

M.: “Sua mente, senhor, está sempre absorvida em samadhi. O senhor guardou uma fração dela em seu corpo para o bem de seus devotos. Por isto o senhor, às vezes, sente-se tão impaciente, pela segurança de seu corpo.”

Mestre: “É verdade. Um pouco da mente está ligada ao corpo. Quer desfrutar o amor de Deus e a companhia dos devotos.”

Mani Mallick falou ao Mestre a respeito de uma exposição que estava acontecendo em Calcutá. Descreveu uma linda imagem de Yashoda com o Menino Krishna em seu colo. Os olhos de Sri Ramakrishna encheram-se de lágrimas. Ouvindo falar de Yashoda, a personificação do amor maternal, sua consciência espiritual inflamou-se e ele chorou.

Manilal: “Se o senhor estiver bem, poderá visitar a exposição no Maidan.”

Mestre (*a M. e outros*): “Não poderei ver nada mesmo se for. Talvez eu veja algo e fique inconsciente. Então não poderei ver o resto. Levaram-me ao Jardim Zoológico. Entrei em samadhi assim que vi o leão, porque a montaria<sup>6</sup> da Mãe veio à minha mente, a consciência da Própria Mãe. Naquele estado, quem poderia ver os outros animais? Tive que regressar para casa depois de ter visto somente o leão. Por esta razão, quando a mãe de Jadu Mallick me sugeriu ir à exposição, eu lhe respondi não.”

Mani Mallick, de mais ou menos sessenta anos, tinha sido um membro do Brahma Samaj durante muitos anos e Shri Ramakrishna deu-lhe instrução de acordo com seu estado.

Mestre: “O Pundit Jaynarayan era muito generoso. Visitei-o uma vez e gostei de sua atitude, mas seus filhos usavam botas altas. Disse-me que tinha intenção de ir a Benares e ali

<sup>5</sup> O Mestre.

<sup>6</sup> Na mitologia hindu o leão é a montaria de Durga, a Mãe Divina.

morar. Levou avante sua intenção e de fato, mais tarde, morou em Benares e ali morreu. Quando se fica velho, deve-se retirar, como Jayanarayan e dedicar-se a Deus. O que vocês dizem?”

Manilal: “É verdade, senhor. Não participo dos problemas e preocupações do mundo.”

Mestre: “Gauri costumava adorar a esposa com flores. Todas as mulheres são manifestações da Mãe Divina. (*A Manilal*). Por favor, conte-lhe aquela sua história.”

Manilal (*sorrindo*): “Certa vez muitos homens estavam atravessando o Ganges num barco. Um deles, um pundit, começou a exibir sua erudição, afirmando que havia estudado muitos livros – os Vedas, a Vedanta e os seis sistemas filosóficos. Perguntou a um dos passageiros: ‘O senhor conhece a Vedanta?’ ‘Não, senhor’, ‘O Samkhya e Patanjala?’ ‘Não, senhor’ ‘Já leu alguma coisa de filosofia?’ ‘Não, senhor.’ O pundit estava falando dessa maneira vã e o passageiro, sentado em silêncio, quando desabou uma tempestade e o barco ficou a ponto de afundar. O passageiro perguntou ao pundit: ‘O senhor sabe nadar?’ ‘Não’, respondeu o pundit. O passageiro disse: ‘Não conheço o Samkhya ou Patanjala, mas sei nadar.’ ”

Mestre (*sorrindo*): “O que um homem ganha conhecendo muitas escrituras? A única coisa necessária é saber atravessar o rio do mundo. Só Deus é Real, tudo o mais é ilusório.

“Quando Arjuna estava apontando a seta para o olho do pássaro, Drona perguntou-lhe: ‘O que você vê? Vê esses reis?’ ‘Não, senhor’ respondeu Arjuna. ‘Você me vê?’ ‘Não’. ‘A árvore?’ ‘Não’. ‘O pássaro na árvore?’ ‘Não’. ‘O que você vê então?’ ‘Apenas o olho do pássaro.’

“Aquele que só vê o olho do pássaro pode acertar o alvo. Só é inteligente aquele que vê que Deus é Real e tudo o mais, ilusório. De que mais necessito? Certa vez Hanuman comentou: ‘Não conheço nada sobre a fase da lua e a posição das estrelas. Apenas contemplo Rama.’

(*A M.*): “Por favor compre alguns lequess para o nosso uso aqui.”

(*A Manilal*): “Olhe, faça uma visita a seu pai (pai de M.). A visão de um devoto vai lhe inspirar.”

(*A M.*): “Desde que meu braço quebrou, uma profunda mudança operou-se em mim. Agora só me deleito com Naralila, manifestação humana de Deus. Nitya e Lila. Nitya é o Indivisível Satchidananda e Lila, o Jogo que torna diversas formas tais como a Lila como Deus, Lila como as divindades, a Lila como homem e a Lila como universo.

“Vaishnavcharan costumava dizer que uma pessoa atingiu Conhecimento Perfeito, se acredita em Deus jogando como homem. Eu não admitia isto, naquela época, mas agora compreendo que ele estava certo. Vaishnavcharan gostava de quadros que retratavam pessoas expressando ternura e amor.

(*A Manilal*): “É o Próprio Deus quem estava jogando na forma de homem. É Ele Próprio que Se tornou Mani Mallick. Os Sikhs ensinam: ‘Tu és Satchidananda.’

“De vez em quando uma pessoa pode captar um vislumbre do Ser Real e fica mudo de espanto. Nesses momentos nada num oceano de felicidade. É como se, de repente, encontrasse um parente querido. (*A M.*) No outro dia, ao chegar de carruagem, senti-me dessa maneira, à vista de Baburam. Quando Shiva realiza seu próprio Ser, dança exclamando de alegria: ‘O que eu sou! O que eu sou!’

“A mesma coisa foi descrita no *Adhyatma Ramayana*. Narada, disse: ‘Ó Rama, todos os homens são formas Tuas e é Sita quem Se tornou todas as mulheres’. Vendo todos os atores no Ramlila, senti que o Próprio Narayana havia tomado todas estas formas humanas. O verdadeiro e a imitação pareciam ser a mesma coisa.

“Por que as pessoas adoram as virgens? Todas as mulheres são formas da Mãe Divina, mas Sua manifestação é maior em virgens de alma pura.

(*A M.*) “Por que fico tão impaciente quando estou doente? Por que a Mãe colocou-me no estado de criança. A criança confia inteiramente em sua mãe. O filho de uma empregada quando briga com o filho do seu patrão, diz: ‘Vou contar tudo à minha mãe!’

“Levaram-me a Radhabazar para ser fotografado. Tinha sido combinado que naquele dia, iria à casa de Rajendra Mitra. Ouvi dizer que Keshab estaria lá. Eu havia planejado dizer-lhe algumas coisas, mas me esqueci de tudo quando cheguei a Radhabazar. Disse: ‘Ó Mãe, Tu falarás. O que direi?’

“Não tenho a natureza de um jnani. Ele se considera grande. Diz: ‘O que? Como posso estar doente?’

“Certa vez Koar Singh disse-me: ‘O senhor ainda se preocupa com o corpo.’ Mas é de minha natureza crer que minha Mãe sabe tudo. Era Ela que falava na casa de Rajendra Mitra. Somente d’Ela são as únicas palavras efetivas. Um raio de luz da Deusa da Sabedoria tornam estupefatos mil eruditos.

“A Mãe manteve-me no estado de bhakta, um vijnani. É por esta razão que brinco com Rakhal e os outros. Se estivesse na condição de um jnani, não poderia fazê-lo.

“Neste estado compreendo que é somente a Mãe que Se tornou tudo. Vejo-A em todos os lugares. No templo de Kali descobri que a Própria Mãe havia Se tornado tudo – até os maus, até o irmão do pundit Bhagavat.

“Certa vez eu estava a ponto de brigar com a mãe de Ramlal, mas tive que me conter. Eu a vi como a forma da Mãe Divina. Adoro as virgens porque vejo nelas, a Mãe Divina. Minha esposa massageia meus pés, mas saúdo-a depois.

“Você me saúda, tocando meus pés, mas se Hriday estivesse aqui, quem ousaria tocá-los? Ele não teria permitido isso. Tenho de retribuir suas saudações, porque a Mãe me colocou num estado em que vejo Deus em tudo.

“Olhe, não se pode excluir nem mesmo uma pessoa má. A folha de tulsi seca e pequena, pode ser usada para o culto do templo.”

*Domingo, 2 de março de 1884*

Shri Ramakrishna estava sentado no pequeno divã, em seu quarto, ouvindo a música religiosa executada por Trailokya Sannyal do Brahma Samaj. Não estava recuperado do seu braço pois este ainda estava apoiado numa tala. Muitos devotos, inclusive Narendra, Surendra e M. estavam sentados no chão.

O pai de Narendra, advogado da Alta Corte de Calcutá, havia morrido subitamente. Como não havia amparado financeiramente a família, esta estava atravessando um período de graves problemas. Às vezes os membros da família não tinham o que comer. Por isso Narendra passava os dias muito preocupado.

Trailokya cantou a respeito da Mãe Divina:

Ó Mãe, escondo-me em Teu adorado peito,  
Olho para Teu rosto e grito, “Mãe! Mãe!”  
Mergulho no Mar de Bem-aventurança e perco os sentidos  
No sono da yoga: fixo-me sem pestanejar, os olhos  
Em Tua face, sem poder tirá-los.  
Ó Mãe estou atemorizado com este mundo.  
Meu espírito treme e chora com medo,  
Mantém-me, doce Mãe, em Teu peito adorado;  
Cobre-me com as saias esvoaçando do Teu amor.

O Mestre derramou lágrimas de amor e gritou: “Ai de mim! Ai de mim!”

Trailokya cantou de novo:

Ó Senhor! Destruidor de minha vergonha! Quem a não ser Tu, podes salvar  
A honra de Teu devoto?  
Tu és o Senhor de minha alma, meu verdadeiro Suporte da vida.  
E sou Teu escravo para todo o sempre. ...

Continuou:

Procurando refúgio em Teus pés,  
Pus para sempre de lado,  
O orgulho de casta e raça, Ó Senhor,  
E virei minhas costas ao medo e vergonha.

Um peregrino solitário da vida,  
 Onde irei pedir socorro agora?  
 Por amor de Ti, Senhor, suporto a censura dos homens.  
 Eles me cercam com palavras amargas,  
 E me odeiam pelo amor que tenho a Ti  
 Tanto os amigos como os estranhos me maltratam.

Tu és o guardião do meu nome  
 Tu podes salvar-me ou matar-me, Senhor!  
 Sobre a honra do Teu servo.  
 Jaz, Ó Senhor, Teu nome também;  
 Tu és o Senhor de minha alma,  
 O brilho de amor dentro do meu coração;  
 Faz comigo o que Te agrada!

Mais uma vez cantou:

Senhor, Tu me tiraste de minha casa e me tornaste cativo do Teu amor,  
 Abriga-me para sempre a Teus pés, Ó Uno Bem-Amado!  
 Com o Néctar do Teu Amor, alimenta-me dia e noite,  
 E salvar Prendas que é Teu escravo.

O Mestre novamente derramou lágrimas de alegria. Cantou alguns versos de uma canção de Ramprasad:

Glória e vergonha, o doce e o amargo, são somente Teus;  
 Este mundo é somente Teu jogo  
 Então, por que, Ó Bem-Aventurado, Tu provocas tanta confusão?

Dirigindo-se a Trailokya, o Mestre disse: “Ah! Como são ternas as suas canções! São genuínas. Somente aquele que foi ao oceano, pode trazer água.”

Trailokya cantou novamente:

Senhor, Tu és Aquele que dança e que canta a canção;  
 Tu és Aquele que bate palmas ao som da música;  
 Mas o homem, que é simplesmente um expectador,  
 tolamente pensa que é ele que está fazendo tudo.

Embora um fantoche, o homem torna-se Deus ao se mover contigo  
 ‘Tu és Aquele que move a máquina, o Condutor do carro;  
 Mas o homem derrotado com o infortúnio, sonha que é livre.

Tu és a Raiz de tudo. Tu és a Alma de nossas almas;  
 Tu és o Senhor de nossos corações, por Tua graça sem limites  
 Tu transformas até o mais vil pecador, no mais poderoso santo.

Quando acabaram de cantar o Mestre começou a conversar com os devotos.

Mestre: “Só Deus é o Mestre e também Ele é o Servo. Essa atitude demonstra Perfeito Conhecimento No início uma pessoa discrimina, ‘Isto não, isto não’ e sente que só Deus é real e tudo o mais, ilusório. Depois a mesma pessoa acha que só o Próprio Deus é que Se tornou tudo isso – o universo, maya e os seres vivos. Primeiro negação e em seguida, afirmação. Este é o ponto de vista dos Puranas. A fruta vilva, por exemplo, inclui polpa, sementes e casca. Consegue-se a polpa, tirando a casca e as sementes, mas se você quiser conhecer o peso da fruta, não pode encontrá-lo se não retirar a casca e as sementes. Assim também, atinge-se Satchidananda, negando o universo e seus seres vivos, mas depois de se atingir Satchidananda, descobre-se que o Próprio Satchidananda tornou-Se o universo e os seres vivos. É da

mesma substância que a polpa e a casca e as sementes são feitas, como acontece com a manteiga e o soro.

“Pode-se perguntar, ‘Como Satchidananda tornou-Se tão duro?’ Esta terra parece realmente muita dura ao toque. A resposta é que sangue e sêmen são líquidos finos e, contudo, vêm deles uma criatura, tão grande como o homem. Tudo é possível para Deus. Antes de mais nada atinja Satchidananda indivisível e depois, descendo, olhe o universo. Verá que tudo é Sua manifestação. É somente Deus que Se tornou tudo. O mundo não existe fora d’Ele.

“Todos os elementos fundem-se finalmente em akasha. Também por ocasião da criação, akasha evolui em mahat e mahat em ahamkara. Deste modo todo sistema-mundo evolui. Este é o programa de involução e evolução. Um devoto de Deus aceita tudo. Aceita o universo com seus seres criados, bem como o Indivisível Satchidananda.

“Mas o caminho do yogi é diferente. Não retrocede depois de ter alcançado o Paramatman, a Alma Suprema. Torna-se unido a Ele.

“O ‘conhecedor parcial’ limita Deus a um objeto somente. Pensa que Deus não pode existir em nada mais além disso.

“Há três espécies de devotos. O iniciante que diz ‘Deus está lá em cima’, quer dizer, aponta para o céu. O devoto medíocre diz que Deus mora no coração como ‘Controlador Interno’, mas o devoto mais elevado diz: ‘Só Deus tornou-Se tudo. Tudo o que percebemos são muitas formas de Deus.’ Narendra costumava caçoar de mim e dizia: ‘Sim, Deus tornou-Se tudo! Um pote é Deus, uma taça é Deus!’ (*Risada*).

“Todas as dúvidas desaparecem quando se vê Deus. É uma coisa ouvir falar de Deus e uma outra bem diferente, vê-Lo. Não se pode ter cem por cento de certeza apenas com o fato de ouvir, mas se Deus for contemplado face a face fica-se completamente convencido.

“A adoração desaparece depois da visão de Deus. Foi assim que minha adoração no templo terminou. Eu tinha o hábito de adorar a Divindade no templo de Kali. Subitamente foi-me revelado que tudo é Puro Espírito. Os objetos de adoração, o altar, o marco da porta – tudo Puro Espírito. Homens, animais e outros seres vivos – todos Puro Espírito. Então como um louco comecei a jogar flores em todas direções. Tudo o que via, adorava.

“Um dia, enquanto adorava Shiva estava no ponto de oferecer-lhe uma folha de betel, na cabeça da imagem, quando me foi revelado que este Virat, este Universo, é o próprio Shiva. Depois deste acontecimento, minha adoração a Shiva, através da imagem, acabou. Outro dia, enquanto apanhava flores, foi-me revelado que as plantas com flores eram buquês.”

Trailokya: “Ah! Como é bela a criação de Deus!”

Mestre: “Ó não, não é isto. Foi-me revelado num relance. Não cogitei sobre isto. Foi-me mostrado que cada planta era um buquê que adornava a Forma Universal de Deus. Nunca mais apanhei flores. Desta forma olho para um homem. Ao ver um homem, vejo que é o Próprio Deus que caminha sobre a terra, por assim dizer, balançando-se de um lado para o outro, como uma bóia flutuando sobre as ondas. A bóia move-se com as ondas, sobe e desce.

“O corpo certamente, tem uma existência momentânea. Só Deus é real. Agora o corpo existe e daqui a pouco, não existe. Anos atrás, quando estava sofrendo terrivelmente, de indigestão, Hriday disse-me: ‘Peça à Mãe para curá-lo.’ Fiquei com vergonha de Lhe falar sobre minha doença. Disse-Lhe: ‘Mãe, vi um esqueleto no Museu da Sociedade Asiática. Estava unido com arames, fazendo a forma humana. Ó Mãe, mantém meu corpo unido um pouco como aquele esqueleto, para que eu possa cantar Teu nome e glórias.’

“Por que este desejo de viver? Depois da morte de Ravana, Rama e Lakshmana entraram na capital e viram Nikasha, sua velha mãe, fugindo. Lakshmana surpreendeu-se com isto e disse a Rama: ‘Todos os seus filhos estão mortos, mas a vida a atrai tanto!’ Rama chamou Nikasha e disse: ‘Não tenha medo. Por que você está fugindo?’ Ela respondeu: ‘Rama, não foi o medo que me fez fugir de Ti. Tive a oportunidade de ver estas coisas maravilhosas de Ti, simplesmente porque estou viva. Verei mais coisas, se continuar viva. Por conseguinte, quero viver.’

“Sem desejos, o corpo não pode viver. (*Sorrindo*). Tive um ou dois desejos. Orei à Mãe, ‘Ó Mãe, concede-me a companhia dos que renunciaram a ‘mulher e ouro’. Disse mais: ‘Gostaria de aproveitar a associação de Teus jnanis e bhaktas, portanto, dá-me um pouco de

força para que eu possa andar aqui e visitar estas pessoas.’ Mas Ela não me deu forças para andar.”

Trailokya (*sorrindo*): “Foram todos os desejos satisfeitos?”

Mestre: (*sorrindo*): “Não, há ainda uns poucos.” (*Todos riem*).

“O corpo é realmente transitório. Quando meu braço quebrou, disse à Mãe, ‘Mãe, dói-me muito.’ Imediatamente Ela me mostrou uma carruagem e seu condutor. Alguns parafusos estavam soltos. Ela movia-se para a direção que o condutor dava. Não tinha nenhum poder próprio.

“Por que tenho tanto cuidado com o corpo? É para desfrutar Deus, cantar Seu nome e glórias e visitar Seus jnanis e bhaktas.”

Narendra estava sentado no chão defronte do Mestre.

Mestre (*a Trailokya e outros devotos*): “As alegrias e tristezas do corpo são inevitáveis. Olhem para Narendra. O pai morreu e a família enfrenta grandes sofrimentos. Não encontra saída para seus problemas. Deus coloca uma pessoa às vezes na felicidade, outras, na infelicidade.”

Trailokya: “Reverenciado senhor, Deus será misericordioso com Narendra.”

Mestre (*com um sorriso*): “Mas quando? É verdade que ninguém morre de fome no templo de Annapurna em Benares, mas alguns têm que esperar pela comida até a noite.

“Um dia Hriday pediu dinheiro a Sambhu Mallick. Sambhu costumava tomar ares dos ‘ingleses’ para tais assuntos. Disse a Hriday: ‘Por que eu haveria de lhe dar dinheiro? Você pode ganhar o seu próprio sustento, trabalhando. Mesmo agora, você pode ganhar alguma coisa. O caso de uma pessoa muito pobre é diferente. O objetivo da caridade é alcançado se uma pessoa dá dinheiro a um cego ou aleijado.’ Daí Hriday lhe dizer: ‘Senhor, por favor não diga isto. Não preciso de seu dinheiro. Que Deus permita que eu jamais fique cego ou surdo, ou extremamente pobre! Não quero que o senhor dê, não quero receber.’”

O Mestre falou como se estivesse irritado pelo fato de que Deus ainda não tivesse concedido Sua graça a Narendra. Às vezes lançava um olhar afetuosamente a seu amado discípulo.

Narendra: “Agora estou estudando os pontos de vista dos ateus.”

Mestre: “Há duas doutrinas: a da existência e a da não existência de Deus. Por que não aceita a primeira?”

Surendra: “Deus é justo. Tem que tomar conta de Seus devotos.”

Mestre: “Dizem as escrituras que somente os que, em nascimentos anteriores foram muito caridosos, possuem dinheiro nesta vida, mas para lhes falar a verdade, este mundo é a maya de Deus. Há muitas coisas incompreensíveis no campo de maya. Não se pode compreendê-las.

“Os meios utilizados por Deus são, certamente, inescrutáveis. Bhishma jazia numa cama de flechas. Os irmãos Pandavas visitaram-no na companhia de Krishna. Logo Bhishma desatou a chorar. Os Pandavas disseram a Krishna: ‘Krishna, como isto é surpreendente! Nosso ancestral Bhishma é um dos oito Vasus. Outro homem tão sábio quanto ele não pode ser encontrado. Entretanto até ele está enredado por maya e chora na hora da morte.’ ‘Mas’, disse Krishna, ‘Bhishma não está chorando por esta razão. Pergunte-lhe’. Quando indagado, Bhishma disse: ‘Ó Krishna, sou incapaz de compreender qualquer coisa sobre os métodos de Deus. O Próprio Deus é o companheiro constante dos Pandavas, contudo, mesmo eles têm um número sem fim de aborrecimentos. Choro por isso. Refletindo, vejo que não se pode entender os meios de Deus.

“Deus revelou-me que somente o Paramatman, descrito nos Vedas como a Alma Pura, é imutável como o Monte Sumeru, desapegado e além da dor e prazer. Há muita confusão neste mundo de maya. Não se pode dizer que ‘isso’ vem depois ‘daquilo’ ou se ‘isso’ produz ‘aquilo’.

Surendra (*sorrindo*): “Se distribuindo dinheiro numa vida anterior, adquire-se fortuna nesta, então, deveríamos todos dar dinheiro agora.”

Mestre: “Aqueles que têm dinheiro devem dá-lo aos pobres e necessitados. (*A Trailokya*) Jayagopal Sen é um homem de posses. Deveria ser caridoso. Se não o é, é demérito para ele. Há pessoas que são avarentas embora tenham dinheiro. Não se sabe quem gozará o dinheiro depois.

“Jayagopal veio aqui outro dia. Chegou de carruagem, as lanternas estavam quebradas, o cavalo parecia ter chegado ossário e o cocheiro dava a impressão de ter tido alta do Hospital Médico da Universidade e, deu-me de presente, duas romãs estragadas! (*Todos riram*).

Surendra: “Jayagopal Babu pertence ao Brahma Samaj. Verifico que agora, não há nenhum homem de valor na organização de Keshab. Vijay Goswami Shivanath e outros membros importantes organizaram o Sadharan Brahma Samaj.”

Mestre (*sorrindo*): “Govinda Adhikari, dizem, não possuía bons atores em seu teatro, senão, reclamariam uma parte do lucro. (*Todos riem*).

“No outro dia vi um discípulo de Keshab. Uma representação teatral estava tendo lugar na casa de Keshab e vi o discípulo dançando no palco com uma criança nos braços. Soube que este homem faz ‘palestras’. Seria melhor que fizesse uma para si mesmo.” Trailokya cantou:

No Mar de Consciência Bem-aventurada levantam ondas de amor.  
Arrebatamento divino! Jogo da Bem-aventurança de Deus!  
Ó quão maravilhoso! Ondas fascinantes da doçura de Deus, sempre novas e encantadoras.  
Levantam-se na superfície, cada vez assumido formas sempre novas.  
Então, mais ainda, na Grande Comunhão, todos fundem-se como as muralhas  
De tempo e espaço dissolvem-se e desaparecem;  
Dance então, Ó mente!  
Dance na alegria, com as mãos levantadas, cantando o santo nome do Senhor Hari.

Sri Ramakrishna pediu a Trailokya para entoar a canção que começava, “Ó Mãe, enlouquece-me com Teu amor.”

Trailokya cantou:

Ó Mãe, enlouquece-me com Teu amor!  
Que necessidade tenho de conhecimento ou razão?  
Embriaga-me com Vinho do Teu amor.  
Ó Tu, que roubas os corações dos Teus bhaktas,  
Afoga-me profundamente no Mar do Teu nome!  
Aqui neste mundo, nesta Tua casa de loucos,  
Alguns riem, alguns choram, alguns dançam de alegria.  
Jesus, Buda, Moisés, Gauranga.  
Todos estão bêbados com o Vinho do Teu amor  
Ó Mãe, quando serei abençoado  
Ao juntar-me à Tua companhia bem-aventurada.



## CAPÍTULO XX

### REGRAS PARA CHEFES DE FAMÍLIA E MONGES

*Domingo, 9 de março de 1884*

**S**HRI RAMAKRISHNA estava sentado em seu aposento em Dakshineswar com muitos devotos. Entre eles estavam Mani Mallick, Mahendra Kaviraj, Balaram, M., Bhavanath, Rakhai, Latu e Harish. O braço do Mestre continuava enfaixado. Apesar de doente permanecia com freqüência, absorvido em samadhi ou instruindo os devotos.

Mani Mallick e Bhavanath falaram da exposição que estava sendo realizada perto do Museu Asiático. Disseram: “Muitos Marajás enviaram artigos preciosos para a exposição – divãs de ouro e coisas semelhantes. Vale a pena visitar.”

Mestre (*aos devotos com um sorriso*): “Sim, vocês ganharam muito em ver tais coisas. Compreendem que aqueles artigos de ouro enviados pelos Marajás são coisas insignificantes. Isto será uma grande aquisição para vocês. Quando eu tinha o hábito de ir a Calcutá com Hriday, ele me mostrava o palácio do vice-rei e dizia: ‘Olhe, tio! Veja o palácio do vice-rei com grandes colunas.’ A Mãe revelou-me que eram meros tijolos assentados um em cima do outro.

“Deus e Seu esplendor. Só Deus é real, o esplendor tem somente dois dias de existência. O mágico e sua mágica. Todos ficam mudos com a maravilha da mágica, mas tudo é irreal. Só o mágico é real. O homem rico e seu jardim. As pessoas só vêem o jardim: deveriam procurar o seu rico proprietário.”

Mani Mallick (*ao Mestre*): “Que lâmpada elétrica grande havia na exposição! Isto nos faz pensar como deve ser grande Aquele que fez essa luz elétrica.”

Mestre (*a Mani*): “Mas de acordo com um ponto de vista é Ele Próprio quem Se tornou tudo. Mesmo aqueles que dizem que são Ele. É o Próprio Satchidananda que Se tornou tudo – o Criador, maya, o universo e os seres vivos.”

A conversa girou em torno do museu.

Mestre (*aos devotos*): “Certa vez visitei o museu. Mostraram-me os fósseis. Um animal inteiro havia virado pedra! Vejam o resultado produzido pela companhia! Assim também, vivendo sempre na companhia de um santo, torna-se verdadeiramente santo.”

Mani (*sorrindo*): “Se o senhor visitar a exposição apenas uma vez, poderíamos receber instrução por dez ou quinze anos.”

Mestre (*com um sorriso*): “O que é isto? Você quer dizer ilustrações?”

Balaram: “Não, o senhor não deve ir. Poderá prejudicar o seu braço se andar muito.”

Mestre: “Gostaria de ter dois quadros. Um de um yogi sentado diante de uma tora de madeira queimando, e outro, de um yogi fumando cânhamo, e o carvão, incandescente enquanto aspira. Esses quadros acendem minha consciência espiritual da mesma maneira que uma fruta de imitação desperta a idéia de uma outra verdadeira.

“O obstáculo à yoga é ‘mulher e ouro’. A yoga é possível quando a mente torna-se pura. A sede da mente fica entre as sobranceiras; mas seu olhar está no umbigo e nos órgãos de reprodução e evacuação, quer dizer, em ‘mulher e ouro’, mas pela disciplina espiritual, a mesma mente olha para cima.

“Quais as disciplinas espirituais que dão à mente uma direção para cima? Aprende-se tudo isto vivendo sempre em companhia santa. Os rishis dos tempos antigos, viviam tanto em solidão, como na companhia de pessoas santas; por conseguinte, podiam facilmente renunciar à ‘mulher e ouro’, e fixar suas mentes em Deus. Não tinham medo, nem se preocupavam com a crítica dos outros.

“A fim de poder renunciar, deve-se orar a Deus, pedindo força de vontade para fazê-lo. Deve-se renunciar imediatamente àquilo que se considera irreal. Os rishis tiveram esta força de vontade. Através dela, controlaram os órgãos dos sentidos. Se a tartaruga recolher suas patas, não poderemos fazê-la pôr as patas para fora, mesmo que a cortemos em quatro partes.

“Um homem mundano é um hipócrita. Não pode ser sincero. Declara que ama Deus, mas está atraído pelos objetos do mundo. Não dá a Deus nem uma pequena parte de amor que sente por ‘mulher e ouro’, mas diz que ama Deus. (*A Mani Mallick*) Abandone a hipocrisia.”

Mani: “Para com quem, Deus ou o homem?”

Mestre: “Com tudo – com o homem e com Deus. Não se deve ser hipócrita.

“Quão puro é Bhavanath! Depois do seu casamento veio falar comigo e perguntou-me: ‘Por que sinto tanto amor por minha esposa?’ Ó, ele é tão puro!

“Não é natural para um homem amar a esposa? Isto é devido à maya que enfeitiça o mundo da Mãe Divina do Universo. Um homem sente em relação à esposa, que não existe para ele, no mundo, ninguém mais próximo e querido, que ela é sua, na vida e na morte, aqui e na vida futura.

“Também, quanto um homem sofre por sua esposa! Mesmo assim, crê que não há outro parente tão próximo. Olhem a triste luta de um marido. Talvez ganhe vinte rupias por mês e seja pai de três crianças. Não possui meios para alimentá-las bem. O telhado de sua casa está com goteiras, mas não tem meios para consertá-lo. Não pode comprar livros novos para seu filho. Não pode investir seu filho com o cordão sagrado. Pede a seus amigos, uns centavos.

“Mas uma esposa dotada de sabedoria espiritual é uma verdadeira companheira em sua vida. Ajuda bastante o marido no caminho religioso. Depois do nascimento de um ou dois filhos, vivem como irmão e irmã. Ambos são devotos de Deus – Seu servo e Sua atendente. Sua família é uma família espiritual. Estão sempre felizes com Deus e Seus devotos. Sabem que somente Deus é muito íntimo deles, para todo o sempre. São como os irmãos Pandavas, não esquecem Deus na felicidade e no infortúnio.

“O anelo das pessoas de mente mundana por Deus é momentâneo, como gota d’água numa frigideira bem quente. A água chia mas seca num instante. A atenção das pessoas de mente mundana está direcionada para o desfrutar dos prazeres mundanos, por isso, não sentem anseio e inquietude por Deus.

“As pessoas podem observar o ekadashi de três maneiras. Primeiro o ekadashi ‘sem água’ - não é permitido beber nem uma gota de água. Assim também, um mendicante religioso que a tudo renuncia, abandona completamente todas as formas de prazer. Segundo, enquanto observam o ekadashi, bebem leite e sandesh. Assim um devoto chefe de família mantém em sua casa, objetos simples de prazer. Terceiro, enquanto observam ekadashi comem luchi e chakka até se fartarem. Conservam pães embebidos em leite, que comerão mais tarde.<sup>1</sup>

“Um homem pratica disciplina espiritual, mas a mente está em ‘mulher e ouro’ - está dirigida para o prazer, portanto, neste caso, a disciplina espiritual não dá bom resultado.

“Hazra costumava praticar muito japa e austeridade aqui, mas no interior tinha mulher, filhos e terra. Por isso, a par de sua disciplina espiritual, fazia negócios como corretor. Estas pessoas não podem ser fiéis à sua palavra. Num dado momento dizem que vão deixar de comer peixe, mas pouco tempo depois quebram sua palavra.

“Há alguma coisa que um homem não faça por dinheiro? Chega mesmo a obrigar um brahmin ou um santo a carregar um fardo.

“Os doces que eu guardava no quarto ficavam velhos, mas não podia dá-los a pessoas de mente mundana. Podia aceitar água suja de outros, mas nem mesmo poderia tocar num jarro de uma pessoa mundana.

“Ao ver pessoas ricas, Hazra as chamava e fazia-lhes longos discursos. Dizia: ‘Vejam Rakhal e os outros jovens. Não praticam disciplina espiritual. Simplesmente andam por aí se divertindo’.

“Um homem pode viver numa caverna na montanha, cobrir o corpo com cinzas, fazer jejuns e praticar disciplina austera, mas se a mente mora nos objetos mundanos, em ‘mulher e ouro’, digo ‘Que vergonha!’ para ele, mas considero verdadeiramente abençoado aquele que come, bebe e passeia, mas conserva a mente livre de ‘mulher e ouro’.

<sup>1</sup> Esta observância é um ekadashi apenas nominal, uma vez que aquele que está praticando, enche o estômago com alimentos deliciosos. Evitando arroz e alguns alimentos cozidos, mantêm-se estritamente dentro da lei.

(*Apontando para Mani Mallick*) “Não existe um quadro de um santo em sua sala. O sentimento divino é despertado por meio de tais imagens.”

Manilal: “Sim, há. Num aposento há um quadro de uma mulher cristã piedosa, orando. Há um outro quadro no qual um homem agarra-se na Montanha da Fé; abaixo está o oceano de profundidade incomensurável. Se deixar de se apoiar na fé, cairá na água sem fundo. Há, ainda um terceiro quadro. Muitas virgens guardam vigília, alimentando seus lampiões com óleo à espera do Noivo. Uma virgem adormecida está a seu lado. Ela não verá o Noivo quando Ele chegar. Deus é descrito aqui, como o Noivo.”

“Mestre (*sorrindo*): “É muito bonito.”

Manilal: “Possuo outros quadros, também – uma da ‘Árvore da Fé’ e outro, ‘Pecado e Virtude’.”

Mestre (*a Bhavanath*): “São bons quadros. Vá vê-los em sua casa.”

O Mestre ficou em silêncio por uns minutos.

Mestre: “De vez em quando reflito sobre estas idéias e descubro que não gosto delas. No começo da vida espiritual deve-se pensar em pecado e como libertar-se dele, mas quando, pela graça de Deus, devoção e amor despertam no coração, deve-se esquecer tanto a virtude como o pecado. As escrituras e suas prescrições são deixados para trás. Pensamentos de arrependimento e penitência não devem incomodar mais.

“É como ir ao destino, seguindo o curso de um rio sinuoso. Isto requer grande esforço e muito tempo, mas quando tudo está coberto pelas águas, então pode-se ir direto ao destino em pouco tempo. A terra debaixo d’água está tão profunda quanto uma vara de bambu.

“No começo da prática espiritual segue-se um atalho. Sofre-se muito, mas o caminho torna-se muito fácil quando o amor for despertado no coração. É como atravessar um campo de arroz depois da colheita. Pode-se andar em qualquer direção. Antes da colheita tinha-se que seguir acompanhando a faixa sinuosa, mas agora, pode-se caminhar para qualquer lado. Pode haver restolho no campo, mas não poderá se machucar se andar de sapatos. Assim também, um aspirante não sofre se tiver discriminação, desapego e fé nas palavras do guru.”

Manilal (*ao Mestre*): “Bem, em que devemos nos concentrar? Por que devemos nos concentrar?”

Mestre: “O coração é um lugar esplêndido. Pode-se meditar ali ou no Sahasrara. Essas são as regras prescritas pelas escrituras, mas pode-se meditar em qualquer lugar que se deseje. Todo lugar está preenchido com a Consciência de Brahman. Existe algum lugar onde Ela não exista? Narayana, na presença de Vali, cobriu com dois passos, os céus, a terra e os espaços entre eles.<sup>2</sup> Há algum lugar em que Ele não seja coberto por Deus? Um lugar sujo é tão sagrado quanto as margens do Ganges. Diz-se que a criação inteira é Virat, a Forma Universal de Deus.

“Há dois tipos de meditação, uma no Deus sem forma e outra, no Deus com forma. Mas a meditação no Deus sem forma é extremamente difícil. Nessa meditação tem-se que eliminar tudo o que se vê ou ouve. Contempla-se somente a natureza do Ser Interno. Meditando no Ser Interno, Shiva dança de um lado para o outro. Exclama: ‘O que Eu sou! O que Eu sou!’ Essa é chamada ‘Yoga de Shiva’. Enquanto estiver praticando esta forma de meditação, dirige-se o olhar para a testa. É meditação sobre a natureza do Ser Interno, depois de negar o mundo, seguindo o método vedantista ‘Isto não, isto não’.

“Há uma outra forma de meditação conhecida como ‘Yoga de Vishnu’. Os olhos são fixados na ponta do nariz. Meio olhar está dirigido para o interior e meio olhar, para o exterior. É assim como se medita em Deus com forma. Às vezes Shiva medita em Deus com forma e dança. Nesse ponto Ele exclama, ‘Rama! Rama!’ e dança de um lado para o outro.”

Shri Ramakrishna em seguida, explicou a sagrada Palavra OM e o verdadeiro Conhecimento de Brahman e o estado mental depois de se alcançar Brahmajnana.

<sup>2</sup> Referência a uma história do *Bhagavata*. O rei Vali era orgulhoso de sua caridade. Deus apareceu diante dele, na forma de um anão e lhe pediu o espaço que Ele poderia cobrir com três passos. Vali concedeu-lhe sua graça. Com dois passos o Senhor cobriu a terra, os céus e os espaços entre eles. Vali viu-se forçado a colocar a própria cabeça ante o Senhor para o terceiro passo. Isto abateu o seu orgulho.

Mestre: “O som OM é Brahman. Os rishis e sábios praticaram austeridade para realizar este Brahman-Som. Depois de atingir a perfeição ouve-se o som desta Palavra eterna, subindo espontaneamente do umbigo.

“ ‘O que se ganha’, perguntam alguns sábios, ‘em apenas ouvir este som? Você ouve o barulho do oceano à distância, mas seguindo o barulho, chega-se ao oceano. Enquanto houver este barulho deve haver, também, oceano. Seguindo a pegada do OM, atinge-se Brahman, cujo símbolo é a Palavra. Este Brahman foi descrito nos Vedas, como a meta suprema, mas esta visão não é possível, enquanto se for consciente do ego. Só se realiza Brahman quando não se sentir nem ‘eu’ nem ‘você’, nem ‘um’ nem ‘muitos’.

“Pense no sol e em dez jarros cheios de água. O sol está refletindo em cada jarro. Primeiramente vê-se um sol real e dez sóis refletidos. Se forem quebrados nove jarros, ficará o sol real e um refletido. Cada jarro representa um jiva. Seguindo o reflexo pode-se encontrar o sol real.. Através da alma individual pode-se alcançar a Alma Suprema. Pela disciplina espiritual a alma individual pode obter a visão da Alma Suprema. O que permanece depois que o último jarro foi quebrado, não pode ser descrito.

“No início o jiva permanece em estado de ignorância. Não é consciente de Deus, somente da multiplicidade. Vê muitas coisas a seu redor. Ao alcançar o Conhecimento, torna-se consciente de que Deus mora em todos os seres. Suponhamos que um homem tenha um espinho na sola do pé. Toma outro espinho e com ele, retira o primeiro. Em outras palavras, retira o espinho da ajnana, ignorância, por meio do espinho da jnana, conhecimento, mas ao atingir vijnana, desvencilha-se de ambos os espinhos, conhecimento e ignorância. Então conversa com intimidade com Deus dia e noite. Não é uma simples visão de Deus.

“Aquele que apenas ouviu falar do leite é ‘ignorante’. Aquele que viu o leite tem ‘conhecimento’, mas aquele que bebeu o leite e ficou fortalecido por ele, atingiu vijnana.”

Desta maneira o Mestre descreveu aos devotos seu próprio estado mental. Era de fato, um vijnani.

Mestre (*aos devotos*): “Há uma diferença entre um sadhu dotado de jnana e um outro dotado de vijnana. Um sadhu jnani senta-se de uma maneira especial. Torce o bigode e pergunta ao visitante: ‘Bem, senhor! Tem alguma pergunta a fazer?’ Mas um homem que sempre vê Deus e fala com Ele intimamente, possui uma natureza completamente diferente. Às vezes é como uma coisa inerte, às vezes como um fantasma, às vezes como uma criança, ou às vezes como um louco.

“Quando está em samadhi, torna—se inconsciente do mundo exterior e parece inerte. Vê tudo tomado pela Consciência de Brahman; por conseguinte, comporta-se como um fantasma. Não é consciente nem do sagrado, nem do profano. Não observa qualquer pureza formal. Para ele tudo é Brahman. Não está consciente de sujeira como tal. Até o arroz e outras comidas cozidas, depois de alguns dias apodrecem.

“Também é como um louco. As pessoas observam seus modos e ações e consideram-no insano. Ou às vezes é como uma criança – sem grilhões, vergonha, ódio, hesitação ou sentimentos semelhantes.

“Este estado mental é alcançado depois de se ter a visão de Deus. Quando um barco passa junto a uma montanha magnética, seus parafusos e pregos afrouxam-se e caem. Luxúria, raiva e outras paixões não podem existir depois da visão de Deus.

“Não é mais possível ao homem que viu Deus gerar filhos e perpetuar a criação. Quando um grão de arroz é semeado, desenvolve-se numa planta, mas o grão de arroz fervido não germina mais.

“Uma vez um raio caiu no templo de Kali. Reparei que afrouxaram-se as pontas dos parafusos.

“Aquele que viu Deus retém o ‘eu’ somente em nome. Nenhum mal pode ser feito por esse ‘eu’. É uma simples aparência, como a marca que um galho deixa no coqueiro. O galho caiu, somente a marca ficou.

“Eu disse a Keshab Sen: ‘Livre-se do ego que o faz sentir, ‘Eu sou o que faz; estou ensinando as pessoas.’ Keshab disse-me: ‘Senhor, não poderei conservar a organização.’ Então disse-lhe: ‘Livre-se do “ego mau”.’ Não é necessário renunciar ao ego que faz uma pessoa sentir, ‘Sou o servo de Deus, sou Seu devoto.’ Não se desenvolve o ‘ego divino’ enquanto se

retiver o ‘ego mau’. Se alguém toma conta da dispensa, o dono da casa não se sente responsável por ela.

(*Aos devotos*): “Vejam, meu temperamento está mudando por causa do meu braço. Foi-me revelado que há uma maior manifestação de Deus no homem do que nos outros seres criados. Deus me diz, por assim dizer, ‘Moro nos homens. Alegre-se com os homens.’ Entre os homens, Deus manifesta-Se em maior grau nos devotos de alma pura. É por esta razão que sinto tanto anelo por Narendra e outros jovens.

“Muitas vezes são vistas pequenas depressões na margem de um lago onde se acumulam peixes e caranguejos. Assim também, há mais acúmulo de divindade no homem. Diz-se que o homem é maior do que o salagrama. O homem é o próprio Narayana. Se Deus pode manifestar-Se através de uma imagem, por que não, através do homem?

“Deus nasce como homem a fim de se divertir como homem. Rama, Krishna e Chaitanya são exemplos. Meditando-se numa Encarnação de Deus, medita-se no Próprio Deus.”

Chegou Bhagavan Das, um devoto Brahma.

Mestre (*a Bhagavan Das*): “A Religião Eterna, a religião dos Rishis, existe desde os tempos imemoriais e existirá eternamente. No Sanatana Dharma todas as formas de adoração – adoração de Deus com forma, bem como a adoração da Divindade Impessoal, contém em si todos os caminhos – o do conhecimento, o da devoção e assim por diante. Outras formas de religião, os cultos modernos, permanecerão por poucos dias e logo desaparecerão.”

23 de março de 1884

Shri Ramakrishna estava em seu quarto depois do almoço, com Rakhai, Ram e alguns devotos. Não se sentia muito bem. O braço ainda estava enfaixado.

Apesar de sua doença, seu quarto era um verdadeiro mercado de alegria, sendo ele o centro. Diariamente devotos vinham em multidão para vê-lo. Conversas espirituais fluíam incessantemente no ambiente e o próprio ar vibrava de felicidade. Às vezes o Mestre cantava o nome e as glórias de Deus e, às vezes, entrava em samadhi. Os devotos ficavam impressionados com a facilidade com que o Mestre se libertava da consciência do corpo.

Ram: “Há um comentário sobre a possibilidade de Narendra casar-se com a filha do sr. R. Mitra. Foi oferecido um grande dote a Narendra.”

Mestre (*sorrindo*): “Sim, Narendra poderá assim, tornar-se líder na sociedade ou algo assim. Será proeminente em qualquer carreira que seguir.”

O Mestre não encorajou a conversa sobre Narendra.

Mestre (*a Ram*): “Bem, pode-me dizer porque fico tão impaciente quando estou doente? Às vezes pergunto a um, às vezes a outro, como posso me curar. Veja, deve-se crer em todo o mundo ou em ninguém.

“É o Próprio Deus quem Se tornou os médicos, portanto deve-se crer em todos eles, mas não se pode ter fé neles, se forem considerados simples homens.

“Sambhu estava delirando muito. O Dr. Sarvadhikari disse que o delírio era devido a um remédio muito forte. Haladhari pediu ao médico para tomar seu pulso. O médico disse-lhe, ‘Deixe-me ver seus olhos. Ó, é um aumento do baço!’ Haladhari disse que não tinha nada disso, mas o Dr. Madhu receita bons remédios.”

Ram: “O remédio por si mesmo não faz bem, embora ajude muito a natureza.”

Mestre: “Se é assim, por que o ópio causa constipação?”

Ram referia-se à morte de Keshab Sen.

Ram: “O senhor estava com razão. Disse que o jardineiro deixa desenterradas as raízes de uma roseira boa, para que possa absorver o orvalho e crescer mais forte e saudável. As palavras de um santo realizaram-se.”

Mestre: “Não sei nada a este respeito. Não estava calculando quando falei. É você quem está dizendo isso.”

Ram: “Os Brahmos publicaram algo sobre o senhor, em sua revista.”

Mestre: “Publicaram sobre mim? Por que deveriam escrever agora? Como, bebo e sou feliz. Não sei nada mais.

“Certa vez perguntei a Keshab: ‘Por que você escreveu sobre mim?’ Respondeu-me que isto atrairia pessoas aqui, mas não se pode ensinar pelo próprio poder. Não se pode conquistar a ignorância sem o poder de Deus.

“Uma vez dois homens estavam lutando. Um era Hanuman Singh e o outro, um muçulmano do Punjab. O muçulmano era um homem forte e corpulento. Havia comido grande quantidade de manteiga e carne, com avidez, nos quinze dias anteriores à luta e, também, naquele mesmo dia. Todos pensavam que seria o vitorioso. Hanuman Singh, de sua parte, vestido com uma roupa suja, havia comido frugalmente, nos dias que precederam à luta e dedicava o tempo a repetir o santo nome de Mahavir<sup>3</sup>. No dia da luta observou completo jejum. Todos pensavam que certamente seria derrotado, mas foi ele quem venceu, enquanto que o homem que tinha se banqueteadado durante os quinze dias, perdeu a luta.

“Qual a necessidade de imprimir e fazer propaganda? Aquele que ensina os homens obtém sua força de Deus. Apenas um homem de renúncia pode ensinar aos outros. Sou o maior de todos os tolos!” (*Todos riem*).

Um devoto: “Como então, os Vedas e a Vedanta e muitos outros ensinamentos saem de sua boca?”

Mestre (*sorrindo*): “Em minha infância eu podia compreender o que os sadhus liam na casa de Lahas em Kamarpukur, embora não entendesse algo aqui e ali. Se um pundit fala comigo em sânscrito, posso acompanhá-lo, mas não sei falar sânscrito.

“A única meta na vida é realizar Deus. Enquanto mirava sua seta no marco, Arjuna disse: ‘Vejo somente o olho do pássaro e nada mais – não vejo os reis, nem as árvores, nem mesmo o próprio pássaro.’

“A realização e Deus é suficiente para mim. O que importa se não conheço o sânscrito?”

“A graça de Deus desce da mesma maneira para todos os Seus filhos, eruditos e iletrados, qualquer um que anseie por Ele. O pai tem o mesmo amor por todos os seus filhos. Suponhamos que um pai tenha cinco filhos. Um o chama de ‘Baba’, outro ‘Ba’, e alguns ‘Pa’. Estes últimos não conseguem pronunciar a palavra inteira. Será que o pai ama aqueles que o chamam ‘Baba’ mais do que aquele que o chama de ‘Pa’? O pai sabe mais que estes últimos são muito pequenos para falar ‘Baba’ corretamente.

“Desde que quebrei o braço, uma mudança vem se operando em minha mente. Tenho me sentido mais inclinado para o Naralila. É o Próprio Deus que faz o papel de seres humanos. Se Deus pode ser adorado num imagem de argila, então, por que não num homem?”

“Certa vez um mercador naufragou. Nadou até a praia do Ceilão, onde Bibhishana era o rei dos monstros. Bibhishana mandou que seus servos lhe trouxessem o mercador. Ao vê-lo Bibhishana foi tomado de alegria e disse: ‘Ah! Como ele se parece com o meu Rama! A mesma forma humana!’ Cobriu o mercador de roupas e jóias e adorou-o. Ao ouvir esta história pela primeira vez, senti tal alegria que não posso descrever.

“Vaishnavcharan disse-me: ‘Se uma pessoa olhar seu Ishta como seu bem-amado, achará muito fácil dirigir a mente a Deus.’ Os homens e mulheres de uma determinada seita<sup>4</sup> em Shyambazar, próximo de Kamarpukur, diziam uns para os outros, ‘Quem você ama?’ ‘Amo fulano de tal’. ‘Então saiba que ele é seu Deus.’ Ao ouvir isto, disse-lhes: ‘Este não é meu caminho. Considero todas as mulheres como minha mãe.’ Descobri que contavam muita vantagem, mas levavam uma vida imoral. As mulheres perguntaram-me se não teriam salvação. ‘Sim’, disse, ‘se vocês forem absolutamente fiéis a um único homem e o olharem como seu Deus, mas não serão salvas se viverem com cinco homens.’ ”

Ram: “”Soube que Kedar Babu visitou recentemente os Kartabhajas.”

Mestre: “Ele colhe o mel de várias flores. (*A Ram, Nityagopal e outros*) Se um devoto crê cem por cento que seu Ideal Escolhido é Deus, então atinge Deus e O vê.

<sup>3</sup> Mahavir ou Hanuman é a divindade protetora dos lutadores.

<sup>4</sup> Referência a certas seitas menores do vaishnavismo, como o Kartabhaja e a Navarasika, que ensinam que os homens e mulheres devem viver juntos, num relacionamento de amor. Gradualmente devem sublimar seu amor, olhando-se mutuamente como divinos, eventualmente realizando que seu amor físico é, também, o amor de Deus. Isto é muito difícil.

“As pessoas das gerações passadas tinham uma fé tremenda. Que fé possuía o pai de Haladhari! Certa vez, a caminho da casa de sua filha, viu umas flores muito bonitas e folhas de vilwa. Apanhou-as para o culto da Divindade Familiar e voltou, caminhando cinco ou seis milhas, até sua casa.

“Uma vez uma companhia teatral do vilarejo estava representando a vida de Rama. Quando Kaikeyi pediu a Rama para se exilar na floresta, o pai de Haladhari, que assistia à representação, pulou em cima da atriz, que fazia o papel de Kalkeyi, gritando: “Sua malvada!” e quase queimou o rosto da atriz com uma tocha. Era um homem muito religioso. Depois de haver terminado suas abluções, permanecia na água e meditava na Divindade, recitando a invocação: ‘Medito em Ti de pele vermelha e quatro rostos’, enquanto lágrimas escorriam pelo rosto.

“Quando meu pai caminhava pelas ruas do vilarejo, usando sandálias de madeira, os lojistas levantavam-se com respeito e diziam, ‘Aí vem ele!’ Quando se banhava no Haldapukur, os aldeões não tinham coragem de entrar na água. Antes de se banharem, perguntavam se ele já havia terminado o seu banho.

“Quando meu pai cantava o nome de Raghuvir, seu peito ficava vermelho. Isto também aconteceu comigo. Quando vi as vacas de Vrindavan voltando do pasto, fui transportado a um estado divino e meu corpo ficou vermelho.

“Muito forte era a fé das pessoas naqueles dias. Diziam que Deus costumava dançar, tomando a forma de Kali, enquanto que os devotos batiam palmas, marcando o ritmo.”

Um hathayogi estava vivendo numa cabana no Panchavati. Ramprasanna, filho de Krishnakishori de Ariadaha e vários homens haviam se tornado seus devotos. O yogi precisava de vinte e cinco rupias por mês para o leite e ópio. Por isso Ramprasanna havia pedido a Sri Ramakrishna para falar com os devotos sobre o yogi e obter assim, algum dinheiro. O Mestre disse a vários devotos: “Um hathayogi chegou ao Panchavati. Vão visitá-lo. Vejam que tipo de homem que é.”

Um jovem de vinte e sete ou vinte e oito anos, conhecido como Thakur Dada, entrou no aposento com alguns amigos e saudou o Mestre. Vivia em Baranagore e era filho de um pundit brahmin. Praticava kathakata <sup>5</sup> a fim de ganhar dinheiro para atender às despesas de sua família. Certa vez foi tomado pelo espírito de renúncia e abandonou a família. Mesmo agora pratica disciplina espiritual em casa.

Mestre: “Veio a pé? Onde mora?”

Dada: “Sim, senhor, vim caminhando desde minha casa. Moro em Baranagar.”

Mestre: “Veio aqui por algum motivo particular?”

Dada: “Vim visitá-lo. Oro a Deus, mas por que será que de vez em quando sofro com tantas preocupações? Por alguns dias sinto-me muito feliz. Por que depois fico inquieto?”

Mestre: “Compreendo. As coisas não se ajustaram de forma correta. Uma máquina anda suavemente se o mecânico ajustar corretamente as engrenagens. Em seu caso, há uma obstrução em alguma parte.”

Dada: “Sim, senhor. Deve ser assim.”

Mestre: “O senhor é iniciado?”

Dada? “Sim, senhor.”

Mestre: “Tem fé no mantra?”

Um amigo de Thakur Dada disse que ele sabia cantar bem. O Mestre pediu que cantasse a que ele atendeu.

Vou tornar-me um yogi e morar numa caverna da montanha do Amor  
 Vou me perder na yoga ao lado da Fonte de Felicidade,  
 Vou acalmar minha fome de Conhecimento com o fruto da Verdade.  
 Vou adorar os pés de Deus com a flor do Desapego.

Não vou procurar um poço para saciar a sede abrasadora do meu coração.  
 Mas vou derramar a água da Paz no jarro de minha alma

<sup>5</sup> Recital de histórias tiradas de livros religiosos, com música adequada.

Bebendo o glorioso Néctar de Teus abençoados Pés de Lótus.  
Vou rir e dançar, chorar e cantar nas alturas da Alegria.

Mestre: “Ah! Que canção encantadora! ‘Fonte de Felicidade!’ , ‘Fruto da Verdade!’ ‘Rir e dançar, chorar e cantar!’ Suas canções têm um gosto muito doce para mim. Por que deveria você preocupar-se?

“Prazer e dor são inevitáveis no mundo. Às vezes sofre-se uma pequena preocupação e tribulação. Se alguém mora num aposento cheio de fuligem, não pode evitar sujar-se.”

Dada: “Por favor diga-me, o que devo fazer agora.”

Mestre: “Cante o nome de Hari de manhã e à noite, batendo palmas. Volte mais vezes quando meu braço melhorar um pouco.”

Mahimacharan entrou no aposento e saudou o Mestre. Shri Ramakrishna disse-lhe: “Ah! Ele cantou uma linda canção. Por favor, cante-a de novo.” Thakur Dada repetiu a canção.

Mestre (*a Mahima*): “Por favor recite aquele verso, aquele sobre a devoção a Hari.”

Mahimacharan recitou, citando do *Narada Pancharatra*.

Qual a necessidade de penitência, quando Deus é adorado com amor?

Qual a utilidade de penitência quando Deus não é adorado com amor?

Qual a necessidade de penitência quando Deus é visto tanto interna quanto externamente?

Qual a utilidade de penitência quando Deus não é visto tanto interna quanto externamente?

Mestre: “Recite também, aquela parte – ‘Obtenha d’Ele o amor de Deus’.”

Mahima recitou:

Ó Brahman! Ó meu filho! Pára de fazer penitência.

Apressa-Te para Shankara, o Oceano de Sabedoria Celestial;

Obtém d’Ele o amor de Deus, o puro amor exaltado pelos devotos,

Que corta em duas, as algemas que Te prendem ao mundo.

Mestre: “Sim, Shankara derramará o amor de Deus.”

Mahima: “Aquele que se libertou das ligaduras é o eterno Shiva.”

Mestre: “Vergonha, ódio, medo, hesitação – são os grilhões. O que você me diz?”

Mahima: “Sim, senhor. E também, a dissimulação e o desejo de elogio.”

Mestre: “Há dois sinais de conhecimento. Primeiro, buddhi imperturbável. Não importa quantos sofrimentos, aflições, perigos e obstáculos que se tenha que enfrentar, a mente mantém-se imperturbável. É como a bigorna do ferreiro que recebe constantes golpes de martelo, mas permanece imutável. Segundo, vontade muito resoluto. Se a luxúria e a cólera assaltarem um homem, deve renunciar a elas, uma vez por todas. Se uma tartaruga encolhe as patas, não as porá de fora novamente, mesmo que você a corte em quatro partes ( *A Thakur Dada e outros*). Há dois tipos de renúncia: intensa e tímida. A renúncia tímida é um processo lento: move-se em ritmo vagaroso. A renúncia intensa é como o fio cortante da navalha. Corta a ligadura de maya, com facilidade e de imediato.

“Um fazendeiro trabalha dias inteiros, levando água do lago ao seu campo, mas seus esforços são inúteis, porque não tem determinação. Outro fazendeiro, depois de ter trabalhado durante dois ou três dias, toma uma decisão e diz: ‘Hoje levarei água para o meu campo e não voltarei para casa, enquanto não conseguir.’ Põe de lado qualquer pensamento referente a banho e comida. Trabalha o dia inteiro e fica alegre quando, à noite, vê a água entrando em seu campo, com um som murmurante. Volta para casa e diz à esposa: ‘Agora dê-me um pouco de azeite. Vou tomar banho.’ Depois do banho e do jantar, vai dormir em paz.

“Uma mulher disse a seu marido: ‘Fulano de tal desenvolveu um espírito de forte desapego pelo mundo, mas não vejo isto em você. Ele tem dezesseis esposas e as está abandonando uma a uma.’ O marido, com uma toalha nos ombros, ia ao lago tomar banho. Disse-lhe: ‘Você está maluca! Ele não pode abandonar o mundo. É possível renunciar aos poucos? Posso renunciar. Veja! Já vou.’ Não se deteve nem para acertar seus negócios. Largou a casa como estava, com a toalha nos ombros e foi embora. Aquela foi uma renúncia intensa.

“Há um outro tipo de renúncia, chamada ‘markatavairagya’, ‘renúncia do macaco’. Um homem devido aos problemas em casa, põe roupa ocre e vai para Benares. Durante muitos dias não manda notícias. Escreve então: ‘Não se preocupem comigo. Consegui um trabalho aqui.’

Há sempre problemas na vida familiar. A esposa pode ser desobediente. Talvez o marido ganhe somente vinte rupias por mês. Não tem meios para realizar a cerimônia de ‘comer arroz’ de seu bebê. Não pode educar o filho. A casa está dilapidada. O telhado tem goteiras e ele não tem dinheiro para consertá-lo.

“Por conseguinte, quando os jovens vêm aqui, pergunto-lhes se eles têm alguém em casa. (A *Mahima*): Por que os chefes de família devem renunciar ao mundo? Quantas tribulações os monges errantes têm que passar! A esposa de certo homem disse-lhe: ‘Você quer renunciar ao mundo? Por que? Vai ter que mendigar porções de comida de oito lugares diferentes. Mas aqui, você tem toda comida num só lugar. Não é bom?’

“Os monges errantes, quando procuram um sadavrata <sup>6</sup> podem ter que se desviar seis milhas de seu caminho. Tenho-os visto caminhando pela estrada principal, depois da peregrinação a Puri e fazendo um desvio para encontrar um lugar para comer.

“Você está levando uma vida de chefe de família. Isto é muito bom. É como lutar dentro de um forte. Há muitas desvantagens em lutar em campo aberto. Muitos perigos, também. As balas podem alcançá-lo.

“Mas deve-se passar algum tempo na solidão e alcançar o Conhecimento. Então pode levar a vida de um chefe de família. Janaka viveu no mundo depois de alcançar o Conhecimento. Quando você o obtiver, pode viver em qualquer lugar. Então, nada importa.”

Mahima: “Senhor, por que um homem fica desiludido com os objetos do mundo?”

Mestre: “É porque vive no meio deles, sem ter realizado Deus. O homem não mais sucumbe à ilusão depois de ter realizado Deus. A traça não gosta mais da escuridão, depois de ter visto a luz uma vez.

“A fim de realizar Deus, deve-se praticar continência absoluta. Sábios como Shukadeva foram exemplos de urdhareta <sup>7</sup>. Sua castidade foi absolutamente ininterrupta. Há uma outra classe que anteriormente perdeu semen, mas, que mais tarde o controlou. Um homem que controla o fluido seminal por doze anos, desenvolve um poder espiritual. Desenvolve um nervo interno, chamado nervo da memória. Por meio desse nervo, compreende e lembra-se de tudo.

“A perda do sêmen diminui a força, mas não prejudica se a pessoa o perde durante o sono. Obtém-se esse sêmen da comida. O que permanece depois da perda noturna, é suficiente, mas não se deve conhecer mulher.

“O sêmen que resta depois da perda noturna, é muito ‘refinado’. Lahas guardava jarros de melado em sua casa. Cada um possuía um buraco. Depois de um ano, os melados haviam se cristalizado como açúcar cande. A parte líquida desnecessária havia saído pelo buraco.

“Um sannyasi deve renunciar totalmente à mulher. Você já está envolvido, mas isto não importa.

“Um sannyasi não deve nem olhar para o retrato de uma mulher, mas isto é muito difícil para um homem comum. Sa, re, ga, ma pa, dha, ni são as sete notas da escala. Não é possível manter-se a voz no ‘ni’ por muito tempo.

“Perder semen é extremamente prejudicial para um sannyasi, portanto ele deve viver tão cuidadosamente que não tenha que ver a forma de uma mulher. Deve-se manter afastado de uma mulher, mesmo que ela seja uma devota de Deus. É ruim para ele até mesmo olhar para o seu retrato. Perderá sêmen durante o sono, se isto não acontecer em estado de vigília.

“Um sannyasi já pode ter controlado seus sentidos, mas para dar exemplo à humanidade, não deve falar com mulheres. Não deve falar a uma mulher durante muito tempo apesar dela ser uma devota de Deus.

“Viver como sannyasi é como observar ekadashi, sem beber nem mesmo uma gota de água. Há duas outras maneiras de observar o dia. Pode-se comer fruta ou luchi com curry.

<sup>6</sup> Lugar onde se dá comida gratuita aos monges e pedintes.

<sup>7</sup> Homem de continência inquebrantável e completa.

Com luchi e curry pode-se também, comer fatias de pão embebidas em leite. (*Todos riem*). (*Sorrindo*): Jejum absoluto não é possível para você.

“Certa vez vi Krishnakishori comendo luchi e curry, no dia do ekadashi. Disse a Hriday, ‘Hridi, quero observar o ekadashi do Krishnakishori!’ (*Todos riem*). E assim fiz, um dia. Comi o quanto podia. No dia seguinte tive de jejuar.” (*Risada*).

Os devotos que haviam ido ao Panchavati visitar o hathayogi, regressaram.

Mestre (*dirigindo-se a eles*): “Bem, o que pensam dele? Ouso dizer que vocês o mediram com sua própria medida.”

Shri Ramakrishna viu que alguns devotos estavam dispostos a dar dinheiro ao hathayogi.

Mestre: “Vocês não gostam de um sadhu se tiverem de lhe dar dinheiro. Rajendra Mitra recebe um salário de oitocentas rupias por mês. Esteve em Allahabad para ver kumbhamela. Perguntei-lhe: ‘Bem, que tipo de sadhus você viu na feira?’ Rajendra respondeu: ‘Não encontrei nenhum grande sadhu. É bem verdade que reparei num, mas até ele aceitou dinheiro.’

“Digo a mim mesmo: ‘Se ninguém der dinheiro a um sadhu, então como ele vai se sustentar?’ Aqui não se pede dinheiro, portanto, todos vêm. Digo a mim mesmo: ‘Ó! Eles amam o seu dinheiro. Deixe-os com ele’.”

O Mestre descansou um pouco. Um devoto sentou-se na extremidade do pequeno divã e massageou suavemente seus pés. O Mestre disse-lhe docemente: ‘Aquele que é sem forma, também tem forma. Deve-se, também, crer nas formas de Deus. Meditando em Kali, o aspirante realiza Deus como Kali. Em seguida vê que a forma funde-se no Absoluto Indivisível. Aquele que é Satchidananda Indivisível é verdadeiramente Kali.’

Shri Ramakrishna estava sentada no pórtico semicircular perto de seu quarto, conversando com Mahima e outros devotos sobre o hathayogi. A conversa desviou-se para Ramprasanna, filho de Krishnakishori. O Mestre gostava muito do jovem.

Mestre: “Ramprasanna está sem objetivo. Outro dia veio aqui e sentou-se no quarto, mas não disse uma palavra. Pressionava suas narinas, praticando pranayama. Ofereci-lhe algo para comer, mas não aceitou. Noutra ocasião pedi-lhe para sentar-se perto de mim. Sentou-se, cruzando as pernas uma sobre a outra. Foi bem descortês com o Capitão. Choro pelo sofrimento de sua mãe.

(*A Mahima*): “Ramprasanna pediu-me para falar com você sobre o hathayogi. Suas despesas diárias chegam a seis e meia annas, mas ele mesmo não dirá nada a este respeito.”

Mahima: “Quem o escutará mesmo se ele falar?”

Mani Sen de Panihati entrou no aposento com vários amigos, um dos quais era médico. Mani perguntou ao Mestre sobre o braço. O médico não aprovou o remédio prescrito por Pratap Mazumdar. O Mestre disse-lhe: “Por que o senhor diz isto? Pratap não é tolo.”

Subitamente Latu gritou: “Ó! O vidro de remédio caiu e quebrou.”

Ainda não era o crepúsculo. O Mestre, sentado no divã, conversava com M. Mahimacharan estava no pórtico semicircular, empenhado numa calorosa discussão sobre as escrituras, com o médico amigo de Mani Sen. Shri Ramakrishna ouviu e com um sorriso, disse a M.: “Calma! Ele está expondo sua opinião. É característica de rajas. Estimula o desejo de ‘fazer conferências’ e exibir erudição. Sattva, ao contrário, torna uma pessoa introspectiva. Faz com que esconda suas virtudes, mas tenho que dizer que Mahima é um pessoa muito boa. Sente muito prazer com conversas espirituais.”

Adhar entrou no quarto, saudou o Mestre e sentou-se ao lado de M. Havia alguns dias que não vinha.

Mestre: “Olá! Por que não veio todos estes dias?”

Adhar: “Senhor, tenho estado ocupado com muitas coisas. Tive que assistir a uma conferência do comitê da escola e vários outros encontros.”

Mestre: “Você perdeu-se em escolas e encontros, esquecendo-se de tudo o mais?”

Adhar: “Tudo o mais estava escondido num canto da mente. Como está o braço?”

Mestre: “Veja, ainda não está curado. Venho tomando remédios receitados por Pratap.”

Depois de um certo tempo, o Mestre subitamente disse a Adhar: “Olhe aqui. Tudo isto é irreal: encontros, escolas, escritório e tudo o mais. Só Deus é a substância e o resto, ilusório. Deve-se adorar a Deus com toda a mente.”

Adhar sentou-se sem dizer uma palavra.

Mestre: “Tudo o mais é ilusório. Neste momento o corpo existe para daqui a pouco não existir. É necessário apressar-se para adorar Deus.<sup>8</sup>”

“Mas você não necessita renunciar a tudo. Viva no mundo da mesma maneira que uma tartaruga. Ela nada na água, mas guarda os ovos na terra. Toda sua mente está nos ovos.

“Que lindo estado mental tem o Capitão! Parece um rishi quando se senta para adorar. Faz o arati com cênfora acesa e recita lindos hinos. Quando se levanta, depois de terminada a adoração, os olhos ficam inchados de emoção, como que mordidos por formigas. Além disso, dedica-se ao estudo de livros sagrados, como o *Gita* e o *Bhagavata*. Certa vez falei uma ou duas palavras em inglês diante dele e isto o fez ficar zangado. Disse: ‘As pessoas de educação inglesa são profanas’.”

Depois de um certo tempo, Adhar disse humildemente ao Mestre: “Senhor, há muito tempo não vem nos visitar. A sala de visitas possui uma atmosfera mundana e tudo o mais parece estar mergulhado na escuridão.”

O Mestre ficou bastante tomado por estas palavras. Subitamente levantou-se e, em êxtase, abençoou M. e Adhar, tocando suas cabeças e corações. Com a voz embargada de amor, disse: “Contemplo-os como o Próprio Narayana. Na verdade são meus amigos muito íntimos.”

Mahimacharan entrou no aposento.

Mestre (*a Mahima*): “O que eu disse sobre a continência para os aspirantes é verdadeiro. Sem castidade uma pessoa não pode assimilar esses ensinamentos.

“Certa vez um homem disse a Chaitanya: ‘O senhor dá tanta instrução aos devotos. Por que não fazem progresso?’ Chaitanya disse: ‘Eles gastam sua força na companhia de mulheres. É por isso que não podem assimilar instrução espiritual. Se uma pessoa guarda água num jarro furado, a água escoar pouco a pouco pelo furo’.”

Mahima e outros devotos permaneceram em silêncio. Depois de um certo tempo Mahima disse: “Por favor, ore a Deus por nós, para que possamos obter a força necessária.”

Mestre: “Fiquem em guarda agora mesmo. É difícil sem dúvida, controlar a torrente na estação chuvosa, muita água se escoar, mas se construir um muro de arrimo agora a água não escapa.”



---

<sup>8</sup> Poucos meses após esta conversação, Adhar morreu.

## CAPÍTULO XXI

### UM DIA EM DAKSHINESWAR

*Sábado, 5 de abril de 1884*

**E**RAM MAIS OU MENOS OITO HORAS DA MANHÃ quando M. chegou ao templo e encontrou Shri Ramakrishna sentado no pequeno divã, em seu quarto. Alguns devotos estavam sentados no chão. O Mestre conversava com eles. Prankrishna Mukherji também estava presente.

Prankrishna pertencia a uma família aristocrática e vivia na parte norte de Calcutá. Ocupava um alto posto numa firma inglesa. Era muito dedicado a Shri Ramakrishna e, apesar de ser chefe de família, sentia grande prazer no estudo da filosofia Vedanta. Era um visitante assíduo do templo. Certa vez convidou o Mestre para ir à sua casa em Calcutá, onde organizou um festival religioso. Todos os dias, bem cedo banhava-se na água santificada do Ganges. Sempre que podia, vinha a Dakshineswar, num barco alugado.

Naquela manhã havia alugado um barco e convidou M. para acompanhá-lo a Dakshineswar. Mal o barco deixou a margem, o rio tornou-se encapelado. M. assustou-se e pediu a Prankrishna para trazê-lo de volta à terra. Apesar de suas palavras tranquilizadoras, M. continuava dizendo: “Você tem que me levar até a margem. Vou a pé até Dakshineswar.” E assim M. veio caminhando e encontrou Shri Ramakrishna conversando com Prankrishna e outros.

Mestre (*a Prankrishna*): “Mas há uma maior manifestação de Deus no homem. Você poderá perguntar, ‘Como é possível para Deus encarnar-Se como homem que sofre fome, sede e outras coisas próprias de um ser encarnado e também, doença e tristeza?’ A resposta é, ‘Mesmo Brahma chora, apanhado na armadilha dos cinco elementos.’”

“Sabe o quanto Rama chorou, tomado de dor por Sita. Diz-se também, que o Senhor encarnou-Se como uma porca, a fim de matar o demônio Hiranyaksha, que por fim, foi morto, mas Deus não voltou para Sua morada no céu. Estava satisfeito com Sua vida de porca. Havia dado à luz a vários filhotes e estava feliz. Os deuses disseram entre si: ‘O que é isto? O Senhor não se preocupa em voltar para o céu!’ Todos foram ver Shiva e expuseram-Lhe o problema. Shiva desceu à terra e pediu ao Senhor que deixasse o corpo de porca e voltasse para o céu, mas a porca só se preocupava em amamentar seus filhotes. (*Risada*). Shiva, destruiu o corpo da porca com o tridente e o senhor saiu, rindo às gargalhadas, voltando para Sua própria Morada.”

Prankrishna (*ao Mestre*): “Senhor, o que é o som Anahata?”

Mestre: “É um som espontâneo que continua constantemente por si só. É o som Prana-va, Om. Origina-se no Brahman Supremo e é ouvido pelos yogis. As pessoas mergulhadas no mundanismo não o escutam. Só um yogi sabe que este som origina-se tanto do seu umbigo, como do Brahman Supremo que descansa no Oceano de Leite.”<sup>1</sup>

Prankrishna: “Senhor, qual a natureza da vida depois da morte?”

Mestre: “Keshab Sen também me fez esta pergunta. Enquanto um homem permanecer em ignorância, isto é, enquanto não tiver realizado Deus, terá de renascer, mas depois de alcançar o Conhecimento, não terá de voltar a esta terra em qualquer outro plano de existência.

“O oleiro coloca os potes no sol para secarem. Já reparou que há entre eles, alguns cozidos e outros não? Se uma vaca andar entre eles, alguns se quebrarão. O oleiro joga fora os cozidos quebrados, uma vez que não têm mais utilidade, mas aqueles não cozidos, embora quebrados, são juntados. Faz uma massa e com ela fabrica novos potes. Assim também, enquanto um homem não tiver realizado Deus, terá que voltar às mãos do Oleiro, quer dizer, terá que nascer várias vezes.

---

<sup>1</sup> Segundo a mitologia hindu, depois da dissolução do universo e antes de uma nova criação, o Senhor Supremo repousa no Oceano da Grande Causa, também conhecido como “Oceano de Leite”.

“Qual a utilidade de plantar um grão de arroz já cozido? Jamais brotará. Assim também, se um homem for fervido no fogo do Conhecimento, não será utilizado para uma nova criação. Fica liberado.

“De acordo com os Puranas, bhakta e Bhagavan são duas entidades separadas. ‘Eu’ sou um e ‘você’, outro. O corpo é como um prato, por assim dizer, que contém a água da mente, inteligência e ego. Brahman é como o sol. Está refletido na água. Por conseguinte, o devoto vê a forma divina.

“Segundo a Vedanta, só Brahman é real e tudo o mais é maya, sem substância como um sonho. O ego, como uma vara, bóia no Oceano de Satchidananda. (A M.). Ouça o que estou dizendo. Quando se retira este ego, apenas permanece o Oceano de Satchidananda, mas enquanto a vara do ego permanecer, há aparência de dois: aqui, uma parte da água e ali, outra parte. Atingindo-se o Conhecimento de Brahman fica-se estabelecido em samadhi. Então o ego desaparece.

“Mas Shankaracharya reteve o ‘ego do conhecimento’<sup>2</sup> para ensinar os homens. (A Prankrishna): mas há sinais que distinguem um homem de Conhecimento. Algumas pessoas que possuem Conhecimento. Quais as características do Conhecimento? Um jnani não pode ferir ninguém. Torna-se como uma criança. Se a espada de aço toca a pedra filosofal, transforma-se em ouro. O ouro jamais pode cortar. Pode parecer, para quem está fora, que um jnani também tem raiva ou egoísmo, mas na realidade, não possui.

“Ao longe uma corda queimada no chão, pode parecer real, mas se alguém aproximar-se dela e soprá-la, desaparecerá completamente. A raiva e o egoísmo de um jnani são simplesmente aparentes, não são reais.

“A criança não tem apego. Constrói uma casa de brinquedo e se alguém a tocar, dará um pulo e gritará, mas logo em seguida, ela mesma destruirá. Num dado momento pode estar apegada à sua roupa. Diz: ‘Papai me deu. Não vou dá-la a você’, mas no momento seguinte, você pode desviá-la da roupa, oferecendo um brinquedo. A criança seguirá você, deixando a roupa para trás.

“Estas são as características de um jnani. Talvez possua muitas coisas luxuosas no mundo em sua casa – divã, cadeiras, pinturas e utensílios, mas qualquer dia desses pode largar tudo e ir para Benares.

“Segundo a Vedanta, o estado de vigília é, também, irreal. Certa vez um lenhador estava deitado sonhando, quando alguém o acordou. Muito aborrecido, disse: ‘Por que você perturbou o meu sono? Estava sonhando que era um rei e pai de sete filhos. Os príncipes estavam tornando-se muito versados em letras e artes marciais. Eu estava seguro em meu trono, governando meus súditos. Por que demoliu meu mundo de alegria?’ ‘Mas era somente um sonho’, disse o outro homem, ‘Por que isso deveria incomodá-lo?’ ‘Tolo!’, disse o lenhador, ‘Você não compreende. Tornar-se rei no sonho foi tão real quanto real é ser um lenhador. Se é real um lenhador, então ser um rei no sonho também o é.’”

Prankrishna sempre falava de jnana. Foi por isso que o Mestre descreveu o estado de jnani? Logo continuou, descrevendo o estado do vijnani.

Mestre: “Jnana é a realização do Ser através do processo ‘Neti, neti’, ‘Isto não, isto não’. Entra-se em samadhi por este processo de eliminação e realiza-se o Atman.

“Mas vijnana significa o Conhecimento com maior amplidão. Alguns ouviram falar de leite, alguns viram-no e outros beberam leite. Aquele que apenas ouviu falar é ‘ignorante’. Aquele que o viu é um jnani, mas aquele que o bebeu é um vijnani, isto é, possui um conhecimento mais completo dele. Depois de haver tido a visão de Deus, fala-se com Ele como se Ele fosse um parente íntimo. Isto é vijnana.

---

<sup>2</sup> O ego iluminado e purificado pelo Conhecimento de Deus. Segundo o método de discriminação, o jnani, em samadhi, funde seu ego em Brahman. Dali para frente pode descer ao plano relativo com aparência de individualidade, mas mesmo assim, está sempre consciente de sua identidade com Brahman. Esse ego aparente é chamado “ego do Conhecimento”. Um bhakta, seguindo o caminho do amor, realiza seu relacionamento eterno com Deus. Mantém também uma aparência de individualidade, no plano relativo. Este ego não tem qualquer característica do ego mundano e é chamado “ego da devoção”. Os dois egos aqui descritos referem-se ao mesmo estado de realização.”

“Em primeiro lugar tem-se que discriminar, seguindo o método de ‘Isto não, isto não’. Ele não é os cinco elementos, nem os órgãos dos sentidos, nem a mente, nem a inteligência, nem o ego. Ele está além de todos os princípios cósmicos.’ Se alguém quer subir no terraço, deve deixar para trás todos os degraus, um a um. Os degraus de jeito algum são o terraço, mas depois de se chegar ao terraço vê-se que os degraus são feitos do mesmo material – tijolos, cal e pó de tijolo – como o terraço. É o Brahman Supremo que Se tornou o universo e os seres vivos e os vinte e quatro princípios cósmicos. Aquele que é Atman tornou-se os cinco elementos. Pode-se perguntar porque a terra é tão dura, se veio do Atman? Tudo é possível pela vontade de Deus. Não vê que os ossos são feitos de sangue e sêmen? Quão dura a ‘espuma do mar’<sup>3</sup> se torna!

“Depois de alcançar vijnana pode-se viver no mundo também. Realiza-se claramente que o Próprio Deus tornou-Se o universo e todos os seres vivos e que Ele não é exterior ao mundo.

(A *Prankrishna*): “O fato é que se deve desenvolver o ‘olho espiritual’. Ele se desenvolverá assim que a mente tornar-se pura. Tome, por exemplo, o Kumari Puja. Adorei uma virgem. A moça, com toda a certeza, possuía as imperfeições humanas; mesmo assim, considerei-a a Própria Mãe Divina.

“De um lado está a esposa, de outro, a filha. Ama-se a ambos, mas de forma diferente, portanto, tudo depende da mente. A mente pura adquire uma nova atitude. Por meio desta mente vê-se Deus, neste mundo. Daí a necessidade de disciplina espiritual.

“Sim, a disciplina espiritual é necessária. Você deve saber que um homem apega-se facilmente à mulher. A mulher naturalmente ama um homem e um homem, ama a mulher, portanto, ambos se desviam de seu Ideal espiritual. Contudo, há grande vantagem em se levar a vida de chefe de família. Em caso de necessidade urgente o homem deve viver com a esposa.

(*Sorrindo*): “Bem, M., por que você está sorrindo?”

M. (*para si mesmo*): “O Mestre fala dessa concessão aos chefes de família, uma vez que eles não podem renunciar a tudo. É impossível para um chefe de família a continência completa e absoluta?”

O hathayogi que estava vivendo no Panchavati entrou no quarto. Tinha o hábito de beber leite e tomar ópio. Não comia arroz ou qualquer outro alimento e não tinha dinheiro para comprar o leite e o ópio. O Mestre havia conversado com ele no Panchavati. O hathayogi havia dito a Rakhhal para pedir ao Mestre que o provesse em algo e Shri Ramakrishna havia prometido falar sobre isto com os visitantes de Calcutá.

Hathayogi (*ao Mestre*): “O que o senhor disse a Rakhhal sobre mim?”

Mestre: “Disse que iria pedir a alguns visitantes ricos para lhe ajudarem. Mas – (*a Prankrishna*) – você talvez não goste desses yogis.”

Prankrishna permaneceu em silêncio. O hathayogi retirou-se e a conversa continuou.

Mestre (*a Prankrishna e outros*): “Se um homem levar a vida de um chefe de família, deve ter devoção inquebrantável à verdade. Deus só pode ser realizado através da verdade. Anteriormente eu era muito cioso a respeito de falar a verdade, embora atualmente meu zelo para dizer a verdade tenha diminuído um pouco. Se eu dissesse, ‘Vou tomar um banho’, entrava no Ganges, recitava o mantra e derramava um pouco de água na cabeça, mas mesmo assim, uma certa dúvida ficava em mim, se meu banho teria sido completo. Certa vez fui à casa de Ram, em Calcutá. Aconteceu que eu dissera, ‘Não vou comer luchi’. Quando sentei-me para comer, senti fome, mas como havia dito que não comeria luchi, tive que me contentar com doces. (*Todos riem*).

“Mas meu zelo pela veracidade diminuiu um pouco agora. Certa vez eu disse que iria ao bosque de pinheiros, mas senti que não havia necessidade urgente de ir. O que tinha que ser feito? Perguntei a Ram<sup>4</sup> a este respeito. Ele respondeu que eu não tinha que ir. Então raciocinei comigo mesmo: ‘Bem, todo o mundo é Narayana. Então Ram também é. Por que eu não deveria dar ouvidos a ele? O elefante sem dúvida alguma, é Narayana, mas o mahut, também. Desde que o mahut me pediu para não me aproximar do elefante, por que eu iria deso-

<sup>3</sup> O Mestre talvez se referisse ao osso calcário encontrado na praia. A crença popular é de que se trata de espuma endurecida.

<sup>4</sup> Ram Chatterji, sacerdote do templo de Dakshineswar.

bedecê-lo?’ Raciocinando assim, meu zelo pela veracidade está levemente menos forte do que antes.

“Acho que uma mudança está se operando em mim. Anos atrás Vaishnavcharan disse-me: ‘Atinge-se o Conhecimento Perfeito quando se vê Deus, no homem.’ Agora vejo que é somente Deus que assume várias formas; como um santo, como um patife, como um vilão. Por isto digo, ‘Narayana, sob a aparência de vilão, Narayana sob a aparência de libertino.’

“Agora, o meu problema é saber como alimentar todos vocês. Quero alimentar todos vocês. Por esta razão mantenho um de cada vez comigo e alimento-o.”

Prankrishna (*olhando para M. e sorrindo*): “De fato um homem excelente!”

(*Ao Mestre*): Ele não nos deixou ir até que o pusemos em terra.”

Mestre (*sorrindo*): “Por que? O que aconteceu?”

Prankrishna: “Ele estava no nosso bote. Vendo que o rio havia ficado levemente encafelado, insistiu em voltar para a terra. (*A M.*) Como chegou?”

M. (*sorrindo*): “A pé.”

Shri Ramakrishna riu.

Prankrishna (*ao Mestre*): “Senhor, estou agora pensando em deixar de trabalhar. Aquele que está envolvido em atividades não pode realizar nada. (*Apontando para seu amigo*). Eu o estou treinando para fazer meu trabalho. O trabalho tornou-se intolerável.”

Mestre: “Sim, o trabalho atrapalha. Agora seria bom que você meditasse em Deus, por uns dias, em solidão. Sem dúvida você diz que gostaria de largar seu trabalho. O Capitão disse a mesma coisa. As pessoas mundanas falam assim, mas não conseguem levar avante seu intento.

“Há muitos pundits que dizem palavras cheias de sabedoria, mas simplesmente falam; não vivem de acordo com elas. São como abutres, que voam alto, mas conservam os olhos fixos na carniça. O que quero dizer é que estes pundits estão apegados ao mundo, a ‘mulher e ouro’. Se ouvir que os pundits estão praticando discriminação e desapego, então, não os temo. Senão os encaro como simples cabras e cachorros.”

Prankrishna saudou o Mestre e despediu-se. Perguntou a M., “Vem conosco?”

M.: “Não, senhor! Que me agarrem se eu for com o senhor de novo! Adeus.”

Prankrishna riu e disse, “Vejo que você não vem no barco.”

M. deu um pequeno passeio perto do Panchavati e banhou-se no rio. Depois foi aos templos de Radhakanta e Kali e prosternou-se diante das imagens. Disse a si mesmo: “Ouvi falar que Deus não tem forma. Por que razão estou me prosternando ante estas imagens? Será porque Shri Ramakrishna acredita em deuses e deusas com forma? Não sei nada a respeito de Deus, nem O compreendo. O Mestre acredita em imagens, por que não deveria aceitá-las eu também, eu que sou uma criatura tão insignificante?”

M. olhou para a imagem de Kali. Viu que a Mãe Divina segura em suas duas mãos esquerdas, a cabeça cortada de um homem e uma espada. Com Suas duas mãos direitas distribuiu graças e confiança a Seus devotos. Num aspecto Ela é terrível e em outro, Ela é a Mãe sempre afetuosa dos Seus devotos. Os dois ideais harmonizam-se n’Ela. Ela é misteriosa e afetuosa com Seus devotos, para com aqueles que são submissos e desesperançados. Também Ela é terrível, a ‘Consorte da Morte’. Só Ela sabe porque assume dois aspectos ao mesmo tempo.

M. lembrou-se desta interpretação de Kali dada pelo Mestre. Disse a si mesmo, “Ouvi falar que Keshab aceitou Kali na presença de Shri Ramakrishna. É esta, como Keshab costumava dizer, a Deusa, todo Espírito e Consciência, manifestando-Se através da imagem de argila?”

M. voltou para o quarto do Mestre e sentou-se no chão. Shri Ramakrishna ofereceu-lhe algumas frutas e doces para comer. Devido a um problema familiar, M. havia recentemente alugado uma casa num outro bairro de Calcutá, perto de sua escola, enquanto o pai e irmãos continuaram morando na casa ancestral. Mas Shri Ramakrishna queria que ele voltasse para seu próprio lar, visto que uma família unida propicia muitas vantagens para aquele que leva uma vida religiosa. Uma ou duas vezes o Mestre havia falado com M. sobre este assunto, mas infelizmente ele não havia voltado para sua família. Shri Ramakrishna tocou no assunto novamente.

Mestre: “Prometa-me que vai voltar para sua casa ancestral.”

M.: “Não consigo convencer-me a voltar para aquele lugar.”

Mestre: “Por que? Seu pai está reformando a casa toda.”

M.: “Sofri muito ali. Não posso de jeito algum ir lá.”

Mestre: “De que você tem medo?”

M.: “De todos eles.”

Mestre (*com ar sério*): “É como o seu medo de entrar no barco?”

O culto do meio-dia e as oferendas de comida nos templos já haviam terminado. Os sinos, gongos e pratos do Arati haviam sido tocados e o templo estava cheio de paz. Mendigos, sadhus e convidados dirigiram-se à casa de hóspedes para almoçar, levando consigo pratos de folhas ou de metal. M. também serviu-se de um pouco de prasad do templo de Kali.

Shri Ramakrishna havia descansado um pouco depois da refeição, quando chegaram diversos devotos incluindo Ram e Girindra. Saudaram o Mestre e sentaram-se. A conversa girou em torno da igreja da Nova Revelação, de Keshab Chandra Sen.

Ram (*ao Mestre*): “Senhor, não creio que o Navavidhan tenha feito algum bem às pessoas. Se o próprio Keshab Sen fosse um homem genuíno, por que os discípulos estão em tal luta? Creio que não há nada de especial na Nova Revelação. É como agitar cacos de barro num quarto, e depois, fechá-lo. As pessoas podem pensar que se trata do tilintar de moedas, mas no interior, só há cacos. Os que estão de fora não sabem o que há dentro.”

Mestre: “Deve haver alguma substância nisso, senão, por que tanta gente respeitaria Keshab? Por que não é Shivanath tão prestigiado quanto Keshab? Isto não pode ocorrer sem a vontade de Deus.

“Mas um homem não pode agir como um acharya, sem renunciar ao mundo. As pessoas não o respeitarão. Dirão: ‘Ó, ele é um homem do mundo. Secretamente desfrutava de ‘mulher e ouro’, mas nos diz que somente Deus é real e o mundo sem substância, como um sonho. A não ser que um homem renuncie a tudo, seus ensinamentos não podem ser aceitos por todos. Algumas pessoas mundanas podem segui-lo. Keshab levou a vida de um chefe de família, portanto, sua mente estava, também, dirigida para o mundo. Tinha que resguardar os interesses de sua família. Foi por esta razão que deixou seus negócios em tão boa ordem, apesar de ter dado muitas conferências religiosas. E com que aristocrata casou a filha! Nos apartamentos internos de Keshab, vi muitas camas grandes. Essas coisas vêm naturalmente àqueles que levam uma vida de chefe de família. O mundo é realmente, um lugar de divertimento.”

Ram: “Keshab herdou aquelas camas, quando a propriedade da família foi dividida. Ele tomou parte na divisão da propriedade! O que quer que o senhor diga, Vijay Babu falou-me que Keshab lhe havia dito. “Sou uma manifestação parcial de Cristo e de Gauranga. Sugiro que o senhor se declare Advaita<sup>5</sup>. O senhor sabe o que ele disse mais? Disse que o senhor também é um seguidor da Nova Revelação.” (*Todos riem*).

Mestre (*rindo*): “Quem sabe? Mas, de minha parte, nem sei o que significa a palavra ‘Nova Revelação’.” (*Risada*).

Ram: “Seus discípulos dizem que ele foi o primeiro a harmonizar bhakti e jnana.”

Mestre (*com surpresa*): “Como assim? E o *Adhyatma Ramayana*? Ali está escrito que, enquanto orava a Rama, Narada dizia: ‘Ó Rama, Tu és o Brahman Supremo descrito nos Vedas. Tu vives conosco como homem; Tu apareces como homem. Na realidade Tu não és um homem; Tu és o Brahman Supremo.’ Rama disse: ‘Narada estou muito satisfeito com você. Aceite uma graça de Mim.’ Narada respondeu: ‘Que graça Te pedirei? Dá-me puro amor por Teus Pés de Lótus e que eu jamais possa ser iludido por Tua maya sedutora!’ O *Adhyatma Ramayana* está cheio dessas afirmações a respeito de jnana e bhakti.”

A conversa passou a ser sobre Amrita, um discípulo de Keshab.

Ram: “Amrita Babu parece não estar em boas condições.”

Mestre: “Sim, parecia muito doente, quando o vi outro dia.”

Ram: “Senhor, deixe-me falar sobre as palestras da Nova Revelação. Enquanto se toca o tambor, os membros gritam: ‘Salve Keshab!’ O senhor diz que ‘dal’<sup>6</sup> cresce num lago de águas paradas. Assim Amrita falou no outro dia, em seu sermão: ‘O santo’<sup>7</sup> sem dúvida, falou

<sup>5</sup> Íntimo companheiro de Gauranga.

<sup>6</sup> Palavra que tem duplo sentido, “planta” e “seita”.

<sup>7</sup> Referindo-se a Sri Ramakrishna.

que ‘dal’ cresce num lago de águas estagnadas, mas, irmãos, queremos ‘dal’, queremos uma seita. Real e verdadeiramente, digo-lhes que queremos uma seita’.”

Mestre: “Que bobagem! Que vergonha para ele! Que espécie de sermão é esse?”

A conversa desviou-se para o desejo de elogio que têm algumas pessoas.

Mestre: “Levaram-me até a casa de Keshab para ver a apresentação de *Nimai-Sannyas*. Naquele dia ouvi alguém referir-se a Keshab e Pratap como Chaitanya – Nityananda, Prasan-na perguntou-me: ‘Quem é o senhor na realidade’ Keshab olhou para mim, para ver o que eu responderia. Disse-lhe: ‘Sou o servo do seu servo, a poeira da poeira de seus pés.’ Keshab disse-lhe com um sorriso: ‘Você não pode pegá-lo.’”

Ram: “Às vezes Keshab costumava dizer que o senhor era João Batista.”

Um devoto: “Mas Keshab também disse que o senhor é o Chaitanya do século *dezenove* (disse em inglês).”

Mestre: “O que significa isso?”

Devoto: “Que Chaitanya encarnou-Se novamente no século atual da era cristã e que o senhor é Ele.”

Mestre (*com a mente ausente*): “E daí? Pode-me dizer agora, como meu braço vai ficar bom? Este braço está me preocupando muito.”

Falaram muito a respeito da música de Trailokya. Trailokya cantava músicas devocionais no Brahma Samaj de Keshab.

Mestre: “Como são lindas as suas canções!”

Ram: “O senhor pensa que são sinceras?”

Mestre: “Sim, são. Senão, por que eu ficaria atraído por elas?”

Ram: “Ele compôs suas canções tomando emprestado as suas idéias. Ao conduzir a adoração, Keshab Sen descreveu os sentimentos e realizações do senhor e Trailokya Babu compunha suas canções de acordo com eles. Veja esta, por exemplo:

Há um grande fluir de alegria no mercado do Amor.

Veja como o Senhor brinca com Seus amigos íntimos, no êxtase de Felicidade!

Ele o via desfrutando a felicidade divina na companhia dos devotos e escreveu canções como essa.”

Mestre (*com um sorriso*): “Pare! Não me atormente mais, Por que deveria eu estar envolvido em tudo isso?” (*Todos riem*).

Girindra: “Os Brahmós dizem que o Paramahamsadeva não tem *faculdade de discriminação*.” (*disse em inglês*).

Mestre: “O que significa?”

M.: “Que o senhor não sabe dirigir um movimento: que seu intelecto é por demais embotado. Falam coisas assim. (*Todos riem*).

Mestre (*a Ram*): “Agora diga-me porque machuquei o braço. Levante-se e faça uma palestra sobre isto. (*Risada*).

“Os Brahmós insistem que Deus é sem forma. Suponhamos que assim seja. Basta chamá-Lo com o coração sincero. Se o devoto for sincero, então Deus, que é o Guia Interno de todos, certamente revelará ao devoto Sua verdadeira natureza.

“Não é bom dizer que o que pensamos de Deus é a única verdade e que os que os outros pensam, é falso; que, pelo fato de pensarmos em Deus sem forma, Ele deva necessariamente ser sem forma, que porque achamos que Deus tem forma, Ele tem forma e não pode ser sem forma. Pode um homem realmente sondar a natureza de Deus?

“Este tipo de atrito existe entre os vaishnavas e shaktas. Os vaishnavas dizem, ‘Meu Kesava é o único Salvador’, enquanto que o shakta insiste, ‘Meu Bhagavati é o único Salvador.’

“Certa vez levei Vaishnavcharan a Mathur Babu. Vaishnavcharan era um erudito vaishnava e devoto ortodoxo de sua seita. Mathur, pelo contrário, era um devoto da Mãe Divina. Eles estavam empenhados numa discussão amigável, quando subitamente, Vaishnavcharan disse, ‘Kesava é o único Salvador.’ Mal Mathur escutou isto, seu rosto ficou vermelho de

raiva e retrucou, ‘Cretino!’ (*Todos riem*). Era um shakta. Não era natural que dissesse aquilo? Dei uma cotovelada em Vaishnavcharan.

“Vejo pessoas que falam a respeito de religião, brigando constantemente entre si. Hindus, muçulmanos, Brahmos, shaktas, vaishnavas, shaivas, todos brigando. Não têm inteligência para compreender que Aquele que é Krishna é, também, Shiva e Shakti Primordial e que, da mesma maneira, é Ele quem é chamado Jesus e Alá. Há somente um Rama e Ele possui mil nomes.

“A Verdade é una; somente Ela é chamada por nomes diferentes. Todas as pessoas estão à procura da mesma Verdade; a diversidade é devida ao clima, temperamento e nome. Um lago tem muitos ghats. De um ghat os hindus tiram água em jarros e chamam-na ‘jal’. De outro ghat os muçulmanos pegam a água com sacolas de couro e chamam-na ‘pani’. De um terceiro, os cristãos retiram a mesma coisa e chamam-na ‘água’. (*Todos riem*). Suponhamos que alguém diga que ela não é ‘jal’, mas ‘pani’, ou que não é ‘pani’ mas água, ou que não é ‘água’ mas ‘jal’. Isto seria verdadeiramente ridículo. Entretanto esta mesma coisa é a raiz de disputa entre seitas, seus desentendimentos e brigas. É por esta razão que as pessoas se ferem e se matam e derramam sangue, em nome da religião, mas isto não é bom. Todas as pessoas dirigem-se para Deus. Todas elas O realizarão se tiverem sinceridade e anelo no coração.

(a M.): “Isto é para você. Todas as escrituras – os Vedas, os Puranas, os Tantras - buscam apenas Ele e a mais ninguém, somente Aquele uno Satchidananda. Ele é chamado Satchidananda Brahman nos Vedas e Satchidananda Shiva nos Tantras. Assim também, somente Ele é chamado Satchidananda Krishna nos Puranas.”

Disseram ao Mestre que, de vez em quando, Ram cozinhava sua própria comida.

Mestre (a M.): “Você cozinha suas refeições”

M.: “Não, senhor.”

Mestre: “Pode tentar fazê-las. Em suas refeições coma um pouco de manteiga clarificada, feita de leite de vaca. Isto purificará seu corpo e mente.”

Seguiu-se uma longa conversa sobre assuntos domésticos de Ram. O pai de Ram era um devoto vaishnava que adorava Krishna diariamente. Havia se casado pela segunda vez, quando Ram era ainda um menino. O pai e a madrasta moravam em sua casa, mas Ram jamais fora feliz com sua madrasta, o que às vezes, provocava discussões entre ele e o pai.

Estavam falando sobre este assunto quando Ram disse: “Meu pai foi para o diabo!”

Mestre (*aos devotos*): “Ouviram isto? O pai foi para o diabo, mas o filho está bem!”

Ram: “Não há mais paz quando minha madrasta chega em casa. Há sempre um problema ou outro. Nossa família está a ponto de se esfacelar. Por isto digo, deixe-a na casa de seu pai.”

Girindra (a Ram): “Por que você também não deixa a esposa na casa de seu pai?” (*Risada*).

Mestre (*sorrindo*): “Por acaso são marido e mulher, como potes ou jarros de barro, que se possa guardar o pote num lugar e a tampa no outro? Shiva num lugar e Shakti no outro?”

Ram.: “Senhor, somos felizes, mas quando ela chega, a união familiar se rompe. Sim, esta é a situação.”

Mestre: “Então construa para eles, uma casa separada. Tudo será diferente. Você arcará com as despesas mensais. Como os pais são dignos de adoração! Rakhil perguntou-me se poderia comer a comida que seu pai havia deixado no prato. ‘O que quer dizer com isto?’ perguntei, ‘O que você se tornou que o impede de fazê-lo?’ Mas também é verdadeiro que pessoas boas não dão a ninguém, nem mesmo a um cachorro, a comida de seus pratos.”

Girindra: “Senhor, suponhamos que os nossos pais sejam culpados de um crime terrível ou de um pecado hediondo?”

Mestre: “E se forem? Não deve abandonar sua mãe, mesmo se ela cometer adultério. Uma mulher guru de uma certa família, se corrompeu. Os membros da família disseram que desejavam que seu filho fosse seu guia espiritual, mas eu disse: ‘O que é isto? Vocês vão aceitar o broto e desistir do inhame? Suponhamos que ela seja corrupta; mesmo assim, vocês têm que considerá-la seu Ishta. “Embora meu guru visite uma taverna, para mim é sempre o sagrado Nityananda.”’

“São pai e mãe tão insignificantes? Nenhuma prática espiritual dará fruto, a menos que eles sejam agradados. Chaitanya estava embriagado com o amor de Deus. Contudo, antes de abraçar a vida monástica, durante quantos dias tentou persuadir sua mãe, a dar-lhe permissão para se tornar monge! Dizia-lhe: ‘Mãe, não se preocupe, eu a visitarei de vez em quando.’

(*A M. com ar de desaprovação*): “E deixe-me dizer isto a você. Seu pai e sua mãe o educaram. Você mesmo é pai de vários filhos. Entretanto saiu de casa de casa com a esposa. Enganou seus pais. Foi embora com sua esposa e filhos e pensa que se tornou um santo. Seu pai não necessita de dinheiro seu; caso contrário, eu lhe diria, ‘Que papel vergonhoso!’

Todos no aposento ficaram sérios e em silêncio.

Mestre: “Um homem tem certas dívidas a pagar; dívidas com os deuses e rishis e dívidas com a mãe, pai e esposa. Não pode alcançar nada enquanto não tiver pago seu débito com os pais. Um homem também tem dívida com a esposa. Harish renunciou à sua esposa e está vivendo aqui. Se ele a tivesse deixado desamparada eu o consideraria um canalha abominável.

“Depois de alcançar o Conhecimento, considerará aquela mesma esposa, uma manifestação da Própria Mãe Divina. Está escrito no *Chandi*, ‘A Deusa mora em todos os seres como Mãe’. Foi Ela quem Se tornou Sua mãe.

“Todas as mulheres que você vê, são somente Ela, a Mãe Divina. É por isto que não posso censurar nem mesmo Brinde, a empregada. Há pessoas que declamam versos das escrituras e falam alto, mas sua conduta é completamente diferente. Ramprasanna está sempre ocupado trazendo leite e ópio para o hathayogi. Diz que Manu ordena que se sirva um sadhu, mas sua velha mãe não tem o suficiente para comer. Ela caminha até o mercado para comprar sua comida. Isto me aborrece muito.

“Mas tem-se que levar em consideração uma outra coisa. Quando um homem está intoxicado pelo amor de Deus, quem é seu pai ou mãe ou esposa? O amor por Deus é tão intenso que fica enlouquecido por ele, portanto, não tem dever a cumprir. Está livre de todas as dívidas. O que é esta intoxicação divina? Neste estado um homem esquece-se do mundo. Esquece-se também do próprio corpo, que é tão caro a todos. Chaitanya teve esta embriaguez. Mergulhou no oceano, sem saber que se tratava do oceano. Jogava-se repetidamente no chão. Não estava consciente da fome, medo ou sono. Não estava absolutamente consciente desta coisa que se chama corpo.”

Imediatamente Shri Ramakrishna exclamou: “Ah, Chaitanya!” e pôs-se de pé.

Mestre (*aos devotos*): “Chaitanya significa ‘Consciência Indivisível’. Vaishnavcharan costumava dizer que Gauranga era uma borbulha no Oceano da Consciência Indivisível.

(*A Gopal mais velho*<sup>8</sup>): “Você tem a intenção de fazer uma peregrinação agora?”

Gopal: “Sim, senhor. Gostaria de fazer uma peregrinação agora.”

Ram [*a Gopal*]: “Ele (referindo-se ao Mestre) diz que uma pessoa torna-se um kutichaka depois de ser um vahudaka. O sadhu que visita muitos lugares sagrados é chamado vahudaka. Aquele que não tem mais desejo de viajar e que se fixa num lugar, é chamado kutichaka.

“Conta-nos também uma parábola. Certa vez um pássaro pousou no mastro de um navio. Quando o navio passou do delta do Ganges para as ‘águas escuras’ do oceano, o pássaro não se deu conta do que havia ocorrido. Quando, finalmente, percebeu o oceano, levantou vôo do mastro e voou na direção norte à procura de terra, mas não encontrou limite para as águas e assim, retornou. Depois de descansar um pouco, voou para o sul. Aí também, só viu água. Arquejante, o pássaro voltou para o mastro. Novamente depois de descansar um pouco, voou pra leste e então, para oeste. Como só visse água em qualquer direção que tomasse, por fim pousou definitivamente no mastro do navio.

Mestre (*a Gopal mais Velho e aos outros devotos*): “Enquanto um homem sentir que Deus está ‘ali’, é ignorante, mas alcança o Conhecimento ao sentir que Deus está ‘aqui’.

“Um homem desejava fumar. Foi à casa do vizinho para acender seu carvão. Era noite alta e o dono da casa estava dormindo. Depois de bater à porta, alguém desceu para abri-la. À vista do homem, perguntou: ‘O que houve?’ O homem respondeu: ‘Você não adivinha? Sabe o quanto gosto de fumar. Vim aqui para acender o carvão.’ O vizinho respondeu: ‘Ha! Ha!

<sup>8</sup> Um discípulo monástico do Mestre, conhecido como Swami Advaitananda

Que homem você é! Teve o trabalho de vir aqui e de bater na porta tanto tempo, mas você está com uma lanterna acesa na mão!” (*Todos riem*).

“O que um homem procura está bem perto dele. No entanto vagueia de lugar em lugar.”

Ram: “Senhor, agora compreendo porque um guru pede a alguns discípulos para visitarem os quatro principais lugares sagrados do país. Depois de ter viajado tanto, o discípulo descobre que aqui é a mesma coisa que lá, então volta para o guru. Toda essa peregrinação tem como finalidade, apenas criar fé nas palavras do guru.”

Depois que a conversa terminou, Shri Ramakrishna exaltou as virtudes de Ram.

Mestre (*aos devotos*): “Quantas qualidades boas Ram possui! A quantos devotos serve e atende! (*A Ram*): “Adhar falou-me que você foi muito gentil com ele.”

Adhar, um querido devoto chefe de família, havia organizado recentemente um recital de música religiosa em sua casa. O Mestre e muitos devotos estiveram presentes, mas Adhar havia se esquecido de convidar Ram, que era um homem orgulhoso e havia se queixado sobre o fato aos seus amigos. Por isto Adhar havia ido à casa de Ram para se desculpar por seu erro.

Ram: “Na realidade não foi culpa de Adhar. Soube que Rakhhal é quem deve ser responsabilizado. A incumbência era de Rakhhal.”

Mestre: “Você não deve pôr a culpa em Rakhhal. É somente um menino. Mesmo agora poderia sair leite de sua mãe se lhe apertar a garganta.”

Ram: “Senhor, por que fala assim? Foi uma grande ocasião!”

Mestre (*interrompendo*): “Adhar simplesmente não se lembrou de convidá-lo. É distraído. No outro dia, foi comigo à casa de Jadu Mallick. Ao nos despedirmos, eu lhe disse: ‘Você não ofereceu nada à Divindade no templo.’ ‘Senhor’, disse, ‘eu não sabia que deveria fazê-lo.’

(*A Ram*): “Suponhamos que ele não o tenha convidado. Por que tanto alvoroço a respeito de ir a um lugar onde o nome do Senhor estava sendo cantado? Qualquer pessoa pode participar da música religiosa. Não necessita ser convidada.”



## CAPÍTULO XXII

### CONSELHO A UM ATOR

*Sábado, 24 de maio de 1884*

**S**HRI RAMAKRISHNA estava sentado no divã pequeno de seu quarto. Rakhal, M. e vários devotos estavam presentes. Na noite anterior fora realizado um culto especial a Kali. Em conexão com o culto, fora encenada, no natmandir, a peça teatral do *Vidyasundar*, o Mestre havia assistido uma parte dela naquela manhã. Os atores vieram ao seu aposento saudá-lo. O Mestre, feliz, começou a conversar com um jovem de pele clara, que representou muito bem o papel de Vidya.

Mestre (*ao ator*): “A sua representação foi muito boa. Se uma pessoa se destaca no canto, na música ou em qualquer outra arte, também pode realizar rapidamente Deus, desde que se esforce sinceramente.

“Assim como se tem que praticar muito para cantar, dançar e tocar instrumentos, assim também deve-se praticar a arte de fixar a mente em Deus. Deve-se praticar regularmente disciplinas como adoração, japa e meditação.

“É casado? Tem filhos?”

Ator: “Sim, senhor. Tive uma filha que morreu. Logo depois nasceu uma outra criança.”

Mestre: “Ah! Uma morte e um nascimento e tudo tão rapidamente! Você é tão jovem! Há um ditado: ‘Meu marido morreu logo após o nosso casamento. Há, para mim, muitas noites para chorar!’ Sem dúvida você está compreendendo a natureza da felicidade no mundo. O mundo é como uma ameixa-de-porco. Só tem casca e caroço e depois de comê-la, fica-se com cólica.

“Você é um ator teatral. Isto é muito bom, mas é uma profissão muito dura. Agora é jovem; por isso possui um rosto cheio e redondo. Daqui algum tempo haverá buracos nas faces. Quase todos os atores são assim; têm buracos nas faces e barriga volumosas. (*Risada*).

“Por que fiquei para ver sua apresentação? Achei o ritmo, a música e a melodia, corretos. Então a Mãe Divina mostrou-me que havia sido Deus quem fez, na representação, os papéis dos atores.”

Ator: “Qual a diferença entre luxúria e desejo?”

Mestre: “Luxúria é como a raiz da árvore e os desejos, os galhos e brotos.

“Não se pode ficar totalmente livre das seis paixões: luxúria, raiva, ganância e outras. Por conseguinte, deve-se dirigi-las para Deus. Se tiver desejo ou ganância, então deve desejar o amor de Deus e ser ávido de realizá-Lo. Se tiver que ser orgulhoso e egoísta, sinta orgulho e egoísmo, pensando que é o servo de Deus, o filho de Deus.

“Um homem não pode ver Deus a não ser que dedique a mente inteiramente a Ele. A mente se desgasta com ‘mulher e ouro’. Tome seu próprio caso. Tem filhos e está ocupado com o teatro. A mente não pode unir-se a Deus por causa destas diferentes atividades.

“Enquanto houver bhoga, sempre haverá yoga. Além do mais bhoga ocasiona sofrimento. Diz-se no *Bhagavata* que o Avadhuta escolheu um milhano como um dos seus vinte e quatro gurus. O milhano segurava um peixe em seu bico, por esta razão, foi cercado por milhares de corvos. Qualquer que fosse o caminho que tomasse com o peixe, os corvos o perseguiram, gritando, ‘Cau! Cau!’ quando, de repente, o peixe caiu do bico, os corvos voaram atrás do peixe, deixando o milhano.

“O ‘peixe’ é o objeto de prazer. Os ‘corvos’ são as preocupações e a ansiedade. Preocupações e ansiedade são inevitáveis com o prazer. Assim que uma pessoa abandona o prazer, encontra a paz.

“O que é mais, o próprio dinheiro torna-se uma fonte de problemas. Irmãos podem viver felizes, mas entram em conflito quando dividem a propriedade. Os cachorros lambem-se uns aos outros, são amigos mas, quando o dono joga comida, começam a brigar.

“Venha aqui de vez em quando. (*Apontando para M. e outros*). Eles vêm aos domingos e outros feriados.”

Ator: “Temos férias durante três meses nas estações chuvosas e da colheita. É sorte nossa poder visitá-lo. Durante nossa viagem a Dakshineswar, ouvimos falar de duas pessoas – do senhor e de Jnanarnava.”

Mestre: “Tenha um bom relacionamento com seus irmãos. É bom. Já deve ter reparado que numa representação teatral, se os quatro catarem num tom diferente, a peça fica ruim.”

Cantor: “Sim, senhor. Muitos pássaros são apanhados numa rede; se todos voarem juntos e arrastarem a rede para uma mesma direção, muitos deles podem se salvar, mas isto não acontecerá se tentarem voar em direções diferentes.

“Vê-se, também, numa apresentação teatral, uma pessoa equilibrando um jarro de água e ao mesmo tempo, dançando.

Mestre: “Viva no mundo mas mantenha o jarro firme sobre sua cabeça, quer dizer, mantenha a mente firme em Deus..

:Certa vez eu disse aos sepoys: ‘Cumpram suas obrigações no mundo, mas lembre-se que ‘tritador da morte’ algum dia vai esmagar sua mão. Estejam abertos.’”

“Em Kamarpukur vi as mulheres das famílias de carpinteiros fazendo arroz tostado com uma máquina de descascar. Uma mulher empurra com o pé, a ponta da travessa de madeira e a outra, enquanto embala o bebê; põe o arroz em casca no pilão cavado na terra. A segunda mulher fica o tempo todo alerta, senão, o triturador da máquina pode cair de sua mão. Com a outra frita o arroz na frigideira. Além disso, está falando com os fregueses: ‘O senhor me deve tanto dinheiro. Por favor, pague-me antes de ir.’ Assim também, execute suas diferentes obrigações no mundo, fixando a mente em Deus, mas a prática é necessária e deve-se, também, estar alerta. Somente deste modo pode-se salvaguardar ambos – Deus e o mundo.”

Ator: “Senhor, qual é a prova de que a alma está separada do corpo?”

Mestre: “Prova? Deus pode ser visto. Praticando-se disciplina espiritual vê-se Deus, por Sua Graça. Os rishis realizaram diretamente o Ser. Não se pode conhecer a verdade sobre Deus, pela ciência. A ciência só nos dá informações sobre coisas percebidas pelos sentidos, por exemplo, esta substância misturada com aquela outra, dá tal e tal resultado e aquela substância misturada com esta, dá tal e tal resultado.

“Por esta razão o homem não pode compreender as coisas espirituais através da inteligência comum. Para compreendê-las tem que viver na companhia dos santos. Aprende-se a tomar o pulso vivendo com um médico.”

Ator: “Sim, senhor. Agora compreendo.”

Mestre: “Deve-se praticar tapasya. Só então pode-se alcançar a meta. De nada lhe adiantará, mesmo que aprenda os textos das escrituras de cor. Não se pode ficar intoxicado simplesmente pronunciando a palavra ‘siddhi’ várias vezes. Tem-se que tragar algum.

“Não se pode explicar a visão de Deus aos outros. Não se pode explicar a felicidade conjugal a uma criança de cinco anos.”

Ator: “Como se realiza o Atman?”

Naquele momento Rakhhal estava prestes a tomar sua refeição no quarto do Mestre, mas hesitou à vista de tanta gente. Naquela época o Mestre olhava Rakhhal como Gopala e a si próprio, como mãe Yashoda.

Mestre (*a Rakhhal*): “Por que você não come? Deixe que as pessoas fiquem de lado, se você quiser. (*A um devoto*): Guarde um pouco de gelo para Rakhhal. (*A Rakhhal*) Você pretende ir a Vanhooghly? Não vá com este sol.”

Rakhhal sentou-se para comer. Sri Ramakrishna voltou novamente a falar com o ator.

Mestre: “Por que todos vocês não comem o prasad do templo e Kali? ISerá muito bom.”

Ator: “Nem todos nós possuímos a mesma opinião sobre comida; por isso nossa comida é cozida separadamente. Nem todos gostam de comer na casa de hóspedes.”

Enquanto Rakhhal comia, o Mestre e os devotos sentaram-se no pórtico e continuaram a conversa.

Mestre (*ao ator*): “Você perguntou sobre a realização do Ser. O anelo é o meio de realizar o Atman. Um homem deve esforçar-se para atingir Deus com todo seu corpo, com toda

sua mente e com toda sua fala. Devido ao excesso de bile, fica-se com icterícia. Vê-se, então, tudo amarelo, não se percebe outra cor; a não ser o amarelo. Entre vocês atores, aqueles que apenas fazem o papel de mulher, adquirem a natureza de mulher; pensando em mulher, seus modos e pensamentos tornam-se femininos. Assim também, pensando dia e noite em Deus, adquire-se a natureza de Deus.

“A mente é como uma roupa de linho branco, recém-chegado da lavanderia. Toma a cor em que é mergulhada.”

Ator: “Mas primeiro tem que ser enviada para a lavanderia.”

Mestre: “Sim, primeiro purificação da mente. Em seguida, se dirigir a mente para a contemplação de Deus. ficará colorida pela Consciência de Deus. Assim também, se dirigir a mente para as obrigações mundanas, como representar uma peça, ficará colorida pelo mundanismo.”

Shri Ramakrishna havia descansado na cama somente alguns minutos, quando Hari<sup>1</sup>, Narayan, Narendra Bannerji e outros devotos chegaram de Calcutá e o saudaram. Narendra Bannerji era filho do professor de sânscrito no Presidency College of Calcutta. Devido às desavenças com outros membros da família, havia alugado uma casa separada, onde vivia com a esposa e filhos. Narendra era um homem simples e puro. Praticava disciplina espiritual e, durante a meditação, ouvia vários sons – som de um gongo e assim por diante. Havia viajado por vários lugares da Índia e de vez em quando, visitava o Mestre.

Narayan era um estudante de dezesseis ou dezessete anos. Visitava com freqüência o Mestre, que gostava muito dele.

Hari vivia com os irmãos em sua casa de Baghbazar. Havia estudado para matricular-se no General Assembly Institution. Logo abandonou os estudos e passou a se dedicar à leitura das escrituras e práticas da yoga. Também visitava o Mestre de vez em quando. Shri Ramakrishna muitas vezes mandava buscar Hari, quando ia à casa de Balaram em Baghbazar.

Mestre (*aos devotos*): “Já ouvi muito a respeito de Buda. É uma das dez Encarnações de Deus<sup>2</sup>. Brahman é imóvel, imutável, inativo e da natureza da Consciência. Quando um homem funde o *buddhi*, a inteligência em *Bodha*, Consciência, alcança, o Conhecimento de Brahman tornando-se *buddha*, iluminado.

“Nangta costumava dizer que a mente funde-se no *buddhi* e o *buddhi* e o *buddhi* em *Bodha*, Consciência.

“O aspirante não atinge o Conhecimento de Brahman enquanto permanece consciente do ego. O ego é controlado depois de se obter o Conhecimento de Brahman e de se ver Deus. Não pode ser controlado de outra maneira. É muito difícil pegar nossa própria sombra, mas quando o sol está a pino, a sombra está a alguns centímetros do corpo.”

Um devoto: “Como é a visão de Deus?”

Mestre: “Já viu uma representação teatral? As pessoas estão conversando, quando subitamente a cortina levanta-se. A mente do auditório é dirigida para a representação. As pessoas não se interessam mais por outras coisas. Samadhi é entrar dentro de si mesmo. Quando a cortina desce, as pessoas olham novamente em volta. Assim também, quando a cortina de maya cai, a mente externaliza-se.

(*A Narendra Bannerji*): “Você viajou muito. Fale-nos sobre os sadhus.”

Narendra contou a história de dois yogis, no Bhutan, que tinham o hábito de beber diariamente uma libra de suco amargo de folhas de neem. Havia também visitado a cabana de um santo às margens do Narmada. Ao ver Babu Bengali vestido com roupas européias, o sadhu havia comentado: “Ele tem uma faca escondida debaixo das roupas, junto da barriga.”

Mestre: “Deve-se ter gravuras de santos no quarto. Isto induz rapidamente a idéias divinas.”

Bannerji: “Tenho seu retrato no meu quarto; também o de um sadhu que mora nas montanhas, soprando um pedaço de carvão aceso, numa tigela de cânhamo.”<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Um discípulo monástico do Mestre, mais tarde conhecido como Swami Turyananda.

<sup>2</sup> A mitologia hindu fala de dez Encarnações de Deus.

<sup>3</sup> Muitos monges errantes fumam cânhamo hindu.

Mestre: “É verdade que o sentimento espiritual de uma pessoa é despertado ao olhar o retrato de um sadhu. É como lembrar-se do creme de maçã, olhando para a imitação, ou como estimular o desejo de prazer, olhando uma jovem mulher. Por isso, digo-lhes que devem viver sempre na companhia de santos.

(A *Bannerji*): “Você conhece muito bem o sofrimento do mundo. Sofre-se cada vez que se cede a um prazer. Enquanto o milhano esteve com o peixe no bico, foi atormentado pelo bando de corvos.

“Encontra-se paz de espírito na companhia dos santos. O jacaré fica debaixo da água, durante muito tempo. De vez em quando sobe à superfície e respira, fazendo um longo e ruidoso barulho. Então suspira aliviado.”

Ator: “Reverenciado senhor, o que disse a respeito do prazer está muito certo. Orar a Deus sem seriedade, por brincadeira, leva, por fim, ao desastre. Vários desejos vêm à mente e de forma alguma, são bons. Deus é o Kalpataru, a Árvore que satisfaz todos os Desejos. Obtém-se tudo o que se pede a Deus. Suponhamos que venha à sua mente: ‘Deus é Kalpataru. Bem, deixe-me ver se um tigre aparece diante de mim.’ Como ele pensa no tigre, este realmente aparece e o devora.”

Mestre: “Sim, deve-se lembrar que o tigre vem. O que mais posso lhe dizer? Mantenha sua mente em Deus. Não O esqueça. Deus certamente Se revelará a você, se orar a Ele com sinceridade. Outra coisa: cante o nome de Deus no final de cada representação. Desta maneira os atores e a audiência voltarão para casa com o pensamento de Deus em suas mentes.”

Os atores saudaram o Mestre e retiraram-se.

Duas senhoras, devotas de Shri Ramakrishna, entraram e saudaram o Mestre. Haviam jejuado, preparando-se para esta visita. Eram cunhadas, esposas de dois irmãos e tinham vinte e dois e vinte e três anos. Possuíam filhos. Ambas tinham o rosto coberto com um véu.

Mestre (*às senhoras*): “Adorem Shiva. Esta adoração está descrita num livro chamado *Nityakarma*. Aprendam os rituais ali descritos. Para fazerem adoração a Deus, ficarão preocupadas durante muito tempo com estas obrigações religiosas como apanhar flores, fazer pasta de sândalo, polir utensílios do culto e arrumar oferendas. À medida que fizerem esses deveres suas mentes naturalmente se dirigirão a Deus. Vocês se libertarão da mesquinhez, cólera, ciúme e assim por diante. Quando conversarem, falem de assuntos espirituais.

“Deve-se unir a mente a Deus, de qualquer maneira. Não devem esquecer-Lo, nem por uma vez. O pensamento n’Ele deve ser como o fluir do azeite, sem qualquer interrupção. Se adorarem com amor mesmo um tijolo ou uma pedra, como sendo Deus, então, por Sua graça, poderão vê-Lo.

“Lembrem-se do que acabei de lhes dizer. Deve-se fazer esta adoração como Shiva Puja. Quando a mente torna-se madura, não é necessário continuar com o culto formal, por muito tempo. A mente então permanece sempre unida a Deus: meditação e contemplação tornaram-se hábitos constantes da mente.”

Cunhada mais velha: “Poderia nos dar alguma instrução?”

Mestre (*afetuosamente*): “Não dou instrução. Se um guru dá iniciação, deve assumir responsabilidade pelos pecados e sofrimento do discípulo. A Mãe Divina me pôs no estado de uma criança. Façam Shiva Puja como lhes disse. Venham aqui de vez em quando. Veremos o que vai acontecer mais tarde, pela vontade de Deus. Pedi-lhes que cantassem o nome de Hari em casa. Estão cantando?”

Cunhada mais velha: “Sim.”

Mestre: “Por que vocês jejuam? Devem comer antes de vir para cá. As mulheres são somente formas de minha Mãe Divina. Não posso suportar vê-las sofrer. São todas imagens da Mãe do Universo. Venham aqui depois de terem comida e se sentirem bem.”

Dizendo isso, Sri Ramakrishna pediu a Ramlal para dar às senhoras alguma comida. Foram oferecidas frutas, doces, bebidas e outras oferendas do templo.

O Mestre disse: “Vocês comeram alguma coisa. Agora minha mente está em paz. Não suporto ver as mulheres jejuarem.”

Eram mais ou menos cinco horas da tarde. Shri Ramakrishna estava sentado nos degraus dos templos de Shiva. Adhar, Dr. Nitai, M. e outros devotos estavam presentes.

Mestre (*aos devotos*): “Quero dizer-lhes algo. Uma mudança está se operando em minha natureza.”

O Mestre desceu um degrau e sentou-se junto dos devotos. Parecia que desejava comunicar-lhes algumas de suas experiências mais profundas.

Mestre: “Vocês são devotos. Não hesito em lhes dizer isto. Hoje em dia não vejo a forma Espírito de Deus. Ele revelou-Se a mim sob a forma humana. Faz parte de minha natureza, ver a forma de Deus, tocá-Lo e abraçá-Lo. Deus está me dizendo, ‘Você assumiu um corpo; portanto, desfrute de Deus por meio de Suas formas humanas.’

“Deus, sem dúvida, mora em todos, mas Ele manifesta-Se mais internamente através do homem, do que em outros seres. É o homem uma coisa insignificante? Ele pode pensar em Deus, o Infinito, enquanto que os outros seres vivos não podem. Deus existe em outros seres vivos – animais, plantas, sim, em todos os seres – mas Ele Se manifesta mais através do homem do que através desses outros seres. O fogo existe em todos os seres, em todas as coisas, mas sua presença é sentida mais na madeira. Ram disse a Lakshmana, ‘Olhe o elefante, irmão. É um animal tão grande, mas não pode pensar em Deus.’

“Mas na Encarnação há uma maior manifestação de Deus do que em outros homens. Rama disse a Lakshmana, ‘Irmão, se você vir num homem amor extático por Deus, se ele ri, chora e dança em êxtase divino, então, saiba com certeza que Eu moro n’Ele.’ ”

O Mestre permaneceu em silêncio. Depois de alguns minutos retornou a conversa.

Mestre: “Keshab Sen costumava vir aqui com frequência. Como resultado, mudou muito. Ultimamente tornou-se um homem notável. Muitas vezes veio aqui com seu grupo, mas também quis vir sozinho. Nos seus primeiros anos de vida Keshab não teve muita oportunidade de viver na companhia de santos.

“Eu o visitei em sua casa, na rua Colootola. Hriday estava comigo. Foi-me mostrado o aposento onde Keshab trabalhava. Estava escrevendo algo. Depois de muito tempo, pôs a caneta de lado, levantou-se da cadeira e sentou-se no chão conosco, mas não nos cumprimentou nem nos prestou respeito de outro modo.

“Tinha o hábito de vir aqui de vez em quando. Certa vez, em estado espiritual eu lhe disse: ‘Não se deve sentar diante de um sadhu com as pernas cruzadas. Isto aumenta rajas.’ Assim que ele e seus amigos chegavam, eu os saudava antes que se inclinassem diante de mim. Assim, gradualmente, aprenderam a saudar um santo, tocando o chão com sua testa.

“Disse a Keshab: ‘Cante o nome de Hari. No Kaliyuga deve-se cantar o nome e as glórias de Deus’. Depois disto começaram a cantar o nome de Deus com tambores e pratos.”<sup>4</sup>

“Sabem como é fé no nome de Hari ficou mais fortalecido? Como sabem, há homens santos que visitam com frequência o templo. Certa vez chegou um sadhu de Multan. estava esperando um grupo que ia para Gangasagar (*Apontando para M.*). O sadhu tinha a sua idade. Foi ele quem me disse: ‘O caminho para a realização de Deus, na Kaliyuga, é o de bhakti, recomendado por Narada.’

“Um dia Keshab veio aqui com seus seguidores. Ficaram até dez horas da noite. Estávamos sentados no Panchavati. Pratap e outros disseram que queriam passar a noite aqui. Keshab disse: ‘Não, tenho que ir. Tenho trabalho a fazer.’ Ri e disse: ‘Você não pode dormir sem o cheiro de sua cesta de peixe? Certa peixeira foi convidada para dormir na casa de um jardineiro que cultivava flores. Chegou lá com o cesto vazio, depois de ter vendido o peixe no mercado e foi-lhe dito para dormir no aposento onde as flores eram guardadas, mas por causa do perfume das flores, não dormiu por muito tempo. A dona da casa viu seu estado e disse: ‘Ó! Por que está se mexendo de um lado para o outro sem sossego?’ A peixeira respondeu: ‘Não sei amiga. Talvez o cheiro das flores estejam perturbando o meu sono. Pode dar-me o meu cesto de peixe? Talvez ele me faça dormir.’ Trouxeram-lhe o cesto e a peixeira espargiu água nele e colocou-o junto ao nariz. Logo caiu em sono profundo, roncando a noite toda.

“Ao ouvirem esta história os seguidores de Keshab caíram numa ruidosa gargalhada.

<sup>4</sup> Durante muitos anos antes de conhecer o Mestre, Keshab e seus seguidores cantavam o nome de “Brahman”, acompanhados de tambores e pratos. Depois de conhecer Sri Ramakrishna em 1875, Keshab mostrou devoção particular ao canto dos nomes de Hari e da Mãe Divina (Nota por M. na edição bengali do *Evangelho de Shri Ramakrishna* vol. V, pág.113).

“Keshab conduziu a oração naquela noite no ghat de banho do rio. Depois da adoração eu lhe disse: ‘É Deus que Se manifesta num aspecto como as escrituras por conseguinte, deve-se adorar os livros sagrados, como os Vedas, Puranas e os Tantras. Em outro aspecto Ele Se tornou o devoto. O coração do devoto é a sala de visitas de Deus. Pode-se facilmente encontrar o dono da casa lá, portanto, ao adorar Seu devoto, uma pessoa adora o Próprio Deus.’

“Keshab e seus seguidores ouviram minhas palavras com grande atenção. Era noite de lua cheia. O céu estava inundado pelo luar. Estávamos sentados no pátio aberto no alto das escadas que conduziam ao rio. Eu disse: ‘Agora vamos todos cantar, “*Bhagavata – Bhakta – Bhagavan*”. Todos cantaram em uníssono.’ Em seguida, eu lhes disse: ‘Escutem, Brahman é na verdade, Shakti. Shakti é na verdade, Brahman’.” De novo cantaram em uníssono: ‘Aquele a quem você se dirige como Brahman não é outro senão Aquela que eu chamo Mãe. Mãe é um nome muito doce.’

“Eu lhes disse: ‘Digam, “Guru Krishna-Vaishnava”<sup>5</sup>. A isto Keshab respondeu: ‘Não podemos ir tão longe, senhor. Se assim o fizermos, todos nos tomarão por vaishnavas ortodoxos.’

“De vez em quando eu dizia a Keshab: ‘Aquele a quem você se dirige como Brahma, não é outro senão Aquela a quem eu chamo Shakti, a Energia Primordial. É chamada Brahman nos Vedas, quando transcende a fala e o pensamento e é sem atributos e ação. Chamo-A Shakti, Adyashakti, etc quando encontro-A criando, preservando e destruindo o universo.

“Disse a Keshab: ‘É extremamente difícil realizar Deus enquanto se leva uma vida mundana. Como pode um doente com tifo ficar curado se permanece num quarto onde se encontram tamarindo, pickles e jarros d’água? Portanto, deve-se ficar na solidão de vez em quando para praticar disciplina espiritual. Quando o tronco de uma árvore torna-se grosso e forte, um elefante pode ser amarrado a ele; mas um pequeno broto é comido pelo gado.’ É por esta razão que Keshab dizia: ‘Viva no mundo depois de ficar fortalecido na vida espiritual.’

(*Aos devotos*): “Vejam, Keshab era grande erudito. Dava palestras em inglês. Muitas pessoas honravam-no. A própria Rainha Victoria conversou com ele, mas quando Keshab vinha aqui, vestia pouca roupa e trazia frutas, como deve proceder alguém quando se visita um santo. Era totalmente desprovido de egoísmo.

(*A Adhar*): “Você é um erudito e um magistrado, mas apesar de tudo isso, ainda está verde. Vá em frente. Para além da floresta de sândalo há muitas coisas de valor: minas de prata, ouro, diamantes e outras pedras preciosas. O lenhador estava rachando lenha na floresta; o brahmachari disse-lhe: ‘Vá em frente’.”

Sri Ramakrishna desceu os degraus do templo de Shiva e dirigiu-se para seu aposento, atravessando o pátio. Os devotos foram com ele. Foi quando Ram Chatterji chegou e disse que o atendente da Santa Mãe estava com cólera.

Ram (*ao Mestre*): “Disse isto ao senhor hoje de manhã, às dez horas, mas o senhor não me deu atenção.”

Mestre: “O que eu podia fazer?”

Ram: “Sim, o que o senhor podia fazer! Mas havia ali Rakhhal, Ramlal e outros. Mesmo eles não fizeram caso.”

M.: “Kishori foi a Alambazar buscar remédios.”

Mestre: “Sozinho? Onde vai consegui-los?”

M.: “Sim, sozinho. Vai consegui-los em Alambazar.”

Mestre (*a M.*): “Diga à enfermeira o que tem que se fazer se a doença tomar um rumo para pior, ou se o paciente sentir-se melhor.”

M.: “Sim, senhor.”

As senhoras mencionadas anteriormente saudaram o Mestre e já estavam de saída. Shri Ramakrishna novamente disse-lhes: ‘Façam o Shiva Puja de acordo com a minha instrução. E comam alguma coisa antes de virem aqui, senão me sentirei infeliz. Venham outro dia.’

Sri Ramakrishna sentou-se no pórtico do seu quarto. Narendra Bannerji, Hari, M. e outros sentaram-se ao seu lado. O Mestre sabia das dificuldades da família de Narendra.

<sup>5</sup> O Mestre quis dizer que o guru, Krishna e vaishnava deveriam ser igualmente, reverenciados. Deve-se honrar o vaishnava porque Deus mora no seu coração.

Mestre: “Veja, todo este sofrimento é ‘por causa de uma pequena tanga’<sup>6</sup>. Um homem tem esposa e filhos, portanto, tem que arranjar um trabalho. O sadhu fica preocupado com a tanga e o chefe de família, com a esposa. Além disso, o chefe de família, por sua vez, pode não ter um bom relacionamento com os parentes; então tem que viver separado com a esposa. (*Com uma risada*). Chaitanya uma vez disse a Nityananda: ‘Ouça-me, irmão. Um homem enredado no mundanismo jamais poderá ser livre’.”

: M. (*a si mesmo*): “Talvez o Mestre esteja referindo-se ao mundo de avidya. É o mundo de avidya que enreda o chefe de família.”

M. estava ainda vivendo numa casa separada com a esposa, devido ao desentendimento com outros membros da família.

Mestre (*a Bannerji apontando para M.*): “Ele também vive em casa separada. Vocês dois vão se dar bem. Certa vez dois homens encontraram-se. Um deles disse ao outro: ‘Quem é você?’ ‘Ó, estou longe de minha terra natal’, foi a resposta do outro. O segundo homem perguntou ao primeiro, ‘E quem é você, por favor?’ ‘Ó, estou longe de minha bem amada’, foi a resposta. Ambos estavam na mesma condição e portanto, entenderam-se bem.” (*Todos riem*).

“Mas, não se deve ter medo quando se toma refúgio em Deus. Deus protege Seu devoto.”

Hari: “Bem, por que se leva tanto tempo para realizá-Lo?”

Mestre: “A verdade é que um homem não sente inquietude por Deus, a não ser que já tenha satisfeito seus prazeres e deveres. O médico diz, referindo-se ao paciente: ‘Deixe passar uns dias, logo um pouco de remédio lhe fará bem.’

“Narada disse a Rama: ‘Rama, Tu estás passando Teu tempo em Ayodhya. Como Ravana será morto? Tu tomaste um corpo humano somente com este propósito’. Rama respondeu: ‘Narada, deixe o tempo certo chegar, para que as ações passadas de Ravana comecem a dar fruto. Então tudo ficará pronto para sua morte.’ ”

Hari: “Por que há tanto sofrimento no mundo?”

Mestre: “Este mundo é a lila de Deus. É como um jogo. Neste jogo há alegria e tristeza, virtude e vício, conhecimento e ignorância, bem e mal. O jogo não pode continuar se o pecado e o sofrimento forem totalmente da criação. No jogo de esconde-esconde deve-se tocar a ‘vovó’, para se libertar, mas a ‘vovó’ não gosta de ser tocada logo no começo do jogo. É desejo de Deus que o jogo continue por algum tempo. Então:

Em cem mil papagaios, um ou dois no máximo ficam livres.  
E Tu ris e bates palmas; Ó Mãe, observando-os!

Em outras palavras, depois de uma dura prática de disciplina espiritual, um ou dois têm a visão de Deus, por Sua graça e são liberados. Então a Mãe Divina bate palmas de alegria e exclama: “Bravo! Lá vão eles!”

Hari: “Mas este jogo de Deus é nossa morte.”

Mestre (*sorrindo*): “Por favor diga-me quem é você. Somente Deus é que Se tornou tudo isso – maya, universo, seres vivos e os vinte e quatro princípios cósmicos. ‘Como serpente morde, como encantador, cura.’ É o Próprio Deus quem Se tornou tanto vidya como avidya. Ele permanece iludido pela maya de avidya, ignorância. Assim também, com a ajuda do guru, ele fica curado pela maya de vidya, Conhecimento.

<sup>6</sup> Referência à seguinte história, que Shri Ramakrishna muitas vezes contou aos seus devotos. Havia um sannyasi que apenas tinha dois pares de tanga. Um dia um camundongo roeu uma delas. O santo teve que arrumar um gato para proteger suas tangas do rato, mas logo teve que conseguir uma vaca para fornecer leite ao gato. Mais tarde teve de contratar um empregado para tomar conta da vaca. Gradualmente aumentou o número de vacas. Adquiriu pastos e uma fazenda. Teve que ter vários servos. Assim, ao longo do tempo, tornou-se um proprietário de terras. E por fim, teve que arrumar uma esposa para tomar conta de sua grande casa. Certa vez aconteceu que um de seus amigos, também monge, foi visitá-lo e ficou surpreso em ver a sua situação modificada. Quando perguntado sobre isso, o santo respondeu: “Tudo isso por causa de uma tanga!”

“Ignorância, Conhecimento e Sabedoria Perfeita. O jnani vê que somente Deus existe e que é Aquele que faz, cria, preserva e destrói. O vijnani vê que é Deus quem Se tornou tudo isto.

“Depois de atingir mahabhava e prema, compreende-se que somente Deus existe. Bhakti empalidece ante bhava. Bhava amadurece em mahabhava e prema.

(A *Bannerji*): “Você ainda ouve aquele som semelhante ao gongo durante a meditação?”

Bannerji: “Sim, senhor, diariamente. Além disso tenho visões da forma de Deus. Estas coisas acabam depois que a mente as tenha experimentado?”

Mestre: “Verdade. Uma vez que o bosque pega fogo, não pode ser apagado. (*Aos devotos*) Ele conhece muitas coisas sobre fé.”

Bannerji: “Possuo muita fé.”

Mestre: “Traga as senhoras de sua família com as de Balaram.”

Bannerji: “Quem é Balaram?”

Mestre: “Você não conhece Balaram? Ele mora em Bosepara.”

Sri Ramakrishna gostava de pessoas puras. Narendra Bannerji era absolutamente puro. O Mestre também amava Nirranjan<sup>7</sup>, porque também era sem mácula.

Mestre (*a M.*): “Por que lhe peço ver Nirranjan? É para descobrir se é realmente puro.”

*Domingo, 25 de maio de 1884*

Shri Ramakrishna estava sentado na plataforma de cimento que circunda o velho banheiro no Panchavati. Vijay, Surendra, Bhavanath, Rakhil e outros devotos estavam presentes, uns sentados com Mestre na plataforma, o resto no chão, embaixo. Os devotos haviam pensado em comemorar o aniversário do Mestre, mas isto teve que ser adiado por causa de sua doença. Visto que Shri Ramakrishna agora estava se sentindo melhor, os devotos desejavam fazer a celebração naquele dia. Uma famosa cantora iria entretê-los com canções devocionais.

Era uma hora da tarde. M. estivera procurando Shri Ramakrishna no quarto do Mestre, não o encontrando ali, foi ao Panchavati e ansiosamente perguntou aos devotos: “Onde está ele?” M. estava de pé defronte ao Mestre, mas na sua agitação, não o havia visto. Os devotos riam às gargalhadas. Pouco depois, M. viu Shri Ramakrishna e sentiu-se muito embaraçado. Prosternou-se ante o Mestre, sentado olhando para o sul e sorrindo, feliz. Kedar e Vijay estavam sentados à sua esquerda. Estes dois devotos haviam recentemente tido um desentendimento quando Kedar cortou relações com o Brahma Samaj.

Mestre (*a M. com um sorriso*): “Viu como os uni?”

O Mestre havia trazido uma trepadeira madhavi de Vrindavan, em 1868 e a havia plantado no Panchavati. A trepadeira cresceu grande e forte. Algumas crianças saltavam e balançavam-se nos seus galhos. O Mestre observou-as e riu. Disse: “São como macaquinhos. Não deixam de se balançar mesmo que, às vezes, caiam no chão. Vendo que Surendra estava de pé diante dele, o Mestre disse-lhe afetuosamente: “Suba e sente-se conosco na plataforma. Assim você poderá balançar seus pés à vontade.” Surendra subiu e sentou-se. Bhavanath estava de paletó. Surendra disse-lhe: “Você vai para a Inglaterra?”

Mestre (*sorrindo*): “Deus é a nossa Inglaterra. De vez em quando eu costumava tirar minhas roupas e andar nu. Uma vez Sambhu disse-me: ‘É muito cômodo andar nu. É por isso que o senhor faz. Certa vez eu mesmo fiz.’”

Surendra: “Voltando do escritório, enquanto tiro o paletó e as calças, falo à Mãe Divina, ‘Ó Mãe, quão apertadamente tu me ataste ao mundo!’

Mestre: “Há oito grilhões com os quais o homem está atado: vergonha, ódio, medo, orgulho de casta, indecisão, dissimulação etc.”

Shri Ramakrishna cantou:

Mãe, este é o pesar que dolorosamente aflige meu coração.  
Que mesmo tendo-Te como Mãe, e embora esteja totalmente desperta,

<sup>7</sup> Jovem discípulo do Mestre, mais tarde, monge com o nome de Swami Nirranjananda.

Houve roubo em minha casa.

Continuou:

No movimentado mercado, ó Shyama, Tu és as pipas flutuantes,  
Alto, elas voam ao sabor da esperança, presas pela linha maya.  
Suas molduras são esqueletos humanos, suas velas são feitas dos três gunas.  
Mas todo o seu trabalho é simplesmente para enfeite.  
Mas no barbante das pipas, Tu passaste pasta de manja do mundanismo.  
A fim de tornar cada fio mais cortante e forte.  
Em cem mil papagaios, um ou dois no máximo, ficam livres;  
E Tu ris e bates palmas, Ó Mãe, observando-os!  
Sob ventos favoráveis, diz Ramprasad, os papagaios afrouxados serão rapidamente  
Levados para o Infinito, atravessando o mar do mundo.

Mestre: “ ‘A linha de maya’ significa mulher e filhos.”

Mas no barbante das pipas, Tu passaste a pasta de manja do mundanismo.

“ ‘Mundanismo’ quer dizer ‘mulher e ouro’.

“Os três gunas – sattva, rajas e tamas – mantêm os homens sob seu domínio. São como três irmãos. Enquanto sattva existir, ele chamará rajas por ajuda e rajas pode obter ajuda de tamas. Os três gunas são também ladrões: Tamas mata e rajas prende. Sem dúvida, sattva livra o homem de seus grilhões, mas não pode levá-lo a Deus.”

Vijay (*sorrindo*): “Porque sattva também é um ladrão.”

Mestre (*sorrindo*): “Verdade. Sattva não pode levar o homem a Deus, mas mostra-lhe o caminho.”

Bhavanath: “Estas são certamente, palavras maravilhosas.”

Mestre: “Sim, é um pensamento elevado.”

Ouvindo estas palavras do Mestre, os devotos ficaram felizes.

Mestre: “ ‘Mulher e ouro’ são a causa da escravidão. Somente ‘mulher e ouro’ constituem samsara, o mundo. É ‘mulher e ouro’ que impedem uma pessoa de ver Deus. (*Levantando uma toalha defronte do rosto*). Você ainda vê meu rosto? Claro que não. A toalha o esconde. Logo que o véu de ‘mulher e ouro’ é removida, atinge-se Chidananda, Consciência e Bem-aventurança.

“Vou dizer-lhes dizer uma coisa. Aquele que renunciou ao prazer de uma esposa, realmente renunciou ao prazer do mundo. Deus está muito perto desta pessoa.”

Os devotos escutavam estas palavras em silêncio.

Mestre (*a Kedar, Vijay e outros devotos*): “aquele que renunciou ao prazer de uma esposa realmente renunciou ao prazer do mundo. É ‘mulher e ouro’ que escondem Deus. Vocês, pessoas com bigodes respeitáveis, também estão envolvidos em ‘mulher e ouro’. Digam-me se não é verdade. Busquem em seu coração e respondam-me.”

Vijay: “Sim, é verdade.”

Kedar permaneceu em silêncio.

Mestre: “Vejo que tudo está sob controle da mulher. Um dia fui à casa do Capitão. Daí, para a casa de Ram. Disse ao Capitão, ‘Pague-me a carruagem’. Ele consultou a esposa sobre isso. Ela pensou e disse: ‘O que há?’ Por fim o Capitão disse: ‘Ram tomará conta disso’. Veja o *Gita*, o *Bhagavata* e a *Vedanta*, todos curvam-se ante uma mulher.” (*Todos riem*).

“Um homem deixa o dinheiro, a propriedade e tudo nas mãos da esposa, mas diz com uma simplicidade afetada, ‘Possuo uma natureza tal que não posso guardar comigo nem duas rupias’.

“Um homem foi ao escritório à procura de trabalho. Embora houvesse muitas vagas, o gerente não atendeu ao seu pedido. Um amigo disse-lhe: ‘Peça a Golapi e terá o emprego’. Golapi era a amante do gerente.

“Os homens não dão conta o quanto são arrastados para baixo pelas mulheres. Uma vez fui ao Forte numa carruagem, todo o tempo com a sensação de que estava percorrendo um caminho plano. Por fim percebi que havia descido quatro andares. Era uma ladeira.

“Um homem possuído por um espírito, ignora que esteja sob seu controle. Pensa que está perfeitamente normal.”

Vijay (*sorrindo*): “Mas ele pode ser curado por um exorcista se encontrar um exorcista.”

Em resposta a Vijay, Shri Ramakrishna apenas disse, “Isto depende da vontade de Deus”. Continuou a conversa sobre mulheres.

Mestre: “Cada pessoa com quem falo diz, ‘Sim, senhor, minha esposa é boa’. Ninguém diz que a esposa é má. (*Todos riem*). Aqueles que constantemente vivem com ‘mulher e ouro’, são tão infantados disso, que não vêem as coisas de forma correta. Os jogadores de xadrez com frequência não podem ver o movimento mais correto para suas peças no tabuleiro, mas aqueles que observam o jogo à distância podem entender os movimentos mais acuradamente.

“Mulher é a personificação de maya. Em seu hino a Rama, Narada disse: ‘Ó Rama, todos os homens são parte de Ti. Todas as mulheres são parte de Sita, a personificação de Tua maya. Peço dignar-Te conceder-me que eu tenha puro amor por Teus Pés de Lótus e que não seja iludido pela Tua maya sedutora. Não desejo outro favor além desse’.”

O irmão mais jovem de Surendra e seus sobrinhos estavam presentes. O irmão trabalhava num escritório e um dos sobrinhos estudava direito.

Mestre (*aos parentes de Surendra*): “Meu conselho a vocês é que não se apeguem ao mundo. Veja, Rakhhal hoje compreende o que é conhecimento e o que é ignorância. Pode discriminar entre o Real e o irreal. Por isso digo-lhe: ‘Vá para casa. Pode vir aqui de vez em quando e passar um ou dois dias comigo’.

“Cultivem um relacionamento amigável entre vocês. Isto será para seu bem e tornará todos felizes. No teatro a apresentação vai bem se os músicos cantarem em uníssono. Isto alegra os corações do auditório.

“Façam os deveres mundanos com uma parte da mente e dirijam a maior parte dela para Deus. Um sadhu deve pensar em Deus com três quartos da mente e com um quarto deve cumprir suas obrigações. Deve estar muito alerta com as coisas espirituais. A serpente possui uma grande sensibilidade na cauda. Todo seu corpo reage quando se fere esta região de seu corpo. De forma semelhante a vida de um sadhu fica afetada quando sua espiritualidade for tocada.”

Shri Ramakrishna ia para o bosque de pinheiros e pediu a Gopal de Sinthi para levar a guarda-chuva ao seu quarto. Organizou-se o kirtan no Panchavati. Quando o Mestre voltou, de novo sentou-se entre os devotos e a musicista começou a cantar. De repente uma tempestade caiu. O Mestre voltou ao quarto com os devotos e a musicista acompanhou-os para cantar.

Mestre (*a Gopal*): “Trouxe o guarda-chuva?”

Gopal: “Não, senhor. esqueci-me completamente enquanto ouvia a música.”

O guarda-chuva havia ficado no Panchavati. Gopal apressou-se a ir buscá-lo.

Mestre: “Em geral sou descuidado, mas não a tal ponto. Rakhhal também, é muito descuidado. Referindo-se à data de um convite, disse ‘o décimo primeiro’, em vez de ‘o décimo terceiro’. E Gopal pertence a um rebanho de vacas.”<sup>8</sup>

A musicista entoou uma canção a respeito da vida monástica de Chaitanya. De vez em quando improvisava versos: “Ele não olhará para uma mulher, porque isto é contra o dever de um sannyasi.” “Ansioso por retirar o pesar dos homens, não olhará para uma mulher”, porque, de outro modo, o nascimento do Senhor como Sri Chaitanya teria sido em vã.

O Mestre levantou-se assim que ouviu o mencionar a renúncia de Chaitanya e entrou em samadhi. Os devotos colocaram grinaldas de flores em volta do pescoço dele. Bhavanath e Rakhhal sustentaram seu corpo para que não caísse. Vijay, Kedar, Ram, M., Latu e os outros devotos ficaram à sua volta, em círculo, recordando uma das cenas do kirtan de Chaitanya.

O Mestre, gradualmente, desceu ao plano dos sentidos. Falava com Krishna, de vez em quando, pronunciando a palavra “Krishna”. Não podia claramente, devido à intensidade de sua emoção espiritual. Disse: “Krishna! Krishna Satchidananda! Atualmente não vejo Tua

<sup>8</sup> Há um trocadilho com a palavra Gopal, que também, significa “rebanho de vacas”.

forma. Agora Te vejo tanto no teu interior, quanto no teu exterior. Vejo que foste Tu quem Te tornaste o universo, todos os seres vivos, os vinte e quatro princípios cósmicos e tudo o mais. Somente Tu Te tornaste o universo, todos os seres vivos, os vinte e quatro princípios cósmicos e tudo o mais. Somente Tu Te tornaste mente, inteligência, tudo. Diz-se no ‘Hino de Saudação ao Guru’; ‘Inclino-me ante o Guru pela graça de quem realizei Aquele que permeia o indivisível universo de tudo que é animado e inanimado.

“Somente Tu és o Indivisível. Também, Tu penetras o universo de tudo que é animado e inanimado. Tu és verdadeiramente o universo múltiplo; também, somente Tu és sua base. Ó Krishna! Tu és minha vida. Ó Krishna! Tu és minha mente! Ó Krishna! Tu és minha inteligência. Ó Krishna! Tu és minha alma, Ó Govinda! Tu és meu alento. Tu és minha própria vida.”

Vijay também estava em êxtase. O Mestre perguntou-lhe: “Meu caro senhor, o senhor também ficou inconsciente?” “Não, senhor”, disse Vijay humildemente.

“A música continuava. A musicista entoava sobre o amor que nada vê, a não ser Deus. Improvisou os versos:

Bem-amado de minha alma! Dentro da câmara do meu coração  
Eu Te guardaria dia e noite!

O Mestre novamente entrou em samadhi. O braço machucado descansava no ombro de Bhavanath.

Shri Ramakrishna voltou parcialmente à consciência exterior. A musicista improvisou:

Por aquele que por Ti tudo abandonou  
Tem que suportar tanto sofrimento?

O Mestre inclinou-se ante a musicista, sentando-se para ouvir a música. vez em quando ficava fora da consciência normal. Quando a cantora acabou, Shri Ramakrishna começou a conversar com os devotos.

Mestre (*a Vijay e outros*): “O que é prema? Aquele que o sente, esse intenso amor por Deus, não somente esquece o mundo, mas esquece o corpo, que é tão caro a todos. Chaitanya experimentou-o.”

O Mestre explicou, com uma canção que descreve o estado extático de prema:

Ó quando irá raiar o dia abençoado  
Quando lágrimas de alegria cairão dos meus olhos.  
Quando eu repetir o nome do Senhor Hari? ...

O Mestre começou a dançar e os devotos juntaram-se a ele. Pegou M. pelo braço e levou-o até o círculo. Assim dançando, Shri Ramakrishna entrou novamente em samadhi. Em pé, transfigurado, parecia um quadro. Kedar repetia o hino abaixo, objetivando trazer a mente de volta do plano de samadhi.

Adoramos a Consciência de Brahman no Lótus do Coração.  
O Indiferenciado. Aquele que é adorado por Hari, Hara e Brahma;  
Que é alcançado pelos yogis nas profundezas de sua meditação.  
Aquele que afugenta o medo do nascimento e a morte.  
A essência do Conhecimento e da Verdade, a Semente Primordial do mundo.

Shri Ramakrishna gradualmente, voltou ao plano de consciência normal. Sentou-se e cantou os nomes de Deus, “Om Satchidananda! Govinda! Govinda! Govinda! Yogamaya! Bhagavata-Bhakta-Bhagavata!”

O Mestre tomou a poeira do lugar onde o kirtan fora cantado e tocou o chão com a testa.

Um pouco mais tarde, Shri Ramakrishna estava sentado no pórtico de frente para o Ganges, os devotos sentados a seu lado. De vez em quando o Mestre exclamava, “Ah, Krishnachaitanya!”<sup>9</sup>

Mestre (*a Vijay e outros*): “Tem havido muito canto do nome do Senhor, neste aposento. É por esta razão que a atmosfera tornou-se tão intensa.”

Bhavanath: “Palavras de renúncia, também.”

O Mestre disse: “Ah, que emocionante!” Cantou a respeito de Gauranga e Nityananda.

Gaur outorga o Néctar de prema;  
 Jarro atrás de jarro ele o despeja;  
 E contudo não em fim!  
 O dulcssimo Nitai chama a todos;  
 O Bem-Amado Gora os pede para vir.  
 Shantipur está quase afogada.  
 E Nadia<sup>10</sup> está inundada de prema!

Mestre (*a Vijay e outros*): “A cantora disse corretamente: ‘Um sannyasi não deve olhar para mulher’. Este é o dharma do sannyasi. Que ideal elevado!”

Vijay: “Sim, certamente, senhor.”

Mestre: “Outros aprendem pelo exemplo do sannyasi. É por isso que tais regra estritas são prescritas para ele. Um sannyasi não deve olhar nem mesmo para o retrato de uma mulher. Que regra restrita! Está prescrito para o culto da Mãe Divina, a matança de uma cabra negra se tiver a menor ferida, não pode ser oferecida. Um sannyasi não deve ter relação sexual com uma mulher, nem olhar para ela.

Vijay: “O jovem Haridas conversou com uma devota. Por esta razão, Chaitanya o des-terrou de sua presença.”

Mestre: “Um sannyasi associado a ‘mulher e ouro’ é como uma linda donzela com mau cheiro. O mau cheiro torna sua beleza inútil.

“Certa vez um devoto Marwari quis dar-me dinheiro. Mathur quis dar-me terras, mas não pude aceitar nem uma coisa nem outra.

“As regras para a vida de um sannyasi são realmente muito estritas. Se um homem toma a roupa de um sannyasi, deve agir exatamente como tal. Já reparou que no teatro o homem que faz o papel de rei atua como rei e o homem que faz o papel de ministro, atua como ministro?”

“Mas ao atingir o estado de paramahansa, uma pessoa torna-se como uma criança. Uma criança de cinco anos desconhece a diferença entre o homem e uma mulher, mas mesmo um paramahansa tem que tomar cuidado para não dar um mau exemplo aos outros.”

Referindo-se à associação de Keshab com ‘mulher e ouro’, o que constitui um entrave a seu trabalho como instrutor espiritual, Sri Ramakrishna disse a Vijay: ‘Ele – compreende?’”

Vijay: “Sim, senhor.”

Mestre: “Não pôde alcançar muito, porque queria atender aos dois – Deus e o mundo.”

Vijay: “Chaitanya disse a Nityananda: ‘Nitai, não serei capaz de fazer algum bem às pessoas a não ser que renuncie ao mundo. Todos me imitarão e quererão levar uma vida de chefe de família. Ninguém vai tratar de dirigir sua mente inteira para os Ps de Lótus de Deus, renunciando a ‘mulher e ouro’.”

Mestre: “Sim, Chaitanyadeva renunciou ao mundo a fim de dar exemplo à humanidade.”

“O sannyasi deve renunciar a ‘mulher e ouro’ para seu próprio bem-estar. Mesmoo que for desapegado e em conseqüência, fora de perigo, não deve manter ‘mulher e ouro’ perto dele, para servir de exemplo aos outros. O sannyasi, homem de renúncia, é um mestre do mundo. É seu exemplo que desperta a consciência espiritual dos homens.”

Era quase hora do crepúsculo. Os devotos saudaram o Mestre e despediram-se.

<sup>9</sup> Um dos nomes de Chaitanya.

<sup>10</sup> Shatipur e Nadia são lugares associados com Chaitanya.



## CAPÍTULO XXIII

### FESTIVAL NA CASA DE SURENDRA

*Domingo, 15 de junho de 1884*

**S**HRI RAMAKRISHNA chegou pela manhã, na chácara de Surendra, um dos seus amados discípulos chefes de família, na vila de Kankurgachi, perto de Calcutá. Surendra o convidara e outros devotos, para um festival religioso.

Ocasões como esta eram motivo de grande felicidade e regozijo para os devotos do Mestre que entrava no mais elevado estado. Juntava-se aos outros na música sacra e canto dos nomes de Deus, entrando em êxtase com muita frequência. Derramava toda sua alma em conversas inspiradas, explicando as várias etapas da Consciência de Deus. As impressões destes festivais permaneciam na mente de todos, durante muitos dias.

Os devotos faziam filas no interior do grande vestíbulo da chácara, para ouvirem os cantores profissionais. O chão do quarto estava coberto por um tapete sobre o qual havia sido estendido um lençol branco. Alguns rolos, travesseiros e almofadas estavam espalhados aqui e ali.

Os músicos cantavam episódios da vida de Shri Krishna, sobretudo os associados ao Seu amor divino, pelas gopis de Vrindavan. Era um tema que sempre atraía o Mestre, levando-o ao êxtase.

Krishna, o Deus Encarnado, passou a infância em Vrindavan como pastor. Cuidava das Suas vacas nos verdes campos ao longo das margens do Jamuna, tocando Sua flauta. As pastoras não podiam resistir à força de Sua atração divina. Ao som de Sua flauta, largavam todas as obrigações domésticas e iam para a margem do rio sagrado. Seu amor por Krishna havia destruído sua atração pelas coisas do mudo. Nem as ameaças dos parentes, nem a crítica dos outros podiam fazê-las desistir da companhia de Krishna. No amor das gopis por Krishna não havia o menor traço de mundanismo. Era a atração inata de Deus pelas almas puras, como o ímã pelo ferro. O autor do *Bhagavata* comparou este sentimento ao amor que tudo consome, de uma mulher por seu bem-amado. Ante o eclodir deste amor, todas as barreiras entre o homem e Deus são varridas. O devoto se refugia completamente no Divino Bem-amado e por fim, torna-se uno com Ele.

Radha foi a mais importante das gopis e Krishna seu principal parceiro. Ela sentia um anelo indescritível de se unir a Ele. A separação de Krishna, fosse por um momento subjugava seu coração e alma. Em muitas noites de lua cheia Krishna dançou com Radha e as gopis nos sagrados bosques de Vrindavan e, em tais ocasiões, as gopis experimentavam o mais elevado êxtase espiritual. Com a idade de onze anos Krishna foi chamado para se tornar rei de Mathura. Deixou as gopis, prometendo-lhes, contudo, Sua visão divina sempre que elas se concentrassem n'Ele em seus corações.

Por séculos e séculos, os amantes de Deus na Índia, vêm adorando o Divino, recriando em si mesmos, outra vez, o anelo das gopis por Krishna. Muitas das canções folclóricas da Índia têm como tema, esse doce episódio da vida de Krishna. Shri Chaitanya reviveu esta fase da vida religiosa hindu por sua prática espiritual e suas visões divinas. Em sua música Chaitanya assumia o papel de Radha e manifestava o anelo de se unir a Krishna, olhando-se como uma das gopis ou como serva de Deus.

Na chácara de Surendra o kirtan começara bem cedo pela manhã. Os músicos cantavam o amor de Krishna e Radha. O Mestre com frequência entrava em samadhi. O quarto estava cheio de devotos como Bhavanath, Niranjana, Rakhala, Surendra, Ram e M. e membros do Brahma Samaj.

De acordo com o costume o kirtan começou com uma canção introdutória sobre Gauranga. Gauranga abraçou a vida monástica. Está sendo consumido pelo intenso desejo de ter a visão de Krishna. Deixa Navadvip e sai como monge errante, à procura de seu Bem-amado.

Seus devotos, não agüentando a dor da separação, choram amargamente e imploram a Gau-ranga para voltar.

O músico cantou:

O Gaur, retorne a Nadia!

Em seguida o músico cantou a angústia de Radha com a separação de Krishna. Enquanto Shri Ramakrishna ouviu a canção, pôs-se subitamente de pé. Assumindo o estado de Radha cantou de improviso, com a voz tomada de pesar. “Ó amiga, traga aqui meu amado Krishna ou leve-me até Ele.” Assim cantando, quase se perdeu completamente em Radha e não pôde continuar a canção. Ficou sem fala, o corpo imóvel, os olhos semicerrados, a mente totalmente inconsciente do mundo exterior. Estava em samadhi profundo.

Depois de um longo período, retomou à consciência normal falando com uma voz que partia o coração: “Ó amiga, leve-me para meu amigo Krishna e torne-me Sua eterna escrava. Serei sua serva para sempre. Amiga, foi você quem me ensinou a amar Krishna. Ó Krishna! Ó Bem-amado de minha alma!”

Os músicos profissionais continuaram a canção. Assumiram o papel de Radha, cantando como se ela estivesse conversando com a amiga: “Ó amiga, não voltarei ao Jamuna para pegar água. Uma vez vi meu amado Amigo, sob a árvore kadamba. Sempre que passo por ali, fico tomada de emoção.”

De novo o Mestre entrou em êxtase. Com um suspiro disse, “Ai de mim! Ai de mim!”

A canção continuava. Radha diz:

Até o desejo da presença de Krishna  
Esfriou e refrescou meu corpo febril.

De vez em quando os músicos improvisavam versos dando continuidade à atitude de Radha. “Ó amigas, esperem. Mostrem-me Krishna, meu Bem-amado.” Novamente: “Não se preocupem com minhas jóias. Perdi a Jóia mais preciosa.” De novo: “Meu Deus! Estou passando por dias amargos. Meus dias felizes acabaram. Finalmente: “Como dura este tempo infeliz!”

Shri Ramakrishna improvisou um verso: “Passou tanto tempo! Será que dias melhores virão para mim?” Os músicos improvisaram: “Quanto tempo passou! Será que dias melhores virão para mim?”

Os músicos cantaram as palavras de Radha à amiga:

Ó amiga, estou morrendo! Com certeza morrerei.  
A angústia de estar separada  
De Krishna está além do que posso suportar.  
Meu Deus! Para quem deixarei  
Meu tesouro<sup>1</sup> inestimável! Quando estiver morta  
Suplico, não queime o meu corpo;  
Não o atire ao rio.  
Veja que não seja dado às chamas.  
Não o jogue na água.  
Neste corpo diverti-me com Krishna.

Prenda minha forma sem vida, suplico  
Aos ramos da negra tamala;  
Amarre-a à árvore tamala.  
Ao tocar a tamala ela se torna negra.  
Krishna é negro e negra é a tamala.  
Negro é a cor que amo.  
Amei-a desde minha tenra infância.  
Ao negro Krishna, pertence meu copo.  
Não o deixe ficar diferente do negro!

---

<sup>1</sup> Krishna

Radha chega à sua maior emoção. Desmaia.

Radha caiu no chão.  
Ali está perdida para o exterior.  
Repetindo o nome precioso de Krishna,  
Imediatamente fecha ambos os olhos.  
Ah, será que o drama chegou ao fim?  
O que a entristece, Ó alegria de Krishna!  
Há somente um momento atrás você falou.

Suas amigas, untando a forma de Radha  
Com pasta de sândalo fresca e suave,  
Tentam trazê-la de volta à terra.  
Algumas choravam com amargo pesar;  
Não podem suportar vê-la morrer.  
Algumas aspergem água em seu rosto;  
Talvez ela reviva novamente!  
Mas, Ó, pode a água trazer à vida  
A alguém que morre de amor por Krishna?

As amigas de Radha cantam em seu ouvido, o suave nome de Krishna. Isto a traz de volta à consciência parcial. Olha a árvore negra tamala, imaginando que Krishna estivesse de pé, diante dela.

O nome de Krishna restaura sua vida.  
Uma vez mais olha em volta,  
Mas não pode ver o rosto de Krishna.  
Meu Deus, como ela chora amargamente!  
“Onde está meu Krishna? Onde está Aquele  
Cujos nomes vocês cantaram em meus ouvidos?  
Tragam-no a mim uma vez mais!”

Ao ver a árvore tamala negra,  
Ela olha-a fixamente e grita:  
“Ali está Seu penacho! Veja-o bem!  
Ali está o penacho do meu querido Krishna!”  
Mas somente um pavão ela viu,  
Cujas penas brilhantes tomou por engano  
Pela linda pena do penacho de Krishna.

Krishna foi para Mathura, a fim de assumir seus deveres reais. Despojou-se das roupas de pastor, da flauta e colocou Suas vestimentas reais. As amigas de Radha, depois de uma consulta apressada entre si, enviaram uma gopi a Mathura. Encontra-se com uma mulher da cidade, de sua idade, que lhe pergunta de onde ela vem.

A amiga de Radha diz: “Não tenho que chamar Krishna. Ele Próprio virá até mim.” Não obstante segue a mulher de Mathura e vai até o palácio de Krishna. Na rua chora, tomada de tristeza e ora a Krishna: “ Ó Hari, onde estás? Ó vida das gopis! Encantador de nossos corações! Ó Bem-amado de Radha! Ó Hari, Aquele que remove a vergonha de Seus devotos! Vem uma vez mais! Com grande orgulho disse a todos de Mathura que Tu virias a mim. Por favor, não me humilhes.”

Com desdém, diz a mulher de Mathura.  
“ Ó, você é somente uma simples pastora!  
Como pode ir ver nosso Rei,  
Nosso Krishna, com seus andrajos de mendiga?  
Atrás das sete portas está Sua câmara.  
Você não pode entrar. Como pode ir?”

Morro de vergonha ao ver sua ousadia.

Diga-me, como conseguiu entrar?

Diz a gopi: “Krishna! Bem-amado!  
Alma das gopis! Onde estás Tu?  
Vem a mim e salva minha vida.  
Onde estás Tu, Alma adorável das gopis?  
Vem a mim, Senhor de Mathura!  
E salva a vida de Tua serva pesarosa.  
Ah, onde estás Tu, Bem-amado de Radha?  
Senhor de nossos corações e Amigo de nossas almas!  
O Hari, Destruidor de nossa vergonha!  
O tesouro inestimável das gopis!  
Vem para Tua serva e salva sua honra.”

Assim a mensageira chora e chama por Krishna.

Quando os músicos cantaram, “Onde estás Tu, adorável Alma das gopis?” o Mestre entrou em samadhi. Quando a música aproximava-se do fim, os músicos cantaram mais alto e Sri Ramakrishna estava de pé, novamente em samadhi profundo. Retomando a consciência parcial, disse com uma voz mal articulada, “Kitna! Kitna!” estava por demais tomada de emoção, para pronunciar o nome de Krishna corretamente.

O kirtan chegara ao fim. Ao reencontro de Radha e Krishna, o Mestre cantou com os músicos, ele mesmo compondo os versos:

Olhe, Radha está ao lado de Krishna;  
Em Seu peito reclina  
Contemple-a à Sua esquerda.  
Como uma trepadeira dourada enlaçando  
Uma árvore tamala negra!

À medida que a música chegava ao fim, o Mestre puxava o coro. Todos cantaram juntos, acompanhados por tambores e pratos. Salve Radha e Krishna! Santificados sejam os nomes de Radha e Krishna!” Os devotos sentiram uma onda de emoção divina e dançaram em volta do Mestre que também dançou em êxtase. Os nomes de Deus ecoaram e tornaram a ecoar na casa e no jardim.

Depois da música o Mestre sentou-se com os devotos. Foi então que Niranjan chegou e prosternou-se diante dele. À vista deste amado discípulo, o Mestre levantou-se, olhos brilhando e rosto sorridente e disse: “Você também veio (*A M.*): Veja, este rapaz é absolutamente puro. Não se pode ser puro sem muita disciplina espiritual em nascimentos anteriores. Mente hipócrita e calculista jamais poderá alcançar Deus.

“Não vê que Deus só Se encarna em famílias onde há pureza? Quão puro foi Dasaratha! Assim o era Nanda, pai de Krishna. Há um ditado: ‘Que homem puro ele é! É como Nanda!’

(*A Niranjan*): “Sinto como se um véu negro cobrisse meu rosto. É porque você aceitou um trabalho num escritório. Ali fazem-se cálculos. Além do mais, deve-se atender a muitas outras coisas e isto mantém a mente sempre ocupada com preocupações. Você está trabalhando num escritório como qualquer outra pessoa do mundo, mas há uma pequena diferença, já que você ganha dinheiro para sua mãe. Deve-se mostrar o mais alto respeito pela mãe, pois ela é a personificação da Bem-aventurada Mãe do Universo. Se você tivesse aceitado o trabalho para o bem de sua esposa e filhos eu lhe teria dito: ‘Que fiasco! Vergonha! Mil vergonhas!’

(*A Mani Mallick, mostrando Niranjan*) “Olhe este rapaz. É absolutamente puro, mas tem um defeito: ultimamente não tem sido muito veraz. No outro dia disse que breve viria me visitar novamente, mas não veio. (*A Niranjan*): É por isso que Rakhil perguntou-lhe porque você não veio ver-me, enquanto estava em Ariadaha, tão perto de Dakshineswar.”

Niranjan: “Fiquei lá somente dois dias.”

Mestre (*a Niranjan, apontando para M.*): “Ele é diretor de uma escola. A meu pedido foi ver você. (*A M.*) “Você enviou-me Baburam no outro dia?”

O Mestre foi ao aposento contíguo e ali conversou com alguns devotos.

Mestre (*a M.*): “Ah! Que maravilhoso era o anelo das gopis por Krishna! Eram tocadas pela loucura divina, assim que viam a árvore tamala negra. A separação de Krishna criava um tal fogo de angústia, no coração de Radha, que até secava as lágrimas dos olhos! Suas lágrimas desapareciam em forma de vapor. Havia outras vezes em que ninguém podia notar a profundidade de seu sentimento. As pessoas não notam o mergulho de um elefante num grande lago.”

M.: “Sim, senhor, é verdade. Chaitanya, também, experimentou um sentimento semelhante. Confundi uma floresta com o bosque sagrado de Vrindavan e a água escura do oceano, com o azul Jamuna.”

Mestre: “Ah! Se alguém pudesse ter pelo menos uma partícula de tal prema! Que anseio! Que amor! Radha possuía não somente cem por cento de amor divino, mas cento e vinte e cinco por cento. Isto é o que significa estar intoxicado de amor por Deus. A conclusão é que um homem deve amar Deus, sentir angústia por Ele. Não importa se acredita em Deus com forma ou sem forma. Pode ou não, acreditar que Deus encarna-Se como homem, mas O realizará se tiver este anelo. Então Ele Próprio lhe fará conhecer como Ele é. Se tiver que enlouquecer, por que o fará pelas coisas do mundo? Se tiver que enlouquecer fique louco somente por Deus.”

Logo Shri Ramakrishna retornou para o vestíbulo principal da casa. Uma almofada foi colocado próximo a ele. Antes de tocá-la disse, Om Tat Sat <sup>2</sup>. Talvez a almofada tenha sido usada por pessoas mundanas e esta tenha sido a maneira que ele utilizou para purificá-la. Bhavanath, M. e outros devotos sentaram-se perto dele. Já era tarde mas não havia indicação de que a refeição is ser servida. O Mestre ficou impaciente, como uma criança e disse: “Não vejo sinal de comida. O que houve? Onde está Narendra?”

Um devoto (*sorrindo*): “Senhor, Ram Babu é o dono da festa. É quem supervisiona tudo.”

Mestre (*sorrindo*): “Ah! Ram é o dono. Então sabemos o que nos espera.”

Um devoto: “Coisas como esta acontecem quando ele é o supervisor.” (*Todos riem*).

Mestre (*aos devotos*): “Onde está Surendra? Que bela disposição ele tem agora. É muito sincero, não tem medo de falar a verdade. É ilimitado em sua generosidade. Ninguém que lhe pede ajuda sai de mãos vazias. (*A M.*) Foi ver Bhagavan Das? <sup>3</sup> Que tipo de homem ele é?”

M.: “Está muito velho agora. Vi-o em Kalna. Era noite. Estava deitado num tapete e um devoto estava alimentando-o com comida oferecida a Deus. Só escuta se alguém falar muito alto em seu ouvido. Ouvindo-se mencionar o seu nome, disse: ‘Você não tem nada com o que se preocupar-se’.”

Bhavanath (*A M.*): “Há muito tempo você não vai a Dakshineswar. O Mestre perguntou-me a seu respeito e um dia disse, “Será que M. perdeu o gosto por este lugar?”

Bhavanath riu quando disse essas palavras. O Mestre ouviu sua conversa e disse a M. com uma voz amorosa: “Sim, isso é verdade. Por que você não tem ido a Dakshineswar há tanto tempo?” M. pode somente gaguejar algumas desculpas fracas.

Naquele momento Mahimacharan chegou. Vivia em Cossipore, perto de Calcutá. Mahimacharan tinha o Mestre em grande consideração e era visitante assíduo do templo. Era homem de recursos, tendo herdado a propriedade ancestral. Dedicava seu tempo à religião e ao estudo das escrituras. Era homem de certa erudição, tendo lido muitos livros, tanto em sânscrito como em inglês.

Mestre (*a Mahima*): “O que é isto? Vejo um vapor aqui. (*Todos riem*). Esperamos aqui no máximo, um pequeno bote, mas um verdadeiro vapor chegou. Então eu sei, é a estação chuvosa!” (*Risada geral*).

<sup>2</sup> Fórmula sagrada da religião hindu, que significa: “O Senhor é a única Realidade”.

<sup>3</sup> Grande devoto vaishnava.

O Mestre conversava com Mahimacharan. Perguntou-lhe: “Alimentar pessoas não é uma espécie de serviço de Deus? Deus existe em todos os seres como fogo. Alimentar as pessoas é oferecer oblações Àquele Espírito que habita no interior. Não se deve alimentar os maus, isto é, aqueles que estão mergulhados no total mundanismo ou que cometeram crimes hediondos como adultério. Mesmo a terra onde tais pessoas sentam-se, torna-se impura numa profundidade de sete cúbicis. Certa vez Hriday alimentou muitas pessoas em sua terra natal. Boa parte deles era má. Disse a Hriday: ‘Olhe, se você alimentar estas pessoas, deixo sua casa imediatamente’. (A *Mahima*) Ouvei dizer que você costumava dar comida às pessoas, mas agora, não dá mais essas festas. Seria porque suas despesas cresceram?” (*Risada*).

A comida devia ser servida na varanda da casa. Pratos de folhas foram colocados no chão. O Mestre disse a Mahimacharan: “Vá lá e veja o que estão fazendo. Você pode ajudá-los um pouco a servirem a comida, mas eu não pediria isto.” Pigarreando embaraçado, foi até a cozinha, mas logo regressou.

Shri Ramakrishna e os devotos gostaram muito da refeição. Em seguida, descansou um pouco. Mais ou menos às duas horas da tarde, Pratap Chandra Mazumdar do Brahma Samaj, chegou. Era companheiro de Keshab Chandra Sen e estivera na Europa e América, ligado à obra missionária Brahma. Saudou Shri Ramakrishna e o Mestre também inclinou-se ante ele, com sua modéstia usual. Logo começaram a conversar.

Pratap: “Estive em Darjeeling, recentemente, para mudar de ar.”

Mestre: “Mas sua saúde não melhorou. De que está sofrendo?”

Pratap: “Da mesma doença que Keshab morreu.”

Começaram a falar de Keshab. Pratap disse: “Desde a infância já mostrava desapego pelas coisas do mundo, raramente brincando com os outros meninos. Estudou no Hindu College. Naquela época tornou-se amigo de Satyendra e, através dele, travou conhecimento com o pai. Devendranath Tagore, Keshab cultivava bhakti e, ao mesmo tempo, praticava meditação. Às vezes que ficava tão tocado de amor divino, que se tornava inconsciente. O principal objetivo de sua vida, foi espalhar a religião entre os chefes de família.

A conversa, em seguida, voltou-se para uma certa senhora Marhatta.

Pratap: “Algumas senhoras de nosso país estiveram na Inglaterra. Esta senhora Marhatta, que é muito culta, também visitou a Inglaterra. Mais tarde abraçou o cristianismo. Já ouviu seu nome, senhor?”

Mestre: “Não, mas pelo que você diz, parece-me que ela tem desejo de nome e fama. Este tipo de ego não é bom. O sentimento de ‘eu sou o que faz’ é resultado de ignorância. Mas o sentimento de que é Deus quem faz é devido ao conhecimento. Só Deus é Aquele que faz, todos os outros são instrumentos em Suas mãos.

“A desventura que ocorre a um homem é devido ao seu egoísmo e pode ser compreendida, se você pensar apenas na situação de um bezerro. O bezerro diz, ‘Hamma! Hamma!’ isto é, ‘eu! eu!’ e olhe a sua desventura! Às vezes está preso ao arado e trabalha desde o nascer até o pôr do sol, com sol ou chuva. Também pode ser morto pelo açougueiro. Neste caso sua carne é comida e a pele curtida em couro cru. Deste couro cru são feitos sapatos. As pessoas usam estes sapatos e andam em terreno áspero. Assim mesmo não há fim para suas tribulações. Tambores são feitos de sua pele e são tocados sem piedade com paus. Por fim, de suas entranhas são feitas cordas para o arco usado para cardar algodão. Quando usada pelo cardador a corda faz o som ‘Tuhu! Tuhu! Tuhu!’ isto é, ‘És Tu, Ó Senhor! És Tu!’ Não mais diz, ‘Hamma! Hamma!’ ‘Eu! Eu!’ Só então o sofrimento do bezerro tem fim e ele é liberado. Não mais volta ao mundo de ação.

“Assim também, quando a alma encarnada diz: ‘Ó Deus, não sou aquele que faz; Tu és Aquele que faz. Sou a máquina e Tu és o Operador’, só então seus sofrimentos chegam ao fim; só então, obtêm liberação. Não mais tem que renascer neste mundo de ação.”

Um devoto: “Como se pode libertar-se do ego?”

Mestre: “Você não pode libertar-se dele enquanto não tiver realizado Deus. Se encontrar uma pessoa livre de ego, pode estar certo de que ela viu Deus.”

Devoto: “Senhor, há sinais da visão de Deus?”

Mestre: “Sim, há tais sinais. Está escrito no *Bhagavata*, que um homem que viu Deus comporta-se às vezes como uma coisa inerte e, às vezes, como um louco.

“O homem que viu Deus torna-se como uma criança. Está além dos três gunas; é desapegado para qualquer um deles. Comporta-se como um fantasma, porque mantém a mesma atitude em relação às coisas santas ou não. Assim também, como um louco, às vezes ri, às vezes, chora. Agora veste-se como uma pessoa sofisticada para, em seguida, sair completamente nu, com a roupa debaixo do braço. Por isso, parece um lunático. Assim também, há vezes em que se sente imóvel, como uma coisa inerte.”

Devoto: “O ego desaparece totalmente com a realização de Deus?”

Mestre: “Sim, mas às vezes Deus apaga totalmente o ego de Seu devoto, como no estado de samadhi, mas em muitos casos, Ele mantém vestígios de ego, mas este ego não fere ninguém. É como o ego de uma criança. Uma criança de cinco anos, sem dúvida, diz ‘eu’, mas esse ego não fere ninguém. Ao toque da pedra filosofal, o aço transforma-se em ouro; a espada de aço transforma-se numa espada de ouro. A espada de ouro tem a forma de uma espada, sem dúvida, mas não pode ferir ninguém. Não se corta nada com uma espada de ouro.

(A Prata): “Você esteve na Inglaterra. Diga-nos o que viu lá.”

Prata: “O povo inglês adora o que o senhor chama ‘ouro’. Naturalmente que há pessoas boas na Inglaterra, que levam uma vida desapegada mas, em geral, encontra-se aí uma grande exibição de rajas em tudo. Vi a mesma coisa na América.”

Mestre (a Prata): “Não é somente na Inglaterra que se vê apego às coisas do mundo. Isto é visto em todos os lugares. Lembre-se que o trabalho é apenas o primeiro passo na vida espiritual. Deus não pode ser realizado sem sattva – amor, discriminação, bondade e assim por diante. Faz parte da natureza de rajas envolver o homem em muitas atividades mundanas. É por esta razão que rajas se degenera em tamas. Se um homem está envolvido em muitas atividades, certamente esquece-se de Deus. Torna-se cada vez mais apegado a ‘mulher e ouro’.

“Mas não é possível para você desistir completamente do trabalho. Sua própria natureza o levará a isto quer goste ou não. Portanto, as escrituras pedem que se trabalhe com desapego, não desejando os resultados do trabalho. Por exemplo, pode-se fazer orações e culto e praticar austeridade, mas seu objetivo não é alcançar o reconhecimento das pessoas ou aumentar seu mérito.

“Trabalhar com desapego é conhecido como karmayoga. Mas isto é muito difícil. Estamos vivendo no Kaliyuga, quando facilmente nos tornamos apegados às nossas ações. Você pode pensar que está trabalhando com desapego, mas o apego se esgueira dentro da mente, de onde ninguém sabe. Você pode adorar no templo ou organizar um grande festival religioso ou alimentar muitos pobres famintos. Você pensa que fez tudo isso sem ansiar pelos resultados. Embora desconhecido para você mesmo o desejo por nome e fama de uma maneira ou outra intromete-se em sua mente. Desapego completo aos resultados das ações só é possível para aquele que viu Deus.”

Um devoto: “Então qual é o meio para aquele que não tenha visto Deus? Deve abandonar todas suas obrigações do mundo?”

Mestre: “O melhor caminho para esta época é a bhakti yoga, o caminho de bhakti prescrito por Narada: cantar o nome e as glórias de Deus e orar a Ele com o coração anelante: ‘Ó Deus, dá-me devoção e revela-Te a mim!’ O caminho de karma é extremamente difícil. Portanto, deve-se orar: ‘Ó Deus, diminui cada vez mais minhas obrigações e que eu possa por Tua graça fazer as poucas obrigações que Tu me dás sem qualquer apego a seus resultados! Que eu não possua qualquer desejo de ser envolvido em muitas atividades!’

Um devoto: “Os ingleses sempre nos exortam a nos manter ativos. Não é a ação o objetivo da vida?”

Mestre: “O objetivo da vida é alcançar Deus. Trabalho é apenas um passo preliminar; jamais pode ser o fim. Mesmo o trabalho sem apego é um meio, mas não é um fim.

“Sambhu Mallick uma vez disse-me: ‘Por favor, abençoe-me, senhor, para que eu possa gastar todo o meu dinheiro com bons objetivos como construir hospitais e dispensários, estradas e cavar poços.’ Disse-lhe: ‘Seria bom que você fizesse todas essas coisas com desapego, mas isso é muito difícil. Qualquer coisa que você fizer, deve lembrar-se de que o objetivo da vida é alcançar Deus e não, construir hospitais e dispensários. Suponhamos que Deus lhe aparecesse diante de você e lhe dissesse: ‘Aceite uma graça Minha’, você lhe pediria, ‘Ó Deus, constrói para mim hospitais e dispensários?’ Ou então, você oraria para Ele: ‘Ó Deus, que eu

possa ter puro amor por Teus Pés de Lótus! Que eu possa ter Tua visão ininterrupta!” Hospitais, dispensários e todas essas coisas são irreais. Só Deus é real e tudo o mais, irreal. Além do mais, depois de realizar Deus, sente-se que somente Ele é Aquele que faz e nós, Seus instrumentos. Por que devemos esquecer-Lo e nos destruir, ao sermos envolvidos em tantas atividades? Depois de realizá-Lo, a pessoa pode, pela Sua graça, tornar-se Seu instrumento, nas construção de muitos hospitais e dispensários.’

“Portanto, repito que o trabalho é somente o primeiro passo. Nunca pode ser a meta da vida. Dedique-se à prática espiritual e vá em frente. Pela prática você se adianta cada vez mais no caminho de Deus. Por fim, saberá que Deus é real e tudo o mais ilusório e que o objetivo da vida é alcançar Deus.

“Uma vez um lenhador entrou numa floresta para cortar madeira. Subitamente encontrou um brahmachari. O santo disse-lhe: ‘Meu bom homem, vá em frente.’ Voltando para casa, o lenhador disse a si mesmo, ‘Por que será que o brahmachari disse-me para ir em frente?’ Passou-se algum tempo. Certo dia lembrou-se das palavras brahmachari. Disse a si mesmo, ‘Hoje entrarei mais profundamente na floresta.’ Na floresta descobriu muitas árvores de sândalo. Ficou feliz e voltou carregado de madeira. Vendeu-a no mercado e ganhou muito dinheiro.

“Uns dias depois lembrou-se outra vez das palavras do santo para ir em frente. Entrou mais profundamente na floresta e descobriu uma mina de prata, perto de um rio. Isto estava mesmo além dos seus sonhos. Retirou a prata da mina cavando e vendeu-a no mercado. Obteve tanto dinheiro, que ele mesmo não sabia o quanto possuía.

“Passaram-se mais alguns dias. Um dia pensou: ‘O brahmachari não me pediu para parar na mina de prata; disse-me para ir em frente.’ Desta vez foi para o outro lado rio e encontrou uma mina de ouro. Aí exclamou: ‘Ah veja! Foi por isso que ele me mandou ir em frente.’

“Novamente, depois de alguns dias foi ainda mais fundo na floresta e encontrou pilhas de diamantes e outras pedras preciosas. Apanhou-as e tornou-se tão rico como o próprio Deus da riqueza.

“Por isso digo, qualquer coisa que possa fazer, encontrará coisas cada vez melhores se for em frente. Pode sentir um pouco de êxtase, como resultado de japa, mas não conclua com isto que já atingiu tudo na vida espiritual. O trabalho não é, de maneira nenhuma, o objetivo da vida. Vá em frente e estará em condições de executar trabalho desapegado. Mas novamente digo que é muito difícil fazer um trabalho desapegado. Portanto, com amor e anelo em seu coração, ore a Deus, ‘Ó Deus, concede-me devoção por Teus Pés de Lótus e diminui minhas obrigações mundanas. Concede-me por favor, a graça que as poucas obrigações que ainda tenho, sejam feitas com desapego.’ Se for além, realizará Deus. Você O verá. Com o tempo conversará com Ele.”

Em seguida a conversa girou em torno das brigas entre os membros do Brahmo Samaj. Haviam tido um desentendimento entre si a respeito do direito de pregar no templo, após a morte de Keshab.

Mestre (*a Pratap*): “Ouvi dizer que alguns membros do Samaj brigaram com você a respeito do altar, mas são as pessoas insignificantes – na verdade, ninguém.

(*Aos devotos*): “Pessoas como Pratap e Amrita são como conchas boas que produzem som alto. Quanto ao resto, sobre quem ouve-se falar muito, não produz som algum.” (*Todos riem*).

Pratap: “Falando em som, até uma coisa sem valor como o caroço de manga, faz som!”

4

Mestre (*a Pratap*): “Pode-se muito bem compreender o sentimento interior de um instrutor do seu Brahmo Samaj, ouvindo sua pregação. Certa vez fui ao encontro de um certo Hari Sabha. O pregador do dia era um pundit chamado Samadhyayi. Pode imaginar o que ele disse? No curso do sermão, falou: ‘Deus é seco. Temos que torná-Lo doce e fresco com o nosso amor e devoção.’ Fiquei estupefato ao ouvir estas palavras. Então lembrei-me de uma história. Certa vez um menino disse: ‘Na casa de meu tio há muitos cavalos. Ó sim! Seu curral está cheio deles.’ Agora, se se tratasse de curral, não se poderia manter cavalos ali. Provavel-

<sup>4</sup> O caroço partido de uma manga, a ponto de brotar, produz um som quando se sopra através dele.

mente só havia lá, vacas. O que as pessoas pensam ao ouvir uma afirmação tão incoerente? Pensam que certamente não há tais animais, como um cavalo no curral! (*Risada*)

Um devoto: “É verdade, senhor, não somente não haveria cavalos, como possivelmente não haveria vacas!” (*Risada*).

Mestre: “Imaginem, descrever Deus, que é a própria natureza de Amor e Felicidade, como seco! Isto somente prova que o homem jamais havia experimentado como é Deus!

(*A Pratap*) “Deixe-me dizer-lhe algo. Você é culto e inteligente e uma alma séria. Keshab e você eram como os dois irmãos, Gaur e Nitai. Vocês tiveram conferências, querelas, brigas, discussões e dessensões. Será que tais coisas ainda interessam a você? Agora junte a sua mente inteira e dirija-a para Deus. Mergulhe fundo em Deus.”

Pratap: “Sim, o senhor está certo. Certamente esta é a minha única obrigação agora, mas estou fazendo todas essas coisas para perpetuar o nome de Keshab.”

Mestre (*com um sorriso*): “Não há dúvida de que você diz que está fazendo isto para manter vivo o nome dele: mas dentro de alguns dias, não sentirá assim. Ouça uma história: um homem construiu uma casa numa colina. Era somente uma cabana de barro, mas havia tido muito trabalho com esta construção. Poucos dias depois houve uma grande tempestade e a cabana começou a desabar. O homem ficou muito ansioso para salvá-la e orou ao deus dos ventos. ‘Ó deus dos ventos, não destruas a casa!’ Mas o deus dos ventos não deu ouvidos à sua oração. A casa estava a ponto de ser destruída. Veio-lhe à cabeça um artifício. Lembrou-se que Hanuman era filho do deus dos ventos. Imediatamente começou a gritar com muita sinceridade: ‘Ó reverenciado senhor, não ponha abaixo a minha casa. Ela pertence a Hanuman. Imploro-Te que a proteja’. Mas a casa continuava a tremer violentamente. Ninguém parecia escutar sua oração. Repetiu muitas vezes: ‘Ó! Esta casa pertence a Hanuman!’ Mas a fúria do vento não diminuiu. Lembrou-se então que Hanuman era o servo dedicado de Rama, cujo irmão mais novo era Lakshmana. Desesperadamente o homem orou, gritando: ‘Ó! Esta casa pertence a Lakshmana!’ Mas isto também não ajudou. Como o último recurso: ‘Esta é a casa de Rama. Não a quebres, Ó deus dos ventos! Imploro-Te humildemente’. Mas provou-se, também, inútil, e a casa começou a desabar. Por conseguinte, o homem que agora tinha que salvar a própria vida, saiu correndo, com a maldição: ‘Deixe-a ir! Esta é a própria cabana do demônio!’”

(*A Pratap*): “Você não tem que perpetuar o nome de Keshab. Lembre-se de que ele conseguiu todo o seu sucesso, pela vontade de Deus. Pela vontade divina, seu trabalho foi estabelecido e, pela vontade divina está se desintegrando. O que se pode fazer? Agora é seu dever sagrado entregar a mente inteira a Deus, mergulhar fundo no Oceano de Seu Amor.”

Dizendo estas palavras, o Mestre cantou com sua voz doce:

Mergulhe fundo, Ó mente, mergulhe fundo no Oceano da Beleza de Deus.  
Se descer até as profundezas  
Aí encontrará uma gema de Amor.

Procure, Ó mente, procure Vrindavan em seu coração  
Onde, com Seus devotos amorosos,  
Sri Krishna brinca eternamente.

Acenda, Ó mente, o lampião da verdadeira sabedoria  
E o deixe queimar com uma chama firme  
Incessantemente dentro do seu coração.

Quem conduz seu barco através da sólida terra?  
É seu guru, diz Kabir.  
Medita nos seus pés sagrados.

O Mestre continuou, dirigindo-se a Pratap: “Ouviu a canção? Você já teve o bastante em termos de conferências e brigas. Agora mergulhe fundo no Oceano de Deus. Não há perigo de morrer ao mergulhar nesse Oceano, porque Ele é o Oceano da Imortalidade. Não pense

que isto o fará perder a cabeça. Jamais, nem por um momento, alimente a idéia de que pensando muito em Deus, uma pessoa fica louca. Certa vez eu disse a Narendra – ‘

Pratap: “Quem é Narendra, senhor?”

Mestre: “Ó, não importa. Há um rapaz com este nome. Eu disse a Narendra: ‘Olhe aqui, meu rapaz. Deus é o Oceano de Felicidade. Não quer mergulhar neste Oceano? Suponhamos que haja um copo com calda e você seja uma mosca. Onde vai se sentar para sugar a calda?’ Narendra disse: ‘Sentarei na beirada da xícara e abaixarei a cabeça para beber.’ ‘Por que?’ eu disse. ‘Por que você vai sentar-se na beirada?’ Respondeu: ‘Se eu penetrar muito dentro da calda, me afogarei.’ Então eu disse: ‘Mas, meu filho, não há este perigo no Oceano de Satchidananda. Ele é o Oceano de Imortalidade. Mergulhando n’Ele um homem não morre; torna-se imortal. O homem não perde a consciência ao tornar-se louco por Deus.

(*Aos devotos*): “O sentimento de ‘eu’ e ‘meu’ é ignorância. As pessoas dizem que Rani Rasmani construiu o templo de Kali, mas ninguém diz que isto foi um trabalho de Deus. Dizem que tal e tal pessoa estabeleceu o Brahma Samaj, mas ninguém diz que ele foi fundado pela vontade de Deus. Este sentimento, ‘Eu sou aquele que faz’ é ignorância. Ao contrário, a idéia, ‘Ó Deus, Tu és Aquele que faz e eu sou somente um instrumento; Tu és o Operador e eu sou a máquina’, é Conhecimento. Depois de alcançar o Conhecimento, o homem diz: ‘Ó Deus, nada me pertence - nem mesmo esta casa de adoração, nem este templo de Kali, nem este Brahma Samaj. Todos estes são Teus, esposa, filhos e família não me pertencem. São todos Teus.’

“Amar estes objetos, olhá-los como seus, é maya, mas amar todas as coisas é daya, compaixão. Amar somente os membros do Brahma Samaj ou os da própria família, é maya; amar seus compatriotas é maya, mas amar as pessoas de todos os países, amar os membros de todas as religiões é daya. Este amor vem de Deus, de daya.

“Maya envolve o homem afastando-o de Deus, mas através de daya, realiza-se Deus. Sábios com Shukadeva e Narada sempre abrigaram daya em seus corações.

Pratap: “Reverenciado senhor, aqueles que moram com o senhor estão fazendo progresso espiritual?”

Mestre: “Digo às pessoas que não há nada de errado na vida do mundo, mas devem viver como uma empregada na casa de seu patrão. Referindo-se à casa de seu patrão, diz: ‘Essa é a nossa casa.’ Mas seu verdadeiro lar está, talvez, num vilarejo longínquo. Mostrando a casa de seu patrão para os outros ela diz: ‘Esta é a nossa casa’, mas no fundo do seu coração sabe muito bem que sua própria casa está num vilarejo longínquo. Cria o filho de seu patrão e diz, ‘Meu Hari ficou muito travesso’ ou ‘Meu Hari não gosta de doces’. Embora fale, ‘Meu Hari’, com os lábios, sabe no fundo do seu coração que Hari não lhe pertence, que é o filho do patrão.

“Por isso digo àqueles que me visitam: ‘Por que vocês não vivem no mundo? Não há mal nisso, mas sempre mantenham a mente em Deus. Tenham como certo que casa, família e propriedade não são seus. São de Deus. Seu verdadeiro lar está em Deus. Peço-lhes, também, para sempre orem com o coração anelante, pelo amor dos Pés de Lótus de Deus.’”

Logo a conversa voltou-se para os ingleses. Um devoto disse: “Senhor, entendo que os pundits da Inglaterra não acreditam na existência de Deus.”

Pratap: “Embora falem, não acredito que nenhum deles é realmente um verdadeiro ateu. Muitos deles tiveram de admitir que há um grande poder por trás do universo.”

Mestre: “Bem, basta. Acreditam em Shakti, não é? Então, por que deveriam ser ateus?”

Pratap: “Também acreditam no governo moral do universo.”

Pratap estava a ponto de se despedir do Mestre.

Mestre (*a Pratap*): “O que mais devo lhe dizer? Meu único pedido é que não se envolva em mais brigas e dissensões. Uma outra coisa: é ‘mulher e ouro’ que mantêm os homens afastados de Deus. Esta é a barreira. Não acha que todo o mundo tem apenas que abençoar sua esposa? (*Todos riem*). Uma esposa pode ser boa ou má, mas se perguntar ao marido a respeito dela, ele sempre dirá: ‘Ó, ela é muito boa.’”

A essa altura, Pratap despediu-se do Mestre. Não esperou ouvir fim das palavras de Shri Ramakrishna sobre renúncia de “mulher e ouro”. Aquelas palavras inflamadas tocaram os corações dos devotos e foram carregadas pelo vento pelo sussurro gentil das folhas no jardim.

Uns minutos mais tarde, Mani Mallick disse a Shri Ramakrishna: “Senhor, é hora de voltar a Dakshineswar. Hoje a mãe de Keshab e outras senhoras de sua família, vão ao templo visitar o senhor. Ficarão magoadas se não estiver lá.”

Keshab havia falecido há alguns meses atrás. Sua velha mãe e os outros parentes desejavam visitar o Mestre.

Mestre (*a Mani Mallick*): “Não se apressem, por favor. Não dormi bem. Não posso ir apressadamente. Elas vão a Dakshineswar. O que posso fazer? Vão passear pelo jardim e aproveitar muito.”

Depois de descansar um pouco o Mestre estava pronto para regressar a Dakshineswar. Pensava no bem-estar de Surendra. Visitou os vários aposentos, cantando baixinho o santo nome de Deus. Subitamente ficou imóvel e disse: “Não comi nem um luchi durante a refeição. Tragam-me um pouco agora.” Comeu apenas um pedacinho e disse: “Há uma forte razão em ter pedido o luchi. Se eu tivesse me lembrado de que não havia comido na casa de Surendra, então gostaria de voltar por causa disso.” (*Todos riram*).

Mani Mallick: “Isto teria sido muito bom, teríamos de voltar com o senhor.”

Os devotos riram.

*Sexta-feira, 20 de junho de 1884*

Era o crepúsculo. Shri Ramakrishna estava sentado em seu aposento, absorvido na meditação da Mãe Divina. De vez em quando cantava Seu nome. Rakhai, Adhar, M. e outros devotos estavam com ele.

Depois de algum tempo a adoração da tarde começou nos templos. Adhar deixou o aposento para ver o culto. Sri Ramakrishna e M. conversaram.

Mestre: “Diga-me, Baburam tem a intenção de continuar seus estudos? Eu lhe disse: ‘Continue os estudos para servir de exemplo aos outros.’ Depois que Sita foi posta em liberdade, Bibhishana recusou-se a se tornar rei do Ceilão. Rama disse-lhe: ‘Você tem que se tornar rei para abrir os olhos dos ignorantes, senão eles lhe perguntarão o que você ganhou em Me servir. Ficarão satisfeitos se virem você adquirir o reino.’”

“Reparei no outro dia que Baburam, Bhavanath e Harish têm uma natureza feminina. Numa visão, vi Baburam como uma deusa, com um colar no pescoço e cercada de companheiras. Ele recebeu algo num sonho. Seu corpo é puro. Somente um pequeno esforço despertará sua consciência espiritual.

“Veja, estou encontrando alguma dificuldade com minhas necessidades físicas. Seria ótimo se Baburam morasse comigo. A natureza desses meus assistentes está sofrendo uma mudança. Latu está sempre tenso de emoção espiritual. Está prestes a fundir-se em Deus. Rakhai está entrando em tal estado espiritual, que não pode fazer nada, nem mesmo para si próprio. Tenho que apanhar água para ele. Não me ajuda muito.

“Entre os jovens, Baburam e Niranjana são um tanto excepcionais. Se outros rapazes chegarem no futuro, receberão instrução e, depois, partirão.

“Mas não desejo que Baburam se desligue de sua família. Pode ocorrer um problema na família. (*Sorrindo*) Quando lhe pergunto ‘Por que não tem vindo?’ Ele responde, ‘Por que não me fazer vir?’ Olha para Rakhai e chora. Diz, ‘Rakhai está muito feliz aqui.’”

“Rakhai agora vive aqui com uma pessoa da família. Sei que jamais será apegado ao mundo. Diz que os prazeres do mundo tornaram-se insípidos para ele. Sua esposa veio aqui quando ia a Konnagar. Ela tem quatorze anos. Pediram-lhe que fosse a Konnagar, mas ele não foi. Disse: ‘Não gosto de divertimento e alegria.’”

“O que pensa de Niranjana?”

M.: “É muito simpático.”

Mestre: “Não perguntei sobre sua aparência. É puro. Pode-se facilmente realizar Deus, se estiver livre de malícia. Instrução espiritual produz resultados rápidos num coração puro. Esse coração é como uma terra bem cultivada da qual todas as pedras foram removidas. Logo que a semente é plantada, germina. O fruto, também, surge imediatamente.

“Niranjana não vai se casar. É ‘mulher e ouro’ que causa o envolvimento. Não é assim?”

M.: “Sim, senhor.”

Mestre: “O que se ganha em renunciar folha de betel e tabaco? A verdadeira renúncia é a renúncia de ‘mulher e ouro’.

“Soube, em êxtase, que apesar de Niranjana ter aceitado um trabalho num escritório, não seria afetado por ele. Ganha dinheiro para a mãe. Não há mal nisso.

“O trabalho que você está fazendo não lhe fará mal. O que está fazendo é bom. Suponhamos que um escriturário seja mandado para a prisão: é encerrado, acorrentado e finalmente, posto em liberdade. Será que dará cambalhotas depois que sair de lá? Claro que não. Vai trabalhar de novo, como escriturário. Sua intenção não é acumular dinheiro. Você só deseja sustentar sua família, senão para onde irão?”

M.: “Ficaria feliz se alguém tomasse conta deles.”

Mestre: “É verdade, mas agora faça ‘isso’ e ‘aquilo’.”<sup>5</sup>

M.: “É muita sorte poder renunciar a tudo.”

Mestre: “É verdade, mas as pessoas agem de acordo com suas tendências inerentes. Você tem somente umas poucas obrigações a cumprir. Depois que terminarem, terá paz. Então será liberado. Um homem não pode facilmente, sair do hospital uma vez que seu nome está registrado ali. Recebe alta somente quando estiver totalmente curado.

“Os devotos que vêm aqui podem ser divididos em dois grupos. Um grupo diz, ‘Ó Deus, dá-me liberação’. Um outro grupo pertencente ao círculo íntimo, não fala assim. Ficam satisfeitos se puderem saber duas coisas: quem sou eu<sup>6</sup>; segundo, quem são eles e qual a relação deles comigo. Você pertence a esse segundo grupo, do contrário ...

“Bhavanath, Baburam e alguns outros possuem uma natureza feminina. Harish dorme com roupas femininas. Baburam também diz que gosta de atitudes femininas. Estou certo disso. Bhavanath é assim também, mas Narendra, Rakhala e Niranjana possuem uma natureza masculina.

“Por favor, diga-me uma coisa. Qual o significado de eu ter machucado o braço? Certa vez meus dentes quebraram-se enquanto eu estava em êxtase. Desta vez foi o braço.”

Vendo M. em silêncio, o próprio Mestre continuou a conversa.

Mestre: “Meu braço quebrou a fim de destruir meu ego em sua própria raiz. Agora não posso encontrar meu ego dentro de mim mesmo. Quando o procuro só vejo Deus. Não se pode jamais alcançar Deus sem se livrar totalmente do ego. Já deve ter notado que o pássaro chatak tem seu ninho no chão, mas voa muito alto no céu.

“O Capitão diz que não possui poderes ocultos porque como peixe. Temo de medo só em pensar em possuir esses poderes. Se os tivesse, este lugar já teria se transformado num hospital ou um ambulatório. As pessoas viriam em multidões aqui para pedir a cura de suas doenças. É bom ter poderes ocultos?”

M.: “Não, senhor. O senhor nos disse que um homem não pode realizar Deus se possuir apenas um dos poderes ocultos.”

Mestre: “Você está certo. Apenas aqueles que têm mente estreita buscam-nos. Se alguém pedir alguma coisa a um homem rico, não mais receberá qualquer favor dele. O homem rico não permite a essa pessoa sentar-se a seu lado, na carruagem e, se ele o fizer, não permitirá que o homem se sente próximo a ele. Portanto, o amor sem motivo egoísta, é o melhor.

“Deus com forma e Deus sem forma são ambos verdadeiros. O que você diz? Não se pode conservar a mente por muito tempo, em Deus sem forma. Por isso Ele toma uma forma para Seus devotos.

“O Capitão faz um comentário muito bom, a esse respeito. Diz que quando um pássaro se cansa de voar muito alto, pousa numa árvore e descansa. Primeiro é Deus sem forma, depois, Deus com forma.

“Tenho que ir à sua casa uma vez. Tive a visão que as casas de Adhar, Balaram e Surendra eram lugares para nossos encontros, mas não me faz qualquer diferença se eles vêm ou não.”

M.: “Está certo. Por que não deverá ser assim? Deve-se sentir infelicidade se houver felicidade, mas o senhor está além de ambos.”

<sup>5</sup> Isto é, dever mundano e prática espiritual.

<sup>6</sup> Referindo-se a si mesmo.

Mestre: “Sim. Além disso, pense no mágico e na sua mágica. Só o mágico é real. Sua mágica é ilusória, como um sonho. Realizei isto quando ouvi recitar o *Chandi*. Sumbha e Nisumbha<sup>7</sup> mal haviam nascido, quando soube que ambos estavam mortos.

M.: “Sim, senhor. Certa vez eu estava indo para Kalna com Gangadhar num barco. Um outro barco bateu no nosso e afundou com vinte e cinco passageiros. Todos desapareceram na água, como espuma batida violentamente pelo barco a vapor.

“Posso lhe perguntar uma coisa? Um homem assistindo à mágica realmente sente compaixão quando vê o sofrimento na apresentação? Nesse momento sente qualquer sentimento de responsabilidade? Só se pensa em compaixão quando se sente responsabilidade. Não é?”

Mestre; “O jnani vê tudo de relance - Deus, maya, universo e os seres vivos. Vê que vidyamaya, avidyamaya, o universo e todos os seres vivos existem e ao mesmo tempo, não existem. Enquanto ele for consciente do ‘eu’, é consciente de ‘outros’ também. O que quer que seja não existe depois dele cortar com a espada de jnana. Então, mesmo o seu ‘eu’ torna-se tão irreal como a mágica do mágico.”

M. refletia sobre estas palavras, quando o Mestre disse: “Sabe como é? É como se houvesse uma flor com vinte e cinco camadas de pétalas e você as cortasse com um só golpe.

“A idéia de responsabilidade! Meu Deus! Homens como Shankaracharya e Shukadeva conservaram o ‘ego do Conhecimento’. Não para o homem demonstrar compaixão, mas sim, para Deus. Sente-se compaixão enquanto se tem o ‘ego do Conhecimento’. E é o Próprio Deus quem Se tornou o ‘ego do Conhecimento’.

“Você pode sentir mil vezes que tudo é mágica, mas você ainda está sob o controle da Mãe Divina. Não pode fugir d’Ela. Você não é livre. Deve fazer o que Ela manda. Um homem atinge Brahmajnana somente quando lhe é dado pela Adyashakti, a Mãe Divina. Só então vê tudo como mágica; do contrário, não.”

“Enquanto o menor resquício de ego permanecer, uma pessoa vive dentro da jurisdição de Adyashakti. Está sob Seu domínio. Não pode ir além d’Ela.

“Com a ajuda da Adyashakti, Deus brinca como uma Encarnação. Deus, através de Sua Shakti, encarna-Se como homem. Só então é possível para a Encarnação dar prosseguimento ao Seu trabalho. Tudo é devido à Shakti da Mãe Divina.

“Quando alguém pedia ao administrador anterior do templo, um favor, dizia, ‘Venha aqui daqui a dois ou três dias.’ Ele tinha que pedir permissão ao proprietário.

“Deus vai encarnar-Se como Kalki no final do Kaliyuga. Nascerá como o filho de um brahmin. Súbita e inesperadamente, uma espada e um cavalo virão ao seu encontro. ...”

Adhar voltou ao quarto do Mestre depois de ter observado o culto nos templos.

Mestre (*a Adhar e outros*): “Bhuvan estava aqui e trouxe-me vinte e cinco mangas de Bombaim e alguns doces. Ela disse-me: ‘Quer comer uma manga?’ respondi: ‘Meu estômago está muito cheio hoje.’ Para dizer a verdade, sinto-me mal depois de comer alguns doces.”

Bhuvanmohini era uma enfermeira que costumava visitar Shri Ramakrishna de vez em quando. O Mestre não podia comer oferenda de qualquer um, especialmente de médicos e enfermeiras. Isto porque aceitavam dinheiro de pessoas doentes, apesar do sofrimento delas.

Mestre: A mãe de Keshab Sen, irmãs e outros parentes vieram aqui, por isso tive que dançar um pouco. Tinha que entretê-los. O que mais eu poderia fazer? Estavam tão desolados!”



<sup>7</sup> Os dois demônios mencionados no Chandi, mortos pela Mãe Divina.

## CAPÍTULO XXIV

### PUNDIT SHASHADHAR

*Quarta-feira, 25 de junho de 1884*

**E**RA O DIA DO RATHAYATRA, Festival do Carro. Convidado por Ishan, Shri Ramakrishna foi à sua casa em Calcutá. Havia certo tempo que o Mestre desejava encontrar o pundit Shashadhar Tarkachudamani, que estava hospedado na casa de um dos vizinhos de Ishan. Ficou decidido que visitaria o pundit à tarde.

Alguns devotos, incluindo Hazra, acompanharam o Mestre à casa de Ishan. Ishan havia convidado um ou dois eruditos brahmins e um devoto tântrico. Shrish e outros filhos de Ishan também estavam presentes.

O Mestre reparou que o adorador tântrico tinha uma marca vermelha na testa e sorrindo, disse: “Vejo que está marcado.”

Depois de um certo tempo, chegaram Narendra e M. que se inclinaram ante Shri Ramakrishna. O Mestre havia previamente informado a M. que estaria na casa de Ishan.

O Mestre brincou com a demora em servirem a refeição. Um dos eruditos citou um verso sânscrito sobre a ansiedade das pessoas, devido à fome. Continuando a explicar o verso, disse: “O estudo da filosofia é, certamente, edificante, mas a poesia é mais fascinante do que a filosofia. As pessoas que ouvem belas poesias pensam sobre o estudo da filosofia - Vedanta, Nyaya, Samkhya e assim por diante, como seco e insípido, porém a música é mais atraente do que a poesia. A música derrete até um coração de pedra, mas uma bela mulher exerce uma atração ainda maior no coração, do que a música. A mulher assim que passa, desvia a atenção do homem, tanto da poesia como da música. Quando, porém, um homem tem fome, tudo o mais - poesia, música, mulher - parecem sem importância. Assim, a fome é o que mais prende.”

O Mestre observou com um sorriso: “O pundit é espirituoso.”

Logo Narendra começou a cantar. Algum tempo depois, o Mestre subiu ao andar superior, para um pequeno descanso. M. e Shrish acompanharam-no. M. apresentou Shrish ao Mestre, dizendo, “É um erudito e uma pessoa de natureza pacífica. Fomos colegas de colégio, em nossa meninice. Agora ele é um advogado.”

Mestre: “É uma pena que um homem assim tenha que exercer advocacia.”

M.: “Sim, foi um erro de sua parte.”

Mestre: “Conheço alguns advogados. Um deles demonstra muito respeito a mim. É um homem muito correto.(A Shrish). O que pensa sobre a coisa mais essencial da vida?”

Shrish: “Deus existe e é somente Ele quem faz tudo, mas os atributos que Lhe damos não são corretos. Como pode um homem conhecê-Lo? Sua natureza é infinita.”

Mestre: “Que necessidade se tem de contar o número de árvores e galhos de um pomar? Você vai a um pomar comer mangas. Faça isso e fique contente. O objetivo do nascimento humano é amar a Deus. Realize este amor e fique em paz.

“Suponhamos que você tenha entrado numa taverna. Precisa saber quantos galões de vinho há? Um copo é suficiente. Que necessidade há de conhecer as qualidades infinitas de Deus? Pode-se discriminar milhões de anos sobre os atributos de Deus e no entanto, não chegar a conhecê-los.”

O Mestre permaneceu em silêncio por uns minutos. Um pundit brahmin entrou no aposento.

Mestre (A. M.): “Não há substância alguma na vida humana. Os membros da família de Ishan são bons; por isso, ele tem uma certa paz aqui, mas suponhamos que seus filhos fossem lascivos, desobedientes e inclinados a beber e outros vícios. Neste caso seus problemas não teriam fim. Raramente consegue-se encontrar uma família religiosa assim, em que todos os membros são devotados a Deus. Conheci apenas duas ou três. Em geral há brigas, desentendimentos, inveja e desajustes. Além disso há doença, tristeza e pobreza no mundo. Vendo esta

situação, orei à Mãe Divina: ‘Ó Mãe, retira imediatamente minha mente do mundo, para Deus.’

“Olhe os problemas de Narendra. O pai faleceu e os membros da família estão passando fome. Tem feito de tudo para conseguir um emprego, mas ainda não encontrou. Veja como sua mente está desequilibrada!

(A M.): Você costumava ir a Dakshineswar com muita frequência, mas por que tem vindo tão pouco ultimamente? Talvez esteja muito ocupado com sua esposa. Não é verdade? Por que eu deveria censurá-lo? A influência de ‘mulher e ouro’ está em todos os lugares. Portanto ora, ‘Ó Mãe Divina, não me tornes um homem do mundo, se tiver que nascer de novo num corpo humano’.”

Erudito brahmin: “Por que diz isto? As escrituras exaltam a vida de chefe de família.”

Mestre: “Sim, é verdade, mas é muito difícil levar uma verdadeira vida de chefe de família. (A M.) Que falta a nossa! Eles estão cantando, sobretudo Narendra e saímos do quarto.”

Mais ou menos às quatro horas da tarde, o Mestre saiu de carruagem para a casa onde o Pundit Shashadhar estava. Assim que Shri Ramakrishna subiu na carruagem, entrou em samadhi. Seu aspeto físico era muito sensível, como resultado das práticas espirituais que fizera, durante longos anos e sua constante absorção na consciência de Deus. O Mestre sofria com o menor desconforto físico e até, com as vibrações dos pensamentos mundanos, à sua volta. Uma vez Keshab Chandra Sen dissera que Sri Ramakrishna, Cristo e Sri Chaitanya pertenciam a uma delicada espécie da humanidade que deveria ser guardada numa caixa de vidro e protegida do contato vulgar do mundo.

Um chuvisco fino havia transformado a estrada em lama. O céu estava carregado. Os devotos seguiam a carruagem a pé. Assim que ela parou em frente à casa, o anfitrião e seus parentes deram as boas vindas ao Mestre e levaram-no até a sala de visitas no andar superior. Ali o Mestre encontrou-se com o pundit.

Pundit Shashadhar, homem de pele clara, já não era jovem. Tinha um colar de rudraksha em volta do pescoço. Era um dos famosos eruditos sânscritos de seu tempo - pilar do hinduísmo ortodoxo, que havia se reafirmado depois que a primeira onda do cristianismo e cultura ocidental havia passado sobre a sociedade hindu. Sua clara exposição das escrituras hindus, sua veemente sinceridade e exaltada eloquência haviam trazido de volta à religião de seus antepassados, um grande número de jovens hindus de Bengala.

O pundit saudou o Mestre com reverência. Narendra, Rakhai, Ram, Hazra e M. que haviam vindo com o Mestre, sentaram-se o mais próximo possível do Mestre, ansiosos por não perderem uma só de suas palavras.

À vista do pundit, o Mestre novamente entrou em samadhi. Depois de um certo tempo, ainda naquele estado, olhou o pundit e disse com um sorriso: “Muito bem, muito bem.” Então, dirigindo-se a ele, o Mestre disse: “Diga-me como o senhor dá conferências.”

Pundit: “Senhor, procuro explicar os ensinamentos das escrituras hindus.”

Mestre: “Para o Kaliyuga o caminho da devoção prescrito por Narada, é o melhor. Onde as pessoas encontrarão tempo, hoje em dia, para fazer suas obrigações, de acordo com os preceitos das escrituras? Atualmente as cocções de raízes e ervas dos médicos ortodoxos hindus não podem ser dados a um paciente com febre. Quando esse remédio iniciar seu lento processo de cura, o paciente já morreu. Portanto, somente um drástico remédio alopata como a ‘mistura para febre’ é eficaz agora. Pode-se pedir às pessoas para praticar ritos e rituais das escrituras, mas ao prescrever os rituais, deve-se remover ‘cabeça e cauda’<sup>1</sup>. Digo às pessoas para não se preocuparem muito com rituais elaborados do sandhya como ordenados nas escrituras. Digo-lhes que será necessário somente repetir o Gayatri. Se o senhor tiver que dar instrução sobre cerimônias das escrituras, faça-o para poucos, como Ishan.

“O senhor poderá dar milhares de conferências, mas elas não farão qualquer impressão nas pessoas mundanas. Pode alguém colocar prego numa parede de pedra? A ponta do prego quebra-se rapidamente antes de fazer um buraco na pedra. O que o senhor ganhará batendo com a espada, o couro duro de um crocodilo? A gamela de água do sadhu, feita de concha ou de cabaça amarga, pode visitar os quatro principais lugares sagrados da Índia com seu dono,

<sup>1</sup> As partes não essenciais. A alusão é para a cabeça e cauda do peixe que não são essenciais.

mas permanecerá amarga como sempre. Suas palestras não estão ajudando muito as pessoas mundanas: o senhor compreenderá isto pouco a pouco. O bezerro não pode ficar de pé assim que nasce. Ora cai no chão, ora consegue ficar de pé. Então aprende a ficar firmemente sob suas patas e a andar.

“O senhor não pode distinguir um amante de Deus de uma pessoa mundana. Não é sua culpa, naturalmente. Quando uma ventania sacode as árvores, é impossível distinguir uma árvore de outra - uma mangueira de um tamarineiro, por exemplo.

“Sem haver realizado Deus, não se pode abandonar totalmente os rituais. Por quanto tempo tem-se que praticar sandhya e outras formas de culto? Enquanto não derramar lágrimas de alegria com o nome de Deus e sentir um arrepio no corpo. O senhor saberá que sua adoração chegou ao fim, quando seus olhos se encherem de lágrimas ao repetir ‘Om Rama’. Então não terá que continuar com o sandhya ou outros rituais.

“Quando o fruto aparece, a flor cai. O Amor de Deus é o fruto e os rituais, a flor. Quando a nora está grávida, não pode trabalhar muito. Sua sogra gradualmente, diminui suas obrigações na casa. Quando o tempo do nascimento chega, praticamente não trabalha mais e depois que a criança nasce, sua única tarefa é brincar com ela. Não faz mais nenhuma obrigação doméstica. O sandhya funde-se no Gayatri, o Gayatri no Om e o Om no samadhi. É como o som de um sino - *t - a - m*. O yogi, seguindo o caminho do som Om, gradualmente funde-se no Brahman Supremo. Seu sandhya e outros deveres ritualistas desaparecem em samadhi. Assim as obrigações de um jnani chegam ao fim.”

Logo que o Mestre começou a falar em samadhi entrou naquele estado. Sua face irradiava uma luz celestial. Ausente da consciência exterior, não podia pronunciar outra palavra. O olhar estava voltado para seu interior, em comunhão com o Ser. Depois de muito tempo o Mestre começou a reconhecer o mundo exterior `sua volta e disse, como uma criança “Vou beber um pouco de água.” Sempre que, depois do samadhi, o Mestre pedia um pouco de água, os devotos sabiam que, gradualmente, estava voltando à consciência do mundo exterior.

Ainda cambaleando em êxtase, disse à Mãe Divina: “Ó Mãe, outro dia Tu me mostraste o Pundit Chandra Vidyasagar. Então Te disse que gostaria de conhecer outro pundit e Tu me trouxeste aqui.”

Olhando para o pundit, disse: “Meu filho, acrescente um pouco mais à sua força. Pratique disciplina espiritual ainda por alguns dias. Você mal colocou o pé na árvore e já espera agarrar um grande cacho de fruta. Naturalmente está fazendo tudo isto para o bem-estar dos outros.” Com estas palavras inclinou a cabeça ante o pundit.

O Mestre continuou: “Quando pela primeira vez ouvi falar do senhor, perguntei se era um simples erudito, ou se possuía discriminação e renúncia. Um pundit que não sabe discriminar entre o Real e o irreal, não é verdadeiramente um pundit.

“Não há mal nenhum em ensinar os outros se o pregador possui autorização do Senhor. Ninguém pode confundir um pregador que ensina as pessoas, depois de ter recebido a ordem de Deus. Conseguindo um raio de luz da deusa do conhecimento, um homem torna-se tão poderoso, que diante dele, grandes eruditos parecem meros vermes.

“Quando o lampião é aceso, as aleluias chegam aos montes. Não precisam ser convidadas. Da mesma maneira o pregador que tem mandato de Deus, não necessita convidar as pessoas para ouvi-lo. Não tem que anunciar a hora das palestras. Possui uma atração tão irresistível, que as pessoas vêm a ele por sua própria iniciativa. Pessoas de todas as classes, até reis e aristocratas, reúnem-se à sua volta. Dizem-lhe: ‘Reverenciado senhor, o que podemos oferecer-lhe? Aqui estão mangas, doces, dinheiro, xales e outras coisas. O que lhe agrada mais?’ Neste caso, digo-lhes: ‘Vão embora. Não me importo com essas coisas. Não quero nada’.

“Por acaso o ímã diz ao ferro, ‘Venha para perto de mim?’ Não é necessário. Devido à atração do ímã, o ferro corre para ele.

“Tal pregador pode não ser um erudito, mas não conclua disso que lhe falte sabedoria. Será que o estudo torna alguém sábio? Aquele que possui mandato de Deus, jamais tem falta de sabedoria. Esta sabedoria vem de Deus: é inesgotável. Em Kamarpukur vi as pessoas pesando os grãos. Há uma pilha. Um homem empurra os grãos da pilha para um outro, que os pesa numa balança. Assim, aquele que pesa nunca fica com falta de grãos. O mesmo acontece

com o pregador que recebeu mandato de Deus. À medida que ensina, a Própria Mãe Divina por trás supre com conhecimento fresco. Esse conhecimento jamais termina.

“Pode um pregador ter falta de conhecimento, se pelo menos por uma vez foi favorecido com o olhar benigno da Mãe Divina? Portanto, pergunto-lhe se o senhor recebeu algum mandato de Deus.”

Hazra: “Ó sim, ele deve ter. (*Ao pundit*) Não é verdade, senhor?”

Pundit: “Ordem? Não senhor, receio não ter recebido tal coisa.”

Anfitrião: “Ele pode não ter recebido a ordem, mas prega por um sentimento de dever.”

Mestre: “O que um homem conseguirá com meras palestras, sem a autorização de Deus? Certa vez um pregador Brahma disse, no decorrer de seu sermão, ‘Amigos, como eu bebia!’ e assim por diante. Ouvindo isso, as pessoas começaram a cochichar entre si: ‘O que este tolo está dizendo? Ele tinha o hábito de beber!’ Na verdade aquelas palavras produziram um efeito muito desfavorável. Isto mostra que pregar pode não dar bom resultado, a não ser que venha de um homem qualificado.

“Um alto funcionário do governo de Barisal disse-me uma vez: ‘Se o senhor começar a pregar, eu, também, usarei uma tanga.’ Conte-lhe a história das pessoas que sujavam as margens de Haldarpukur, e que somente foram detidas, quando um delegado, a mando do governo, colocou um aviso de proibição.

“Portanto, digo, um homem sem importância, pode falar o que quiser, em sua pregação, mas não obterá qualquer efeito. Mas as pessoas o ouvirão se ostentar a insígnia da autoridade de Deus. Não se pode ensinar os outros sem o mandato de Deus. Um instrutor de homens tem que ter grande poder. Há muitos Hanumanpuri<sup>2</sup> em Calcutá. É com eles que o senhor tem que lutar. (*Apontando para as pessoas ali reunidas*). Estes são simples ovelhas!

“Chaitanyadeva foi uma Encarnação de Deus. Quão pouco restou do que fez – para não falar de um conferencista que prega sem autoridade de Deus! Que bem um conferencista fará? Portanto, digo-lhe, mergulhe fundo na Consciência de Deus.”

Dizendo isto o Mestre começou a cantar no êxtase de amor por Deus:

Mergulhe fundo, Ó mente, mergulhe fundo no Oceano da Beleza de Deus;  
Se descer até as profundezas.  
Aí encontrará a gema de Amor. ...

O Mestre continuou: “Não se morre se afundar neste Oceano. Este é o Oceano da Imortalidade. Certa vez eu disse a Narendra: ‘Deus é o Oceano de Felicidade. Diga-me se você quer mergulhar n’Ele. Imagine que há um pouco de calda numa xícara e você se transformou numa mosca. Diga-me onde você vai se sentar para beber a calda.’ Narendra respondeu: ‘Vou sentar-me na beira da xícara e esticar meu pescoço para beber, pois estou certo de cair e morrer, se entrar muito na xícara.’ Então eu lhe disse: ‘Mas meu filho, este é o Oceano de Satchidananda. Não há perigo de morrer n’Ele. Este é o Oceano da Imortalidade. Só um ignorante diz que não se deve ter excesso de devoção e amor divino. Que tolice! Pode haver excesso de amor divino?’

(*Ao pundit*): “Portanto, digo-lhe, mergulhe no Oceano de Satchidananda. Nada jamais o aborrecerá, se o senhor realizar Deus. Então terá mandato para ensinar.

“Há inúmeros caminhos que conduzem ao Oceano de Imortalidade. O essencial é atingir-Lo. Não importa qual o caminho que seguir. Imagine que haja um reservatório contendo o Elixir de Imortalidade. O senhor se tornará imortal se engolir algumas gotas do Elixir. Pode entrar no reservatório pulando, ou sendo empurrado, ou descendo os degraus vagorosamente. O efeito é um e o mesmo. O senhor se tornará imortal, provando uma gota daquele Elixir.

“Inúmeros são os caminhos que conduzem a Deus. Há os caminhos de jnana, karma e bhakti. Se for sincero por fim alcançará Deus qualquer que seja o caminho que seguir. Grosseiramente falando há três tipos de yoga: jnana, karma e bhakti yoga.

“O que é jnana yoga? O jnani procura realizar Brahman. Discrimina dizendo, ‘Isto não, isto não’. Discrimina, dizendo, ‘Brahman é Real e o universo, ilusório’. Discrimina entre o

<sup>2</sup> Famoso lutador da época.

Real e o irreal. Ao cabo de sua discriminação entra em samadhi, e alcança o Conhecimento de Brahman.

“O que é karma yoga? Seu objetivo é fixar a mente em Deus através do trabalho. É o que o senhor está ensinando. Consiste no controle do alento <sup>3</sup>, concentração, meditação e assim por diante, feitos com desapego. Se um chefe de família executa seus deveres no mundo com desapego, entregando os resultados a Deus e com Ele no coração, pode-se também dizer que pratica karma yoga. Se uma pessoa faz adoração, japa e outros atos de devoção, entregando os resultados a Deus, pode-se dizer que pratica karma yoga. Alcançar Deus é o único objetivo da karma yoga.

“O que é bhakti yoga? É manter a mente em Deus, cantando Seu nome e Suas glórias. Para o Kaliyuga, o caminho da devoção é o mais fácil. Este é certamente o caminho para esta época.

“O caminho de karma é muito difícil. Primeiro de tudo, como acabei de dizer, onde se vai encontrar tempo para ele, hoje em dia? Onde há tempo para um homem fazer suas obrigações como ordenadas nas escrituras? A vida do homem é curta, nessa época. Além disso é extremamente difícil fazer as obrigações com desapego, sem se preocupar com o resultado. Não se pode trabalhar com esse espírito, sem antes ter realizado Deus. De uma certa maneira, o apego aos resultados entra na mente, embora não se esteja consciente dele.

“Seguir jnana yoga nesta época é, também, muito difícil. Primeiro, a vida do homem depende inteiramente do alimento. Segundo, tem tempo curto de vida. Terceiro, por nenhuma razão, pode-se libertar da consciência do corpo; e o Conhecimento de Brahman é impossível sem a destruição da consciência do corpo. O jnani diz: ‘Sou Brahman, não sou o corpo. Estou além da fome e sede, doença e tribulação, nascimento e morte, prazer e dor’. Como uma pessoa pode ser um jnani, se estiver consciência da doença, tribulação, dor, prazer e coisas semelhantes? Um espinho entra em sua carne, o sangue sai da ferida e você sofre muito com a dor; entretanto, se for um jnani, deve ser capaz de dizer: ‘Ora, não há qualquer espinho em minha carne. Não há nada comigo’.

“A bhakti yoga é, portanto, recomendada para esta época. Ao seguir este caminho, chega-se a Deus mais facilmente do que seguindo os outros. Pode-se sem dúvida chegar a Deus, seguindo os caminhos de jnana e karma, mas são caminhos muito difíceis.

“Bhakti yoga é a religião para esta época, mas isto não significa que o amante de Deus alcançará uma meta e o filósofo e o trabalhador, uma outra. Isto quer dizer que, se uma pessoa procura o Conhecimento de Brahman, pode alcançá-Lo, seguindo o caminho de bhakti, também. Deus, que ama Seu devoto, pode dar-lhe o Conhecimento de Brahman, se Ele assim o desejar.

“O bhakta, contudo, quer realizar o Deus Pessoal, dotado de forma e conversar com Ele. Raramente procura o Conhecimento de Brahman. Mas Deus pode fazer de Seu devoto o herdeiro de Suas glórias infinitas, se isto Lhe agradar. Dá a Seu devoto tanto o Amor de Deus, quanto o Conhecimento de Brahman. Se alguém chegar de Calcutá de uma maneira ou outra, poderá ver o Maidan, o museu e outros lugares. O importante é chegar a Calcutá.

“Ao realizar a Mãe Divina do Universo, o senhor terá o Conhecimento e também, Devoção. Terá ambos. Em bhava samadhi verá a forma de Deus e no nirvikalpa samadhi, realizará Brahman, Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absolutos. No nirvikalpa samadhi o ego, nome e forma não existem.

“O amante de Deus ora à Mãe Divina: ‘Ó Mãe, tenho muito medo das ações egoístas. Essas ações têm por trás, desejos e se eu as praticar, terei que colher seu fruto. Mas é muito difícil trabalhar com desapego. Certamente Te esquecerei, Ó Mãe, se me envolver em ações egoístas, portanto, não tenho uso para elas. Que minhas ações, Ó Mãe Divina, sejam cada dia menos numerosas, até eu alcançá-La. Que eu faça, sem apego ao resultado, apenas aquela ação que seja absolutamente necessária. Que eu tenha grande amor por Ti, enquanto estiver fazendo meus poucos deveres. Que eu não me envolva em novas atividades enquanto não te realizar. Mas eu as farei se receber Teu mandato. Do contrário, não.’”

Pundit: “Quais os lugares sagrados que o senhor visitou?”

<sup>3</sup> Exercícios respiratórios como prescritos na Raja yoga.

Mestre: “Visitei alguns. (*Com um sorriso*): Mas Hazra foi além e também, subiu mais alto. Visitou Hrishikesh, mas eu não fui tão longe e tão alto.

“O senhor deve ter visto milhanos e abutres voando muito alto no céu, mas os olhos estão sempre fixos na carniça. O senhor sabe o que é ‘carniça’? É ‘mulher e ouro’.

“Qual a vantagem de fazer peregrinações se pode alcançar o amor a Deus, ficando onde está? Estive em Benares e vi as mesmas árvores tanto lá quanto aqui. As mesmas folhas verdes do tamarindo!

“A peregrinação torna-se fútil se não permite que uma pessoa alcance o amor de Deus. O amor de Deus é a única coisa essencial e necessária. Sabe o que quer dizer ‘milhanos e abutres’? Há muitas pessoas que falam alto e dizem que fizeram muitas das obrigações prescritas nas escrituras, mas suas mentes estão envolvidas no mundanismo e profundamente preocupadas com dinheiro, riquezas, nome e fama, conforto material e outras coisas.

Pundit: “É verdade, senhor. Fazer peregrinação é como procurar diamantes e pedras preciosas, deixando de lado a pedra preciosa que o Próprio Narayana usa em Seu peito.”

Mestre: “Quero que o senhor se lembre disso. Pode dar milhares de instruções às pessoas, mas elas não darão fruto a não ser no devido tempo. Indo para a cama, uma criança disse à sua mãe: ‘Mãe, por favor acorde-me quando eu sentir fome.’ A mãe disse: ‘Não se preocupe com isto, minha criança. A própria fome a acordará.’ (*Todos riem*). Sente-se anelo por Deus, no tempo certo.

“Há três tipos de médicos. Os médicos de um tipo sentem o pulso do paciente e vão embora, simplesmente receitando o remédio. Ao deixarem a sala, pedem ao paciente que tome o remédio. Pertencem à classe mais rudimentar de médicos. Assim também, há professores que somente dão instrução mas que não se detém em saber se seus ensinamentos produzirão bom ou mau resultado. Não pensam de modo algum no discípulo.

“Há médicos de outro tipo que prescrevem remédio e pedem ao paciente para tomá-lo. Se o paciente não quiser seguir suas instruções, argumentam com ele. São médicos e médios-cres. Assim também, há mestres medíocres. Dão instrução ao estudante e tentam persuadi-lo de várias maneiras a seguir a instrução.

“Por fim, há os médicos da classe mais elevada. Se o paciente não responde à sua persuasão gentil, até usam a força se necessário, pressionam seu joelho contra o peito do paciente, e colocam o remédio à força, garganta abaixo. Assim também há mestres da mais elevada classe que até usam a força para dirigir a mente do discípulo de Deus.”

Pundit: “Senhor, se há mestres de classe tão elevada como o senhor acabou de descrever, então por que diz que não se obtém Conhecimento de Deus até que chegue o momento certo?”

Mestre: “O senhor tem razão, mas o que o médico vai fazer se o remédio sai da boca do paciente e não chega ao estômago? Nesse caso, nem mesmo o melhor remédio pode fazer alguma coisa.

“O mestre deve testar a aptidão do estudante antes de dar instrução, mas o senhor não discrimina em sua instrução. Quando um jovem vem a mim para instrução, a primeira coisa que pergunto é a respeito de seus parentes em casa. Suponhamos que tenha perdido o pai e que este lhe tenha deixado algumas dívidas. Como pode dirigir sua mente a Deus? O senhor está me ouvindo?”

Pundit: “Sim, senhor. Estou prestando atenção a cada palavra.”

Mestre: “Certo dia alguns soldados Sikhs vieram ao templo em Dakshineswar. Encontrei-os em frente ao templo de Kali. Um deles referiu-se a Deus como muito misericordioso. ‘Certamente’ eu disse, ‘Mas será verdade? Como o senhor sabe?’ Respondi, ‘Porque, senhor, Deus nos dá comida e toma conta de nós.’ Eu disse, ‘Por que isso o surpreende? Deus é o Pai de todos nós. Quem olhará pelo filho se o pai não o fizer? Está querendo dizer que as pessoas do vilarejo vizinho deveriam cuidar dele?’

Narendra: “Então devemos chamar Deus de bondoso?”

Mestre: “Eu o proibi de fazê-lo? O que quero dizer é que Deus é muito íntimo nosso. Não é um estranho.”

Pundit: “Palavras preciosas!”

Mestre (*a Narendra*): “Ouvi você cantar, mas não gostei. Por isso deixei o aposento. Sua mente está agora fixa na procura de emprego, e por isso, o seu canto pareceu-me pesado.”

Narendra ficou envergonhado de si mesmo, e permaneceu em silêncio. Sentiu o sangue subir ao rosto.

O Mestre pediu um pouco de água. Colocaram um copo defronte dele mas ele não pôde tocá-lo. Pediu outro. Mais tarde descobriu-se que um homem de mau caráter havia tocado o primeiro copo.

Pundit (*a Hazra*): “Você vive em sua companhia dia e noite. Deve ser muito feliz.”

Mestre (*com um sorriso*): “É realmente um grande acontecimento para mim. Hoje vi a lua do segundo dia da quinzena brilhante. (*Todos riem*). Sabem por que eu me referi à lua do segundo dia? Sita certa vez disse a Ravana: ‘Você é a lua cheia e Rama a crescente do segundo dia da quinzena brilhante’. Ravana não entendeu o significado destas palavras. Pensou que Sita o estava agradando e sentiu-se extremamente feliz. Mas o que Sita queria dizer é que Ravana havia alcançado o máximo de seu poder e prosperidade e que, daí por diante, se esvaneceria como a lua cheia. Rama, por outro lado, era como a lua do segundo dia da quinzena brilhante. Iria crescer dia a dia.”

O Mestre estava pronto para sair. O pundit e seus amigos inclinaram-se diante dele.

Ainda não havia chegado o crepúsculo quando Shri Ramakrishna voltou à casa de Ishan, com os devotos. O Mestre sentou-se na sala de visitas com Ishan e seus filhos, um pundit e alguns devotos.

Mestre (*sorrindo, a Ishan*): “Disse ao Pundit Shashadhar: ‘O senhor mal assentou o pé na árvore e contudo, aspira colher um grande cacho de frutas. Em primeiro lugar pratique um pouco de disciplina espiritual. Então poderá ensinar aos outros.’ ”

Ishan: “Todo pregador pensa que ilumina os outros. O vaga-lume também pode achar que ilumina o mundo. Pensando ser este o sentimento do vaga-lume, alguém lhe disse: ‘Ó vaga-lume, como pode trazer luz ao mundo? Você apenas revela a intensidade da escuridão.’ ”

Mestre (*com um sorriso*): “Mas Shashadhar não é somente um erudito. Possui um pouco de discriminação e desapego.

Um pundit que estava presente, disse a Shri Ramakrishna: “O senhor na verdade, é uma grande alma.”

Mestre: “O senhor pode dizer isto de sábios como Narada, Prahlada ou Shukadeva. Sou como seu filho.

“Naturalmente, de uma certa maneira, suas palavras são verdadeiras. Diz-se que num sentido, o devoto de Deus é maior do que o Próprio Deus, porque leva Deus em seu coração. (*Todos ficam contentes*). Dizem nos livros vaishnavas: ‘Um devoto olha-se como um ser elevado e Deus, como o mais baixo’. Yashoda, mãe de Krishna, estava a ponto de acorrentar Krishna, que era Deus Encarnado. Ela acreditava que ninguém a não ser ela mesmo poderia tomar conta d’Ele.

“Às vezes Deus age como ímã e o devoto como agulha. Deus atrai o devoto para Si. Também, às vezes o devoto age como ímã, e Deus, como agulha. A atração do devoto é tal que Deus vem a ele, incapaz de resistir ao seu amor.”

O Mestre estava já estava a ponto de voltar a Dakshineswar. Ishan e os outros devotos acercaram-se dele enquanto ele dava vários conselhos a Ishan.

Mestre: “Um devoto que pode chamar Deus enquanto vive como chefe de família é realmente um herói. Deus pensa: ‘Aquele que renunciou ao mundo por Mim, certamente orará a Mim. Deve servir-Me. Há alguma coisa notável nisso? As pessoas achariam que é uma vergonha, se Ele não conseguisse fazê-lo. Mas é realmente abençoado aquele que ora a Mim, no meio das atividades mundanas. Está procurando encontrar-Me, superando um grande obstáculo – empurrando, por assim dizer, uma enorme pedra de uma tonelada. Esse homem é um verdadeiro herói.’ ”

Pundit: “O senhor está certo. As escrituras dizem a mesma coisa. Há no *Mahabharata*, a história do ‘caçador piedoso’ e da ‘mulher casta’. Certo dia um corvo perturbou a meditação de um eremita. Quando ele lançou um olhar furioso ao pássaro, este foi reduzido a cinzas. O eremita disse a si mesmo: ‘Matei um corvo com um simples olhar. Devo ter feito um grande progresso na vida espiritual.’ Um dia foi à casa de uma mulher, mendigar o alimento. Ela era

muito dedicada ao marido, a quem servia dia e noite; dava-lhe água para lavar os pés e até secava-os com seus cabelos. Quando o eremita bateu à porta, pedindo esmola, ela estava atendendo ao marido e não pôde abrir a porta imediatamente. O eremita, com raiva, começou a amaldiçoá-la. A mulher gritou-lhe, do interior da casa. ‘Não sou o corvo. Espere uns minutos, senhor. Quando terminar de servir meu marido, lhe darei atenção’. O eremita ficou muito surpreso com o fato dessa mulher simples saber que ele havia reduzido o corvo a cinzas. Quis que ela lhe desse instrução espiritual. A pedido dela, foi até o ‘caçador piedoso’, em Benares. Esse caçador vendia carne, mas servia seus pais, dia e noite, como personificações de Deus. O eremita disse a si mesmo, cheio de espanto: ‘Ora, ele é um açougueiro e um homem do mundo! Como pode dar-me o Conhecimento de Brahman?’ Mas o caçador era um conhecedor de Brahman e havia atingido conhecimento divino, pela execução de seus deveres mundanos. O eremita ficou iluminado com as instruções do ‘caçador piedoso’.”

O Mestre estava de saída, de pé na porta da casa vizinha, onde o padrao de Ishan morava. Ishan e os outros devotos estavam junto do Mestre, esperando para dar-lhe adeus. Shri Ramakrishna disse a Ishan: “Viva no mundo como uma formiga. O mundo contém uma mistura de verdade e inverdade, açúcar e areia. Seja uma formiga e apanhe o açúcar.

“Da mesma maneira, o mundo é uma mistura de leite e água, a felicidade da Consciência de Deus e o prazer do gozo dos sentidos. Seja um cisne e beba o leite, deixando a água de lado.

“Viva no mundo como a ave aquática. A água a molha, mas ela a sacode. Viva no mundo como o bagre da lama, mas sua pele está sempre brilhante e lustrosa.

“Certamente o mundo é uma mistura de verdade e ‘faz de conta’. Rejeite o ‘faz de conta’ e agarre a verdade.”

Shri Ramakrishna subiu na carruagem e partiu para Dakshineswar.



## CAPÍTULO XXV

### CONSELHO AO PUNDIT SHASHADHAR

*Segunda-feira, 30 de junho de 1884*

**S**HRI RAMAKRISHNA estava em seu aposento, sentado numa esteira estendida no chão. O Pundit Shashadhar e alguns devotos estavam com ele na esteira e outros, sentados no chão. Surendra, Baburam, M., Harish, Latu, Hazra e outros estavam presentes. Eram aproximadamente quatro horas da tarde.

Shri Ramakrishna havia encontrado o Pundit Shashadhar seis dias antes, em Calcutá e agora, o Pundit viera a Dakshineswar visitar o Mestre. Bhudar Chattopadhyaya e o irmão mais velho, anfitriões do Pundit, acompanhavam-no.

O Pundit era seguidor do caminho da jnana. O Mestre explicava-lhe este caminho, dizendo: “Nitya e Lila são dois aspectos de uma mesma Realidade. Aquele que é o Indivisível Satchidananda assumiu formas diferentes para Sua Lila. Ao descrever a natureza da Realidade Última, o Mestre de vez em quando ficava inconsciente, em samadhi. Enquanto falava era tomado de fervor espiritual. Disse ao Pundit: “Meu caro senhor, Brahman é imutável e ‘imóvel’ como o Monte Sumeru, mas Aquele que é ‘imóvel’ pode também ‘mover-se’.”

O Mestre estava em êxtase. Começou a cantar com sua voz melodiosa:

Quem existe que pode entender o que seja a Mãe Kali?  
Até mesmo os seis darshanas são incapazes de revelá-La. ...

Continuou:

É a Mãe por acaso, uma simples mulher, nascida como as outras?  
Somente em cantar Seu santo nome,  
Pode Shiva sobreviver ao veneno<sup>1</sup> mortal.

É Ela quem cria os mundos, é Ela quem preserva e destrói,  
Com um mero piscar de Seus maravilhosos olhos.  
Ela contém o universo em Seu ventre.

Procurando refúgio a Seus pés, os próprios deuses sentem-se salvos,  
E Mahadeva, o Deus dos Deuses,  
Jaz prosternado sob Seus pés.

Novamente cantou:

É a Mãe somente a esposa de Shiva? A Ela deve inclinar-se  
O Rei da Morte que tudo destrói  
Desnuda Ela vagueia pelo mundo, matando Seus inimigos demoníacos.  
Ou fica em pé de Shiva,  
Seus pés sobre a forma de Seu marido! Que estranha esposa é Ela!  
O jogo de minha Mãe, diz Prasad, aniquila todas as regras e leis;  
Luta duro pela pureza, Ó mente,  
E tenta entender as maneiras de minha Mãe.

E novamente:

---

<sup>1</sup> Alusão ao veneno que surgiu quando deuses e demônios revolveram o oceano. Shiva, por bondade, bebeu o veneno, mas ele ficou em sua garganta, dando-lhe uma cor azul. Por isso Shiva é conhecido como o “Deus da garganta azul”.

Não bebo vinho comum, mas o Vinho da Felicidade Eterna,  
 Enquanto repito o nome de minha Mãe Kali;  
 Ele intoxica a minha mente de tal forma, que as pessoas me tomam por bêbado! ...

E de novo:

Podem todos ter a visão de Shyama? O tesouro de Kali é para todos?  
 Ó, é uma pena que minha mente tola não veja o que é verdadeiro!  
 Mesmo com todas Suas penitências, raramente o próprio Shiva contempla  
 A visão sedutora dos pés carmins da Mãe Shyama.

Para aquele que medita n'Ela, as riquezas do céu são, na verdade, pobres.  
 Se Shyama lançar Seu olhar sobre ele, ele nadará em Felicidade Eterna.  
 O príncipe dos yogis, o Rei dos Deuses, meditam em vão sobre Seus pés;  
 Contudo Kamalakanta anseia pelos pés abençoados da Mãe!

O elevado estado espiritual do Mestre gradualmente diminuiu. Parou de cantar e sentou-se em silêncio. Depois de algum tempo, levantou-se e sentou-se no divã.

O Pundit Shashadhar ficou encantado vendo o Mestre cantar. Humildemente perguntou a Shri Ramakrishna: “O senhor não vai cantar mais?”

Um pouco mais tarde, o Mestre cantou novamente:

Alto no céu dos pés da Mãe, minha mente voava como uma pipa,  
 Quando veio uma rajada de vento de pecados que a levou rapidamente para a terra. ...

Depois cantou:

De uma vez por todas agora compreendi inteiramente;  
 Do Uno<sup>2</sup> que conhece isso bem, aprendi o segredo de bhava.  
 Um homem veio a mim de um lugar onde não existe noite.  
 E agora já não posso mais distinguir o dia da noite.  
 Rituais e devoções tornaram-se sem proveito para mim.

Meu sono está quebrado, como posso dormir mais?  
 Porque agora estou bem desperto na yoga sem sono  
 Ó Mãe Divina, una com Ti, finalmente, no sono da yoga<sup>3</sup>  
 Meu sono acalentei para sempre.  
 Incline a cabeça, diz Prasad, ante o desejo e liberação.  
 Conhecendo o segredo que Kali é una com o mais elevado Brahman,  
 Pus de lado, uma vez por todas, tanto a retidão como o pecado.

Shri Ramakrishna continuou:

Entreguei minha alma aos destemidos pés da Mãe,  
 Será que ainda tenho medo da Morte?  
 No tufo de cabelo em minha cabeça  
 Está preso o poderoso mantra, o nome da Mãe Kali.  
 Vendi meu corpo no mercado do mundo,  
 E com ele comprei o nome de Shri Durga.

Quando Shri Ramakrishna cantou o verso, “E com ele comprei o nome de Shri Durga”, lágrimas começaram a rolar dos olhos do Pundit Shashadhar. O Mestre continuou a canção:

Fundo no meu coração, plantei o nome de Kali.

<sup>2</sup> Deus, a quem o poeta adorava como a Mãe Divina.

<sup>3</sup> Samadhi, que faz uma pessoa parecer adormecida.

A Árvore do Céu que satisfaz Todos os Desejos.  
 Quando Yama, Rei da Morte, aparece,  
 Abrirei meu coração para ele, e o mostrarei crescendo ali.  
 Joguei fora meus seis inimigos persistentes<sup>4</sup>  
 Pronto estou para navegar no mar da vida.  
 Gritando, “Salve Durga!”

Outra vez cantou:

More, Ó mente, dentro de você mesma;  
 Não entre em casa de mais ninguém.  
 Se procurar somente entrar ali, encontrará  
 Tudo o que está buscando. ...

E de novo:

Embora Eu<sup>5</sup> jamais relute em conceder liberação,  
 Na verdade hesito em dar puro amor.  
 Aquele que possui puro amor supera tudo.  
 É adorado pelos homens  
 E triunfa sobre os três mundos.

O pundit havia estudado os Vedas, os Puranas e as outras escrituras. Gostava de discutir filosofia. O Mestre, sentado no divã, lançou um olhar benigno ao pundit e deu-lhe conselhos utilizando parábolas.

Mestre (ao pundit): “Há muitas escrituras como os Vedas, mas não se pode realizar Deus sem austeridade e disciplina espiritual. ‘Deus não pode ser encontrado nos sete sistemas, nos Vedas ou nos Tantras.’

“Mas deve-se aprender o conteúdo das escrituras e então, agir segundo suas prescrições. Um homem perdeu uma carta. Não conseguia lembrar-se onde a tinha deixado. Começou a procurá-la com um lampião. Depois de duas ou três pessoas a procurarem, a carta foi finalmente encontrada. A mensagem era, ‘Pedimos que nos enviem cinco medidas de sandesh e uma peça de roupa.’ O homem leu e, em seguida, jogou-a fora. Não mais necessitava dela; agora, o que tinha de fazer, era comprar o sandesh e uma peça de roupa.

“Melhor do que ler é ouvir, melhor do que ouvir é ver. Compreendem-se as escrituras melhor, ouvindo-as dos lábios do guru ou de um santo. Assim, não se pensa a respeito da parte não essencial. Hanuman disse: ‘Irmão, não sei muito sobre as fases da lua ou posição das estrelas. Apenas contemplo Rama.’

“Mas ver é bem melhor do que ouvir. Desta forma todas as dúvidas desaparecem. É verdade que muitas coisas estão relatadas nas escrituras; mas todas elas são inúteis sem realização direta de Deus, sem devoção aos Seus Pés de Lótus, sem pureza de coração. O almanaque prevê a quantidade de chuvas do ano, mas o senhor não obterá uma gota de água, se espremer o almanaque. Não, nem mesmo uma gota.

“Por quanto tempo deve-se raciocinar sobre os textos das escrituras? Enquanto não tiver tido a realização direta de Deus. Por quanto tempo a abelha zumbe? Enquanto não pousar numa flor. Mal pousa numa flor, e começa sugar o mel, fica quieta.

“Mas o senhor deve lembrar-se de uma outra coisa. Pode-se falar mesmo depois da realização de Deus. Mas neste caso fala-se de Deus e da Felicidade Divina. É como um bêbado gritando, ‘Salve a Mãe Divina!’ Mal pode pronunciar qualquer coisa devido à sua embriaguez. O senhor pode reparar, também, que uma abelha faz um barulho confuso depois de haver sugado o mel de uma flor.

<sup>4</sup> As seis paixões.

<sup>5</sup> A canção representa as palavras de Shri Krishna.

“O jnani raciocina sobre o mundo, através do processo de ‘Neti, neti’, ‘Isto não, isto não.’ Raciocinando assim, por fim chega ao estado de Felicidade, que é Brahman. Qual é a natureza de um jnani? Age de acordo com as prescrições das Escrituras.

Uma vez fui levado a Chanak onde vi alguns sadhus. Vários deles estavam costurando. (*Todos riem*). Ao nos ver puseram de lado suas costuras. Sentaram-se retos, cruzando as pernas e conversaram conosco. (*Todos riem*).

“Mas os jnanis não falam de coisas espirituais, sem serem indagados. Perguntarão primeiro sobre coisas tais como a sua saúde e sua família.

“Mas a natureza de um vijnani é outra. É indiferente a tudo. Talvez leve sua roupa solta debaixo do braço, como uma criança, ou a roupa tenha caído do seu corpo.

“O homem que sabe que Deus existe, é chamado um jnani. O jnani é aquele que sabe, fora de dúvidas, que uma tora de madeira contém fogo. Mas um vijnani é aquele que acende o pedaço de madeira, cozinha naquele fogo e alimenta-se da comida. Os oito grilhões caíram do vijnani. Pode somente manter a aparência de luxúria, raiva e outros defeitos.

Pundit: “Os nós do coração são cortados pela raiz; todas as dúvidas são destruídas.”

Mestre: “Sim, uma vez um navio navegava, quando subitamente suas juntas de ferro, pregos e parafusos caíram. O navio estava passando por uma colina magnética e assim, todo seu ferro afrouxou-se.

“Eu tinha o hábito de ir à casa de Krishnakishore. Uma vez ele me disse: ‘Por que o senhor masca uma folha de betel?’ Respondi-lhe: ‘É meu prazer. Vou mascar folha de betel, olhar-me no espelho e dançar nu no meio de mil moças’.<sup>6</sup> A esposa de Krishnakishore repreendeu-o, ‘O que disse a Ramakrishna? Você não sabe falar com as pessoas’.

Neste estado, as paixões como luxúria e raiva são totalmente queimadas, embora nada aconteça ao corpo físico. Este se parece com qualquer outro corpo, mas dentro, está puro.”

Um devoto: “O corpo permanece, mesmo depois da realização de Deus?”

Mestre: “Com alguns. O corpo sobrevive para que possam exaurir seu prarabdha karma ou trabalhar para o bem-estar dos outros. Banhando-se no Ganges, um homem livra-se do pecado e alcança a liberação. Mas, por ser cego, não se livra da cegueira. Claro que escapa de nascimentos futuros que, do contrário, seriam necessários para colher o resultado de seu karma de erros passados. Seu corpo atual permanece vivo até que seu ‘momentum’<sup>7</sup> não esteja exaurido, mas futuros nascimentos não serão possíveis. A roda move-se enquanto dura o impulso que a colocou em movimento. Depois pára. No caso de tal pessoa, as paixões como luxúria e a ira são completamente queimadas. O corpo fica vivo apenas para executar algumas ações.”

Pundit: “Isso chama-se samskara.”

Mestre: “O vijnani sempre vê Deus. É por isso que é tão indiferente ao mundo. Vê Deus mesmo estando de olhos abertos. Às vezes desce de Nitya à Lila, e outras vezes, sobe de Lila para Nitya.”

Pundit: “Não compreendo isso.”

Mestre: “O jnani raciocina sobre o mundo pelo processo ‘Neti, Neti’, e por fim, alcança o Eterno e Indivisível Satchidananda. Raciocina desta forma, ‘Brahman não é os seres vivos; Ele não é nem o universo, nem os vinte e quatro princípios cósmicos.’ Assim realiza que é o Absoluto que Se tornou tudo isto – o universo, os seres vivos e os vinte e quatro princípios cósmicos.

“O leite desenvolve-se em coalhada e a coalhada é batida até tornar-se manteiga. Depois de extrair a manteiga, compreende-se que a manteiga não é essencialmente diferente do soro, nem o soro da manteiga. A casca da árvore vai com a medula e a medula com a casca.”

Pundit (*sorrindo para Bhudar*): “Você entende isso? É muito difícil.”

Mestre: “Se houver manteiga deve haver soro, também. Se o senhor pensar em manteiga, deve também pensar em soro, pois um não existe sem o outro. Da mesma forma, se o senhor aceitar Nitya, deve aceitar também, Lila. É o processo de negação e afirmação. O senhor realiza Nitya, negando Lila. Em seguida o senhor afirma Lila, vendo nela a manifestação de

<sup>6</sup> Porque o Mestre era um vijnani.

<sup>7</sup> O momento das ações da encarnação anterior, que deu lugar a este corpo atual.

Nitya. Alcança-se este estado, depois de realizar a Realidade nos aspectos: ‘Pessoal e Impessoal. O Pessoal é a personificação de Chit, Consciência; o Impessoal é o Indivisível Satchidanda.

“Foi somente Brahman que Se tornou tudo. Portanto para o vijnani, esse mundo é como uma ‘mansão de alegria’, mas para o jnani é uma ‘moldura de ilusão’. Um outro homem disse-lhe, como resposta:

Este mundo é uma mansão de alegria;  
Aqui posso comer, beber e divertir-me;  
Ó médico<sup>8</sup>, como você é um tolo!  
Você pode ver somente a superfície das coisas.  
O poder de Janaka era único;  
O que lhe faltava do mundo ou do Espírito?  
Agarrando-se tanto a um quanto a outro,  
Bebeu o leite de uma xícara cheia até a borda!

O vijnani goza a Felicidade de Deus de uma forma mais intensa. Alguns ouviram falar de leite, outros viram-no e alguns beberam-no. O vijnani bebeu leite, gostou e ficou alimentado.”

O Mestre permaneceu em silêncio por alguns minutos e então, perguntou ao pundit Shashadhar se não queria fumar. O pundit foi à varanda, fumar. Logo voltou para o quarto e sentou-se no chão com os devotos. Sentado no pequeno divã, o Mestre continuou a conversa.

Mestre (*ao pundit*): “Vou dizer-lhe uma coisa. Há três espécies de felicidade: a felicidade do desfrutar mundano, a felicidade da adoração e a felicidade de Brahman. A felicidade do desfrutar mundano é a felicidade de ‘mulher e ouro’, que as pessoas experimentam sempre. A felicidade da adoração é a que se desfruta enquanto se canta o nome e as glórias de Deus. E a Felicidade de Brahman é a felicidade da visão de Deus. Depois de experimentarem a felicidade da visão de Deus, os rishis dos tempos antigos ultrapassaram todas as regras e convenções.

“Chaitanyadeva costumava experimentar três estados espirituais: o interior, o semi-consciente e o consciente. No estado interior, via Deus e entrava em samadhi. Estava em estado de jada samadhi. No estado semiconsciente ficava parcialmente consciente do mundo externo. No estado consciente podia cantar o nome e as glórias de Deus.”

Hazra (*ao pundit*): “Assim todas as suas dúvidas foram agora esclarecidas.”

Mestre (*ao pundit*): “O que é samadhi? É a completa fusão da mente na Consciência de Deus. O jnani experimenta jada samadhi, quando então não resta qualquer rastro do ‘eu’. O samadhi que é atingido por meio de bhakti é chamado ‘chetana samadhi’. Neste samadhi permanece a consciência do ‘eu’, da relação servo-Amo, amante-Bem-amado e da relação Alimento e aquele que é nutrido. Deus é o Amor; o devoto é o servo. Deus é o Bem-amado, o devoto o amante. Deus é o Alimento e o devoto é aquele que é nutrido. ‘Não quero ser açúcar. Quero comê-lo’.”

Pundit: “O que acontece se Deus dissolve todo o seu ‘eu’, se Ele transforma aquele que desfruta em açúcar?”

Mestre (*sorrindo*): “Ora, ora! Diga-me o que vai em sua mente. As escrituras não mencionam Narada, Sanaka, Sanatana, Sananda e Sanatkumara?”

Pundit: “Sim, senhor, mencionam.”

Mestre: “Embora fossem jnanis, todavia conservaram o ‘eu’ do bhakta. O senhor não leu o *Bhagavata*?”

Pundit: “Li somente uma parte, não todo.”

Mestre: “Ore a Deus. Ele está cheio de compaixão. Será que não escutará as palavras de Seu devoto? Ele é Kalpataru. O senhor obterá d’Ele tudo o que desejar.”

Pundit: “Não havia pensado profundamente a esse respeito, mas agora compreendo.”

<sup>8</sup> Ramprasad pertenceu à classe dos médicos.

Mestre: “Deus conserva um pouco do ‘eu’ em Seu devoto, mesmo depois de ter-lhe dado o Conhecimento de Brahman. Esse ‘eu’ é o ‘eu’ do devoto, o ‘eu do jnani’. Através desse ‘eu’, o devoto desfruta o jogo infinito de Deus.

“O socador<sup>9</sup> estava quase desgastado de tanto ser batido. Havia sobrado apenas um pedaço que se perdeu na vegetação e ocasionou a destruição da raça dos Yadus. O vijnani retém o ‘eu do devoto’, o ‘eu do jnani’, a fim de saborear a Felicidade de Deus e ensinar as pessoas.

“Os rishis da antigüidade eram de uma natureza tímida. Assustavam-se facilmente. Sabem como era sua atitude? Diziam: ‘Que eu obtenha de qualquer maneira a minha salvação; quem se importa com os outros?’ Um pedaço oco de madeira consegue flutuar, mas afunda se apenas um pássaro pousar, mas Narada e sábios do seu tipo são como uma imensa tora que não somente pode atravessar até a outra margem, mas também carrega muitos animais e pessoas. Um barco a vapor atravessa o oceano e também leva pessoas.

“Mestres como Narada pertencem à classe dos vijnanis. Eram muito mais corajosos do que os outros rishis. Eram como um exímio jogador de satrança. O senhor já deve ter notado como ele grita enquanto joga os dados: ‘O que quero? Seis? Não, cinco! Aqui estão cinco!’ E cada vez que joga os dados, obtém o número que deseja. É um jogador tão esperto! Enquanto joga até torce o bigode.

“Um simples jnani treme de medo. É como um jogador de satrança amador. Está ansioso para mover suas peças de algum modo até a zona de segurança, onde elas não serão tomadas por seu opositor. Mas o vijnani não tem medo de nada. Realizou ambos os aspectos de Deus: Pessoal e Impessoal. Falou com Deus. Desfrutou a Felicidade de Deus.

“É uma alegria indescritível fundir a mente no Brahman Indivisível, pela contemplação. É também, uma alegria manter a mente na Lila, o Relativo, sem dissolvê-la no Absoluto.

“Um simples jnani é uma pessoa monótona. Sempre analisa, dizendo, ‘Isto não, isto não. O mundo é como um sonho’. Mas eu levantei ‘ambas as mãos’, portanto, aceito tudo.

“Ouça uma história. Uma vez uma mulher foi visitar uma amiga tecelã. A tecelã, que estivera fiando diferentes tipos de fios de seda, ficou muito contente ao ver a amiga e disse-lhe: ‘Amiga, não posso dizer quão feliz estou em vê-la. Deixe-me apanhar um frescor para você.’ Saiu do aposento. A mulher olhou para os fios de cores diferentes e ficou tentada. Escondeu um punhado de fio debaixo do braço. A tecelã voltou logo com os frescos e começou a servir a convidada com grande entusiasmo, mas ao olhar para a linha, compreendeu que a amiga havia apanhado um punhado. Fez um plano para recuperá-lo, dizendo, ‘Amiga, há tanto tempo que não a vejo. Este é um dia de grande alegria para mim. Gostaria de convidá-la para dançar.’ Quando a tecelã viu que sua amiga dançava sem levantar os braços, disse, ‘Amiga, vamos dançar com ambos os braços levantados. Este é um dia de grande alegria.’ Mas a convidada pressionou um braço contra o corpo e dançou levantado somente o outro. A tecelã disse: ‘O que é isto, amiga? Por que dança com apenas um dos braços levantados? Dance comigo, levantando ambos. Olhe para mim e veja como danço.’ Mas a convidada continuava apertando o braço de um lado. Dançou com o outro levantado e disse com um sorriso, ‘É assim que sei dançar.’

O Mestre continuou: “Não aperto meu braço de um lado. Ambos estão livres. Não tenho medo de nada. Aceito tanto o Nitya como a Lila, tanto o Absoluto quanto o Relativo.

“Eu disse a Keshab Sen que ele não poderia realizar Deus sem renunciar ao ego.. Ele disse: ‘Senhor, neste caso não poderei manter a organização.’ Retruquei: ‘Estou lhe pedindo para desistir do “ego imaturo”, o “ego perverso”, mas não há qualquer mal no “ego maduro”, o “ego filho”, o “ego servo”, o “ego do Conhecimento”.

“O ‘ego do homem mundano’, o ‘ego ignorante’, o ‘ego imaturo’ é como uma vara grossa. Divide, por assim dizer, a água do Oceano de Satchidananda, mas o ‘ego servo’ o ‘ego filho’ o ‘ego do Conhecimento’ é como uma expansão de água. Vê-se claramente que há somente uma expansão de água. A linha divisória faz parecer que a água possui duas partes, mas vê-se que, na realidade, há somente uma expansão de água.

<sup>9</sup> A história é relatada no *Mahabharata*, de como os parentes de Krishna brigaram por causa de um fragmento de um socador e exterminaram-se, matando-se uns aos outros.

“Shankaracharya manteve o ‘ego do Conhecimento’ para ensinar as pessoas. Deus mantém em muitas delas o ‘ego do jnani’ ou o ‘ego do bhakta’, mesmo depois de ter alcançado Brahmajnana. Hanuman, depois de realizar Deus em Seus aspectos Pessoal e Impessoal, manteve para com Deus, a atitude de um servo, um devoto. Disse a Rama: ‘Ó Rama, às vezes penso que Tu és o Todo e eu, parte de Ti. Às vezes penso que Tu és o Amo e eu, Teu servo. E às vezes Rama, quando contemplo o Absoluto, vejo que eu sou Tu, e Tu és eu.

“Yashoda ficou muito pesarosa com a separação de Krishna e chamou Radha. Radha viu o sofrimento de Yashoda e revelou-Se a ela como a Shakti Divina, que era a sua verdadeira natureza. Disse a Yashoda: ‘Krishna é Chidatma, Consciência Absoluta e eu, Chidshakti, o Poder Primordial. Peça-Me uma graça.’ Yashoda disse: ‘Não quero Brahmajnana. Por favor conceda-me apenas que eu possa ver a forma de Gopala em minha meditação, ter a companhia dos devotos de Krishna, sempre servir os devotos de Deus e cantar o nome e glórias de Deus.’”

“Uma vez as gopis sentiram um grande desejo de ver as formas do Senhor. Então Krishna mandou-as mergulhar nas águas do Jamuna. Mal mergulharam, chegaram todas ao Vainkuntha. Ali viram a forma do Senhor dotada dos seis esplendores celestiais. Mas não gostaram. Disseram a Krishna: ‘Queremos ver Gopala e servi-Lo. Por favor concede-nos somente essa graça. Não queremos mais nada.’

“Depois de Sua partida para Mathura, Krishna quis dar o Conhecimento de Brahman às gopis. Disse-lhes: ‘Moro tanto no interior, como no exterior de todos os seres. Por que devem ver somente uma de Minhas formas?’ As gopis gritaram em coro: ‘Ó Krishna, Tu queres afastar-Te de nós? É por isso que nos está instruindo em Brahmajnana?’

“O senhor conhece a atitude das gopis? É esta: ‘Somos de Radha e Radha é nossa.’”<sup>10</sup>

Um devoto: “Esse ‘eu’ do devoto nunca desaparece totalmente?”

Mestre: “Sim, desaparece com o tempo. Obtém-se então, o Conhecimento de Brahman, e entra-se em samadhi. Também o perdi, mas não todo o tempo. Na escala musical há sete notas: as, re, ga, ma, pa, dha e ni. Não se pode manter a voz em ni, durante muito tempo. Deve-se trazê-la de novo, para as notas mais baixas. Oro à Mãe Divina, ‘Ó Mãe, não me dês Brahmajnana.’ Antigamente aqueles que acreditavam em Deus com forma, costumava visitar-me muito. Então os modernos Brahmajnani<sup>11</sup> começaram a chegar. Naquela época costumava permanecer inconsciente, em samadhi a maior parte do tempo. Sempre que retornava à consciência do mundo, dizia à Mãe Divina, ‘Ó, por favor, Mãe, não me dês Brahmajnana.’

Pundit: “Deus escuta nossas orações?”

Mestre: “Deus é o Kalpataru, a Árvore que Satisfaz Todos os Desejos. Certamente o senhor conseguirá o que quiser d’Ele, mas deve orar perto do Kalpataru. Só então sua prece será atendida. Deve lembrar-se de outra coisa. Deus conhece nosso anseio interior. Um homem obtém a satisfação do desejo que acalenta, ao praticar sadhana. Como se pensa, assim se recebe. Um mágico estava apresentando seus truques, diante de um rei: de vez em quando exclamava: ‘Venha a confusão! Venha a ilusão! Ó rei, dê-me dinheiro! Dê-me roupas!’ Subitamente sua língua virou para cima e prendeu-se no palato. Experimentou kumbhaka. Não podia pronunciar nem uma palavra, nem um som e ficou imóvel. As pessoas pensavam que ele estivesse morto. Construíram uma armação de tijolos e enterraram-no como estava. Depois de mil anos, alguém cavou a armação. Dentro encontraram um homem sentado em samadhi. Tomaram-no por um santo e o adoraram. Quando o sacudiram sua língua afrouxou-se e ele voltou à posição normal. O mágico tornou-se consciente do mundo exterior e gritou, como há mil anos atrás, ‘Venha a confusão! Venha a ilusão! Ó rei, dê-me dinheiro! Dê-me roupas!’

“Eu costumava chorar, orando à Mãe Divina: ‘Ó Mãe, destrói com Teu trovão minha tendência ao raciocínio.’

Pundit: “O senhor também teve tendência a raciocinar?”

Mestre: “Sim, uma vez.”

Pundit: “Então, por favor, diga-nos que nos livraremos dessa inclinação, também. Como o senhor livrou-se da sua?”

<sup>10</sup> O ideal das gopis não era fundir-se na Consciência de Deus, mas manter sua individualidade a fim de desfrutar a comunhão de Radha e Krishna. Olhavam-se como companheiras de Radha.

<sup>11</sup> Membros do Brahma Samaj, que acreditavam em Brahman sem forma.

Mestre: “Ó, de um jeito ou de outro.”

Shri Ramakrishna ficou silencioso por uns instantes. Logo continuou a conversa.

Mestre: “Deus é Kalpataru. Deve-se orar próximo dela. Assim, obter-se-á o que quer que se deseje.

“Quantas coisas Deus criou! Infinito é Seu universo, mas que necessidade tenho de conhecer todos Seus esplendores infinitos! Se eu tiver que conhecê-los, deixe-me primeiro realizá-Lo. Então o próprio Deus me dirá tudo a respeito deles. Que necessidade tenho de conhecer quantas casas e quantas ações do governo Jadu Mallick possui? Tudo de que necessito é conversar com ele. Posso conseguir vê-lo saltando sobre um vale, ou através de uma petição ou depois de ter sido empurrado por seu porteiro. Uma vez que tenha conseguido falar, ele mesmo me dirá tudo a respeito de suas posses, se eu lhe perguntar. Se uma pessoa relacionar-se com o dono, é respeitado também, pelos seus funcionários. (*Todos riem*).

“Há alguns que não se interessam em conhecer os esplendores de Deus. Que me importa quantos galões de vinho há na taverna? Uma garrafa me será suficiente. Por que deveria desejar o conhecimento dos esplendores de Deus? Estou intoxicado com o pouco de vinho que bebi.

“Ambas bhakti e jnana yoga são caminhos pelos quais pode-se realizar Deus. Qualquer caminho que escolher, certamente O realizará. O caminho da bhakti é um caminho fácil. O caminho do Conhecimento e discriminação é muito difícil. Por que se deveria raciocinar tanto para saber o melhor caminho? Falei sobre isto com Vijay por muitos dias. Uma vez falei-lhe sobre um homem que costumava orar, ‘Ó Deus, revela-me quem e o que Tu és.’

“O caminho do Conhecimento e da discriminação é, na verdade, difícil. Parvati, a Mãe Divina, revelou Suas várias formas a Seu pai, e disse, ‘Pai, se quiseres Brahmajnana, viva, na companhia dos santos.’

Brahman não pode ser descrito em palavras. Diz-se no *Rama Gita* que Brahman foi descrito apenas indiretamente, pelas escrituras. Quando se fala da ‘vila pastora no Ganges’, está-se dizendo, de uma forma indireta, que a vila está situada *às margens* do Ganges.

“Por que um homem não seria capaz de realizar o Brahman sem forma? Mas é extremamente difícil. Não consegue enquanto tiver o mais leve traço de mundanismo. Pode estar diretamente consciente de Brahman em sua consciência mais íntima, somente quando renunciar a todos os objetos dos sentidos - forma, paladar, olfato, tato e som - e quando sua mente parar completamente de funcionar. Aí então, saberá que somente Brahman existe..”

Citando um *Upanishad*, o pundit disse, “Deve ser experimentado só como Existência.”

Mestre: “A fim de realizar Deus, um devoto deve ter uma atitude particular - a atitude de ‘herói’, de amigo, de atendente ou de filho.”

“Mani Mallick: “Só então pode-se sentir atraído para Deus.”

Mestre: “Durante muitos dias alimentei o sentimento de que era companheira da Mãe Divina. Costumava dizer: ‘Sou uma atendente da Brahmamayi, a Mãe Bem-aventurada. Ó companheiras da Mãe Divina, tornem-se uma atendente da Mãe! Irei orgulhosamente dizendo, ‘Sou uma atendente da Brahmamayi!’ ”

“Algumas almas realizam Deus sem praticar qualquer disciplina espiritual. São chamadas nityasiddha, *eternamente* perfeitas. Aquelas que realizam Deus através de austeridade, japa e outras disciplinas, são chamadas sadhanasiddha, perfeitas pela disciplina espiritual. Também há as kripasiddhas, perfeitas pela *graça divina*. Essas últimas podem ser comparadas a um aposento mantido no escuro durante mil anos, que se torna iluminado no momento em que um lampião é aí aceso.

“Há também, uma espécie de devotos, os hathasiddhas, quer dizer, aqueles que subitamente alcançaram a visão de Deus. Sua situação é semelhante a de um pobre rapaz que, subitamente, foi favorecido por um homem rico. Casa a filha com o rapaz, e com isso, dá-lhe terras, casa, carruagem, empregados e tudo o mais.

“Há ainda outros devotos, os svapnasiddhas, que tiveram a visão de Deus num *sonho*.”

Surendra (sorrindo): “Vamos então dormir. Despertaremos e nos encontraremos como se fôssemos Babus, aristocratas.”

Mestre (*afetuosamente*): “Você é um Babu. Quando se acrescenta a letra ‘a’ à letra ‘k’, torna-se ‘ka’. É inútil pôr um outro ‘a’. Se o fizer, continuará o mesmo ‘ka’. (*Todos riem*).

‘O nityasiddha é uma classe à parte. É como a madeira arani <sup>12</sup>. Com um simples faísca, pode-se obter fogo sem friccionar. O nityasiddha realiza Deus, praticando pouca disciplina espiritual, e às vezes, mesmo sem nenhuma. Mas ele continua a praticar depois de realizar Deus. É como a cabaça ou a moranga - primeiro o fruto, depois a flor.’

O pundit sorriu com esta ilustração.

Mestre: “Veja o exemplo de Prahlada. Era um nityasiddha. Quando escrevia a letra ‘k’ derramava uma torrente de lágrimas.”<sup>13</sup>

O Mestre gostou da humildade do pundit e o elogiou aos devotos.

Mestre: “Ele tem uma linda natureza. Não há dificuldade de se colocar um prego numa parede de barro, mas a ponta quebra ao se tentar pregá-lo numa parede, e assim mesmo, ele não consegue penetrá-la. Há pessoas cuja consciência espiritual não está de todo despertada, embora ouçam mil vezes, falar de Deus. São como crocodilos cujo couro não se pode cortar nem com uma espada.

Pundit: “Mas pode-se ferir um crocodilo jogando-se uma lança em sua barriga.”

Mestre (sorrindo): “Qual a vantagem em ler muito as escrituras? Qual o bem no estudo da filosofia? Qual a utilidade de ser grande? Para aprender a arte de manejar arco e flecha, deve-se em primeiro lugar, mirar uma bananeira, em seguida um caniço, depois um pavio e por fim, um pássaro voando. No início devemos nos concentrar em Deus com forma.

“Há devotos que estão além dos três gunas. São eternamente dedicados a Deus, como Narada. Esses devotos contemplam Krishna como Chinmaya, todo Espírito, Sua morada como Chinmaya, Seus devotos como Chinmaya. Para eles Deus é eterno. Sua morada é eterna, Seu devoto é eterno.

“Aqueles que raciocinam e especulam seguindo o processo de ‘Neti, Neti’, não aceitam a Encarnação de Deus. Hazra diz bem que a Encarnação Divina é somente para o bhakta, e não, para o jnani, pois o jnani está satisfeito com seu ideal, ‘Sou Ele’.

Shri Ramakrishna e os devotos fizeram silêncio por algum tempo. O pundit prosseguiu.

Pundit: “Senhor, como podemos livrar-nos da calosidade? (*Risada*) Fez-me lembrar de músculos e nervos. Tristeza faz-me pensar no sistema nervoso.”

Mestre (*sorrindo*): “É por isso que Narayan Shastri costumava dizer, ‘O efeito prejudicial do estudo das escrituras, é que encoraja o raciocínio e a argumentação.’”

Pundit: “Então não há nenhum caminho para nós?”

Mestre: “Sim, há o caminho da discriminação. Aparece numa canção, o verso, ‘Pergunte a seu filho Discriminação a respeito da Verdade’?”

“O caminho está na discriminação, renúncia e anelo apaixonado por Deus. Se um homem não praticar discriminação, não poderá pronunciar as palavras certas. Uma vez, depois de ter exposto a religião de forma ampla, o Pundit Samadhyaya disse, ‘Deus é seco’. Ele me fez recordar o homem que uma vez dissera, ‘O curral de meu tio está cheio de cavalos’. Ora, será que alguém guarda cavalos no curral? (*Com um sorriso*): O senhor tornou-se um chana-bara <sup>14</sup> frito na manteiga. Será bom para o senhor e para os outros também, se ficassem mergulhados na calda por uns dias. Somente uns poucos dias.”

Pundit (*sorrindo*): “O doce está frito demais. Ficou torrado.”

Mestre (*com uma risada*): “Não! Não! Está marrom como uma barata. É exatamente a cor certa.”

Hazra: “O doce está bem cozido. Tornou-se esponjoso. Agora absorverá a calda muito bem.”

Mestre: “Veja, não há necessidade de ler demais as escrituras. Se o senhor ler muito, se sentirá inclinado a raciocinar e discutir. Nangta ensinava-me assim: ‘O que se obtém ao repetir a palavra ‘Gita’ dez vezes, é a essência do livro. Em outras palavras, se repetir “Gita’ dez vezes, a palavra será revertida em ‘tagi’, que significa renúncia.

<sup>12</sup> Pedaco de madeira usado para acender o fogo sagrado por fricção.

<sup>13</sup> A letra ‘k’ lembrava a Prahlada, sua Divindade Escolhida, Krishna.

<sup>14</sup> Doce bengali feito de queijo, primeiro frito na manteiga, e em seguida, mergulhado na calda.

“Sim, o meio de realizar Deus é através da discriminação, renúncia e anelo por Ele. Que tipo de anelo? Deve-se ansiar por Deus como a vaca, que ansiosamente corre atrás do bezerro.”

Pundit: “O mesmo dizem os Vedas, ‘Ó Deus chamamos por Ti, como a vaca que muge pelo bezerro’.”

Mestre: “Junte suas lágrimas ao seu anseio. Se o senhor puder renunciar tudo através da discriminação e desapego, será capaz de ver Deus. Esse desejo intenso leva à embriaguez de Deus, quer o senhor siga o caminho do Conhecimento ou da Devoção. Sábio Durvasa estava louco com o Conhecimento de Deus.

“Há uma grande diferença entre o conhecimento de um chefe de família e o de um sannyasi que renunciou a tudo. O conhecimento de um chefe de família é como a luz de um lampião, que ilumina somente o interior de um aposento. Com a ajuda de tal conhecimento, ele não pode ver nada, a não ser seu próprio corpo e sua família próxima. Mas o conhecimento de um monge que a tudo renunciou, é como a luz do sol. Com esta luz ele pode ver tanto o interior como o exterior do aposento. O conhecimento de Chaitanyadeva tinha o brilho do sol - o sol do Conhecimento. Além do mais, irradiava a doce luz da lua da Devoção. Ele era dotado de ambos - Conhecimento de Brahman e amor a Deus.

(Ao pundit): “Pode-se alcançar consciência espiritual através de ambas, afirmação e negação. Há o caminho positivo do amor e da devoção, e há o caminho negativo do conhecimento e da discriminação. O senhor prega o caminho do conhecimento, mas isto cria uma situação difícil; aí o guru e o discípulo não se vêem um ao outro. Shukadeva foi ter um com Janaka, para instrução do Conhecimento de Brahman. Janaka disse-lhe: ‘Você tem que me pagar os honorários de antemão. Quando alcançar o Conhecimento de Brahman, não me pagará os honorários porque o Conhecedor de Brahman não vê diferença ente o guru e o discípulo.

“Tanto a negação como a afirmação são meios para realizar o mesmo objetivo. Infinitas são as opiniões e infinitos os meios, mas o senhor deve recordar-se de uma coisa. Prescreve-se que o caminho da devoção descrito por Narada é o mais adequado para o Kaliyuga. Segundo este caminho, primeiro vem bhakti; em seguida bhava, quando bhakti está madura. Mais elevadas que bhava são mahabhava e prema. Um mortal comum não atinge mahabhava e prema. Aquele que alcançou estes estados, realizou o objetivo, isto é, atingiu Deus.”

Pundit: “Para expor a religião deve-se usar um grande número de palavras.”

Mestre: “Quando pregar, elimine a ‘cabeça e a cauda’, quer dizer, dê ênfase apenas às coisas essenciais.”

O pundit e Mani Mallick começaram a conversar. Mani era membro do Brahma Samaj. O pundit discutia com veemência sobre os lados bom e mau do Samaj. Shri Ramakrishna estava sentado no pequeno divã, observando-o e sorrindo. Então comentou: “Este é o aspecto tamásico de sattva, a atitude de herói. É necessário. Não se deve segurar a língua ante a injustiça e inverdade. Suponhamos que uma mulher má queira tirá-lo do caminho da retidão. Deve-se assumir a atitude heróica e dizer: ‘O que? Sua bruxa! Como ousa prejudicar minha vida espiritual? Vou cortá-la em duas, agora mesmo’.”

Com um sorriso Shri Ramakrishna disse ao pundit: “Mani Mallick vem seguindo a orientação do Brahma Samaj, há muito tempo. O senhor não pode convertê-lo às suas idéias. É fácil destruir velhas tendências? Uma vez houve um hindu muito piedoso, que sempre adorava a Mãe Divina e cantava Seu nome. Quando os muçulmanos conquistaram o país, obrigaram-no a abraçar o islamismo. Disseram-lhe: ‘Agora você é um muçulmano. Diga ‘Alá’. Daquele dia em diante passou a repetir a palavra ‘Alá’, mas de vez em quando lhe escapava o nome ‘Jagadamba’<sup>15</sup>. Os muçulmanos estavam prestes a bater nele. Por isso ele disse: ‘Eu lhes suplico! Por favor, não me matem. Venho fazendo o melhor que posso para repetir nome de Alá, mas nossa Jagadamba dominou minha garganta, Ela empurra para fora o seu Alá’. (Todos riem).

(Ao pundit): “Por favor, não diga nada a Mani Mallick. O senhor deve saber que há diferentes gostos. Há, também, diferentes capacidades de digestão. Deus fez distintas religiões e

<sup>15</sup> “A Mãe do Universo”, um dos nomes da Mãe Divina.

credos para diferentes aspirantes. De jeito algum, nem todos estão preparados para o Conhecimento de Brahman, portanto, foi estabelecida a adoração de Deus com forma.

“A mãe compra um peixe para os filhos. Faz peixe ao curry com uma parte, com outra ela frita e com o restante, faz pilau. Nem todos podem digerir pilau. Assim ela faz sopa de peixe para aqueles que têm estômago delicado. Além disso, alguns querem-no em forma de pickle ou frito. Há diferentes temperamentos. Há diferenças na capacidade de compreensão.

Todos estavam em silêncio. Shri Ramakrishna disse ao pundit: “Vá visitar os templos e dar uma volta pelo jardim.” Eram aproximadamente cinco e meia da tarde. O pundit deixou o aposento com os amigos e vários devotos.

Depois de um certo tempo, o Mestre com M. foi ao ghat de banho no Ganges. Disse a M.: “Baburam agora diz, ‘O que ganho com o estudo?’ ” Na margem do rio encontrou-se com o pundit e perguntou-lhe: “Não vai ao templo de Kali?” O pundit respondeu: “Sim, senhor. Vamos juntos.”

Rosto sorridente, Shri Ramakrishna dirigiu-se ao templo, atravessando o pátio: “Ouça a canção”:

É Kali, minha Mãe Divina, realmente negra?  
Desnuda da cor mais negra.  
Ilumina o Lótus do Coração. ...

Enquanto atravessava o pátio, citou para o pundit, um trecho de uma canção:

Acendendo o lampião do Conhecimento na câmara do seu coração,  
Contemple o rosto da mãe, a Personificação de Brahman.

Chegaram ao templo. Shri Ramakrishna saudou a Mãe Divina, tocando o chão, com a testa.

Flores de hibisco vermelhas e folhas de vilwa adornavam os pés da Mãe. Seus olhos irradiavam amor por Seus devotos. Duas de Suas mãos estavam levantadas, como que para dar-lhes graças e confiança: as outras duas seguravam os símbolos da morte. Vestia um sari de Benares e estava enfeitada de jóias.

Referindo-se à imagem, uma das pessoas do grupo, comentou: “Ouvi falar que foi feita pelo escultor Nabin.” O Mestre respondeu: “Sim, eu sei, mas para mim, Ela é a Personificação do Espírito.”

Quando Shri Ramakrishna voltava para o aposento com os devotos, disse a Baburam: “Venha conosco.” M. também juntou-se a eles.

Era o entardecer. O Mestre estava sentado no pórtico semicircular oeste do quarto. Baburam e M. sentaram-se junto dele. Estava em êxtase parcial.

Rakhal não estava morando com Shri Ramakrishna, e por isso, o Mestre tinha dificuldade com seu serviço pessoal. Diversos devotos viviam com ele, mas ele não podia suportar o contato com qualquer um, durante seus estados espirituais. Sugeriu a Baburam: “Fique comigo. Vai ser muito agradável. Nesse estado não posso permitir que outros me toquem.”

O pundit entrou no quarto do Mestre, depois de visitar os templos. O Mestre disse-lhe do pórtico, “Tome alguma coisa.” O pundit disse que ainda não havia feito sua prática da tarde. Imediatamente Shri Ramakrishna ficou de pé e cantou, em êxtase:

Por que eu deveria ir a Ganga ou Gaya, a Kashi, Kanchi ou Prabhas,  
Enquanto eu puder dar meu último suspiro com o nome de Kali em meus lábios?  
Qual a necessidade de rituais tem um homem, por que mais práticas espirituais,  
Se ele repetir o nome da Mãe nas três horas sagradas? ...

Embriagado com o amor extático, o Mestre disse: “Por quanto tempo deve-se fazer práticas espirituais? Enquanto a mente não se fundir em Deus ao repetir Om.”

Pundit: ‘Vou comer algo. Farei a prática mais tarde.’

Mestre: “Não, não desejo obstruir a corrente de sua vida. Não é bom renunciar alguma coisa, antes da hora. Quando o fruto amadurece, a flor cai por si mesma. Não se deve arrancar com força o galho verde do coqueiro. Danifica a árvore.”

Surendra estava pronto para ir embora. Convidou seus amigos para irem na sua carruagem. O Mestre, ainda em êxtase, disse, “Não leve mais pessoas do que seu cavalo pode puxar.” Surendra despediu-se de Shri Ramakrishna. O pundit saiu do quarto para fazer sua prática espiritual. M. e Baburam saudaram o Mestre. Já era hora de irem para Calcutá. Shri Ramakrishna continuava em êxtase.

Mestre (*a M.*): “Não posso pronunciar uma palavra agora. Fique mais alguns minutos.”

M. sentou-se de novo e esperou a ordem do Mestre. Shri Ramakrishna fez sinal a Baburam para se sentar, e pediu-lhe para abaná-lo um pouco. M. também participou deste serviço pessoal ao Mestre.

Mestre (*a M. com ternura*): “Por que agora você não vem aqui com tanta frequência?”

M.: “Por nenhuma razão especial. Tenho estado muito ocupado em casa.”

Mestre: “Ontem conheci a natureza interna de Baburam. É por isso que tenho tentado persuadi-lo a que venha viver comigo. A mãe passarinho choca o ovo na época certa. Rapazes como Baburam são puros de coração. Ainda não caíram nas garras de ‘mulher e ouro’. Não é?”

M.: “É verdade, senhor. São ainda sem mácula.”

Mestre: “São como um pote novo. O leite que é colocado ali, não fica azedo.”

M.: “Sim, senhor.”

Mestre: “Preciso de Baburam aqui. Passo por certos estados espirituais quando então necessito de alguém como ele. Diz que não deve agora viver permanentemente comigo, pois isto lhe trará dificuldades. Seus parentes criarão problemas. Estou pedindo que venha aqui aos sábados e domingos.”

O pundit entrou no quarto com os amigos. Havia terminado de fazer suas orações e ia comer alguma coisa. Um dos seus companheiros perguntou ao Mestre: “Vamos ser bem sucedido na vida espiritual? Por favor diga-nos qual o nosso caminho.”

Mestre: “Todos vocês têm anelo de liberação. Se um aspirante tem desejo ardente, isso é suficiente para que realize Deus. Não coma nada da ‘cerimônia do sraddha’<sup>16</sup>. Viva no mundo como uma mulher livre. Ela faz todas as tarefas domésticas com muita atenção, mas a mente mora dia e noite no amante. Cumpra suas obrigações no mundo, mas mantenha a mente sempre fixa em Deus.”

O pundit acabou de comer.

Mestre (*ao pundit*): “O senhor sem dúvida, leu o *Gita*. Está dito ali que há um poder especial de Deus no homem que é honrado e respeitado por todos.”

O pundit citou o verso do *Gita*.

Mestre: “O senhor certamente possui poder divino.”

Pundit: “Tenho que trabalhar com perseverança até terminar a tarefa que aceitei?”

Shri Ramakrishna parece que ia que dizer ‘sim’, mas logo mudou de assunto.

Mestre: “Tem-se que admitir a manifestação de poder. Vidyasagar uma vez me perguntou: ‘Deus deu mais poder a uns dos que a outros?’ Disse-lhe: ‘Certamente. Do contrário, como pode um homem matar cem pessoas? Se não há manifestação especial de poder, então por que a Rainha Vitória é tão honrada e respeitada? O senhor não admite isto?’ Ele concordou comigo.”

O pundit e seus amigos saudaram o Mestre e já estavam de saída, quando Shri Ramakrishna disse ao pundit: ‘Volte outra vez. Um fumante de cânhamo gosta da companhia de outro fumante de cânhamo. Chegam até se abraçar, mas escondem-se dos outros que não sejam como eles. A vaca lambe o corpo do bezerro, mas ameaçam uma vaca estranha, com seus chifres.’ (*Todos riem*).

O pundit deixou o aposento. Com um sorriso, o Mestre falou: “Ele se ‘derreteu’ num só dia. Reparou como é modesto? Aceitou tudo o que eu disse.”

O luar inundava o pátio. Shri Ramakrishna continuava sentado. M. estava de saída.

Mestre (*afetuosamente*): “Você tem que ir agora?”

M.: “Sim, senhor. Vou dizer-lhe adeus.”

<sup>16</sup> Oferenda de comida e bebida a parentes falecidos, especialmente, os ancestrais.

Mestre: “Tenho pensado em visitar a casa dos devotos. Também quero ir na sua. O que me diz?”

M.: “Isso será muito bom.”

*Quinta-feira, 3 de julho de 1884*

Shri Ramakrishna estava sentado na casa de Balaram Bose, em Calcutá. Era o dia do “Festival da Volta do Carro”. O Senhor do Universo era adorado na casa de Balaram em Jagannath. Havia um pequeno carro na casa, para uso durante o Festival do Carro.

O pai de Balaram era um piedoso vaishnava, que dedicava a maior parte do tempo à oração e à meditação, em sua chácara em Vrindavan. Também estudava livros religiosos e apreciava a companhia dos devotos. Balaram trouxera o pai a Calcutá para conhecer o Mestre.

Shri Ramakrishna estava muito feliz. Sentado perto dele estavam Ram, Balaram, o pai de Balaram, M., Manomohan e vários devotos jovens.

Mestre (*ao pai de Balaram e outros*): “*Bhaktamala* é um dos livros vaishnavas. É um livro excelente. Descreve a vida de diversos devotos vaishnavas, mas é unilateral. Num trecho o autor encontrou paz de espírito somente depois de obrigar Bhagavati, a Mãe Divina, a dar Sua iniciação de acordo com a disciplina vaishnava.

“Uma vez enalteci Vaishnavcharan a Mathur e o persuadi a convidá-lo a ir à sua casa. Mathur recebeu-o com muita cortesia. Serviu-lhe em travessas de prata. Sabe o que aconteceu? Vaishnavcharan disse na frente de Mathur: ‘O senhor não alcançará nada na vida espiritual a não ser que aceite Krishna como seu Ideal’. Mathur era seguidor do culto shakta e adorador da Mãe Divina. Na mesma hora seu rosto ficou vermelho. Cutuquei Vaishnavcharan.

“Compreendo que o *Bhagavata* também contém algumas afirmações como essa. Soube que lá está escrito que tentar cruzar o oceano do mundo sem aceitar Krishna como Divindade Ideal, é como tentar atravessar um grande mar, segurando-se na cauda de um cachorro. Cada seita aumenta seu ponto de vista.

“Os shaktas, também, tentam diminuir os vaishnavas. Os vaishnavas dizem que só Krishna é o Timoneiro que leva uma pessoa através do oceano do mundo. Os shaktas retrucam: “Ó sim! Concordamos com isto. Nossa Mãe Divina é a Imperatriz do Universo. Por que Ela deveria aborrecer-se a respeito de um barco? Por isso Ela contratou aquele sujeito Krishna para esse propósito’. (*Todos riem*).

“Além disso, como as pessoas são vãs a respeito de suas próprias seitas! Há tecelões nos vilarejos perto de Kamarpukur. Muitos são vaishnavas e gostam de falar alto. Dizem: ‘Que Vishnu ele adora? O Preservador? Ó, nós não o tocaríamos!’ Ou: ‘De que Shiva você está falando? Aceitamos o Atmarama Shiva’. Ou então, ‘Por favor explique qual Hari você adora’. Enquanto tecem, alimentam tais conversas.

“A mãe de Rati, confidente favorita de Rani Katyayani é uma seguidora de Vaishnavcharan. É uma vaishnava beata. Costumava visitar-me com muita frequência e ninguém podia ultrapassá-la em sua devoção. Um dia notou que eu comia prasad do templo de Kali. Desde então nem sua sombra eu vi mais.

“É realmente um verdadeiro homem aquele que harmonizou tudo. A maioria das pessoas são unilaterais, mas acho que todas as opiniões apontam para o Uno. Todos os pontos de vista – shakta, vaishnava, Vedanta – possuem esse Uno como centro. Aquele que é sem forma é, também, dotado de forma. É Ele que aparece em diferentes formas, ‘O Brahman sem atributos é meu Pai. Deus com atributos é minha Mãe. A quem se deve culpar? A quem devo louvar? Os dois pratos da balança são igualmente pesados.’

“Aquele que está descrito nos Vedas, está também descrito nos Tantras e Puranas. Todos falam de um único Satchidananda. Nitya e Lila são os dois aspectos de uma mesma Realidade. Ela está descrita nos Vedas como ‘Om Satchidananda Brahman’, nos Tantras como ‘Om Satchidananda Shiva’, o sempre puro Shiva e nos Puranas, como ‘Om Satchidananda Krishna’. Todas as escrituras, os Vedas, os Puranas e os Tantras só falam de um único Satchidananda. Está dito nas escrituras vaishnavas que foi o Próprio Krishna que Se tornou Kali.”

Shri Ramakrishna foi ao pórtico por alguns minutos e então, voltou. Quando estava saindo, a filha de Vishvamvhar, de seis ou sete anos, saudou-o. Regressando ao quarto, o Mestre começou a conversar com a menina e suas amigas, todas da mesma idade.

A criança (*ao Mestre*): “Eu o saudei e o senhor nem reparou.”

Mestre (*sorrindo*): “Ah ? Realmente não reparei.”

A criança: “Então espere. Quero saudá-lo de novo – o outro p também.”

Shri Ramakrishna riu e sentou-se. Retribuiu a saudação e inclinou-se ante a criança, tocando o chão com a testa. Ele pediu-lhe que cantasse. A criança disse, “Juro que não canto”. Quando o Mestre a pressionou de novo, disse, “Deveria o senhor me pressionar tanto, quando eu disse ‘juro’?” O Mestre estava muito contente com as crianças e entoou canções leves e frívolas para entretê-las.

Cantou:

Venha, deixe-me ajeitar seu cabelo,  
Senão seu marido a repreender  
Quando olhar para você!

As crianças e os devotos riram.

Mestre (*aos devotos*): “O paramahansa  como uma criança de cinco anos. V tudo preenchido com Consciência. Uma vez estava em Kamarpukur, quando Shivaram<sup>17</sup>, que estava com quatro ou cinco anos, tentava apanhar gafanhotos no lago. As folhas moviam-se ao vento,. A fim de parar seu movimento, ele lhe disse: ‘Psiu! Psiu! Quero pegar um gafanhoto.’ Outro dia desabou uma tempestade. Chovia forte. Shivaram estava comigo, dentro de casa. Havia relâmpagos, por todos os lados. Ele quis abrir a porta para sair. Repreendi-o e não deixei que o fizesse, mas ainda assim, olhava para fora, de vez em quando. Ao ver o relâmpago, exclamou: ‘Olha, tio! Estão riscando fósforos outra vez!’

“O paramahansa  como uma criança. Não distingue entre um estranho e um parente. Não se fixa muito nos relacionamentos mundanos. Um dia Shivaram disse-me: ‘Tio, o senhor  irmão do meu pai ou seu cunhado?’

O paramahansa  como uma criança. V tudo como Brahman. É indiferente aos seus próprios movimentos. Shivaram foi  casa de Hriday, para assistir ao Durga Puja. Saiu de casa e foi andar pela rua. Um passante viu a criança, de apenas quatro anos de idade, ‘De onde você vem?’ Ele não sabia falar muitas coisas, pronunciava somente “cabana”. Referia-se  grande cabana, na qual a imagem da Mãe Divina era adorada. O estranho ainda lhe perguntou, ‘Com quem você vive?’ Disse apenas a palavra ‘irmão’.

“s vezes um paramahansa comporta-se como um louco. Quando experimentava loucura divina, eu tinha o hábito de adorar meu próprio órgão sexual, como se fosse o falo de Shiva. Mas não posso fazer isto mais. Alguns dias depois da consagração do templo de Dakshineswar, chegou um louco que, na verdade, era um sábio dotado de Conhecimento de Brahman. Tinha uma forquilha de bambu em uma das mãos, e uma muda de mangueira num vaso, na outra. Usava sapatos rotos. Não seguia qualquer convenção social. Depois de se banhar no Ganges, não fazia nenhum rito religioso. Comia qualquer coisa que carregava na dobra da roupa. Entrou no templo de Kali e cantou hinos  Deusa, O templo tremia, Haladhari estava no santuário. Proibiram ao louco comer na casa de convidados, mas ele não prestou atenção a este detalhe. Procurou comida no lixo, onde os cachorros comiam, as sobras dos pratos e folha. De vez em quando empurrava os cachorros, para apanhar as sobras. Os cachorros também não se importavam. Haladhari seguiu-o e perguntou: ‘Quem é você? Um purnajnani?’<sup>18</sup>. O louco sussurrou: ‘Psiu! Sim, sou um purnajnani.’ Meu coração começou a palpitar quando Haladhari me contou o fato. Abracei-me a Hriday e disse  Mãe Divina, ‘Mãe, será que tenho também que passar por tal estado?’ Fomos todos ver o homem. Falou palavras de grande sabedoria, mas comportava-se como um louco diante dos outros. Haladhari seguiu-o a uma longa distância, quando ele deixou o jardim. Depois de ter passado pelo portão, disse a

<sup>17</sup> Sobrinho do Mestre.

<sup>18</sup> Perfeito conhecedor de Brahman.

Haladhari: ‘O que mais vou lhe dizer? Quando você não mais fizer distinções entre a água deste lago e a água do Ganges, então saberá que já tem Conhecimento Perfeito.’ Dizendo isso partiu apressadamente.”

Shri Ramakrishna começou a conversar com M. Estavam presentes outros devotos.

Mestre (*a M.*): “O que você sente a respeito de Shashadhar?”

M.: “É muito bom.”

Mestre: “É muito inteligente, não é?”

M.: “Sim, senhor. É verdadeiramente um erudito.”

Mestre: “De acordo com o *Gita* há um poder de Deus naquele que é respeitado e honrado por muitos. Mas Shashadhar ainda tem algumas coisas a fazer. O que ele fará com uma simples erudição? Tem que praticar alguma austeridade e disciplina espiritual.

“O Pundit Gauri praticou austeridade. Quando cantava hinos à Mãe Divina, os outros pundits pareciam meros vermes.

“Narayan Shastri não era um simples erudito. Também praticou disciplina espiritual. Estudou vinte e cinco anos ininterruptos. O sistema Nyaya ocupou-lhe sete anos. Não obstante entrava em êxtase ao repetir o nome de Shiva. O rei de Jaipur quis nomeá-lo pundit de sua corte, mas Narayan recusou. Costumava passar muito tempo aqui. Desejava muito ir ao Vasishttha Ashrama para praticar tapasya. Muitas vezes falou-me sobre isto, mas o proibi. A isto ele disse: ‘Quem sabe quando vou morrer? Quando praticarei sadhana? Qualquer dia posso desaparecer.’ Depois de muita insistência de sua parte, deixei-o ir. Alguns dizem que está morto, que morreu praticando austeridade. Outros dizem que ainda está vivo e que o viram num trem.

“Antes de encontrar Keshab, pedi a Narayan Shastri para visitá-lo e dizer-me o que pensava dele. Narayan disse-me que Keshab era adepto de japa. Conhecia astrologia e salientou que havia nascido sob o signo de uma boa estrela. Fui, então, visitar Keshab, na chácara de Belgharia. Hriday acompanhou-me. No momento em que vi Keshab. Disse: ‘Entre todas as pessoas que vejo aqui, ele é o único que deixou cair a cauda. Agora pode viver tanto na terra, como na água, como uma rã.’

“Keshab mandou três membros do Brahma Samaj ao templo de Dakshineswar para me testar. Prasanna era um deles. Estavam encarregados de me vigiar dia e noite e relatar a Keshab. Estavam no meu quarto e tinham intenção de passar a noite ali. Contentemente murmuravam a palavra ‘Dayamaya’<sup>19</sup>, e diziam-me: ‘Siga Keshab Babu. Isto lhe fará bem.’ Disse-lhes: ‘Creio em Deus com forma.’ Mesmo assim continuavam com suas exclamações de ‘Dayamaya!’ Então fui tomado por um estranho estado. Disse-lhes: ‘Saíam daqui!’ Não permiti que passassem a noite em meu quarto. Por isso dormiram na varanda. O Capitão também passou a noite no templo, quando veio me visitar pela primeira vez.

“Michael<sup>20</sup> visitou o templo quando Narayan Shastri estava morando comigo. Dwarka Babu, filho mais velho de Mathur, trouxe-o aqui. Os proprietários do templo queriam dar entrada numa ação legal contra os proprietários do depósito de pólvora vizinho; por isso desejavam o conselho de Michael. Encontrei-o na grande sala contígua ao escritório do administrador. Narayan Shastri estava comigo. Pedi a Narayan para falar com ele. Michael não sabia falar muito bem em sânscrito. Cometeria erros. Conversaram no dialeto popular. Narayan Shastri perguntou-lhe porque havia abandonado a religião hindu. Apontando para o estômago, Michael disse, ‘Foi por isso.’ Narayan disse, ‘O que vou dizer a um homem que desiste de sua religião por causa do estômago?’ Então Michael pediu-me para dizer alguma coisa. Eu disse: ‘Não sei porque, mas não tenho de dizer nada. Parece que estão segurando minha língua.’

Manomohan: “O Sr. Choudhury não virá. Ele disse: ‘Aquele sujeito Shashadhar de Faridpur estará lá. Não irei.’”

<sup>19</sup> “O Compassivo”- Os Brahmós gostam, de usar este nome de Deus que. Segundo sua crença, é sem forma, mas pessoal e dotado de atributos.

<sup>20</sup> Michael Madhusuan Dutta, advogado e um dos maiores poetas bengalis. Convertera-se ao cristianismo.

O Sr.Choudhury tinha grau de Mestrado pela Universidade de Calcutá. Ganhava trezentas a quatrocentas rupias. Depois da morte da primeira esposa sentira um intenso desapego pelo mundo, mas depois de algum tempo, casou-se de novo. Visitava com freqüência o Mestre.

Mestre: “Como é mesquinho de sua parte! É vaidoso de sua erudição. Além disso casou-se pela segunda vez. Considera o mundo uma confusão.

(*Aos devotos*): “Este apego a ‘mulher e ouro’ torna a mente do homem tacanha. Haramohan tinha bons traços, quando o conheci. Sentia sua falta. Estava com dezessete ou dezoito anos. De vez em quando eu o chamava, mas não vinha. Agora está vivendo com a esposa, longe da família. Antes vivia com o tio. Isto era muito bom. Não tinha problemas mundanos. Agora tem uma casa separada e faz o mercado de sua esposa diariamente. Outro dia veio a Dakshineswar. Eu lhe disse: ‘Vá embora. Deixe este lugar. Não sinto vontade nem de tocá-lo.’”

Shri Ramakrishna foi para os aposentos interiores, ver a Divindade a quem ofereceu flores. As senhoras da família de Balam estavam contentes em vê-lo.

O Mestre voltou para a sala de visitas e disse: “As pessoas de mente mundana, praticam esporadicamente devoções, japa e austeridade, mas as que só conhecem Deus repetem seu nome a cada alento. Alguns repetem mentalmente, ‘Om Rama’. Até os seguidores do caminho do conhecimento repetem, ‘Soham’, ‘Eu sou Ele’. Há os que permanentemente repetem o nome de Deus. Deve-se lembrar e pensar em Deus com freqüência.”

Pundit Shashadhar entrou no quarto com um ou dois amigos e saudou o Mestre.

Mestre (*sorrindo*): “Somos como noivas junto da cama, esperando o noivo.”

O pundit riu. O quarto estava cheio de devotos, entre os quais o Dr. Pratap e o pai de Balam. O Mestre continuou a conversa.

Mestre (*a Shashadhar*): “O primeiro sinal de conhecimento é uma natureza pacífica, e o segundo, é a ausência de egoísmo. O senhor tem ambos.’ Há outras indicações de um jnani. Demonstra intenso desapego na presença de um sadhu, é um leão no trabalho, por exemplo, quando dá palestras, e tem muito espírito diante da esposa (*Todos riem*).

Mas a natureza de um vijñani é bem diferente, como no caso de Chaitanyadeva. Age como um louco ou uma coisa inerte, ou como um fantasma. Quando em estado de uma criança, às vezes demonstra inocência infantil, às vezes frivolidade de um adolescente, e algumas vezes, ao instruir outras pessoas, a força de um rapaz.”

Pundit: “Com que tipo de bhakti realiza-se Deus?”

Mestre: “Há três tipos de bhakti conforme a natureza do homem: sattvica, rajásica e tamásica.

“Bhakti sattvica é dirigida somente para Deus. Não ostenta qualquer exibição exterior. O homem que tem essa devoção ama a privacidade. Talvez medite dentro do mosqueiro, onde ninguém possa vê-lo. Quando este tipo de devoção é despertada, não se tem que esperar muito pela visão de Deus. O aparecimento da aurora no leste mostra que o sol não tardará a nascer.

“Um homem com bhakti rajásica gosta de mostrar sua devoção aos outros. Adora a Divindade com ‘dezesseis ingredientes’<sup>21</sup>, entra no templo usando uma roupa de seda, e usa ao redor do pescoço um colar de contas de rudraksha entremeadas aqui e ali com contas de rubi.

“O homem com bhakti tamásica mostra a coragem e a euforia de um assaltante de estradas. O assaltante age abertamente, gritando: ‘Matar! Saquear!’ Não tem medo nem de oito inspetores de polícia. O devoto com bhakti tamásica grita como um louco: ‘Hara! Hara! Vyom! Vyom!’<sup>22</sup> Salve Kali!” Tem grande força mental e fé abrasadora.

“Um shakta tem uma fé assim: ‘O que? Pronunciei o nome de Kali e Durga uma vez! Disse somente uma vez o nome de Rama! Como pode haver qualquer pecado para mim?’

<sup>21</sup> Como prescrito nos livros de ritual hindu.

<sup>22</sup> Com tais exclamações em voz alta, o devoto de Shiva invoca sua Divindade Ideal.

Os vaishnavas têm uma atitude humilde e servil. (*Olhando para o pai de Balaram*). Passam o rosário e oram: ‘Ó Krishna, seja misericordioso! Somos infelizes! Somos pecadores!’

“Deve-se ter fé firme para dizer: ‘Pronunciei o nome de Deus. Como posso ser pecador? Imagine um homem repetindo o nome de Hari dia e noite e dizendo que é pecador!’

Assim falando, Shri Ramakrishna foi tomado de êxtase divino e cantou:-

Se apenas eu pudesse morrer repetindo o nome de Durga,  
Como podes Tu, Ó Abençoado,  
Impedir minha Liberação,  
Por mais pecador que eu tenha sido?  
Posso ter roubado uma taça de vinho, ou morto uma criança antes de nascer,  
Ou ter matado uma mulher ou uma vaca.  
Ou mesmo, causado a morte de brahmin.  
Mas apesar de tudo isso ser verdadeiro.  
Nada disso pode me fazer sentir a menor preocupação;  
Pois pelo poder de Teu doce nome  
Minha alma pecadora ainda pode aspirar  
Até o estado de Brahman.

Cantou de novo:

Contemple minha Mãe jogando com Shiva, perdida num êxtase de alegria!  
Embriagada com um trago de vinho celestial. Ela cambaleia, contudo não cai.  
Ereta, Ela fica de pé no peito de Shiva, e a terra treme ante Sua passada.  
Ela e Seu Senhor estão loucos com frenesi, ponto de lado todo medo e vergonha!

Pundit Shashadhar chorava. Vaishnavcharan, o músico, cantou:

Ó língua, repete sempre o nome da Mãe Durga!  
Quem a não ser a tua Mãe Durga te salvará na infelicidade?  
Tu és os céus e a terra, e Tu o mundo inferior;  
De Ti emergiram os doze Gopalas e Hari e Shiva  
As dez Encarnações da Shakti Divina são Tu.  
E Tu os dez Avatares; desta vez, Tu tens que me salvar?  
O que move e o que não se move, o denso e o sutil, és Tu;  
Criação e preservação és Tu, e a última dissolução.  
Tu és a raiz Primordial desse universo múltiplo;  
A Mãe dos três mundos, sua única Salvadora, és Tu;  
Tu és a Shakti de todos, e Tu a Tua própria Shakti, também.

Ao ouvir os últimos versos, o Mestre entrou em êxtase e cantou<sup>23</sup>:

Ó Mãe, para Yashoda Tu deverias dançar, quando ela Te chamou sua ‘Preciosa Jóia Azul’<sup>24</sup>  
Onde Tu escondeste aquela forma encantadora, ó terrível Shyama?  
Dança assim uma vez para mim, Ó Mãe! Joga fora Tua espada e toma a flauta;  
Despe-Te de Tua grinalda de cabeças e usa Tua grinalda de flores silvestres;  
Se sem Shiva Tu não podes dançar, então que Balarama seja Teu Shiva  
Dança Ó Shyama, como Tu dançaste quando eras Krishna!  
Mãe, toca novamente Tua flauta, outrora tão cheia de alegria para as gopis;  
Toca novamente Tua flauta mágica, chamando o gado das pastagens.  
Fazendo cessar o fluxo murmurante do Jamuna, e dirigindo-o de volta.  
Quente o sol queimava no céu, quando Yashoda, inquieta por seu Krishna,  
Amorosamente chamava: “Olha, meu Gopala! Creme e manteiga – come-os, meu Querido!”  
E ela penteava seu longo cabelo negro, e com cuidado, o trançava.  
Inclinando Teu corpo flexível, Mãe, tanto no pescoço, cintura e joelho;

<sup>23</sup> Essa canção significa a unidade de Krishna e Kali.

<sup>24</sup> “Nome carinhoso do Menino Krishna.

Tu dançaste com Teu amigo Shridama, enquanto Teus dois tornozelos tocavam a música;  
*Ta-thaia! Ta-thaia! Ta-ta! Thaia-thaia!*  
 Ouvindo este som cativante, as gopis correram para lá.

Novamente o Pundit Shashadhar derramou lágrimas de amor.

Shri Ramakrishna desceu à consciência do mundo. Apontando para Shashadhar, disse a M., “Por que não o faz calar-se?” Desejava que M. ou qualquer outro fizesse uma pergunta a Shashadhar.

Ramdayal (*a Shashadhar*): “As escrituras falam da forma de Brahman como uma projeção da mente. Quem projeta?”

Shashadhar: “É o Próprio Brahman que assim faz. Não é uma projeção mental do homem.”

Pratap: “Por que Brahman projeta a forma?”

“Mestre: “Você pergunta por que? Brahman não age como as outras pessoas. Brahman tem vontade própria. Por que nós temos de saber porque Brahman age desta ou daquela maneira. Você veio ao pomar comer mangas. Coma as mangas. Para que serve calcular quantas árvores há no pomar, quantos milhares de galhos e quantos milhões de folhas? Não se pode realizar a Verdade com meras discussões e raciocínio!”

Pratap: “Então não devemos raciocinar mais?”

Mestre: “Peço-lhe que não se entregue a uma racionalização fútil. Mas discrimine, por favor, entre o Real e o irreal, entre o que é permanente e o que é transitório. Deve discriminar quando não estiver tomado pela luxúria, cólera ou sofrimento.”

Shashadhar: “Assim é diferente. Chama-se raciocínio baseado na discriminação.”

Mestre: “Sim, discriminação entre o Real e o irreal.”

Todos permaneceram em silêncio. O Mestre falou, outra vez, dirigindo-se ao pundit.

Mestre: “Antigamente muitos homens importantes costumavam vir aqui.”

Shashadhar: “O senhor quer dizer homens ricos?”

Mestre: “Não. Grandes eruditos.”

Nesse ínterim o pequeno carro de Jagannath havia sido trazido à varanda. Dentro do carro havia imagens de Krishna, Balarama e Subhadra. Estavam adornadas de flores, grinaldas, jóias e roupas amarelas. Balarama era um adorador sattvico, não havia qualquer exibição de grandeza em seu culto. Pessoas de fora nem sabiam desse Festival do Carro, em sua casa. O Mestre com os devotos foi para a varanda e puxou o carro pela corda. Começou a cantar.

Veja como toda Nadia está tremendo.  
 Sob as ondas do amor de Gauranga. ...

Cantou de novo:

Olhem, chegaram os dois irmãos que choram quando cantam o nome de Hari,  
 Os irmãos<sup>25</sup> que, em troca dos golpes, dão aos pecadores, o amor de Hari.

Shri Ramakrishna dançou com os devotos. O músico e seu conjunto juntaram-se ao Mestre, na música e na dança. Logo toda a varanda encheu-se de gente. De um aposento contíguo, as senhoras presenciavam esta cena de alegria. Parecia como que o próprio Chaitanya estivesse dançando com os devotos, intoxicado de amor divino.

Ainda não era o entardecer. Shri Ramakrishna voltou à sala de visitas com os devotos.

Mestre (*a Shashadhar*): “Isto se chama bhajanananda, a felicidade dos devotos na adoração de Deus. As pessoas mundanas dedicam-se ao gozo dos sentidos, de ‘mulher e ouro’. Pela adoração, os devotos recebem a graça de Deus e, em seguida, Sua visão. Desfrutem então, Brahmananda, a Felicidade de Brahman.”

Shashadhar e os devotos ouviam essas palavras com profunda atenção.

Shashadhar (*humildemente*): “Senhor, por favor diga-nos que espécie de anelo leva uma pessoa a este estado mental, cheio de felicidade.”

<sup>25</sup> Gauranga e Nityananda.

“Mestre: “Sente-se inquietude por Deus, quando a alma tem profundo desejo por Sua visão. O guru disse ao discípulo: ‘Venha comigo. Vou lhe mostrar que espécie de anelo lhe permitirá ver Deus’. Ao dizer isto, levou o discípulo a um lago, pressionando sua cabeça de baixo d’água. Depois de alguns instantes aliviou o discípulo e perguntou, ‘Como se sentiu?’ O discípulo respondeu: “Ó, senti como se estivesse morrendo! Ansiava por ar’.”

Shashadhar: “Sim! Sim! É isto. Compreendo agora.”

Mestre: ‘Amar a Deus é o essencial. Somente bhakti é a essência. Narada disse a Rama, ‘Que eu possa ter puro amor por Teus Pés de Lótus; que eu jamais seja iludido por Tua maya que seduz o mundo!’ Rama disse-lhe: ‘Peça-me uma outra graça.’ ‘Não’, disse Narada. ‘nada mais quero. Que eu tenha amor por Teus Pés de Lótus. É a minha única oração’.”

Pundit Shashadhar estava de saída. Shri Ramakrishna pediu a um devoto que trouxesse uma carruagem para o pundit.

Shashadhar: “Não se preocupe. Vou andar.”

Mestre (*Sorrindo*): “Como pode? O senhor está além do alcance da meditação de Brahma.”

Shashadhar: “Não há nenhuma necessidade especial que eu vá agora mesmo. A única coisa que tenho que fazer é o sandhya.”

Mestre: “A Mãe Divina retirou o sandhya e outras devoções. O propósito do sandhya é purificar o corpo e a mente. Não estou mais nesse estado.”

O Mestre cantou os seguintes versos de uma canção:

Quando você aprenderá, Ó mente, a ficar na morada da Bem-aventurança,  
Com Pureza e Corrupção de cada lado?  
Somente quando você tiver encontrado a maneira de  
Manter estas esposas contentes sob o mesmo teto.  
Você verá a forma sem mácula da Mãe Shyama.

Pundit Shashadhar saudou o Mestre e retirou-se.

Ram: “Visitei Shashadhar ontem. O senhor me pediu.”

Mestre: “Pedi? Não me lembro, mas foi muito bom que você tivesse isso.”

Ram: “O editor de um jornal<sup>26</sup> estava insultando o senhor.”

Mestre: “Suponhamos que ele estivesse. Que importa?”

Ram: “Por favor, ouça. Logo que comecei a conversar com o editor sobre o senhor, ele quis ouvir mais e não queria me deixar ir.”

Já escurecera. Shri Ramakrishna começou a cantar os nomes da Mãe Divina, Krishna, Rama e Hari. Os devotos estavam em silêncio. O Mestre cantava os nomes com tal doçura, que todos ficaram profundamente emocionados. Naquele dia a casa de Balaram parecia Navadvip na época em que Chaitanya vivia. A varanda era como Navadvip e a sala como Vrindavan.

Naquela mesma noite Shri Ramakrishna devia ir a Dakshineswar. Balaram levou-o para os apartamentos internos e serviu-o. As senhoras da família saudaram o Mestre.

Enquanto esperavam a chegada do Mestre, os devotos cantaram o kirtan na sala de visitas. Logo Shri Ramakrishna chegou e juntou-se aos cantores.

O kirtan continuou:

Contemple, meu Gora está dançando ! Com os devotos  
Dança no pátio de Shrivasa, cantando o kirtan.  
Gora diz a todos, “Repitam o nome de Hari!”  
Olha para Gadadhar e de seus olhos vermelhos  
Correm lágrimas de amor em seu corpo dourado.

O Mestre improvisou os versos:

Gora está dançando no kirtan;

---

<sup>26</sup> “The Indian Empire”.

Ali ele dança, o querido de Sachi!  
Ali ele dança, meu Gauranga!  
Ali ele dança, o bem-amado de minh'alma!



## CAPÍTULO XXVI

### FESTIVAL NA CASA DE ADHAR

*Domingo, 3 de agosto de 1884*

**S**HRI RAMAKRISHNA estava sentado em seu quarto, no templo em Dakshineswar, depois do almoço. Um grupo de Bauls de Shibpur, muitos devotos de Bhawanipur, Balaram e M. estavam no aposento. Rakhhal, Latu e Harish que estavam morando com o Mestre, também, estavam presentes.

O Mestre começou a conversar, dirigindo-se aos músicos Bauls de Shibpur.

Mestre: “Yoga não é possível para a mente que mora em ‘mulher e ouro’. A mente de um homem mundano geralmente move-se entre os três centros inferiores: o do umbigo, o do órgão sexual e o do órgão de excreção. Depois de grande esforço e prática espiritual, a Kundalini desperta. Segundo os yogis há três nervos na coluna dorsal: Ida, Pingala e Sushumna. Ao longo do Sushumna há seis lótus ou centros, sendo o inferior conhecido como Muladhara. Logo vem, sucessivamente, Svadhithana, Manipura, Anahata, Vishuddha e Ajna. Esses são os seis centros. A Kundalini, quando desperta, passa através dos centros inferiores e chega ao Anahata, que está no coração. Ali permanece. Nesse momento a mente do aspirante retira-se dos três centros inferiores. Sente o despertar da Consciência Divina e vê Luz. Em muda admiração, vê aquele brilho intenso e exclama: ‘O que é isto? O que é isto?’

“Depois de passar pelos seis centros, a Kundalini alcança o lótus de mil pétalas conhecido como Sahasrara, e o aspirante entra em samadhi.

“Segundo os Vedas esses centros são chamados ‘bhumi’, ‘planos’. Há sete planos. O centro no coração corresponde ao quarto plano dos Vedas. Segundo os Tantras há neste centro um lótus chamado Anahata, com doze pétalas.

“O centro conhecido como Vishuddha é o quinto plano. Este centro está na garganta e tem um lótus de dezesseis pétalas. Quando a Kundalini alcança este plano, o devoto anseia somente falar e ouvir a respeito de Deus. A conversa sobre assuntos mundanos, sobre ‘mulher e ouro’, o aborrece muito. Retira-se quando as pessoas começam a falar desses assuntos.

“Vem então o sexto plano correspondente ao centro conhecido como Ajna. Esse centro está localizado entre as sobrancelhas e tem um lótus de duas pétalas. Quando a Kundalini o alcança, o aspirante vê a forma de Deus, mas aí ainda permanece uma pequena barreira entre o devoto e Deus. É como a luz no interior de uma lanterna. Pensa-se que se tocou a luz, mas na realidade, não se pode fazê-lo por causa do vidro.

“E por último vem o sétimo plano que, segundo os Tantras, é o centro do lótus de mil pétalas. Quando a Kundalini chega neste ponto, o aspirante entra em samadhi. Nesse lótus mora Shiva Satchidananda, o Absoluto. Ali a Kundalini, o poder despertado, une-se a Shiva. Isto é conhecido como a união de Shiva e Shakti.

“Quando a Kundalini eleva-se até o Sahasrara e a mente entra em samadhi, o aspirante perde totalmente a consciência do mundo exterior. Não mais pode conservar o corpo físico. Se o leite é despejado em sua boca, escorre. Nesse estado o alento vital permanece somente vinte e um dias e então, morre. Entrando nas águas escuras do oceano, o navio jamais volta, mas os Ishvarakotis, tais como as Encarnações Divinas podem descer desse estado de samadhi. Podem descer desse exaltado estado porque gostam de viver na companhia dos devotos e de desfrutar o amor de Deus. Deus retém neles o ‘ego de Conhecimento’ ou o ‘ego de Devção’ para que possa ensinar os homens. Suas mentes movem-se entre o sexto e o sétimo planos. Correm como numa regata, por assim dizer, para frente e para trás, entre esses dois planos.

“Ao alcançar o samadhi, algumas almas, por sua própria vontade, mantém o ‘ego de Conhecimento’, mas este ego não cria apego algum. É como uma linha desenhada na água.

“Hanuman conservou o ‘ego de servo’ depois de ter realizado ambos os aspectos, o Pessoal e o Impessoal. Considerava-se o servo de Deus. Grandes sábios como Narada, Sana-

ka, Sananda, Sanatana e Sanatkumara, depois de realizarem o Conhecimento de Brahman, conservaram o ‘ego de servo’, e o ‘ego de devoção’. São como grandes navios que não somente atravessam o oceano, mas também, levam passageiros para a outra margem.

“Há duas classes de paramahansas, uma afirmando a Realidade sem forma e a outra, Deus com forma. Trailanga Swami acreditava na Realidade sem forma. Paramahansas como ele preocupam-se somente com seu próprio bem; ficam satisfeitos quando atingem a meta.

“Mas os paramahansas que acreditam em Deus com forma conservam o amor de Deus, mesmo depois de alcançar o Conhecimento de Brahman, de maneira que possam dar instrução espiritual a outros. São como um cântaro de água cheio até a borda. Parte da água pode ser despejada em outro cântaro. Estas almas perfeitas descrevem aos outros as diversas disciplinas espirituais pelas quais realizaram Deus. Agem assim apenas para ensinar os outros e ajudá-los na vida espiritual. Com muito esforço, os homens cavam um poço para água potável, utilizando pás e baldes. Depois de terminarem a escavação, alguns jogam as pás e outros implementos dentro do poço, porque não necessitam mais deles. Mas alguns os deixam junto do poço, para que outros os utilizem.

“Algumas pessoas comem mangas secretamente, removendo todos os vestígios, limpando a boca, com uma toalha, mas outros dividem a fruta com outras. Há sábios que, depois de atingirem o Conhecimento, trabalham para ajudar os outros e também, para desfrutar a Felicidade na companhia de Deus e de devotos. ‘Quero comer açúcar, não quero ser açúcar.’

“As gopis de Vrindavan, também, alcançaram o Conhecimento de Brahman, mas elas não O estavam procurando. Queriam desfrutar Deus, considerando-se como Sua mãe, Sua amiga, Sua atendente ou Sua amante.

“Os Bauls de Shibpur começaram a cantar, acompanhados de um instrumento de corda. Um verso na primeira canção dizia:

Somos pescadores; redime-nos, Ó Senhor misericordioso!

Mestre (*aos devotos*): “É a atitude de um iniciante adorar a Deus por temor. Por favor cantem sobre a realização de Deus - canções que expressam a alegria divina.

(*a Rakhal*): “Como cantaram bem aquela canção, outro dia na casa de Nabin Niyogi: ‘Fique embriagada Ó mente, fique embriagada com o Vinho da Felicidade Celestial!’ Enquanto se entoam canções religiosas não se deve referir-se às próprias preocupações. Ao contrário, devemos nos sentir alegres e cheios de fervor, enquanto cantamos o nome de Deus.”

Um devoto: “Senhor, não vai cantar?”

Mestre: “O que vou cantar? Bem, posso fazê-lo só quando o espírito me impulsiona.”

Depois de algum tempo o Mestre começou a cantar. Os olhos se voltaram para cima.

Cantou:

Contemple as ondas do amor de Gora;  
Sob as quais todo o universo está submerso!  
E em seu amor eu, também, anseio em me afogar.  
Ó amigo, o amor de Gauranga absorveu-me;  
Quem mais além de Gauranga sente por nossa infelicidade,  
Tirando-nos do mundanismo?

Cantou novamente:

Mergulhe fundo, Ó mente, mergulhe fundo no Oceano da Beleza de Deus;  
Se descer até as profundezas.  
Aí encontrará uma gema de Amor ...

Depois cantou sobre a Mãe Divina:

Podem todos ter a visão de Shyama? É para todos o tesouro de Kali?  
Ó, é uma pena que minha mente tola não possa ver o que é verdadeiro...

Continuou:

A abelha negra da minha mente é atraída em pura alegria,  
Para a flor de lótus azul dos pés da Mãe Shyama.

Novamente:

Ó Mãe, que máquina<sup>1</sup> é esta que Tu fizeste!  
Que peças Tu pregas com este brinquedo  
De três e meio cúbicos de altura! ...

Ao cantar a última canção Shri Ramakrishna entrou em samadhi. Os devotos estavam sentados mudos, olhando fixamente sua figura radiante. Depois de algum tempo voltou à consciência parcial do mundo e começou a falar com a Mãe Divina.

O Mestre disse, “Mãe, por favor desce daí de cima.” Teria ele sentido que a mente ainda pairava no sétimo plano de consciência, o lótus de mil pétalas do Sahasrara?

“Por favor, desça”, disse, “Não me atormentes assim. Fica quieta, Mãe, e senta.

“Ó Mãe, o futuro de todos está determinado pelas tendências dos seus nascimentos anteriores. O que vou dizer às pessoas? Nada pode ser alcançado sem discriminação e renúncia.”

Shri Ramakrishna havia retomado à consciência plena do mundo, e continuou: “Há muitos tipos de renúncia. Uma delas é chamada ‘markatavairagya’, ‘renúncia do macaco’. É uma falsa renúncia devido às aflições do mundo. Essa renúncia não dura muito. Há a renúncia verdadeira. Um homem possui tudo no mundo, não lhe falta nada, mas sente que tudo é irreal.

“Não é possível obter-se renúncia de um momento para o outro. O fator tempo deve ser levado em consideração. Não é também verdadeiro que um homem deve ouvir a respeito dela. Quando o momento certo chegar, ela dirá a si mesma, ‘Ó sim, ouvi falar.’

“Também deve-se lembrar de outra coisa. Ouvindo falar com frequência de renúncia, o desejo de objetos mundanos gradualmente desaparece. Deve-se tomar pequenas doses de água de arroz, para se livrar da intoxicação de bebida alcoólica e aos poucos, volta-se ao normal.

“Um aspirante capacitado para o Conhecimento de Deus é muito raro. Está dito no *Gita* que um dentre mil deseja conhecer Deus, e também que, dentre esses mil, apenas um está capacitado para conhecê-Lo.”

Um devoto citou o texto do *Gita*.

Mestre: “À medida que o apego ao mundo diminui, aumenta o conhecimento espiritual. Apego ao mundo significa apego a ‘mulher e ouro’.

“Não é dado a todos sentirem prema, amor intenso a Deus. Chaitanya sentiu-o. Um homem comum pode no máximo, sentir bhava. Somente os Ishvarakotis, como as Encarnações Divinas, sentem prema. Quando prema é despertada, o devoto não somente sente que o mundo é irreal, mas esquece até o corpo, que todos amam tão intensamente.

“Num livro persa está escrito que dentro da pele está a carne, dentro da carne, o osso, dentro do osso, o tutano, e assim por diante, mas que prema é o mais interior de todos. Uma pessoa torna-se afetuosa através de prema. Devido a ela, Krishna tornou-se tribhanga.<sup>2</sup>

“Prema é a corda com a qual se pode amarrar Deus, por assim dizer. Sempre que desejar vê-Lo, basta puxar a corda. Sempre que O chamar, Ele aparecerá diante de você.

“O estágio maduro de bhakti é bhava. Quando alguém o alcança, torna-se sem fala, pensando em Satchidananda. O sentimento de um homem comum só pode ir até aí. Quando bhava amadurece torna-se mahabhava. Prema é a última. Você conhece a diferença entre uma manga verde e uma madura. Puro amor de Deus é o essencial. Tudo o mais é irreal.

“Uma vez Rama ficou satisfeito com a oração de Narada e disse-lhe que pedisse uma graça. Narada pediu puro amor e disse ainda mais, ‘Ó Rama, por favor conceda-me que eu

<sup>1</sup> O corpo humano.

<sup>2</sup> Literalmente “inclinado em três lugares”. A figura comum de Krishna em pé está inclinada em três lugares, isto é, o pescoço, a cintura e os joelhos.

não seja iludido por Tua maya sedutora.’ Rama disse, ‘Está bem, mas peça-me algo mais.’ Narada respondeu: ‘Não quero mais nada. Oro somente por puro amor.’

“Como pode um devoto obter esse amor? Primeiro, a companhia dos santos. Isso desperta shraddha, fé em Deus. Depois vem nishtha, devoção integral da mente ao Ideal. Neste estágio o devoto não gosta de ouvir qualquer coisa que não seja a respeito de Deus. Faz somente o que agrada a Deus. Depois de nishtha, vem bhakti, devoção a Deus; depois bhava. A seguir mahabhava, depois prema e por fim, o Próprio Deus. Somente os Ishvarakotis, como as Encarnações, podem sentir mahabhava ou prema.

“O conhecimento de uma pessoa mundana, o conhecimento de um devoto e o Conhecimento de uma Encarnação não são de forma alguma, a mesma coisa. O conhecimento de uma pessoa mundana é como a luz de um lampião, que mostra apenas o interior de um aposento. Por esse conhecimento ele come e bebe, atende às obrigações domésticas, protege o corpo, educa os filhos e assim por diante.

“O conhecimento de um devoto é como a luz da lua que ilumina os objetos tanto do interior, como do exterior de um quarto. Mas tal luz não permite ver um objeto distante ou muito pequeno.

“O Conhecimento de uma Encarnação de Deus é como a luz do sol. Devido a esta luz, a Encarnação vê tudo, dentro e fora, grande e pequeno.

“A mente mundana é, sem dúvida, como a água barrenta; mas pode se tornar clara por um agente purificador. Discriminação e renúncia são os agentes purificadores.”

O Mestre falou aos devotos de Shibpur.

Mestre: “Querem fazer alguma pergunta?”

Um devoto: “Acabamos de escutar as suas palavras.”

Mestre: “Sim, é bom ouvir estas coisas, mas nada acontecerá se não for no seu devido tempo. O que o quinino pode fazer por uma pessoa com febre, enquanto tiver temperatura elevada? Somente quando a temperatura descer com o uso de ‘mistura para febre’ ou um purgante, pode o quinino ser prescrito. Há pacientes que se livram da febre mesmo se quiser. Uma criança disse à mãe, ‘Mãe, por favor, chama-me quando eu sentir fome.’ A mãe disse: ‘Minha criança, não terei que chamá-la. A necessidade acordará você.’

Diferentes tipos de pessoas vêm aqui. Algumas vêm de barco com os devotos, mas não querem escutar conversa espiritual. Ficam acotovelando seus amigos e murmuram, ‘Quando vamos deixar esse lugar? Quando vamos embora?’ Se os amigos não mostram sinais de se levantar, dizem, ‘Vou esperar você no barco.’

“Aqueles que têm um corpo humano pela primeira vez, necessitam da experiência dos prazeres dos sentidos. A consciência espiritual não é despertada, a não ser que certas obrigações tenham sido cumpridas.”

O Mestre dirigia-se para o bosque de pinheiros. Com um sorriso, disse a M. no pórtico semicircular. “Bem, o que você pensa de meu estado mental?”

M. (*sorrindo*): “Na superfície o senhor é muito simples, mas internamente, muito profundo. É extremamente difícil compreendê-lo.”

Mestre (*sorrindo*): “É como o chão de cimento de uma casa. As pessoas só vêem a superfície externa, mas não conhecem os materiais que estão debaixo.”

Eram mais ou menos quatro horas da tarde. Balaram e outros devotos entraram no barco, de volta a Calcutá. Era a maré baixa do Ganges. Uma suave brisa soprava do sul, cobrindo o rio sagrado de ondas. M. olhou para a cena durante muito tempo. Assim que o barco desapareceu em direção a Calcutá, voltou para o Mestre.

Shri Ramakrishna dirigia-se para o bosque de pinheiro. Uma linda nuvem cinzenta de chuva poderia ser vista a noroeste. O Mestre perguntou a M.: “Pensa que vai chover? Por favor traga-me o guarda-chuva.” Chegando ao Panchavati, o Mestre perguntou a Latu, que também o acompanhava, “Por que está com uma aparência doentia?”

Latu: “Mal posso comer.”

Mestre: “É esta a única razão? Estamos também, numa má estação do ano. Tem meditado demais? (A M.) Tenho um pedido a lhe fazer. Por favor diga a Baburam para ficar comigo um ou dois dias, na ausência de Rakhal, senão me sentirei muito infeliz.”

M.: “Sim, senhor. Vou dizer-lhe.”

Shri Ramakrishna perguntou a M. se ele achava Baburam puro. Depois de alguns minutos, M. e Latu, no Panchavati, viram o Mestre vindo em sua direção. Atrás dele o céu estava negro como uma nuvem de chuva. Seu reflexo no Ganges tornava a água ainda mais escura. Os discípulos sentiram que o Mestre era Deus Encarnado, a Criança Divina de cinco anos, radiante com o sorriso de inocência e pureza. À sua volta estavam as sagradas árvores do Panchavati, sob as quais ele havia praticado disciplina espiritual, e havia tido visões de Deus. Aos seus pés fluía o Ganges sagrado destruidor dos pecados do homem. A presença deste homem-Deus carregava as árvores, arbustos, flores, plantas e templos com fervor espiritual e alegria divina.

Shri Ramakrishna voltou a seu quarto e sentou-se no pequeno divã. Começou a elogiar um remédio que um certo brahmachari lhe havia preparado. Referindo-se a esse homem, Hazra disse: “Ele agora está absorvido por muitas preocupações mundanas. Que pena! Olhe para Nabai Chaitanya de Konnagar. Embora chefe de família, vestiu roupa vermelha.”

Mestre: “O que vou dizer? Vejo claramente que foi o próprio Deus que assumiu todas as formas humanas. Portanto não posso julgar ninguém.”

Hazra: “Narendra está de novo envolvido numa causa judicial.”

Mestre: “Ele não acredita em Shakti, a Mãe Divina. Se uma pessoa assume um corpo humano, deve reconhecê-La.”

Hazra: “Narendra diz, ‘Se eu tivesse acreditado em Shakti, todos teriam me seguido. Portanto, não posso’.”

Mestre: “Mas não é bom para ele ir ao extremo de negar a Mãe Divina. Agora está sob a jurisdição de Shakti. Até um juiz, ao dar evidência num caso, desce e fica como testemunha.

(A M.): “Tem visto Narendra ultimamente?”

M.: “Não, nos últimos dias.”

Mestre: “Vá vê-lo e traga-o aqui de carruagem.”

(A Hazra): “Bem, qual é a sua relação com esse [referindo-se a si mesmo]?”

Hazra: “Ele espera ajudar o senhor.”

Mestre: “E a respeito de Bhavanath? Será que ele viria aqui com tanta frequência, se não tivesse boas tendências? E Harish e Latu? Meditam sempre. Por que?”

Hazra: “Está bem. Por que eles dedicariam todo seu tempo à meditação? É uma coisa completamente diferente para eles ficarem aqui e atenderem às suas necessidades pessoais.”

Mestre: “Possivelmente você tem razão. Talvez outros fiquem em seu lugar agora.”

Hazra saiu do aposento deixando o Mestre com M.

Mestre: “O que digo em êxtase agrada às pessoas?”

M.: “Ó sim, muito.”

Mestre: “O que as pessoas pensam a meu respeito? Pensam algo em particular sobre mim, quando me vêem naquela situação?”

M.: “Sentimos no senhor uma maravilhosa síntese de conhecimento, amor e renúncia, e na superfície, uma espontaneidade natural. Muitas experiências divinas passaram, como grandes navios no interior de sua consciência espiritual; porém, o senhor mantém externamente esta simplicidade. Muitos não podem compreendê-lo, mas alguns são atraídos só por este estado.”

Mestre: “Há uma seita vaishnava conhecida como Goshpara que descreve Deus como ‘Sahaja’, o ‘Simples’. Dizem mais, que não se pode reconhecer esse ‘Simples’, a não ser que se seja simples também. (A M.) Tenho algum ego?”

M.: “Sim, senhor, um pouco. O senhor o conservou para preservar o corpo, desfrutar o amor divino em companhia dos devotos, e passar para eles, conhecimento espiritual. Além disso o senhor conservou esse vestígio do ego, porque o pediu à Mãe Divina.”

Mestre: “Não, não o mantive. Foi o Próprio Deus que o deixou para mim. Pode dizer-me como pareço no estado de samadhi?”

M.: “Como o senhor disse há pouco tempo, o senhor vê a forma de Deus quando a mente eleva-se no ‘sexto plano’. Ao falar depois disso, sua mente desce ao ‘quinto plano’.”

Mestre.: “É Deus quem faz essas coisas. Nada sei.”

M.: “É por esta razão que o senhor atrai tantas pessoas. Senhor, tenho uma pergunta. Há duas opiniões nas escrituras. Segundo um dos Puranas, Krishna é Chidatma, o Absoluto, e Radha, é Chitshakti, Seu poder Divino; mas segundo um outro Purana, o Próprio Krishna é Kali, a Energia Primordial.

Mestre: “Este segundo ponto de vista é defendido no Devi Purana. Segundo ele, a Própria Kali tornou-Se Krishna. Mas que diferença isto faz? Deus é infinito e infinitos são os caminhos para se chegar a Ele.”

M. sem falar nada, tomado de admiração por alguns momentos, disse em seguida: “Ó, agora compreendo. Como o senhor diz, a coisa importante é subir ao terraço. Alcançaremos o nosso objetivo se pudermos utilizar quaisquer dos meios – uma corda ou uma estaca.”

Mestre: “Foi pela graça de Deus que você compreendeu isso. Sem Sua graça, a dúvida jamais é esclarecida.”

“A coisa mais importante é cultivar devoção a Deus e amor por Ele e seguir qualquer um dos caminhos. Que necessidade há em se saber muitas coisas? Basta cultivar o amor a Deus. Quando tiver este amor, certamente alcançará Deus. Mais tarde, se necessário, Deus lhe explicará tudo e lhe falará também a respeito dos outros caminhos. É suficiente que desenvolva amor por Deus. Não há necessidade de muitas discussões e argumentações. Veio ao pomar para comer mangas. Aproveite. Não há necessidade de contar os galhos e as folhas. É sábio seguir a atitude de Hanuman: “Não sei o dia da semana, a fase da lua ou a posição das estrelas: apenas contemplo Rama’.”

M: “Agora desejo que minhas atividades sejam muito reduzidas e que eu possa dedicar-me muito a Deus.”

Mestre: “Ah! Certamente seu desejo será realizado, mas um jnani pode viver desapegado no mundo.”

M.: “É verdade, senhor, mas necessita-se de força especial para levar uma vida desapegada.”

Mestre: “Isto também é verdade, mas talvez você quisesse levar a vida do mundo. Krishna havia sido entronado no coração de Radha; mas Radha queria jogar com Ele, sob a forma humana. Daí os episódios de Vrindavan. Agora você quer orar a Deus, para que suas obrigações mundanas possam ser reduzidas. Alcançará seu objetivo se renunciar mentalmente.”

M.: “Mas renúncia mental é recomendada para aqueles que não podem abandonar o mundo externamente. Para devotos superiores, prescreve-se renúncia total – externa e interna.”

Shri Ramakrishna ficou em silêncio por alguns minutos, e então, retornou à conversa.

Mestre: “Agradou-lhe o que lhe disse sobre a renúncia absoluta, há um momento atrás?”

M.: “Muito, senhor.”

Mestre: “Diga-me, qual é o significado de renúncia?”

M.: “Renúncia não significa somente desapego do mundo. Significa desapego do mundo e também, desejo ardente por Deus.”

Mestre: “Você está certo. Sem dúvida necessita-se de dinheiro para a vida no mundo, mas não se preocupe muito a esse respeito. O caminho prudente é aceitar o que vem por si mesmo. Não se preocupe muito em economizar dinheiro. Aqueles que entregam o coração e a alma a Deus, aqueles que se dedicam a Ele, e tomam refúgio n’Ele, não devem preocupar-se muito com dinheiro. O que ganham, gastam. O dinheiro chega de um modo e sai de outro. Isto é o que o *Gita* chama ‘aceitar o que vem por si mesmo’.”

O Mestre referiu-se a Haripada e disse: “Ele esteve aqui no outro dia.”

M.: “Ele sabe cantar as histórias dos Puranas. Canta melodiosamente a vida de Prahlada e o nascimento de Shri Krishna.

Mestre: “É mesmo? Naquele dia olhei dentro de seus olhos. Tinha um olhar interior. Perguntei-lhe se meditava muito, mas ficou olhando para o chão e não respondeu. Disse-lhe então: ‘Olhe, não se esforce em demasia’.”

Era o entardecer. Shri Ramakrishna, como era de seu costume, nesta hora do dia, cantou os nomes de Deus e entrou em meditação. Logo a lua apareceu no céu. Os templos, pátios

e árvores estavam banhados de luz prateada e milhões de luas quebradas brincavam na ondulante superfície do Ganges. Rakhhal e M. estavam com o Mestre no aposento.

Mestre (A M.): “Baburam diz, ‘Ó, a vida mundana! Deus me livre!’ ”

M.: “Sua opinião está baseada no que ouviu dizer. O que conhece ele do mundo? É somente uma criança.”

Mestre: “Sim, é verdade. Já reparou em Niranján? É totalmente sem artimanhas.”

M.: “Sim, senhor. Sua aparência já atrai as pessoas. Como seus olhos são expressivos!”

Mestre: “Não apenas os olhos, mas toda sua pessoa. Seus parentes propuseram-lhe casamento. A isso disse: ‘Por que querem me afogar?’ (Com um sorriso) Diga-me. Dizem que um homem encontra grande prazer na companhia da esposa, depois de árduo dia de trabalho.”

M.: “Isso sem dúvida é verdade para aqueles que pensam assim. (A Rakhhal, com um sorriso) Estamos sendo examinados. Esta é uma pergunta-chave.”

Rakhhal e M. eram casados.

Mestre (com um sorriso): “A mãe diz, ‘Suspirarei de alívio se puder conseguir uma ‘árvore de sombra’<sup>3</sup>, para meu filho. Ele descansará nesta sombra quando estiver abrasado pelo calor do mundo’.”

M.: “É verdade, senhor, mas há pais e pais. Um pai que é espiritualmente desenvolvido não dá seus filhos em casamento. Fazendo isso sua espiritualidade é bem fina!”

Adhar Sen chegou de Calcutá e saudou o Mestre. Depois de alguns minutos, foi ao templo de Kali e M. seguiu-o.

Um pouco mais tarde, M. estava sentado no ghat de banho no Ganges. A maré começava a subir. Enquanto ouvia as águas se jogando contra a margem, muitas imagens da vida divina de Shri Ramakrishna desfilaram em sua mente: o samadhi profundo do Mestre, o êxtase constante, a alegria no amor de Deus, as palavras incansáveis sobre a vida espiritual, o amor sincero aos devotos e acima de tudo, a simplicidade infantil. Quem era esse homem? Era ele Deus que havia Se encarnado na terra para o bem de Seus devotos?

Adhar e M. voltaram para o aposento do Mestre. Adhar estivera em Chitagong, Bengala Oriental, em missão oficial. Contava ao Mestre a respeito de sua visita a Chandranath Hills e Sitakunda, lugares sagrados de Chitagong.

Adhar: “Perto de Sitakunda visitei um poço onde vi fogo na água. Queimava sempre sobre as águas com línguas de fogo.”

Mestre: “Como é possível?”

Adhar: “A água continha fósforo.”

Nesse momento Ram Chatterji entrou no aposento. O Mestre disse a Adhar, algumas palavras gentis sobre ele.”

Mestre: “A presença de Ram no templo aliviou-nos de muitas preocupações. Ele chama Harish, Latu e outros para comer. Na maioria das vezes estão absorvidos em meditação, em algum canto da propriedade. É Ram que controla se comem na hora certa.”

*Sábado, 6 de setembro de 1884*

Mais ou menos às três horas da tarde, Shri Ramakrishna estava sentado na sala de estar de Adhar, no segundo andar. Narendra, os irmãos Mukherji, Bhavanath, M., Hazra e outros devotos estavam com o Mestre.

Estavam sendo feitos preparativos para que Narendra cantasse. Enquanto afinava o tanpura, uma das cordas soltou-se e o Mestre exclamou: “Ó! O que você fez?” Narendra então começou a afinar os tambores. O Mestre disse-lhe: “Você está batendo nesse também, e sinto como se alguém estivesse batendo no seu rosto.”

Referindo-se ao kirtan, Narendra disse: “Não há muito ritmo no kirtan. É por isso que é tão popular e as pessoas gostam tanto.”

Mestre: “Que bobagem! Elas gostam dele porque é tão doce e cheio de sentimento.”

Narendra cantou:

<sup>3</sup> A palavra significa “esposa”.

Doce é teu nome, Ó Refúgio dos humildes!  
Cai como o mais doce néctar em nossos ouvidos  
E nos conforta, Bem-Amado de nossas almas!...

Cantou novamente:

Ó Senhor, devem seus dias passar tão completamente em vão?  
Descendo o caminho da esperança, olho sem ver, dia e noite.  
Tu és o Senhor de todos os mundos, e eu sou somente um mendigo aqui;  
Como posso pedir-Te para vir morar dentro do meu coração?  
A porta da humilde cabana, do meu pobre coração está completamente aberta;  
Sê misericordioso, Senhor, e entra ali só uma vez e extingue sua sede!

Mestre (*a Hazra, sorrindo*): “Esta foi a primeira canção que ele cantou para mim.”

Narendra cantou mais uma ou duas canções. Depois Vaishnavcharan cantou, descrevendo o pesar das gopis ao verem Krishna como rei de Mathura:

Ó Hari, como podemos conhecer-Te agora?  
No esplendor real de Mathura, Tu nos esqueceste. ...

Mestre: “Por que não canta aquela – ‘Ó vina, cante o nome do Senhor Hari’?”

Vaishnavcharan cantou:

‘O vina, cante o nome do Senhor Hari!  
Sem a bênção dos Seus pés.  
Você não poderá conhecer a Verdade final.  
O nome de Hari mata todo pesar.  
Cante o nome de Hari! Cante o nome de Krishna!  
Se apenas Hari mostrar Sua graça.  
Então, jamais ficarei triste.  
Ó vina! Cante Seu nome somente uma vez;  
Nem tem a metade da raridade de uma pedra preciosa.  
Govinda diz: Em vão meus dias  
Passaram. Não posso mais flutuar  
Aqui na imensidão sem rastro do oceano da vida!

Enquanto ouvia a canção, o Mestre ficou absorvido nela. Dizendo, “Ó, meu Deus! Ó meu Deus!” entrou em samadhi. Os devotos à sua volta, mantinham os olhos presos dele. O aposento estava cheio de gente.

O músico cantou de novo. Enquanto improvisava novos versos, descrevendo o amor de Deus, o Mestre levantou-se e dançou. Improvisou versos e cantou com os braços estendidos. Logo entrou em samadhi e sentou-se com a cabeça repousando num almofadão à sua frente. O músico, também tomado de emoção, cantou novas canções. Novamente Shri Ramakrishna levantou-se começou a dançar. Os devotos não podiam controlar-se e também, dançaram com o Mestre. Enquanto dançavam, Shri Ramakrishna de vez em quando entrava em samadhi profundo. Neste estado não conseguia pronunciar uma palavra e o corpo permanecia inerte. Dançavam à sua volta. Depois de um certo tempo, voltando à consciência parcial, dançou com a força de um leão, intoxicado de amor, mas mesmo assim, não podia pronunciar uma palavra. Por fim, retomando à consciência do mundo, cantou de novo, improvisando os versos. Uma intensa atmosfera espiritual foi criada na sala de Adhar. Ao som de uma música forte juntou-se uma grande multidão na rua.

Shri Ramakrishna dançou muito tempo na companhia dos devotos. Ao voltar para seu lugar, ainda tomado de fervor, pediu a Narendra para cantar, “Ó Mãe, torna-me louco com Teu amor.”

Narendra cantou:

Ó Mãe, torna-me louco com Teu amor!  
Que necessidade tenho de conhecimento e razão? ...

Mestre: “E aquela – No Mar de Consciência Venturosa.”

Narendra cantou:

No Mar de Consciência Venturosa levantam-se ondas de amor.  
Divino encantamento! Jogo da Felicidade de Deus!  
Ó, que emocionante! ...

Mestre: “E aquela – ‘Na Sabedoria do firmamento’. Talvez seja muito comprida, você não acha? Está bem, cante-a devagar.”

Narendra cantou:

No firmamento da Sabedoria a lua do amor está surgindo cheia,  
E a maré do Amor, em ondas agitadas, flui em todos os lugares.  
Ó Senhor, quão cheio de Bem-aventurança Tu és! Salve! ...

Mestre: “E você não quer cantar aquela – o ‘Vinho da Felicidade Celestial’?”

Narendra cantou:

Fique embriagada, Ó mente com o Vinho da Felicidade Celestial!  
Role no chão e chore, cantando o doce nome de Hari!  
Encha a abóboda do céu com seu profundo rugido de leão,  
Cantando o doce nome de Hari! Com ambos os braços levantados,  
Dance em nome de Hari e dê seu nome a todos.  
Nade dia e noite na felicidade do amor de Hari;  
Mate o desejo com Seu nome, e abençoado seja sua vida!

O Mestre improvisou, “Embriague-se com prema e chore, cantando o doce nome de Hari. E, “Embriague-se com o fervor divino e chore, cantando Seu nome.”

Shri Ramakrishna e os devotos descansaram um pouco. Narendra disse ao Mestre em voz baixa, “Por favor, pode cantar aquela outra?”

Mestre: “Minha voz tornou-se um pouco rouca.”

Depois de alguns minutos, perguntou a Narendra, “Qual?”

Narendra: “Gaur, cuja beleza deleita o mundo.”

Shri Ramakrishna cantou descrevendo a beleza de Sri Chaitanya:

Quem trouxe Gaur para Nadia -  
Gaur cuja beleza alegre o mundo?  
Seu rosto, coberto com mechas de cabelo.  
Brilha com um relâmpago contra uma nuvem escura. ...

Novamente cantou, desta vez a respeito do pesar de uma gopi pela separação de Shri Krishna.

Não encontrei meu Krishna, Ó amiga! Como triste ficou meu lar sem Ele!  
Ah, se Krishna apenas pudesse somente ser o cabelo de minha cabeça,  
Cuidadosamente eu o pentearia e o enfeitaria com flores de bakul;  
Cuidadosamente modelaria as tranças do meu Krishna.  
Krishna é negro e negro é meu cabelo; negro será uno com o negro!

Ah, se Krishna pudesse somente ser a argola que uso no meu nariz,  
Sempre ficaria pendurada e meus lábios poderiam tocá-Lo.  
Mas se isto jamais acontecer, Ó! Por que devo sonhar indolentemente?  
Por que Krishna se importaria em ser uma argola no meu nariz?

Ah, se Krishna pudesse ser as pulseiras nos meus braços,  
 Ele sempre estaria preso nos meus pulsos e eu orgulhosamente  
 Sacudindo meus braceletes para fazê-los soar, agitando os braços para mostrá-los;  
 Pela estrada real andarei usando os braceletes do meu Krishna.

A música terminou. O Mestre começou a conversar com os devotos.

Mestre (sorrindo): “Hazra dançou.”

Narendra: “Sim, um pouco.”

Mestre: “Um pouco?”

Narendra: “Sim, sua barriga dançou também.” (*Todos riem*).

O anfitrião do Pundit Shashadhar estava pensando em convidar o Mestre para jantar.

Mestre: “Ouvi dizer que seu anfitrião não é um homem honesto, é sem moral.”

Narendra: “É por isso que o senhor não tomou a água que ele tocou. Aconteceu no primeiro dia em que se encontrou com Shashadhar na casa dele. Como descobriu que era imoral?”

Mestre (*sorrindo*): “Hazra conhece outro exemplo. Aconteceu em Sihore na casa de Hriday.”

Hazra: “O homem era um vaishnava. Veio comigo para ver o senhor [querendo dizer Shri Ramakrishna]. Assim que se sentou à sua frente, o senhor virou-lhe as costas.”

Mestre: “Mais tarde soubemos que levava uma vida imoral. (*A Narendra*) Você costumava dizer, no começo, que tudo isso eram alucinações.”

Narendra: “Como eu podia saber? Agora vejo que o senhor tem razão.”

Adhar havia preparado uma festa para o Mestre e devotos, e agora convidou-os para comer. O Mestre disse aos irmãos Mukherjis, “O que? Não vão comer?” Responderam humildemente: “Por favor, desculpe-nos.”

Mestre: “Mas por que? Vocês estão fazendo tudo o mais. Por que esta dúvida somente a respeito da refeição?”

Adhar era um hindu de casta inferior. Por esta razão muitos devotos brahmins do Mestre, hesitavam em comer em sua casa. Por fim caíram em si, ao verem o próprio Shri Ramakrishna comendo.

Eram por volta de nove horas. O Mestre estava descansando na sala de visitas com os devotos. Logo voltaria para Dakshineswar.

Os irmãos Mukherjis haviam contratado um cantor de kirtan para entreter o Mestre no dia seguinte. Ram estava tomando lições de canto com aquele músico. Shri Ramakrishna pediu a Narendra para ir a Dakshineswar para o kirtan.

Mestre (*a Narendra*): “Virá amanhã, não?”

Narendra: “Vou fazer o possível.”

Mestre: “Você pode tomar banho lá e também, comer. (*Apontando para M.*): Ele também poderá jantar. (*a M.*) Você está bem agora? Espero que não esteja de dieta.”

M.: “Não, senhor. Irei amanhã.”

Nityagopal estava morando em Vrindavan. Chunilal havia voltado de Vrindavan há apenas alguns dias, e o Mestre perguntou-lhe sobre Nityagopal.

Como Shri Ramakrishna já se preparava para ir embora, M. saudou-o, tocando seus pés com a testa. O Mestre disse-lhe com carinho: “Então o verei amanhã. Narendra! Bhavanath! Por favor venham amanhã.” Acompanhado de diversos devotos partiu para Dakshineswar.

Os outros devotos voltaram para casa naquela noite enluarada, levando em seus corações, a música e a dança do Mestre.



## CAPÍTULO XXVII

### EM DAKSHINESWAR

*Sábado, 7 de setembro de 1884*

**E**RAM MAIS OU MENOS ONZE HORAS. O Mestre estava sentado em seu aposento em Dakshineswar. Ainda não havia almoçado.. Foi combinado com o músico Shyamdas, um kirtan para entreter o Mestre e os devotos. Baburam, M., Manomohan, Bhavanath, Kishori, Chunilal, Haripara, os irmãos Mukherjis, Ram, Surendra, Tarak, Niranjana e outros chegaram ao templo. Latu, Harish e Hazra estavam morando com o Mestre.

Quando M. saudou Shri Ramakrishna, o Mestre perguntou: “Onde está Narendra? Não virá?” M. respondeu que ele não poderia vir.

Um devoto brahmin lia para o Mestre, as canções religiosas de Ramprasad. Shri Ramakrishna pediu-lhe para continuar. O brahmin leu uma canção cujo primeiro verso era: “Ó Mãe, veste Tuas roupas”.

Mestre: “Pare, por favor! Estas idéias são estranhas e bizarras. Leia qualquer coisa que possa despertar bhakti.”

O brahmin leu:

Quem existe que pode entender o que seja Mãe Kali?  
Mesmo os sete darshanas são incapazes de revelá-La ...

Mestre (A. M.): “Estou com dor porque em samadhi ontem, na casa de Adhar, fiquei muito tempo deitado do mesmo lado; portanto, levarei Baburam comigo quando for à casa dos devotos. É uma alma solidária.

Com estas palavras o Mestre cantou:

Como abrirei o coração, Ó amiga?  
Proibiram-me de falar.  
Estou prestes a morrer, por falta de uma alma amiga  
Que entenda minha infelicidade.

Apenas olhando em seus olhos,  
Encontro o bem-amado de meu coração;  
Mas rara é a alma, que nada em extática felicidade,  
Na maré alta do amor celestial.

Mestre: “Os Bauls entoam canções como esta. Cantam também, uma de outro tipo:

Pare, Ó monge errante!  
Fique aí com sai tigela de pedinte na mão,  
E deixe-me olhar sua face radiante.

“No culto shakti, o siddha é chamado koul, e segundo a Vedanta, paramahansa. Os Bauls chamam-no sai. Dizem: ‘Ninguém é mais perfeito do que um sai.’ Sai é um homem de perfeição suprema. Não vê qualquer diferença no mundo. Usa um colar, metade feito de osso de vaca, e a outra, da sagrada planta tulsi. Chama a Realidade Última ‘Alekh’, o ‘Uno Incompreensível’. Os Vedas O chamam ‘Brahman’. Sobre os jivas, os Bauls dizem, ‘Vieram de Alekh e vão para Alekh.’ Isto é, a alma individual vem no Imanifesto e volta para o Imanifesto. Os Bauls lhe perguntarão, ‘Você conhece o vento?’ ‘Vento’ é a grande corrente que se sente nos nervos sutis, Ida, Pingala e Sushumna, quando a Kundalini é despertada. Eles lhe

perguntarão ainda mais, ‘Em que estação você mora?’ Segundo eles há seis estações, que correspondem aos seis centros psíquicos da Yoga. Se disserem que um homem mora na ‘quinta estação’, significa que sua mente subiu para o quinto centro, conhecido como chakra Vishuddha. (a M.) Nesse momento ele vê o Sem forma.”

Dizendo isto o Mestre cantou:

No interior das pétalas desta flor, está escondido um espaço sutil  
Transcendendo-o, vê-se na totalidade, o universo dissolver-se no Espaço.

“Certa vez um Baul veio aqui. Perguntei-lhe: ‘O senhor já terminou o trabalho de “refinar a calda? Já tirou a panela do fogão?’ Quanto mais se ferve o suco da cana, mais ele fica refinado. No começo da fervura, é somente suco de cana de açúcar. Em seguida, o melado, depois o açúcar cande e assim por diante. Quanto mais se ferve mais refinadas serão as substâncias que obtemos.

“Quando um homem tira a panela do fogão? Quer dizer, quando um homem chega ao fim de sua sadhana? Chega ao fim quando conseguiu completo domínio dos órgãos dos sentidos. Os órgãos dos sentidos tornam-se enfraquecidos e sem poder, como o sanguessuga que se solta do corpo quando se coloca cal em sua boca. Neste estado um homem pode viver com uma mulher e não sentir nenhum desejo por ela.

“Muitos Bauls seguem um método ‘sujo’ de disciplina espiritual. É como entrar numa casa pela porta dos fundos, por onde os lixeiros entram.

“Um dia eu estava comendo, quando chegou um devoto Baul. Perguntou-me: ‘É o senhor mesmo quem está comendo, ou está alimentando outra pessoa?’ Com isto quis dizer que o siddha vê Deus morando dentro de cada um. Os siddhas, dentre os Bauls, não falam com pessoas de outra seita; chamam-nas ‘estranhas’.

“Os Bauls designam o estado de perfeição como ‘sahaja’, o estado ‘natural’. Há dois sinais desse estado. Primeiro, o homem perfeito não ‘cheira a Krishna’. Segundo, é como a abelha que pousa no lótus, mas não suga o mel. O primeiro quer dizer que ele guarda todos os sentimentos para si mesmo. Não apresenta nenhum sinal externo de espiritualidade. Nem mesmo pronuncia o nome de Hari. O segundo quer dizer que não é apegado à mulher. Dominou totalmente os sentidos.

“Os Bauls não gostam do culto de imagem. Querem um ser vivo. Daí, uma de suas seitas ser chamada Kartabhaja. Adoram o karta, quer dizer, o guru, como Deus.

“Veja quantas opiniões diferentes há sobre Deus. Cada opinião é um caminho. Há inúmeras opiniões e inúmeros caminhos que conduzem a Deus.”

Bhavanath: “O que devemos fazer então?”

Mestre: “Deve agarrar-se a um só caminho, com toda a força. Um homem pode subir ao terraço de uma casa por degraus de pedra, ou por uma escada de corda, ou por uma corda, ou até por uma vara de bambu, mas não pode chegar ao terraço se puser os pés, ora num, ora noutro. Deve seguir firmemente um caminho. Assim também, a fim de realizar Deus, deve-se seguir um caminho com toda força e firmeza.

“Mas deve-se olhar os outros pontos de vista, como diversos caminhos que conduzem a Deus. Não deve achar que seu caminho é o único certo, e que os outros, são errados. Não deve ser mau com as pessoas.

“Bem, a que caminho pertence? Keshab Sen costumava dizer-me: ‘O senhor pertence ao nosso caminho. Está pouco a pouco aceitando o ideal do Deus sem forma’. Shashadhar diz que pertence ao caminho dele. Vijay também diz que pertence ao dele – caminho de Vijay.”

Shri Ramakrishna caminhou até o Panchavati com M. e alguns devotos. Era meio dia, hora da maré alta no Ganges. Ficaram para ver a subida da maré.

Mestre (aos devotos): “A maré baixa e a maré alta são realmente maravilhosas. Mas reparem uma coisa, Perto do mar, podemos ver a maré alta e a maré baixa, mas longe do mar, o rio corre apenas numa direção. O que significa isto? Procure aplicar seu significado à sua vida espiritual. Aqueles que vivem perto de Deus, sentem dentro de si, as correntes de bhakti, bhava e similares. No caso de alguns – os Ishvarakotis, por exemplo – há mahabhava e prema.

(A M.): “Qual a explicação de maré baixa e maré alta?”

M.: “Segundo a astronomia ocidental, são devidas à atração do sol e da lua.”

A fim de explicar este fenômeno, M. desenhou figuras na terra e começou a mostrar ao Mestre, o movimento da terra, do sol e da lua. O Mestre olhou as figuras por um instante e disse: “Pare, por favor! Isto está me dando dor de cabeça.”

Logo a maré chegou ao rio, Ouviram o barulho da água que se precipitava. A maré quebrava-se contra a margem do rio e fluía em direção norte. Shri Ramakrishna olhou para ele com atenção e exclamou como uma criança: “Olhem aquele barco! Fico imaginando o que vai acontecer com ele.”

O Mestre e M. sentaram-se por uns momentos no Panchavati. Shri Ramakrishna colocou o guarda-chuva na plataforma de cimento e falou sobre Narayan. O rapaz era estudante. Shri Ramakrishna, que gostava muito dele, olhava-o como Narayana, o Próprio Deus.

Mestre: “Reparou a natureza de Naran <sup>1</sup>? Pode misturar-se com todos, velhos e jovens. Não se pode fazer isso sem um poder especial. Além do mais, todos o amam. É ele realmente sem dissimulação e artifícios?”

M.: “Penso que sim.”

Mestre: “Estou sabendo que ele vai á sua casa. Não vai?”

M.: “Sim, senhor. Visitou-me uma ou duas vezes.”

Mestre: “Vai dar-lhe uma rupia? Ou devo pedir a Kali? <sup>2</sup> ”

M.: “Muito bem, senhor. Vou dar-lhe o dinheiro.”

Mestre: “É bom. É bom ajudar àqueles que anseiam por Deus. Assim faz-se um bom uso do dinheiro. O que se ganha gastando tudo com a família?”

Kishori tinha diversos filhos. Seu salário era insuficiente para sustentar a família. Shri Ramakrishna disse a M.: “Naran disse que ia conseguir um emprego para Kishori. Por favor, lembre-o disso.”

O Mestre caminhou em direção ao bosque de pinheiros. Voltando ao Panchavati, disse a M.: “Por favor, peça a alguém para estender uma esteira fora do aposento. Vou deitar-me um pouco. Voltarei logo.”

Quando o Mestre voltou para o quarto não encontrou o guarda-chuva e exclamou: “Todos se esqueceram do guarda-chuva! Uma pessoa ocupada não vê uma coisa, mesmo que ela esteja bem perto dele. Um homem foi à casa de um amigo, acender o carvão de seu fumo, embora tivesse todo o tempo, com um lampião aceso em sua mão. Outro procurava em todos os lugares, uma toalha. Finalmente descobriu que ela estivera em seus ombros o tempo todo.”

Era mais ou menos uma hora da tarde. O Mestre comeu prasad do templo de Kali. Quis descansar um pouco, mas os devotos ainda estavam sentados no aposento. Pediu-se-lhes que se retirassem e então, o Mestre deitou-se. Disse a Baburam: “Venha aqui, sente-se junto de mim”. Baburam respondeu, “Estou preparando uma folha de betel.” O Mestre disse, “Ponha sua folha de betel de lado.”

Os devotos sentaram-se debaixo da árvore bakul no Panchavati. Tarak acabara de chegar de Vrindavan e contou-lhes histórias de sua viagem.

Um pouco mais tarde Shri Ramakrishna estava novamente em seu pequeno divã, com os devotos sentados no chão. Shyamdas cantava com seu grupo. Cantou o pesar das gopis com a separação de Shri Krishna.

Seco como um deserto, lhes parecia, o lago feliz;  
O chatak morria de sede, esgazeando as nuvens.

O Mestre ficou meio abstrato, mas o músico não pôde criar uma atmosfera espiritual. Shri Ramakrishna pediu a Nabai de Konnagar, para cantar. Nabai era tio de Manomohan. Vivía às margens do Ganges, dedicando seu tempo à oração e à meditação, sendo um assíduo visitante de Shri Ramakrishna, em Dakshineswar.

<sup>1</sup> Abreviação de Narayan, jovem discípulo do Mestre.

<sup>2</sup> Um devoto do Mestre.

Nabai começou o kirtan em tom alto. O Mestre deixou o divã e começou a dançar. Imediatamente Nabai e os outros devotos começaram a dançar à sua volta. A atmosfera ficou carregada de fervor espiritual.

Depois do kirtan, Shri Ramakrishna retomou seu assento e com muito sentimento, começou a cantar sobre a Mãe Divina, os olhos voltados para cima:

Ó Mãe, sempre Bem-aventurada Tu és,  
 Não prives Teu filho indigno de Bem-aventurança!  
 Minha mente só conhece Teus Pés de Lótus,  
 O Rei da Morte repreende-me com uma expressão terrível  
 Diz-me, Ó Mãe, o que devo dizer-lhe? ...

Cantou novamente:

Como é a meditação de uma pessoa, assim é seu sentimento de amor  
 Como é o sentimento de amor, assim é seu ganho;  
 E a fé é a raiz de tudo.

Continuou:

Este mundo, Ó Mãe, é Teu hospício! O que posso dizer de todas as Tuas virtudes?  
 Pondo de lado Teu elefante, Tu vagueias a pé.  
 Tirando Tuas pedras preciosas e pérolas, Ó Mãe de vontade própria.  
 Tu adornas Teu lindo pescoço com uma grinalda de cabeças humanas.  
 Agora Tu tens de salvar Ramprasad da floresta deste mundo.

Cantou de novo:

Por que eu deveria ir para o Ganga ou Gaya, para Kashi ou Prabhas  
 Enquanto eu puder dar meu último suspiro com o nome de Kali em meus lábios? ...

E novamente:

More, Ó mente, dentro de você mesma;  
 Não entre em outra casa.  
 Se você somente procurar ali, encontrará  
 Tudo o que está procurando. ...

Depois:

A abelha negra da minha mente é atraída em pura alegria  
 Para a flor do lótus azul dos pés da Mãe Shyama ...

E depois:

Acaricie minha preciosa Mãe Shyama,  
 Afetuosamente dentro de você, Ó mente!  
 Que somente você e eu A contemplemos.  
 Não permitindo a ninguém mais intrometer-se. ...

O Mestre ficou de pé enquanto cantava esta última canção. Estava intoxicado de amor divino. Repetidamente dizia aos devotos, “Afetuosamente minha preciosa Mãe Shyama, ternamente dentro de Ti.” Em seguida dançou e cantou:

É Kali, minha Mãe Divina, realmente negra?  
 Desnuda da cor mais negra.  
 Ilumina o Lótus do Coração. ...

O Mestre cambaleava enquanto cantava. Niranjan veio em sua direção para segurá-lo. O Mestre disse-lhe suavemente: “Não me toque, seu maroto!” Vendo o Mestre dançar, os devotos levantaram-se. O Mestre pegou a mão de M., dizendo, “Não seja tolo! Dance!”

Shri Ramakrishna voltou a seu lugar, ainda tomado de êxtase divino. Descendo um pouco ao seu estado normal, disse, “Om! Om! Om! Om! Om! Om Kali!” Novamente falou: “Quero fumar”. Muitos devotos ficaram à sua volta. Mahimacharan abanava-o. O Mestre pediu-lhe que se sentasse e recitasse algo das escrituras. Recitou do *Mahanirvana Tantra*:

OM. Inclino-me a Ti, Duradura Causa do Mundo.  
Inclino-me a Ti, Consciência Pura, Alma que sustém o universo inteiro.  
Inclino-me a Ti, que és Uno sem dualidade, que concedes liberação.  
Inclino-me a Ti, Brahman, Realidade sem atributo que a Tudo permeia.

Tu somente és o Refúgio, único Objeto de adoração;  
Tu és a única Causa do Universo, a Alma que tudo é;  
Tu somente és o Criador do Mundo, Tu és seu Preservador e Destruidor;  
Tu és o imutável Senhor Supremo, o Absoluto; Tu és a Consciência imutável.

Horror do horrível ! Terror do terrível!  
Refúgio de todos os seres! Pureza dos purificadores!  
Somente Tu reinas sobre aqueles nos lugares elevados.  
Supremo sobre o supremo, o Protetor dos protetores.

Poderoso Senhor, que Te fizeste manifesto como a Forma de todos,  
Contudo Tu Mesmo és imanifesto e indestrutível.  
Tu és imperceptível aos sentidos, todavia és a própria Verdade;  
Incompreensível, imortal, que a tudo penetras, oculto e sem forma;  
Ó Senhor! Ó Luz do Universo! Protege-nos do mal.

Somente naquele Uno meditamos, aquele Uno é o único objeto de nossa adoração;  
Somente Aquele, a Testemunha não dual do Universo, inclinamo-nos.  
Naquele Uno que sozinho existe e que é nosso único Amparo Eterno, buscamos refúgio.  
O Senhor dependente de Si mesmo, o Navio de Segurança no oceano de existência.

Shri Ramakrishna ouviu o hino, com as mãos postas. Depois do canto, saudou Brahman. Os devotos fizeram o mesmo.

Adhar chegou de Calcutá e inclinou-se diante do Mestre.

Mestre (*a M.*): “Que grande alegria tivemos hoje! Quanta alegria o nome de Hari cria! Não é assim?”

M.: “Sim, senhor.”

Mahima era estudante de filosofia. Naquele dia também havia cantado o nome de Hari e dançado durante o kirtan. Isto fez o Mestre muito feliz.

Era quase o entardecer. Muitos devotos foram embora. Um lampião foi aceso no quarto de Shri Ramakrishna e queimou-se incenso. Depois de um certo tempo, a lua apareceu, inundando o céu com sua luz.

Shri Ramakrishna estava sentado no divã. Estava em êxtase, absorvido na contemplação da Mãe Divina. Às vezes cantava Seu abençoado nome. Adhar estava sentado no chão. M. e Niranjan também estavam presentes. Shri Ramakrishna começou a conversar com Adhar.

Mestre: “O que! Só agora chegou! Tivemos muito kirtan e dança. Shyamdas começou o kirtan. É professor de música de Ram, mas não gostei da maneira dele cantar; não senti vontade de dançar. Mais tarde ouvi a respeito do seu caráter. Disseram-me que tinha tantas amantes quantos fios de cabelo há na cabeça de um homem.

“Conseguiu um emprego?”

Adhar era magistrado nomeado, posto do governo que trazia consigo grande prestígio. Ganhava trezentas rupias por mês. Havia se candidatado ao lugar de vice-presidente da Muni-

cipalidade de Calcutá. O salário desse posto era de mil rupias. A fim de consegui-lo, Adhar havia se entrevistado com muitas pessoas importantes em Calcutá.

Mestre (*a M. e Niranjana*): “Hazra disse-me, ‘Por favor ore à Mãe Divina por Adhar, para que consiga o emprego.’ Adhar fez-me o mesmo pedido. Eu disse à Mãe: ‘Ó Mãe, Adhar tem estado me visitando. Que ele possa conseguir o emprego se isso Te agradar’, mas ao mesmo tempo eu Lhe disse: ‘Que mente pequena ele tem! Ora a Ti por coisas assim e não, por Conhecimento e Devoção.’”

(*A Adhar*): “Por que andou de um lado para o outro, fazendo sala a todas essas pessoas de mente tacanha? Você já viu tanto! Você já ouviu tanto! É como uma pessoa que tivesse lido o *Ramayana* inteiro e depois, perguntasse de quem Sita é esposa!”

Adhar: “Um homem tem que fazer estas coisas se quiser levar a vida de um chefe de família. O senhor não nos proibiu, não é?”

Mestre: “Somente nivritti é bom e não, pravritti <sup>3</sup>. Uma vez, quando eu estava intoxicado por Deus, pediram-me para ir ao administrador do templo de Kali, a fim de assinar o recibo do meu salário <sup>4</sup>. Todos agem assim aqui, mas eu disse ao administrador, ‘Não posso fazer isso. Não estou pedindo qualquer salário. O senhor pode dá-lo a outra pessoa, se assim o desejar’. Sou somente um servo de Deus. A quem mais vou servir? Mallick reparou a hora avançada de minhas refeições e arranjou-me um cozinheiro. Deu-me uma rupia para as despesas do mês. Isso me embaraçou. Tinha que ir correndo a ele sempre que me chamasse. Seria bem diferente se eu mesmo fosse até ele, porque queria.

“Levando uma vida mundana, tem-se que aturar pessoas de mente mesquinha e fazer dessas coisas. Depois de atingir o meu exaltado estado, vi como as coisas eram à minha volta. Disse à Mãe Divina: “Ó Mãe, muda o rumo da minha mente para que eu não tenha que bajular as pessoas ricas.”

(*A Adhar*): “Fique satisfeito com o emprego que tem. As pessoas correm atrás de um lugar que paga cinqüenta a cem rupias, e você ganha trezentas! É um magistrado. Vi um magistrado em Kamarpukur. Seu nome era Ishwar Ghoshal. Usava um turbante. Os ossos das pessoas tremiam diante dele. Lembro-me de tê-lo visto em minha infância. É um magistrado uma pessoa que deva ser menosprezada?”

“Sirva aquele a quem já está servindo. A mente torna-se maculada com o serviço a um senhor. Imagine, servindo a cinco senhores!”

“Uma vez uma mulher apegou-se a um muçulmano e convidou-o para ir a seu quarto. Mas ele era um homem correto; disse que desejava usar o vaso sanitário e deveria ir à sua casa apanhar o jarro de água para se lavar. A mulher ofereceu seu jarro, mas ele disse: ‘Não, o seu não serve. Devo usar aquele que uso sempre. Não posso usar um novo.’ Com estas palavras foi embora. Isto trouxe a mulher à razão. Compreendeu que um jarro novo, neste caso, queria dizer uma amante.”

Com a morte de seu pai, Narendra ficou numa situação difícil. Estava procurando um emprego para manter a mãe, irmãs e irmãos. Havia trabalhado alguns dias como diretor da Escola Vidyasagar em Bowbazar.

Adhar: “Narendra aceitará um emprego?”

Mestre: “Sim, aceitará. Ele tem mãe, irmãos e irmãs para sustentar.”

Adhar: “Bem, Narendra pode sustentar sua família com cinqüenta ou cem rupias. Vai tentar cem?”

Mestre: “As pessoas mundanas pensam muito a respeito de sua riqueza. Sentem que não há nada mais importante do que ela. Sambhu disse: ‘É minha vontade deixar todas as minhas propriedades aos Pés de Lótus de Deus.’ Mas Deus importa-se com dinheiro? Deseja de Seus devotos conhecimento, devoção, discriminação e renúncia.

“Depois do roubo das jóias do templo de Radhakanta, Mathur Babu disse: ‘Ó Deus, Tu não pudeste proteger Tuas próprias jóias! Que vergonha!’ Uma vez ele quis dar-me uma

<sup>3</sup> Nivritti e pravritti significam, respectivamente, interiorização da mente e sua inclinação para o prazer exterior.

<sup>4</sup> Shri Ramakrishna era, então, um sacerdote assalariado do templo de Kali..

propriedade e consultou Hriday. Soube por acaso de sua intenção no templo de Kali e disse-lhe: ‘Por favor não pense em tal coisa. Isto me ferirá muito.’

Adhar: “Senhor, digo-lhe que não mais de seis ou sete pessoas como o senhor, nasceram desde a criação do mundo.”

Mestre: “Como? Há certamente muitas pessoas que abandonaram tudo por Deus. Logo que se desiste de sua fortuna, as pessoas tomam conhecimento dele. É verdade também, que há pessoas que não chegam a ser conhecidas, mas não há homens santos no norte da Índia?”

Adhar: “Conheço pelo menos um assim, em Calcutá. É Devendranath Tagore.”

Mestre: “O que disse? Quem já gozou o mundo mais do que ele? Uma vez visitei-o, com Mathur Babu. Vi que tinha muitos filhos pequenos. O médico da família estava lá, receitando. Se, depois de ter tido oito filhos, um homem não pensa em Deus, então, quando o fará? Se, depois de desfrutar de tanta riqueza, Devendranath não tivesse pensado em Deus, seria uma vergonha.”

Niranjan: “Mas ele pagou todas as dívidas de seu pai.”

Mestre: “Fique quieto! Não me aborreça mais. Você chama homem alguém que não pague as dívidas de seu pai, podendo fazê-lo? Mas admito que Devendranath é infinitamente maior do que os outros homens, imersos no mundanismo. Eles podem aprender muito com ele.

“Há um oceano de diferença entre um verdadeiro devoto de Deus que a tudo renuncia, e um devoto chefe de família. Um verdadeiro sannyasi, um devoto real que renunciou ao mundo, é como uma abelha. A abelha não pousará em outra coisa que não seja numa flor. Não beberá outra coisa que não seja mel, mas o devoto que leva a vida mundana, é como a mosca, que pousa tanto numa ferida supurada, quanto um doce. Num momento desfruta um estado espiritual, para em seguida, estar com desejo de prazer de ‘mulher e ouro’.

“Um devoto que real e verdadeiramente renunciou tudo por Deus, é como o pássaro chatak. Beberá somente a água da chuva, que cai quando a estrela Svati está no ascendente. Prefere morrer de sede, a tocar qualquer outra água, embora à sua volta possa haver sete oceanos e rios. Um devoto que a tudo renunciou, não tocará ‘mulher e ouro’. Não manterá ‘mulher e ouro’ perto dele, senão se sentirá apegado.”

Adhar: “Mas Chaitanya também desfrutou o mundo?”

Mestre (*com espanto*): “O que? Como ele desfrutou o mundo?”

Adhar: “Erudição! Honra!”

Mestre: “Foi uma honra aos olhos dos outros, mas para ele, nada. Se você – um magistrado – ou este, Niranjan, mais jovem, me prestam homenagem, são iguais aos meus olhos. Digo isto com sinceridade: a idéia de controlar um homem rico jamais entra em minha mente. Surendra uma vez disse-me, de maneira um tanto condescendente, que o pai de Rakhhal poderia me processar por deixar Rakhhal <sup>5</sup> ficar comigo. Ao ouvir isso, disse: ‘Quem é este Surendra? Como ousa fazer um comentário como este? Ele guarda um tapete e um travesseiro aqui, e me dá algum dinheiro. Será essa sua desculpa, para um comentário tão imprudente?’

Adhar: “Sei que ele dá dez rupias por mês. Não é assim?”

Mestre: “Que cobrem dois meses de despesas. Os devotos ficam aqui e ele dá dinheiro para seu serviço. É ele quem recebe o mérito. Que significa isso para mim? Será um bem pessoal, que amo Narendra, Rakhhal e os outros?”

M.: “Seu amor por eles é como o amor de uma mãe pelos seus filhos.”

Mestre: “Mas mesmo atrás do amor de uma mãe, há esperança de que mais tarde, os filhos a sustentarão. Mas amo esses jovens porque vejo neles o Próprio Narayana. Estas não são simples palavras.

(*A Adhar*): “Ouça. Não há falta de aleluia quando o lampião está aceso. Quando Deus é realizado, Ele Próprio provê tudo para Seus devotos. Ele provê que não lhes falte nada. Quando Deus é entronado no coração, muitas pessoas vêm oferecer seus serviços.

“Uma vez um sannyasi foi até um chefe de família, mendigar seu alimento. Havia vivido como monge desde o seu nascimento: não sabia nada de assuntos mundanos. Uma jovem

<sup>5</sup> Rakhhal era então, menor de idade.

filha do dono da casa saiu para dar esmola ao monge. Ele virou-se para a mãe e disse: ‘Mãe, essa moça está com abcessos em seu peito?’ A mãe respondeu: ‘Não, meu filho. Deus deu seios para que ela alimente os filhos, quando se tornar mãe.’ A isto o sannyasi disse: ‘Então por que deveria me preocupar comigo mesmo? Por que vou mendigar o alimento? Aquele que me criou, certamente me alimentará.’

“Ouça. Se uma mulher renuncia a tudo por seu amante, pode dizer-lhe, se for necessário, ‘Seu patife! Vou sentar-me em seu peito e devorá-lo’.

“Nangta contou-me a respeito de um certo rei que deu uma festa para os sadhus, usando pratos e cálices de ouro. Reparei nos mosteiros de Benares com que respeito os abades eram tratados. Pessoas ricas do norte ficavam ante eles, de mãos postas, prontas para lhes obedecer, mas o verdadeiro sadhu, que a tudo renunciou, não procura nem prato de ouro, nem honra. Deus vê que não lhe falte nada. Deus dá ao devoto tudo de que necessita para realizá-lo.

(A Adhar): “Você é um funcionário executivo. O que vou lhe dizer? Faça o que achar melhor. Sou um iletrado.”

Adhar (*sorrindo, aos devotos*): “Agora ele está me examinando.”

Mestre (*sorrindo*): “Só o desapego é bom. Não vê que não assinei o recibo de meu salário? Só Deus é real e tudo o mais ilusório.”

Hazra entrou no quarto e sentou-se entre os devotos, no chão. Às vezes Hazra repetia, “Soham! Soham!” , “Eu sou Ele! Eu sou Ele!” A Latu e outros devotos, costumava dizer: “O que se ganha adorando Deus com oferendas? É como simplesmente dar a Ele coisas que já possui.” Certa vez disse isto a Narendra.

O Mestre falou com Hazra.

Mestre: “Expliquei a Latu quem é objeto de adoração.”

Hazra: “O devoto realmente ora para seu próprio Ser.”

Mestre: “O que você está falando é um pensamento muito inconseqüente. O objetivo da disciplina espiritual, de cantar o nome e glórias de Deus, é justamente realizar isto. Um homem alcança tudo quando descobre seu verdadeiro Ser nele. O objeto da sadhana é realizar este fato. É este também, o objetivo de se tomar um corpo humano. Necessita-se do molde de argila, enquanto a imagem ainda não foi fundida; mas quando a imagem está feita, joga-se o molde fora. O corpo pode ser abandonado, depois da realização de Deus.

“Deus não está somente dentro de nós. Está tanto dentro, quanto fora. A Mãe Divina mostrou-me no templo de Kali, que tudo é Chinmaya, a Encarnação do espírito; que é Ela quem Se tornou tudo – a imagem, eu, os utensílios do culto, a soleira da porta, o chão de mármore. Tudo é verdadeiramente Chinmaya.

“O propósito da oração, da disciplina espiritual, de cantar o nome e das glórias de Deus, é realizar somente isto. Somente para isto o devoto ama Deus. Esses jovens <sup>6</sup> estão num nível mais baixo; ainda não alcançaram um elevado estado espiritual. Seguem o caminho de bhakti. Por favor não lhes fale de coisas como ‘Eu Sou Ele’.”

Como a mãe passarinho vigiando os filhotes, Shri Ramakrishna estava alerta protegendo seus devotos.

Adhar e Niranjan saíram pelo pórtico para uma refeição ligeira. Logo voltaram.

Adhar (*sorrindo*): “Falamos sobre tantas coisas. (*Apontando para M.*) “Mas ele não pronunciou uma só palavra.”

Mestre: “Na organização de Keshab havia um jovem que tinha quatro diplomas universitários. Ria quando via as pessoas argumentando comigo. Dizia: ‘Argumentar com ele! Que bobagem!’ Eu o vi novamente mais tarde, numa das reuniões de Keshab, mas, não tinha mais aquele orgulho.”

Shri Ramakrishna sentou-se no chão para a ceia. Era uma refeição leve, consistindo de pudim e um ou dois luchs que haviam sido oferecidos no templo de Kali. M. e Latu estavam no quarto. Os devotos trouxeram diversos doces para o Mestre. Tocou num sandesh e perguntou a Latu, “Quem me trouxe isto?” Tirou o sandesh da taça e deixou-o no chão. Disse a Latu e M.: “Sei tudo a respeito dele. É imoral.”

<sup>6</sup> Referindo-se a Latu e aos outros.

Latu: “Vou dar-lhe este doce?”

Mestre: “Kishori trouxe-o.”

Latu “Está bem para o senhor?”

Mestre (*sorrindo*): “Sim.”

M. havia recebido uma educação inglesa. Shri Ramakrishna disse-lhe: “Não me é possível comer coisas oferecidas por qualquer um. Acredita nisso?”

M.: “Gradualmente estou acreditando nessas coisas.”

Mestre: “Sim, é assim.”

Depois de comer Shri Ramakrishna lavou a boca. Disse a M.: “Então você vai dar a rupia a Naran?” “Sim”, disse M., “darei com certeza.”

A lua apareceu no céu claro de outono e refletiu-se no rio. Era a maré baixa no Ganges e o rio fluía em direção sul para o mar.

*Domingo, 14 de setembro de 1884*

Shri Ramakrishna estava sentado em seu aposento com Narendra, Bhavanath, os irmãos Mukherjis e outros devotos. Rakhai estava morando com Balaram em Vrindavan, e teve que ficar acamado, com febre. Narendra estava se preparando para as provas do vestibular da Faculdade de Direito.

Mais ou menos às onze horas. Jnan Babu chegou. Era funcionário do governo e possuía quatro diplomas universitários.

Mestre (*ao ver Jnan Babu*): “Bem! Bem! Que súbito despertar de ‘conhecimento’<sup>7</sup>”

Jnan (*sorrindo*): “Você é Jnan, então por que haveria de ter ajnan, ignorância? Ó, compreendo. Onde há conhecimento há, também, ignorância. O sábio Vashishtha era dotado de grande conhecimento e mesmo assim, chorou a morte de seus filhos. Portanto, peço-lhe para ir além de ambos, conhecimento e ignorância. O espinho da ignorância espetou o pé de um homem. Necessita do espinho do conhecimento para retirá-lo. Por fim, livra-se de ambos. O jnani diz, ‘Este mundo é uma moldura de ilusão’. Mas quem está além do conhecimento e ignorância o descreve como uma ‘mansão de alegria’. Vê que foi o próprio Deus quem Se tornou o universo, todos os seres vivos e os vinte e quatro princípios cósmicos.

“Pode-se viver no mundo depois de se ter alcançado Deus. Pode então levar uma vida de desapego. No interior vi as mulheres das famílias de carpinteiros, fazendo arroz tostado com a máquina de descascar. Com uma das mãos revolvía o arroz no buraco, e com a outra, ninava o bebê. Ao mesmo tempo conversava com o cliente. ‘Dizia-lhe: “O senhor me deve dois annas. Pague antes de ir-se”. Mas setenta e cinco por cento de sua mente está na sua mão, caso contrário, seria esmagada pelo pilão da máquina de descascar.

“Um homem deveria fazer os seus deveres mundanos, com somente vinte e cinco por cento da mente, dedicando o restante, a Deus.”

Referindo-se ao Pundit Shashadhar, o Mestre disse aos devotos, “Achei-o monótono – empenhado em seca discussão filosófica.

“Só aquele que, depois de alcançar Nitya, o Absoluto, pode morar em Lila, o Relativo, e daí, subir de Lila a Nitya, tem conhecimento e devoção maduros. Sábios como Narada mantiveram amor de Deus depois de alcançar o Conhecimento de Brahman. Isto é chamado vijnana.

“Simples conhecimento seco é como um foguete comum; queima-se em poucas faíscas e em seguida, extingue-se. Mas o Conhecimento de sábios como Narada e Shukadeva é como foguete de boa qualidade; por uns momentos atira bolas de cores diferentes e em seguida, pára; novamente atira outras bolas e então, pára; e assim sucessivamente. Aqueles sábios tinham prema por Deus. Prema é a corda pela qual se alcança Satchidananda.”

O Mestre terminou o almoço e descansou um pouco. Bhavanath, M., os irmãos Mukherjis, Hazra e diversos devotos sentaram-se debaixo da árvore bakul e começaram a conversar. O Mestre parou aí em seu caminho para o bosque de pinheiros.

<sup>7</sup> Jnan significa Conhecimento.

Hazra (*para Gopal mais jovem*): “Por favor prepare o fumo para ele [referindo-se ao Mestre].”

Mestre (*sorrindo*): “Por que você não diz o que quer?” (*Todos riem*).

Mukherji (*a Hazra*): Você deve ter recebido muita sabedoria dele [referindo-se ao Mestre].

Mestre (*sorrindo*): “Não, ele é sábio desde a infância.” (*Todos riem*).

Logo Shri Ramakrishna voltou para o bosque de pinheiros. Os devotos repararam que estava em êxtase e cambaleando, como um bêbado. Depois de chegar ao quarto, retornou ao estado normal.

Muitos devotos juntaram-se no aposento. Entre eles havia um recém-chegado, um sadhaka de Konnagar, que parecia ter mais de cinquenta anos e ser muito vaidoso de sua erudição. O Mestre ficou no meio do quarto e subitamente disse a M.: “Ele veio – Naran.”

Narendra estava na varanda, discutindo com Hazra e alguns devotos, Podiam ser ouvidos do quarto.

Mestre (*referindo-se a Narendra*): “Que tagarela! Mas agora está muito preocupado com sua família.”

M.: “Sim, é verdade.”

Mestre: “Uma vez ele disse que olharia a adversidade como sua boa sorte. Não foi?”

M.: “Ele possui uma força mental muito grande.”

Um devoto: “Falta-lhe força em qualquer coisa?”

Apontando para o sadhaka de Konnagar, um devoto disse ao Mestre: “Senhor, ele veio visitá-lo. Tem algumas perguntas a fazer.” O sadhaka estava sentado ereto, com queixo para cima.

Sadhaka: “Senhor, qual é o caminho?”

Mestre: “Fé nas palavras do guru. Alcança-se Deus, seguindo as instruções do Guru, passo a passo. É como chegar a um objeto, seguindo a trilha de um rio.”

Sadhaka: “É possível se ver Deus?”

Mestre: “Ele não pode ser conhecido pela mente mergulhada no mundanismo. Não se pode alcançar Deus, se tiver o menor vestígio de apego a ‘mulher e ouro’. Mas é cognoscível pela mente pura e pela inteligência pura – mente e inteligência que não tiverem o menor sinal de apego. Mente Pura, Inteligência Pura, Atman Puro são uma e mesma coisa.”

Sadhaka: “Mas as escrituras dizem, ‘D’Ele palavras e mente voltam frustradas. Ele não pode ser conhecido pela mente e palavras.’

Mestre: “Ó, pare! Não se pode entender o significado das escrituras sem praticar disciplina espiritual. O que o senhor ganha somente pronunciando a palavra ‘siddhi’? <sup>8</sup> Os pundits citam com muita loquacidade as escrituras; mas qual é o resultado? Não se fica intoxicado, esfregando siddhi em seu corpo; tem-se que engoli-lo. Para que serve repetir, ‘Há manteiga no leite?’ Transforma o leite em coalho e bata-o. Só então se obterá manteiga.

Sadhaka: “O senhor fala de bater manteiga, mas também está citando as escrituras.”

Mestre: “O que se ganha simplesmente citando ou ouvindo as escrituras? Devemos assimilá-las. O almanaque prevê as chuvas para o ano inteiro, mas não se obterá uma só gota, espremendo as páginas.”

Sadhaka: “O senhor fala sobre bater a manteiga. O senhor mesmo fez isso?”

“Mestre: “Não tem que se preocupar sobre o que fiz ou não. Além disso, é muito difícil explicar estas coisas aos outros. Suponhamos que alguém lhe pergunte, ‘Qual é o gosto de ghee?’ Sua resposta será, ‘Ghee tem gosto de ghee’.

“Para entender estas coisas, deve-se viver com os santos, da mesma maneira que, para conhecer o pulso da bile <sup>9</sup>, da fleuma e assim por diante, tem-se que viver com um médico.”

Sadhaka: “Há algumas pessoas que ficam irritadas na companhia de outras.”

Mestre: “Isto ocorre somente depois de se alcançar o Conhecimento, depois da realização de Deus. Não deve um principiante viver na companhia de santos?”

<sup>8</sup> Cânhamo indiano.

<sup>9</sup> Segundo a medicina ortodoxa hindu, fleuma, bile e ar são os três elementos que controlam a saúde física. O médico pode determinar sua condição sentindo o pulso do paciente.

O sadhaka ficou em silêncio por uns instantes. Então disse com uma certa irritação: “Por favor, diga-me se o senhor realizou Deus direta ou intuitivamente. O senhor pode responder ou ficar em silêncio se quiser.” O Mestre disse com um sorriso: “O que vou dizer? Somente se pode dar uma pequena idéia’.”

Sadhaka: “Diga-nos o quanto é esse tanto.”

Narendra ia cantar. Disse: “Ninguém trouxe pakhoaj.”

Gopal mais jovem: “Mahimacharan tem um.”

Mestre (*interrompendo*): “Não, não desejamos nada dele aqui.”

Um devoto de Konnagar entoou uma canção. De vez em quando Shri Ramakrishna lançava um olhar para o sadhaka. O cantor e Narendra empenharam-se numa discussão acirrada, sobre técnica musical. O sadhaka disse ao cantor, “Para que servem essas discussões?” Referindo-se a um outro homem, que havia se juntado à discussão, Shri Ramakrishna disse ao sadhaka, “Por que o senhor não o repreende também?” Podia-se notar que o sadhaka não mantinha termos amigáveis, com seus companheiros de Konnagar.

Narendra cantou:

Ó senhor, devem todos os meus dias passarem-se tão totalmente em vão?  
Embaixo do caminho da esperança, gazeio com anelo, dia e noite. ...

O sadhaka fechou os olhos em meditação, enquanto ouvia a canção. Eram quatro horas da tarde. Os raios do sol que se punha, caíam em seu corpo. Shri Ramakrishna rapidamente abriu um guarda-chuva e colocou-o perto da porta, de forma que o sol não pudesse perturbar o sadhaka.

Narendra cantou novamente:

Como posso contemplar-Te, Ó Senhor, com essa mente tão maculada e mundana?  
Pode a palha permanecer intacta num buraco contendo carvão ardente?  
Tu, todo bondade, és o fogo e eu, todo pecado, sou somente a palha;  
Como jamais poderei adorar-Te?

A glória de Teu nome, dizem, redime aqueles que já não podem ser redimidos;  
Contudo, quando canto Teu nome sagrado, meu Deus, meu pobre coração treme de medo  
Gasto minha vida como escravo do pecado, como posso encontrar refúgio,  
Ó Senhor, dentro do Teu santo caminho?

Por Tua abundante bondade, salvas Tu este malvado pecador;  
Arrasta-me pelos cabelos e dá-me abrigo em Teus pés.

Novamente cantou:

Doce é Teu nome, Ó refúgio dos humildes!  
Ele cai como o mais doce néctar, em nossos ouvidos  
E nos conforta, Bem-Amado de nossas almas!  
O tesouro sem preço de Teu nome somente  
É a morada da Imortalidade;  
E aquele que canta Teu nome, torna-se imortal.  
Caíndo nos nossos ouvidos, Teu santo nome  
Imediatamente fez desaparecer a angústia de nossos corações.  
Tua Alma de nossas almas e enche nossos corações com felicidade!

Enquanto Narendra cantava o verso, “E aquele que canta Teu nome torna-se imortal”, o Mestre entrou em samadhi. Logo seus dedos, especialmente os polegares, começaram a tremer. Os devotos de Konnagar jamais haviam visto o Mestre em samadhi. Ao vê-lo silencioso, estavam a ponto de deixarem o aposento. Bhavanath perguntou-lhes: “Por que desejam sair? Isto é o seu samadhi.” Os devotos voltaram a seus lugares.

Narendra cantou:

Trabalhei dia e noite  
 Para construir Teu assento em meu coração.  
 Não desejas ser tão bondoso para mim.  
 Ó Senhor do mundo, entrando ali?

Shri Ramakrishna, ainda em êxtase, desceu do divã para o chão e sentiu-se perto de Narendra. O bem-amado discípulo cantou novamente:

No firmamento da Sabedoria a lua do Amor está surgindo cheia.  
 É a maré do Amor, em ondas agitadas, que flui em todos os lugares.  
 Ó Senhor, como cheio de Bem-aventurança Tu és! Salve! ...

Enquanto Narendra cantava o último verso, Shri Ramakrishna levantou-se em *samadhi*.

Depois de muito tempo, o Mestre retomou a consciência parcial do mundo, e sentou-se na esteira. Narendra acabou de cantar e o *tanpura* foi guardado no lugar. O Mestre ainda estava em êxtase e disse: “Mãe, diz-me o que é isto. Querem que alguém extraia a manteiga para eles e a coloque em suas bocas. Não vão jogar a isca condimentada no lago. Nem mesmo vão segurar o caniço. Alguém tem que apanhar o peixe e colocá-lo em suas mãos! Que trabalho! Ó Mãe, não ouvirei qualquer discussão mais. Os patifes querem forçá-lo sobre mim. Que aborrecimento! Vou afastá-lo com força. Deus está além dos Vedas e suas regras. Pode alguém realizá-Lo apenas pelo estudo das escrituras, Vedas e Vedanta? (*A Narendra*) Compreende isso? Os Vedas dão apenas uma idéia.”

Narendra quis o *tanpura* outra vez. O Mestre disse, “Quero cantar.” Ainda estava em êxtase e cantou:

Mãe, essa é a tristeza que amargamente aflige meu coração.  
 Que embora Tu sejas a Mãe e eu esteja alerta,  
 Haja assalto em minha casa. ...

O Mestre disse, “Mãe, por que me fazes discutir?” Cantou mais uma vez:

De uma vez por todas, agora compreendo inteiramente;  
 Do Uno que conhece isso bem, aprendi o segredo de bhava.

O Mestre disse, “Estou totalmente consciente” mas ainda estava embriagado de fervor divino. Cantou mais uma vez:

Não bebo vinho comum, mas o Vinho da Bem-Aventura Eterna,  
 Quando digo o nome de minha Mãe Kali;  
 Ele intoxica de tal modo minha mente, que as pessoas me tomam por bêbado!

Shri Ramakrishna disse, “Mãe, não ouvirei mais argumentações”. Narendra cantou:

Ó Mãe, enlouqueça-me com Teu amor!  
 Que necessidade tenho de conhecimento ou raciocínio? ...

Shri Ramakrishna disse com um sorriso, “Ó Mãe, enlouquece-me! Deus não pode ser realizado pelo conhecimento e raciocínio, através das discussões sobre as escrituras.” Tinha ficado satisfeito com o músico de Konnagar e disse-lhe humildemente: “Por favor, cante sobre a Mãe Divina. Por favor – uma canção.”

Músico: “Tem que me desculpar, senhor.”

Mestre (*inclinando-se com as mãos postas*): “Não, senhor. Insisto neste pedido.”

Dizendo isto, Shri Ramakrishna cantou alguns versos de um *kirtan*, assumindo a atitude de uma *gopi*:

Radha tem todo direito de dizer isto;  
Manteve-se desperta para Krishna.  
Ficou acordada noite inteira.  
E tem todo o direito de ficar zangada.

Então disse ao músico: “Meu caro senhor, o senhor é o filho da Divina Mãe. Ela mora em todos os seres. Portanto, tenho todo o direito de reforçar o meu pedido. Um fazendeiro disse ao guru: “Vou obter do senhor meu mantra, nem que tenha de lhe bater.”

Músico (*sorrindo*): “Com uma chinelada?”

Mestre (*sorrindo*): “Não vou tão longe.”

Novamente em êxtase, Shri Ramakrishna disse: “O iniciante, o que luta, o perfeito, o supremamente perfeito. Qual deles o senhor é – perfeito ou supremamente perfeito? Vamos! Cante para nós.”

O músico concordou. Cantou somente uma melodia.

Mestre: “Meu caro senhor, isto também me faz feliz.”

O músico então, entoou uma canção. Quando a música terminou, os devotos de Konnagar saudaram o Mestre e se retiraram. O sadhaka inclinou-se ante ele com as mãos postas e disse: “Homem santo, vou me despedir do senhor.”

Shri Ramakrishna ainda em êxtase, conversava com a Mãe Divina.

Mestre: “Mãe, és Tu ou eu? Faço alguma coisa? Não, não! És Tu. Foste Tu quem ouviu os argumentos todo o tempo, ou fui eu? Não, não eu. Foste Tu.”

Shri Ramakrishna voltou à consciência do mundo exterior e começou a conversar com Narendra, Bhavanath e os outros devotos. Estavam falando sobre o sadhaka.

Bhavanath (*sorrindo*): “Que tipo de homem ele é?”

Mestre: “É um devoto tamásico.”

Bhavanath: “Certamente pode recitar versos em sânscrito.”

Mestre: “Uma vez falei com um homem a respeito de um sadhu. ‘Ele é um sadhu rajásico. Por que se deve dar a ele comida e outros presentes?’ A isto um outro sadhu ensinou-me uma lição dizendo: ‘Não fale assim. Há três tipos de homens santos! Sattvicos, rajásicos e tamásicos.’ Desde aquele dia passei a respeitar homens santos de toda espécie.”

Narendra (*sorrindo*): “O que? É como o ‘Deus-elefante?’ Todos, certamente, são Deus.”

Mestre (*sorrindo*): “É o Próprio Deus que brinca no mundo tanto como vidya quanto avidya. Portanto saúdo ambos. Está escrito no *Chandi*: ‘A Mãe Divina é a boa sorte dos abençoados e a má sorte dos infelizes.’ (A *Bhavanath*) Isto está escrito no *Vishnu Purana*?”

Bhavanath (*sorrindo*): “Não sei, senhor. Os devotos de Konnagar não entenderam o seu samadhi e já queriam ir embora.”

Mestre: “Quem pediu-lhes para ficar?”

Bhavanath (*sorrindo*): “Fui eu.”

Mestre: “Meu filho, você age certo ao trazer gente aqui e ao levá-la embora.”

A conversa mudou para a discussão que Narendra tivera com o músico de Konnagar.

Mukherji: “Narendra não o poupou.”

Mestre: “Está bem. Uma energia assim é necessária. Isto chama-se influência de tamas sobre sattva. Um homem tem que ouvir tudo o que um outro diz? Deve-se dizer a uma prostituta, ‘Está bem, pode fazer o que quiser’? Deve-se ouvi-la? Certa vez Radha ficou zangada. Uma amiga disse-lhe: ‘O ego dela cresceu’. Brinde, outra amiga, disse: ‘De quem é esse ego? Seu ego pertence somente a Krishna. Tem orgulho no orgulho de Krishna’.”

A conversa mudou para a glória do nome de Deus.

Bhavanath: “Fico muito aliviado quando canto o nome de Hari.”

Mestre: “Quem me alivia do pecado é Hari. Ele nos alivia das três aflições do mundo. Chaitanya pregava a glória do nome de Hari; então essa prática deve ser boa. Veja, ele foi um grande erudito e também, uma Encarnação. Visto que *ele* pregava aquele nome, isso deve ser bom. (*Sorrindo*) Uma vez alguns camponeses foram convidados para uma festa. Perguntaram-lhe se comeriam um prato de ameixa-de-porco. Responderam: ‘Podem nos dar, se as pessoas importantes a comerem também. Se *elas* a apreciarem, então deve ser bom.’

(*Aos irmãos Mukherjis*) “Gostaria de visitar Shivanath. Não tenho de alugar uma caruagem, se os senhores me levarem na sua.”

Mukherji: “Está bem, senhor. Vamos marcar um dia.”

Mestre (*aos devotos*): “Acham que os Brahmos vão gostar de mim! Criticam aqueles que acreditam em Deus com forma.”

Mahendra Mukherji queria fazer uma peregrinação. Falou sobre isto com Shri Ramakrishna.

Mestre (*sorrindo*): “Como? Quer ir quando o broto do amor divino mal despontou? Primeiro vem o broto, depois a árvore e então, o fruto. Gostamos de tê-lo aqui para conversar.”

Mahendra: “Sinto-me um pouco como se estivesse visitando os lugares sagrados. Voltarei breve.”

Eram mais ou menos cinco horas da tarde. Shri Ramakrishna deixou o aposento. Os devotos passeavam no jardim. Muitos já estavam de saída.

O Mestre conversava com Hazra na varanda norte. Falava das freqüentes visitas de Narendra a Annada, filho mais velho dos Guhas.

Hazra: “Ouvi dizer que Annada está agora praticando austeridade. Vive com muito pouca comida e come arroz somente a cada quatro dias.”

Mestre: “É assim? ‘Quem sabe? Pode-se realizar Deus mesmo por meio de uma roupa religiosa’.”

Hazra: “Narendra cantou o agamani<sup>10</sup>.”

Mestre (*ansiosamente*): “Como ele o cantou?”

Kishori estava bem perto. O Mestre disse-lhe: “Você está bem?”

Mais tarde o Mestre estava no pórtico oeste. Como era outono, vestira uma camisa de flanela, tingida de ocre. Perguntou a Narendra, “É verdade que você<sup>11</sup> cantou o agamani?”

Acompanhado de Narendra e M., Shri Ramakrishna foi até a amurada do Ganges.

Narendra cantou o agamani:

Diga-me, minha Uma, como você passou sozinha na casa do Estranho<sup>12</sup>.

As pessoas falam muito mal de nós! Meu Deus, morro de vergonha!

Meu Genro passa em Seu corpo, cinzas da pira funerária,

E vagueia com grande alegria.

Tu, junto com Ele, também cobres com cinza Tua pele dourada.

Ele mendiga a comida que come! Como posso suportar isso, sendo sua mãe?

Desta vez, quando Ele voltar para buscar-Te, eu Lhe direi,

“Minha filha Uma não está em casa.”

Shri Ramakrishna estava de pé ouvindo a canção, quando entrou em samadhi. O sol ainda estava acima do horizonte, enquanto o Mestre permanecia na amurada em êxtase. De um lado estava o Ganges, correndo para o norte com a maré. Atrás dele estava o jardim de flores. À sua direita podiam ser vistos o nahabat e o Panchavati. Narendra estava a seu lado, cantando. Gradualmente a escuridão da noite caiu sobre a terra.

Depois Narendra e diversos devotos saudaram o Mestre e partiram para Calcutá. Shri Ramakrishna voltou para o quarto. Estava em meditação profunda na Mãe Divina e cantava o Seu santo nome.

<sup>10</sup> Uma série de canções invocando Durga, a Mãe Divina. Segundo a mitologia hindu, Durga ou Uma, é filha do rei Himalaia. Casou-se contra a vontade de Seus pais com Shiva, que vagueia nos campos de cremação, na companhia de fantasmas, esfregando cinzas no corpo e vivendo de esmolos. Segundo as condições do casamento, Durga tinha permissão de ficar com os pais, três dias no ano. As mulheres hindus de Bengala olham Durga como sua própria filha. No primeiro dia do Durga Puja cantam o agamani, dando boas vindas à Mãe Divina. A canção é cheia de ternura e afeição de uma mãe por sua filha que está retornando ao lar, vindo da casa do marido, depois de muito tempo.

<sup>11</sup> Como membro do Brahmo Samaj, Narendra por esta época, não acreditava nos deuses e deusas da religião hindu.

<sup>12</sup> Shiva, marido de Uma.

Jadu Mallick havia chegado à sua chácara, próxima do templo de Kali. Mandou chamar o Mestre. Adhar também chegara de Calcutá e saudou Shri Ramakrishna. O Mestre pediu a Latu para acender o lampião e acompanhá-lo até a chácara de Jadu.

Mestre (*a M.*): “Por que você não trouxe Naran com você?”

M.: “Vou com o senhor?”

Mestre: “Quer vir? Adhar e outros estão aqui. Tudo bem, pode vir. Os Mukherjis vêm com a gente? (*Aos Mukherjis*): Venham logo, poderemos deixar Jadu Mallick rapidamente.”

O Mestre foi para a sala de visitas de Jadu. Era um aposento muito bem mobiliado, com tudo novo em folha. Os lampiões estavam bem iluminados. Jadu estava sentado com seus amigos, brincando com as crianças. Os empregados estavam a postos. Sorrindo, Jadu dava boas vindas a Shri Ramakrishna, mas não se levantou. Tratava o Mestre como um velho amigo.

Jadu era devoto de Gauranga. Assistira a uma representação da vida de Gauranga no Star Theatre e falou ao Mestre sobre ela. O Mestre ouviu a narração e brincou com as crianças. M. e os irmãos Mukherjis sentaram-se junto dele. No decurso da conversa Shri Ramakrishna contou a Jadu que Adhar não conseguira o posto na Municipalidade de Calcutá. Jadu disse que Adhar era ainda jovem e poderia tentar de novo. A seu pedido o Mestre cantou sobre Gauranga.

Depois que a música acabou, os Mukherjis preparavam-se para sair. O Mestre, também, estava pronto para ir embora, mas continuava em êxtase. Chegando ao pátio entrou em samadhi. O porteiro da chácara era um homem religioso. De vez em quando convidava o Mestre para ir à sua casa e dava-lhe de comer. Shri Ramakrishna entrou em êxtase e o porteiro abanou-o com um leque. Ratan, administrador da chácara, saudou o Mestre e Shri Ramakrishna retomando à consciência do mundo exterior, saudou o administrador e o porteiro, dizendo, “Narayana”. Acompanhado pelos devotos, voltou ao templo pelo portão principal.

Mestre (*aos Mukherjis, apontando para M.*): “Por favor, visitem-no com frequência.”

Mukherji (*sorrindo*): “Sim, daqui por diante, ele será nosso professor.”

Mestre: “É próprio da natureza do fumante de cânhamo alegrar-se na companhia de outro. Não falará mesmo a um emir, mas abraçará um fumante de cânhamo velhaco se, por acaso, encontrar um.” (*Todos riem*).

Eram mais ou menos nove horas. Os irmãos Mukherjis saudaram o Mestre e saíram. Adhar e M. sentaram-se no chão enquanto o Mestre conversava com Adhar sobre Rakhhal.

Rakhhal estava em Vrindavan com Balaram. O Mestre soube por uma carta, da doença de Rakhhal. Estava tão preocupado que, há dois ou três dias atrás chorara na frente de Hazra, como uma criança. Adhar mandou uma carta registrada a Rakhhal, mas não recebera resposta.

Mestre (*a Adhar*): “Naran recebeu uma carta. Por que não recebeu resposta da sua?”

Adhar: “Ainda não recebi notícias de Vrindavan.”

Mestre: “M. também recebeu uma carta de Vrindavan.”

Começaram a falar sobre a ida de Shri Ramakrishna ver a peça, no Star Theatre, sobre a vida de Gauranga.

Mestre (*sorrindo*): “Jadu disse-me que se pode ver a peça muito bem de um lugar que custa uma rupia.<sup>13</sup> Muito barato. Uma vez falamos de ir ao Panihati. Jadu quis que eu fosse de barco com muitos passageiros. (*Todos riem*).

“Antes gostava um pouco de ouvir a respeito de Deus, mas hoje em dia não vejo muito Jadu. Está sempre cercado de bajuladores, que o estragam. É homem de natureza calculista. Mal eu pus o pé em sua casa, perguntou, ‘Quanto custa a carruagem?’<sup>14</sup> Respondi: ‘Não se preocupe com isto. Pode pagar duas rupias e meia.’ Isto o sossegou.” (*Todos riem*).

Era tarde. Adhar estava de partida. O Mestre pediu a M. para trazer Naran com ele.

<sup>13</sup> Apesar de sua grande fortuna, Jadu Mallick era muito avarento.

<sup>14</sup> ‘R costume, na Índia, que um chefe de família pague a carruagem para um santo, quando este visita sua casa.



## CAPÍTULO XXVIII

### NO STAR THEATRE (I)

*Sexta-feira, 19 de setembro de 1884*

**E**RA O MAHALAYA, dia sagrado dos hindus e de lua nova. Às duas horas da tarde, Shri Ramakrishna estava em seu quarto com Mahendra Mukherji, Priya Mukherji, M., Baburam, Harish, Kishori e Latu. Alguns estavam sentados no chão, outros em pé ou andando de um lado para o outro. Hazra estava sentado no pórtico. Rakhai ainda estava em Vrindavan com Balaram.

Mestre (*aos devotos*): “Eu estava na casa do Capitão em Calcutá. Era muito tarde quando regresssei. Que natureza boa tem o Capitão! Que devoção! Faz o arati diante da imagem. Primeiro movimentava um lampião com três luzes, depois um de uma luz e finalmente, um com candelabro queimando. Enquanto faz o culto fica em silêncio. Uma vez fez sinal para que eu me sentasse. Os olhos ficam inchados de emoção espiritual e parecem que haviam sido picados por vespas. Não pode cantar, mas sabe fazê-lo lindamente. Na presença da mãe senta-se num nível mais baixo, e ela, num banco alto.

“Seu pai foi um capitão do exército inglês. Segurava uma arma com uma das mãos e com a outra, adorava Shiva. Seu empregado fez-lhe uma imagem de argila de Shiva. Antes de fazer o culto, não tocava nem em água. Ganhava seis mil rupias por ano. De vez em quando o Capitão manda a mãe a Benares. Doze ou treze empregados a atendem o que custa muito caro. O Capitão conhece a Vedanta, o *Gita* e o *Bhagavata* de cor. Diz que os senhores educados de Calcutá seguem o caminho dos *mlechchhas*.

“Nos primeiros anos praticou hatha yoga. É por isso que acaricia minha cabeça gentilmente quando estou em samadhi. A esposa adora a Divindade com outra forma – a de Gopala. Não a achei tão avarenta. Conhece o *Gita* e outras escrituras. Que devoção o casal têm!

“Fizeram cabra ao curry. O Capitão disse que poderiam comê-la durante quinze dias, mas a esposa disse, ‘Não, não! Só sete dias’. Mas gostei. Servem um pouquinho de cada prato, mas hoje em dia dão-me boas porções porque como mais do que eles. Depois da refeição, ou o Capitão ou a esposa me abana.

“São pessoas muito piedosas e mostram grande respeito aos homens santos. As pessoas do norte da Índia são muito dedicadas aos sadhus. Os filhos e sobrinhos de Jung Bahadur do Nepal uma vez vieram visitar o templo e mostraram grande respeito e humildade comigo. Uma vez uma jovem do Nepal veio ver-me com o Capitão. Era grande devota e solteira; conhecia de cor o *Gitagovinda*. Dwarika Babu<sup>1</sup> e outros queriam ouvi-la tocar. Quando cantou o *Gitagovinda*, Dwarika Babu ficou profundamente emocionado e limpou as lágrimas com um lenço. Perguntaram-lhe porque não havia se casado. Ela respondeu: ‘Sou ajudante de Deus. A quem mais vou servir?’ As pessoas respeitam-na como uma deusa, como recomendam as escrituras.

(*A Mahendra Mukherji e outros*): “Vou ficar muito feliz em saber que estão sendo beneficiados com suas visitas aqui. (*A M.*) Por que as pessoas vêm aqui? Não sou muito letrado.”

M.: “A força de Deus está no senhor. É por isso que há esse poder de atração. É o Espírito Divino que atrai.”

Mestre: “Sim, esta é a atração de Yogamaya, a Shakti Divina. Ela joga o feitiço. Deus executa Sua Lila com a ajuda de Yogamaya.

“O amor das gopis era como o apego de uma mulher ao amante. Estavam intoxicados de amor por Shri Krishna. Uma mulher que abriga amor ilícito não se dedica ao marido. Se lhe disserem que ele chegou, dirá: ‘O que há que ele tenha vindo? Há comida na cozinha.

---

<sup>1</sup> Filho de Mathur Babu.

Pode servir-se.’ Mas se lhe falarem da chegada de um estranho jovial, bonito e inteligente, correrá para vê-lo e o espreitará atrás de um biombo.

“Vocês podem não concordar, dizendo: ‘Não vimos Deus. Como podemos sentir-nos atraídos para Ele, como as gopis se sentiram atraídas para Krishna?’ Mas isto é possível, ‘Não O conheço, apenas ouvi Seu nome e fixei minha mente n’Ele’.”

Um devoto: “Senhor, qual o significado do roubo das roupas das gopis por Shri Krishna?”

Mestre: “Há oito grilhões que prendem uma pessoa ao mundo. As gopis estavam livres de todos, menos de um: vergonha. Portanto Krishna libertou-as desse também, levando suas roupas. Ao alcançar Deus, fica-se livre de todos os grilhões.(*A Mahendra Mukherji e outros*): “De modo algum as pessoas sentem-se atraídas para Deus. Somente as almas especiais sentem-se assim. Para amar Deus deve-se nascer com boas tendências. Senão, por que somente você, entre todas as pessoas de Baghbazhar vem aqui? Não se pode encontrar nada de bom num monte de esterco. Sem dúvida, o toque da brisa malaia transforma todas as árvores em sândalo. Mas há algumas exceções – o baniano, o algodoeiro e a ashwattha, por exemplo.

(*Aos irmãos Mukherjis*) “Vocês têm posse. Se um homem sai do caminho da yoga, renasce numa família próspera e recomeça sua prática espiritual para a realização de Deus.”

Mahendra: “Por que sai do caminho da yoga?”

Mestre: “Enquanto pensa em Deus, o aspirante pode sentir uma grande vontade de gozo material. É este desejo ardente que o faz sair do caminho. Na próxima vida nascerá com tendências espirituais que não conseguiu pôr em ação em sua vida atual.”

Mahendra: “Então, qual é o caminho?”

Mestra: “Nenhuma salvação é possível para um homem enquanto tiver desejo, enquanto ansiar por coisas mundanas. Portanto, realize todos os seus desejos referentes à comida, roupas e sexo. (*Sorrindo*) O que vocês dizem a respeito deste último? Legítimo ou ilegítimo? (*M. e Mahendra riem*).

“Não é bom alimentar desejos e anseios. Por esta razão eu costumava realizar todos os desejos que vinham à mente. Um vez vi alguns doces coloridos em Burrabazar e quis comê-los. Trouxeram-me os doces e comi muitos. O resultado é que fiquei doente.

“Na minha infância, enquanto tomava banho no Ganges, vi um menino com uma jóia de ouro em volta da cintura. Durante meu estado de intoxicação divina, senti desejo de ter uma jóia semelhante. Deram-me uma, mas não consegui ficar com ela por muito tempo. Quando a pus, senti dentro de meu corpo a dolorosa subida de uma corrente de ar. É porque o ouro havia tocado minha pele. Usei a jóia por alguns instantes e então, tive de pô-la de lado, caso contrário, teria de arrancá-la.

“Uma vez senti desejo de comer os doces famosos de diferentes cidades. (*Todos riem*). Tive vontade de ouvir o recital musical do *Chandi* por Sambhu. Depois de satisfazer aquele desejo, quis ouvir a mesma coisa por Rajnarayan. Este desejo também foi satisfeito.

“Naquela época muitos homens costumavam visitar o templo. Veio à mente o desejo de que deveria haver um depósito separado para supri-los com suas provisões. Mathur Babu construiu um. Foram dados aos sadhus comida, combustível e outras necessidades.

“Uma vez quis vestir roupas caras, bordadas de ouro e fumar um cachimbo de prata. Mathur Babu mandou-me a roupa nova e o cachimbo de água para fumar. Vesti-a e também fumei. Às vezes fumava reclinado, às vezes de outra maneira, às vezes com a cabeça para cima, e às vezes com a cabeça para baixo. Disse a mim mesmo: ‘Ó mente, isto é o que chamam fumar um cachimbo de prata.’ Imediatamente renunciei a ele. Fiquei vestido por mais alguns minutos e então, me despi. Comecei a pisar e a cuspir na roupa, dizendo: ‘É isto a roupa cara! Somente aumenta o rajas de um homem’.”

Rakhal estava morando em Vrindavan com Balaram. No começo escrevera cartas inflamadas, elogiando o lugar sagrado. Escrevera a M.: “É melhor de todos os lugares. Por favor venha até aqui. Os pavões andam de um lado para outro e o tempo todo ouvem-se músicas religiosas e dança. Há um fluir interminável de felicidade divina.” Mas então Rakhal ficou doente com muita febre. Shri Ramakrishna, preocupado com ele, prometeu adorar a Mãe Divina para a sua recuperação. Começou a falar de Rakhal.

Mestre: “Rakhal teve seu primeiro êxtase religioso sentado, massageando meus pés. Um erudito do *Bhagavata* explicava o livro, no quarto. Enquanto Rakhal ouvia suas palavras, estremeceu de vez em quando para, em seguida, ficar totalmente imóvel.

“Seu segundo êxtase foi na casa de Balaram Bose. Naquele estado não podia sentar-se ereto, ficava deitado no chão. Rakhal pertence ao campo do Deus pessoal. Retira-se se alguém fala a respeito do Deus Impessoal.

“Jurei adorar a Mãe Divina quando ele se recuperar. Veja, renunciou a seu lar e parentes, e entrega-se integralmente a mim. Fui eu quem o enviou à sua esposa de vez em quando. Tem ainda um pequeno desejo de se divertir.

(Apontando para M.) “Rakhal escreveu a ele em Vrindavan, dizendo que é um lugar maravilhoso – os pavões andam de um lado para o outro. Agora deixe que os pavões tomem conta dele. Ele realmente colocou-me num aperto.

“Rakhal tem estado com Balaram em Vrindavan. Ah, que natureza linda Balaram tem! É apenas por minha causa que não vai para Orissa, onde sua família possui uma propriedade. O irmão suspendeu sua mesada mensal e escreveu-lhe: ‘Fique conosco aqui. Por que tem que gastar tanto dinheiro em Calcutá?’ Mas ele não ouviu. Estava vivendo em Calcutá porque quer me ver. Que devoção a Deus! Ocupa-se dia e noite com adoração. Seu jardineiro sempre faz grinaldas de flores para a Divindade. Resolveu passar quatro meses por ano em Vrindavan a fim de reduzir as despesas. Possui uma pensão mensal de duzentas rupias.

“Por que gosto tanto desses rapazes? Ainda estão intocados por ‘mulher e ouro’. Sei que pertencem à classe dos nityasiddhas, os sempre perfeitos.

“Quando Narendra chegou aqui pela primeira vez, estava vestido com roupas sujas, mas os olhos e o rosto indicavam algo interior. Naquela época não conhecia muitas canções, apenas uma ou duas: ‘Vamos voltar uma vez mais, Ó mente, para nossa própria morada!’ e “Ó senhor, devem meus dias passar tão totalmente em vão?”

“Sempre que vinha aqui, eu conversava somente com ele, embora o quarto estivesse cheio de gente. Dizia-me: ‘Por favor fale com eles’, e então eu falava com os outros.

“Fiquei enlouquecido à vista dele e chorei por ele na chácara de Jadu Mallick. Chorei aqui também, segurando a mão de Bholanath que me disse: ‘Senhor, não deve comportar-se desta maneira por um simples rapaz kayastha’. Um dia o ‘brahmin gordo’<sup>2</sup> disse-me a respeito de Narendra, com as mãos postas. ‘Senhor, ele tem pouca educação; por que o senhor deveria ficar tão inquieto por ele?’

“Bhavanath e Narendra são um par. São como homem e mulher. Pedi a Bhavanath para alugar uma casa perto de Narendra. Ambos pertencem ao campo da Realidade sem forma.

“Proíbo os jovens de passarem muito tempo com mulheres ou visitá-las com muita frequência. Haripada caiu nas garras de uma mulher da seita Ghoshpara. Ela demonstra amor maternal por ele, mas Haripada é uma criança e não entende o real significado. As mulheres daquela seita agem desta maneira, quando vêem rapazes. Entendo que Haripada deita em seu colo e ela lhe dá comida na boca. Vou lhe dizer que isto não é bom. Este sentimento maternal leva a uma queda. As mulheres desta seita praticam disciplina espiritual na companhia de homens; olham os homens como Krishna. Um mestre desta seita pergunta a uma devota: ‘Você já encontrou o seu Krishna?’ e ele responde, ‘Sim, já encontrei o meu Krishna.’

“Outro dia aquela mulher veio aqui. Observei a maneira como olhava em volta e não aprovei. Disse-lhe: ‘Você pode tratar Haripada como quiser, mas não alimente nenhum sentimento errado por ele.’

“Os rapazes estão agora, no estágio de sadhana. São aspirantes. Para eles, a única coisa é a renúncia. Um sannyasi não deve olhar nem mesmo para o retrato de uma mulher. Digo-lhes: ‘Não se sente do lado de uma mulher, nem fale com ela, mesmo que ela seja uma devota. Vocês poderão dizer uma ou duas palavras a elas em pé.’ Mesmo uma alma perfeita deve seguir este preceito para sua proteção, e também, para servir de exemplo aos outros. Quando as mulheres vêm a mim, também lhes digo depois de algum tempo, ‘Vão visitar os templos’. Se não se levantam, deixo o aposento. Outros aprenderão com meu exemplo.

<sup>2</sup> Apelido de Prankrishna, devoto do Mestre

“Podem me dizer porque todos esses jovens e vocês me visitam? Deve haver qualquer coisa em mim; ou por que todos deveriam sentir tanta força, tanta atração?”

“Um vez visitei a casa de Hriday em Sihore. Dali fui a Shyambazar. Tive a visão de Gauranga antes de entrar na vila e compreendi que ali iria encontrar os devotos de Gauranga. Durante sete dias e sete noites fui cercado por uma grande multidão. Que atração! Nada a não ser kirtan e dança, dia e noite. As pessoas ficavam em filas sobre os muros e até nas árvores.

“Fiquei na casa de Natavar Goswami. Estava lotada de gente dia e noite. De manhã eu fugia para a casa de um tecelão, para um pequeno descanso. Ali também vi que depois de algum tempo, as pessoas juntavam-se, levavam tambores e pratos e tocavam o tambor constantemente: ‘Takuti! Takuti!’ Só podíamos almoçar às três da tarde.

Em todos os lugares espalhou-se a notícia de que havia chegado um homem que morrera <sup>3</sup> sete vezes e voltara à vida novamente. Hriday arrastava-me para longe da multidão, para um campo de arroz, com medo que eu tivesse um ataque de apoplexia, devido ao calor. A multidão nos seguia, como uma fileira de formigas. Novamente os pratos e o interminável ‘Takuti! Takuti!’ dos tambores. Hriday repreendia-os, dizendo: ‘Por que nos incomodam dessa maneira? Por que nunca conseguimos ouvir o kirtan?’

“Os sacerdotes vaishnavas da vila chegaram e quase brigaram. Pensaram que eu ia tirar-lhes parte das doações dos devotos, mas logo descobriram que eu não tocava numa peça de roupa ou mesmo, num fio. Alguém comentou que eu era um Brahmajnani. Então os pundits vaishnavas quiseram me testar. Um disse: ‘Por que ele não tem um rosário e uma marca na testa?’ Outro respondia: ‘Caíram como um galho seco de um coqueiro.’ Foi lá que aprendi esta ilustração do galho seco de um coqueiro. Os upadhis, limitações, caem quando se alcança o Conhecimento.

“As pessoas vinham em multidões, até de vilarejos distantes. Passavam a noite lá. Em Shyambazar aprendi o significado da atração divina. Quando Deus encarna-Se na terra, atrai pessoas com a ajuda de Yogamaya, Seu Poder Divino. As pessoas ficam enfeitiçadas.”

Eram mais ou menos três horas da tarde. O Mestre estava conversando com os irmãos Mukherjis e outros devotos, quando Radhika Goswami, um erudito vaishnava, chegou e inclinou-se ante ele. Esta era sua primeira visita ao Mestre. Radhika Goswami sentou-se.

Mestre: “O senhor é um descendente de Advaita? <sup>4</sup>”

Goswami: “Sim, senhor.”

A isso o Mestre saudou-o com as mãos postas.

Mestre: “O senhor é um descendente do Advaita Goswami. Deve ter herdado alguns de seus traços. Uma mangueira que dá mangas doces produz somente mangas doces e não, amargas. Naturalmente acontece que algumas árvores produzem mangas grandes e outras, pequenas; depende do solo. Não é verdade?”

Goswami (*humildemente*): “Senhor, o que eu sei?”

Mestre: “O que quer que você diga, outros não o deixarão tão facilmente. Os brahmins, por mais imperfeitos que sejam, são reverenciados por todos por terem nascido nas linhas de grandes sábios. (A M.) Conte-nos a história de shakhachila<sup>5</sup>.”

M. ficou em silêncio.

Mestre: “Se um dos seus ancestrais tiver sido uma grande alma, certamente o puxará para cima, por mais sem valor que o senhor seja. Quando o rei Duryodhana e seus irmãos foram capturados pelos gandharvas, Yudhishthira libertou-os apesar do rei Duryodhana ser seu inimigo e o ter banido para a floresta.

“Além disso, deve-se mostrar respeito pela roupa religiosa. Mesmo uma simples roupa lembra à mente o objeto real. Chaitanya uma vez vestiu um asno com roupa religiosa e prosternou-se ante ele.

“Por que as pessoas inclinam-se diante de um shamkhachila? Quando Kamsha estava a ponto de matar a Mãe Divina, Ela fugiu tomando a forma de um shamkhachila <sup>6</sup>. Mesmo hoje em dia as pessoas veneram este pássaro.

<sup>3</sup> Referência ao samadhi do Mestre.

<sup>4</sup> Íntimo companheiro de Shri Chaitanya.

<sup>5</sup> Pássaro semelhante ao milhano.

“Um inglês havia chegado do cantão de Chanak. Os sepoys saudaram-no. Koar Singh explicou-me: ‘A Índia está sob o domínio inglês, portanto, deve-se estudar o inglês.’”

“Os shaktas seguem os Tantras e os vaishnavas, os Puranas. Não há qualquer mal para os vaishnavas falarem publicamente sobre suas práticas espirituais, mas os shaktas mantêm segredo a respeito das suas. Por esta razão é muito difícil compreender um shakta.

(A *Goswami*): Todos os senhores são boas pessoas. Quanto japa praticam! Como cantam o nome de Hari!”

Goswami (*humildemente*): “Ó não! Fazemos muito pouco. Sou um grande pecador.”

Mestre (*sorrindo*): “O senhor é muito humilde. É bom, mas há também, um outro caminho! ‘Canto o nome de Hari. Como posso ser um pecador?’ Aquele que com frequência repete: ‘Sou pecador! Sou mau!’ realmente torna-se um pecador. Que falta de fé! Um homem canta tanto o nome de Deus e ainda fala de pecado!”

Radhika Goswami ouvia essas palavras com admiração.

Mestre: “Em Vrindavan vesti a roupa de vaishnava durante quinze dias. (*Aos devotos*) Pratiquei as disciplinas de todos os caminhos, cada uma por alguns dias, senão não teria encontrado paz de espírito. (*Sorrindo*) Pratiquei todas as disciplinas; aceito todos os credos. Respeito os shaktas, os vaishnavas e também, os vedantistas. É por isso que pessoas de todas as seitas vêm aqui, e cada uma pensa que pertence à sua escola. Respeito, também, os modernos Brahmajnanis <sup>7</sup>.

“Um homem possuía uma tina cheia de uma tintura especial. Era dotada de uma propriedade tão maravilhosa, que as pessoas poderiam tingir suas roupas da cor que desejassem, simplesmente mergulhando-as nela. Um homem esperto disse ao dono da tina: ‘Tinja minha roupa com a cor de sua tintura’. (*Todos riem*).

“Por que eu haveria de ser unilateral? A idéia de que as pessoas de uma determinada seita não virão a mim, não me assusta. Não me importo nem um pouco, se as pessoas vêm a mim ou não. O pensamento de manter uma pessoa sob meu controle jamais passa pela minha cabeça. Adhar Sen pediu-me para interceder junto à Mãe Divina, por uma boa posição para ele, mas não a obteve. Se isso mudou seu pensamento a meu respeito, que me importa?

“Uma vez na casa de Keshab, encontrei-me num estado de espírito diferente. Os Brahmós sempre falam do Impessoal, portanto, disse à Mãe Divina, em êxtase: ‘Mãe, por favor, não venhas aqui, Eles não acreditam em Tuas formas’.”

Radhika Goswami ouviu estas palavras do Mestre, contra o sectarismo e permaneceu em silêncio.

Mestre (*sorrindo*): “Vijay <sup>8</sup> está atualmente num maravilhoso estado mental. Cai ao chão enquanto canta o nome de Hari, dedica-se ao kirtan, meditação e outras práticas espirituais diante das imagens pela manhã e agora, veste roupa ocre e prosterna-se diante das imagens de Deus. Uma vez acompanhou-me até a escola de Gadadhar <sup>9</sup>. Mostrei-lhe o lugar onde Gadadhar costumava meditar. Imediatamente Vijay prosternou-se. Novamente prosternou-se diante do quadro de Chaitanyadeva.”

<sup>6</sup> A história seguinte está ligada ao nascimento de Shri Krishna: Kamsha, rei de Mathura, era a verdadeira personificação do mal. Sua irmã, Devaki, estava casada com Vashudeva. Quando Kamsha soube que um filho de Devaki o mataria, e que sua irmã já estava esperando um filho, quase a matou, mas poupou sua vida com a promessa de lhe entregar a criança, assim que ela nascesse. Tanto Vashudeva como Devaki foram mantidos na prisão, sob forte guarda. Na prisão nasceram os sete filhos de Devaki, e um atrás do outro e todos foram mortos pelo malvado Kamsha. A oitava criança foi Shri Krishna. Imediatamente após Seu nascimento, Vashudeva, com ajuda divina, atravessou o rio Jamuna e levou-O até a vila de Gokula, onde Nanda e sua esposa Yashoda viviam. Acabara de nascer-lhes uma filha, que era a Encarnação do Poder Divino. Shri Krishna foi trocado pela menina, que foi enviada a Kamsha como sendo a criança recém-nascida de Devaki. Kamsha ia matá-la mas ela voou para o céu na forma de um pássaro, o shamkhachila, dizendo que o matador de Kamsha estava a salvo em Gokula. É por esta razão que o shamkhachila é muito respeitado. No final, Shri Krishna matou Kamsha.

<sup>7</sup> Membros do Brahma Samaj.

<sup>8</sup> Vijay Krishna Goswami. Ainda que nascido de uma família vaishnava, tornou-se membro do Brahma Samaj. Mais tarde voltou à adoração do Deus pessoal.

<sup>9</sup> Célebre santo vaishnava.

Goswami: “E a imagem Radha-Krishna?”

Mestre: “Prosternou-se também. Vijay segue todas as convenções da vida religiosa.”

Goswami: “Ele agora pode ser aceito na sociedade vaishnava.”

Mestre: “As opiniões das pessoas não contam muito para ele.”

Goswami: “Não quero dizer isto. Ao aceitá-lo a sociedade vaishnava ficará honrada.”

Mestre: “Ele me respeita muito, mas é difícil se chegar até ele. Um dia é chamado a Dacca, no dia seguinte a um outro lugar. Está o tempo todo ocupado. Sua presença criou um problema no Sadharan Brahma Samaj<sup>10</sup>.”

Goswami: “Por que, senhor?”

Mestre: “Os Brahmos disseram-lhe: ‘Você se mistura com pessoas que adoram o Deus com forma. É um idólatra.’ Vijay é liberal e correto. Sem pureza, não se tem a graça de Deus.”

Shri Ramakrishna conversava com os irmãos Mukherjis. Mahendra, o mais velho, tinha seu próprio negócio. Priyanath, o mais jovem, era engenheiro. Depois de economizar alguma coisa, abandonara o emprego. Mahendra tinha trinta e cinco ou trinta e seis anos. Os irmãos tinham casas, tanto no interior, como em Calcutá.

Mestre (*sorrindo*): “Não fique simplesmente sem fazer nada, porque sua consciência espiritual tenha despertado um pouco. Vá em frente: Além da floresta de sândalo, há outras coisas mais valiosas – minas de prata, minas de ouro e assim por diante.”

Priya (*sorrindo*): “Senhor, nossas pernas estão presas. Não podemos ir em frente.”

Mestre: “Que importa se as pernas estão presas? O importante é a mente. Escravidão e liberdade estão na mente.

“Ouça uma história. Havia dois amigos. Um foi a uma casa de prostituição e o outro, a um recital do *Bhagavata*. ‘Que vergonha!’ pensou o primeiro. ‘Meu amigo está assistindo a uma palestra espiritual, mas veja onde eu caí!’ O segundo amigo disse a si mesmo: ‘Que vergonha para mim! Meu amigo está se divertindo, mas quão estúpido sou!’” Depois da morte, a alma do primeiro foi levada a Vaikuntha pelo mensageiro de Vishnu, enquanto que a do segundo foi levada para o mundo inferior de Yama.”

Priya: “Mas a mente não está sob meu controle.”

Mestre: “Como é isto? Há abhyasayoga, yoga pela prática. Continue com a prática e descobrirá que a mente seguirá qualquer direção que lhe der. A mente é como uma roupa branca recém-chegada da lavanderia. Ficará vermelha se a mergulhar numa tintura vermelha, ou azul se a mergulhar numa azul. Terá a cor de qualquer tintura em que se mergulhar.

(A Goswami): “O senhor quer perguntar-me alguma coisa?”

Goswami: “Não, senhor. Estou satisfeito de tê-lo visto e ouvido suas palavras.”

Mestre: “Vá visitar os templos.”

Goswami (*muito humildemente*): “O senhor pode cantar algo sobre Shri Chaitanya?”

O Mestre concordou e cantou:

Por que meu corpo ficou tão dourado? Não é tempo disto ocorrer  
Muitas épocas devem passar, antes que eu apareça como Gauranga! ...

Novamente:

Gora olha para Vrindavan e correm lágrimas de seus olhos;  
Numa exuberante alegria, ri e chora, dança e canta  
‘Toma um pedaço de madeira por Vrindavan, o oceano pelo Jamuna azul.  
Rola no chão por amor de Hari.

Depois de cantar, o Mestre continuou a conversar.

Mestre (*a Goswami*): “Cantei canções adequadas a seu temperamento vaishnava, mas tenho que cantar de maneira diferente quando os shaktas ou outros vêm aqui.”

<sup>10</sup> Vijay e vários amigos seus, devido à desavença com Keshab, desligou-se da organização de Keshab e fundou a Sadharan Brahma Samaj.

“Aqui<sup>11</sup>, vêm pessoas de todas as seitas – vaishnavas, shaktas, kartabhajas, vedantistas e também, membros do moderno Brahma Samaj. Portanto, encontram-se aqui todos os ideais e atitudes. É pela vontade de Deus que diferentes religiões e opiniões existem. Deus dá a diferentes pessoas o que elas podem digerir. A mãe não dá pilau de peixe a todos os seus filhos. Nem todos podem digerir. Assim prepara simples sopa de peixe para alguns. Cada um aprecia seu ideal especial e segue uma própria natureza.

“Para o Baroari<sup>12</sup>, provêm-se várias imagens porque as pessoas de seitas diferentes vão participar dele. Ali são vistas imagens de Radha-Krishna, Shiva-Durga e Sita-Rama diferentes imagens em diversos lugares. Uma multidão junta-se ante cada imagem. Os vaishnavas passam a maior parte do tempo diante da imagem de Radha-Krishna, os shaktas diante de Shiva-Durga, e os devotos de Rama, diante de Sita-Rama.

“Mas é bem diferente com aqueles que não têm a mente espiritualizada. No Baroari vê-se também, uma outra imagem -- uma prostituta batendo em seu amante com um cabo de vassoura. As pessoas ficam boquiabertas e gritam para os amigos: ‘O que estão olhando aí? Venham! Olhem isto!’ (*Todos riem*).

Radhika Goswami saudou o Mestre e despediu-se.

Eram mais ou menos cinco horas. O Mestre estava no pórtico semicircular oeste com Baburam, Latu, os irmãos Mukherjis, M. e outros devotos.

Mestre (*a M. e outros*): “Por que eu seria unilateral? Os goswamis pertencem à escola vaishnava e são muito beatos. Pensam que somente sua opinião é a correta e todas as outras, erradas. Minhas palavras o golpearam duramente. (*Sorrindo*) Deve-se bater no elefante na cabeça com o chuçó porque é o lugar mais sensível deste animal.”

Shri Ramakrishna começou a contar aos jovens, umas anedotas engraçadas.

Mestre (*os devotos*): “Não dou aos jovens dieta puramente vegetariana. De vez em quando dou-lhes um pouco de água cheirando a peixe. Caso contrário, por que viriam?”

Os irmãos Mukherjis deixaram o pórtico e foram dar uma volta no jardim.

Mestre (*a M.*): “Será que os Mukherjis ofenderam-se com meus gracejos?”

M.: “Por que? O Capitão diz que o senhor é como uma criança. Depois de realizar Deus, o homem torna-se como uma criança.”

Mestre: “Sim, às vezes ele se comporta como um menino, outras como um rapaz. Como menino é muito despreocupado e pode usar uma linguagem frívola. Como rapaz, quando ensina os outros, é como um leão rugindo. Seria bom que você explicasse meu estado mental aos Mukherjis.”

M.: “Não preciso fazer isto. Será que não tiveram o bom senso de perceber?”

Novamente o Mestre alegrou-se com os rapazes. Depois disse a um dos devotos: “Hoje é lua nova. Vá ao templo de Kali.<sup>13</sup>”

Era o entardecer. Ouviu-se o som do gongo, pratos e outros instrumentos usados no serviço vespertino dos templos. O Mestre disse a Baburam: “Venha comigo ao templo de Kali.” Ambos foram ao templo, acompanhados de M. Ao ver Harish sentado no pórtico, o Mestre disse: “O que é isto? Ele está em transe?”

Ao atravessar o pátio, o Mestre e os devotos pararam por um minuto, defronte ao templo de Radhakanta para observar o culto. Continuaram em direção ao santuário de Kali. De mãos postas, o Mestre orou à Mãe Divina: “Ó Mãe! Ó Mãe Divina Ó Brahmamayi!”

Chegando à plataforma elevada defronte do santuário, inclinou-se profundamente ante a imagem. O arati prosseguia, Entrou no santuário e abanou a imagem.

O culto da tarde terminou. Os devotos inclinaram-se ante a Divindade. Era noite de lua nova. O Mestre estava em êxtase. Gradualmente seu estado aprofundou-se em êxtase intenso. Voltou a seu quarto, cambaleando como um bêbado, segurando a mão de Baburam.

Um lampião foi aceso no pórtico. O Mestre sentou-se ali por alguns minutos, cantando, “Hari Om! Hari Om! Hari Om!” e outras sílabas místicas dos Tantras. Logo voltou a seu quarto, sentando-se no pequeno divã, olhando para o leste. Ainda estava totalmente absorvido

<sup>11</sup> Referindo-se a si mesmo.

<sup>12</sup> Festival religioso cujos custos são arcados por toda a comunidade.

<sup>13</sup> Noite de lua nova é especialmente auspiciosa para o culto da Mãe Divina.

em fervor divino. Disse à Mãe Divina: ‘Mãe, que eu fale primeiro e depois, Tu – ajas, que insensatez! O que significa falar! Não é nada, somente um sinal. Um homem diz, ‘Vou comer.’ Um outro também diz, ‘Não! Não ouvirei a respeito disso.’ Bem, Mãe, suponhamos que eu tivesse dito que não comeria, mesmo assim não continuaria sentindo fome? É possível que Tu só ouças quando alguém ora em voz alta e não, quando tem anelo interior? Tu és o que és. Então, por que falo? Por que oro? Faço o que me mandas fazer. Ó, que confusão! Por que Tu me fazes discutir?’”

Enquanto Shri Ramakrishna falava desta maneira com Deus, os devotos ouviram suas palavras maravilhosas. Os olhos do Mestre caíram sobre eles.

Mestre (*aos devotos*): “Deve-se herdar boas tendências para se realizar Deus. Deve-se ter feito algo, alguma forma de tapasya ou nesta, ou em outra vida.

“Quando tiraram as roupas de Draupadi <sup>14</sup> ela, chorando sinceramente, orava a Deus. Deus revelou-Se a ela e disse-lhe: ‘Procure lembrar-se se alguma vez presenteou alguém com uma roupa. Então sua modéstia será preservada.’” Draupadi respondeu: ‘Sim, agora me lembro. Uma vez um rishi estava tomando banho, quando sua tanga foi levada pela correnteza. Rasguei metade de minha roupa e dei-lhe.’ Portanto o Senhor disse: ‘Então não tem nada a temer’.

M. estava cantando no pequeno capacho.

Mestre (*a M.*): “Você entendeu o que eu disse.”

M.: “Sim, senhor. O senhor falou de tendências herdadas.”

Mestre: “Repita o que eu disse.”

M. repetiu a história de Draupadi.

Hazra entrou no quarto. Nos últimos dois anos estava morando com Shri Ramakrishna no templo. Havia encontrado o Mestre pela primeira vez em 1880 em Sihore, na casa de Hriday, sobrinho do Mestre. A cidade natal de Hazra ficava perto de Sihore, onde possuía uma propriedade. Já na juventude sentira vontade de renúncia e procurava a companhia dos santos e devotos. O Mestre lhe havia pedido para viver com ele em Dakshineswar e cuidasse de suas necessidades. A mente de Hazra era uma mistura de estados religiosos não bem assimilados. Professava o caminho do Conhecimento, desaprovando a atitude de bhakti de Shri Ramakrishna e seu amor pelos jovens devotos. Às vezes considerava o Mestre uma grande alma, mas também fazia pouco dele, como se fosse um ser humano comum. Permanecia a maior parte do tempo passando o rosário e criticava Rakhhal e os outros jovens por sua indiferença à prática. Era um forte defensor das convenções religiosas e regras de conduta, fazendo disso um capricho. Estava com mais ou menos trinta e oito anos.

Quando Hazra entrou, o Mestre ficou distraído e nesse estado, começou a conversar.

Mestre (*a Hazra*): “Em princípio o que você faz está certo, mas a aplicação não é inteiramente correta. Não busque erro em ninguém, nem mesmo num inseto. Assim como você ora a Deus por devoção, reze também para que não possa encontrar defeitos em ninguém.”

Hazra: “Deus ouve nossa prece por bhakti?”

Mestre: “Com certeza. Posso assegurar-lhe isso cem vezes, mas a oração deve ser autêntica e sincera. As pessoas sinceras choram por Deus como fazem por sua esposa e filhos? Em Kamarpukur a esposa de um certo homem adoeceu. O homem pensando que ela não ia se recuperar, começou a tremer e estava prestes a desmaiar. Quem se sente assim por Deus?”

Hazra ia tomar a poeira dos pés do Mestre.

Mestre (*encolhendo-se*): “O que é isto?”

Hazra: “Por que eu não tomaria a poeira dos pés de quem tão bondosamente me manteve com ele?”

Mestre: “Satisfaça Deus e todos ficarão satisfeitos. ‘Se Ele ficar contente, o mundo inteiro ficará contente’. Uma vez o Senhor comeu um pouco de verdura da panela de Draupadi e disse, ‘Ah, estou satisfeito’. Imediatamente o mundo inteiro e todos os seres vivos ficaram satisfeitos; sentiram como se tivessem comido até a saciedade. Estava o mundo satisfeito ou sentiu-se assim quando o rishis comiam?”

<sup>14</sup> Esposa de um dos irmãos Pandavas. A fim de humilhá-la diante da corte, Duryodhana ordenou que lhe tirassem as roupas.

(a *Hazra*) “Uma alma perfeita, mesmo depois de alcançar o Conhecimento, pratica devoções ou observa cerimônias religiosas para dar exemplo aos outros. Vou ao templo de Kali e inclino-me ante as figuras sagradas do meu quarto; portanto, outros fazem o mesmo. Além do mais, se um homem se habitua a tais cerimônias, sente-se inquieto se não as observar.

“Um dia vi um sannyasi sob um baniano. Havia posto o salagrama no mesmo tapete em que estavam as sandálias do seu guru e começou a adorá-las. Eu lhe disse: ‘Se você alcançou Conhecimento a esse ponto<sup>15</sup>, então, por que toda essa adoração formal?’ Ele respondeu: ‘Que diferença faz? Um vez que faço tudo o mais, por que não fazer isso também? Às vezes ofereço flores aos pés do guru, às vezes a Deus.’

“Não se pode renunciar ao trabalho, enquanto se tem um corpo. As borbulhas se produzem, enquanto houver lama no fundo do lago.

(A *Hazra*) “Se existe conhecimento de um, também existe conhecimento de muitos. O que se consegue com o simples estudo das escrituras? As escrituras contém uma mistura de areia e açúcar, por assim dizer. É muito difícil separar o açúcar da areia. Deve-se aprender a essência das escrituras de um mestre ou de um sadhu. Depois, quem se importa com livros?

(Aos *devotos*): “Juntem todas as informações e mergulhem. Suponhamos que um cântaro tenha caído num certo lugar de um lago. Localizem o lugar e mergulhem ali.

“Deve-se aprender a essência das escrituras dadas pelo guru, e praticar sadhana. Se uma pessoa seguir corretamente a disciplina espiritual, vê Deus diretamente. Diz-se que a disciplina está corretamente seguida, somente quando se mergulha nela. O que um homem ganha simplesmente raciocinando sobre as palavras das escrituras? Ah, que tolos! Discriminam até a morte sobre uma informação a respeito do caminho. Jamais mergulham. Que pena!

“Podem dizer que ainda que mergulhem profundamente, correm o perigo de tubarões e crocodilos, de luxúria e raiva. Mas mergulhem depois de terem esfregado no corpo, pasta de açafraão; e tubarões e crocodilos não se aproximarão. O açafraão é a discriminação e a renúncia.

(Aos *devotos*): “Deus fez-me passar pelas disciplinas de vários caminhos. Primeiramente segundo os Puranas, em seguida segundo os Tantras e também, segui as disciplinas dos Vedas. Em primeiro lugar pratiquei sadhana no Panchavati. Fiz um bosque de plantas tulsi onde costumava sentar-me e meditar. Às vezes chorava com o coração anelante, ‘Mãe! Mãe!’ ou então, ‘Rama! Rama!’.

“Ao repetir o nome de Rama, às vezes assumia a atitude de Hanuman e prendia uma cauda no final do osso da coluna dorsal. Estava intoxicado de Deus. Naquela época costumava colocar uma roupa de seda e adorar a Divindade. Que alegria experimentava naquela adoração!

“Pratiquei a disciplina dos Tantras sob a árvore bel. Naquela época não via a diferença entre o tulsi sagrado e qualquer outra planta. Naquele estado às vezes comia os restos da comida de um chacal<sup>16</sup>, comida que ficava exposta a noite inteira, parte da qual poderia ter sido comida pelas cobras ou outros animais. Sim, comi aqueles restos.

“Às vezes, montado num cachorro, alimentava-o com luchis, eu mesmo comia um pedaço de pão. Compreendi que o mundo inteiro estava pleno de Deus. Não se pode ter realização espiritual, sem destruir a ignorância; por isso assumia a atitude de um tigre devorando a ignorância.

“Ao praticar as disciplinas dos Vedas, tornei-me um sannyasi. Costumava deitar-me no chandni e dizer a Hriday: ‘Sou um sannyasi. Vou tomar minhas refeições aqui.’<sup>17</sup>

“Fiz um voto à Mãe Divina que me mataria se não visse Deus. Disse-lhe: ‘Ó Mãe, sou um tolo. Por favor, ensina-me o que contêm os Vedas, Puranas, Tantras e outras escrituras.’. A Mãe disse-me: ‘A essência da Vedanta é que somente Brahman é real e o mundo ilusório.’ O Brahman Satchidananda, descrito nos Vedas, é Shiva Satchidananda dos Tantras e Krishna

<sup>15</sup> Isto é, realização da identidade do guru e Deus.

<sup>16</sup> Em certa forma do culto tântrico, a comida é oferecida aos chacais, companheiros da Deusa Kali.

<sup>17</sup> O chandni é um pórtico aberto no templo, com degraus descendo até o Ganges. Segundo a tradição ortodoxa hindu, é proibido a um monge, viver numa casa.

Satchidananda dos Puranas. A essência do *Gita* é o que se obtém repetindo-se a palavra dez vezes. Torna-se ‘tagi’ que significa renúncia.

“Depois da realização de Deus, quão abaixo estão os Vedas, a Vedanta, os Puranas, os Tantras. (*A Hazra*): Não posso pronunciar a palavra ‘Om’ em samadhi. Por que isso? Não posso dizer ‘Om’ a não ser que desça muito abaixo do estado de samadhi.

“Tive todas as experiências que se deve ter segundo as escrituras, depois da percepção direta de Deus. Comportava-me como uma criança, como um louco, como um fantasma ou como uma coisa inerte.

“Tive as visões descritas nas escrituras. Às vezes via o universo cheio de faíscas de fogo. Outras vezes via todos os quadrantes brilhando com luz, como se o mundo fosse um lago de mercúrio. De novo, vi todos os quadrantes iluminados como que por velas romanas. Assim podem ver que minhas experiências correspondem àquelas descritas nas escrituras.

“Depois me foi revelado que o Próprio Deus tornou-Se o universo e todos os seres vivos e os vinte e quatro princípios cósmicos. É como o processo de evolução e involução<sup>18</sup>.

“Ó, em que estado Deus me mantinha naquela época! Mal terminava uma experiência, logo sobrevinha uma outra. Era como o movimento da máquina de descascar; assim que um lado desce, o outro sobe.

“Via Deus quando estava em meditação, em samadhi, e via o mesmo Deus quando minha mente voltava ao mundo exterior. Quando olhava para este lado do espelho, via somente Deus, e ao olhar para o lado contrário, via o mesmo Deus.

Os devotos ouviam extasiados suas palavras:

(*Aos irmãos Mukherjis*): “O Capitão realmente é agora, um sadhaka. Não é absolutamente verdadeiro que a simples posse de riqueza crie apego. Sambhu Mallick costumava dizer e Hriday, ‘Hridu, já juntei minhas coisas e estou pronto para a viagem.’ Disse-lhe: ‘Deus me livre. Por que diz palavras tão nefastas?’, ‘Não’, respondeu Sambhu. ‘Por favor abençoe-me para que eu possa pôr de lado todas essas possessões e ir para Deus.’

“Os devotos de Deus nada têm a temer. São Seus íntimos. Ele sempre os protege. Certa vez Duryodhana e seus irmãos foram aprisionados pelos gandharvas. Yudhishthira os libertou e disse: ‘Se nossos parentes estão em luta, essa é a nossa desgraça.’”

Eram mais ou menos nove horas da noite. Os irmãos Mukherjis já estavam prontos para regressar a Calcutá. Podia ouvir o kirtan, cantado no templo de Vishnu. Um devoto disse que Harish e Latu estavam lá, cantando.

Shri Ramakrishna e os devotos foram ao templo de Vishnu e saudaram a Divindade. Os brahmins pertencentes ao corpo de funcionários do templo, e também, os sacerdotes, cozinheiros e servos cantavam o kirtan. Permaneceu de pé por alguns minutos e animou os cantores. No caminho de volta para o quarto, comentou com os devotos. “Vejam, alguns dão polimento aos metais, e outros, vão às casas de prostituição.”

O Mestre voltou a seu quarto e sentou-se. Logo os cantores chegaram e inclinaram-se profundamente ante ele. O Mestre disse-lhes: “Deve-se lutar muito, dançando e cantando o nome de Deus, como as pessoas fazem, para ganhar dinheiro. Pensei em me unir a vocês na dança, mas vi que fizeram tudo bem. Temperam curry com todos os condimentos. O que podia acrescentar? Seria bom se, de vez em quando, cantassem hinos religiosos assim.”

Os irmãos Mukherjis saudaram o Mestre. Sua carruagem estava pronta, perto da varanda norte do quarto. O Mestre de pé, olhava na direção norte. À sua esquerda estava o Ganges, à sua frente, o nahabat, o jardim e o kuthi; à direita a estrada levando ao portão. A noite estava escura e um devoto trouxera uma lanterna para iluminar o caminho para os visitantes. Um a um os devotos inclinaram-se e tomaram a poeira dos pés do Mestre. A carruagem parecia sobrecarregada para os cavalos. O Mestre disse, “Não há gente demais na carruagem?”

Shri Ramakrishna permaneceu de pé. Enquanto a carruagem se distanciava, os devotos olharam para trás, para ver o rosto do Mestre brilhando de compaixão e amor.

*Domingo, 21 de setembro de 1884*

<sup>18</sup> Isto é, o Próprio Deus envolve como universo, por ocasião da criação, e nomes e formas são envolvidos novamente em Deus, por ocasião da dissolução.

Um grande número de devotos estava no quarto de Shri Ramakrishna, entre eles Ram, Mahendra Mukherji, M. e Chunilal. Este último acabara de chegar de Vrindavan, para onde fora com Rakhal e Balaram, mas estes últimos ainda permaneciam lá. Nityagopal também estava lá. O Mestre começou a conversar com Chunilal sobre Vrindavan.

Mestre: “Como vai Rakhal?”

Chuni: “Está muito bem agora, senhor.”

Mestre: “Nityagopal não está voltando?”

Chuni: “Ele ainda estava lá quando saí.”

Mestre: “Quem vai trazer sua família de volta?”

Chuni: “Balaram Babu disse-nos que arrumaria alguém de confiança. Não mencionou ninguém.”

Shri Ramakrishna falou com Mahendra Mukherji sobre Narayan, um rapaz de dezesseis ou dezessete anos, que visitava o Mestre com frequência e era muito querido.”

Mestre: “Ele não tem maldade, não é?”

A simples pronúncia da palavra “não tem maldade” encheu o Mestre de grande alegria.

Mahendra: “Sim, senhor.”

Mestre: “Sua mãe veio aqui outro dia. Fiquei um pouco assustado ao ver que era uma mulher orgulhosa. Naquele dia viu que o Capitão, você e muitos outros também me visitam. Deve ter compreendido que ela e o filho não são as únicas pessoas a virem aqui. (*Todos riem*). Havia um pouco de açúcar cande no quarto e ela comentou que era de boa qualidade. Isto lhe mostrou que não havia falta de comida aqui. Diante dela, disse a Baburam para guardar alguns doces para ele e Naran. A mãe de Ganu disse que Naran sempre aborrecia sua mãe, com o pagamento do barco, para vir aqui. Sua mãe me disse: ‘Por favor peça a Naran para concordar em se casar.’ Respondi: ‘Tudo depende do destino de cada um’. Por que deveria interferir? (*Todos riem*). Naran está indiferente os estudos.’ Sua mãe disse, ‘Peça-lhe para prestar um pouco mais de atenção.’ Então eu disse a Naran: ‘Dedique-se a seus estudos.’ Sua mãe disse, ‘Por favor fale seriamente com ele.’ (*Todos riem*).

(A *Chunilal*): “Por que Gopal não vem aqui?”

Chunilal: “Está com disenteria.”

Mestre: “Está tomando algum remédio?”

Shri Ramakrishna planejava ir à apresentação do *Chaitanyalila* no Star Theatre. Mahendra Mukherji devia levá-lo a Calcutá em sua carruagem. Estava falando sobre a escolha de bons lugares. Alguns sugeriram que poderiam ver bem a peça da galeria, ao preço de uma rupia. Ram disse: ‘Ó não! Vou providenciar um camarote para ele.’ O Mestre riu. Uns devotos disseram que prostitutas tomavam parte na peça, fazendo papel de Nimai, Nitai e outros.

Mestre (*aos devotos*): “Vou olhá-las como a Própria Mãe Bem-aventurada. O que acontece se uma delas faz o papel de Chaitanya? Um pudim de maçã de imitação faz lembrar o pudim com a fruta verdadeira. Uma vez, enquanto caminhava por uma estrada, um devoto de Krishna viu algumas árvores babla. Imediatamente entrou em êxtase. Lembrou-se que a madeira das árvores babla foi usada nos cabos das pás com as quais o jardineiro do templo de Shyamasundar<sup>19</sup> cavava. As árvores imediatamente lembraram-lhe Krishna. Certa vez levaram-me ao Maidan, em Calcutá, para ver a subida de um balão. Ali vi um menino inglês apoiado numa árvore, com o corpo dobrado em três lugares. Esta cena trouxe-me imediatamente a visão de Krishna<sup>20</sup> e entrei em samadhi.

“Uma vez Chaitanyadeva atravessava um vilarejo. Alguém disse-lhe que o corpo do tambor, usado no kirtan, era feito da terra daquela vila e imediatamente, entrou em êxtase.

“Radha não conseguia controlar-se à vista de uma nuvem, ou da garganta azul de um pavão. Isso despertava em sua mente, o pensamento de Krishna e entrava em êxtase.”

O Mestre ficou em silêncio por pouco tempo e logo retomou a conversa.

<sup>19</sup> Um nome de Krishna.

<sup>20</sup> Algumas imagens de Krishna são dobradas em três partes do corpo: pescoço, cintura e joelhos.

Mestre: “Radha havia alcançado mahabhava. Não havia desejo detrás do amor das gopis. Um verdadeiro amante não deseja nada de Deus. Ora somente por puro amor. Não deseja nem poderes nem milagres.

“Possuir poderes ocultos ocasiona muitos problemas. Nangta ensinou-me isto com uma história. Um homem que adquiriu poderes ocultos, estava sentado na praia, quando caiu uma tempestade. Isto aborreceu-o. Disse então: ‘Que cesse a tormenta’, Suas palavras tinham que se cumprir. Nesse momento um navio navegava à plena vela. Quando a tempestade parou abruptamente, o navio afundou. Os passageiros morreram e o pecado causado pelas mortes caiu sobre o homem. Por causa desse pecado, perdeu os poderes ocultos e foi para inferno.

“Um vez um sadhu adquiriu muitos poderes ocultos dos quais se envaidecia, mas como era um homem bom, tinha a seu favor, alguns méritos decorrentes de austeridade anterior. Um dia o Senhor, disfarçado de homem santo, aproximou-se e disse-lhe: ‘Reverenciado senhor, ouvi falar que o senhor possui poderes ocultos.’ O sadhu recebeu o Senhor cordialmente e pediu-lhe para Se sentar. Justamente nesse momento passava um elefante. O Senhor disfarçado de homem santo, disse ao sadhu: ‘Reverenciado senhor, pode matar esse elefante, se quiser?’ O sadhu respondeu: ‘Sim, é possível.’ Assim dizendo, pegou um pouco de terra, murmurou alguns mantras e atirou-a no elefante. O animal debateu-se por algum tempo e caiu morto. O Senhor disse: ‘Que poder o senhor tem! Matou o elefante!’ O sadhu riu. De novo o Senhor falou: ‘Agora, pode fazer o animal reviver?’ ‘Isto também é possível’, respondeu o sadhu. Jogou outro punhado de terra encantada em cima do animal. O elefante debateu-se um pouco e voltou à vida. O Senhor então, disse: ‘Maravilhoso é seu poder, mas posso lhe fazer uma pergunta? O senhor matou o elefante e o ressuscitou. Para que isto lhe serviu? Sente-se mais elevado? Isto o faz capaz de realizar Deus?’ Assim falando, o Senhor desapareceu.

“Sutis são os caminhos do dharma. Não se pode realizar Deus se houver o menor vestígio de desejo. Um fio não pode passar pelo buraco de uma agulha, se houver o menor fiapo.

“Krishna disse a Arjuna, ‘Amigo, se quiser realizar-Me, não poderá consegui-lo, se tiver ao menos um dos oito poderes ocultos.’ É a verdade. Poder oculto certamente ocasiona orgulho e o orgulho faz uma pessoa esquecer-se de Deus.

“Uma vez veio aqui um homem rico e vesgo. Disse-me: ‘O senhor é um paramahansa. É bom. O senhor deve fazer a cerimônia do swastyayana para mim.’ Que mente estreita ele tinha! Chamou-me de paramahansa, mas quis que eu fizesse aquela cerimônia. Adquirir bem-estar por meio do swastyayana é exercer poder oculto.

“Uma pessoa egoísta não pode realizar Deus. Sabe como se parece o egoísmo? É como um monte alto onde a água da chuva não pode juntar-se, a água escoar. Junta-se em terreno baixo. Ali as sementes brotam e transformam-se em árvores. Logo as árvores dão frutos.

“Digo a Hazra: ‘Jamais pense que somente você tem o verdadeiro conhecimento e que os outros são tolos.’ Deve-se amar a todos. Ninguém é um estranho. É Hari que mora em todos os seres. Nada existe sem Ele.

“O Senhor disse a Prahlada: ‘Peça-me uma graça’. ‘Eu Te vi’, respondeu Prahlada. ‘É suficiente. Não necessito mais nada.’ Mas o Senhor insistiu e Prahlada disse, ‘Se Tu tens que me conceder uma graça, faz com que aqueles que me torturaram não sofram punição.’ O significado dessas palavras é que havia sido Deus quem, na forma de seus perseguidores, torturara Prahlada e se fossem castigados, seria na verdade, Deus quem seria castigado.

“Radha estava louca de prema, amor por Deus. Há também a loucura de bhakti que Hanuman teve. Ao ver Sita entrando no fogo, ficou a ponto de matar Rama. Há, também, a loucura do Conhecimento. Uma vez vi um jnani comportando-se como um louco. Veio aqui pouco depois que o templo havia sido consagrado. As pessoas diziam que ele pertencia ao Brahmo Sabha de Rammohan Roy. Usava um sapato roto num dos pés, um cajado numa das mãos e na outra, um vaso com uma muda de mangueira. Depois de mergulhar no Ganges, foi ao templo de Kali, onde Haladhari estava sentado. Com grande fervor começou a cantar um hino à Mãe Divina. Depois, aproximou-se de um cachorro, segurou-o pela orelha e comeu um pouco de sua comida. O cachorro não se importou. Justamente naquela ocasião, eu também estava quase experimentando um estado de loucura divina. Passando o braço em torno do pescoço de Hriday, eu disse: ‘Ó Hride! Será que vou ter que passar pela mesma situação?’

“Fiquei louco. Narayan Shastri veio aqui e viu-me perambulando com uma vara de bambu no ombro. Disse às pessoas: “Ah, ele está louco!” Naquele estado eu não podia observar quaisquer restrições de casta. A esposa de um homem de casta inferior, costumava enviar-me verduras cozidas para eu comer.

“Eu tocava minha cabeça e lábios com os pratos de folha nos quais os mendigos comiam a refeição na casa de hóspedes do templo de Kali. Por isso Haladhari disse-me: ‘O que o senhor fez? Comeu a comida deixada pelos mendigos. Como vai casar seus filhos?’<sup>21</sup> Aquelas palavras deram-me raiva. Haladhari era meu primo, mais velho do que eu. Mas poderia isso me deter? Disse-lhe: “Seu patife! Não foi você quem se orgulhou do estudo do *Gita* e da Vedanta? Não foi você quem ensinou às pessoas que somente Brahman é real e o mundo ilusório? Contudo imagina que terei filhos! Que sua língua que recita o *Gita*, seque!”

(A M.): “Simples estudo de livros não leva a lugar algum. Pode-se recitar fluentemente de cor, a parte escrita de como se toca o tambor, mas tocar o tambor é extremamente difícil.”

O Mestre continuou com a descrição de sua loucura divina.

“Uma vez saí numa excursão por alguns dias, com Mathur Babu, em seu barco. Fizemos a viagem para uma mudança de ar. Durante a viagem visitamos Navadvip. Um dia vi os barqueiros cozinhando sua refeição e fiquei observando-os. Mathur disse-me: ‘O que o senhor está fazendo aí?’ Respondi-lhe com um sorriso, ‘Os barqueiros estão cozinhando e sua comida parece muito boa.’ Mathur pressentiu que eu seria capaz de pedir aos barqueiros um pouco de sua comida e então, disse: ‘Vamos embora! Vamos embora!’

“Agora não posso fazer mais essas coisas. Não tenho mais aquele estado mental. Minha comida tem que ser preparada por um brahmin que observa pureza cerimonial e que foi oferecida à Divindade; só assim posso comê-la.

“Ó, por que estados de espírito passei! Em Kamarpukur disse a Chine Sankhari e outros amigos de infância. “Ó, caio a seus pés e imploro-lhes que pronunciem o nome de Hari.” Estava a ponto de me prosternar diante dele todos. Por isso Chine disse: “Este é o primeiro arroubo de seu amor divino; não faz distinção entre um homem e outro.’ Quando a tempestade desaba e levanta poeira, as mangueiras e tamarindeiros parecem iguais. Não se pode distinguir um dos outros.”

Um devoto: “Como pode um chefe de família continuar com seus deveres mundanos se está tomado por esta loucura-bhakti ou loucura-Amor ou loucura-Conhecimento?”

Mestre (*olhando para ele*): “Há dois tipos de yogis, o ‘revelado’ e o ‘escondido’. Um chefe de família pode ser um yogi ‘escondido’. Ninguém o reconhece. O chefe de família tem que renunciar mentalmente, não externamente.”

Ram: “O senhor fala como se estivesse consolando crianças. Um chefe de família pode ser um jnani, mas jamais, um vijnani.”

Mestre: “Pode-se vir a ser no final, um vijnani, mas não é bom forçar a ter renúncia.”

Ram: “Keshab Sen costumava dizer: ‘Por que as pessoas vão tanto a ele? Um dia ele as vai ferir e elas o deixarão’.”

Mestre: “Por que eu deveria ferir as pessoas? Digo-lhes: ‘Façam *isso* tão bem quanto *aquilo*. Cumpram suas obrigações mundanas e também, chamem por Deus.’ Não lhes peço para renunciar nada. (*Com um sorriso*) Um dia Keshab estava fazendo uma conferência. Dizia: “Ó Senhor, permita que possamos mergulhar no rio de amor divino e irmos direto ao Oceano de Satchidananda.’ As senhoras estavam sentadas atrás do biombo. Disse a Keshab: ‘Como podem vocês todos mergulhar para sempre?’ Apontando para as senhoras, disse: ‘O que acontecerá com elas? De vez em quando têm que voltar à terra seca. Devem mergulhar e reaparecer de forma alternada.’ Keshab e os outros riram.”

“Hazra diz-me: “O senhor ama mais aqueles dotados de rajas, que possuem grande riqueza, nome e fama.’ Se assim fosse, por que amo pessoas como Harish e Noto<sup>22</sup>? Por que amo Narendra? Ele não pode comprar nem mesmo sal para suas bananas tostadas!”

<sup>21</sup> Segundo as regras da sociedade hindu, os brahmins perdem a casta, se comerem alimento deixado ou tocado por pessoas de casta inferior.

<sup>22</sup> Referindo-se a Latu.

Shri Ramakrishna deixou o aposento e foi para o bosque de pinheiros, conversando com M. Um devoto seguiu-os, levando água e toalha. O Mestre falava sobre sua intenção de ir ao Star Theatre. Disse a M.: “O que Ram disse aplica-se a pessoas rajásicas. Para que serve reservar um lugar caro?”

Mais ou menos às cinco horas daquela tarde, Shri Ramakrishna dirigiu-se a Calcutá. M., Mahendra Mukherji e alguns devotos acompanharam-no na carruagem de Mahendra. Pensando em Deus, o Mestre entrou em êxtase. Depois de muito tempo retomou a consciência do mundo. Disse: “Aquele sujeito Hazra ousa me ensinar! O patife!” Depois de uma breve pausa. Disse: “Beberei um pouco de água.” A miúdo fazia esses comentários a fim de trazer a mente o plano dos sentidos.

Mahendra (*a M.*): “Posso trazer alguma coisa para ele comer?”

M.: “Não, ele não comerá nada agora.”

Mestre (*ainda em êxtase*): “Quero comer.”

Mahendra levou o Mestre ao seu moinho de trigo de Hathibagan. Depois de um pequeno descanso, Shri Ramakrishna estava pronto para ir ao teatro. Mahendra não se importava de levá-lo à sua casa, porque o Mestre não tinha sido ainda apresentado a seu pai. Priyanath, segundo irmão de Mahendra, também era devoto do Mestre.

Shri Ramakrishna estava sentado num estrado sobre o qual havia sido estendido um tapete, conversando sobre assuntos espirituais.

Mestre (*a M. e aos outros*): “Certa vez enquanto ouvia os diversos incidentes da vida de Chaitanya, Hazra disse que todos eram manifestações de Shakti e que Brahman, o Espírito que tudo permeia, nada tinha a ver ela. Mas pode haver Shakti sem Brahman? Hazra quer acabar com os ensinamentos deste lugar <sup>23</sup>.

“Realizei que Brahman e Shakti são idênticos como água e sua umidade, como fogo e seu poder de queimar. Brahman mora em todos os seres como Bibhu, a Consciência que Tudo permeia, embora Sua manifestação seja maior em alguns lugares do que em outros. Além disso Hazra diz que qualquer um que realize Deus tem que adquirir os poderes sobrenaturais de Deus; que ele possui esses poderes, embora possa ou não usá-los.”

M.: “Sim, deve-se ter controle sobre esses poderes sobrenaturais!” (*Todos riem*).

Mestre (*sorrindo*): “Sim, deve-se tê-los! Que mesquinho! Quem jamais desfrutou o poder, nem a riqueza, anseia por eles mas um verdadeiro devoto jamais ora a Deus por eles.”

Shri Ramakrishna lavou o rosto. Prepararam-lhe. Disse a M.: “Já é o crepúsculo? Se for, não vou fumar. No crepúsculo deve-se abandonar todas as atividades e lembrar-se de Deus.”

Assim falando olhou para os cabelos do braço. Queria ver se poderia contá-los. Se não pudesse, era sinal do crepúsculo.

Mais ou menos às oito e meia da noite, a carruagem de Shri Ramakrishna e devotos chegou ao Star Theatre na rua Beaton. Estava acompanhado de M., Baburam, Mahendra e mais dois ou três. Falavam dos lugares a serem reservados, quando Girish Chandra Ghosh, diretor do teatro, acompanhado de vários funcionários, aproximou-se da carruagem, saudou o Mestre e levou-o com sua comitiva para cima. Girish havia ouvido falar do Mestre e estava muito feliz de vê-lo no teatro. O Mestre foi conduzido a um dos camarotes. M. sentou-se ao lado dele; Baburam e um ou dois devotos sentaram-se atrás.

O vestibulo estava feericamente iluminado. O Mestre olhou para baixo, na platéia e viu que estava repleta. Os camarotes também estavam cheios. Em cada camarote havia um homem abanando os presentes. Shri Ramakrishna estava muito contente e disse a M., com seu sorriso infantil: ‘Ah, é bom estar aqui! Estou feliz em ter vindo. Sinto-me inspirado quando vejo muita gente reunida. Percebo claramente que o Próprio Deus tornou-Se tudo.’

M.: “É verdade, senhor.”

Mestre: “Quanto vão nos cobrar aqui?”

M.: “Não vão nos cobrar nada. Estão contentes porque o senhor veio ao teatro.”

Mestre: “É tudo devido à graça da Mãe Divina.”

<sup>23</sup> Referindo-se a si mesmo

O *Chaitanyalila* ia começar. Era uma peça sobre os primeiros anos de Shri Chaitanya, conhecido também como Nimai, Gaur, Gora e Gauranga. A cortina subiu; a atenção da platéia voltou-se para o palco.

A primeira cena descreve o conselho do Pecado e das Sete Paixões. Numa trilha da floresta caminham Viveka, Vairagya e Bhakti, conversando.

Bhakti diz às suas companheiras: “Gauranga nasceu em Nadia, portanto, as vidyadharis<sup>24</sup>, munis e rishis desceram à terra disfarçados, para prestar-lhe homenagem.

Ela canta:

Bendita na verdade, é a terra! Gora nasceu em Nadia!  
Contemple as vidyadharis chegando em carros para adorá-los;  
Contemple os munis e rishis, que vêm atraídos pela magia do Amor.

As vidyadharis, os munis e os rishis cantam um hino a Gauranga e o adoram como uma Encarnação de Deus.

Shri Ramakrishna assistia à cena e tomado de êxtase, Disse a M.: “Olha! Ah! Ah!”

*Sábios:* Ó Keshava, concede Tua graça  
A Teus infortunados servos!  
Ó Keshava, que aprecias  
Vagar pelos matos e bosques de Vrindavan!

*Deusas:* Ó Madhava, Feiticeiro de nossas mentes!  
Doce Uno, que ousas roubar nossos corações.  
Tocando suavemente Tua flauta!

*Coro:* Entoa, Ó mente, o nome de Hari,  
Cante em alta voz o nome de Hari,  
Louve o nome do Senhor Hari!

*Sábios:* Ó Tu, Eterna Juventude de Braja,  
Domador da feroz Kaliya,  
Destruidor do medo dos aflitos!

*Deusas:* Bem-amado de olhos curvados  
E diadema de arqueadas penas de pavão,  
Enfeitiçador do coração de Shri Radha!

*Sábios:* Tu, Poderoso que levantaste o Govardhan,  
Todo enfeitado de flores silvestres,  
Ó Damodara, Flagelo de Kamsha!

*Deusas:* Ó Tu Escuro, que brincas alegremente  
Com as doces pastoras gopis de Vrindavan.

*Coro:* Entoe, Ó mente, o nome de Hari  
Cante em alta voz o nome de Hari,  
Louve o nome do Senhor Hari!

Quando as vidyadharis cantaram os versos,

Bem-amado de olhos arqueados  
E diadema de arqueadas penas do pavão!

---

<sup>24</sup> Semideusas.

O Mestre entrou em samadhi profundo. A orquestra continuou tocando, mas ele não tinha consciência do mundo exterior.

Uma outra cena. Um convidado chegou à casa de Jagannath Misra, pai de Nimai. O menino Nimai brincava ,cantando muito feliz, com seus amigos <sup>25</sup>.

Digam-me, onde está minha Vrindavan abençoada?  
 Onde está Mãe Yashoda?  
 Onde está o Pai Nanda e o irmão Balai?  
 Onde estão Minhas vacas gêmeas, a preta e a branca?  
 Digam-me, onde está Minha flauta mágica?  
 Meus amigos Sudama e Sridama?  
 Onde está a margem do Meu Jamuna. Meu baniano?  
 Onde estão Minhas amadas gopis?  
 Onde está Radha, rainha do Meu coração?

O convidado fechou os olhos enquanto ofereci comida ao Senhor. Nimai corre para ele e come a comida do prato. O convidado reconhece Nimai como uma Encarnação de Deus e procura agradá-lo com o Hino das Dez Encarnações. Antes de se despedir dos pais de Gauranga, canta:

Glória a Gora, a Fonte de Felicidade?  
 Salve Gauranga, Redentor da terra!  
 Ajuda dos desamparados, Vida dos vivos.  
 Que exterminas o medo nos corações dos medrosos!  
 Tempo após tempo vemos Teu jogo --  
 Revelando novos jogos, ânimos sempre novos;  
 Novas ondas rolando, novas histórias para contar.

Tu que suportas o fardo do mundo inteiro,  
 Derrama sobre nós o néctar do amor.  
 Retira nossa dor e aflição:  
 Tu que moras na caverna do prazer do amor.  
 Esperança dos sofredores! Que castigas o pecado!  
 Açoito dos maus. Salve!

Ouvindo o hino, o Mestre vibrou em êxtase.

A próxima cena passa-se em Navadvip às margens do Ganges. Depois de banhar-se na água sagrada, os homens e mulheres brahmins empenham-se na adoração, à margem do rio. Quando fecham os olhos, Nimai rouba suas oferendas de alimento e começa a comê-las. Um brahmin perde o controle e diz: “Seu patife! Velhaco! Você está carregando minha oferenda a Vishnu. Desgraça cairá sobre Ti!” Nimai agarra-se à oferenda e está a ponto de fugir. Muitas mulheres amam-no afetosamente e não podem suportar que ele vá embora. Gritam para ele: “Volta, Ó Nimai! Volta, Ó Nimai!” Nimai fica surdo a seus apelos.

Uma das mulheres, contudo, conhece o encanto irresistível que o trará de volta. Entoa, em alta voz, o nome de Hari. Imediatamente Nimai repete o nome de Hari e volta.

M. estava sentado ao lado do Mestre. Shri Ramakrishna não podia controlar-se. Gritou, “Ah!” e derramava lágrimas de amor. Disse a Baburam e a M.: “Não façam alvoroço se eu entrar em êxtase, ou em samadhi. Senão as pessoas do mundo me tomarão por um impostor.”

<sup>25</sup> Nesta canção Gauranga identifica-se com Krishna.

Outra cena: Nimai está investido com o cordão dos brahmins. Veste a roupa ocre tradicional do sannyasi. Mãe Sachi e as mulheres da vizinhança passeiam, enquanto ele pede esmola, cantando:

Ponha um pouco de comida, em minha tigela, por favor.  
 Sozinho vagueio, recém-feito yogi, pelas estradas do mundo.  
 Povo de Braja, amo vocês, e assim, de tempos em tempos,  
 Chego a vocês, ao chamado da fome imploro meu alimento de porta  
 em porta  
 O sol está baixo e devo procurar meu lar nas margens do Jamuna;  
 Minhas lágrimas caem em suas águas, enquanto murmurantes fluem.

Os espectadores deixaram o palco. Nimai permanece só. Os deuses, disfarçados em homens e mulheres brahmins cantam seus louvores.

*Homens:* Teu corpo brilha como a luz líquida do luar.  
 Usaste a roupa sob a forma diminuta do homem.  
 Senhor, nós Te saudamos!

*Mulheres:* Feiticeiro do coração das gopis,  
 Tu vagueias nos bosques de sombra,  
 Em volta do vale de Vrindavan.

*Nimai:* Salve Shri Krishna! Glória a Radha!

*Homens:* Os jovens de Braja são Teus amigos;  
 Tu conténs o orgulho da arrogância Madan<sup>26</sup>.

*Mulheres:* Teu amor enlouqueceu as gopis.  
 Em êxtase, o Jamuna estremece.

*Homens:* Narayana, Enganador dos demônios!  
 Refúgio dos deuses atemorizados!

*Mulheres:* Ó Amante de Braja, Tu mendigas  
 O amor das graciosas donzelas de Braja?

*Nimai:* Salve Radha! Salve Radha!

Ouvindo a música, o Mestre entrou em samadhi A cortina caiu e a orquestra continuou a tocar.

Nova cena. Shrivats e outros devotos conversam defronte da casa de Advaita. Mukunda canta:

Não dorme mais! Por quanto tempo ficará  
 Encerrada no sono de maya, Ó mente?  
 Quem é você? Por que nasceu?  
 Seu verdadeiro Ser está esquecido.  
 Mente, por fim abre seus olhos  
 E desperta dos sonhos maus;  
 Você é uma tola ao se ligar  
 Assim, ao espetáculo passageiro da vida,  
 Quando em você vive a Felicidade Eterna.  
 Saia das trevas, mente tola!  
 Saia e saúde o Sol nascente!

<sup>26</sup> Deus do amor, na mitologia hindu.

Shri Ramakrishna elogiou a voz do cantor.

Outra cena: Nimai está em casa. Shrivás vem visitá-lo. Primeiro encontra Sachi. A mãe chora e diz: “Meu filho não atende às suas obrigações domésticas. Meu filho mais velho, Viswarupa, renunciou ao mundo e meu coração dói desde então. Agora, temo que Nimai siga seus passos.”

Nimai chega Sachi diz a Shrivás: “Olhe para ele. As lágrimas escorrem pelas suas faces e peito. Diga, diga-me como posso me libertar dessas idéias.”

Ao ver Shrivás, Nimai agarra-se a seus pés e diz, com os olhos cheios de lágrimas: “Ai de mim! Reverenciado senhor, ainda não consegui devoção a Krishna. Fútil é esta vida miserável? Diga-me senhor, onde está Krishna? Onde encontrarei Krishna? Dê-me a poeira de seus pés com sua bênção, para que eu possa realizar o Uno Azul com a grinalda de flores silvestres pendentes de Seu pescoço.”

Shri Ramakrishna olhou para M. Estava ansioso para dizer algo, mas não pôde. Sua voz estava embargada de emoção; lágrimas escorriam de suas faces; com os olhos fixos observava Nimai, agarrando-se aos pés de Shrivás, dizendo: “Senhor, ainda não alcancei devoção a Krishna.”

Nimai havia aberto uma escola, mas não podia mais ensinar aos estudantes. Gangadas, seu antigo mestre, vem persuadi-lo a dar atenção aos deveres mundanos. Diz a Shrivás: “Ouça, Shrivás! Também somos brahmins e dedicados à adoração de Vishnu, mas vocês estão arruinando os planos mundanos de Nimai.”

Mestre (*a M.*): “Esse é o conselho dos sábios mundanos. Faça ‘isso’ e também, ‘aquilo’. Quando o homem mundano ensina espiritualidade, sempre aconselha um compromisso entre o mundo e Deus.”

M.: “Sim, senhor. É verdade.”

Gangadas continua argumentando com Nimai. Diz: “Nimai, sem dúvida você é versado nas escrituras. Raciocine comigo. Explique-me se há qualquer outro dever superior aos deveres mundanos. Você é um chefe de família. Por que descuidar dos deveres de um chefe de família e seguir os deveres dos outros?”

Mestre (*a M.*): “Viu? Está tentando persuadir Nimai a assumir um compromisso.

M.: “Sim, senhor.”

Nimai diz a Gangadas: “Não sou indiferente aos deveres de um chefe de família. Ao contrário, é meu desejo situar-me nos dois lados. Mas, reverenciado senhor, não sei o que é que me faz continuar. Não sei o que fazer. Quero permanecer na praia, mas não posso. Minha alma vai se afastando. Estou desamparado. Minha alma busca constantemente mergulhar de vez no Oceano infinito.”

Mestre: “Ai de mim!”

A cena muda: Nityananda chegou em Navadvip. Encontra Nimai a quem havia buscado. Este por sua vez, também o estava procurando. Quando se encontraram, Nimai disse-lhe: “Abençoada ‘minha vida! Realizado está meu sonho! Você me visitou em sonho depois desapareceu.”

O Mestre falou com a voz trêmula de emoção: “Nimai disse que o vira em sonho.”

Nimai estava em êxtase e conversa com Advaita. Shrivasa, Haridas e outros devotos. Nitai canta segundo o estado espiritual de Nimai:

Onde está Krishna? Onde está meu Krishna?  
 Não está no bosque, minhas amigas.  
 Dêem-me Krishna! Tragam-me meu Krishna!  
 O coração de Radha só o conhece.

Ao ouvir esta canção, Shri Ramakrishna entrou em samadhi. Permaneceu neste estado durante muito tempo. A orquestra continuava tocando. Gradualmente a mente voltou ao plano relativo. Nesse meio tempo, um jovem de Khardaha, nascido na santa família de Nityananda, entrou no camarote. Ficou de pé atrás da cadeira do Mestre. Ao vê-lo, Shri Ramakrishna encheu-se de alegria. Segurou sua mão e falou-lhe afetuosamente. De vez em quando dizia: “Por favor, sente-se aqui. Sua simples presença desperta meus sentimentos espirituais.” Brincava afetuosamente com as mãos do jovem e, com afeto, tocou seu rosto.

Depois que ele se retirou, Shri Ramakrishna disse a M.: “Ele é um grande erudito. Seu pai é um grande devoto de Deus. Quando vou a Khardaha visitar Shyamasundar, o pai me presenteia com oferendas sagradas, que não se pode comprar por cem rupias. Esse jovem tem bons traços. Uma pequena sacudida, despertará seu espírito inteiro. Ao vê-lo meu estado espiritual é despertado. Teria entrado em êxtase se ele tivesse ficado mais tempo.”

Sobe a cortina: Nityananda caminha numa procissão com seus companheiros, cantando o nome de Hari. Encontra-se com dois patifes, Jagai e Madhai, inimigos jurados de todas as pessoas religiosas. Madhai atinge Nitai com um pedaço de jarro partido. Nitai, ferido, sangra profundamente, mas não dá importância, tão inebriado está com o amor de Deus.

Shri Ramakrishna estava em êxtase.

Nitai abraça ambos, Jagai e Madhai e entoia uma canção para os dois.

Jagai! Madhai! Ó venham e dancem,  
 Cantando com fervor, o nome de Hari!  
 Que importa que vocês me tenham batido?  
 Dancem, queridos amigos, em nome de Hari!  
 Cantem o nome de nosso Bem-amado:  
 Ele os abraçará no deslumbramento do amor!  
 Deixem que os céus ressoem com Seu nome!  
 Vocês não experimentaram emoção verdadeira;  
 Chorem ao cantarem o nome de Hari,  
 E verão a Lua de sua alma.  
 Eu amorosamente lhes daria o nome de Hari:  
 Nitai lhes chama para compartilhar Seu amor.

Nimai fala com Sachi sobre seu desejo de ingressar na vida monástica.  
 Sua mãe desmaia e cai no chão.

Nessa altura muitos espectadores começaram a chorar. Shri Ramakrishna permaneceu imóvel, olhando fixamente para o palco. Uma única lágrima apareceu no canto dos olhos. A representação acabou.

Shri Ramakrishna estava prestes a subir na carruagem. Um devoto perguntou-lhe se ele gostara da peça. O Mestre disse com um sorriso: “Achei a representação igual à realidade.”

A carruagem seguiu para o moinho de Mahendra. Subitamente Shri Ramakrishna entrou em êxtase e murmurou para si, com uma voz doce: “Ó Krishna! Ó Krishna! Krishna é conhecimento! Krishna é alma! Krishna é mente! Krishna é vida! Krishna é corpo!” Continuou: “Ó Govinda, Tu és minha vida! Tu és minha alma!”

A carruagem chegou ao moinho. Mahendra com ternura, serviu vários pratos ao Mestre. M. sentou-se a seu lado. Afetuosamente disse a M.: “Tome aqui, coma um pouco.” Colocou alguns doces em suas mãos.

Com Mahendra e alguns devotos, Shri Ramakrishna saiu de carruagem para o templo de Dakshineswar. O Mestre estava feliz. Cantou sobre Gauranga e Nitai. M. acompanhou-o:

Gaur e Nitai, Ó irmãos abençoados!  
Ouvi dizer quão bondosos vocês são.  
E portanto, vim vê-los.

O Mestre e Mahendra falaram sobre a intenção deste último fazer uma peregrinação.

Mestre (*sorrindo*): “O amor divino em você está despontando. Por que o deixaria desvanecer? Volte logo. Muitas vezes pensei em visitar esse lugar. Por fim, o fiz. Estou tão feliz.”

Mahendra: “Minha vida é certamente abençoada, senhor.”

Mestre: “Você já era abençoado. Seu pai é também um bom homem. Conheci-o outro dia. Tem fé no *Adhyatma Ramayana*.”

Mahendra: “Por favor, abençoe-me para que eu possa ter amor a Deus.”

Mestre: “Você é generoso e simples. Não se pode realizar Deus sem sinceridade e simplicidade. Deus está longe, bem longe do coração dos falsos.”

Perto de Shyambazar, Mahendra despediu-se do Mestre e a carruagem continuou.

✱ ✱ ✱ ✱ ✱ ✱ ✱ ✱ ✱

## CAPÍTULO XXIX

### FESTIVAL DE DURGA PUJA

Sexta-feira, 26 de setembro de 1884

**S**HRI RAMAKRISHNA fora a Calcutá. Era o primeiro dia do Durga Puja, o grande festival religioso que os hindus da metrópole estavam celebrando. O Mestre tinha intenção de visitar a imagem da Mãe Divina na casa de Adhar. Queria também, ver Shivanath, o devoto Brahma.

Era quase meio-dia. De guarda-chuva na mão, M. andava de um lado para o outro, em frente à entrada do templo do Brahma Samaj. Passaram-se duas horas e o Mestre ainda não chegara. De vez em quando M. sentava-se nos degraus do ambulatório do Dr. Mahalnavish e observava a alegria e euforia das pessoas, jovens e velhas, que celebravam o Puja.

Pouco depois das três horas a carruagem do Mestre chegou. Assim que Shri Ramakrishna desceu, saudou de mãos postas, o templo do Brahma Samaj. Hazra e alguns devotos estavam com ele. M. inclinou-se diante do Mestre e tomou a poeira de seus pés. O Mestre contou-lhe que ia à casa de Shivanath. Alguns minutos mais tarde diversos membros do Brahma Samaj chegaram e o levaram à casa de Shivanath que, contudo, não estava em casa. Logo depois Vijay Goswami, Mahalnavish e muitos outros chefes Brahmós saudaram o Mestre e o levaram para o interior do templo.

Shri Ramakrishna estava feliz. Deram-lhe um lugar perto do altar. Lá os devotos cantaram. Vijay e os devotos Brahmós sentaram-se em frente ao Mestre.

Mestre (*a Vijay, com um sorriso*): “Disseram-me que você colocou um ‘aviso’ aqui, para que as pessoas pertencentes a outras religiões, não possam entrar. Narendra, também, me disse: ‘O senhor não deve ir ao Brahma Samaj. É melhor visitar a casa de Shivanath.’”

“Mas digo que estamos todos chamando o mesmo Deus. Ciúme e maldade não devem existir. Alguns dizem que Deus é sem forma, outros que tem forma. Digo, deixe que um homem medite em Deus com forma, se ele acredita em forma, e deixe que outro medite em Deus sem forma, se não acredita em forma. O que quero dizer é que dogmatismo não é bom. Não é bom sentir que somente a minha religião é a verdadeira e que as outras são falsas. A atitude correta é esta: minha religião está certa, mas não sei se as outras religiões estão certas ou erradas, verdadeiras ou falsas. Digo isto porque não se pode conhecer a verdadeira natureza de Deus enquanto não O tiver realizado. Kabir costumava dizer: ‘Deus com forma é minha Mãe, o Sem forma é meu Pai. A quem devo culpar? A quem devo louvar? Os dois pratos de uma balança são igualmente pesados.’”

“Hindus, muçulmanos, cristãos, shaktas, shaivas, vaishnavas, os brahmojananis do tempo dos rishis e vocês, brahmajnanis dos tempos modernos, todos têm o mesmo objetivo. A mãe prepara pratos de acordo com o estômago de seus filhos. Suponhamos que uma mãe tenha cinco filhos e compre um peixe para a família. Não cozinha pilau ou kalia para todos eles. Nem todos têm o mesmo poder de digestão, então prepara um simples guisado para alguns. Mas ama todos os filhos igualmente.

“Sabem qual é a minha atitude? Gosto de todas as preparações de peixe. Tenho uma natureza feminina (*Todos riem*). Sinto-me em casa com qualquer prato – peixe frito, peixe cozido com açafrão em pó, peixe condimentado etc. Além disso aprecio pratos ricos como cabeça de peixe, kalia e pilau. (*Todos riem*).

“Sabem qual é a verdade? Deus fez diferentes religiões para atender a diferentes aspirantes, épocas e países. Todas as doutrinas são apenas tantos caminhos, mas cada caminho não é de forma alguma, o Próprio Deus. Certamente podemos alcançar Deus segundo quaisquer um dos caminhos, se tivermos devoção do fundo do coração. Suponhamos que haja erros na religião que se aceitou, mas se a pessoa for sincera e determinada, então o Próprio Deus corrigirá esses erros. Suponhamos que um homem saia com o desejo sincero de visitar Jagan-

nath em Puri, e por engano, tenha ido para o norte, em vez de ir para o sul. Certamente encontrará alguém no caminho que lhe dirá: ‘Meu bom amigo, não vá por esse caminho. Vá para o sul.’ E o homem chegará a Jagannath mais cedo ou mais tarde.

“Se há erros nas outras religiões, não é de nossa conta. Deus, a quem o mundo pertence, toma conta disso. Nosso dever é de alguma maneira, visitar Jagannath. (*Aos Brahmos*). O ponto de vista que vocês mantêm é, na verdade, bom. Descrevem Deus como sem forma. Isto é ótimo. Pode-se comer bolo gelado, tanto em cima, como dos lados. Ficará gostoso de qualquer jeito.

“Mas dogmatismo não serve. Sem dúvida já ouviu a história do camaleão. Um homem entrou no bosque e viu um camaleão numa árvore. Relatou aos amigos: ‘Vi um lagarto vermelho.’ Estava firmemente convencido de que era vermelho. Uma outra pessoa, depois de visitar a árvore disse, ‘Vi um lagarto verde’. Estava firmemente convencido de que era verde, mas o homem que vivia debaixo da árvore disse: ‘Ambos disseram é verdade, mas o fato é que a criatura é, às vezes vermelha, às vezes verde, às vezes amarela e às vezes, não tem cor alguma.’

Deus tem sido descrito nos Vedas tanto com atributos, como sem. Vocês O descrevem somente como sem forma. Isto é unilateral. Mas não importa. Se conhecerem um de seus aspectos, será capaz de conhecer os outros aspectos também. O Próprio Deus lhes falará tudo a respeito deles. (*Apontando para dois ou três devotos Brahmos*). Aqueles que vêm ao seu Samaj conhecem tanto este senhor como aquele.”

Vijay ainda pertencia ao Sadharan Brahmo Samaj. Era um sacerdote assalariado dessa organização, mas não podia obedecer a todas as regras e regulamentos. Misturava-se com pessoas que acreditavam em Deus com forma. Isso estava criando um desentendimento entre ele e as autoridades Brahmos. Muitos Brahmos desaprovavam sua conduta. Subitamente o Mestre olhou para Vijay e começou a conversar com ele.

Mestre (*a Vijay, sorrindo*): “Compreendo que eles vêm encontrando defeito em você por se misturar com aqueles que acreditam em Deus com forma. Não é verdade? Aquele que é devoto de Deus não deve ser abalado sob quaisquer condições. Deve ser como a bigorna da casa do ferreiro. Está freqüentemente batida pelo martelo, mas é inabalável. As pessoas podem prejudicar-lhe muito e falar mal de você, mas deve suportá-las, se estiver procurando sinceramente Deus. Não é possível pensar em Deus no meio dos maus? Pense no rishis dos tempos antigos. Costumavam meditar em Deus na floresta, cercados por todos os lados por tigres, ursos e outros animais ferozes. Homens maus têm a natureza de tigres e ursos. Eles o perseguirão para lhe fazer mal.

“Deve-se ter cuidado com essas coisas. Primeiro, um homem influente que tem muito dinheiro e muitos homens sob seu controle. Se quiser pode prejudicá-lo; por isso deve tomar cuidado quando falar com ele; talvez tenha que aprovar o que ele disser. Segundo, um cachorro. Quando persegue ou late para você, deve ficar quieto, falar-lhe gentilmente e acalmá-lo. Terceiro, um touro. Se correr atrás de você, com os chifres abaixados, deve acalmá-lo com uma voz gentil. Quarto, um bêbado. Se atijar sua raiva, ele o maltratará, invocando até a décima quarta geração de sua família. Deve dizer-lhe: ‘Olá tio! Como o senhor está?’ Então ele ficará satisfeito e sentará junto de você para fumar.

“Na presença de uma pessoa má, fico alerta. Se ela me pergunta se tenho cachimbo para fumar, digo, ‘Sim, tenho’. Algumas pessoas possuem a natureza de uma cobra: mordem sem avisar. Tem-se que discriminar muito para evitar ser mordido, caso contrário, sua paixão será exaltada a tal ponto, que se sentirá com vontade de fazer o mal em troca. Às vezes é importante a companhia de um homem santo. Ela lhe permitirá discriminar entre o real e o irreal.”

Vijay: “Não tenho tempo, senhor. Estou enredado em meus deveres aqui.”

Mestre: “Você é um instrutor religioso. Outros têm férias, mas um instrutor religioso, não. Quando o administrador de uma propriedade traz uma ordem para uma determinada parte da propriedade, o proprietário pode enviá-lo para outro lugar. Assim, você não tem descanso.” (*Todos ríem*).

Vijay (*de mãos postas*): “Senhor, por favor, abençoa-me.”

Mestre: “Agora está falando como uma pessoa ignorante. Só Deus é quem abençoa.”

Vijay: “Reverenciado senhor, por favor dê-nos alguma instrução.”

O Mestre olhou em volta, o templo Brahma e disse com um sorriso: “Isto é bonito também – uma mistura de cristais e calda<sup>1</sup>. Há cristais e também, a calda.

“Fiz também muitos pontos e portanto, estou fora do jogo. (*Todos riem*): Conhece o jogo chamado ‘nax’? É um jogo de cartas e quem atingir acima de dezessete pontos está de fora do jogo. Aqueles que obtêm menos pontos – digamos cinco, sete ou dez – são mais esper-tos. Atingi muitos e estou fora do jogo.

“Uma vez Keshab Sen deu uma conferência em sua casa, a qual eu estava presente. As senhoras estavam sentadas atrás do biombo. Keshab, no curso da palestra disse: ‘Ó Deus, por favor abençoe-nos para que possamos mergulhar e desaparecer completamente no rio de bhakti.’ Disse-lhe, com um sorriso, ‘Se você desaparecer no rio de bhakti, qual será o destino daquelas atrás do biombo? Por todos os meios mergulhe no rio, mas será melhor voltar para a terra firme de vez em quando. Não desapareça no rio, totalmente.’ A estas palavras Keshab e os outros caíram na risada.

“Não importa. Uma pessoa pode também realizar Deus no mundo, se somente for sin-cera; ‘Eu’ e ‘meu’ — é ignorância. Mas, ‘Ó Deus! ‘Tu’ e ‘Teu’ — é conhecimento.

“Viva no mundo como a empregada da casa de um homem rico. Executa todas as o-brigações domésticas, educa o filho de seu patrão, refere-se a ele como ‘meu Hari’, mas no fundo do coração, sabe muito bem que nem a casa, nem a criança lhe pertencem. Cumpre todos os deveres, mas mesmo assim, a mente mora em sua terra natal. Do mesmo modo, faça os deveres mundanos, mas fixe a mente em Deus e saiba que casa, família e filho não lhe per-tencem: são de Deus. Você é apenas Seu servo.

“Peço às pessoas para renunciarem mentalmente. Não lhes peço para abandonar o mundo. Se uma pessoa vive no mundo sem apego e procura Deus com sinceridade, está capa-citada a alcançá-Lo.

(*A Vijay*): “Houve uma época em que eu também meditava em Deus com os olhos fe-chados<sup>2</sup>. Então disse a mim mesmo: ‘Deus existe somente quando penso n’Ele de olho fe-chados? Não existe quando olho em volta com olhos abertos?’ Agora, quando olho em volta com olhos abertos, vejo que Deus mora em todos os seres. Ele é o Espírito que habita em to-dos – homens, animais e outros seres vivos, árvores e plantas, sol e lua, terra e água.

“Por que procuro Shivanath? Aquele que medita em Deus durante muitos dias tem substância em si, tem poder divino. Além disso, aquele que canta e toca bem um instrumento musical, ou que tenha dominado qualquer arte, tem em si substância real e o poder de Deus. Esta é a visão do *Gita*. Está escrito no *Chandi* que aquele que é dotado de beleza física, tem em si substância e o poder de Deus. (*A Vijay*) ‘Ah, que linda natureza Kedar tem! Logo que se aproxima de mim, começa a chorar. Os olhos estão sempre vermelhos e nadam em lágrimas, como uma chanabara na calda.’”

Vijay: “Em Dacca fala com frequência do senhor. Está sempre ansioso para vê-lo.”

Shri Ramakrishna já estava de partida. Os devotos Brahmós inclinaram-se profunda-mente ante ele, e ele retribuiu a sua saudação. Então, entrando na carruagem, dirigiu-se à casa de Adhar para ver a imagem da Mãe Divina.

*Domingo, 28 de setembro de 1884*

Era dia do Mahashtami, o dia mais auspicioso do culto de Durga, a Mãe Divina. A convite de Adhar, Shri Ramakrishna viera a Calcutá ver a sagrada imagem na casa dele. An-tes, tinha ido à casa de Ram. Muitos devotos, inclusive Narendra, Baburam, M., Niranjan, Vijay, Kedar, Ram e Surendra estavam presentes. Balaram e Rakhai ainda estavam em Vrindavan.

<sup>1</sup> Isto é, uma mistura de ideais mundanos e espirituais. A alusão é para a prática de manter o melado num pote de barro, com um pequeno furo no fundo; a parte líquida escoava lentamente e os cristais for-mam-se no interior.

<sup>2</sup> Alusão à maneira Brahma de meditar em Deus.

Mestre (*olhando para Vijay e Kedar, com um sorriso*): “É uma linda reunião hoje. Vocês têm o mesmo estado espiritual. (A Vijay) Bem, e Shivanath? Você – ?”

Vijay: “Sim, senhor, ele soube que o senhor esteve em sua casa. Não o vi mas mandei-lhe um recado. Ele sabe a respeito.”

Mestre (*a Vijay e outros*): “Quatro desejos vieram à minha mente. Vou comer peixe cozido ao curry com beringela. Visitarei Shivanath. Os devotos repetirão o nome de Hari passando o rosário e os observarei. E os devotos tântricos beberão, no dia *ashtami*<sup>3</sup>, vinho consagrado, no valor de oito annas. Vou observá-los e saudar.

Narendra estava sentado em frente do Mestre. Tinha mais ou menos vinte e dois anos. Enquanto Shri Ramakrishna falava, os olhos caíram em seu amado discípulo. Imediatamente levantou-se e entrou em samadhi. Colocou um dos pés no joelho de Narendra. Estava em êxtase profundo, os olhos sem piscar, a mente totalmente inconsciente do mundo exterior. Depois de muito tempo, desceu ao plano relativo de consciência, mas parecia estar entorpecido, pois a intoxicação de felicidade divina ainda não o havia abandonado de todo. Falando para si mesmo, em êxtase, repetiu o nome de Deus. Dizia: “Satchidananda! Satchidananda! Satchidananda! Vou repetir isso? Não, é o dia da Mãe Divina, a Doadora de inebriação divina. Ó Mãe, plena de felicidade da inebriação divina! Sa, re, ga, ma, pa, dha, ni. Não é bom manter a voz no ‘ni’. Não é possível mantê-la aí por muito tempo. Vou mantê-la na nota próxima mais baixa.

“Há diferentes planos de consciência: o denso, o sutil, o causal e a Grande Causa. Entretanto no Mahakarana, a Grande Causa, uma pessoa torna-se silenciosa; não pode pronunciar uma só palavra.

“Mas um Ishvarakoti, depois de atingir a Grande Causa, pode descer novamente para os planos mais baixos. As Encarnações de Deus e outros como Elas, pertencem à classe dos Ishvarakotis. Sobem e podem também descer. Sobem ao terraço e podem descer novamente, pelos degraus e mover-se no andar mais baixo. É um caso de negação e afirmação<sup>4</sup>. Há, por exemplo, o palácio de sete andares de um rei. Os estranhos têm acesso somente aos apartamentos inferiores, mas o príncipe, que sabe que o palácio é seu, pode movimentar-se para cima e para baixo, de um andar para o outro. Há um tipo de foguete que atira faíscas de um tipo, que sobem. Depois de algum tempo, outro tipo, e depois, mais outro. Não há fim para os modelos que pode apresentar, mas há uma espécie de foguete que, quando aceso, somente faz um som surdo, atira poucas faíscas e também, sobe. Como esta espécie de foguete, um jiva comum depois de muito esforço, pode atingir um plano superior, mas não pode descer para contar aos outros suas experiências. Depois de muito esforço, pode entrar em samadhi, mas não pode descer deste estado ou contar aos outros, o que viu lá.

“Há um tipo de devotos, os nityasiddhas, os sempre-perfeitos. Desde o nascimento, buscam Deus. Não desfrutam nada do mundo. Os Vedas falam do pássaro homa. Vive muito alto no céu. Lá sua mãe põe o ovo. Ela vive tão alto, que o ovo cai levando muitos dias. Em sua queda é chocado. O filhote continua a cair. Isto continua durante muitos dias. No meio tempo o filhote abre os olhos. Chegando próximo à terra, fica consciente do mundo. Compreende que encontrará a morte certa se tocar o chão. Dá, então, um grito agudo e arranca-se em direção à mãe. A terra significa a morte, que assusta o filhote que então busca a mãe. Ela mora no céu e o filhote dirige-se direto para cima, naquela direção. Não olha para qualquer outro lugar.

“Aqueles que nascem como companheiros de uma Encarnação Divina são eternamente perfeitos. Para alguns este nascimento é o último.

(A Vijay) “Você tem ambas – yoga e bhoga. O rei Janaka também teve yoga e bhoga. Por isso é chamado rajarshi, tanto rei quanto vidente. Narada foi um devarshi e Shukadeva um brahmarshi. Sim, Shukadeva foi um brahmarshi. Não foi um simples jnani; foi a personificação de Jnana., Conhecimento Divino. A quem chamo um jnani? Àquele que alcançou o Co-

<sup>3</sup> O oitavo dia de cada metade do mês lunar, dia auspicioso para os seguidores do Tantrismo.

<sup>4</sup> Isto é, o aspirante em primeiro lugar, nega o mundo pelo fato dele não ser Deus; mas depois da realização divina, aceita o mesmo mundo como uma manifestação do Próprio Deus.

nhecimento depois de muito esforço. Shukadeva foi a própria imagem do Conhecimento. Alcançou-O espontaneamente, sem qualquer esforço.”

Dizendo isto, Shri Ramakrishna desceu ao plano normal de consciência e começou a conversar livremente com os devotos. O Mestre pediu a Kedar para cantar, com o que ele concordou.

Como abrirei o coração, amiga?  
Proibiram-me de falar.  
Estou pronta para morrer, por falta de uma alma amiga.  
Que entenda minha infelicidade. ...

Kedar cantou muito. Depois da música, o Mestre novamente falou aos devotos. Nandahal, sobrinho de Keshab, também estava presente, com alguns amigos Brahmos. Sentaram-se perto do Mestre.

Mestre (*a Vijay e outros devotos*): “Um homem trouxe-me uma garrafa de vinho consagrado, mas nem mesmo pude tocá-la.”

Vijay: “Ah!”

Mestre: “Fico intoxicado com o simples pensamento em Deus. Não tenho que tomar qualquer vinho. Sinto-me embriagado simplesmente ao ver o charanamrita<sup>5</sup>. Sinto como se tivesse bebido cinco garrafas de bebida alcoólica. Quando uma pessoa atinge esse estado, não pode deixar de discriminar sobre alimento.”

Narendra: “No que diz respeito à comida, deve-se aceitar o que quer que venha.”

Mestre: “O que você diz, aplica-se somente a um estado mental particular do aspirante. Nenhum alimento pode prejudicar um jnani. Segundo o *Gita*, o próprio jnani não come; seu ato de comer é uma oferenda à Kundalini. Mas isto não se aplica ao bhakta. Meu estado mental atual é tal que não posso comer qualquer coisa que não tenha sido previamente oferecida a Deus, por um sacerdote brahmin. Anteriormente meu estado mental era de tal ordem, que apreciava sentir o cheiro de cadáveres queimando, trazido pelo vento, do outro lado do Ganges. Para mim era muito agradável, mas hoje em dia não posso comer alimento tocado por qualquer um. Não, não posso, mas às vezes, o faço. Um dia fui levado para ver a representação de uma peça, na casa de Keshab. Deram-me luchi e curries para comer. Não sabia se a comida me estava sendo entregue por um lavadeiro ou por um barbeiro, mas comi um pouco. (*Todos riem*). Rakhhal havia pedido para comer.

(*A Narendra*) “Com você está tudo bem. Você está tanto ‘nisso’ como ‘naquilo’<sup>6</sup>. Pode comer de tudo agora. (*Aos devotos*) Abençoado é o homem que sente anseio por Deus, apesar de comer carne de porco, mas é uma vergonha para aqueles que comem alimento puro – vegetais, cozidos, arroz e ghee, mas têm a mente em ‘mulher e ouro’.

“Uma vez quis comer dal na casa de um ferreiro. Desde a infância ouvira que os ferreiros dizem, ‘Os brahmins sabem cozinhar?’ Comi o dal, mas cheirava a ferreiro. (*Todos riem*).

“Recebi o mantra de Alá<sup>7</sup> de Govinda Rai. O arroz foi cozido para mim com cebolas<sup>8</sup> no kuthi. Comi um pouco. Comi curry na chácara de Mani Mallick, mas senti repulsa.

“Quando fui a Kamarpukur, o pai de Ramlal ficou assustado. Pensou que eu comeria qualquer coisa em qualquer casa. Ficou com medo que pudesse ser expulso da casta. Por isso não pude ficar muito tempo. Vim embora.

“Tanto os Vedas como os Puranas descrevem comida e conduta puras, mas o que os Vedas e os Puranas pedem desprezar como impuro, é considerado bom pelos Tantras.

“Ó, por que estado mental passei! Abria a boca, tocando, por assim dizer, o céu e o mundo inferior com minhas mandíbulas, e pronunciava a palavra ‘Ma’. Sentia que havia agarrado a Mãe, como um pescador pegando o peixe em sua rede. Vou recitar uma canção:

<sup>5</sup> A água na qual a imagem da Divindade é banhada, é considerada muito sagrada.

<sup>6</sup> Isto é, Narendra estava atento tanto ao mundo como à vida espiritual.

<sup>7</sup> O Mestre referia-se à sua iniciação ao islamismo.

<sup>8</sup> Os muçulmanos geralmente comem cebolas, o que é proibido aos brahmins ortodoxos.

Desta vez vou devorar-Te inteiramente, Mãe Kali!  
 Porque nasci sob uma má estrela.  
 E dizem que aquele que assim nasce, torna-se o devorador de sua mãe.  
 Tu tens que me devorar primeiro, ou eu mesmo Te comerei.  
 Uma ou outra coisa tem que acontecer.

Vou esfregar minhas mãos de preto<sup>9</sup>, e meu rosto de preto;  
 Com preto esfregarei todo o meu corpo.  
 E quando a morte me apanhar, de preto vou ungir sua face.  
 Ó Mãe, vou comer-Te, mas não vou digerir-Te.  
 Vou instalar-Te em meu coração.  
 E fazer-Te oferendas com minha mente.

Pode-se dizer que ao comer Kali, vou enredar-me  
 Com Kala<sup>10</sup>, Seu marido, mas não tenho medo.  
 Desafiando Sua ira, cantarei o nome da minha Mãe.  
 Para mostrar ao mundo que Ramprasad é filho de Kali.  
 Aconteça o que acontecer, eu Te comerei inteiramente -- Tu e Teu marido  
 Ou perderei, na tentativa, minha vida.

“Quase enlouqueci – tal era meu anelo por Deus.”

Narendra começou a cantar:

Ó Mãe, enlouquece-me com Teu amor!  
 Que necessidade tenho de conhecimento ou raciocínio?

Ouvindo a canção, o Mestre entrou novamente em samadhi. Descendo o plano normal, assumiu a atitude de Girirani<sup>11</sup>, e cantou o agamani. Cantou, embriagado de amor divino:

Diz-me, minha Uma, como se houve sozinha na casa do Estranho? ...

Disse aos devotos: “Hoje é o Mahashtami. A Mãe chegou; é por esta razão que estou sentindo o despertar da emoção espiritual.”

Kedar: “O senhor está aqui. É diferente da Mãe Divina?”

Shri Ramakrishna olhou para outra direção e cantou, num estado mental ausente do mundo exterior:

Ah, amiga! Não O encontrei ainda, entretanto, esse amor me deixou louco. ...

Novamente entrou em êxtase e cantou sobre a Mãe Divina. Enquanto cantava, Vijay subitamente levantou-se, gritando o nome de Hari. Shri Ramakrishna, cheio de amor divino, começou a dançar com Vijay e outros devotos.

A música terminou. O Mestre, Vijay, Narendra e outros devotos sentaram-se. Todos os olhos estavam fixos em Shri Ramakrishna, que começou a conversar com os devotos. Perguntou sobre a saúde deles. Kedar falou-lhe humildemente num tom suave e doce. Narendra, Chunilal, Ram, M. e Harish estavam sentados ao lado do Mestre.

Kedar (*humildemente*): “Como posso livrar-me da minha tontura?”

Mestre (*afetuosamente*): “Consegue-se. Eu mesmo a tive. Use um pouco de óleo de amêndoas. Ouvi dizer que cura tonturas.”

Kedar: “Vou fazer isso, senhor.”

Mestre (*a Chunilal*): “Alô! Como está tudo?”

Chunilal: “Está tudo bem agora. Balaram Babu e Rakhhal estão bem em Vrindavan.”

<sup>9</sup> Preto é a cor da pele de Kali.

<sup>10</sup> Shiva, o Absoluto.

<sup>11</sup> Consorte do rei Himalaia e mãe de Uma.

Mestre: “Por que você mandou tantos doces? (*A Harish*) Espere um dia ou dois antes de ir embora de Dakshineswar. Ainda não está bem, pode ter uma recaída. (*A Narayan com ternura*): “Sente-se aqui, ao meu lado. Venha a Dakshineswar amanhã e fique para almoçar. (*Apontando para M.*) Venha com ele. (*A M.*) O que me diz?”

M. queria acompanhar Shri Ramakrishna a Dakshineswar nesse dia. Ficou pensativo.

Surendra ficou de pé, perto de Shri Ramakrishna. Tinha o hábito de beber e muitas vezes, de forma excessiva. Isto preocupava muito o Mestre, mas não pediu a Surendra para deixar de beber completamente. Havia-lhe dito: ‘Olhe aqui, Surendra! Sempre que beber vinho, ofereça antes à Mãe Divina. Veja que seu cérebro não fique embotado e que não cambaleie. Quanto mais pensar na Mãe Divina, menos lhe agradecerá beber. A Mãe é a Doadora da felicidade da embriaguez divina. Realizando-A, sente-se uma felicidade natural.’”

O Mestre olhou para Surendra, dizendo, “Você bebeu”. Com estas palavras entrou em samadhi.

Era o entardecer. Retornando à consciência parcial, o Mestre cantou:

Contemple minha Mãe jogando com Shiva, perdida num êxtase de alegria!  
Embragado com um trago de vinho celestial, Ela cambaleia, contudo não cai. ...

Logo cantou o nome de Hari, batendo palmas de vez em quando. Com uma voz doce, dizia, “Hari! Hari! Ó mente, entoe o nome de Hari! Cante o nome de Hari!” Então cantou: “Rama! Rama! Rama! Rama!”

O Mestre começou a orar: “Ó Rama! Ó Rama! Estou sem devoção e austeridade, sem conhecimento e amor; não fiz nenhum rito religioso. Ó Rama, tomei refúgio em Ti; busquei proteção a Teus pés. Não desejo confortos materiais, não procuro nome nem fama. Ó Rama, não anseio pelos oito poderes ocultos; não me importo com uma centena de poderes ocultos! Sou teu servo. Tomei refúgio em Ti! Concede, Ó Rama, que eu possa ter puro amor por Teus Pés de Lótus; que não seja iludido por Tua maya sedutora! Ó Rama, tomei refúgio em Ti.”

Enquanto o Mestre orava, todos os olhares se voltaram para ele. Ouvindo sua voz comovente, poucos puderam conter as lágrimas.

Ramachandra Dutta chegou e permaneceu perto dele.

Mestre: “Onde esteve, Ram?”

Ram: “Lá em cima, senhor.”

Ram estivera preparando a comida para os devotos no terraço..

Mestre (*a Ram, com um sorriso*): “Não é melhor ficar aqui em baixo, ao invés de lá em cima? A água acumula-se na terra baixa, mas numa elevação de terra, flui para baixo.”

Ram (*com um sorriso*): “É verdade, senhor.”

O jantar estava pronto, no terraço. Shri Ramakrishna e os devotos comeram lamente. Mais tarde o Mestre foi para a casa de Adhar com M., Niranjan e outros. Ali a Mãe Divina estava sendo adorada. Foi pela prece sincera de Adhar que neste dia sagrado, Shri Ramakrishna pôde abençoar sua casa com sua presença.

*Segunda-feira, 29 de setembro de 1884*

Era o terceiro dia do Durga Puja. O Mestre estava acordado desde cedo, em seu quarto em Dakshineswar. O culto da manhã no templo de Kali já terminara e a orquestra havia tocado os hinos matutinos no nahabat. Brahmins e jardineiros, com cestas na mão, apanhavam flores para o culto da Mãe Divina. Bhavanath, Baburam, Niranjan e M. haviam passado a noite em Dakshineswar, dormindo no pórtico do aposento do Mestre. Logo que acordaram viram Shri Ramakrishna dançando em êxtase. Cantava: “Salve Mãe Durga! Santificado seja o nome de Durga!” Estava nu e parecia um menino enquanto cantava o nome da Mãe Bem-aventurada. Depois de algum tempo, disse: “Ó felicidade do êxtase divino! Ó, a felicidade da embriaguez divina!” Em seguida começou a cantar repetidamente o nome de Govinda: “Govinda! Minha vida! Minha alma!”

Os devotos sentaram-se nas camas e sem pestanejar, observavam o estado espiritual de Shri Ramakrishna. Hazra estava morando no templo. Latu também vivia aí, atendendo ao

serviço pessoal do Mestre. Rakhil continuava em Vrindavan. Narendra visitava Shri Ramakrishna de vez em quando. Era esperado naquele dia.

Os devotos lavaram o rosto. O Mestre sentou-se numa esteira, na varanda norte. Bhavanath e M. sentaram-se a seu lado. Outros devotos entravam e saíam do quarto.

Mestre (*a Bhavanath*): “A verdade é que as pessoas comuns não podem ter fé facilmente, mas a fé do Ishvarakoti é espontânea. Prahlada começava a chorar quando escrevia a letra ‘ka’<sup>12</sup>. Isto lhe recordava Krishna. É da natureza do jiva, duvidar. Dizem sim, mas –

“Jamais se poderá persuadir Hazra a crer que Brahman é Shakti, que Shakti e o Ser dotado de Shakti, são uma e mesma coisa. Quando a Realidade aparece como Criador, Preservador e Destruidor, nós A chamamos Shakti; quando Ela é inativa, A chamamos Brahman. Mas na realidade é uma e a mesma coisa – indivisível. O fogo naturalmente nos faz pensar em seu poder de queimar e a idéia de queimar naturalmente traz à mente a idéia de fogo. É impossível pensar num sem pensar no outro.

“Então orei à Mãe Divina: ‘Ó Mãe! Hazra está tentando perturbar as normas deste lugar’<sup>13</sup>. Ou dá-lhe entendimento correto ou retire-o daqui.’ No dia seguinte ele veio a mim e disse: ‘Sim, concordo com o senhor. Disse que Deus existe em todos os lugares como Consciência que em Tudo penetra.’

Bhavanath (*sorrindo*)::”O que Hazra disse realmente o fez sofrer muito?”

Mestre: “Veja, agora estou num estado diferente. Não posso gritar nem manter discussões calorosas com as pessoas. Não tenho ânimo para discutir e brigar com Hazra. Hriday disse-me na chácara de Jadu Mallick, ‘Tio, não quer que eu fique com o senhor?’<sup>14</sup> ‘Não’, eu disse. ‘Não tenho mais, disposição para manter discussões calorosas com você.’

“O que é conhecimento e o que é ignorância? Um homem é ignorante enquanto sentir que Deus está longe. Tem conhecimento quando sabe que Ele está aqui e em todos os lugares.

“Quando uma pessoa tem conhecimento verdadeiro sente que tudo está pleno de consciência.. Em Kamarpukur costumava conversar com Shibu<sup>15</sup> que era, então, um menino de quatro ou cinco anos. Quando as nuvens se juntavam e os relâmpagos faiscavam, Shibu dizia-me: ‘Ali, tio! Estão acendendo fósforos de novo!’ (*Todos riem*). Um dia notei que estava caçando grilos, sozinho. As folhas sussurravam nas árvores próximas. ‘Psiu! Psiu!’ dizia para as folhas. ‘Quero pegar grilos.’ Era criança e via tudo pulsando com consciência. Não se pode realizar Deus sem a fé que não conhece artimanhas, a fé simples de uma criança.

“Ah! Por que estado mental passei! Um dia algo me mordeu, enquanto estava sentado na grama. Tive medo de que se tratasse de uma cobra e não sabia o que fazer. Havia ouvido dizer que se uma cobra volta a morder uma pessoa imediatamente após a sua primeira picada, toma de volta o seu veneno. Imediatamente saí para procurar o buraco, para que a cobra me mordesse novamente. Enquanto procurava, um homem me perguntou: ‘O que está fazendo?’ Depois de escutar a história, disse: ‘A cobra deve morder no mesmo lugar em que picou a primeira vez.’ Então fui embora. Talvez tivesse sido mordido por um escorpião ou algum inseto.

“Ouvei de Ramlal que o ar frio do outono era bom para a saúde. Ramlal citou um verso para apoiar sua teoria. Um dia estava voltando de carruagem, de Calcutá, pus a cabeça para fora da janela, para sentir o ar frio. Fiquei doente.” (*Todos riem*).

Shri Ramakrishna entrou no quarto e sentou-se. As pernas estavam um pouco inchadas. Pedia aos devotos para sentir suas pernas e ver se a pressão de seus dedos fazia sucos. Apareceram sucos com a pressão, mas os devotos disseram que não era nada.

Mestre (*a Bhavanath*): “Por favor peça a Mahendra de Sinthi para vir me ver. Vou sentir-me melhor se ele me tranqüilizar.”

Bhavanath (*com um sorriso*): “O senhor tem muita fé em remédio, mas nós não.”

<sup>12</sup> Primeira consoante do alfabeto sânscrito.

<sup>13</sup> “Este lugar”, refere-se ao próprio Mestre.

<sup>14</sup> Hriday, sobrinho do Mestre, havia tomado conta dele, durante muitos anos. No período final de sua estada em Dakshineswar, havia tratado Mestre asperamente e, por diversas vezes, dirigia-se a ele com rudeza. Por fim incorreu no desagrado das autoridades do templo.

<sup>15</sup> Shivaram, um sobrinho do Mestre.

Mestre: “É Deus que, na pessoa do médico, prescreve o remédio. É Ele quem, sob uma forma, tornou-se o médico. Dr. Gangaprasad pediu-me para não beber água à noite. Considerei esta recomendação como palavras dos Vedas. Considero-o médico do céu.”

Hazra entrou no aposento e sentou-se. O Mestre falou por algum tempo sobre assuntos diferentes e logo disse a Hazra: “Veja, muitas pessoas estavam na casa de Ram, ontem, entre as quais Vijay e Kedar. Mas por que sinto-me profundamente tocado ao ver Narendra? Achei que Kedar pertencia ao domínio da Inebriação Divina.”

Logo Narendra chegou e Shri Ramakrishna ficou muito feliz. Narendra saudou o Mestre e começou a conversar com Bhavanath e outros. M. estava sentado perto. Uma grande esteira foi estendida no chão. Enquanto conversava, Narendra deitou-se sob seu estômago. O Mestre olhou para ele e, subitamente, entrou em samadhi. Sentou-se nas costas de Narendra em êxtase..

Bhavanath cantou:

Ó Mãe, sempre Bem-aventurada Tu és.  
Não prives Teu filho da Bem-aventurança! ...

Shri Ramakrishna desceu do plano de samadhi. Cantou:

Repita, Ó mente, o nome santificado da minha Mãe Durga!  
Ó Gauri! Ó Narayana! Inclino-me ante Ti.  
Tu és o dia, Ó Mãe! Tu és o crepúsculo e a noite.  
Como Rama, Tu estiras o arco, como Krishna Tu tocas a flauta.  
Como a terrível Kali, Tu silenciaste Shiva, Teu senhor.  
As dez Encarnações<sup>16</sup> da Shakti Divina és Tu,  
E Tu, os dez Avatares; desta vez Tu tens que me salvar!  
Com flores e folhas de vilwa Yashoda Te adorou,  
E Tu a abençoaste, colocando Krishna, a Criança, em Teus braços.  
Onde quer que eu viva, Ó Mãe, na floresta ou no bosque,  
Possa minha mente, dia e noite, morar em Teus Pés de Lótus;  
Se por fim eu morrer de morte natural ou súbita  
Possa minha língua por fim, repetir o nome de Durga!  
Tu podes me mandar embora, Ó Mãe, mas para onde irei?  
Diz-me, Mãe, em que outro lugar ouvirei um nome tão doce?  
Tu podes até dizer-me, “Fique de lado! Vá embora!  
Contudo me agarrarei a Ti, Ó Durga! A Teus pés  
Como Tuas pulseiras de tornozelo me agarrarei, fazendo seu som tintilante.  
Quando, Ó Mãe, Tu Te sentas ao lado do poderoso Shiva,  
Então chorarei a Teus pés, “Salve Shiva!”  
Mãe, quando como o Milhano<sup>17</sup>. Tu voaste alto no céu,  
Ali, debaixo d’água, como um peixe nadarei;  
Em mim Tu Te lançarás e me atravessarás com Tuas garras.  
Assim, quando o alento da vida me abandonar sob Teu aperto,  
Não me negues o abrigo dos Teus Pés de Lótus!  
Liberta-me da escravidão do mundo, Ó Esposa do Absoluto!  
Teus dois pés são meu bote para cruzar o mar escuro deste mundo.  
Tu és o céu e a terra, e Tu és o mundo inferior;  
De Ti saíram os doze Gopals e Hari, e Brahman  
Todo aquele que trilhar o caminho, repetindo, “Durga! Durga!  
O Próprio Shiva protege com Seu poderoso tridente.

Hazra estava sentado na varanda passando as contas do rosário. O Mestre sentou-se em frente dele, pegando o rosário

<sup>16</sup> Os Mahavidyas ou Poderes da Mãe Divina.

<sup>17</sup> Segundo a mitologia hindu, a Mãe Divina, certa vez tomou a forma de um pássaro semelhante a uma pipa.

Mestre (*a Hazra*): “Veja, não posso usar o rosário. Não, talvez possa. Sim posso, com minha mão esquerda, mas não posso repetir o nome de Deus com ele.”

Com estas palavras Shri Ramakrishna tentou fazer um pouco de japa, mas mal começou, entrou em samadhi. Ficou nesse estado por muito tempo, segurando o rosário. Os devotos olharam para ele com admiração. Hazra também observava o Mestre, sem pronunciar uma palavra. Depois de muito tempo, Shri Ramakrishna retomou à consciência do mundo exterior e disse que sentia fome. Com frequência dizia essas coisas para trazer a mente de volta ao plano normal de consciência. M. queria trazer algo para ele comer. O Mestre disse, “Não, primeiro irei ao templo de Kali.”

Atravessou o pátio cimentado, em direção ao templo de Kali. Durante o trajeto, inclinou-se com as mãos postas, ante os doze templos de Shiva. À esquerda estava o templo de Radhakanta. Em primeiro lugar foi lá, entrou e inclinou-se ante a imagem. Em seguida entrou no templo de Kali e saudou a Mãe. Sentando-se num tapete, ofereceu flores aos sagrados pés da Mãe. Colocou também, uma flor na cabeça. Quando voltou ao templo, pediu a Bhavanath para levar coco verde oferecido no templo e a charanamrita. Ao voltar para o quarto, acompanhado de M. e de Bhavanath, saudou Hazra, que gritou com espanto: “O que está fazendo, senhor? O que é isto?” O Mestre respondeu: “Por que diz que está errado?” Hazra com frequência discutia com o Mestre, declarando que Deus mora em todos os seres e que todos poderiam atingir Brahmajnana por meio de sadhana. Exagerava seu próprio progresso espiritual.

Era quase meio-dia. O gongo e os sinos anunciaram o culto e as oferendas nos vários templos. Os brahmins, vaishnavas e mendigos foram à casa de hóspedes almoçar. Os devotos do Mestre iam também, partilhar das oferendas sagradas. Pediu-lhes para que fossem à casa de hóspedes. Disse a Narendra: “Não quer comer em meu quarto? Está bem. Narendra e eu comeremos aqui.” Bhavanath, Baburam, M., e outros devotos foram para a casa de hóspedes.

Depois da refeição, Shri Ramakrishna descansou um pouco. Os devotos distraíam-se com conversas amenas. Logo o Mestre juntou-se a eles, feliz em sua companhia. Eram mais ou menos duas horas. Todos ainda estavam na varanda, quando subitamente, Bhavanath apareceu vestido com roupa de brahmachari, kamandalu na mão, o rosto brilhando com um sorriso.

Mestre (*com um sorriso*): “Este é seu sentimento interior. Daí vestir-se como um brahmachari.”

Narendra: “Se ele vestiu a roupa de um brahmachari; vou vestir a de um tântrico.”

Hazra: “Então terá que seguir os rituais tântricos, com mulheres, vinho etc.”

Shri Ramakrishna não incentivou a conversa. Na verdade até caçou dela.

Subitamente o Mestre começou a dançar em êxtase. Cantou:

Mãe, Tu não podes me enganar mais,  
Porque vi Teus Pés de Lótus carmins. ...

O Mestre disse: “Ah, como Rajnarayan canta maravilhosamente sobre a Mãe Divina! Canta e dança deste jeito. A música de Nakur Acharya em Kamarpukur é também, maravilhosa. Ah, como são bonitos seus cantos e danças!”

Um sadhu estava morando no Panchavati, mas era um homem de temperamento esquentado que repreendia e amaldiçoava a todos. Veio ao quarto do Mestre usando sandálias de madeira e perguntou ao Mestre, “Posso conseguir fogo aqui?” Shri Ramakrishna saudou-o e ficou de mãos postas, enquanto ele permaneceu no quarto.

Quando saiu, Bhavanath disse ao Mestre, rindo: “Que grande respeito o senhor mostrou ao sadhu!”

Mestre (*sorrindo*): “Veja, ele também é Narayan, embora cheio de *tamas*. Esta é a maneira como se agrada as pessoas que têm excesso de *tamas*. Além disso, trata-se de um sadhu.”

Os devotos jogavam golakdham<sup>18</sup>. Hazra juntou-se a eles. O Mestre de pé, observava-os jogar. M. e Kishori alcançaram o “céu”. Shri Ramakrishna inclinou-se diante deles e disse:

<sup>18</sup> Jogo em que o jogador tenta alcançar o “céu”, passando por diferentes “planos”, mas a cada passo

“Abençoados são vocês dois irmãos”. Disse a M., à parte, “Não jogue mais”. Hazra caiu no “inferno”. O Mestre disse: “O que há com Hazra? De novo!” Mal Hazra saiu do “inferno”, caiu outra vez. Todos riram. Latu, no primeiro atirar de dados, foi da “terra” para o “céu”. Começou a saltar de alegria. “Vejam a alegria de Latu!”, disse o Mestre, “Teria ficado extremamente triste se não tivesse alcançado este resultado. (*À parte para os devotos*). Isto também tem um significado. Hazra é tão vaidoso que pensa que vai triunfar sobre todos, até nesse jogo. Esta é a lei de Deus, mas Ele jamais humilha uma pessoa virtuosa. Tal homem é sempre vitorioso em todos os lugares.”

Shri Ramakrishna estava sentado no pequeno divã, em seu quarto. Narendra, Baburam, Bhavanath e M. estavam sentados no chão. Narendra referiu-se às diversas seitas religiosas - o Ghoshpara, Panchanami e outros. Shri Ramakrishna descreveu seus pontos de vistas e condenou suas práticas imorais. Disse que não podiam seguir o curso correto de disciplina espiritual, mas gostavam de prazeres sensuais em nome da religião.

Mestre (*a Narendra*): “Você não necessita ouvir estas coisas. Os bhairavas e bhairavis da seita tântrica, também seguem esse tipo de disciplina. Quando eu estava em Benares fui levado a um desses círculos místicos. Cada bhairava tinha uma bhairavi com ele. Pediram-me para beber vinho consagrado, mas eu disse que não podia tocar em vinho. Beberam-no. Pensei que talvez, iriam praticar meditação e japa. Mas nada disso, começaram a dançar. Fiquei com medo que caíssem no Ganges: haviam feito o círculo na margem. É muito honroso para um marido e uma mulher assumirem, o papel de bhairava e bhairavi.

*A Narendra e outros*): “Quero dizer-lhes isto. Considero a mulher como minha mãe; e eu me olho como seu filho. Esta é uma atitude muito pura. Não há perigo nela. Olhar uma mulher como irmã também é bom, mas assumir a atitude de ‘herói’, olhar a mulher como sua amante, é a disciplina mais difícil. O pai de Tarak seguiu esta disciplina. É muito difícil. Nesta forma de sadhana, nem sempre pode-se manter uma atitude correta.

“Há vários caminhos para se alcançar Deus. Cada ponto de vista é um caminho. É como chegar ao templo de Kali por diversos caminhos, mas deve-se dizer que alguns são limpos e outros sujos. É bom andar por um caminho limpo.

“Muitos pontos de vista, muitos caminhos - eu vi todos, mas não encontro mais prazer neles, todos brigam.

“Ninguém mais está aqui e vocês são meus amigos íntimos. Vou lhes dizer algo. Cheguei à conclusão definitiva que Deus é o Todo e eu, uma parte d’Ele, que Deus é o Amo e eu, Seu servo. Além disso, penso de vez em quando que Ele é eu, e eu sou Ele.”

Os devotos ouviram estas palavras em silêncio profundo.

Bhavanath (*humildemente*): “Fico perturbado se tenho um mal entendido com alguém. Sinto que neste caso, não sou capaz de amar a todos.”

Mestre: “Procure no começo conversar com a pessoa, manter um relacionamento amigável. Se não conseguir apesar dos esforços, não pense mais nisso. Refugie-se em Deus. Medite n’Ele. Não se ganha nada, abandonando Deus e sentindo-se deprimido por pensar nos outros.”

Bhavanath: “Grandes alma como Jesus e Chaitanya, nos exortaram a amar todos os seres.”

Mestre: “Você deve amar, porque Deus mora em todos os seres, mas saúde as pessoa más à distância. Você fala de Chaitanya? Ele, também, costumava esconder seu sentimento espiritual, na presença de pessoas indesejáveis. Na casa de Shrivats, pôs a madrasta dele para fora do aposento, arrastando-a pelos cabelos.”

Bhavanath: “Não foi ele, mas os outros que o fizeram.”

Mestre: “Poderiam os outros tê-lo feito sem sua aprovação? O que pode ser feito? Suponhamos que um homem não possa fazer que outro o ame; será que ele deve preocupar-se com isto dia e noite? Devo desperdiçar minha mente, que deve ser dada a Deus, em coisas inúteis? Digo: ‘Ó Mãe, não quero Narendra, Bhavanath, Rakhai ou qualquer outra pessoa. Procuro somente a Ti. O que farei como um ser humano?’

“Quando a Bem-aventurada Mãe vem à minha casa, quanto do *Chandi* ouvirei!  
Quantos monges virão aqui, e quantos yogis de cabelos emaranhados!

“Quando alcançar Deus, terei alcançado tudo. Renunciei a ouro e prata, dizendo ‘Rupia é argila, e argila é rupia; ouro é argila e argila é ouro.’ Com estas palavras joguei ouro, prata e argila no Ganges. Então fiquei com medo que Mãe Lakshmi pudesse ficar zangada comigo porque tratei sua riqueza com desprezo; que Ela poderia até suspender minhas refeições. Orei, então, à Mãe Divina, ‘Ó Mãe, quero somente a Ti e nada mais.’ Sabia que realizando-A, eu obteria tudo.”

Bhavanath (*sorrindo*): “Este é o cálculo sagaz de um homem de negócios.”

Mestre (*sorrindo*): “Sim, é isso. Uma vez o Senhor ficou satisfeito com um certo devoto. Apareceu diante dele e disse: ‘Sua austeridade agradou-me muito. Peça-Me uma graça.’ O devoto disse: ‘Ó Senhor, se Tu estais tão misericordioso para me dar uma graça conceda-me então, que eu possa comer em pratos de ouro com meus netos.’ Uma graça cobriu muitas coisas – riqueza, filhos e netos. (*Todos riem*).”

Hazra estava sentado na varanda.

Mestre: “Sabem o que Hazra deseja? Quer dinheiro. Sua família está em dificuldade, tem dívidas. Pensa que Deus lhe dará dinheiro porque se dedica ao japa e à meditação.”

Um devoto: “Deus não pode satisfazer o desejo de um devoto?”

Mestre: “Se isto for Sua vontade, mas Deus não assume inteira responsabilidade por um devoto, a não ser que ele esteja totalmente intoxicado de amor por Ele. Numa festa é somente uma criança a quem se toma pela mão e faz sentar em seu lugar. Quem faz isto com pessoas mais velhas? Até que um homem pense tanto em Deus, que não possa ocupar-se de si, que Ele o toma sob seus cuidados. Hazra não pergunta sobre sua família. Seu filho disse a Ramlal: ‘Por favor, peça a papai para voltar para casa. Não lhe pediremos nada.’ Estas palavras quase me trouxeram lágrimas aos olhos. A mãe de Hazra disse a Ramlal: ‘Por favor peça a Pratap<sup>19</sup>, para vir em casa nem que seja uma vez. Peça também a seu tio<sup>20</sup>, para pedir-lhe para voltar.’ Falei-lhe sobre isto, mas ele não me ouviu.

“Deve uma mãe ser menosprezada? Antes de se tornar um sannyasi Chaitanyadeva esforçou-se muito para convencer sua mãe a deixá-lo renunciar ao lar. Mãe Sachi disse que iria matar Keshab Bharati<sup>21</sup>. Chaitanyadeva fez o máximo para convencê-la. Disse: ‘Mãe, não renunciarei ao lar, se a senhora não der sua permissão, mas se a senhora me obrigar a levar a vida de chefe de família, morrerei. Além disso, mãe, mesmo que eu vá embora como sannyasi, a senhora poderá ver-me sempre que o desejar. Ficarei perto da senhora. Eu a verei de vez em quando.’ Somente quando Chaitanya lhe deu estas explicações, é que ela lhe deu permissão. Narada não pôde ir para a floresta praticar austeridade, enquanto a mãe estava viva. Tinha que cuidar dela. Depois de sua morte, partiu para realizar Deus.

“Quando fui a Vrindavan, não senti desejo de voltar a Calcutá. Tinha sido combinado que moraria com Gangama<sup>22</sup>. Tudo estava arranjado. Minha cama ficaria de um lado e a dela do outro. Resolvi não voltar a Calcutá. Disse a mim mesmo: ‘Até quando devo comer comida de um kaivarta?’<sup>23</sup> ‘Não’, disse-me Hriday, ‘Vamos para Calcutá.’ Puxou-me pela mão e Gangama puxou-me pela outra. Senti um intenso desejo de morar em Vrindavan. Lembrei-me então, de minha mãe. Isto mudou tudo. Ela estava velha. Disse a mim mesmo: ‘Minha devoção a Deus desaparecerá se tiver que me preocupar com minha mãe. Prefiro viver com ela. Terei então, paz de espírito e poderei meditar em Deus.’

(*A Narendra*). “Por que você não diz algumas palavras a Hazra para que ele volte para casa?” No outro dia ele me disse, “Sim, irei para casa, onde ficarei três dias.’ Mas já se esqueceu de tudo.

<sup>19</sup> Hazra.

<sup>20</sup> O Mestre.

<sup>21</sup> Guru que iniciou Chaitanya na vida monástica.

<sup>22</sup> Grande santa de Vrindavan.

<sup>23</sup> Referência aos proprietários do templo de Dakshineswar, que pertenciam à casta de pescadores, considerada inferior na sociedade hindu.

(*Aos devotos*) Falamos de coisas sujas - Ghoshpara e similares. Govinda! Govinda! Govinda! Agora cantem o nome de Hari Que haja um prato de pudim de arroz e doces depois das lentilhas comuns.”

Narendra começou a cantar:

Amarre sua mente, Ó homem, no Purusha Primordial.  
Que é a Causa de todas as causas.  
Ó Uno Imaculado, a Verdade Sem Começo,  
Como Prana, Ele permeia o universo infinito;  
O homem de fé contempla-O.  
Vivendo, brilhante, a Raiz de tudo.  
Além dos sentidos, eterno, Essência da Consciência,  
Brilha na fruta do coração.  
Adornado de Santidade, Sabedoria e Amor:  
Meditando n’Ele, o homem libertado do pesar.

De rosto sempre sereno,  
Um inesgotável Oceano de Virtude.  
Ninguém pode sondar Sua profundidade; contudo livremente, por Sua própria graça.  
Ele Se revela.  
Aos que chegam a Seus Pés buscando abrigo,  
Misericordioso uma vez que eles estão desesperançados e Ele está sempre perdoadando,  
Doador de felicidade,  
Auxílio imediato no mar de nossa desgraça.

Sem se desviar, concedendo os frutos de nossos atos, bons e maus.  
Todavia é a Fonte de Compaixão.  
Oceano de Misericórdia, cheio de Amor até a borda;  
Até para ouvir de Sua glória, os olhos enchem-se de lágrimas.  
Fita Seu rosto e seja abençoado.  
Seu coração está faminto por Ele, Ó homem!  
Brilhante de uma beleza indescritível, sem par e sem mácula,  
Nenhuma palavra pode jamais descrevê-Lo;  
Seja como um mendigo diante de Seu portão  
E adore-O dia e noite, suplicando-Lhe Sua graça.

Cantou novamente:

No firmamento da Sabedoria a lua do Amor está surgindo cheia,  
E a maré do Amor, em ondas agitadas, está fluindo em todos os lugares.  
Ó Senhor, como cheio de Bem-aventurança Tu és! Salve!

De todos os lados brilham os devotos, como estrelas em volta da lua:  
Seu Amigo, o Senhor misericordioso alegremente brinca com eles.  
Olhe! Os portões do paraíso estão hoje escancaradas. ...

Shri Ramakrishna estava dançando em círculo e os devotos se juntaram a ele. Cantaram e dançaram. A felicidade de todos era indescritível. O Mestre cantou a respeito da Mãe Divina:

Olhe minha Mãe jogando com Shiva, perdida no êxtase de alegria! ...

Shri Ramakrishna estava extremamente satisfeito porque M. havia se juntado à música. Disse a M., com um sorriso, “A atmosfera de fervor divino teria sido mais intenso, se a música tivesse sido acompanhada de um tambor: ‘Tak tak taa dhina. Dak dak da dhina!’ ”

Era o crepúsculo quando o kirtan terminou.

*Quarta-feira, 1 de outubro de 1884*

Shri Ramakrishna havia partido de Dakshineswar para a casa de Adhar em Calcutá. Narayan e Gangadhar iam com ele. Na carruagem, em êxtase, disse: “Devo passar o rosário? Que vergonhoso seria! Este emblema de Shiva brotou das entranhas da terra; foi criado por si mesmo e não, por mãos humanas.”

Chegaram à casa de Adhar onde muitos devotos, incluindo Kedar, Baburam e Vijay, estavam reunidos. Vaishnavcharan, o músico, estava presente. A pedido do Mestre, Adhar ouvia diariamente a música de Vaishnavcharan depois de voltar do trabalho.

Quando o Mestre entrou na sala de visitas de Adhar os devotos levantaram-se para recebê-lo. Kedar e Vijay saudaram-no e o Mestre pediu a Narayan e Baburam para saudar Kedar e Vijay. Pediu a Kedar e Vijay para abençoarem Narayan e Baburam para que eles pudessem ter devoção a Deus. Apontando para Narayan, disse: “É completamente puro”. Os olhos dos devotos estavam fixos nos dois rapazes.

Mestre (*a Kedar e outros devotos*): “É bom que eu tenha encontrado todos aqui, senão, talvez tivessem ido ao templo de Kali ver-me. Pela vontade Deus, nos encontramos aqui.”

Kedar (*de mãos postas*): “A vontade de Deus! É tudo vontade do senhor!”

Shri Ramakrishna sorriu. Vaishnavcharan começou o kirtan sobre Radha e Krishna. Quando a música estava chegando ao fim, com a união de Radha e Krishna, o Mestre começou a dançar com fervor. Os devotos dançaram e cantaram em torno dele. Depois da música todos se sentaram. O Mestre disse a Vijay, referindo-se a Vaishnavcharan. “Ele canta muito bem”. Pediu ao músico para cantar uma canção sobre Shri Chaitanya, que começa com o verso, “Ó belo Gauranga, jovem dançarino, dourado como ouro derretido.”

Quando a canção terminou, o Mestre perguntou a Vijay, “Gostou?”

Vijay:: “Maravilhosa.”

Shri Ramakrishna também cantou a respeito de Shri Chaitanya. M. juntou-se a ele. Vaishnavcharan entoou uma outra canção:

Ó minha flauta, cante o nome de Hari!  
 Você não pode conhecer a mais elevada verdade  
 Sem a graça de Hari.  
 Seu nome remove nosso amargo pesar;  
 Repita o nome de Hari, então,  
 Repita o santo nome de Shri Krishna!

Se ele conceder-me Sua graça.  
 Não mais temerei  
 Esse mundo hostil;  
 Cante, então, o nome de Hari, minha flauta!  
 Nosso único tesouro é Seu nome.

Govinda diz: Olhem, meus dias  
 Estão passando em vão;  
 No mar profundo e sem praia do mundo,  
 Ó, não me deixem afogar!”

Vaishnavcharan cantou novamente, desta vez sobre a Mãe Durga:

Ó língua, repete sempre o nome de Mãe Durga!  
 Quem a não ser a tua Mãe Durga te salvará na infelicidade? ...

O Mestre e o músico cantaram várias vezes os seguintes versos de uma canção:

O móvel e o imóvel, o denso e o sutil, Tu és.  
 Criação e preservação és Tu, e a última dissolução.  
 Tu és a Raiz Primordial deste universo múltiplo;  
 A Mãe dos três mundos, seu único Salvador, Tu és:

Tu és a Shakti de todos, e Tu, também, Tua própria Shakti.

Kedar e diversos devotos puseram-se de pé. Estavam prontos para regressar. Kedar saudou o Mestre e deu-lhe adeus.

Mestre: “Vai embora sem se despedir de Adhar? Não será isto uma descortesia?”

Kedar: “ ‘Quando Deus está satisfeito, o mundo também está.’ O senhor fica e, num certo sentido, todos nós ficamos. Não estou me sentindo bem. Além disso, estou um pouco inquieto sobre minhas convenções sociais <sup>24</sup>. Uma vez tive problemas com nossa comunidade.”

Vijay (*apontando para o Mestre*): “Devemos ir embora e deixá-lo aqui?”

Nesse momento Adhar veio para levar o Mestre à sala de jantar, porque a comida estava pronta. Shri Ramakrishna levantou-se e, dirigindo-se a Kedar e Vijay: “Venham, venham comigo.” Eles seguiram-no e participaram do jantar com os outros devotos.

Depois do jantar todos voltaram para a sala de visitas, onde os devotos sentaram-se em volta do Mestre. Kedar disse-lhe, com as mãos postas: “Por favor perdoe-me por hesitar comer aqui.” Talvez tivesse vindo à sua mente o pensamento de que não deveria ter hesitado, visto que o próprio Mestre não tinha escrúpulos de comer na casa de Adhar.

Kedar trabalhava em Dacca. Muitos devotos lhe haviam trazido oferendas de doces e outras comidas. Referindo-se a isto, Kedar disse ao Mestre: “As pessoas querem me dar comida. O que devo fazer? Senhor, qual sua ordem a esse respeito?”

Mestre: “Pode-se comer comida até de um intocável se ele for devoto de Deus. Depois de passar sete anos em estado de intoxicação divina, em Dakshineswar, visitei Kamarpukur. Ó, em que estado mental eu estava naquela época! Até uma prostituta alimentou-me com suas mãos, mas agora não posso mais permitir isso.”

Kedar estava de saída.

Kedar (*em voz baixa*): “Senhor, por favor transmita-me poder. Muitas pessoas vêm a mim. O que sei?”

Mestre: “Tudo ficará bem. Uma pessoa vai bem se for sinceramente devotada a Deus.”

Yogendra, editor de um jornal bengali, o *Bangavasi*, entrou no quarto. A conversa voltou-se para o Deus Pessoal e Deus sem forma.

Mestre: “Deus tem forma e, também, Ele é sem forma. Quantos aspectos Ele tem! Não podemos compreendê-Lo. Por que vamos dizer que Deus é somente sem forma?”

Yogendra: “Esta é a única coisa notável do Brahma Samaj. Lá, até um menino de doze anos vê Deus sem forma. Os membros do Adi Samaj <sup>25</sup>, não se opõem contra o Deus com forma. Estão autorizados a assistir ao ritual, se este for feito em casa de pessoas idôneas.”

Mestre (*sorrindo*): “Que bela maneira de dizê-lo! Até um menino vê Deus sem forma!”

Adhar: “Shivanath Babu não acredita nas formas de Deus.”

Vijay: “Esse é seu erro. (*Apontando para o Mestre*): Como ele diz, o camaleão assume cores diferentes – ora esta cor, ora aquela. Somente o homem que vive debaixo da árvore, conhece a cor verdadeira.

“Enquanto meditava, via imagens de deuses pintadas numa tela. Quantos deuses! Quantas coisas diferentes diziam! Disse a mim mesmo: ‘Vou até o Mestre. Ele me explicará tudo.’”

Mestre: “Você viu corretamente.”

Kedar: “Deus assume formas para o bem de Seus devotos. Devido ao amor, um devoto vê Deus com forma. Dhruva teve a visão do Senhor. Disse: ‘Por que Seus brincos não se movem?’ O Senhor respondeu, ‘Eles se moverão se você os mover.’”

Mestre: “Deve-se acreditar em tudo: Deus com forma e Deus sem forma. Enquanto meditava no templo de Kali, reparei em Ramani, uma prostituta. Eu disse: ‘Mãe, vejo que Tu

<sup>24</sup> Adhar pertencia a uma casta inferior. Kedar, um brahmin, não podia jantar com ele, ou comer em sua casa.

<sup>25</sup> Um ramo do Brahma Samaj.

estás nesta forma, também.’ Portanto digo, deve-se aceitar tudo. Não se sabe quando ou como, Deus Se revelará.’

O Mestre cantou:

Um mendicante veio até nós, sempre absorvido em estados divinos.

Vijay: “Deus tem poder infinito. Não pode Ele Se revelar em qualquer forma que escolher? O homem é uma partícula de poeira, e ousa chegar a uma conclusão a respeito de Deus. Que estranho!”

Mestre: “Um homem lê um pouco do *Gita*, *Bhagavata* ou Vedanta e pensa que já compreendeu tudo. Uma vez uma formiga foi a uma colina de açúcar. Um grão de açúcar encheu seu estômago e ela voltou para casa com um outro grão na boca. Durante o trajeto pensou: ‘Na próxima vez trarei para casa a colina inteira.’ (*Todos riem*).



## CAPÍTULO XXX

### O MESTRE EM VÁRIOS ESTADOS

*Quinta-feira, 2 de outubro de 1884*

**S**HRI RAMAKRISHNA estava sentado em seu quarto em Dakshineswar. Latu, Ramlal, Harish e Hazra moravam com ele. De vez em quando Baburam passava um dia ou dois em sua companhia.

Manilal Mallick, Priya Mukherji e seu parente Hari, um barbudo devoto Brahma, de Shibpur e vários devotos Marwaris de Calcutá estavam no aposento do Mestre. Manilal era um membro antigo do Brahma Samaj.

Mestre (*a Manilal e outros*): “É sábio saudar uma pessoa mentalmente. Qual a necessidade de lhes tocar os pés? Saudação mental não constrange ninguém.

“A atitude de que somente minha religião está certa e que todas as outras são falsas, não é boa. Vejo que o próprio Deus tornou-Se tudo: homem, imagens e salagramas. Vejo apenas um em todos esses, não vejo dois. Vejo apenas um.

“Muitas pessoas pensam que somente sua opinião está certa, e que as opiniões dos outros estão erradas: que unicamente eles venceram e que os outros perderam, mas uma pessoa que foi em frente pode ser detida por um pequeno obstáculo, e alguém que ficou para trás pode superá-la. No jogo de golakdham pode-se avançar muito, mas mesmo assim a sua peça pode não atingir a meta.

“Triunfo ou fracasso está nas mãos de Deus. Não podemos entender seus meios. Já devem ter reparado que o coco verde fica no alto da árvore exposto ao sol, mas mesmo assim, seu leite é frio. Por outro lado a paniphal<sup>1</sup> está sempre na água, mas quando é comida dá calor ao corpo.

“Olhe para o corpo humano. A cabeça é a raiz, mas está no alto.”

Manilal: “Qual é o nosso dever?”

Mestre: “Ficar de algum modo unido a Deus. Há dois caminhos karma yoga e mano yoga. Os chefes de família praticam yoga através do karma, cumprimento do dever. Há quatro estágios de vida: brahmacharya, garhasthya, vanaprastha e sannyas. Os sannyasis devem renunciar àqueles karmas que são executados tendo em vista objetivos especiais: mas devem executar os karmas diários obrigatórios, abandonando todo desejo pelos resultados. Os sannyasis estão unidos a Deus por karmas tais como a aceitação do cajado, recebimento de esmolas, peregrinações e prática do culto e japa.

“Não importa em que classe de ação estejam empenhados. Podem estar unidos a Deus por meio de qualquer atividade, desde que ao realizá-la, abandone todo desejo de resultado.

“Há outro caminho: manoyoga. Um yogi que pratica esta disciplina não mostra nenhum sinal exterior. Está internamente unido a Deus. Tomem, por exemplo, Jadabharata e Shukadeva. Há muitos yogis desta classe, mas esses dois são bem conhecidos. Não cortavam nem cabelo nem barba.

“Todas as atividades caem quando um homem atinge o estado de paramahansa. Lembre-se constantemente do seu Ideal e medita n’Ele. Esteja sempre unido a Deus mentalmente. Se alguma vez pratica uma ação, é para ensinar os homens.

“Um homem pode estar unido a Deus ou por meio da ação, ou por meio do pensamento, mas pode saber tudo através da bhakti. Pela bhakti experimenta-se espontaneamente kumbhaka. As correntes nervosas e a respiração acalmam-se quando a mente estiver concentrada. A mente concentra-se também, quando as correntes nervosas e a respiração acalmam-se. Então buddhi, o poder discriminativo, torna-se firme. O homem que atinge este estado não tem consciência dele.

---

<sup>1</sup> Tipo de fruta aquática.

“Pode-se alcançar tudo através da bhakti yoga. Chorava diante da Mãe e orava: ‘Ô Mãe, por favor diz-me, revela-me o que os yogis realizaram por meio da yoga e os jnanis por meio da discriminação.’ E a Mãe me revelou tudo. Ela revela tudo se o devoto chora ante Ela com o coração anelante. Mostrou-me tudo o que está Vedas, na Vedanta, nos Puranas e nos Tantras.”

Manilal: “E o que me diz da hatha yoga?”

Mestre: “Os hatha yogis identificam-se com o corpo. Praticam limpeza interna e disciplinas similares, e dedicam-se somente ao cuidado do corpo. Seu ideal é aumentar a longevidade. Servem o corpo dia e noite. Não é bom.

“Qual é o dever de vocês? Devem renunciar mentalmente a ‘mulher e ouro’. Não podem considerar o mundo como sujeiras de corvo.

“Os goswamis são chefes de família. Portanto digo-lhes: ‘Vocês têm feito seus deveres no templo, como podem renunciar ao mundo? Não podem explicar o mundo como maya.’

“Chaitanyadeva disse que os deveres dos chefes de família eram bondade com os seres vivos, servir os vaishnavas e cantar o santo nome de Deus.

“Keshab Sen certa vez disse a meu respeito: ‘Agora ele nos pede para agarrar ambos - Deus e o mundo. Mas um dia eles nos picará.’ Não, isto não é verdade. Por que eu iria picar?”

Mani Mallick: “Mas, senhor, o senhor faz isso.”

Mestre (*sorrindo*): “Como assim? Você é um chefe de família. Por que renunciaria?”

“Mas a renúncia ao mundo é necessária para aqueles que Deus quer sejam instrutores da humanidade. Aquele que é um acharya deve abandonar ‘mulher e ouro’; senão as pessoas não aceitarão seu conselho. Não basta que renuncie mentalmente; deve, também, renunciar exteriormente. Só então seu ensinamento produzirá fruto. Caso contrário as pessoas pensarão, ‘Embora nos mande abandonar “mulher e ouro”, ele próprio os desfruta em segredo.”

“Um médico receitou um remédio para um paciente e disse-lhe, ‘Venha outro dia e lhe darei instruções sobre a dieta.’ O médico nesse dia tinha vários potes de melado em sua sala. O paciente morava longe. Visitou mais tarde o médico que lhe disse, ‘Tome cuidado com sua alimentação. Não é bom que coma melado.’ Quando o paciente saiu, uma outra pessoa que ali estava, perguntou ao médico, ‘Por que o senhor deu-lhe todo o incômodo de vir aqui outra vez? Poderia muito bem ter-lhe dado essas instruções logo no primeiro dia.’ Com um sorriso, o médico respondeu: “Há uma razão. Naquele dia tenha muitos potes de melado na sala. Se eu lhe tivesse pedido para não comer melado, não teria acreditado em minhas palavras. Pensaria, “Ele tem tantos potes de melado em sua sala, deve comer alguns. Então melado não deve fazer tanto mal assim.” Hoje escondi os potes. Agora acreditará em minhas palavras.’

“Conheci o acharya do Adi Brahma Samaj. Soube que ele se casou pela segunda ou terceira vez. Tem filhos crescidos. E esses homens são instrutores! Se disserem, ‘Deus é real e tudo o mais ilusório, quem irá acreditar neles? Podem compreender muito bem quem será seus discípulos.

Tal instrutor, tal discípulo. Mesmo que um sannyasi renuncie mentalmente a ‘mulher e ouro’, mas externamente viva com eles, não pode ser um instrutor de homens. Dirão que ele desfruta ‘melado’ secretamente.

“Uma vez Mahendra Kaviraj de Sinthi deu cinco rupias a Ramlal. Eu não sabia nada a esse respeito. Quando Ramlal me falou, perguntei-lhe: ‘Para quem foi dado o dinheiro?’ Respondeu-me que foi para mim. Primeiro pensei que deveria usá-lo para pagar o que devia pelo leite. Mas vocês acreditarão em mim? Havia dormido um pouco quando subitamente, acordei contorcendo-me de dor, como se um gato tivesse arranhado meu peito. Fui até Ramlal e perguntei-lhe novamente, ‘O dinheiro foi dado para sua tia?’<sup>2</sup> ‘Não’, respondeu Ramlal. A isto, disse-lhe, ‘Vá e devolva imediatamente o dinheiro.’ No dia seguinte, Ramlal devolveu-o.”

“Vocês sabem a que se parece um sannyasi que aceita dinheiro ou que está apegado a uma tentação? É como uma viúva brahmin que tivesse praticado continência e vivido de simples arroz fervido, legumes e leite durante anos, subitamente aceitasse um intocável como amante. (*Todos parecem atônitos*).

<sup>2</sup> A Santa Mãe, sua esposa.

“Havia uma mulher de casta inferior chamada Bhagi Teli nesta região. Tinha muitos discípulos e devotos. Vendo que ela, uma shudra, era venerada pelas pessoas, o proprietário da terra ficou com inveja e contratou um homem para seduzi-la, o que ele conseguiu. Com isto sua prática espiritual reduziu-se a nada. Um sannyasi decaído é assim.

“Vocês levam a vida de chefe de família. É necessário que vivam na companhia de homens santos. Primeiro, companhia dos santos, depois, shraddha, fé em Deus.

“Como podem as pessoas reverencia e ter fé em Deus se os homens santos não cantam Seu nome e glórias? Respeita-se um homem se em sua família houve ministros reais por três gerações.

(A M.) “Mesmo se alguém tenha alcançado Conhecimento, ainda assim deve praticar com frequência a Consciência de Deus. Nangta costumava dizer, ‘Para que serve polir o lado externo de uma jarra de metal somente um dia? Se não o polir regularmente, ficará manchado outra vez.’ Tenho que ir à sua casa algum dia. Se conhecer sua casa, posso encontrar muitos devotos lá. Por favor vá ver Ishan qualquer dia desses.

(A Manilal) “A mãe de Keshab Sen veio aqui outro dia. Os meninos de sua família cantavam o nome de Hari. Ela andava em volta deles, batendo palmas. Reparei que ela não estava muito pesarosa com a morte de Keshab. Aqui observou o jejum de ekadashi e passou as contas do rosário. Fiquei satisfeito em ver sua devoção a Deus.”

Manilal: “Ramkamal Sen, avô de Keshab Sen, foi um devoto de Deus. Costumava sentar-se num bosque de tulsi e repetir o santo nome de Deus. Pyarimohan, pai de Keshab, também era um devoto vaishnava.”

Mestre: “O filho não seria tão devotado a Deus, se o pai não tivesse sido assim. Olhe Vijay. Seu pai ficava inconsciente do mundo em êxtase, quando lia o *Bhagavata*. Vijay mal pode controlar sua emoção enquanto pronuncia o nome de Hari, às vezes, fica de pé. As formas de Deus que Vijay vê hoje em dia, são todas reais. Falando a respeito dos diferentes aspectos de Deus, com e sem forma, Vijay disse que Deus às vezes aparece com atributos e às vezes, sem atributos. Deu o exemplo do camaleão que às vezes fica vermelho, às vezes azul, às vezes verde e às vezes incolor.

“Vijay é realmente puro. Não se pode realizar Deus sem pureza e altruísmo. Ontem Vijay estava na casa de Adhar Sen. Comportou-se como se estivesse em sua própria casa e que aqueles que estavam lá, fossem sua própria gente. Não se pode ser puro e generoso se não estiver livre do mundanismo.”

Então o Mestre cantou:

Você alcançará aquele Tesouro sem preço quando sua mente estiver livre de impurezas. ...

Continuou: “Não se pode fazer um pote sem antes preparar cuidadosamente a argila. O pote quebrará se contiver partículas de areia ou pedra. É por isso que o oleiro prepara a argila, retirando a areia e as pedras.

“Se um espelho estiver coberto de sujeira, não refletirá o rosto de uma pessoa. Um homem não pode realizar seu verdadeiro Ser a não ser que o coração seja puro. Encontra-se pureza sempre que Deus Se encarna como homem. Nandaghosh, Dasharatha, Vasudeva - todos eram puros.

“A Vedanta diz que um homem nem sequer sente desejo de conhecer Deus, se não tiver a mente pura. Não se pode ser puro e dotado de generosidade sem muita tapasya, a menos que esteja em seu último nascimento.”

Shri Ramakrishna estava preocupado com um menino, por que pensava que suas pernas estivessem um pouco inchadas. Mahendra Kaviraj de Sinthi entrou no quarto e saudou o Mestre.

Mestre (*aos devotos*): “Ontem disse a Naran, ‘Pressione sua perna e veja se há algum sulco.’ Ele pressionou e havia um. Dei então, um suspiro de alívio. (A *Mukherji*) Quer, por favor, pressionar a perna? Há algum sulco?”

Mukherji: “Sim, senhor”

Mestre: “Que alívio!”

Mani Mallick: “Por que se preocupa com isso, senhor? Por favor banhe-se no rio. Por que o senhor deve tomar remédio?”

Mestre: “Não, o senhor tem sangue forte. Seu caso é diferente. A Mãe Divina colocou-me num estado infantil. Outro dia fui mordido por algum bicho, no mato. Ouvi dizer que em caso de mordida de cobra, o veneno sairia, se a cobra mordesse novamente. Pus a mão no buraco e esperei. Um homem que passava, disse-me: ‘O que o senhor está fazendo? O senhor se livrará do veneno somente se a cobra lhe morder novamente no mesmo lugar. Não ficará curado se a cobra morder em outra parte do corpo.’

“Disseram-me que o orvalho do outono era bom. Um dia, vindo de Calcutá, pus a cabeça para fora da carruagem e a expus ao ar úmido. (*Todos riem*).

(*A Mahendra de Sinthi*): “Aquele pundit de Sinthi é muito bom. Possui um título por sua escolaridade. Ele me respeita. Disse-lhe: ‘O senhor leu muito, mas abandone a vaidade de que é um erudito.’ Isto o fez muito feliz. Discuti Vedanta com ele.”

(*A M.*) “Aquele que é Puro Atman é desapegado. Maya ou avidya está n’Ele. Em maya há três gunas: sattva, rajas e tamas. Esses três gunas também existem no Puro Atman, mas o Próprio Atman é desapegado. Se você jogar uma pílula azul no fogo, verá uma chama azul. Se jogar uma pílula vermelha, verá uma chama vermelha, mas o fogo em si mesmo não tem cor própria.

“Se colocar uma pílula azul na água ela se tornará azul. Se colocar alume nessa mesma água, voltará à sua cor natural.

“Um açougueiro levava uma carga de carne, quando esbarrou em Shankara. Shankara exclamou: ‘O que! Você me tocou!’ O açougueiro respondeu: ‘Venerável senhor, nem o senhor me tocou nem eu o toquei. O senhor é Atman Puro, intocável.’ Jadabharata disse a mesma coisa ao rei Rahugana.

“O Atman Puro é intocável e não se pode vê-Lo. Se misturarmos sal com água, não podemos ver o sal.

“Aquele que é Atman Puro é a Grande Causa, a Causa das causas. O denso, o sutil, o causal e a Grande causa. Os cinco elementos são densos. A mente, buddhi e o ego são sutis. Prakriti, a Energia Primordial, é a causa deles. Brahman, Atman Puro, é a Causa da causa.

“Somente este Atman Puro é a nossa natureza real. O que é jnana? É conhecer seu próprio Ser e manter a mente n’Ele. É conhecer o Atman Puro.

“Por quanto tempo deve um homem cumprir seus deveres? Enquanto se identificar com o corpo, em outras palavras, enquanto pensar que é o corpo. Isto é o que o *Gita* diz. Pensar no corpo como o Atman é ajnana, ignorância.

(*Ao devoto Brahmo de barba, de Shibpur*): “O senhor é um Brahmo?”

Devoto: “Sim, senhor.”

Mestre (*sorrindo*): “Posso reconhecer um adorador do Sem Forma só olhando seu rosto e olhos. Por favor mergulhe um pouco mais fundo. Não se obtém a gema flutuando-se na superfície. Eu, de minha parte, aceito todos – o Deus sem forma e o Deus com forma.”

Os devotos Marwaris de Burrabazar entraram no aposento e saudaram o Mestre que começou a elogiá-los.

Mestre (*aos devotos*): “Ah! São verdadeiros devotos de Deus. Visitam templos, cantam hinos a Deus e comem prasad. E o senhor que foi nomeado sacerdote este ano, é versado no *Bhagavata*.”

Devoto Marwari: “Quem é este ‘eu’ que diz, ‘Ó Senhor, eu sou Teu servo?’ ”

Mestre: “Este é o lingasharira ou a alma encarnada. Consiste de manas, buddhi, chitta e ahamkara.”

Devoto: “Quem é a alma encarnada?”

Mestre: “É o Atman ligado pelos oito grilhões. E o que é chitta? É a ‘Consciência do eu’ que diz, ‘Aha!’ ”

Devoto: “Reverenciado senhor, o que acontece depois da morte?”

Mestre: “Segundo o *Gita*, uma pessoa torna-se aquilo em que pensa na hora da morte. O rei Bharata pensou em seu veado e nasceu como este animal, na vida seguinte. Portanto, deve-se praticar sadhana para se realizar Deus. Se um homem pensa em Deus dia e noite, terá o mesmo pensamento na hora da morte.”

Devoto: “Por que não sentimos desapego pelos objetos mundanos?”

Mestre: “Por causa de maya. Devido à maya sente-se o Real como sendo o irreal e o irreal como sendo o Real. O Real significa Aquilo que é eterno, o Brahman Supremo e o irreal aquilo que não é eterno, isto é, o mundo.”

Devoto: “Lemos as escrituras. Por que não podemos assimilá-las?”

Mestre: “O que se ganha com mera leitura? Necessita-se de prática espiritual – austeridade. Chame por Deus. Para que serve repetir simplesmente a palavra ‘siddhi’? Deve-se comer um pouco.

“A mão sangra quando se toca uma planta com espinhos. Suponhamos que se traga essa planta e repita, perto dela: ‘Olhe! A planta está pegando fogo.’ Será que a planta vai se incendiar? Este mundo é como uma planta com espinhos. Acenda o fogo do Conhecimento e com ele ponha fogo na planta. Só então ela queimará.

“No estágio de sadhana deve-se trabalhar um pouco. Depois o caminho torna-se fácil. Conduza o barco em volta das curvas do rio e deixe-o ir com o vento favorável.

“Enquanto se viver dentro da casa de maya, enquanto existir a nuvem de maya, não se verá o Sol do Conhecimento. Saia da casa de maya, abandone ‘mulher e ouro’, e então, o Sol do Conhecimento destruirá a ignorância. Uma lente não pode queimar um papel dentro de casa. Se ficar do lado de fora, os raios do sol caem sobre ela e queimam o papel. Da mesma maneira, a lente não pode queimar o papel se houver uma nuvem. O papel queima quando a nuvem desaparece.

“A escuridão da mente fica destruída somente quando um homem se afasta um pouco de ‘mulher e ouro’, e assim afastado, pratica alguma austeridade e disciplina espiritual. Só então a nuvem do seu ego e ignorância desaparece. Só então atinge o Conhecimento de Deus. ‘Mulher e ouro’ é a única nuvem que esconde o Sol do Conhecimento.

(Ao devoto Marwari) “As regras para um sannyasi são extremamente duras. Ele não pode ter o menor contato com ‘mulher e ouro’. Não pode possuir dinheiro, nem mesmo tê-lo por perto.

“Lakshinarayan Marwari, um vedantista, costumava vir aqui com muita frequência. Um dia viu um lençol sujo em minha cama e disse: ‘Investirei dez mil rupias em seu nome. Os juros lhe permitirão pagar suas despesas.’ No momento em que pronunciou estas palavras, fiquei inconsciente, como se tivesse sido espancado por uma vara. Retomando a consciência, eu lhe disse: ‘Se repetir estas palavras novamente, melhor não mais vir aqui. É impossível para mim tocar em dinheiro e mesmo, tê-lo por perto.’ Era um homem sagaz. Disse: ‘Então o senhor também tem idéia de aceitação e rejeição. Neste caso o senhor ainda não alcançou o Conhecimento Perfeito.’ ‘Meu caro senhor’, eu disse, ‘Ainda não avancei tanto’. (Todos riem). Lakshinarayan quis deixar o dinheiro com Hriday. Eu lhe disse: ‘Não faça isso. Se o senhor deixar o dinheiro com Hriday, vou instruí-lo a gastar como eu quiser. Se ele não concordar, ficarei zangado. O simples contato com dinheiro é mau. Não, não pode deixá-lo com Hriday.’ Um objeto deixado perto de um espelho, não vai ser refletido nele?”

Devoto: “Senhor, uma pessoa só se libera se morrer nas margens do Ganges?”

Mestre: “Só o Conhecimento de Deus dá liberação. O jnani certamente atingirá a liberação onde quer que morra, seja num lugar de carniça, ou à margem do Ganges. Mas as margens do Ganges são prescritas para a alma ligada.

Devoto: “Reverenciado senhor, por que um homem que morre em Benares se libera?”

Mestre: “Quem morre em Benares tem a visão de Shiva. Shiva lhe diz: ‘Este é meu aspecto com forma,. Minha personificação em maya. Tomo esta forma para o bem dos devotos. Mas olhe, estou me fundindo no indivisível Satchidananda!’ Pronunciando estas palavras, Shiva retira Sua forma e permite ao moribundo ver Brahman.

“Os Puranas dizem que mesmo um chandala dotado de amor por Deus, alcança liberação. De acordo com esta escola, o nome de Deus é suficiente para liberar uma alma. Não há necessidade de coisas tais como o culto, sacrifício, disciplina dos Tantras e Mantras.

“Mas os ensinamentos dos Vedas são diferentes. Segundo os Vedas ninguém, a não ser um brahmin, pode ser liberado. Além disso, o culto não é aceito pelos deuses a não ser que os mantras sejam recitados corretamente. Deve-se fazer sacrifício, culto e assim por diante, segundo as prescrições das escrituras. Mas onde há tempo no Kaliyuga para cumprir os rituais

védicos? Portanto, no Kaliyuga, caminho da devoção prescrito por Narada, é o melhor. O caminho de karma é muito difícil. Karma torna-se uma causa de ligadura, a não ser que seja feito com desapego. Além disso, a vida do homem hoje em dia depende do alimento. Não tem tempo para observar rituais determinados pelas escrituras. O paciente morre se tentar curar sua febre tomando uma mistura de ervas prescrita pelos médicos nativos ortodoxos. Portanto, deve tomar a moderna ‘mistura para febre’.

“Segundo Narada, o devoto deve cantar o nome e glórias de Deus. O caminho de karma não é adequado para o Kaliyuga. Bhakti yoga é o caminho certo. Faça seus deveres no mundo enquanto tiver necessidade deles para colher os frutos das ações de suas vidas passadas. Mas deve desenvolver amor por Deus e ficar apaixonadamente apegado a Ele. Cantar o nome e glórias de Deus destrói o efeito da ação passada.

“Não se tem que executar obrigações a vida inteira. À medida que se desenvolve amor e anelo por Deus, os deveres reduzem-se cada vez mais. Depois da realização de Deus, caem completamente. Quando a jovem está grávida, a sogra diminui suas obrigações. Depois do nascimento da criança, não tem que fazer qualquer trabalho doméstico.”

Vários jovens da vila de Dakshineswar entraram no aposento e saudaram Shri Rama-krishna. Eram mais ou menos quatro horas da tarde. Sentaram-se e começaram a conversar com o Mestre.

Jovem: “Senhor, o que é o Conhecimento?”

Mestre: “É saber que Deus é a única Realidade e que tudo o mais é irreal. Aquele que é Real é também chamado Brahman. Tem outro nome: Kala, Tempo. Há um dito: ‘Ó irmão, quantas coisas nascem e desaparecem no Tempo!’

“Quem brinca com Kala é chamada Kali. É a energia Primordial. Kala e Kali. Brahman e Shakti, são indivisíveis.

“Este Brahman, da natureza da realidade, é eterno. Existe no passado, presente e futuro. É sem começo e sem fim. Não pode ser descrito em palavras. O máximo que podemos dizer de Brahman é que Ele é da mesma natureza que Inteligência e Felicidade.

“O mundo é ilusório, só Brahman é real. O mundo é da natureza de mágica. O mágico é real, mas sua mágica é irreal..”

Jovem: “Se o mundo é da natureza da ilusão – mágica – então, por que não nos libertamos dela?”

Mestre: “É devido aos samskaras, tendências inatas. Os repetidos nascimentos neste mundo de maya fazem uma pessoa acreditar que maya é real.

“Vou dizer-lhes quão poderosas são as tendências inatas. Um príncipe tinha sido, numa vida anterior, filho de um lavadeiro. Enquanto brincava com seus companheiros, nesta encarnação como príncipe, disse-lhes: ‘Parem com os jogos. Vou ensinar-lhes um novo. Deitarei de bruços e vocês baterão as roupas em minhas costas como os lavadeiros fazem, com um som sibilante.’

“Muitos jovens vêm aqui, porém, somente alguns anseiam por Deus. Esses poucos nasceram com uma tendência espiritual. Tremem ao ouvir falar em casamento.

“Há mais de vinte anos, dois jovens de Baranagore costumavam vir aqui. Um chamava-se Govinda Pal e o outro, Gopal Sen. Desde sua infância eram dedicados a Deus. À simples menção de casamento os atemorizava. Gopal costumava ter bhava samadhi. Fugia de pessoas mundanas, como um camundongo de um gato. Um dia viu os meninos da famílias Tagore passeando no jardim. Fechou-se no kuthi para não ter que conversar com eles.

“Gopal entrou em samadhi no Panchavati. Naquele estado disse-me, tocando meus pés: ‘Deixe-me ir. Não posso viver mais neste mundo. O senhor tem muito tempo para esperar. Deixe-me ir.’ Em êxtase eu lhe disse: ‘Você tem que voltar.’ ‘Muito bem, voltarei’, respondeu. Alguns dias mais tarde Govinda veio a mim. ‘Onde está Gopal?’ perguntei-lhe. ‘Morreu.’

“É o que estão procurando os outros jovens? Dinheiro, casa, carruagem, roupas e por fim, casamento. Essas são as coisas que os mantêm ocupados. Se querem casar-se, desde o começo, fazem perguntas sobre a moça. Querem constatar por si mesmos se ela é bonita.

“Há uma pessoa que fala muito mal de mim. Está sempre me criticando porque amo os jovens. Am somente aqueles que nasceram com boas tendências, almas puras que anseiam por Deus, que não estão interessados em dinheiro, confortos materiais e coisas semelhantes.

“Se as pessoas casadas desenvolvem amor a Deus, não ficarão apegadas ao mundo. Hirananda é casado. O que importa se ele é? Ele não será muito apegado ao mundo.”

Hirananda, membro do Brahma Samaj, era natural de Sindh. Havia conhecido o Mestre em Calcutá e tornara-se seu devoto.

Manilal, os devotos Marwaris, Brahmos de Shibpur e os jovens de Dakshineswar saudaram Shri Ramakrishna e despediram-se.

Era noitinha. Foram acesos os lampiões nas varandas sul e oeste e também, no quarto do Mestre, onde um incenso queimava. Ele repetia o nome da Mãe Divina, absorvido em Sua contemplação. Depois de algum tempo, novamente, conversou com os devotos. Havia ainda algum tempo antes do culto vespertino nos templos.

Mestre (*a M.*): “Que necessidade do sandhya tem um homem que pensa em Deus dia e noite?

Que necessidade de rituais tem o homem, que necessidade de devoção anda tem,  
Se repetir o nome da Mãe nas três horas santa?  
Rituais podem persegui-lo de perto, mas jamais tomá-lo.  
Caridade, votos e doações não atraem o coração de Madan;  
Os Pés de Lótus da Bem-aventurada Mãe são sua única prece e sacrifício.

“O sandhya funde-se no Gayatri, o Gayatri no Om. Um homem está firmemente estabelecido na vida espiritual quando entra em samadhi ao pronunciar Om apenas uma vez.

“Há um sadhu em Hrishikesh que se levanta cedo e fica próximo de uma grande cachoeira. Passa os dias todo olhando para ela, enquanto diz a Deus: ‘Ah, o Senhor trabalhou bem! Bem feito! Que lindo!’ Não pratica qualquer outra forma de japa ou austeridade. À noite volta para sua cabana.

“Que necessidade há até de se preocupar se Deus tem forma ou não? É suficiente orar a Ele, chorando em solidão. ‘Ó Deus, revela-Te a mim como Tu és.’

“Deus está tanto dentro como fora. É Ele quem habita no nosso interior. Portanto, os Vedas dizem, *Tattvamasi* – Tu és Aquele.’ Deus é também, exterior a nós. Aparece múltiplo devido à maya, mas na realidade, apenas Ele existe. Portanto antes de descrever os vários nomes e forma de Deus, deve-se dizer, ‘*Om Tat Sat.*’<sup>3</sup>

“Aprender a cerca de Deus através das escrituras é uma coisa, e outra totalmente diferente, é vê-Lo. A escrituras somente dão indicações, portanto, não é necessário ler muito as escrituras. É melhor orar a Deus na solidão.

“Não é necessário ler todo o *Gita*. Pode-se obter a essência do *Gita*, repetindo a palavra dez vezes. Torna-se o oposto e então, fica ‘*tagi*’. A essência do livro é: ‘Ó homem renuncie a tudo e adore Deus’.”

O Mestre entrou em êxtase enquanto observava o culto vespertino de Kali, na companhia dos devotos. Não estava em condições nem mesmo de saudar a imagem. Com cuidado voltou para o quarto com os devotos e sentou-se; ainda estava em êxtase. Conversou com eles, ainda naquele estado.

Estava no aposento, Hari, um jovem de mis ou menos vinte anos, parente dos Mukherjis e muito dedicado ao Mestre. Era casado e estava morando com os Mukherjis. Procurava trabalho.

Mestre (*a Hari, em êxtase*): “Tome iniciação depois de obter a permissão de sua mãe. (*A Priya, referindo-se a Hari*) Não pude dar-lhe o mantra embora lhe tenha dito que o iniciaria. Não inicio as pessoas. Continue com meditação e japa, como vem fazendo.”

Priya: “Sim, senhor.”

Mestre: “Estou dizendo isto para você neste estado mental. Acredite em minhas palavras. Veja, não há exibicionismo ou engodo aqui. Eu apenas disse à Mãe Divina, em êxtase,

<sup>3</sup>“ Om – Esta é a única Realidade.”

‘Ó Mãe, que aqueles que vêm aqui [referindo-se a si próprio] por uma atração sincera, atinjam a perfeição!’ ”

Mahendra Kaviraj de Sinthi estava na varanda, conversando com Ramlal, Hazra e outros. O Mestre chamou-o de seu quarto. M. saiu rapidamente e trouxe Mahendra para o Mestre.

Mestre (*a Mahendra*): “Sente-se e escute minhas palavras.”

Mahendra ficou um pouco embaraçado. Sentou-se.

Mestre (*aos devotos*): “Pode-se servir a Deus de diferentes maneiras. Um amante de Deus desfruta-O de diferentes modos. Às vezes diz, ‘Ó Deus, Tu és o Lótus e eu sou a abelha’ e às vezes, ‘Tu és o Oceano de Satchidananda e eu sou o peixe.’ Às vezes, também, o amante de Deus diz, ‘Sou Tua dançarina’. Dança e canta para Ele. Às vezes considera-se amigo de Deus e às vezes Sua donzela. às vezes considera Deus uma criança, como fez Yashoda, e às vezes como marido ou amante como fizeram as gopis.

“Às vezes Balarama considerava Krishna um amigo e às vezes pensava que era o guarda-chuva ou o tapete de Krishna. Servia Krishna de todas as maneiras possíveis.”

Estava Shri Ramakrishna referindo-se à sua própria mente ao descrever assim, as diferentes atitudes de um amante de Deus?

Em seguida descreveu os três estados espirituais de Chaitanya.

Mestre “Chaitanyadeva costumava experimentar três estados. No estado mais interior ficava absorvido em samadhi, inconsciente do mundo exterior. No estado semiconsciente dançava em êxtase, mas não podia falar. No estado consciente cantava em êxtase, mas não podia falar. No estado consciente cantava as glórias de Deus.

(*Aos devotos*): “Vocês estão ouvindo minhas palavras. Procurem assimilá-las. Quando as pessoas mundanas sentam-se em frente de um sadhu, escondem totalmente seus pensamentos e idéias mundanas. Mas uma vez longe do santo, dão curso livre a eles. Já viram um pombo comendo ervilhas. Pensa que ele as digeriu, mas as conserva no papo. Podem senti-las, apalpando o papo..

“No crepúsculo ponham de lado todos os deveres e orem a Deus. A escuridão faz-nos recordá-Lo. Quando a escuridão chega pensa-se: ‘Há um minuto atrás eu podia ver tudo. Quem ocasionou esta mudança?’ O muçulmanos abandonam todas as atividades e oram em horas determinadas.”

Mukherji: “Reverenciado senhor, é bom praticar japa?”

Mestre: “Sim. Atinge-se Deus por meio de japa. Repetindo o nome de Deus secretamente, e em solidão, recebe-se a graça divina. Segue-se, então. Sua visão. Suponhamos que haja uma larga tora de madeira flutuando sobre a água e amarrada à terra por uma corrente; seguindo elo por elo, finalmente chega-se à madeira.

“Mais elevado do que adoração, é japa; mas elevada do que japa é meditação, mas elevada do que meditação é bhava e mais elevados do que bhava são mahabhava e prema. Chaitanya teve prema. Quando se atinge prema tem-se a corda para prender Deus.”

Hazra entrou no quarto.

Mestre (*a Hazra*): “Amor a Deus, quando é intenso e espontâneo, é chamado raga bhakti. Vaidhi-bhakti, devoção formal, depende das prescrições das escrituras. Vem e vai, mas raga bhakti é como um emblema de pedra de Shiva que brotou das entranhas da terra. Não se pode encontrar sua raiz; dizem que a raiz vai até Benares. Somente uma Encarnação Divina e Seus companheiros atingem raga-bhakti.”

Hazra: “Ai de mim!”

Mestre: “Um dia quando voltava do bosque de pinheiros, vi você passando as contas do rosário. Disse à Mãe Divina: ‘Mãe, que mente pequena ele tem! Vive aqui e ainda pratica japa com um rosário! Quem vem aqui [referindo-se a si próprio] terá sua consciência espiritual despertada imediatamente; não terá que se preocupar muito a respeito de japa. Vá a Calcutá e encontrará milhares passando o rosário—até prostitutas.”

(*A M.*): “Por favor traga Naran aqui de carruagem. Estou fazendo o mesmo pedido a Mukherji. Darei alguma coisa a Naran para comer quando vier. Há um grande significado em alimentar jovens como ele.”

*Sábado, 4 de outubro de 1884*

Era o dia da primeira lua cheia após o Durga Puja. Shri Ramakrishna chegou à casa de Nabin Sen, irmão mais velho de Keshab Sen, em Calcutá. Na terça-feira anterior a mãe de Keshab pedira ao Mestre para visitá-la em Calcutá.

O Mestre sentou-se num quarto no andar superior da casa. Com ele estavam Baburam, Kishori e outros devotos. Nandalal e outros sobrinhos de Keshab, a mãe de Keshab e outros parentes esperavam o Mestre. Havia sido acertado que haveria música religiosa. M. estava sentado num aposento em baixo, ouvindo o kirtan.

Shri Ramakrishna disse aos devotos Brahmos: “O mundo é transitório. Deve-se recordar a morte com freqüência.” Começou então, a cantar:

Lembre-se disso, Ó mente! Ninguém é seu;  
Vão é o seu vagar por este mundo.  
Preso na garra sutil de maya como você está.  
Não se esqueça do nome da Mãe. ...

O Mestre disse aos devotos: “Mergulhem fundo. O que ganharão apenas flutuando na superfície? Renunciem a tudo por uns dias, retirem-se para a solidão e chamem Deus com toda sua alma.”

O Mestre cantou:

Mergulhe fundo, Ó mente, mergulhe fundo no Oceano da beleza de Deus;  
Se descer até as profundezas,  
Aí encontrará a gema do amor. ....

A pedido de Shri Ramakrishna os devotos Brahmos cantaram:

Tu és Tudo em Tudo, Ó Senhor – a Vida de minha vida, a Essência da essência  
Nos três mundos só tenho a Ti que posso considerar meu  
Tu és minha paz, minha alegria, minha segurança. Tu és meu apoio, minha riqueza, minha glória;  
Tu és minha sabedoria e minha força.

O Mestre cantou novamente:

Ó Mãe, para Yashoda, Tu deverias dançar, quando ela Te chamou sua “Preciosa Jóia Azul”!  
Onde Tu escondeste aquela forma encantadora, Ó Terível Shyama? ...

Os devotos Brahmos também cantaram com acompanhamento de pratos e tambores:

Ó Mãe, quão profundo ‘Teu amor pelos homens!  
Consciente, choro de alegria.  
Quase desde o dia do meu nascimento,  
Transgredi cada uma de Tuas leis  
Todavia cuidas de mim com amor,  
Confortando-me com as mais doces palavras.  
Consciente choro de alegria.  
Ó Mãe, é excessivamente pesado para mim  
Suportar o fardo do Teu amor.  
Minha alma lança um grito que transpassa o coração.  
Ao toque do Teu amor. A Ti venho  
Buscando refúgio a Teus Pés.

Cantaram novamente a respeito da Mãe Divina:

Ó Mãe, Tu meu Guia Interior, sempre desperta dentro do meu coração!  
Dia e noite Tu me pões em Teu colo.

Por que mostrar ternura a este filho indigno?  
 Ah! Parece que Tu estás louca de amor, ora acariciando, ora apertando forte  
 Segurando-me firme. Tu me dás de beber  
 Teu néctar, despejando em meus ouvidos Tuas palavras de amorosa ternura.

Incessantemente é Teu amor por mim, amor que não vê defeitos,  
 Sempre que estou em perigo, Tu me salvas.  
 Salvadora dos pecadores! Conheço a verdade; sou de minha Mãe, e Ela é minha.  
 Agora ouvirei somente a Ela e seguirei o caminho da retidão;  
 Bebendo o leite que jorra dos seios da minha Mãe,  
 Serei forte e cantarei com alegria: “Salve, Ó Mãe! Terno Brahman!”

O Mestre e os devotos Brahmos cantaram hinos sobre Hari e Gauranga.

*Domingo, 5 de outubro de 1884*

Shri Ramakrishna estava sentado em seu aposento, depois da refeição do meio-dia, com M., Hazra, Kali mais Velho, Baburam, Ramlal, Hari e outros. Alguns sentaram-se no chão e outros ficaram de pé. No dia anterior o Mestre visitara a mãe de Keshab em Calcutá, fazendo-a feliz com canções religiosas.

Há muito tempo que Hazra vivia com o Mestre em Dakshineswar. Estava um pouco vaidoso de seu conhecimento e até criticava de vez em quando o Mestre, diante dos outros. Também sentava-se na varanda do quarto do Mestre e passava o rosário com uma concentração aparente. Referia-se com pouco caso de Chaitanya, como uma “Encarnação moderna”. Dizia: “Deus não dá somente devoção mas também, riqueza. Ela não Lhe falta. Atingindo-se Deus, obtém-se também os oito poderes ocultos.” Hazra tinha uma pequena dívida a saldar, de cerca de mil rupias. Havia feito esta dívida para a construção de sua casa e, preocupava-se como pagá-la.

Kali mais Velho trabalhava num escritório onde recebia um pequeno salário. Tinha que sustentar uma família numerosa. Era dedicado ao Mestre e visitava-o de vez em quando, até faltando ao trabalho.

Kali (*a Hazra*): “Você sai por aí criticando as pessoas; você é como uma pedra de toque, testando o que é ouro puro e o que é impuro. Por que fala tão mal dos outros?”

Hazra: “Tudo o que falo, digo somente a ele [querendo dizer Shri Ramakrishna].”

Mestre: “É verdade.”

Hazra começou a explicar Tattvajnana.

Hazra: “Tattvajnana é o conhecimento da existência dos vinte e quatro tattvas ou princípios cósmicos.”

Ele estava errado a respeito do significado da palavra.

Um devoto: “Quais são?”

Hazra: “Os cinco elementos, as seis paixões, os cinco órgãos de percepção, os cinco órgãos de ação etc.”

M. (*ao Mestre, sorrindo*): “Ele diz que as seis paixões estão incluídas nos vinte e quatro princípios cósmicos.”

Mestre: “Ouçam-no! Reparem, como ele explica Tattvajnana! A palavra realmente significa ‘Conhecimento do Ser’. A palavra ‘Tat’ significa o Ser Supremo, e a palavra ‘tvam’, a alma encarnada. Atinge-se o Conhecimento Supremo, Tattvajnana, quando se realiza a identidade da alma encarnada com o Ser Supremo.”

Depois de alguns minutos Hazra deixou o aposento e sentou-se no pórtico.

Mestre (*a M. e outros*): “Ele [querendo dizer Hazra] apenas discute. Agora talvez entenda, mas daqui a pouco será o mesmo de antes.

“Quando o pescador fisga um peixe grande que puxa com muita força, solta linha, senão ela romperia e o próprio pescador seria jogado na água. Por este motivo não falo muito com ele.

(*A M.*): “Hazra disse que um homem não poderia ser liberado a não ser que nascesse num corpo de brahmin. ‘Como é isso?’ eu perguntei. ‘Atinge-se liberação, somente por meio

da bhakti. Savari era filha de um caçador. Ela, Ruhidas e outros pertenciam à casta shudra. Foram liberados somente pelo caminho de bhakti.’ ‘Mais ainda – insistiu Hazra.

“Ele reconhecia a grandeza espiritual de Dhruva, mas não tanto como reconhecia a de Prahlada. Quando Latu disse, ‘Dhruva teve grande anseio por Deus desde a infância’, ficou calado.

“Digo que não há nada maior do que bhakti que não tem qualquer objetivo e motivo egoísta. Hazra me contradisse. Eu lhe disse: “Um homem rico aborrece-se quando um pedinte vem a ele. “Aí vem ele”, diz zangado. “Sente-se”, diz com uma voz indiferente, mostrando que está muito aborrecido. Não permite que este mendigo viaje com ele, na carruagem.’

“Mas Hazra disse que Deus não era como essas pessoas ricas do mundo. Por acaso a Ele falta riqueza, que Ele Se sinta pressionado a desperdiçá-la? Hazra disse mais: ‘Quando a chuva cai do céu, o Ganges e todos os grandes rios e lagos transbordam. Pequenos lagos, também fica, cheios. Da mesma maneira, Deus por Sua graça, concede bem-estar e riquezas, bem como conhecimento e devoção.’

(*Aos devotos*) “Mas chamo a isto, devoção impura a Deus. Devoção pura não tem desejo algum por trás. Vocês não querem nada de mim, mas gostam de me ver e ouvir minhas palavras. Minha mente também está em vocês. Imagino como vocês são e porque vieram.

“Não querem nada de Deus, mas O amam. Essa é bhakti pura, amor a Deus sem interesse por trás. Prahlada o tinha, não procurava nem reino, nem riquezas: procurava somente Hari.”

M.: “Hazra é um tagarela. Não conseguirá nada, enquanto não se mantiver calado.”

Mestre: “De vez em quando ele vem a mim e torna-se meloso, mas é recalcitrante, novamente discute. É muito difícil livrar-se do egoísmo. Podem cortar uma árvore ashwattha, mas no dia seguinte, aparece um broto. Enquanto as raízes permanecerem, a árvore crescerá novamente.

“Disse a Hazra, ‘Não fale mal de ninguém’. Foi o próprio Narayana que assumiu todas estas formas. Pode-se adorar até mesmo uma pessoa má. Não observaram o Kumari Puja? Por que adorariam uma menina que tem todas as limitações físicas de um ser humano? Porque ela é uma forma da Mãe Divina, mas Deus habita de maneira especial em Seu devoto. O devoto é Sua sala de visitas. Se a cabaça é muito grande, então permite fazer um bom tanpura que dá um som agradável.”

De manhã dois monges chegaram ao templo. Dedicavam-se ao estudo do *Bhagavad Gita*, Vedanta e outras escrituras. Entraram no quarto do Mestre, saudaram-no e sentaram-se na esteira no chão. Shri Ramakrishna estava sentado no divã pequeno. O Mestre falou aos sadhus em Hindusthani.

Mestre “Os senhores já comeram?”

Sadhu: “Sim, senhor.”

Mestre: “Comeram o que?”

Sadhu: “Dal e pão. O senhor quer um pouco?”

Mestre: “Não, como somente um pouco de arroz. Bem, seu japa e meditação devem ser sem qualquer desejo pelos resultados. Não é assim?”

Sadhu: “Sim, senhor.”

Mestre: “Isto é bom. Deve-se entregar o resultado a Deus. O que me dizem? Este é o ponto de vista do *Gita*.”

Um sadhu disse ao outro, citando o *Gita*: “Ó Arjuna, qualquer ação que faça, qualquer coisa que coma, qualquer coisa que ofereça em sacrifício, o que der em caridade e qualquer que seja a austeridade que pratique, ofereça tudo a Mim.”

Mestre: “Se der a Deus alguma coisa, receberá de volta mil vezes mais. É por isso que ao fazer atos meritórios oferece-se a mão cheia de água a Deus. Ela é o símbolo da oferenda do fruto a Deus. Quando Yudhisthira estava prestes a oferecer todos seus pecados a Krishna, Bhima preveniu-o: ‘Jamais faça isso. Tudo o que oferecer a Krishna receberá de volta mil vezes.’

(*A um dos sadhus*): “Bem, senhor, não se deve ter desejos, deve-se renunciar a todos os desejos. Não é?”

Sadhu: “Sim, senhor.”

Mestre: “Mas tenho o desejo de ter bhakti. Isto não é mau, pelo contrário, é bom. Doces são maus porque produzem acidez, mas açúcar cande é uma exceção. Não é assim?”

Sadhu: “Sim, senhor.”

Mestre: “Bem senhor, o que pensa da Vedanta?”

Sadhu: “Inclui todos os seis sistemas filosóficos”.

Mestre: “mas a essência da Vedanta é: ‘Somente Brahman é real e o mundo ilusório. Não possuo uma existência separada, sou somente aquele Brahman.’ Não é assim?”

Sadhu: “É verdade, senhor.”

Mestre: “Mas para aqueles que levam a vida de chefe de família e aqueles que se identificam com o corpo, essa atitude de ‘Eu sou Ele’, não é boa. Não é bom para os chefes de família ler Vedanta ou a *Yogavashishtha*, é prejudicial que leiam esses livros. Os chefes de família devem considerar Deus como seu Amo e a si mesmo como Seus servos. Devem pensar ‘Ó Deus, Tu és o Amo e Senhor, e eu sou Teu servo.’ As pessoas que se identificam com o corpo não devem ter a atitude de ‘Eu sou Ele’.”

Os devotos no quarto permaneceram em silêncio. Shri Ramakrishna sorria, um quadro de contentamento. Parecia feliz, concentrado em seu próprio Ser.

Um dos sadhus sussurrou para o outro: “Veja! Esse é o estado de paramahansa.”

Mestre (*a M.*): “Sinto vontade de rir.”

Shri Ramakrishna sorria como uma criança. Os monges deixaram o aposento. Os devotos andavam de um lado para o outro no quarto e no pórtico.

Mestre (*a M.*): “Você foi à casa de Nabin Sen?”

M.: “Sim, senhor. Ouvi as canções do andar de baixo.”

Mestre: “Fez muito bem. Sua esposa estava lá. Ela é prima de Keshab Sen, não é?”

M.: “Prima distante.”

Shri Ramakrishna caminhava de um lado para o outro com M. Ninguém mais estava com eles.

Mestre: “Um homem visita a casa de seu sogro. Eu também, com freqüência, pensava que deveria casar-me, ir morar na casa de meu sogro e divertir-me. Mas veja o que aconteceu!”

M.: “O senhor diz que se um menino segura a mão do pai, pode escorregar, mas ele não escorrega se o pai segura sua mão. Esta é exatamente a sua situação. A Mãe segurou sua mão.”

Mestre: “Encontrei Bamandas na casa de Viswases. Disse-lhe, ‘Vim aqui para vê-lo.’ Já estava de saída, quando ele me disse: ‘Meu Deus! A Mãe Divina agarrou-o, como um tigre agarra um homem.’ Naquela época eu era jovem, muito forte e permanecia o tempo todo em êxtase.

“Tenho muito medo das mulheres. Quando lho para uma, sinto como se uma tigresa estivesse vindo devorar-me. Além disso, acho que seu corpo, membros e mesmo os poros, são muito grandes. Isto faz com que eu as olhe como monstros. Já tive muito mais medo de uma mulher do que tenho agora. Não permitia a nenhuma aproximar-se de mim. Agora procuro convencer minha mente, de diversas maneiras, a considerar as mulheres como formas da Mãe Bem-aventurada.

“A mulher, sem dúvida, é parte da Mãe Divina, mas quando se trata de um homem, especialmente um sannyasi ou um devoto de Deus, ela deve ser evitada. Não permito que uma mulher se sente perto de mim, por muito tempo, não importa quão grande seja sua devoção. Depois de um certo tempo digo-lhe, ‘Vá visitar os templos’. Se isso não fizer que ela se retire, eu mesmo deixo o aposento sob pretexto de fumar.

“Acho que há homens que não estão de jeito algum interessados em mulheres. Niranjan diz, ‘Uma mulher jamais entra em meu pensamento.’ Perguntei a Hari <sup>4</sup> sobre isso. Ele também diz que não pensa em mulher.

“A mulher monopoliza três quartos da mente, que devem ser dedicadas a Deus. E após o nascimento de um filho, quase toda a mente está consumida pela família. O que sobra para Deus?

---

<sup>4</sup> Mais tarde Swami Turyananda.

“Assim também, há alguns homens que derramam a última gota de sangue, por assim dizer, para manter suas esposas sem preocupações. Há um porteiro, um velho, cuja esposa tem apenas quatorze anos. Ela tinha que viver com ele. Viviam numa cabana de palha com paredes feitas de folhas secas. As pessoas faziam buracos na parede para espiar. Agora ela abandonou-o e foi embora.

“Conheço outro homem. Não sabe onde acomodar sua esposa, houve um problema em casa e agora, ele está muito preocupado. Mas não vamos mais falar dessas coisas.

“Se um homem vive com uma mulher, não pode escapar de seu controle. Os homens mundanos levantam-se e sentam-se ao aceno das mulheres. Todos exaltam as esposas.

“Uma vez quis ir a um certo lugar. Perguntei à tia de Ramlal <sup>5</sup> a este respeito. Ela proibiu-me de ir; então eu não fui. Mais tarde disse a mim mesmo: ‘Não sou chefe de família. Renunciei a ‘mulher e ouro’. Se a despeito disso, esta é a minha condição, pode-se imaginar o quanto os homens mundanos são controlados por suas esposas.’”

M.: “Aquele que vive no meio de ‘mulher e ouro’ não pode deixar de ficar tocado por isto, mesmo que seja levemente. O senhor nos falou de Jaynarayan. Foi um erudito. Quando o senhor o visitou era um velho. Encontrou-o secando os travesseiros e colchões ao sol.”

Mestre: “Mas ele não tinha vaidade de as erudição.. Além disso, o que ele falou sobre os últimos dias de sua vida, veio a acontecer. Passou-os em Benares, seguindo as prescrições das escrituras. Vi seus filhos. Usavam botas de cano e haviam sido educados em escolas inglesas.”

Por meio de perguntas e respostas Shri Ramakrishna passou a explicar a M. seu próprio estado exaltado.

Mestre: “Primeiro fiquei totalmente louco. Por que estou menos louco agora? Entretanto às vezes volto a este estado.”

M.: “O senhor não tem apenas um estado. Como o senhor mesmo disse, experimentava vários estados. Às vezes é como uma criança, às vezes com um louco, às vezes como uma coisa inerte, às vezes como um duende. E de vez em quando é uma pessoa normal.”

Mestre.: “Sim, como uma criança, mas também experimento os estados de um menino e de um rapaz. Quando dou instrução sinto-me um rapaz. Então vem a infância: como um menino de doze ou treze anos quero ser frívolo. É por isso que brinco e me alegro com os jovens.

“O que você pensa de Naran?”

M.: “Possui bons traços, senhor.”

Mestre: “Sim, a casca da cabaça é boa. O tanpura feito dela dará um som agradável. Ele diz de mim: ‘O Senhor é tudo.’ Cada um fala de mim segundo seu entendimento. Alguns dizem que sou um simples sadhu, um devoto de Deus.

“Se eu proibir Naran de fazer qualquer coisa, ele compreenderá muito bem. Outro dia pedi-lhe para levantar a cortina, mas ele não o fez. Havia lhe proibido de dar um nó, coser suas roupas, fechar uma caixa, levantar a cortina e coisas assim. Ele entendeu tudo. Aquele que renunciar ao mundo, deve praticar todas essas disciplinas. São feitas para sannyasis.

“Ao praticar sadhana o homem deve olhar a mulher como um incêndio devastador numa floresta, ou uma cobra negra, mas no estado de perfeição, depois da realização de Deus, ela aparece como a Bem-aventurada Mãe. Você a considerará uma forma da Mãe Divina.”

Alguns dias antes Shri Ramakrishna dissera muitas palavras de advertência a Narayan sobre as mulheres. Dissera: “Não se deixe tocar o ar perto do corpo de uma mulher. Cubra-se com um lençol grosso, senão o ar tocará seu corpo. Mantenha-se oito cúbitos, dois cúbitos ou mesmo um cúbito longe de todas as mulheres, exceto sua mãe.”

Mestre (*a M.*): “A mãe de Naran disse-lhe a meu respeito, ‘Até nós ficamos encantados ao vê-lo, não falando de você, uma simples criança.’ Ninguém, a não ser o puro pode realizar Deus. Como Niranjan é puro!”

M.: “É verdade, senhor.”

Mestre: “Você não observou naquele dia na carruagem, quando fomos a Calcutá? Ele é sempre o mesmo - sem malícia. Um homem mostra uma faceta de sua natureza dentro de

---

<sup>5</sup> Sua própria esposa.

casa, e outra, fora. Desde a morte do pai, Narendra preocupa-se com assuntos mundanos. É um pouco calculista. Como gostaria que outros jovens fossem como Niranjan e Narendra!

“Hoje fui à vila ver a representação teatral de Nilkantha. Foi realizada na casa de Nabin Niyogi. Ali as crianças são muito más: não fazem outra coisa a não ser criticar. Num lugar assim, uma pessoa de sentimento espiritual fica inibida. Durante uma representação, no outro dia, vi. Dr. Madhu derramando lágrimas. Olhei somente para ele.

(A M.): “O senhor pode me dizer por que as pessoas sentem-se tão atraídas por este lugar [referindo-se a si mesmo]? O que isto quer dizer?”

M.: “Isto me faz lembrar o episódio da vida de Krishna em Vrindavan. Krishna transformou-se nos pastores e bezerros, por conseguinte, as vacas começaram a sentir-se mais fortemente atraídas para os pastores, gopis e bezerros.”

Mestre.: “É a atração de Deus. A verdade é que a Mãe Divina cria o encantamento e é ela quem atrai as pessoas.

“Bem, não tantas pessoas vêm aqui como costumavam ir a Keshab Sen. E quantas pessoas respeitam e honram Keshab! É conhecido até na Inglaterra. A rainha Victoria conversou com ele. Está dito no *Gita* que o poder de Deus está manifestado naquele que é honrado e respeitado por muitos. Mas aqui não vem tanta gente.”

M.: “Eram os chefes de família que iam a Keshab Sen.”

Mestre: “Sim, é verdade. Pessoas de mentalidade mundana.”

M.: “Será que o que Keshab fundou perdurará por muito tempo?”

Mestre: “Ora, ele escreveu um samhita, um livro de regras para os membros do seu Brahma Samaj.”

M.: “Mas é bem diferente de um trabalho feito pela Própria Encarnação Divina – o trabalho de Chaitanya, por exemplo.”

Mestre: “Sim, sim. É verdade.”

M.: “O senhor mesmo falou-nos que Chaitanya disse, ‘As sementes que plantei, certamente darão frutos um dia ou outro.’ Um homem deixou algumas sementes na cornija de uma casa. Mais tarde a casa ruuiu e dessas sementes, cresceram árvores.”

Mestre: “Muitas pessoas vão ao Brahma Samaj fundado por Shivanath e seus amigos. Não é assim?”

M.: “Sim, senhor. Pessoas assim.”

Mestre (*sorrindo*): “Sim, senhor. Pessoas de mentalidade mundana vão lá, mas muitas delas não anseiam por Deus e nem estão tentando renunciar a ‘mulher e ouro’.”

M.: “Será muito bom se uma corrente fluir deste lugar. Tudo será levado por esta força. Nada que sai deste lugar será monótono.”

Mestre (*sorrindo*): “Mantenho intactos os ideais dos homens. Peço a um vaishnava que mantenha sua atitude vaishnava e a um shakta, a sua. Mas também digo a eles: ‘Jamais pensem que só seu caminho é o certo e que o caminho dos outros é mau e cheio de erros.’ Hindus, muçulmanos e cristãos vão em direção ao mesmo destino por diferentes caminhos. Pode-se realizar Deus seguindo seu próprio caminho, se sua prece for sincera.

“A sogra de Vijay disse-me: ‘Por que o senhor não diz a Baburam que não é necessário adorar Deus com forma; que é suficiente orar ao Satchidananda sem forma?’ Respondi-lhe: ‘Por que eu deveria dizer-lhe isto, e por que ele me ouviria se eu lhe dissesse?’”

M.: “É verdade, senhor. Há diferentes caminhos de acordo com o tempo, lugar e grau de amadurecimento do aspirante. Qualquer caminho que se siga, finalmente, alcançará Deus se ele for puro de coração e tiver anelo sincero. É o que o senhor diz.”

Shri Ramakrishna estava sentado em seu aposento. Hari, parente dos Mukherjis, M., e outros devotos estavam no chão. Um desconhecido saudou o Mestre e sentou-se. O Mestre comentou mais tarde que seus olhos não eram bons. Eram amarelos, como os de um gato.

Hari preparou fumo para Shri Ramakrishna.

Mestre (*a Hari*): “Deixe-me ver a palma de sua mão. Esta marca é um bom sinal. Relaxe a mão.”

Pegou a mão de Hari como que para sentir o seu peso.

Mestre: “Ele ainda se parece com uma criança, contudo, não há qualquer defeito nele. Pela mão posso ver se uma pessoa é dissimulada ou pura. (*A Hari*) Ora, você deve ir à casa de

seus sogro. Deve conversar com a esposa e divertir-se com ela, se quiser. (A M.) O que você me diz?”(M. e todos riem).

M.: “Se um jarro novo for danificado, não se pode mais guardar leite.”

Mestre (*sorrindo*): “Como sabe que ele já não está danificado?”

Os dois Mukherjis, Mahendra e Priyanath eram irmãos. Não trabalhavam num escritório, mas tinham seu próprio moinho. Priyanath fora um engenheiro. Shri Ramakrishna falou com Hari a respeito dos irmãos Mukherjis.

Mestre: “O irmão mais velho é simpático, não é? É sem artimanhas.”

Hari: “Sim, senhor.”

Mestre: “O irmão mais novo não é muito avarento? Acho que desde que frequenta aqui, melhorou muito. Uma vez disse-me: ‘Antes não sabia nada.’(A Hari) Eles praticam caridade?”

Hari: “Não muito, do que pude observar. O irmão mais velho, agora morto, foi um homem muito bom. Era muito caridoso.”

Mestre (*a M. e outros*): “Pode-se saber, por seus sinais físicos, em que grau uma pessoa fará ou não progresso espiritual. A mão de uma pessoa falsa é pesada. Nariz chato não é bom sinal. Sambhu tinha esse tipo de nariz; daí ele não ser muito sincero, apesar de toda sua sabedoria. Peito de pombo, também, não é bom sinal. Ossos duros e juntas dos cotovelos pesados são maus sinais, também, e os olhos amarelos como os de um gato.

“Um homem torna-se muito mesquinho se tiver lábios grossos, como um dome <sup>6</sup>. Durante alguns meses estive aqui um brahmin, que trabalhou como sacerdote do templo de Vishnu. Eu não podia comer a comida que ele tocava. Um dia subitamente exclamei: ‘Ele é dome!’ Mais tarde ele me confessou: ‘Sim, senhor. Vivemos em bairros domes. Sei fazer cestas de vime e outros artigos, como um dome.’

“Há outros sinais físicos maus: caolhos e olhos vesgos. É melhor ter somente um olho do que olhos vesgos. Pessoas de olhos vesgos são dissimuladas e más.

“Um estudante de Mahesh Nyayaratra veio aqui. Considerava-se ateu. Disse a Hriday: ‘Sou ateu. Você pode assumir a posição de um crente em Deus e discutir comigo.’ Por isso observei-o de perto e reparei que os olhos eram amarelos como os de um gato.

“Pode-se também saber se uma pessoa é boa ou má pela sua maneira de caminhar.”

Shri Ramakrishna andava de um lado para o outro, na varanda. M. e Baburam acompanharam-no.

Mestre (*a Hazra*): “Um homem veio aqui. Vi que seus olhos eram como os de um gato. Perguntou-me: ‘O senhor conhece astrologia? Encontro-me em dificuldades.’ Disse-lhe: ‘Não, não conheço. Vá a Baranagore. Lá encontrará bons astrólogos’.”

Baburam e M. falaram sobre a representação teatral de Nilkantha. Baburam havia passado a noite anterior no templo, depois de regressar da casa de Nabin Sen. De manhã havia assistido a representação de Nilkantha com o Mestre.

Mestre (*a M. e Baburam*): “De que estão falando?”

M. e Baburam: “Sobre a representação de Nilkantha.”

Enquanto caminhava pela varanda, Shri Ramakrishna subitamente puxou M. a um canto e disse: ‘Quanto menos uma pessoa souber dos seus pensamentos a cerca de Deus, melhor para você.’ Dizendo estas palavras, o Mestre subitamente deixou-o. Algum tempo depois começou a conversar com Hazra. **598 -16**

Hazra: “Nilkantha disse que faria uma visita ao senhor. Seria melhor chamá-lo.”

Mestre: “Não, ele não dormiu bem a noite passada. Será diferente se ele vier aqui pela vontade de Deus

Shri Ramakrishna pediu a Baburam para visitar Narayan em sua casa. Considerava narayan como o Próprio Deus, e assim ansiava vê-lo. O Mestre disse a Baburam: ‘Você pode ir vê-lo com um dos seus manuais de inglês.’

Mais ou menos às três horas da tarde Shri Ramakrishna estava sentado em seu aposento. Nilkantha chegou com cinco ou seis companheiros. O Mestre foi em direção à parte

<sup>6</sup> Uma das castas mais baixas dos hindus.

leste dar-lhe boas vindas. Os músicos inclinaram-se ante o Mestre, tocando o chão com a testa.

Shri Ramakrishna entrou em samadhi. Baburam ficou atrás dele. M., Nilkantha e os músicos estavam diante dele, observando-os com grande admiração. Dinanath, um funcionário do templo, olhava do lado norte da cama. Logo o aposento encheu-se de funcionários do templo. O êxtase de Shri Ramakrishna diminuiu um pouco. Sentou-se numa esteira no chão, cercado por Nilkantha e outros devotos.

Mestre (*ainda em êxtase*): “Estou bem.”

Nilkantha (*de mãos postas*): “Faça com que eu fique, também.”

Mestre (*sorrindo*): “Ora, você está bem. Acrescentando a letra ‘a’ a ‘ka’, obtém-se ‘ka’. Acrescentando-se um outro ‘a’ a ‘ka’, ainda assim se obtém o mesmo ‘ka’.” (*Todos riem*).

Nilkantha: “Reverenciado senhor, estou enredado na mundanismo.”

Mestre (*sorrindo*): “Deus mantém você no mundo para o bem dos outros. Há oito gnhões. Não se pode livrar-se deles todos. Deus conserva um ou dois para que ele possa viver no mundo e ensinar os outros. Você organizou esta companhia teatral. Quantas pessoas beneficiam-se ao ver sua bhakti! Se você abandonar tudo, então para onde estes músicos irão?”

“deus está agora fazendo todas essas obras por seu intermédio. Quando estiverem prontas, você não voltará a elas. A dona de casa termina seus afazeres domésticos, alimenta todos, incluindo os empregados e empregadas e, então, vai tomar seu banho. Não voltará nem mesmo se gritarem por ela.”

Nilkantha: “Por favor, abençoe-me.”

Mestre: “Yashoda ficou louca de pesar com a separação de Krishna. Foi ter com Radhika, que meditava. Radhika disse-lhe, em êxtase: ‘Soou Prakriti Última, o Poder Primordial. Peça-me uma graça.’ Yashoda disse-lhe: ‘O que vou lhe pedir? Por favor abençoe-me para que todos meu corpo, mente e fala possam pensar em Deus e servi-Lo; que, com meus ouvidos, possa ouvir e cantar o nome e glórias de Deus; que, com minhas mãos, possa servir Hari e seus devotos; que com meus olhos, possa contemplar Sua forma e seus devotos.’”

“Seus olhos encheram-se de lágrimas quando pronunciou o nome de Deus. Por que então, preocupar-se por alguma coisa? O Amor Divino cresceu em você.

“Saber muitas coisas é ajnana, ignorância. Saber somente uma coisa é jnana, conhecimento – a realização de que somente Deus é real e que mora em todos. Fala com Ele é vijnana, um Conhecimento mais pleno. Amar a Deus de diferentes modos, depois de realizá-Lo, é vijnana.

“Também está dito que Deus está além de um e dois. Está além da fala e mente. Subir de Lila para Nitya e descer novamente de Nitya a Lila, é bhakti madura.

“Gosto de sua canção sobre a aszpipração de atingir os pés de Lótus da Mãe Divina. Basta saber que tudo depende da graça de Deus, mas deve-se orar a Deus; não basta permanecer inativo. O advogado apresenta todos os argumentos e acaba sua petição, dizendo ao juiz, ‘Disse tudo que tinha a dizer. Agora a decisão fica com o Meritíssimo Juiz’.”

Depois de alguns minutos, Shri Ramakrishna disse a Nilkantha: “Você cantou tanto de manhã, e agora teve o incômodo de vir aqui, mas aqu tudo é honorífico.”

Nilkantha: “Por que isso?”

Mestre (*sorrindo*): “Sei o que você vai dizer.”

Nilkantha: “Vou obter uma pedra preciosa aqui.”

Mestre: “Você já tem essa pedra preciosa. O que vai ganhar acrescentando novamente ‘a’ a ‘ka’? Se você não tivesse a pedra, eu gostaria tanto de suas canções? Ramprasad atingiu a realização divina: é por isso que suas canções atraem tanto.

“Já havia planejado escutar sua música. Mais tarde Niyogi também veio convidar-me.”

O Mestre estava sentado no divã pequeno. Falou a Nilkantha que gostaria de ouvir uma ou duas canções sobre a Mãe Divina.

Nilkantha cantou duas canções com seus companheiros. Quando o Mestre ouviu a segunda canção, levantou-se e entrou em samadhi. Logo começou a dançar em êxtase de amor

divino, Nilkantha e os devotos cantaram e dançaram à sua volta. Logo Nilkantha entoou uma canção sobre Shiva, e o Mestre dançou com os devotos.

Quando terminaram, Sri Ramakrishna disse a Nilkantha, “Gostaria de ouvir aquela canção sua que ouvi em Calcutá.”

M.: “Sobre Shri Gauranga?”

Mestre: “Sim, sim!”

Nilkantha cantou: “O belo Gauranga, o jovem dançarino dourado como ouro derretido.”

Shri Ramakrishna cantava repetidamente o verso, “Tudo é varrido pelo ímpeto do amor” e dançou com Nilkantha e os outros devotos. Aqueles que viam aquela dança indescritível jamais poderiam esquecer-lá. O quarto estava cheio de pessoas, todas intoxicadas de alegria divina. Parecia como se o próprio Chaitanya estivesse dançando com seus companheiros.

Manomohaan estava em êxtase. Era um devoto de Shri Ramakrishna e cunhado de Rakhal. Muitas senhoras de sua família haviam vindo com ele. Da varanda norte observavam esta música e dança divinas.

Shri Ramakrishna cantou novamente, desta vez a respeito de Gauranga e Nityananda:

Olhem, chegaram os dois irmãos que choram quando cantam o nome de Hari. ...

Dançou com Nilkantha e outros devotos, improvisando o verso:

Olhem, chegaram os dois irmãos que estão loucos com o amor de Radha.

Ouvindo a música alta, muitas pessoas juntaram-se em volta do quarto. As varandas norte e sul e o pórtico semicircular a oeste do aposento, estavam apinhados de gente. Mesmo os passageiros dos barcos ao longo do Ganges eram atraídos pelo kirtan.

A música terminou.. Shri Ramakrishna inclinou-se ante a Mãe Divina e disse, “*Bhagavata – Bhakta – Bhagavan*. Minhas saudações aos bhaktas.”

O Mestre estava sentado no pórtico semicircular com Nilkantha e outros devotos. A lua do outono inundava todos os cantos com sua luz. Shri Ramakrishna e Nilkantha conversavam.

Nilkantha: “O senhor não é outro senão Gauranga.”

Mestre: “Por que você diz isso? Sou o servo de todos. As ondas pertencem ao Ganges, mas será que o Ganges pertence às ondas?”

Nilkantha: “O senhor pode dizer o que quiser, mas o considero o próprio Gauranga.”

Mestre (*afetuosamente, em êxtase*): “Meu caro senhor, tento buscar meu ‘eu’, mas não encontro. Hanuman disse: ‘Ó Rama, às vezes penso que Tu és o Todo, e eu, uma parte, e às vezes que Tu és o Amo e eu, Teu servo, mas quando tenho o Conhecimento da Realidade, vejo que Tu és eu, e eu sou Tu.’”

Nilkantha: “O que vou lhe dizer, senhor? Por favor seja misericordioso conosco.”

Mestre (*sorrindo*): “Você está transportando muitas pessoas através do oceano do mundo. Quantos corações ficam iluminados ao ouvirem sua música!”

Nilkantha: “O senhor está falando de transportar, mas abençoe-me para que eu mesmo não afunde no oceano.”

Mestre (*sorrindo*): “Se você tiver que afundar, vai ser no Mar da Imortalidade.”

Shri Ramakrishna estava encantado com a companhia de Nilkantha.

Disse ao músico: “Vejam só, você veio aqui! Você a quem as pessoas vêem como resultado de muita austeridade e orações! Ouça uma canção.” O Mestre cantou um hino do qual dois versos diziam:

Quanto a Venturosa Mãe vem à minha casa, quanto Chandi escutarei!  
Quantos monges virão aqui, e quantos yogis de cabelo emaranhado!

Disse, continuando: “Já que a Mãe Divina veio aqui, muitos yogis de cabelos emaranhados virão aqui.”

Shri Ramakrishna riu. Disse a M., Baburam e outros devotos: “Sinto muita vontade de rir. Imaginem, eu cantando para estes músicos!”

Nilkantha: “Vivemos por aí cantando, mas hoje tivemos nossa verdadeira recompensa.”

Mestre (*sorrindo*): “Quando o dono de uma loja vende um artigo, às vezes dá algum brinde ao comprador. Você cantou na casa de Nabin e deu um brinde aqui.” (*Todos riram*).



## CAPÍTULO XXXI

### CONSELHO ISHAN

*Sábado, 11 de outubro de 1884*

**S**HRI RAMAKRISHNA estava sentado no pequeno divã, em seu aposento no templo de Dakshineswar. Eram mais ou menos duas horas da tarde. M. e Priya Mukherji estavam sentados no chão. M. havia deixado a escola a uma hora e trinta e acabara de chegar a Dakshineswar. O Mestre contava histórias a respeito da natureza calculista do abastado Jadu Mallick.

Mestre: “Uma vez fui à casa de Jadu Mallick e logo ele perguntou, ‘Quanto custa o aluguel da carruagem?’ Alguém lhe disse que eram três rupias e duas annas. Então ele também me perguntou a esse respeito. Em seguida, um dos seus empregados perguntou discretamente ao cocheiro, que lhe respondeu que eram três rupias e duas annas. (*Todos riem*). A isto ele correu para nós e disse: ‘Quanto que o senhor disse que a corrida da carruagem era?’

Um corretor estava presente. Disse a Jadu: ‘Há um pedaço de terra à venda em Burrabazar. Quer comprá-lo?’ Jadu perguntou o preço e o corretor disse-lhe qual era. Jadu perguntou: ‘O proprietário não venderá por menos?’ Eu disse a Jadu: ‘Ora, ora. Você não vai comprar a terra. Está apenas barganhando, não é?’ Virou-se para mim e riu.

“Esta é a natureza do homem mundano. Quer que as pessoas venham a ele. Isto torna seu nome conhecido na praça.

“Jadu foi à casa de Adhar. Eu lhe disse que isto fizera Adhar muito feliz. Ele falou: ‘O que? O que? Ficou realmente feliz?’ Um certo Mallick veio à casa de Jadu. Era muito esperto e falso. Vi isto em seus olhos. Olhei para ele e disse: ‘Não é bom ser esperto. O corvo é muito esperto, mas come as sujeiras dos outros.’ Disse-lhe que ele estava completamente sem dinheiro. A mãe de Jadu ficou admirada e disse-me: ‘Como o senhor sabia que ele não tinha um centavo?’ Vi por sua aparência.”

Narayan entrou no quarto e sentou-se no chão.

Mestre (*a Priyanath*): “Bem, seu Hari é um jovem maravilhoso.”

Priyanath: “O que há de maravilhoso nele? Claro, tem uma natureza infantil.”

Narayan: “Dirige-se à esposa como mãe.”

Mestre: “O que! Nem eu posso fazer isto. Ele a chama de mãe! (*A Priyanath*) Veja, o rapaz é muito tranqüilo. Sua mente está dirigida a Deus.”

Shri Ramakrishna mudou de assunto.

Mestre: “Sabem o que Hem disse? Falou a Baburam, ‘Só Deus é real e tudo o mais ilusório.’ (*Todos riem*) Ó, não! Ele disse isso sinceramente. Também me disse que me levaria à sua casa para cantar o kirtan, mas não o fez. Soube que mais tarde ele falou, ‘O que as pessoas dirão se eu cantar com tambores e pratos?’ Temia que pensassem que estava maluco.

“Haripada caiu nas garras de uma mulher da seita Ghoshpara. Não pode se livrar dela. Diz que ela o põe no colo e lhe dá comida na boca. Considera-o o Menino Krishna. Eu o preveni muitas vezes. Ela diz que o considera como seu filho, mas esta afeição maternal logo pode se degenerar em algo perigoso.

“Vejam, devem manter-se afastados de mulher pois, assim talvez possam realizar Deus. É extremamente prejudicial ter muita coisa a fazer com mulheres mal intencionadas, ou comer de suas mãos. Elas roubam a espiritualidade de um homem. Somente sendo extremamente cuidadoso com mulher, pode-se preservar o amor de Deus. Um dia Bhavanath, Rakhal e alguns jovens haviam cozido sua própria comida no templo. Estavam sentados comendo quando um Baul chegou, sentou-se junto deles e disse que queria comer. Eu disse que não havia comido o suficiente; se sobrasse alguma coisa, seria guardado para ele. Ficou zangado e foi embora. No dia de Vijay um homem permite que qualquer um lhe dê de comer com suas próprias mãos. Não é bom, mas pode-se comer da mão de um devoto puro de coração.

“Devem ser extremamente cuidadosos com mulheres. Mulheres falam da atitude de Gopala! Não prestem atenção a tais coisas. O provérbio diz, ‘Uma mulher devora os três mundos.’ Muitas mulheres, quando vêem jovens belos e saudáveis, preparam armadilhas para eles. Isto é o que elas chamam ‘atitude de Gopala’.

“Aqueles que tem desapego desde a tenra juventude, aqueles que vagueiam anelando por Deus desde a infância, os que rejeitam toda vida mundana, pertencem a uma classe diferente. Pertencem a uma aristocracia sem mácula. Se desenvolvem renúncia verdadeira, mantêm-se pelo menos cinqüenta cúbitos longe de mulheres, senão seu estado espiritual seria destruído. Uma vez caindo nos laços de mulheres, não mais permanecem no nível dessa aristocracia sem mácula. Afastam-se dela e caem a um nível inferior. Os que praticam renúncia desde a tenra juventude pertencem a um nível muito alto. Seu ideal é muito puro. São imaculados.

“Como pode um homem conquistar a paixão? Deve assumir a atitude de uma mulher. Passei muitos dias como atendente de Deus. Vesti-me com roupas de mulher, pus jóias e cobri a parte superior de meu corpo com um lenço, exatamente como uma mulher. Colocando um lenço, fazia o culto vespertino ante a imagem. Como poderia ter mantido minha esposa comigo durante oito meses? Nós nos comportávamos como se fossemos donzelas da Mãe Divina. Não posso falar de mim como homem. Um dia estava em êxtase, quando minha esposa me perguntou, ‘Como você me considera?’ ‘Como a Bem-aventurada Mãe’, disse.

“Conhecem o verdadeiro significado do emblema de Shiva? É a adoração dos símbolos de paternidade e maternidade. O devoto adorando a imagem, ora, ‘Ó Senhor, por favor faz que eu não nasça novamente neste mundo; que eu não tenha que passar pelo ventre de uma mãe.’ ”

Um tutor dos Tagores entrou no aposento com alguns meninos da família. Shri Ramakrishna continuou conversando.

Mestre (*aos devotos*): “Shri Krishna tem uma pena de pavão na cabeça. A pena leva o signo feminino cujo significado é que Krishna carrega Prakriti, o princípio feminino em Sua cabeça. Quando Krishna juntava-se ao círculo das gopis para dançar com elas, aparecia como mulher. É por isso que O vêem usando roupas de mulher na companhia das gopis. Somente quando um homem assumir a natureza de uma mulher estará habilitado a desfrutar de sua companhia. Assumindo a atitude de uma mulher pode jogar com ela e desfrutar de sua companhia, mas um homem deve ser extremamente cuidadoso nos primeiros estágios de sua disciplina espiritual. Deve viver longe de qualquer mulher. Não deve ficar muito próximo de uma, mesmo se ela for uma grande devota de Deus. Vejam, um homem não deve balançar o corpo enquanto estiver subindo no telhado; pode cair. Pessoas fracas têm que se segurar num corrimão, quando sobem os degraus.

“Mas é bem diferente quando se atinge a perfeição. Depois da realização de Deus, não há muito para um homem temer; tornou-se muito seguro. É importante para um homem, conseguir de algum modo, subir ao terraço. Depois disso, pode até dançar lá, mas não pode dançar nos degraus. Também, depois de chegar ao terraço, não necessita mais colocar de lado o que já haviam descartado antes. Verão que os degraus são feitos dos mesmos materiais – tijolos, cal e pó de tijolo – como o terraço. A mulher com a qual tiveram que ser tão cuidadosos no começo, lhes parecerá, depois da realização de Deus, a Própria Mãe Divina. Então vocês a adorarão como a Mãe Divina. Não a temerão tanto.

“O importante é tocar a ‘vovó’, como as crianças fazem no jogo de esconde-esconde. Depois poderão fazer o que quiserem.

“O homem, olhando para o exterior, vê o denso, nesse momento sua mente mora no annamayakosha, corpo denso. Em seguida vem o corpo sutil. Funcionando através do corpo sutil, a mente mora no manomayakosha e no vjnanamayakosha. Depois vem o corpo causal. Através do corpo causal a mente desfruta felicidade, mora no anandamayakosha. Este corresponde ao estado semiconsciente experimentado por Chaitanya. Por último a mente perde-se na Grande Causa. Desaparece e funde-se na Grande Causa. O que se experimenta depois disso não pode ser descrito em palavras. No seu estado mais interior de consciência, Chaitanya experimentou esta experiência. Sabem como é este estado? Dayananda descreveu-o dizendo,

‘Venha aos apartamentos internos e feche a porta’. Nem todos podem entrar nessa parte da casa.

“Eu costumava meditar numa chama. Considerava a parte vermelha como a densa, a parte branca dentro da vermelha como sutil e a parte preta semelhante a um bastão, a mais interna de todas, como a causal.

“Por certos sinais pode-se dizer quando uma meditação está sendo corretamente praticada. Um deles é que um pássaro pode se sentar em sua cabeça, pensando que se trata de uma coisa inerte.

“Encontrei Keshab pela primeira vez numa reunião do Adi Samaj. Vários membros do Samaj estavam sentados na plataforma. Keshab estava no meio. Eu o vi imóvel como um pedaço de madeira. Apontando para Keshab, disse a Mathur Babu: ‘Olhe! Aquela isca foi engolida por um peixe’. Por meio desse poder de meditação, ele alcançou o que desejava – nome, fama e assim por diante – pela graça de Deus.

“Pode-se meditar até mesmo de olhos abertos. Pode-se meditar até quando se está conversando. Tome o exemplo de um homem com dor de dente - ”

Tutor dos Tagores: “Sim, senhor. Sei disso muito bem.” (*Todos riem*).

Mestre (*sorrindo*): “Sim, mesmo quando o dente dói, ele cumpre todos os deveres, mas a mente está na dor. Assim também, pode-se meditar de olhos abertos, e também, enquanto conversa com os outros.”

Tutor: “Um dos epítetos de Deus é ‘Redentor dos Pecadores’. Essa é a nossa esperança. Deus é misericordioso.”

Mestre: “Os Shikhs também diziam que Deus era misericordioso. Perguntei, ‘Como Ele é misericordioso?’ ‘Bem’, responderam. ‘Ele nos gerou. Criou tantas coisas para nós, educou-nos para sermos homens e, a cada passo, nos protege do perigo.’ A isto eu disse: ‘Depois de nos gerar Deus cuida de nós e nos alimenta. Há mérito nisso? Suponhamos que tenham um filho. Esperam que outra pessoa, do outro lado da cidade, venha educá-lo?’ ”

Tutor: “Reverenciado senhor, um homem tem rapidamente sucesso na vida espiritual e outro, absolutamente nenhum. Como explica isto?”

Mestre: “A verdade é que um homem tem muito sucesso, devido às tendências herdadas de seus nascimentos anteriores. As pessoas pensam que ele alcançou a meta subitamente. Um homem bebeu um copo de vinho de manhã, que o tornou completamente bêbado. Começou a se comportar de forma inadequada. As pessoas ficaram espantadas de ver como ficou tão embriagado com apenas um copo. Mas uma outra disse: ‘Ora, ele bebeu a noite inteira.’

“Hanuman queimou totalmente a cidade dourada de Lanka. Todos ficaram admirados como um simples macaco podia queimar uma cidade inteira, mas depois disseram, ‘A verdade é que a cidade foi queimada pelos suspiros de Sita e pela ira de Rama.’

“Vejam Lala Babu<sup>1</sup>. Tinha tanta riqueza. Poderia ter renunciado a ela assim, tão subitamente, sem as boas tendências dos seus nascimentos anteriores? E Rani Bhavani. Tanto conhecimento e devoção numa mulher!

“Em seu último nascimento, o homem é dotado de sattva. A mente é dirigida a Deus. Anseia por Deus. Retira a mente das coisas do mundo.

“Krishnadas Pal veio aqui. Achei-o cheio de rajas, mas deve-se dizer que ele observava os costumes hindus. Deixava os sapatos do lado de fora, antes de entrar num aposento. Depois de uma conversa, descobri que não tinha substância interior. Perguntei-lhe a respeito dos deveres do homem. Respondeu: ‘Fazer bem ao mundo.’ Eu disse, ‘Quem é o senhor? Que bem fará ao mundo? Será o mundo algo pequeno, que o senhor pensa poder ajudar?’ ”

Narayan chegou e Shri Ramakrishna ficou feliz ao vê-lo. Fez Narayan sentar-se a seu lado no pequeno divã. Mostrou-lhe seu amor acariciando seu corpo e dando-lhe guloseimas. Perguntou afetuosamente a ele: “Quer um pouco de água?” Narayan estudava na escola de M. Em casa as pessoas batiam nele porque visitava Shri Ramakrishna. O Mestre disse-lhe, com um sorriso afetoso. “É melhor usar um casaco de couro, para que as pancadas não lhe machuquem”. Virando-se para Harish, o Mestre disse que gostaria de fumar.

<sup>1</sup> Um famoso proprietário de terras de Bengala, que renunciou ao mundo em tenra idade e viveu em Mathura, como monge vaishnava.

Novamente dirigindo-se a Narayan, Shri Ramakrishna disse: “Aquela mulher que manteve um relacionamento artificial de mãe e filho com Haripada, esteve aqui no outro dia. Preveni Haripada muitas vezes. Ela pertence à seita de Ghoshpara. Perguntei-lhe se havia encontrado seu ‘homem’. Disse que sim e mencionou o nome de um homem.”

(A M.): “Ah! Nilkantha veio aqui outro dia. Que fervor espiritual tem! Disse que viria outro dia e cantaria para nós. Estão dançando por aí. Por que não vai ver? (A Ramlal) Não há óleo no aposento. (Olhando para o jarro de óleo) O empregado não o encheu.”

Shri Ramakrishna andava de um lado para o outro, ora no aposento, ora na varanda sul. Parando no pórtico semicircular a oeste do seu quarto, olhava o Ganges.

Depois de um certo tempo, voltou para o quarto e sentou-se no pequeno divã. Já passava das três horas da tarde. Os devotos sentaram-se no chão. O Mestre em silêncio, de vez em quando, olhava para as paredes, onde estavam pendurados muitos quadros. À esquerda de Shri Ramakrishna estava o de Saraswati e mais além, um de Gaur e Nitai, cantando o kirtan com os devotos. Defronte do Mestre estavam quadros de Dhruva, Prahlada e Mãe Kali. Na parede à sua direita, havia outro quadro da Mãe Divina, Rajarajeshvari. Atrás dele, um quadro de Jesus Cristo levantando Pedro que se afogava. Subitamente Shri Ramakrishna virou-se para M. e disse: “Veja, é bom ter quadros de sannyasis e santos no quarto. Quando se levantar pela manhã, deve-se ver rostos de santos, em vez de rostos de outros homens. Pessoas com qualidades rajásicas têm quadros ‘ingleses’ em suas paredes - quadros de homens ricos, do rei, da rainha, do Príncipe de Gales e de homens e mulheres brancos, caminhando juntos. Isto mostra o temperamento rajásico delas.

“Adquire-se a natureza das pessoas em cuja companhia anda, portanto, até os quadros podem ser perniciosos. Assim também, um homem procura a companhia que deseja de acordo com sua natureza. Os paramahansas mantêm junto a si, crianças de cinco a seis anos. Alcançando o estado de paramahansa, um homem gosta da companhia de crianças. Como os paramahansas, elas não estão sob o controle dos gunas - sattva, rajas e tamas.

“Olhando para as árvores, um homem desperta em seu coração a imagem de uma cabana onde um rishi pratica austeridade.”

Um brahmin de Sinthi entrou no quarto e saudou Shri Ramakrishna. Havia estudado Vedanta em Benares. Era corpulento e sorridente.

Mestre: “Olá! Como vai você? Há muito tempo que não vem aqui.”

Pundit (*sorrindo*): “Deveres mundanos, senhor. Como sabe, tenho pouco tempo livre.”

O pundit sentou-se e o Mestre começou a conversar com ele.

Mestre: “Você passou muito tempo em Benares. Conte-nos o que viu lá. Fale-nos de alguma coisa a respeito de Dayananda.”

Pundit: “Sim, eu o encontrei. O senhor também não foi?”

Mestre: “Sim, eu o visitei. Estava vivendo numa chácara na outra margem do Ganges. Naquele dia Keshab era esperado. Ele ansiava por Keshab como o pássaro chatak anseia pela chuva. Era um grande erudito e caçoava da língua bengali. Admitia a existência das Divindades, mas Keshab não. Dayananda costumava dizer: ‘Deus criou tantas coisas. Não poderia Ele ter criado as Divindades?’ Dayananda acreditava que a Realidade Última era sem forma. O Capitão estava repetindo o nome de Rama. Dayananda disse-lhe sarcasticamente, ‘É melhor repetir “sandesh”!’ ”

Pundit: “Em Benares os pundits não mantinham grandes debates com Dayananda. Finalmente ficou sozinho com todos contra ele. Criaram-lhe uma situação tão difícil, que ele pensou que o único caminho de se salvar era ir embora. Todos os pundits gritaram a uma só voz, ‘Tudo o que Dayananda disse deve ser desprezado!’

“Vi também o Coronel Olcott. Os teosofistas crêem na existência de mahatmas e falam de planos ‘lunar, ‘solar’, estelar’ e outros. Um teosofista vai no seu corpo astral’ a todos esses planos. Ó, Olcott disse muitas dessas coisas. Bem, senhor, o que pensa da Teosofia?”

Mestre: “A única coisa essencial é bhakti, devoção amorosa a Deus. Os teosofistas procuram bhakti? Se assim o fazem são bons. Se a Teosofia leva à realização de Deus, a meta da vida, é boa. Uma pessoa não pode procurar Deus se estiver ocupado o tempo todo com mahatmas, planos lunar, solar e estelar. Deve-se praticar sadhana e orar a Deus com o coração

anelante, pelo amor de Seus Pés de Lótus. Deve-se dirigir a mente somente a Deus; retirando-a dos vários objetos do mundo.”

O Mestre cantou:

Como está você tentando, Ó mente minha, conhecer a natureza de Deus?  
 Você está tateando como um louco, preso num quarto escuro.  
 Ele é realizado através do amor: como pode pensar n'Ele sem isso? ...  
 E, para alcançar esse amor, os poderosos yogis vêm praticando yoga através dos tempos;  
 Quando o amor desperta, o Senhor, como um ímã, atrai a alma para Ele.

Continuando, o Mestre disse: “Pode-se falar das escrituras, de filosofia, de Vedanta, mas não encontrará Deus em nenhum. Não será bem sucedido na realização de Deus, a não se que se torne ansioso por Ele.

Somente por meio da afirmação, jamais da negação, pode-se conhecê-Lo.  
 Nem por meio dos Vedas, nem pelos Tantras, nem pelas seis darshanas.  
 É somente no elixir do amor que Ele Se deleita, Ó mente;  
 Ele mora nas profundezas mais interiores do corpo, em Felicidade Perene.

“Deve-se ser muito sincero com Deus. Ouça outra canção:

Podem todos ter a visão de Radha? Podem todos provar seu amor?  
 Este, o maior tesouro de todos, nenhuma riqueza terrena pode comprar;  
 Sem devoções e sadhana ninguém pode jamais obtê-lo.

A gota de chuva caindo nas profundezas, quando Svati brilha no céu,  
 É transformada dentro da concha da ostra numa pérola inestimável.  
 Pode essa pérola formar-se da chuva que cai em outras ocasiões?

Mães com suas crianças nos braços, podem acenar para a lua  
 Para que ela deixe o céu e venha para elas; mas apenas as crianças são enganadas.  
 Pode a lua alguma vez sair do céu e vir morar na terra?

“Deve-se praticar intensa disciplina espiritual. Pode alguém obter visão de Deus, de repente, sem qualquer preparação?”

“Um homem perguntou-me: ‘Por que não vejo Deus?’ Disse-lhe: ‘Você quer pegar um peixe grande. Primeiro faça os preparativos. Jogue a isca condimentada na água. Consiga uma linha e uma vara. Com o cheiro da isca, o peixe virá do fundo da água. Pelo movimento da água, saberá se veio um peixe grande.

“Você quer comer manteiga, mas o que alcançará se apenas repetir que há manteiga no leite? Deve trabalhar bastante. Somente então poderá separar a manteiga do leite. Pode-se ver Deus apenas repetindo ‘Deus existe?’ É necessária a sadhana.

“A Própria Mãe Divina praticou austera sadhana para servir de exemplo à humanidade. Shri Krishna não é outro senão Brahman Último e também, praticou sadhana, para servir de exemplo aos homens.

“Shri Krishna é Purusha e Radha, Prakriti, a Chitshakti, a Adyashakti. Radha é Prakriti, a personificação dos três gunas, sattva, rajas e tamas. À medida que se remove as camadas da cebola, veremos vestígios tanto de negro como de vermelho, depois somente vermelho e no final, apenas o branco. As escrituras vaishnavas falam de ‘Kam-Radha’, ‘Prem-Radha’ e ‘Nitya-Radha’. Chandravali é Kam-Radha, e Srimati é Prem-Radha. Nanda viu Nitya-Radha ao segurar Gopala em seus braços <sup>2</sup>.

<sup>2</sup> Kam-Radha, cheia de poder de sedução, é o primeiro aspecto de Radha; Prem-Radha, cheia de amor divino, é seu segundo aspecto; Nitya-Radha é seu terceiro aspecto, como o Poder Primordial Eterno. Chandravali, uma das gopis, tinha uma atitude licenciosa em relação a Shri Krishna. Srimati é outro nome de Radhika, a mais importante das gopis. Nanda foi o pai adotivo de Shri Krishna.

“O Brahman da Vedanta e a Chitshakti são idênticos, como água e sua umidade. Ao pensar em água, deve-se pensar também, na umidade. Ou é como a cobra e seu movimento sinuoso. No momento em que se pensar na cobra, deve-se também, pensar no seu movimento sinuoso, e no momento que pensar no movimento sinuoso deve-se pensar também na cobra. Quando chamo a realidade Última de Brahman? Quando Ela está sem ação ou desapegada da ação. Quando um homem veste uma roupa, continua o mesmo homem que era quando estava nu. Estava nu, agora está vestido e pode ficar nu novamente. Há veneno na cobra, mas ele não lhe faz mal. É veneno para quem é mordido pela cobra. O Próprio Brahman não está ligado.

“Nomes e formas são apenas manifestações do poder de Prakriti. Sita disse a Hanuman: ‘Meu filho, numa forma sou Sita, noutra sou Rama. Numa forma sou Indra, noutra Indrani. Numa forma sou Brahma, noutra Brahmani. Numa forma sou Rudra, noutra Rudrani<sup>3</sup>. Quaisquer que sejam os nomes e formas que se vê, elas são somente manifestações do poder de Chitshakti. Tudo é poder de Chitshakti – até a meditação e aquele que medita. Enquanto sentir que estou meditando, estou dentro da jurisdição de Prakriti. (A M.) Procure assimilar o que eu disse. Deve-se ouvir o que os Vedas e os Puranas dizem, para aplicar na vida diária.

(*Ao pundit*): “Às vezes é bom viver na companhia dos santos. A doença do mundanismo tornou-se crônica no homem. Fica mitigada a um ponto bem intenso, na companhia santa.

“ ‘Eu’ e ‘meu’—significam ignorância. O verdadeiro conhecimento faz uma pessoa sentir: ‘Ó Deus, Tu somente fazes tudo. Tu somente és meu. A Ti somente pertencem casas, edifícios, família, parentes, amigos, o mundo inteiro. Tudo é Teu, mas a ignorância faz uma pessoa sentir: ‘Estou fazendo tudo; sou aquele que faz. Casa, edifícios, família, filhos, amigos e propriedade são todos meus.’

“Um dia um instrutor estava explicando tudo isto a um discípulo. Disse, ‘Somente Deus, ninguém mais, é seu.’ O discípulo disse: ‘Mas reverenciado senhor, minha mãe, minha esposa e meus outros parentes cuidam muito bem de mim. Só vêm escuridão quando não estou presente. Como me amam!’ O instrutor disse: ‘Você está enganado. Eu lhe mostrarei logo que ninguém é seu. Leve alguma dessas pílulas com você. Quando chegar em casa, engula-as e deite-se. As pessoas pensarão que morreu, mas você permanecerá consciente do mundo exterior, ouvirá e verá tudo. Depois irei à sua casa.

“O discípulo seguiu as instruções. Tomou as pílulas e deitou-se como se estivesse inconsciente. A mãe, esposa e outros parentes começaram a chorar. Logo o instrutor chegou, disfarçado de médico, e perguntou a causa do pesar. Quando contaram tudo, disse-lhes: ‘Aqui está um remédio que o trará de volta à vida, mas devo dizer-lhes uma coisa. Este remédio deve ser em primeiro lugar, tomado por um dos seus parentes e depois, ser dado a ele, mas o parente que o tomar pela primeira vez, morrerá. Vejo aqui sua mãe, esposa e outros. Certamente um de vocês será voluntário para tomar o remédio, e então o jovem voltará à vida.’

“O discípulo ouviu tudo. Primeiro o médico chamou sua mãe, que chorava e rolava no chão de tristeza. Disse-lhe: ‘Mãe, a senhora não precisa chorar mais. Tome o remédio e seu filho voltará à vida, mas a senhora morrerá.’ A mãe pegou o remédio e começou a pensar. Depois de muita reflexão, disse ao médico, com lágrimas nos olhos, ‘Meu filho, tenho outros filhos. Devo pensar neles também. Fico imaginando o que acontecerá a eles se eu morrer. Quem os alimentará e tomará conta deles?’ O médico em seguida, chamou a esposa e pôs o remédio em sua mão. Ela também havia chorado amargamente. Com o remédio na mão, também começou a refletir. Havia ouvido que deveria morrer pelo efeito do remédio. Finalmente, com lágrimas nos olhos, disse: ‘Ele encontrou o seu destino. Se eu morrer, o que acontecerá com meus filhinhos? Quem os manterá vivos? Como posso tomar o remédio?’ Neste ínterim, terminou o efeito do remédio. Convencera-se de que ninguém era realmente seu. Pulou da cama, e deixou o lugar com seu instrutor. O guru disse-lhe: ‘Só há um que pode chamar de seu, e este é Deus.’

“Portanto, deve-se agir de tal maneira que se tenha bhakti pelos Pés de Lótus de Deus e amá-Lo como seu muito íntimo. Veja este mundo à sua volta. Existe para você somente por alguns dias. Não significa nada.”

<sup>3</sup> Indrani, Brahmani e Rudrani são as Consortes ou Poderes de Indra, Brahma e Rudra.

Pundit (*sorrindo*): “Reverenciado senhor, sinto uma total renúncia quando estou aqui. Sinto como que indo embora, abandonando o mundo.”

Mestre: “Não, não! Por que abandoná-lo? Abandone-o mentalmente. Viva no mundo com desapego.

“Surendra queria passar a noite aqui ocasionalmente. Trouxe a cama e chegou a passar um ou dois dias aqui, mas a esposa disse-lhe: ‘Você pode ir em qualquer lugar que quiser durante o dia, mas a noite não deve sair de casa.’ O que o pobre Surendra podia fazer? Agora não tem jeito de passar a noite fora de casa.

“O que se alcançará com simples raciocínio? Fique inquieto por Deus e aprenda a amá-Lo. Raciocínio, simples conhecimento intelectual, é como um homem que pode ir somente até o pátio externo da casa, mas bhakti é como a mulher que pode entrar no pátio interno.

“Deve-se tomar uma atitude definida em relação a Deus. Somente então poderá realizá-Lo. Rishis como Sanaka, preferiram a atitude de santa; Hanuman a de um servo; os pastores de Vrindavan, como Sridama e Sudama, a atitude de um amigo; Yashoda a atitude de mãe; e Radha, a atitude de uma mulher apaixonada.

“Ó Deus, Tu és o Amo e eu, Teu servo’ é a atitude de servo, boa para os aspirantes.”

Pundit: “Sim, senhor.”

O pundit de Sinthi saiu. Já estava escuro. O crepúsculo espalhava-se pelo Panchavati, pelos templos e pelo rio. O culto vespertino começou nos diversos templos, acompanhado pelo som de sinos, gongos e conchas. Em seu quarto, Shri Ramakrishna inclinou-se ante as imagens das divindades. Estava sentado no pequeno divã, em êxtase. Alguns devotos estavam sentados no chão. Havia silêncio em todo ambiente.

Passou uma hora. Ishan e Kishori entraram e sentaram-se no chão, depois de saudarem Shri Ramakrishna. Ishan gostava muito de rituais. Dedicava-se ao cumprimento de vários ritos e cerimônias prescritas pelas escrituras. O Mestre começou a conversar:

Mestre: “Pode alguém alcançar o conhecimento de Deus simplesmente repetindo a palavra ‘Deus’? Há dois indícios desse conhecimento. Primeiro, anelo, isto é, amor a Deus. Podem permitir-se ao raciocínio ou discussão, mas se não sentir anelo ou amor, tudo é inútil. Segundo, o despertar da Kundalini. Enquanto a Kundalini estiver adormecida, não se atingirá o conhecimento de Deus. Pode-se passar horas estudando livros ou discutindo filosofia, mas se não houver inquietude interior por Deus, não se terá conhecimento d’Ele.

“Quando a Kundalini desperta, alcança-se bhava, bhakti, prema e assim por diante. É o caminho da devoção.

“O caminho de karma <sup>4</sup> é muito difícil. Por meio dele obtém-se alguns poderes – quero dizer, poderes ocultos.”

Ishan: “Deixe-me ir ver Hazra.

Shri Ramakrishna permaneceu em silêncio. Depois de um certo tempo Ishan voltou ao quarto, acompanhado de Hazra. O Mestre ainda estava em silêncio. Algum tempo mais tarde, Hazra murmurou para Ishan: “Vamos deixá-lo sozinho. Talvez vá meditar agora.” Ambos deixaram o aposento.

Shri Ramakrishna permanecia em silêncio. Depois de algum tempo os devotos observaram que realmente ele estava meditando. Logo fez japa. Colocou a mão direita na cabeça, em seguida na testa, depois no coração, e por fim, no umbigo. Estaria meditando na Energia Primordial, nos seis centros do corpo?

Ishan e Hazra foram ao templo de Kali. Shri Ramakrishna estava absorvido na meditação. Neste ínterim, chegou Adhar. Eram mais ou menos sete e meia.

Um pouco mais tarde o Mestre foi ao templo de Kali. Olhou para a imagem, tirou algumas flores dos pés da Mãe e colocou-as na cabeça. Prosternou-se ante a Mãe e andou em volta da imagem. Agitou o chamara. Parecia tomado de fervor divino. Saindo, encontrou Ishan fazendo o sandhya com o koshakushi.

Mestre (*a Ishan*): “Como? Ainda está aqui? Continua fazendo o sandhya? Ouça:

<sup>4</sup> Aqui significando ritos e rituais religiosos.

Por que eu deveria ir a Ganga ou Gaya, a Kasi, Kanchi ou Prabhas,  
 Enquanto puder dar meu último suspiro com o nome de Kali nos lábios?  
 Qual a necessidade de rituais tem um homem, por que mais devoções  
 Se ele repetir o nome da Mãe nas três horas sagradas?  
 Os rituais podem continuar, mas não o seduzem mais.  
 Caridade, voto, oferendas não mais atraem a mente de Madan;  
 Os Pés de Lótus da Abençoada Mãe são sua única oração e sacrifício. ...

“Por quanto tempo deve um homem continuar com o sandhya? Enquanto não desenvolver amor pelos Pés de Lótus de Deus, enquanto não derramar lágrimas e os cabelos não se eriçarem, ao repetir o nome de Deus:

Inclino a cabeça, diz Prasad, ante o desejo e liberação;  
 Conhecendo o segredo que Kali é una com o mais elevado Brahman,  
 Descartei, uma vez por todas, tanto dharma como adharma.

“Quando o fruto cresce, a flor cai. Quando uma pessoa tiver desenvolvido amor por Deus e contemplado-O, abandona o sandhya e outros ritos. Quando a jovem nora está grávida, a sogra reduz suas atividades. Quando está de nove meses, não lhe permitem fazer trabalho doméstico. Depois do nascimento do bebê, somente o carrega nos braços e o amamenta. Não tem qualquer outro dever. Depois de alcançar Deus, o sandhya e outros ritos são abandonados.

“Não se pode alcançar nada num passo lento. Necessita de forte renúncia. Pode alcançar alguma coisa considerando quinze meses como um ano? Você parece não ter força e nenhuma energia. É tão mole quanto arroz mergulhado no leite. Levante-se e aja! Prepare-se!

“Não gosto desta canção:

Irmão, alegremente agarre-se a Deus;  
 Assim lutando, poderá algum dia alcançá-Lo.

“Não dou importância ao verso, ‘Assim lutando, poderá algum dia alcançá-Lo’. Você necessita de forte renúncia. Digo a mesma coisa a Hazra.

“Você me pergunta porque não sente forte renúncia. É porque tem desejos e tendências dentro de si. O mesmo aplica-se a Hazra. Em nossa terra natal, vi camponeses levando água para os campos de arroz. Os campos têm sulcos baixos em todos os lados para impedir que a água se escoe, mas eles são feitos de barro e muitas vezes há buracos aqui e ali. Os camponeses matam-se de trabalhar para trazer a água que se escoam pelos buracos. Desejos são buracos. Você pratica japa e austeridade, não há dúvida, mas escoam-se pelos buracos dos desejos.

“Pega-se peixe com uma armadilha de bambu. O bambu é naturalmente reto. Mas por que está curvado na armadilha? Para apanhar o peixe. Desejos são como o peixe, portanto, a mente curva-se ante o mundo. Se não houver desejos, ela olha para cima, para Deus.

“Sabe como é? É como as agulhas de uma balança. Devido ao peso de ‘mulher e ouro’, as duas agulhas não se alinham. É ‘mulher e ouro’ que afasta o homem do caminho da yoga. Já observou a chama de uma vela? O menor vento a faz oscilar. O estado de yoga é como a chama de uma vela, num lugar sem vento.

“A mente está dispersa. Parte dela foi a Dacca, parte para Delhi e uma outra para Coohbehar. Tem que ser recolhida, deve ser concentrada num único objeto. Se você quiser um tecido no valor de dezesseis annas, então tem que pagar as dezesseis annas ao comerciante. A yoga não é possível se houver o menor obstáculo. Se houver a menor ruptura no cabo telegráfico, as notícias não podem ser transmitidas.

“Você está no mundo, e daí? Tem que entregar o fruto de sua ação a Deus. Não deve procurar qualquer resultado para si mesmo, mas anote uma coisa. Desejo por bhakti não pode ser chamado desejo. Pode-se desejar bhakti e orar por ela. Pratique tamas da bhakti e force seu pedido à Mãe Divina.

Esta ação judicial amargamente contestada entre a Mãe e Seu filho –  
Que jogo é! Diz Ramprasad. Não cessarei de Te atormentar  
Até que Tu mesma deixes a luta e por fim, me tomes em Teus braços.

“Trailokya uma vez comentou: ‘Como nasci na família, tenho direito à parte da propriedade.’

“Deus é Tua mãe. É Ela madrastra? É um relacionamento artificial? Se você não puder impor seu pedido a Ela, a quem irá impor? Diga-Lhe:

Mãe, sou Tua criança de oito meses? <sup>5</sup> Teus olhos vermelhos não podem me assustar!  
Um ato de concessão seguro em meu peito, confirmado pelo Teu marido Shiva;  
Vou processar-Te, se devo, e com uma simples delegação, ganharei.

“Deus é sua própria Mãe. Imponha seu pedido. Se você for parte de uma coisa, sentirá sua atração. Devido à presença da Mãe Divina em mim, sinto-me atraído para Ela. Um verdadeiro shaiva tem algumas características de Shiva; tem em si alguns dos elementos de Shiva. Aquele que é um verdadeiro vaishnava está dotado de alguma semelhança com Narayana.

“Atualmente você não tem que atender a deveres mundanos. Passe alguns dias pensando em Deus. Já viu que não há nada no mundo.”

O Mestre cantou:

Lembre-se disso, Ó mente! Ninguém é seu:  
Vão é seu perambular neste mundo.  
Preso na armadilha sutil de maya como você está,  
Não se esqueça do nome da Mãe.

Apenas um dia ou dois, os homens lhe prestarão homenagem na terra  
Como senhor e amo. Logo, também  
Aquela forma tão venerada agora, deve ser abandonada,  
Quando a Morte, a Senhora, apanhar você.

Mesmo sua amada esposa, para quem você vive,  
E se aflige até quase morrer.  
Não irá com você; ela também lhe dirá adeus,  
E se afastará de seu cadáver, com se fosse uma coisa ruim.

Continuando o Mestre disse: “O que são estas coisas com as quais você se ocupa – esta arbitragem e liderança? Ouvi dizer que resolve as brigas entre as pessoas e que elas o nomeiam árbitro. Há muito tempo você vem fazendo este tipo de trabalho. Deixe que as pessoas que se importam com estas coisas, as façam. Agora dedique a mente cada vez mais aos Pés de Lótus de Deus. De acordo com o dito: ‘Ravana morreu em Lanka e Behula chorou amargamente por ele <sup>6</sup>!’

“Sambhu também dizia: ‘Vou construir hospitais e dispensários.’ Era um devoto de Deus. Eu lhe disse: ‘Quando vir Deus você lhe pedirá hospitais e dispensários?’

“Keshab Sen perguntou-me: ‘Por que não vejo Deus?’ disse-lhe, ‘Você não vê Deus porque se ocupa com coisas como nome e fama e erudição.’ A mãe não vem a seu filho, enquanto ele se ocupa com o brinquedo – um brinquedo vermelho, mas quando depois de alguns minutos, o jogo fora e chora, a mãe tira a panela de arroz do fogão e vem correndo até ele.

“Você está ocupado em arbitragem. A Mãe Divina diz para Si mesma: ‘Meu filho está ocupado agora com arbitragem e está muito feliz. Deixe-o ficar.’

Nesse meio tempo, Ishan estivera segurando os pés de Shri Ramakrishna. Disse humildemente: “Não é por minha vontade que faço essas coisas.”

:Mestre: “Eu sei. É o jogo da Mãe Divina.—Sua Lila. É a vontade da Grande Encantadora que muitos fiquem enredados no mundo. Sabe como é?

<sup>5</sup> Uma criança prematura é geralmente, fraca e medrosa.

<sup>6</sup> Ravana e Behula eram duas pessoas que não se conheciam, tendo vivido separadas no tempo e espaço.

Quantos são os barcos, Ó mente,  
Que flutuam no oceano deste mundo!  
Quantos são os que afundam!

Novamente:

Em cem mil papagaios, um ou dois no máximo, ficam livres;  
E Tu ris e bates palmas, Ó Mãe, observando-os!

Somente um ou dois em cem mil obtêm liberação. O resto fica enredado pela vontade da Mãe Divina.

“Já viu o jogo de esconde-esconde? É a vontade da ‘vovó’ que o jogo continue. Se todos a tocarem e ficarem livres, o jogo acaba. Portanto, não é Sua vontade que todos a toquem.

“Veja, nos grandes armazéns de grãos, os comerciantes guardam o arroz em grandes pilhas que tocam o teto. Além disso, há pilhas de lentilhas. A fim de proteger os grãos dos camundongos, os comerciantes mantêm bandeja com arroz tostado e açucarado. Os camundongos gostam do cheiro e do gosto doce, e ficam junto das bandejas. Não comem as grandes pilhas de grãos. De maneira semelhante, os homens são iludidos por ‘mulher e ouro’, não sabem onde Deus está.

“Rama disse a Narada, ‘Peça-Me uma graça.’ Narada disse, ‘Ó Rama será que preciso de alguma coisa? O que vou pedir-Te? Mas se Tu tens que me conceder uma graça, concede-me que eu tenha amor desinteressado por Teus Pés de Lótus, e que eu não possa ser iludido por Tua maya sedutora.’ Rama disse, ‘Narada, peça-me outra coisa.’ Narada novamente respondeu: ‘Ó Rama, nada mais desejo. Sê misericordioso comigo, e vê que eu tenha puro amor por Teus Pés de Lótus’

“Eu orava à Mãe Divina: ‘Ó mãe, não quero nome nem fama, nem os oito poderes ocultos. Não quero uma centena de poderes ocultos. Ó Mãe, não tenho desejo pelos confortos materiais. Por favor, Mãe, concede-me a graça de que eu tenha puro amor por Teus Pés de Lótus.’

“Está dito no *Adhyatma Ramayana* que Lakshmana perguntou a Rama: ‘Rama, em quantas formas e estados Tu existes? Como poderei reconhecer-Te?’ Rama respondeu: ‘Irmãos, lembre-se disso. Pode estar certo de que estou onde você encontra manifestação de amor espiritual.’ Esse amor faz uma pessoa rir e chorar, dançar e cantar. Se alguém desenvolveu este amor, pode-se ter como certo que o Próprio Deus está manifestando-Se ali. Chaitanyadeva alcançou este estado.”

Os devotos enfeitados, escutavam Shri Ramakrishna. Suas palavras inflamadas entravam em suas almas, empurrando-os ao longo do caminho de renúncia.

Agora falou a Ishan, com uma voz séria.

Mestre: “Não se esqueça de si mesmo ao ouvir seus aduladores. Aduladores juntam-se em volta de um homem. Abutres juntam-se em volta da carniça de uma vaca.

“As pessoas mundanas não possuem substância em si mesmas. São como uma pilha de esterco. Os bajuladores chegam e dizem: ‘Vocês são tão caridosas e sábias! São tão piedosas! Estas não são simples palavras, mas bambus pontiagudos dirigidos a elas. Que tolice! Estar cercado dia e noite por um bando de pundits brahmins mundanos e ouvir sua bajulação!

“Os homens mundanos são escravos de três coisas: das esposas, do dinheiro e dos patrões. Podem ter substância interior? Há uma certa pessoa de quem não direi o nome que ganha oitocentos rupias por mês, mas é escravo da esposa. Levanta-se ou senta-se a seu aceno.

“Arbitragem e liderança? Que insignificantes são! Caridade e fazer bem aos outros? Você já teve o suficiente. Aqueles que têm que se dedicar a essas coisas, pertencem a uma classe diferente. Agora o momento está propício para que você dedique a mente aos Pés de Lótus de Deus e realize Deus, então, terá tudo o mais. Primeiro Deus, depois caridade, fazer bem aos outros, fazer bem ao mundo e redimir pessoas. Por que tem que se preocupar com essas coisas. ‘Ravana morreu em Lanka e Behula chorou por ele amargamente!’

“Este é o seu problema. Seria muito bom que um sannyasi, que renunciou ao mundo, lhe desse alguma instrução espiritual. Conselho de uma pessoa mundana não será bom, seja ela um pundit brahmin, ou qualquer outra pessoa.

“Enlouqueça! Enlouqueça com o amor de Deus! Deixe que todos saibam que Ishan está louco e que não pode mais cumprir os deveres mundanos. Então as pessoas não mais virão a você por liderança e arbitragem. Ponha de lado o koshakushi e justifique seu nome Ishan<sup>7</sup>.”

Ishan citou:

‘Mãe, enlouquece-me com Teu amor!  
Que necessidade tenho de conhecimento ou raciocínio?’

Mestre: “Louco! É essa a coisa! Shivanath certa vez disse que uma pessoa ‘perde a cabeça’ se pensar em Deus. ‘Como?’ eu disse, ‘Pode Alguma vez alguém ficar inconsciente pensando na Consciência? Deus é da natureza de Eternidade, Pureza e Consciência. Por meio de Sua Consciência, uma pessoa torna-se consciente de tudo; por meio de Sua inteligência, o mundo inteiro parece inteligente.’ Shivanath disse que alguns europeus haviam ficado loucos, que haviam ‘perdido a cabeça’ ao pensar muito em Deus. No caso deles pode ser verdade, pois pensam em coisas mundanas. Há um verso numa canção, ‘Fervor divino enche meu corpo e rouba minha consciência.’ A consciência aqui referida, é a consciência do mundo exterior.”

Ishan estava sentado, tocando os pés de Shri Ramakrishna e ouvindo suas palavras. De vez em quando lançava um olhar na imagem de basalto de Kali. À luz do lampião, Ela parecia estar sorrindo. Era como se a Divindade viva, manifestando-Se através da imagem, estivesse encantada com as palavras do Mestre, santas como as palavras dos Vedas.

Ishan (*apontando para a imagem*): “Essas palavras saídas de seus lábios sagrados, realmente saíram de lá.”

Mestre: “Sou a máquina e Ela, o operador. Sou a casa, e Ela, o morador. Sou o carro, e Ela, o Condutor. Movo-me como Ela me faz mover; falo como Ela fala através de mim. No Kaliyuga não se ouve a voz de Deus, dizem, exceto pela boca de uma criança ou de um louco.

“Um homem não pode ser guru. Tudo acontece pela vontade de Deus. Pecados hediondos – pecados de muitos nascimentos - e ignorância acumulada, todos desaparecem num piscar de olhos, pela graça de Deus. Quando a luz entra num aposento que foi mantido na escuridão por mil anos, remove a escuridão de mil anos pouco a pouco, ou imediatamente? Naturalmente ao simples aparecimento da luz, toda escuridão desaparece.

“O que um homem pode fazer? Pode falar muitas palavras, mas depois que tudo for dito e feito, tudo fica com Deus. O advogado diz, ‘Eu disse tudo que poderia ter dito. Agora, o veredicto fica com o juiz.’”

“Brahman é sem ação. Quando Ele está empenhado na criação, preservação e dissolução, é chamado Poder Primordial., Adyashakti. Este Poder deve ser propiciado. Não sabe que isto está escrito no *Chandi*? Os deuses primeiro cantaram um hino à Adyashakti, a fim de propiciá-La. Só então Hari despertou-Se do sono da yoga.”

Ishan: “Sim, senhor, Brahman e outros deuses cantaram este hino por ocasião da morte dos demônios Mashu e Kaitabha:

Svaha, Vashat e Svadha são Tu<sup>8</sup>; Tu e Eu interior do mantra;  
Tu o Néctar de Imortalidade, Ó Uno Duradouro.  
Eterno cujo nome não pode ser pronunciado és Tu e, contudo, Tu estás manifesto.  
Nos três matras<sup>9</sup> e meio matra<sup>10</sup>

<sup>7</sup> Um epíteto de Shiva renunciante.

<sup>8</sup> Svaha, Vashai e Svadha são sílabas místicas. As duas primeiras são pronunciadas quando oblações são oferecidas aos deuses, e a terceira quando estão sendo oferecidas aos ancestrais.

<sup>9</sup> A duração do tempo para pronunciar um som de vogal. Os três matras denotam as três durações – curta, longa ou prolongada – requeridas para pronunciar vogais.

<sup>10</sup> Som de consoante

Ó Deusa, Tu és Savitri<sup>11</sup>; Tu és a Mãe Última;  
 Todas as coisas têm apoio em Ti, por quem este universo foi feito.  
 Ó Deusa, Tu sustentas tudo, e tudo por Ti é devorado.

Tu és Aquilo que chamamos o Criador, quando Tu criaste o mundo.  
 Ó Personificação da criação!  
 Tu és O que chamamos Preservador, quando Tu o conservas;  
 Tu és O que chamamos Destruidor, quando Tu o destróis.

Mestre: “Mas você deve assimilar isto.”

O Mestre levantou-se e subiu a plataforma defronte ao santuário e saudou a Mãe, tocando o chão com a testa. Os devotos rapidamente juntaram-se à sua volta e caíram a seus pés. Todos imploraram sua graça. Ele desceu da plataforma e dirigiu-se para o quarto, conversando com M. Primeiro, cantou:

Inclino a cabeça, diz Prasad, ante o desejo e liberação;  
 Conhecendo o segredo que Kali é una com o mais elevado Brahman.  
 Descartei, uma vez por todas, tanto o Dharma como o Adharma.

O Mestre continuou: “Você conhece o significado de dharma e adharma? Neste caso dharma significa atos religiosos prescritos pelas escrituras, tais como caridade, shraddha, alimentar os pobres e assim por diante.

“A execução deste dharma é chamada caminho de karma. É um caminho difícil pois é muito difícil agir sem interesse pessoal. Por esta razão aconselha-se uma pessoa, a seguir o caminho da devoção.

“Um homem estava fazendo, em sua casa, a cerimônia do shraddha, alimentando muitas pessoas. De repente passou um açougueiro levando uma vaca para o matadouro. Não conseguia controlar o animal e ficou exausto. Disse a si mesmo: ‘Vou entrar naquela casa, desfrutar a festa do shraddha e recuperar minhas forças. Aí então serei capaz de levar a vaca.’ Levou a cabo sua intenção, mas quando matou a vaca, o pecado do executante também caiu no executante do shraddha. É por isso que digo que o caminho da devoção é o melhor do que o caminho da ação.”

O Mestre entrou em seu quarto, acompanhado de M. Murmurava uma canção. As poderosas palavras de renúncia que acabara de falar a Ishan, encontraram expressão através de uma canção. Cantou os versos:

Mãe, tira tudo o mais de mim.  
 Mas deixa meu colar de ossos e meu pote de cânhamo!<sup>12</sup>

Shri Ramakrishna sentou-se no divã pequeno e Adhar, Kishori e os outros devotos sentaram-se no chão.

Mestre (*aos devotos*): “Estava observando Ishan. Ora, ele não alcançou nada! Qual será a razão? Praticou durante cinco meses o purashcharana. Isto teria ocasionado uma revolução em qualquer outra pessoa.”

Adhar: “Não é prudente da parte do senhor falar essas coisas a ele, diante de nós.”

Mestre: “Como é isto? Ele gosta tanto de japa! Como podem as palavras afetá-lo?”

Passado um momento, Shri Ramakrishna disse a Adhar: ‘Ishan é muito caridoso e pratica muito japa e austeridade.’ O Mestre permaneceu quieto por alguns instantes. Os olhos dos devotos estavam fixos nele. Subitamente disse a Adhar: “Você tem ambas – yoga e bhoga.”

<sup>11</sup> A divindade que preside o OM, a essência dos Vedas.

<sup>12</sup> Siddhi ou cânhamo e o colar de ossos estão associados a Shiva, o modelo de renúncia.

Sábado, 18 de outubro de 1884

Era dia do culto de Kali, a Mãe Divina. O culto deveria começar às onze horas da noite. À tardinha vários devotos chegaram ao templo. Queriam visitar Shri Ramakrishna durante as horas sagradas da noite de lua nova.

Cerca de oito horas da noite, M. chegou. O grande festival religioso já havia começado. Lâmpioes foram acesos aqui e ali no jardim e os templos estavam fortemente iluminados. Podia-se ouvir a música no nahabat. Os funcionários do templo movimentavam-se apressadamente, de um lado para o outro. Nas primeiras horas da manhã, deveria realizar-se uma apresentação teatral. Os aldeões ouviram falar da ocasião festiva e uma multidão de homens, mulheres, jovens e idosos estava chegando.

À tarde houve um recital musical do *Chandi*, por Rajnarayan. Shri Ramakrishna estivera presente com os devotos e gostara imensamente do recital. Como se aproximava a hora do culto, entrou em êxtase.

M. achou Shri Ramakrishna sentado no pequeno divã, no quarto. Baburam, o jovem Gopal, Haripada, Kishori, um parente de Niranján, um rapaz de Ariadaha e outros devotos estavam sentados no chão, olhando para ele. Ramlal e Hazra ficaram no quarto o tempo todo. O jovem parente de Niranján meditava diante de Shri Ramakrishna, como o Mestre permitira.

M. saudou o Mestre e sentou-se. Pouco tempo depois, o parente de Niranján inclinou-se profundamente diante de Shri Ramakrishna e já estava de partida. O rapaz de Ariadaha também desejava ir embora. O Mestre disse ao parente de Niranján, “Quando vai voltar?”

Devoto: “Talvez na próxima segunda-feira.”

Mestre (*ansiosamente*): “Quer levar uma lanterna?”

Devoto: “Não, senhor. Moro perto daqui. Não preciso.”

Mestre (*ao rapaz de Ariadaha*): “Você também vai?”

Rapaz: “Sim, senhor. Estou com um pequeno resfriado.”

Mestre: “Está bem. Cubra a cabeça.”

Novamente saudaram o Mestre e despediram-se.

Era noite de lua nova, inspiradora de medo. O culto da Mãe Divina aumentava o aspecto solene a noite. Shri Ramakrishna estava sentado no divã, encostado num travesseiro. Sua mente estava voltada para dentro de si mesmo. De vez em quando trocava uma ou duas palavras com os devotos. Subitamente olhou para M. e outros devotos e disse: “Ah, quão profunda foi a meditação do rapaz! (*A Haripada*) Não foi profunda?”

Haripada: “Sim, senhor, ele ficou imóvel como um pedaço de madeira.”

Mestre (*a Kishori*): “Você conhece esse rapaz. É primo de Niranján.”

Novamente fez-se silêncio no quarto. Haripada gentilmente massageava os pés do Mestre. O Mestre entoava, de boca fechada, algumas das canções que ouvira naquela tarde, durante o recital do *Chandi*. Cantou suavemente:

Quem existe que pode entender o que seja a Mãe Kali?  
Mesmo os seis darshanas são incapazes de revelá-La. ...

Shri Ramakrishna levantou-se. Com fervor intenso, cantou sobre a Mãe Divina:

Toda criação é o jogo de minha louca Mãe Kali:  
Por Sua maya, os três mundos ficam enfeitiçados.  
Louca é Ela e louco é o Seu marido; loucos são Seus dos discípulos!  
Ninguém pode descrever Seu encanto, Suas glórias, gestos, estados.  
Shiva, com agonia do veneno em Sua garganta,  
Canta Seu nome repetidamente.

O Pessoal, Ela opõe ao impessoal,  
Quebrando uma pedra com outra.  
Ainda que para todos, Ela seja agradável,  
Onde os deveres são considerados, Ela não cederá.  
Mantenha sua embarcação, diz Ramprasad, flutuando no mar da vida,

Sendo levada para cima com a maré alta, e para baixo com a maré baixa.

O Mestre estava bastante tomado pela canção. Disse que canções como estas denotavam um estado de inebriação divina. Cantou uma atrás da outra:

Desta vez vou devorar-Te inteira, Mãe Kali!  
Porque nasci sob uma má estrela,  
E dizem que aquele que assim nasce, torna-se o devorador de sua mãe. ...

Em seguida:

Ó Kali, minha Mãe cheia de Bem-aventurança! A que encanta o Todo Poderoso Shiva.  
Em Tua alegria delirante Tu danças, batendo palmas! ...

E logo:

Se no final meu alento abandonar-me enquanto repito o nome de Kali,  
Atingirei o domínio de Shiva. O que Benares significa para mim?  
Infinitas são as glórias de minha Mãe; quem pode encontrar o fim de Suas virtudes?  
Shiva, contemplando-as, jaz prostrado a Seus Pés de Lótus.

O canto terminara. Dois filhos de Rajnarayan entraram no quarto e inclinaram-se ante o Mestre. À tarde haviam cantado com o pai as glórias da Mãe divina. O Mestre cantou com eles.

Toda criação é o jogo da minha louca Mãe Kali ...

O irmão mais novo pediu a Shri Ramakrishna para cantar certa canção sobre Shri Gauranga, o que ele fez:

Gaur e Nitai, Ó irmãos abençoados!  
Ouvi dizer quão bondosos são.  
E, portanto, vim vê-los. ...

Ramlal entrou no quarto. O Mestre disse-lhe: “Por favor, cante alguma coisa sobre a Mãe Divina. É dia do Seu culto.” Ramlal cantou:

Quem é aquela Mulher que ilumina o campo de batalha?  
Seu corpo brilha mais escuro do que a mais escura nuvem de tempestade.  
E dos seus dentes faíscam chamas brilhantes do relâmpago!  
Seu cabelo desalinhado voa atrás, enquanto ela corre a esmo.  
Destemida na guerra entre os deuses e os demônios.  
Dando Sua terrível gargalhada, Ela mata os afugentados asuras  
E com Seus clarões deslumbrados, mostra o horror da guerra. ...

Novamente Ramlal cantou:

Quem é esta terrível Mulher escura como o céu à meia noite?  
Quem é esta Mulher dançando no campo de batalha? ...

Shri Ramakrishna começou a dançar com a canção. Em seguida cantou:

A abelha negra da minha mente é atraída com pura alegria  
Para a flor azul de Lótus dos Pés da Mãe Shyama,  
E a flor azul dos Pés de Kali, a Consorte de Shiva.  
Sem gosto para abelha, são os brotos do desejo.  
Os Pés de minha Mãe são negros e negra, também, a abelha.

Negro se torna um com negro! E este muito de mistério  
 Meus olhos mortais vêem, então rapidamente se retraem.  
 Mas as esperanças de Kamalakanta por fim são atendidas;  
 Ele nada no Mar de Bem-aventurança, impassível ante a felicidade ou a dor.

Depois da música e da dança, Shri Ramakrishna sentou-se no divã e os devotos no chão. Disse a M.: “Foi uma pena que não estivesse aqui à tarde. O recital de música do *Chandi* foi muito bonito.”

Alguns devotos foram ao templo, saudar a imagem da Mãe Divina. Silenciosamente os outros faziam japa, nos degraus que conduziam ao Ganges. Eram mais ou menos onze horas, a hora mais auspiciosa para a contemplação da Mãe Divina. A maré alta começava no Ganges e as luzes nas margens refletiam aqui e ali, nas águas escuras.

Do lado de fora do santuário, M. olhava pensativamente para a imagem. Ramlal veio ao templo com um livro na mão contendo as regras do culto. Perguntou a M. se ele não queria entrar. M. sentiu-se altamente favorecido e entrou no santuário. Viu que a Mãe Divina estava muito enfeitada. O lugar era brilhantemente iluminado por um grande candelabro que pendia do teto. Duas velas queimavam defronte à imagem. No chão havia bandejas cheias de oferendas. Flores vermelhas de hibisco e folhas bel adornavam Seus pés. Usava grinaldas em torno do pescoço. Os olhos de M. caíram sobre o chamara. Subitamente lembrou-se que Shri Ramakrishna muitas vezes abanara a Mãe Divina com ele. Hesitando, perguntou a Ramlal se podia abanar a imagem. O sacerdote deu-lhe permissão, o que ele fez, muito feliz. O culto regular ainda não havia começado.

Os devotos novamente entraram no quarto do Mestre. Beni Pal havia convidado Shri Ramakrishna para visitar o Sinthi Brahmo Samaj no dia seguinte, mas havia cometido um engano, em sua carta, sobre a data.

Mestre (a M.): “Beni Pal enviou-me um convite, mas por que será que escreveu a data errada?”

M.: “A data não foi escrita corretamente porque ele fez de forma descuidada.”

Enquanto falava, Shri Ramakrishna ficou de pé no meio do quarto, com Baburam a seu lado. Inclinou-se para o discípulo, tocando seu corpo. Subitamente entrou em samadhi. Os devotos ficaram à sua volta, com os olhos fixos nele. O pé esquerdo do Mestre estava um pouco para frente, o ombro levemente inclinado para um lado, o braço descansava no pescoço de Baburam perto da orelha. Depois de algum tempo voltou do êxtase. Enquanto ficava ali pôs uma das mãos no queixo, parecendo estar refletindo sobre algo. Sorrindo, falou aos devotos.

Mestre: “Vi tudo – o quanto os devotos adiantaram-se. Vi Ramlal, ele (*apontando para M.*) Surendra, Baburam e muitos outros.”

Hazra: “Eu?”

Mestre: “Sim.”

Hazra: “Ainda muitos obstáculos?”

Mestre: “Não.”

Hazra: “E Narendra?”

Mestre: “Não o vi, mas posso falar sobre ele. Está um pouco enredado, mas vi que todos serão bem sucedidos. (*A M.*) Vi todos como estivessem escondidos.”

Os devotos ouviam estas palavras com grande admiração. Parecia-lhes que estavam escutando um oráculo.

Mestre: “Mas entrei naquele estado ao tocar Baburam.”

Hazra: “Quem é o primeiro?”

Shri Ramakrishna permaneceu em silêncio por algum tempo. Depois disse, “Gostaria de ter alguns como Nityagopal.” Novamente parecia estar pensativo. Permanecendo em pé, disse: “Gostaria que os deveres de Adhar Sem diminuíssem, mas creio que o funcionário inglês o repreenda. Ele poderá dizer, ‘O que é toda esta tolice?’ ” (*Todos sorriem*).

Shri Ramakrishna sentou-se no divã pequeno e os devotos, no chão. Baburam e Kishori aproximaram-se rapidamente do Mestre e começaram a massagear seus pés.

Mestre (*a Kishori*): “O que houve? Por que tanto serviço hoje?”

Ramlal entrou no aposento e saudou Shri Ramakrishna, tocando o chão com a testa. Então, com grande respeito, tocou os pés do Mestre. Ia adorar a Mãe Divina no templo.

Ramlal: “Por favor permita-me ir ao santuário.”

O Mestre por duas vezes, pronunciou as palavra “Om Kali” e disse: “Faça a adoração com cuidado. Há, também, uma ovelha a ser sacrificada.”

Era meia-noite. O culto começou no templo de Kali. O Mestre foi observar a cerimônia e durante o culto, ficou perto da imagem. Era o momento da ovelha ser sacrificada. O animal foi consagrado diante da Divindade. As pessoas permaneciam em filas, observando a cerimônia. Enquanto a ovelha era levada ao bloco de madeira, Shri Ramakrishna voltou a seu quarto pois não podia suportar a cena.

Vários devotos permaneceram no templo até as duas horas da manhã. Haripada chegou e pediu-lhes para levar o prasad para o quarto do Mestre. Depois de terminarem a refeição, deitaram-se onde encontravam lugar, até o final da noite.

Já era manhã. O serviço da madrugada nos templos havia terminado e a representação teatral estava acontecendo no vestíbulo, defronte ao santuário. M. atravessava o pátio com Shri Ramakrishna. Queria despedir-se do Mestre.

Mestre: “Por que tem que ir agora?”

M.: “O senhor vai a Sinthi à tarde. Eu também pretendo estar lá. Gostaria de ir para casa, por algumas horas.”

Chegaram ao templo de Kali. Ao pé dos degraus, M. saudou o Mestre.

Mestre: “Você já vai? Está bem. Por favor, traga-me duas peças de roupa barata para mim. Vou usá-las enquanto tomo banho.”



## CAPÍTULO XXXII

### VISITA AO SINTHI BRAHMO SAMAJ

19 de outubro de 1884

**N**ESTE DIA SHRI RAMAKRISHNA novamente visitou o Sinthi Brahma Samaj. Era época do festival de outono do Samaj, que estava sendo celebrado na chácara de Benimadhav Pal. O vestíbulo fora decorado com flores e folhagens, bandeiras e festões de várias cores. Do lado de fora o céu azul de outono com suas nuvens lanosas, refletia-se na água do lago.

Shri Ramakrishna chegou às quatro e meia da tarde. Entrando no salão, inclinou-se diante do altar. Os devotos Brahmos, entre os quais viam-se Vijay e Trailokya, sentaram-se à sua volta. Um juiz substituto, membro do Brahma Samaj, estava com eles.

Trailokya entretinha os devotos com uma música melodiosa.

Mestre (*a Trailokya*): “Gosto muito daquela canção, ‘ Ó Mãe, enlouquece-me com Teu amor’. Vai cantá-la?”

Trailokya cantou:

Ó Mãe, enlouquece-me com Teu amor!  
Que necessidade tenho de conhecimento ou razão?  
Embriaga-me com o Vinho do Teu amor;  
Ó Tu, que roubas os corações dos Teus bhaktas,  
Afoga-me profundamente no Mar de Teu amor!  
Aqui neste mundo, nesta Tua casa de loucos,  
Alguns riem, alguns choram, alguns dançam de alegria.  
Jesus, Buda, Moisés, Gauranga,  
Todos estão bêbados com o Vinho do Teu amor.  
Ó Mãe, quando serei abençoado  
Ao juntar-me à Tua companhia bem-aventurada?

Enquanto ouvia a canção, a mente do Mestre sofreu uma transformação e logo entrou em samadhi profundo. Descendo um pouco para o plano do mundo dos sentidos, deu instrução aos devotos. A mente ainda estava tomada pela experiência divina. Pronunciava as palavras como se estivesse intoxicado. Gradualmente tornou-se consciente do mundo.

Mestre: ‘Ó Mãe! Não quero a felicidade da inebriação divina. Vou comer siddhi.’”

(*Aos devotos*): Por ‘siddhi’ quero dizer, alcançar a meta espiritual e não, os oitos poderes ocultos. A respeito dos poderes ocultos, Shri Krishna disse a Arjuna, ‘Amigo, se encontrar alguém que tenha adquirido apenas um dos oito poderes, tenha como certo que ele não Me realizará.’ Os poderes certamente dão orgulho e Deus não pode ser realizado se houver o o menor vestígio de orgulho.

“De acordo com uma certa escola de pensamento, há quatro tipos de devotos: o pravartaka, o sadhaka, o siddha e o siddha do siddha. Aquele que apenas começou a vida religiosa é um pravartaka. Esse homem coloca suas marcas de nome no corpo e testa, usa um rosário em volta do pescoço e escrupulosamente segue outras convenções externas. O sadhaka avançou mais. O desejo de exibição exterior diminui. Anela pela realização de Deus e ora a Ele sinceramente. Repete o nome de Deus e chama-O de coração puro. Agora, a quem devemos chamar siddha? Aquele que tem absoluta convicção de que Deus existe e é o único que faz as coisas; àquele que viu Deus. E quem é o siddha do siddha? Aquele que não somente viu Deus, mas que conversou intimamente com Ele como Pai, Filho ou Bem-amado.

“É uma coisa acreditar sem sombra de dúvida que existe fogo na madeira, mas é outra completamente diferente, obter fogo de madeira, cozinhar arroz com sua ajuda, acalmar a fome e ficar satisfeito. Essas são duas coisas totalmente diferentes.

“Ninguém pode pôr limite à experiência espiritual. No que diz respeito a uma experiência, há outra além dessa, e ainda uma outra e assim por diante.

(*Em êxtase, referindo-se aos Brahmos*) São Brahmajnanis; acreditam na Divindade sem forma. É bom.

(*Aos devotos Brahmos*) “Sejam firmes num único ideal – seja ele Deus com forma, seja ele Deus sem forma. Somente então, realizarão Deus; caso contrário, não. Com fé firme e inabalável, os seguidores de Deus com forma O realizarão, bem como aqueles que falam d’Ele como sem forma. Podem comer bolo com gelo dentro, ou do lado, mas ele terá o mesmo gosto de qualquer maneira. (*Todos riem*).

“Mas devem ter firmeza, orar a Ele de todo o coração. Sabem como é o Deus das pessoas mundanas? É como as crianças dizendo umas às outras, brincando, ‘Juro por Deus’. Aprenderam as palavras durante as brigas entre suas tias ou avós. Ou é como Deus para um janota. O janota muito bem vestido, lábios vermelhos de tanto mascar folhas de betel, caminha no jardim, bengala na mão e apanhando uma flor, exclama para o amigo, ‘Ah! Como Deus fez esta linda flor!’ Este sentimento porém, é momentâneo. Dura tanto quanto uma gota d’água numa frigideira muito quente.

“Devem ser firmes a um ideal. Mergulhem profundamente, senão não poderão apanhar as pedras preciosas do fundo do oceano. Não poderão pegar pedras se somente ficarem na superfície.”

Com estas palavras o Mestre cantou com voz suave, que encantou os corações dos devotos como Keshab:

Mergulhem fundo, mergulhem fundo no Oceano da Beleza de Deus.  
Se descer até as profundezas  
Aí encontrará uma gema de Amor. ...

Os devotos sentiram-se como se estivessem no paraíso.

Mestre (*aos Brahmos*): “Mergulhem fundo. Aprendam a amar Deus. Mergulhem no amor divino. Soube como oram. Por que vocês Brahmos ocupam-se tanto das glórias de Deus? Há necessidade de repetirem constantemente, ‘Ó Deus, Vós criastes o céu, os grandes oceanos, o mundo lunar, o mundo solar e o mundo estelar’?”

“Todo o mundo fica maravilhado à simples visão da chácara de um homem rico. Ficam mudas ao verem as árvores, flores, lagos, salas de visitas e quadros. Mas meu Deus, quão poucos buscam o dono de tudo isso! Somente um ou dois perguntam por ele. Aquele que busca Deus com o coração anelante, pode vê-Lo, falar-Lhe como estou falando com vocês. Creiam em minhas palavras quando digo que Deus pode ser visto. Mas Ó Deus! Para quem estou dizendo estas palavras? Quem acreditará em mim?”

“Pode-se encontrar Deus nos livros sagrados? Lendo as escrituras pode-se, no máximo, sentir que Deus existe, mas Deus não Se revela a um homem a não ser que ele mergulhe fundo. Somente depois desse mergulho, depois da revelação de Deus por Sua graça, a dúvida de uma pessoa é destruída. Pode-se ler mil escrituras e recitar mil textos, mas a não ser que se mergulhe em Deus com anelo no coração, se poderá compreendê-Lo. Com erudição pode-se enganar um homem, mas não, Deus.

“Escrituras e livros – o que se pode alcançar com eles? Nada pode ser realizado sem Sua graça. Lutem com um coração ansioso por Ela. Por Sua graça O verão e Ele falará com vocês.”

Juiz substituto: “Senhor, Deus concede mais graça a uns do que a outros? Se assim for, Ele pode ser acusado de parcialidade.”

Mestre: “O que está dizendo? Quer insinuar que a lua e um vaga-lume são a mesma coisa, apesar de ambos darem luz? Iswar Vidyasagar fez-me a mesma pergunta. Perguntou-me, ‘É um fato, senhor, que Deus dá mais poder a um e menos a outro?’ ‘Deus’, eu disse, ‘existe em cada ser como Espírito que a Tudo permeia. Tanto está numa formiga como em mim, mas há diferentes manifestações de Seu Poder em diferentes seres vivos. Se todos são iguais, por que viemos aqui para vê-lo, atraídos por seu renome? Cresceram-lhe um par de cornos? Ó, não! Não é isso. O senhor tem compaixão; tem erudição; há um grau maior dessas virtudes no senhor do que nos outros homens. Há razão para que o senhor seja tão conhecido.’ Não vê que há homens que somente com as mãos, podem derrotar uma centena de pessoas? Também, um homem pode sair correndo com medo; o senhor também pode ver pessoas assim. Se não houvesse manifestações diferentes de poder, em seres distintos, por que as pessoas respeitam tanto Keshab Sen?”

“Está dito no *Gita* que se um homem for respeitado e honrado por muitos, seja pela erudição, música, oratória ou qualquer outra arte ou ciência, pode-se estar certo de que é dotado de um poder divino todo especial.

Um Brahma (*ao juiz substituto*): “Por que o senhor não aceita o que ele diz?”

Mestre (*asperamente ao Brahma*): “Que tipo de homem você é? Aceitar palavras sem convicção? Ora, isso é hipocrisia! Vejo que é apenas um dissimulado.”

O Brahma ficou embaraçado.

Juiz substituo: “Senhor, devemos renunciar ao mundo?”

“Mestre: “Não. Por que deveria? Um homem pode realizar Deus mesmo que esteja no mundo. Mas no começo, deve passar alguns dias em solidão. Deve praticar disciplina espiritual num lugar solitário, alugar um quarto perto de sua casa para que possa vir em casa somente para as refeições. Keshab, Pratap e outros disseram-me: ‘Senhor, seguimos o ideal do rei Janaka.’ ‘Simples palavras não fazem um rei Janaka.’, respondi. ‘Quanta austeridade em solidão ele primeiro teve de fazer e, solidão – ficar de cabeça para baixo<sup>1</sup> e assim por diante! Façam alguma coisa em primeiro lugar e depois, podem se tornar um rei Janaka.’

“Vocês vêem um homem escrever inglês fluentemente. Poderia tê-lo feito assim, desde o começo? Talvez fosse filho de pais pobres: fosse cozinheiro numa família e ganhasse comida pelo serviço. Talvez tenha lutado muito para continuar os estudos. Só depois de todo esse esforço, é que agora pode escrever em inglês de forma fluente.

“Além disso’, eu disse a Keshab, como pode o homem mundano ser curado de uma doença séria, a menos que vá para a solidão?” O homem mundano está sofrendo, por assim dizer, de febre delirante. Suponhamos que haja pickles de tamarindo e jarros de água, no quarto de um paciente. Bem, como se pode esperar que se cure da enfermidade? Veja, a simples menção de pickles dá água em minha boca! (*Todos riem*) Podem bem imaginar o que acontecerá se o tamarindo realmente for colocado em minha frente. Para um homem, uma mulher é o pickles de tamarindo e seu desejo de prazer, os jarros de água. Não há limite para este desejo de gozo mundano. E as coisas estão no próprio aposento do paciente. Pode-se esperar que o paciente se livre assim, da febre delirante? Ele deve ser removido por alguns dias para um outro lugar, onde já não há nem pickles de tamarindo, nem jarros de água e, então ficará curado. Depois, se voltar para o seu velho quarto, nada terá a temer. ‘Mulher e ouro’ não podem fazer qualquer dano àquele que vive no mundo, depois de alcançar Deus. Só então ele poderá levar uma vida desapegada no mundo, como fez o rei Janaka. Porém, no começo, tem que ser cauteloso. Deve praticar disciplina espiritual em estrita solidão. A árvore peepal, quando nova, é cercada para ser protegida do gado, mas não há necessidade de cerca quando o tronco cresce grosso e forte. Então nenhum mal poderá ser feito à árvore, mesmo se um elefante for amarrado a ela. ‘Mulher e ouro’ não serão capazes de lhe fazer o menor mal, se você for para casa e levar a vida de um chefe de família, depois de au-

<sup>1</sup> Um dos exercícios praticado às vezes por um hatha yogi; também, uma expressão para descrever a austeridade da Yoga em geral.

mentar sua força espiritual e desenvolver amor pelos Pés de Lótus de Deus, através da prática espiritual na solidão.

“Um homem coloca leite num lugar tranqüilo e depois, extrai a manteiga do coalho. Depois de ter extraído a manteiga de Devoção e Conhecimento do leite da mente, se mantiver essa mente transformada na água do mundo, flutuará no mundo, desapegado, mas se a mente em seu estado ‘verde – isto é, quando é somente leite – for mantida na água do mundo, então o leite e a água não se misturarão. Nesse caso será impossível para a mente, flutuar no mundo de forma desapegada.

“Viva no mundo e a fim de realizar Deus, agarre-se firme aos Seus Pés de Lótus com uma das mãos e com a outra, faça seus deveres. Quando tiver folga das obrigações, agarre-se aos Pés de Lótus de Deus com ambas as mãos – viva na solidão, medite n’Ele e sirva-O incessantemente.”

Juiz substituto (*alegremente*): “Senhor, estas são certamente palavras muito lindas. Claro que devemos praticar disciplina espiritual na solidão, mas nos esquecemos de tudo. Pensamos que podemos nos transformar em rei Janaka imediatamente. (*O Mestre e os devotos riem*). Sinto-me feliz, com paz, ao ouvir que não há necessidade de desistir do mundo e que Deus pode ser realizado, também, em nossos lares.”

Mestre: “Por que o senhor haveria de abandonar o mundo? Uma vez que deve lutar, é sábio lutar dentro de um forte. Deve lutar contra os órgãos dos sentidos, contra fome e sede. Portanto, será sábio enfrentar a batalha no mundo. Além disso, no Kaliyuga, a vida de um homem depende do alimento. Se um dia não tiver nada para comer, esquecerá de tudo sobre Deus. Certa vez um homem disse à esposa: ‘Vou abandonar o mundo.’ Era uma mulher sensata. Disse: ‘Por que deve vaguear por aí? Se não tiver que bater em dez portas para comer, vá, mas se este for o caso, é melhor viver aqui mesmo.’

“Novamente digo, por que o senhor deve abandonar o mundo? Achará mais conveniente ficar em casa. Não se preocupará com o alimento. Pode até viver com a esposa. Não se prejudicará e encontrará à mão tudo o que o corpo necessita, em momentos diferentes. Quando ficar doente, terá alguém para cuidar do senhor.

“Sábios como Janaka, Vyasa e Vashishtha viveram no mundo depois de alcançar o Conhecimento. Lutaram com duas espadas, uma do Conhecimento e outra, da ação.”

Juiz substituto: “Como podemos saber se temos Conhecimento?”

Mestre: “Quando se tem Conhecimento não se vê mais Deus à distância. Não se pensa mais n’Ele como ‘Ele’. Ele se torna ‘Esse’, e então Ele é visto no coração. Deus existe em todos. Quem O busca, realiza-O.”

Juiz substituto: “Senhor, sou pecador. Como posso dizer que Deus mora em mim?”

Mestre: “Este é o único problema com vocês, Brahmos. É sempre pecado e mais pecado! Este é o ponto de vista cristão, não é? Uma vez alguém me deu uma Bíblia. Leram para mim uma parte que estava cheia somente de uma coisa – pecado e mais pecado! Deve-se ter uma tal fé que se possa dizer: ‘Pronunciei o nome de Deus; repeti o nome de Ram ou Hari. Como posso ser pecador?’ Deve-se ter fé na glória do nome de Deus.”

Juiz substituto: “Senhor, como se pode ter essa fé?”

Mestre: “Tenha amor apaixonado por Deus. Uma de suas canções Brahma diz:

Ó Senhor, é alguma vez possível conhecer-Te sem amor,  
Por mais que se tenha praticado adoração e sacrifício?

“Ore em segredo a Deus com anelo, para que tenha desapego e devoção apaixonada por Ele. Derrame lágrimas. Um homem derrama um jarro de lágrimas pela esposa doente, porque está perdendo dinheiro ou preocupado com emprego. Mas diga-me, quem chora por Deus?”

Trailokya: “Senhor, onde está o tempo livre das pessoas? Devem servir seus senhores ingleses.”

Mestre: “Ora, então dê procuração a Deus. Se um homem confia seus negócios a uma pessoa íntegra, ela lhe fará algum mal? Com toda sinceridade de seu coração, entregue-se a Deus e retire todas as preocupações da mente. Faça quaisquer obrigações que Ele lhe confiou. Um gatinho não é calculista, apenas chora. ‘Miau, miau!’ Deita na cozinha satisfeito se a mãe o deixa lá e somente chama a mãe chorando., ‘Miau, miau!’ Tem o mesmo contentamento quando a gata o coloca na cama do dono da casa. Somente chora por sua mãe.”

Juiz substituto: “Senhor, somos chefes de família. Por quanto tempo temos que fazer nossos deveres mundanos?”

Mestre: “Certamente que o senhor tem dever a cumprir. Deve educar os filhos, sustentar a esposa e ampará-la no caso de sua morte. Se não o fizer eu o considerarei uma pessoa insensível. Sábios como Shukadeva, tiveram compaixão. Aquele que não possui compaixão não é um homem.

“Juiz substituto: “Por quanto tempo uma pessoa tem que sustentar os filhos?”

“Mestre: “Enquanto não tenham atingido a maioridade. Quando o filhote se torna pássaro adulto e pode cuidar de si mesmo, a mãe pássaro o bica e não lhe permite aproximar-se dela.”(Todos riem).

Juiz substituto: “Qual é o dever de um chefe de família para com a esposa?”

“Mestre: “Deve dar-lhe conselho espiritual e amparo enquanto viver e prover seu sustento depois de sua corte, se for uma pessoa fiel.

“Mas se o senhor estiver intoxicado com o Conhecimento de Deus, então, não tem mais dever a fazer. O Próprio Deus – pensará sobre o seu amanhã se não puder fazê-lo. O Próprio Deus pensará a respeito de sua família se estiver intoxicado por Ele. Se um proprietário morre deixando um filho menor, o tutor nomeado pela corte, tomará conta dele. Estes são todos assuntos da lei: o senhor os conhece.”

Juiz substituto: “Sim, senhor!”

Vijay: “Ah! Que palavras preciosas! O Próprio Deus carrega em Seus ombros toda a responsabilidade de uma pessoa que pensa n’Ele com devoção pura e está louca de amor divino. Um menor obtém seu guardião sem buscá-lo. Ó quando terei este estado mental? Quão felizes são os que se sentem assim!”

Trailokya: “É possível alguma vez, senhor, ter verdadeiro conhecimento de Deus, enquanto se vive no mundo? Pode-se realizar Deus aqui?”

Mestre (com um sorriso): “Por que se preocupa? Está saboreando tanto o melado como o açúcar refinado.(Todos riem). Está vivendo no mundo com a mente em Deus. Não é verdade? Por que não deveria alguém realizar Deus no mundo? Certamente que pode.”

Trailokya: “Quais são os sinais de um chefe de família que atingiu Conhecimento?”

Mestre: “Lágrimas fluirão e o pelo de seu corpo se eriçará. Assim que ouvir o doce nome de Deus os pelos de seu corpo se eriçam, numa alegria feliz e lágrimas rolarão pelas suas faces.

“Um homem não pode livrar-se da consciência do corpo enquanto estiver apegado às coisas do mundo e amar ‘mulher e ouro’. À medida que se torna desapegado das coisas mundanas, aproxima-se cada vez mais do Conhecimento do Ser. Torna-se também, menos consciente do corpo. Atinge Conhecimento do Ser, quando os apegos mundanos desaparecerem totalmente. Então realiza que o corpo e a alma são duas coisas separadas. É muito difícil separar com uma faca, a polpa da casca de um coco, antes que a água do seu interior tenha secado. Quando a água seca, a polpa chacoalha dentro da casca e ela se desprende da casca. Assim a fruta é chamada coco seco.

“O sinal de um homem que realizou Deus é que ele se torna como um coco seco. Torna-se completamente livre da consciência de que é o corpo. Não se sente feliz ou infeliz com a felicidade ou infelicidade do corpo. Não procura os confortos materiais. O devoto de Kali é um jivanmukta, pleno de Felicidade Eterna.

“Quando vir que a simples menção do nome de Deus traz lágrimas aos seus olhos, e faz seu cabelo eriçar, saiba que se libertou do apego a ‘mulher e ouro’ e alcançou Deus. Se os fósforos estão secos, obtém-se uma faísca riscando somente um deles, mas se estão úmidos, não se

obtem uma faísca mesmo que se risquem cinquenta, somente os fósforos são desperdiçados. De maneira semelhante, se a mente estiver mergulhada no prazer das coisas do mundo, em ‘mulher e ouro’, a Consciência de Deus não será acesa em você. Pode tentar mil vezes, mas todos seus esforços serão inúteis, mas logo que o apego aos prazeres seque, a fagulha de Deus flameja.”

Trailokya: “Qual a maneira de secar o anseio pelo prazer do mundo?”

Mestre: “Orar à Mãe Divina com um coração anelante. Sua visão seca todo anseio pelo mundo e destrói completamente todo apego à ‘mulher e ouro’. Isso ocorre se pensar n’Ela como sua própria mãe. De jeito algum ela é sua madrinha, é sua própria mãe. Com o coração ansioso persiste nos seus pedidos a Ela. A criança agarra-se na saia da mãe e pede dinheiro para comprar uma pipa. Talvez a mãe esteja conversando com as amigas. No início recusa-se a dar dinheiro e diz à criança: “Não, não pode tê-lo. Seu pai pediu-me para não lhe dar dinheiro. Quando ele voltar para casa, vou perguntar-lhe sobre isto. Terá problemas se brincar com uma pipa agora.’ A criança começa a chorar e não desiste do pedido. A mãe diz às amigas: ‘Desculpem-me por um momento. Deixe-me acalmá-la.’ Imediatamente abre a caixa de dinheiro com um clique e dá o dinheiro à criança.

“Deve também, fazer seu pedido à Mãe Divina que virá a você sem falta. Uma vez eu disse a mesma coisa a alguns Sikhs, quando visitaram o templo da Dakshineswar. Estávamos conversando defronte ao templo de Kali. Disseram, ‘Deus é misericordioso.’ ‘Por que misericordioso?’ perguntei. Disseram, ‘Ora, reverenciado senhor, Ele constantemente toma conta de nós, dá-nos retidão e riqueza e nos provê com alimento.’ ‘Suponhamos’ eu disse, ‘que um homem tenha filhos. Quem cuidará deles e lhes proverá comida – seu próprio pai, ou um homem de outro vilarejo?’ ”

Juiz substituto: “Então, senhor, Deus não é misericordioso?”

Mestre: “Por que o senhor pensa assim? Fiz somente um comentário. O que quero dizer é que Deus é nosso amigo muito íntimo. Podemos forçá-Lo. Com pessoas muito íntimas podemos mesmo ir tão longe e dizer: ‘Seu miserável! Não vai me dar?’”

(Ao Juiz substituto): “Vou perguntar-lhe uma coisa. Vaidade e egoísmo são resultado de conhecimento ou de ignorância? Egoísmo é da natureza de tamas: é gerado pela ignorância. Devido à barreira do ego, uma pessoa não vê Deus. ‘Todas as tribulações terminam quando o ego morre.’ É inútil ser egoísta. Nem o corpo, nem a riqueza perduram. Uma vez um bêbado estava olhando para a imagem de Durga. À vista de Suas jóias, disse: ‘Bem, Mãe! Mesmo que possas Te arrumar, daqui a dois ou três dias, eles Te arrastarão para fora e Te jogarão no Ganges.’” (*Todos riem*).

“Digo a vocês, sejam juiz ou qualquer um, que tudo dura dois dias somente, portanto, devem abandonar a vaidade e o orgulho.

“As características de sattva, rajas e tamas são bem diferentes. Egoísmo, sono, luxúria, raiva e outros defeitos, são traços de pessoas tamásicas. Homens com rajas enredam-se em muitas atividades. Homens assim têm roupas novinhas em folha. A casa é impecavelmente limpa. Um retrato da Rainha<sup>3</sup> está dependurado na parede de sua sala de vistas. Ao adorar Deus, usa roupa de seda, usa um rosário de rudraksha em volta do pescoço e entre as contas, há algumas de ouro. Quando alguém vai ao templo de sua casa, ele mesmo age como guia. Depois de mostrá-lo, diz ao visitante: ‘Por favor, venha por aqui. Há outras coisas, também – o chão de mármore branco e o natmandir com seus sete lindos entalhes.’ Faz ostentação de seus atos de caridade, mas um homem dotado de sattva é calmo e cheio de paz. No que diz respeito à roupa, qualquer uma serve. Ganha somente o dinheiro suficiente para dar ao estômago a comida mais simples; jamais lisonjeia as pessoas para conseguir dinheiro. A casa necessita de conserto. Jamais se preocupa com a roupa das crianças. Não anda atrás de nome e fama. Sua adoração, caridade e meditação são feitas em segredo: ninguém sabe de nada a respeito. Medita dentro do mosqueiro. As pessoas pensam

<sup>2</sup> Alusão à imersão da imagem depois do culto.

<sup>3</sup> Rainha Victoria.

que não dormiu bem à noite e por isso, dorme até tarde. Sattva é o último degrau da escada; em seguida, vem o terraço. Assim que sattva é alcançado, não demora para se atingir Deus. Um passo adiante e Deus é realizado. (*Ao juiz substituto*) O senhor não disse que todos os homens são iguais? Agora pode ver que há muitas variedades da natureza humana.

“Há ainda outras classes e espécies de pessoas. Por exemplo, há os que são eternamente livres, aqueles que atingiram a liberação, aqueles que lutam pela liberação e aqueles enredados no mundo. Tantas variedades de homens! Sábios como Narada e Shukadeva são eternamente livres. Há aqueles que, como um vapor, não somente cruzam o oceano, mas também, carregam grandes animais, até um elefante. Além disso a alma que é eternamente livre é como o superintendente de uma propriedade. Depois de conseguir manter sob controle parte da propriedade, vai para outra. Aqueles que lutam por liberação dedicam-se de coração e alma para se libertarem da rede do mundo. Um ou dois podem sair dela. São chamados liberados. As almas que são eternamente livres, são como peixes espertos que não são apanhados na rede.

“Mas almas que estão enredadas, envolvidas no mundanismo, jamais tomam consciência. Permanecem na rede, mas nem mesmo têm consciência que estão presas. Se alguém falar de Deus diante delas, imediatamente deixam o recinto. Pensam: ‘Por que Deus agora? Pensaremos n’Ele na hora da morte.’ Mas quando estão em seu leito de morte, dizem às esposas ou filhos: ‘Por que puseram tanto pavio no lampião? Usem somente um, senão o óleo demais se queimará.’ Quando estão morrendo, pensam na esposa e filhos e choram: ‘Meu Deus! O que acontecerá com eles depois de minha morte?’

“As almas enredadas repetem as mesmas ações que as fizeram sofrer tanto. São como o camelo que comem arbustos espinhosos até que o sangue escorra de sua boca, mas ainda assim, não desistem deles. Um homem assim, pode ter perdido o filho e estar tomado pela dor, mas ainda terá filhos, ano após ano. Pode arruinar-se com o casamento da filha, mas continua tendo filhos todos os anos. Diz: ‘O que posso fazer? É a minha sina!’ Quando vai a um lugar sagrado não tem tempo para pensar em Deus. Quase se mata, carregando fardos para a esposa. Ao entrar no templo fica ansioso para dar ao filho água benta para beber ou o faz rolar, mas não tem tempo para suas práticas. Essas pessoas estão ligadas como escravos a seu amo, a fim de ganharem comida para si mesmos e suas famílias. Gastam dinheiro mentindo, enganando ou adulando. Riem daqueles que pensam em Deus e meditam n’Ele, chamando-os de lunáticos.

“Assim o senhor vê quantas espécies diferentes de homens existem. O senhor disse que todos os homens são iguais, mas quantas variedades há! Alguns têm mais poder, outros, menos.

“As pessoas enredadas, apegadas ao mundanismo, falam somente de coisas do mundo, na hora da morte. De que serve a esses homens repetir o nome de Deus para o exterior, tomar banho no Ganges ou visitar lugares sagrados? Se cultivam dentro de si mesmos apego ao mundo, esse apego surgirá na hora da morte. Deliram e falam coisas incoerentes. Talvez gritem em delírio: ‘Pó de açafreão! Tempero! Folha de louro!’ O papagaio que canta, quando livre, repete os santos nomes de Radha e Krishna, mas quando é apanhado por um gato, emite seu próprio som natural e grita, ‘Kaa! Kaa!’ Diz-se no *Gita* que o que uma pessoa pensa na hora da morte, torna-se verdadeiro na próxima vida. O rei Bharata deixou o corpo exclamando, ‘Veado! Veado!’ e nasceu como aquele animal na encarnação seguinte, mas se um homem morre pensando em Deus, atinge Deus e não tem que voltar à vida deste mundo.”

Um devoto Brahma: “Senhor, suponhamos que um homem tenha pensado em Deus muitas vezes durante a vida, mas na hora da morte, esquece-se d’Ele. Será que por isso tenha que voltar a este mundo de tristeza e sofrimento? Por que tem que ser assim? Certamente pensou em Deus alguma vez durante a vida.”

Mestre: “Um homem pensa em Deus, sem dúvida, mas não tem fé n’Ele. Repetidas vezes esquece-se d’Ele e fica apegado ao mundo. É como dar banho num elefante; logo em seguida ele cobre novamente o corpo de lama e sujeira. ‘A mente é um elefante louco.’ Mas se você fizer o elefante entrar no estábulo imediatamente após o banho, ele permanece limpo. Da mesma manei-

ra, se um homem pensa em Deus na hora da morte, a mente torna-se pura e não tem mais oportunidade de apegar-se a ‘mulher e ouro’.

“O homem não tem fé em Deus. É por esta razão que sofre tanto. Dizem que quando se mergulha nas águas sagradas do Ganges, os pecados ficam empoleirados numa árvore da margem. Logo que se sai da água após o banho, os pecados pulam novamente nos seus ombros. (*Todos riem*). Um homem deve preparar o caminho com antecedência, de forma que possa pensar em Deus na hora da morte. O caminho é delineado através da prática constante. Se um homem praticar meditação em Deus, lembrar-se-á de Deus mesmo no último dia de sua vida.”

Devoto Brahma: “O senhor falou lindamente. Realmente lindas palavras.”

Mestre: “Ó, esta é somente uma conversa simples, mas sabe qual é o meu sentimento interior? Sou a máquina e Deus, o Operador. Sou a casa e Ele é o Morador. Sou o motor e Ele, o Mecânico. Sou a carruagem e Ele, o Condutor. Movo-me como Ele me faz mover; faço o que Ele me faz fazer.”

Logo Trailokya começou a cantar com acompanhamento de tambores e pratos. Shri Ramakrishna dançou, intoxicado pelo amor divino. Muitas vezes entrou em samadhi. Permaneceu imóvel, olhos fixos, rosto radiante com uma das mãos no ombro de um discípulo bem-amado. Descendo um pouco do êxtase, dançou novamente como um elefante louco. Retomando à consciência do mundo exterior, improvisou versos para a música:

Ó Mãe, dança em volta de Teus devotos!  
 Dança Tu mesma e faz todos dançarem também.  
 Ó Mãe, dança no lótus do meu coração.  
 Dança, Ó Tu o sempre abençoado Brahman!  
 Dança em toda Tua beleza que seduz o mundo.

Uma cena indescritível. A dança delicada e celestial de uma criança completamente tomada de amor divino e identificada de coração e alma com a Mãe Divina. Os devotos Brahmos dançaram em volta do Mestre repetidamente, atraídos como ferro pelo ímã. Com vozes tomadas pela emoção divina cantavam o nome de Brahman. Novamente cantaram o nome da Mãe Divina. Muitos deles choravam como crianças, gritando, “Mãe! Mãe!”

Quando a música acabou, os devotos e o Mestre sentaram-se. Embora já fossem mais ou menos oito horas da noite, o culto da tarde do Brahma Samaj ainda não havia começado. Na alegria dessa música divina havia esquecido tudo a respeito do culto formal. Vijay, que deveria conduzir o serviço da tarde, permanecia olhando para o Mestre. Sua sogra e outras senhoras Brahmos queriam ver Shri Ramakrishna. Ele as recebeu em outro aposento.

Depois de um certo tempo o Mestre voltou e disse a Vijay: “Que devoção a Deus sua sogra tem! A respeito da vida mundana, ela disse: ‘Ó, o senhor não necessita falar-me sobre o mundo. Logo que uma onda desaparece, outra se levanta.’ ‘Mas’, eu disse, ‘o que significa isso para a senhora? A senhora tem conhecimento.’ Ela respondeu: ‘Onde está meu conhecimento? Ainda não fui capaz de ir além de vidyamaya e avidyamaya. Não me ajudará muito ir além apenas da ilusão da ignorância. Tenho que transcender a ilusão do conhecimento, também. Somente então, terei o verdadeiro conhecimento de Deus. Estou citando suas próprias palavras.”

Enquanto conversavam, Beni Pal, o anfitrião, entrou no aposento.

Beni (*a Vijay*): “Senhor, por favor levante-se. Já está tarde. Dê início ao culto..”

Mestre (*com um sorriso*): “Os devotos buscam oferendas de acordo com seus temperamentos. O devoto sattvico oferece à Divindade simples pudim de arroz e o devoto rajásico, cinquenta diferentes. O tamásico mata cabras e outros animais.

“Vijay hesitava em ir para a plataforma para fazer o culto. Disse ao Mestre, “Farei o culto da plataforma somente se o senhor me der sua bênção.”

Mestre: “Estará bem, se não tiver qualquer egoísmo, qualquer sentimento de vaidade: ‘Estou fazendo uma conferência. Ouçam-me’. O que o egoísmo gera? Conhecimento ou ignorância?”

Somente o humilde alcança o Conhecimento. É num lugar baixo que a água da chuva fica represada, ela desce de um ponto alto.

“Um homem não alcança Conhecimento nem liberação, enquanto tiver egoísmo. Volta repetidamente a este mundo. O bezerro berra ‘Hamba! Hamba!’, isto é, ‘eu! Eu!’. É por esta razão que sofre tal agonia. O açougueiro mata-o e o sapateiro faz sapatos de seu traseiro. Além disso, o traseiro é usado para fazer tambores, que é batido sem piedade. Todavia não terminou sua infelicidade! Finalmente uma cardadeira é feita de suas tripas. Enquanto cardando o algodão, a máquina faz o barulho de ‘Tuhu! Tuhu!’, isto é, ‘Tu, Tu!’. Então o pobre bezerro fica aliviado do sofrimento. Não mais diz: ‘Hamba! Hamba!’ mas repete ‘Tuhu! Tuhu!’ O bezerro, por assim dizer, diz: ‘Ó Deus, Tu és O que faz e eu, não sou nada. Tu és o Operador e eu sou a máquina. Tu és tudo.’

“Três palavras – ‘mestre’, ‘instrutor’ e ‘pai’ – espetam-me como espinhos. Sou filho de Deus, Sua eterna criança. Como posso ser um ‘pai’? Somente Deus é o Amo, sou Seu instrumento. Ele é o operador, sou a máquina.

“Se alguém dirige-se a mim como guru, digo-lhe: ‘Vá embora, tolo! Como posso ser um instrutor?’ Não há instrutor a não ser Satchidananda. Não há refúgio, exceto n’Ele. Somente Ele é o barqueiro que leva uma pessoa através do oceano do mundo. (*A Vijay*) É muito difícil agir como acharya. Fere o próprio acharya. Ao encontrar um número de pessoas prestando-lhe reverência, ele se senta ereto, cruzando as pernas e diz orgulhosamente: ‘Estou pregando. Ouçam todos vocês!’ Esta é uma atitude muito ruim. Ganha-se um pouco de prestígio e acaba por aí. No máximo as pessoas dizem: ‘Ah! Vijay Babu falou muito bem. Ele sabe muito?’ Jamais cultivo a atitude, ‘Estou pregando’. Sempre digo à Mãe Divina, ‘Ó Mãe! Tu és a Operadora, eu sou a máquina. Faço o que Tu me fazes fazer, falo o que Tu me fazes falar.’ ”

Vijay (*humildemente*): “Por favor, dê-me sua permissão. Só então irei para a plataforma.”

Mestre (*com um sorriso*): “O que direi? Ore você mesmo a Deus. Ele pertence a todos, assim como a ‘Tia Lua’<sup>4</sup> que é a tia de todas as crianças. Não terá nada a temer se for sincero.”

Sendo mais tarde requisitado por Vijay, o Mestre disse: “Sim, vá. Siga as regras. Tudo está bem se uma pessoa tiver amor sincero por Deus.”

Vijay sentou-se na plataforma e conduziu o culto de acordo com as regras do Brahma Samaj. No momento da oração chamava pela Mãe repetidamente, tocando os corações de todos. Depois do culto o anfitrião ofereceu ao Mestre e aos devotos uma festa suntuosa.

Logo estavam prontos para voltar para casa. Shri Ramakrishna começou a conversar com Vijay. Não havia ninguém presente, exceto M.

Mestre: “Você orou a Deus, dirigindo-se a Ele como Mãe. Isto é muito bom. As pessoas dizem que o apego da mãe à criança é mais forte do que o do pai. Um filho pode forçar seu pedido à mãe mas não, a seu pai. Uma vez carros carregados com dinheiro vinham da propriedade da mãe de Trailokya. Estavam guardados por homens fortes de turbante vermelho, armados com grandes varas. Trailokya, que esperava na estrada com seus homens, lançou-se sobre o dinheiro e o tomou à força. Um filho tem direito forte sobre a riqueza de sua mãe. As pessoas dizem que a mãe não pode processar um filho na corte de justiça.”

Vijay: “Se Brahman é nossa Mãe, então Ele é com forma ou sem forma?”

Mestre: “Aquele que é Brahman é também, Kali, a Mãe, a Energia Primordial. Quando inativa é chamada Brahman. Assim também, quando criando, preservando e destruindo, é chamada Shakti. A água parada é uma ilustração de Brahman. A mesma água, movendo-se em ondas, pode ser comparada à Shakti, Kali. Qual é o significado de Kali? Aquela que comunga com Maha-Kala, a Absoluta, é Kali. É sem forma e também, tem forma. Se você acreditar no aspecto sem forma, então medite nele. Se meditar em qualquer aspecto d’Ela, com convicção firme, Ela lhe fará conhecer Sua verdadeira natureza. Aí compreenderá que não somente Deus existe, mas que Ele se aproximará e conversará com você como estou falando agora. Tenha fé e alcançará tudo.

<sup>4</sup> No folclore de Bengala, diz-se às crianças que a lua é sua tia materna.

Lembre-se disso também. Se acreditar que Deus é sem forma, agarre-se a essa crença com firme convicção. Mas não seja dogmático, jamais diga enfaticamente sobre Deus que Ele pode ser somente isto e não, aquilo. Pode dizer, ‘Acredito que Deus é sem forma, mais Ele pode ser muitas coisas mais. Somente Ele sabe o que mais pode ser. Não sei, não compreendo’. Como pode um homem com um pouco de inteligência, conhecer a natureza real de Deus? e Deus, por Sua graça, alguma vez, revelar-Se ao Seu devoto e o fizer compreender, então, ele saberá, mas não, de outra modo.

“Aquele que é Brahman é Shakti, e Aquele, também, é a Mãe.

É Ele, diz Ramprasad, de quem me aproximo como Mãe!  
Mas devo desistir do segredo, aqui no mercado?  
Das sugestões que dei, Ó mente, adivinho quem é esse Ser!

Ramprasad quer dizer que conheceu a verdade de Brahman. Dirige-se a Ele como Mãe.

“Em outra canção, Ramprasad era essa a mesma idéia assim:

Conhecendo o segredo que Kali é una com o mais elevado Brahman,  
Descartei uma vez por todas, tanto dharma como adharma.

Adharma significa ações más, proibidas pela religião. Dharma significa ações piedosas prescritas pela religião como por exemplo, caridade com os pobres, alimentar os brahmins etc.

Vijay: “O que resta se uma pessoa renuncia tanto ao dharma como ao adharma?”

Mestre: “Puro amor de Deus. Orei à Mãe Divina: ‘Ó Mãe, olha, toma Teu dharma; olha, toma Teu adharma e dá-me puro amor por Ti. Olha, toma Teu Conhecimento, olha, toma Tua ignorância e dá-me puro amor por Ti’. Nem mesmo pedi conhecimento e reconhecimento público. Quando se renuncia tanto ao dharma como ao adharma, permanece apenas puro amor por Deus – amor sem mácula, sem desejo egoísta e que se sente somente por amor ao amor.”

Devoto Brahmo: “É Deus diferente de Sua Shakti?”

Mestre: “Depois de alcançar Conhecimento Perfeito, realiza-se que não são diferentes. São o mesmo, como a pedra preciosa e seu brilho. Pensando na pedra preciosa, só se pode pensar em seu brilho. Assim também são o leite e sua brancura. Pensando num, deve-se pensar também, no outro, mas você não pode realizar esta não-dualidade antes de atingir o Conhecimento Perfeito. Alcançando Conhecimento Perfeito, entra-se em samadhi, além dos vinte e quatro princípios cósmicos. Portanto, o princípio do ‘eu’ não existe nesse estágio. Um homem não pode descrever em palavras, o que sente em samadhi. Descendo, pode apenas dar uma idéia a esse respeito. Desço cem cúbitos, por assim dizer, ao dizer: ‘Om’ depois do samadhi. Brahman está além das prescrições dos Vedas e não pode ser descrito. Aí não há nem ‘eu’ nem ‘você’.

“Enquanto um homem for consciente do ‘eu’ e ‘você’, enquanto sentir que é ele quem ora ou medita, sentirá que Deus está ouvindo sua prece e que Deus é uma Pessoa. Deve dizer, ‘Ó Deus, Tu és o Amo e eu Teu servo, Tu és o Todo e eu sou uma parte de Ti. Tu és a Mãe e eu sou Teu filho’. Nesse momento existe um sentimento de diferença: ‘Sou um e Tu és outro.’ É o Próprio Deus que nos faz sentir esta diferença e, devido a esta diferença, uma pessoa vê homem e mulher, luz e escuridão e assim por diante. Enquanto se estiver consciente dessa diferença deve-se aceitar Shakti, o Deus Pessoal. É Deus quem pôs a ‘consciência do eu’ em nós. Pode-se raciocinar mil vezes, mesmo assim, este ‘eu’ não desaparece. Enquanto a ‘consciência do eu’ existir, Deus revela-Se a nós como Pessoa.”

“Por conseguinte, enquanto um homem estiver consciente do ‘eu’ e da diferença, não pode falar do Brahman sem atributos e deve aceitar Brahman com atributos. Este Brahman com atributos foi considerado nos Vedas, Puranas e Tantras, como sendo Kali, a Energia Primordial.”

Vijay: “Como, senhor, como se pode ter a visão da Energia Primordial e atingir Brahmajñana, o Conhecimento do Brahman sem atributos?”

Mestre: “Ore a Ele com um coração anelante e chore. Isto purificará seu coração. Veja a reflexão do sol na água límpida. No espelho de sua ‘consciência do eu’, o devoto vê a forma da Energia Primordial, Brahman com atributos, mas o espelho deve estar muito bem limpo. Não se pode ver a reflexão correta, se houver a menor sujeira no espelho.

“Enquanto um homem tiver que ver o Sol na água de sua ‘consciência do eu’ e não tiver outros meios de vê-Lo, enquanto não tiver meio algum de ver o Sol real, exceto por Seu reflexo, o sol refletido será cem por cento real para ele. Enquanto o ‘eu’ é real, será o sol refletido real – cem por cento real. Esse sol refletido nada mais do que a Energia Primordial.

“Mas se você busca Brahmajnana, o Conhecimento do Brahman sem atributos, então, prossiga em direção ao Sol real através de Seu reflexo. Ore a Brahman com atributos que ouve suas preces e Ele próprio lhe dará completo Conhecimento de Brahman sem atributos, porque Aquele que é Brahman com atributos é verdadeiramente Brahman sem atributos, e o que é Brahman, é na verdade Shakti. Realiza-se esta não-dualidade depois de se alcançar Conhecimento Perfeito.

“A Mãe Divina também dá a Seu devoto Brahmajnana, mas um verdadeiro amante de Deus geralmente não procura o Conhecimento de Brahman.

“Há outro caminho, o caminho do Conhecimento, que é muito difícil. Vocês, membros do Brahma Samaj, não são jnanis. São bhaktas. O jnani crê que somente Brahman é real e o mundo ilusório, como um sonho. Para ele, ‘eu’ e ‘você’ somos ilusórios como um sonho.

“Deus é o nosso Controlador Interior. Ore a Ele com um coração puro e sem malícia. Ele lhe explicará tudo. Abandone o egoísmo e tome refúgio n’Ele e então realizará tudo.”

O Mestre cantou:

More, Ó mente, dentro de si mesma.  
E não, na casa de ninguém.  
Se você apenas procurar ali, encontrará  
Tudo o que está buscando.

Deus, a verdadeira Pedra Filosofal  
Que responde a todas as perguntas,  
Jaz escondido no fundo de seu coração.  
A pedra mais rica de todas.

Quantas pérolas e pedras preciosas  
Estão espalhadas pela sala que precede  
A câmara do seu coração!

Continuou: “Quando se misturar com pessoas que não pertencem ao seu Brahma Samaj, ame a todos. Quando estiver na companhia de todas elas, seja um deles. Jamais sejam maus. Não torçam o nariz, dizendo: ‘Ó este homem acredita em Deus com forma e não, no Deus sem forma. Aquele homem acredita em Deus sem forma e não, em Deus com forma. Este homem é um cristão, este outro é um hindu e aquele, um muçulmano.’ É somente Deus que nos faz ver as coisas de maneiras diferentes. Saiba que as pessoas têm natureza diferente. Compreenda isso e junte-se a elas tanto quanto possível, mas entre em sua câmara interior para desfrutar paz e felicidade.

Acendendo o lampião do Conhecimento, na câmara de seu coração,  
Contemple o rosto da Mãe, Personificação de Brahman.

Só poderá ver seu verdadeiro Eu, dentro de sua própria câmara. Os pastores levam as vacas para pastar onde todas se misturam, formam um só rebanho, mas ao voltar para o curral à tarde, o gado é separado. Cada vaca fica em sua bala, portanto, more sozinho em sua câmara.

“Eram dez horas da noite. O Mestre entrou na carruagem para voltar a Dakshineswar. Um ou dois devotos que o atendiam, subiram com ele. A carruagem parou debaixo de uma árvore, em plena escuridão. Beni Pal queria enviar, por Shri Ramakrishna, alguns doces e outras comidas para Ramlal sobrinho do Mestre.

Beni Pal: “Senhor, Ramlal não esteve aqui esta noite. Com sua permissão, gostaria de mandar alguns doces para ele, por meio de seus ajudantes.”

Mestre (*com grande ansiedade*): “Ó Beni Pal! Ó senhor! Por favor não mande estas coisas comigo. Isto me fará mal. Nunca me é possível guardar algo. Espero que o senhor não se importe.”

Beni Pal: “Como queira, senhor, por favor dê-me sua bênção.”

Mestre: “Ó, fomos tão felizes hoje! Veja, somente é um verdadeiro homem aquele que fez do dinheiro seu servo, mas aqueles que não conhecem o uso do dinheiro, não são homens, mesmo que tenham a forma humana. Podem ter corpos humanos mas comportam-se como animais. O senhor é realmente abençoado. Hoje fez muitos devotos felizes.”

*Segunda-feira, 20 de outubro de 1884*

Dois dias depois do culto de Kali, os Marwaris da seção de Burrabazar de Calcutá, celebravam o festival Annakuta <sup>5</sup>. Shri Ramakrishna fora convidado pelos devotos Marwaris para a cerimônia na rua Mallick 12. Era o segundo dia da quinzena da lua crescente. O festival ligado ao culto de Kali, conhecido como “Festival de Luz”, estava ainda se realizando em Burrabazar.

Mais ou menos às três horas da tarde, M. e o jovem Gopal vieram a Burrabazar. M. segurava um embrulho de roupas que havia comprado para Shri Ramakrishna. A rua Mallick estava apinhada de gente, carros de boi e carruagens. Quando M. e Gopal aproximaram-se da rua Mallick 12, viram Shri Ramakrishna numa carruagem, que mal podia se movimentar devido ao aperto. Baburam e Ram Chakravarty estavam com o Mestre. Sorriu para M. e Gopal.

Shri Ramakrishna desceu da carruagem. Com Baburam, continuou a pé até a casa de seu anfitrião, com M. à frente. Viram o pátio da casa cheio de fardos de roupas que estavam sendo carregados nos carros de boi, para embarque. O anfitrião Marwari saudou o Mestre e conduziu-o ao terceiro andar. Havia uma pintura de Kali dependurada na parede. Shri Ramakrishna inclinou-se diante dela. Sentou-se e logo começou a conversar com os devotos. Um dos Marwaris começou a massagear seus pés. O Mestre pediu-lhe para parar. Depois de pensar um minuto disse, “Está bem, pode massagear um pouco.” Suas palavras estavam cheias de compaixão.

Mestre (*a M.*): “E a escola?”

M.: “Hoje é feriado, senhor.”

Mestre (*sorrindo*): “Amanhã haverá um recital musical do *Chandi*, na casa de Adhar.”

O dono da casa mandou um pundit falar com Shri Ramakrishna que saudou o Mestre e sentou-se. Logo começaram a conversar sobre assuntos espirituais.

Mestre: “Deus encarna-Se para o bhakta e não, para o jnani.”

Pundit: “ ‘Encarno-Me em cada época, para a proteção dos bons, para a destruição dos maus e para restabelecimento do dharma.’ <sup>6</sup> Deus torna-se primeiro homem, para alegria dos bhaktas, e em segundo lugar, para a destruição dos maus. Os jnanis não têm desejos.”

Mestre (*sorrindo*): “Ainda não me libertei de todos os desejos. ‘Desejo o amor de Deus’.”

O filho do pundit entrou no quarto, saudou o Mestre e sentou-se.

Mestre (*ao pundit*): “Bem, o que é bhava e o que é bhakti?”

Pundit: “A meditação em Deus amadurece a mente. Essa maturação é chamada bhava. É como o derretimento do gelo quando o sol levanta.”

<sup>5</sup> Literalmente, “montanha de comida”. Durante este festival, uma grande quantidade de comida cozida é oferecida à Divindade, e mais tarde, distribuída entre devotos e pobres.

<sup>6</sup> *Bhagavad Gita*, IV. 8.

Mestre: (*sorrindo*): “Bem, o que é prema?”

O pundit e Shri Ramakrishna conversavam em hindusthani. O último deu uma espécie de explicação para prema.

Mestre (*ao pundit*): “Não! Não! Este não é isso. Prema significa um tal amor a Deus que o homem se esquece do mundo e até do corpo, que lhe é tão caro. Chaitanyadeva tinha prema.”

Pundit: “Sim, senhor. Uma pessoa comporta-se como um bêbado.”

Mestre: “Algumas pessoas desenvolvem bhakti, outras não. Como explica isso, senhor?”

Pundit: “Não há parcialidade em Deus. Ele é a Árvore que satisfaz Todos os Desejos. O que quer que um homem peça a Deus, obtém mas tem que ir perto da Árvore para pedir.”

O pundit disse tudo isso em hindusthani. O Mestre explicou-o a M, em bengali.

Mestre: “Senhor, por favor descreva-nos o samadhi.”

Pundit: “Há dois tipos de samadhi: savikalpa e nirvikalpa. No nirvikalpa samadhi, o funcionamento da mente pára completamente.”

Mestre: “ ‘Sim. ‘A mente toma completamente a forma da Realidade’. A distinção entre o meditante e o objeto de meditação não existe. Há dois outros tipos de samadhi: chetana e jada. Narada e Shukadeva alcançaram chetana samadhi. Não é verdade, senhor?”

Pundit: “Sim, senhor. É isso.”

Mestre: “Além disso há o unmana samadhi e o sthita samadhi. Não é verdade, senhor?”

O pundit permaneceu em silêncio. Não arriscou dar uma opinião.

Mestre: “Bem, senhor, pela prática de japa e austeridade pode-se obter poderes ocultos, como andar sobre as águas do Ganges. Não é verdade?”

Pundit: “Sim, pode-se, mas um devoto não os quer.”

A conversa continuou por algum tempo. O pundit disse que iria visitar o Mestre, em Dakshineswar, no próximo dia do ekadashi.

Mestre: “Ah! Seu filho é muito gentil!”

Pundit: “Bem, reverenciado senhor, tudo é transitório. É como as ondas num rio – umas descem, outras sobem.”

Mestre: “O senhor tem substância.”

Depois de uns minutos, o pundit saudou Shri Ramakrishna. Disse: “Devo fazer minhas práticas espirituais diárias. Por favor, deixe-me ir.”

Mestre: “Ó sente-se! Sente-se!”

O pundit sentou-se novamente. A conversa voltou-se para a hatha yoga. O pundit discutiu o assunto com o Mestre, em hindusthani. Shri Ramakrishna disse: “Sim, essa também é uma forma de austeridade, mas o hathayogi identifica-se com o corpo. A mente mora somente em seu corpo.” O pundit despediu-se do Mestre. Shri Ramakrishna conversou com o filho do pundit.

Mestre: “Pode-se compreender bem o *Bhagavata* se já estudou o Nyaya, a Vedanta e outros sistemas filosóficos. Não é assim?”

Filho do pundit: “Sim, senhor. É muito importante estudar a filosofia Samkhya.”

A conversa continuou. Shri Ramakrishna estava recostado num almofadão e os devotos sentados no chão. Naquela posição o Mestre continuou a cantar:

Irmão, alegremente agarre-se a Deus.

Assim lutando, algum dia você pode alcançá-Lo.

O dono da casa entrou no aposento e saudou Shri Ramakrishna. Era um homem piedoso e dedicado ao Mestre. O filho do pundit ainda estava presente. O Mestre perguntou se *Panini*, a gramática sânscrita, era ensinada nas escolas. Perguntou também a respeito das filosofias Nyaya e Vedanta. O dono da casa não mostrou muito interesse na discussão e mudou de assunto.

Anfitrião: “Reverenciado senhor, qual é o caminho para nós?”

Mestre: “Cantar o nome e as glórias de Deus, viver na companhia dos santos e sinceramente orar a Deus,”

Anfitrião: “Por favor abençoe-me, senhor, para que eu possa cada vez menos dar atenção às coisas do mundo.”

Mestre (*sorrindo*): “O quanto o senhor dá de atenção ao mundo? Cinquenta por cento?” (*Risada*).

Anfitrião. “O senhor sabe disso. Não podemos alcançar coisa alguma sem a graça de um santo como o senhor.”

Mestre: “Se o senhor agradar a Deus, todos ficarão satisfeitos. É somente Deus que existe no coração do santo.”

Anfitrião: “Nada, naturalmente, deixa de ser realizado quando uma pessoa alcança Deus. Se um homem atinge Deus, pode abandonar tudo o mais. Quando um homem ganha uma rupia, abandona a alegria de um centavo.”

Mestre: “Um pouco de disciplina espiritual é necessária. Pela prática de disciplina, gradualmente, obtém-se alegria divina. Suponhamos que um jarro contendo dinheiro, seja escondido bem no fundo da terra e alguém deseja possui-lo. Nesse caso tem o trabalho de cavar. Enquanto cava, sua muito. Depois de muito cavar, a pá bate no jarro de metal. Sente um arrepio com o som. Quanto mais barulho a pá faz, batendo contra o jarro, mais alegria sente.

“Ore a Rama e medite n’Ele. Certamente ele lhe proverá com tudo de que necessita.”

Anfitrião: “Reverenciado senhor, o senhor é o Próprio Rama.”

Mestre: “O que é isto? As ondas pertencem ao rio. Será que o rio pertence às ondas?”

Anfitrião: “Rama mora no coração dos santos. Não pode ser visto de outra maneira. Atualmente não há nenhuma Encarnação de Deus.”

Mestre (*sorrindo*): “Como o senhor sabe que não há Encarnação Divina?”

O dono da casa ficou em silêncio.

Mestre: “Nem todos podem reconhecer uma Encarnação. Quando Narada visitou Rama, Rama prosternou-Se ante Narada e disse: ‘Somos pessoas do mundo. Como podemos nos santificar a não ser que santos como o senhor nos visitem?’ Além disso, Rama foi para o exílio na floresta, para cumprir as promessas do pai. Notou que ao saberem de Seu exílio, os rishis da floresta começaram a jejuar, mas muitos deles não sabiam que Rama não era o Próprio Supremo Brahman.”

Anfitrião: “O senhor é também, o mesmo Rama.”

Mestre: “Por Deus! Jamais diga isto.”

Enquanto Shri Ramakrishna falava aquelas palavras, inclinou-se profundamente ante o anfitrião e disse, com as mãos postas: “Este Rama mora em todos os seres, existe em todos os lugares do ‘universo’. Sou Seu servo. Foi o Próprio Rama que Se tornou todos os homens, animais e outros seres vivos.”

Anfitrião: “Mas senhor, não sabemos disso.”

Mestre: “Que o senhor saiba ou não, o senhor é Rama.”

Anfitrião: “O senhor está livre de amor e ódio.”

Mestre: “Como? Tratei uma carruagem para trazer-me a Calcutá e dei a mais três annas ao cocheiro. Ele, contudo, não me deu o troco e então, fiquei zangado com ele. É um homem muito mau. Fez-me sofrer muito.”

Shri Ramakrishna descansava. Os devotos Marwaris haviam cantado bhajans, no terraço. Celebravam o festival de Krishna. A pedido do anfitrião, o Mestre foi ver a imagem, inclinándose ante a Divindade.

Shri Ramakrishna ficou profundamente emocionado, logo que se viu ante a imagem. De mãos postas, disse: “Ó Govinda! Tu és minha alma! Tu és minha vida! Salve Govinda! Abençoado seja o nome de Govinda! Tu és a Personificação de Satchidananda! Ó, Krishna! Ah, Krishna! Krishna é conhecimento. Krishna é mente. Krishna é vida. Krishna é alma. Krishna é o corpo. Krishna é a casta. Krishna é família. Ó Govinda, minha vida e alma!” Pronunciando estas palavras. Shri Ramakrishna entrou em samadhi, permaneceu de pé. Ram Chatterji amparava-o.

Depois de muito tempo, o Mestre retomou à consciência do mundo. Os devotos Marwaris estavam prontos para levar a imagem. A oferenda de comida deveria ser feita fora do quarto. O Mestre juntou-se à procissão dos devotos. A comida foi oferecida, com arati e música. Shri Ramakrishna abanava a imagem.

Começou a cerimônia da comida dos brahmins, sentados no terraço. O Mestre e os devotos, também, compartilharam o prasad.

Shri Ramakrishna despediu-se do anfitrião. Era noite e a rua estava apinhada como antes, de gente e veículos. Disse: “Vamos sair da carruagem. Ela pode ir por uma rua lateral.” Prosseguindo a pé, descobriu que um vendedor de folhas de betel havia aberto uma barraca defronte a um pequeno aposento que parecia um buraco. Possivelmente não se podia entrar sem abaixar a cabeça. O Mestre disse: “Que doloroso é estar trancado num espaço tão pequeno! Esta é a maneira das pessoas do mundo. Ficam satisfeitas com uma vida assim.”

A carruagem apareceu, depois de fazer um desvio. O Mestre entrou com Baburam, M. e Chatterji. Gopal mais jovem sentou-se na boléia da carruagem.

Uma mendiga com um bebê no colo parou defronte à carruagem, esperando esmola. O Mestre disse a M.: “Você tem dinheiro?” Gopal deu-lhe algo.

A carruagem seguiu ao longo de Burrabazar. Em todos os lugares havia sinais de grande festividade. A noite estava escura mas iluminada com miríades de luzes. A carruagem chegou à estrada Chitpur que estava, também, brilhantemente iluminada. As pessoas moviam-se em filas, como formigas. A multidão olhava para as lojas, alegremente decoradas, e para as barracas em ambos os lados da estrada. Havia lojas de doces e barracas de perfume. Quadros, lindos e vistosos, estavam pendurados nas paredes. A carruagem parou defronte a uma barraca de perfume. O Mestre olhou para os quadros e luzes e sentiu-se feliz como uma criança. As pessoas conversavam em voz alta. Gritou: “Vão em frente! Movam-se!” Ele riu e disse para Baburam em voz alta: “Movam-se! O que estão fazendo?” Os devotos riram, também. Compreenderam que o Mestre queria que eles se movessem em direção a Deus, e não ficassem satisfeitos com seu estado atual.

A carruagem continuou a andar. O Mestre reparou que M. havia trazido algumas roupas para ele. M. tinha duas peças não alvejadas, e duas peças de roupa lavadas, mas o Mestre lhe havia pedido somente as não alvejadas. Disse a M. “Dê-me as não alvejadas, pode guardar as outras. Está bem. Pode dar-me uma delas.”

M.: “Então devo levar uma peça de volta?”

Mestre: “Então leve as duas.”

M.: “Como lhe agradecer, senhor.”

Mestre: “Pode dar-me aquelas quando eu precisar. Ontem Beni Pal quis que eu levasse alguma comida para Ramlal. Disse-lhe que não podia. É impossível para mim, guardar para o futuro.”

M.: “Está bem, senhor. Levarei de volta as duas peças de roupa lavadas.”

Mestre (*afetuosamente*): “Não percebe que qualquer desejo que tenho, é para o bem de todos vocês? Vocês são meus amigos íntimos. Eu lhe direi se precisar de alguma coisa.”

M. (*humildemente*): “Sim, senhor.”

Referindo-se a um devoto, Shri Ramakrishna disse, “Disse-lhe ontem, ‘Amanhã irei a Burrabazar, por favor, encontre-me lá. ‘Sabe o que me disse? Disse: ‘A passagem de bonde custa uma anna. Onde vou consegui-la?’ estivera na casa de Beni Pal ontem e oficiou como sacerdote. Ninguém lhe pedira para fazê-lo. Deu o espetáculo por si mesmo. Queria que soubessem que era membro do Brahma Samaj. (A M.) O que quis dizer ao falar que a passagem lhe custaria uma anna?’”

A conversa voltou-se para o festival Annakuta dos Marwaris.

Mestre (*aos devotos*): “O que viram aqui, vê-se em Vrindavan e é o que Rakhal viu lá, mas o monte de comida aí, é maior e há mais pessoas. Lá vê-se o Monte Govardhan. Esta é a diferença.”

“Notaram a devoção dos Marwaris? É o ideal hindu, o Sanatana Dharma. Viram quando levaram a imagem em procissão? Felizes, pensavam que suportavam o trono de Deus nos ombros.

“Somente a religião hindu é o Sanatana Dharma. Os vários credos que há hoje em dia, existem pela vontade de Deus e desaparecerão por Sua vontade. Não durarão para sempre, então digo, ‘Inclino-me aos pés dos devotos modernos.’ A religião hindu existiu e sempre existirá.”

M. ia para casa. Saudou o Mestre e desceu da carruagem perto de Sobhabazar. Shri Ramakrishna continuou feliz.



## CAPÍTULO XXXIII

### COM VÁRIOS DEVOTOS

*Domingo, 26 de outubro de 1884*

**E**RA DE TARDE e muitos devotos estavam no quarto do Mestre. Entre eles estavam Manomohan, Mahimacharan e M.. Mais tarde Ishan e Hazra juntaram-se a eles. Balaram e Rakhal ainda estavam em Vrindavan. Os jovens nesta época começaram a procurar a companhia do Mestre e mais tarde, tornaram-se seus discípulos íntimos. Latu morava com o Mestre e Jogin<sup>1</sup>, que vivia no vilarejo, era visitante freqüente.

Shri Ramakrishna, feliz filho da Divina Mãe que era, irradiava alegria e paz que refletiam nos corações dos devotos e encontravam expressão em seus rostos felizes. Estavam sentados no chão e tinham os olhos fixos no Mestre, que estava em pé pensativo, como um menino.

Mestre (*a Manomohan*): “Vejo Rama em todas as coisas. Estão todos sentados aqui mas vejo apenas Rama em cada um.”

Manomohan: “Sim, senhor. É Rama que Se tornou tudo, mas como o senhor diz, embora toda a água seja Narayana, todavia, alguma é própria para beber, outra para lavar as mãos e o rosto, e outra para lavar panelas e frigideiras.

“Mestre: “É verdade, mas vejo que foi o Próprio Deus quem Se tornou tudo – universo e os seres vivos.”

Logo o Mestre sentou-se no pequeno divã, próximo de sua cama.

Mestre (*a Mahimacharan*): “Não há dúvida sobre a minha veracidade, mas devo ser escravo dela? Se uma vez disser que não vou comer, então me é impossível comer, mesmo se estiver com fome. Também, se pedir a um determinado homem para levar meu jarro de água ao bosque de pinheiros, somente ele deve levá-lo. Se outro o levar, terá que trazê-lo de volta. Em que apuros estou metido! Não existe saída para isso?”

“Além disso, não posso levar nada comigo, nem comida, nem folha de betel porque isso significa armazenar para o futuro. Não posso levar nem um pouco de argila em minhas mãos.”

Naquele momento entrou um homem, que disse ao Mestre que Hriday estava esperando para vê-lo no jardim de Jadu Mallick, junto ao portão.

O Mestre disse aos devotos: “Tenho que ver Hriday. Por favor não saiam do quarto.” Calçou os chinelos e foi em direção ao portão leste do templo, com M.. A estrada do jardim estava coberta de poeira vermelha de tijolo. O gerente do templo, na estrada, saudou Shri Ramakrishna. O Mestre passou pelo conjunto de templos onde estavam sentinelas de barba. À esquerda passou pelo kuthi, edificação usada pelos proprietários do templo. Caminhou descendo a estrada margeada em ambos os lados por árvores floridas, passando pelo reservatório à direita e saiu fora dos limites do templo. Encontrou Hriday esperando por ele, próximo ao portão do jardim de Jadu Mallick.

À vista do Mestre, Hriday que o esperava de mãos postas, prosternou-se ante ele. Quando o Mestre lhe disse para se levantar, ficou de pé, chorando como uma criança. Que estranho! Lágrimas também apareceram nos olhos do Mestre que ele limpou com as mãos. Hriday o fizera sofrer agonias sem fim, contudo o Mestre chorava por ele.

Mestre: “Por que você está aqui agora?”

Hriday (*chorando*): “Vim para vê-lo. Para quem mais contarei minhas tristezas?”

Shri Ramakrishna sorriu e disse-lhe, consolando-o: “Não se pode evitar tristezas no mundo. Prazer e dor são inevitáveis na vida mundana. (*Apontando para M.*) É por isso que vem aqui de vez em quando. Obtém paz de espírito, ouvindo falar de Deus. O que houve?”

---

<sup>1</sup> Discípulo monástico de Shri Ramakrishna, mais tarde conhecido como Swami Yogananda.

Hriday (*chorando*): “Estou privado de sua companhia e por isso, soffro,”

Mestre: “Ora, não foi você quem me disse, ‘O senhor segue o seu ideal e eu o meu?’ ”

Hriday: “Sim, eu disse, mas o que eu sabia?”

Mestre: “Tenho de dizer-lhe adeus, agora. Venha outro dia e conversaremos. Hoje é domingo e muitas pessoas vêm me ver. Estão me esperando no quarto. Tiveram uma boa colheita no campo?”

Hriday: “Não foi má.”

Mestre: “Adeus. Volte outro dia.”

Hriday de novo prosternou-se aos pés do Mestre que regressou a seu aposento com M.

Mestre (*a M.*): “Ele atormentou-me tanto quanto me serviu. Quando o problema do estômago reduziu-me a ossos, e não podia comer nada, ele disse-me um dia: ‘Olhe-me – quão bem eu como! O senhor imaginou novamente que não pode comer.’ Outra vez disse-me: ‘O senhor é um tolo! Se eu não tivesse morando com o senhor, onde estaria sua profissão de santo?’ Um dia atormentou-me tanto, que fiquei de pé na amurada, pronto para deixar o corpo, jogando-me no Ganges, onde estava ocorrendo a maré alta.”

M. ficou mudo a estas palavras do Mestre. Por aquele homem ele havia derramado lágrimas há alguns minutos atrás!

Mestre (*a M.*): “Bem, ele serviu-me muito, então por que caiu em dias maus? Tomou conta de mim como um pai educando o filho. Eu ficava dia e noite inconsciente do mundo. Caí doente durante muito tempo, completamente à sua mercê.”

M. não sabia o que responder a Shri Ramakrishna, então permaneceu em silêncio.

Shri Ramakrishna voltou ao quarto e sentou-se no pequeno divã. Os devotos esperavam por ele, ansiosamente. Chegaram diversas devotos de Konnagar. Um deles adiantou-se para fazer perguntas ao Mestre.

Devoto: “Senhor, ouvimos dizer que o senhor entra em samadhi e experimenta êxtase. Por favor explique porque e como o senhor entra nesse estado.”

Mestre: “Shri Radha costumava experimentar mahabhava. Se alguma de suas companheiras queria tocá-la, enquanto estava naquele estado, a outra dizia-lhe: ‘Por favor, não toque naquele corpo, o lugar da Lila de Shri Krishna. Krishna está agora, brincando no seu corpo.’ Não é possível experimentar-se bhava ou mahabhava sem a realização de Deus. Quando um peixe vem de uma grande profundidade, vê-se, na superfície da água, certo movimento, e se for um grande peixe, há muito mais espadagnar. Por isso é que um devoto ‘ri e chora, e dança e canta no êxtase de Deus.’

“Não se pode ficar muito tempo em bhava. As pessoas tomam um homem por louco, se ele tentar sentar-se defronte a um espelho e ficar olhando o rosto o tempo todo.”

Devoto: “Senhor, soubemos que vê Deus. Se assim é, mostre-O a nós, por favor.”

Mestre: “Tudo depende da vontade de Deus. O que pode um homem fazer? Enquanto canto o nome de Deus, às vezes lágrimas fluem e outras vezes, os olhos ficam secos. Ao meditar em Deus, às vezes sinto um grande despertar interior e em certos dias, não sinto nada.

“Um homem deve trabalhar. Somente assim pode ver Deus. Um dia, em estado exaltado, tive uma visão do Haldarpukur. Vi um aldeão de casta inferior apanhando água depois de empurrar, para o lado, o limo verde. De vez em quando tirava a água com a palma da mão e a examinava. Nessa visão me foi revelado que a água não pode ser vista, sem pôr de lado o limo verde que a cobre, quer dizer, não se pode desenvolver amor a Deus ou obter Sua visão, sem trabalho. Trabalho significa meditação, japa e coisas assim. Cantar o nome e glória de Deus é também, trabalho. Pode incluir também, caridade, sacrifício e assim por diante.

“Se você quiser manteiga tem que deixar o leite se transformar em coalhada. Deve ser deixado num lugar quieto. Quando o leite tornar-se coalhada, deve se esforçar para batê-lo. Somente então, poderá obter manteiga do leite.”

Mahimacharan: “É verdade, senhor. O trabalho é necessário. Deve-se trabalhar muito. Somente então, a pessoa obtém êxito. Há tanto que ler! As escrituras não têm fim!”

Mestre (*a Mahimacharan*): “Quanto das escrituras você pode ler? O que ganhará com simples raciocínio? Procure realizar Deus antes de qualquer outra coisa. Tenha fé nas palavras

do guru e trabalhe. Se não tiver um guru, então ore a Deus, com o coração anelante. Ele lhe fará conhecer como é.

“O que aprenderá sobre Deus nos livros? Enquanto estiver longe do mercado, ouvirá somente um barulho indistinto, mas é completamente diferente quando estiver realmente lá. Então ouvirá e verá tudo distintamente. Ouve as pessoas dizendo, ‘Aqui estão suas batatas. Tome-as e dê-me o dinheiro.’

“À distância ouve-se somente o som do oceano. Aproxime-se dele e verá muitos barcos navegando, pássaros voando e ondas rolando.

“Não se pode ter verdadeiro sentimento sobre Deus com o estudo de livros. Este sentimento é algo bem diferente do aprendizado de livros. Livros, escrituras e ciência parecem simples lixo e palha, após a realização de Deus.

“A única coisa necessária é ser apresentado ao dono da casa. Por que está tão ansioso para saber de antemão, quantas casas, chácaras e seguros o proprietário tem? Os empregados da casa não lhe permitiriam aproximar-se dele e certamente não lhe fariam dos investimentos do patrão. Por conseguinte, de uma maneira ou de outra, relacione-se com o proprietário, mesmo que tenha que pular a cerca ou levar uns empurrões dos empregados. Então o próprio proprietário lhe falará de suas casas, chácaras e seguros. E o que é mais, os empregados e porteiro o saudarão quando for um conhecido do proprietário”. (*Todos riem*).

Devoto: “A questão agora é como tornar-se conhecido do proprietário.” (*Risada*).

Mestre: “É por isso que digo que o trabalho é necessário. Não basta dizer que Deus existe e ficar inativo. Deve-se chegar a Deus de uma maneira ou de outra. Chame-O na solidão e ore a Ele, ‘Ó Senhor! Revela-Te a mim!’ Chore por Ele com um coração anelante. Você procura como um louco, ‘mulher e ouro’, agora, fique um pouco louco por Deus. Deixe que as pessoas digam, ‘Este homem perdeu a cabeça por Deus’. Por que renunciar a tudo por uns dias e chamar Deus em solidão?

“O que conseguirão, simplesmente dizendo que Deus existe e nada fazendo a respeito? Há grandes peixes no lago de Haldarpukur, mas podem pegá-los simplesmente sentando-se indolentemente na margem? Preparem a isca e joguem dentro do lago e aí os peixes virão do fundo do lago e verão a água formar ondas. Isso os fará felizes. Talvez um peixe dê um salto fazendo um espadanar e terão um vislumbre dele. Ficarão tão felizes!

“O leite deve ser transformado em coalho e este batido. Somente então obterão manteiga. (*A Mahima*). Que transtorno! Alguém deve mostrar Deus a um homem, enquanto senta-se indolentemente o tempo todo! Alguém deve extrair a manteiga e segurá-la em frente dele. (*Todos riem*). É um grande incômodo! Alguém tem que apanhar o peixe e dar-lhe!

“Um homem desejava ver o rei que vivia no interior do palácio, depois de sete portões. Mal atravessou o primeiro portão e exclamou, ‘Ó, onde está o rei?’ Mas havia mais seis portões que ele devia atravessar um após o outro, antes que pudesse ver o rei.”

Mahimacharan: “Como se pode realizar Deus?”

Mestre: “Não se trata que Deus possa ser realizado por este trabalho e não, por outro. A visão de Deus depende de Sua graça. Todavia deve-se trabalhar um pouco com anelo, pôr Deus no coração. Se houver anelo, receber-se-á a graça de Deus.

“Para alcançar Deus, deve-se ter certas condições favoráveis; companhia de homens santos e as bênçãos de um instrutor verdadeiro. Talvez o irmão mais velho assuma a responsabilidade da família; talvez não seja casado ou enredado na vida do mundo. Uma pessoa é bem sucedida quando houver condições iguais a essa.

“Numa certa família um homem ficou seriamente doente à beira da morte. Alguém disse: ‘Aqui está o remédio; primeiro é necessário que chova quando a estrela Svati estiver no ascendente; então um pouco de água dessa chuva deve ser coletada num crânio humano; depois, uma rã irá lá e será caçada por uma serpente que deve saltar e o veneno cai no crânio. Necessita-se preparar um remédio deste veneno e dá-lo ao paciente. Então ele viverá.’ O chefe da família consultou o almanaque sobre a estrela para ver o momento certo. Com ansiedade começou a buscar os diversos ingredientes. Orava a Deus, ‘O Senhor, serei bem sucedido somente se Tu me trouxeres todos os ingrediente.’ Enquanto procurava, viu um crânio deixado no chão. Logo desabou um aguaceiro e o homem exclamou, ‘Ó Senhor misericordioso, seguiu a água da chuva sob Svati e também, o crânio. Ainda mais, um pouco da chuva caiu no

crânio. Agora sê bondoso comigo e traz-me os outros ingredientes.’ Assim refletia com ansiedade quando viu uma cobra venenosa aproximar-se. Sua alegria não teve limites. Ficou tão agitado que podia sentir o bater do coração. ‘Ó Deus’, orou, ‘agora a cobra também veio. Achei a maioria dos ingredientes, por favor sê misericordioso e dá-me os que faltam.’ Mal havia orado desta maneira, a rã saltou. A serpente perseguiu-a. Ao se aproximar do crânio e a serpente estava a ponto de morder a rã, esta pulou por cima do crânio e o veneno da serpente caiu nele. O homem começou a dançar, batendo palmas de alegria. Digo que tudo se consegue com anelo a Deus.

“Um homem não pode realizar Deus a não ser que renuncie mentalmente a tudo. Um sadhu não pode guardar coisas. ‘Pássaros e monges errantes não podem fazer provisões para o dia de amanhã’. Tal é o estado de minha mente que não posso levar nem argila comigo. Uma vez, quando Hriday me atormentava, pensei em deixar este lugar e ir para Benares. Pensei em levar algumas roupas comigo, mas como poderia levar dinheiro? Então não pude ir para Benares. (*Todos riem*).

(*A Mahima*) “Você é um chefe de família. Deve, portanto, agarrar-se tanto a ‘isso’ como a ‘àquilo’ – tanto ao mundo como a Deus.”

Mahima: “Senhor, pode alguém se agarrar ‘àquilo’, e também a ‘isso’?”

Mestre: “Uma vez, sentado na margem do Ganges, perto do Panchavati, segurando uma rupia com uma das mãos e argila na outra, discriminei, ‘A rupia é a argila – a argila é verdadeiramente a rupia, e a rupia é verdadeiramente a argila e então, joguei a rupia no rio, mas eu estava um pouco assustado. ‘Que tolíce a minha, ofender a Deusa da riqueza!’ Pensei, ‘O que farei se Ela não me prover mais com alimento?’ Então, como Hazra, utilizei um artifício. Disse à Deusa, ‘Mãe, que Tu possas morar em meu coração’. Uma vez a Mãe Divina ficou satisfeita com a austeridade de um homem e disse-lhe, ‘Podes pedir-Me um favor’. ‘Ó Mãe’, disse, ‘se Tu estás satisfeita comigo, concede-me que eu possa comer num prato de ouro com os netos’. Ora, numa única graça, o homem obteve tudo: netos, riqueza e pratos de ouro. (*Todos riem*).

“Quando a mente está liberta de ‘mulher e ouro’, pode ser dirigida a Deus e ficar absorvida n’Ele. Somente aquele que está preso pode ser liberado. No momento em que a mente se afasta de Deus fica presa. Quando a agulha mais baixa de um par de pratos move-se da mais alta? Quando um prato é pressionado por um peso. ‘Mulher e ouro’ é o peso.

“Por que uma criança chora quando sai do ventre da mãe? Com seu grito quer dizer, ‘Vejam onde estou agora! Na barriga da minha mãe eu estava meditando nos pés de Lótus de Deus, mas vejam onde estou agora.’

(*A Mahima*) Deve renunciar mentalmente. Seja um chefe de família desapegado.”

Mahima: “Pode alguém viver no mundo com a mente dirigida a Deus?”

“Mestre: “Por que não? Para onde iria fora do mundo? Compreendo que onde quer que eu viva, estou sempre no Ayodhya de Rama. Este mundo inteiro é Ayodhya de Rama. Depois de receber instrução de Seu mestre, Rama disse que renunciaria ao mundo. Dasaratha enviou o sábio Vashishtha a Rama, para dissuadi-lo. Vashishtha encontrou-O com intensa renúncia interior. Disse a Rama: ‘Em primeiro lugar, raciocine comigo, Rama, em seguida Tu podes abandonar o mundo. Posso perguntar-Te se este mundo é exterior a Deus? Se assim for, então Tu podes abandoná-lo.’ Rama compreendeu que foi somente Deus quem Se tornou o universo e todos os seres vivos. Tudo no mundo parece real devido à realidade de Deus por trás. Assim Rama ficou em silêncio.

“No mundo um homem deve lutar contra as paixões como luxúria e raiva, contra os desejos e contra o apego. É conveniente lutar dentro de um forte – de seu próprio lar. Em casa tem comida e ajuda da esposa. No Kaliyuga a vida depende inteiramente da comida. É melhor obter comida de um lugar, a bater em sete portas para mendigar.<sup>2</sup> Viver em casa é como enfrentar a batalha dentro de um forte.

“Viva no mundo é como uma folha ao sabor de uma ventania. Essa folha será às vezes jogada dentro de uma casa, às vezes num monte de lixo. A folha vai para onde o vento sopra – às vezes para um lugar bom, às vezes para um mau. Agora Deus colocou você no mundo. Isso

<sup>2</sup> É costume dos monges da Índia, pedirem sua comida aos chefes de família.

é bom, fique aqui. Da mesma maneira, quando ele o tirar daqui e o puser num lugar melhor, haverá então tempo suficiente para pensar no que fará.

“Deus o pôs no mundo. O que você pode fazer a esse respeito?. Entregue tudo a Ele. Abandone-se a Seus pés. Não haverá mais inquietude e compreenderá que Deus é quem faz tudo. Tudo depende da ‘vontade de Rama’.”

Um devoto: “O que é esta história da ‘vontade de Rama’?”

“Mestre: Num vilarejo vivia um tecelão muito piedoso. Todos confiavam nele e o amavam. Costumava vender seus produtos no mercado. Quando alguém perguntava o preço de uma peça de roupa, o tecelão respondia, ‘Pela vontade de Rama, o preço do tecido é de uma rupia e seis annas.’ A confiança no tecelão era tal, que o cliente pagava imediatamente e levava a roupa. Era um autêntico devoto de Deus. Depois da ceia à noite, passava longas horas na sala de adoração, meditando em Deus e cantando Seu nome e glórias. Certa noite, o tecelão não conseguia dormir. Estava sentado na sala de adoração, fumando de vez em quando, quando passou um bando de ladrões. Desejavam um homem para carregar as mercadorias roubadas e disseram-lhe: ‘Venha conosco.’ Assim falando, levaram-no pela mão. Depois de cometerem um assalto a uma casa, puseram um carregamento de coisas na cabeça do tecelão, ordenando-lhe que o levasse. De repente a polícia chegou, e os assaltantes fugiram, mas o tecelão, com a carga, foi preso. Ficou na cadeia durante a noite. No dia seguinte, foi levado ante o juiz, para julgamento. Os aldeões souberam e vieram ao tribunal. Disseram ao juiz: ‘Meretíssimo juiz, esse homem jamais poderia ter cometido o assalto.’ O juiz pediu ao tecelão para fazer sua defesa.

“O tecelão disse: ‘Meretíssimo, pela vontade de Rama acabei de comer na noite passada. Pela vontade de Rama, estava sentado na sala de adoração. Já era bem tarde, pela vontade de Rama. Pela vontade de Rama eu estava pensando em Deus e cantando Seu nome e glórias, quando, pela vontade de Rama, um bando de assaltantes passou por ali. Pela vontade de Rama arrastaram-me com eles; pela vontade de Rama cometeram um roubo numa casa e, pela vontade de Rama, puseram um fardo em minha cabeça. Só, então, pela vontade de Rama, a polícia manteve-me preso toda a noite e, nesta manhã, pela vontade de Rama fui levado à presença de Vossa Meretíssima.’ O juiz compreendeu que o tecelão era um homem religioso e ordenou sua soltura. Voltando para casa, o tecelão disse aos amigos: ‘Pela vontade Rama fui libertado’.”

“Se um homem deve ser chefe de família ou monge, depende da vontade de Rama. Entregue tudo a Deus e faça seus deveres no mundo. O que mais se pode fazer? Um funcionário foi certa vez, mandado para a prisão. Depois que o tempo da prisão esgotou-se, foi solto. O que você acha que ele fez? Deu cambalhotas ou voltou a fazer seu antigo trabalho burocrático?”

“Se um chefe de família tornar-se jivanmukta, pode facilmente viver no mundo, se quiser. Um homem que atingiu Conhecimento não faz diferença entre ‘este lugar’ e ‘aquele’. Todos os lugares são iguais para ele. Quem pensa ‘naquele lugar’, pensa também, ‘neste lugar’.”

Quando pela primeira vez encontrei Keshab na chácara de Jayagopal, comentei, ‘Ele é o único cuja cauda caiu’. A isso as pessoas riram. Keshab disse-lhes: ‘Não riam. Deve haver algum significado em suas palavras. Vamos perguntar-lhe’. Portanto eu disse a Keshab: ‘O girino, enquanto a cauda não tiver caído, vive somente na água. Não pode mover-se em terra, mas assim que a cauda cai, salta para a margem e pode, viver tanto na terra, como na água. Da mesma maneira, enquanto não tiver caído a cauda da ignorância do homem, ele só pode viver na água do mundo, mas quando perder a cauda, quer dizer, quando atingir o Conhecimento de Deus, pode andar como uma alma livre, ou viver como chefe de família.

“Mahimacharan e os outros ficaram maravilhados, escutando as palavras do Mestre.

Mestre: ‘Uma vez visitei Devendranath Tagore <sup>3</sup> com Mathur Babu. Disse a Mathur: ‘Ouvi falar que Devendra Tagore pensa em Deus. Gostaria de conhecê-lo.’ ‘Está bem’, disse Mathur, ‘Vou levá-lo a ele. Fomos colegas no Hindu College e sou muito amigo dele.’ Fomos à casa de Devendra. Mathur e Devendra não se viam há muito tempo. Devendra disse a Ma-

<sup>3</sup> Pai de Rabindranath Tagore.

thur, ‘Você mudou um pouco. Engordou em torno do estômago.’ Mathur disse, referindo-se a mim, ‘Ele veio conhecê-lo. Está o tempo todo louco por Deus.’ Quis ver os sinais físicos de Devendra e disse-lhe, ‘Quero ver seu corpo.’ Levantou a camisa e vi que possuía uma pele muito clara, manchada de vermelho. Os cabelos ainda não haviam se tornado grisalhos.

No início notei um pouco de vaidade em Devendra, mas isto não é natural? Tinha tanta riqueza, tanta erudição, tanto nome e fama! Reparando aquela pequena vaidade perguntei a Mathur: ‘A vaidade é resultado de conhecimento ou de ignorância? Pode um conhecedor de Brahman ter sentimento de ‘Sou um erudito, sou um jnani, sou rico?’

“Enquanto conversava com Devendra, subitamente entrei naquele estado mental em que posso ver um homem realmente como é. Dei uma risada interior. Naquele estado olhava os eruditos e os que aprendem através de livros, como simples palha. Se vejo que um erudito não tem discriminação e renúncia, olho-o como uma palha sem valor. Vejo-o como um abutre, que voa alto, mas o olhar está na carniça, aqui embaixo.

“Achei que Devendra havia combinado em sua vida, tanto yoga como bhoga. Tinha muitos filhos jovens. O médico da família estava presente. Assim, embora fosse um jnani, estava preocupado com a vida no mundo. Disse-lhe: ‘O senhor é o rei Janaka dessa Kaliyuga.

Segurando tanto um como outro  
Bebeu o leite de uma xícara cheia até a borda!

Soube que o senhor vive no mundo e pensa em Deus, por isso, vim vê-lo. Por favor, fale-me de Deus.’

“Recitou alguns textos dos Vedas. Disse: ‘Este universo é como um candelabro e cada ser vivo, uma luz dele.’ Uma vez meditando no Panchavati, também tive uma visão como essa. Achei que suas palavras estavam de acordo com minha visão e pensei que ele devia ser um grande homem. Pedi-lhe que explicasse suas palavras. Ele disse: ‘Deus criou os homens para manifestarem Sua própria glória, do contrário, quem poderia conhecer este universo? Tudo se torna escuro sem as luzes do candelabro, nem se pode ver o próprio candelabro.’

“Conversamos muito tempo. Devendra ficou muito satisfeito e disse-me, ‘O senhor deve ir ao nosso festival do Brahma Samaj’. ‘Isto’, eu disse, ‘depende da vontade de Deus. O senhor pode ver meu estado mental. Não se sabe quando Deus vai colocar-me num estado especial.’ Devendra insistiu, ‘Não, o senhor deve ir, mas vista a roupa e sobre ela, um xale. Alguém pode fazer-lhe uma indelicadeza sobre sua apresentação e isto me deixaria triste.’ ‘Não’, respondi, ‘Não posso prometer isso. Não posso ser um Babu.’ Devendra e Mathur riram.

“Logo no dia seguinte, Mathur recebeu uma carta de Devendra proibindo-me de ir ao festival. Escreveu que seria falta de cavalheirismo de minha parte, se eu não cobrisse o corpo com um xale. (*Todos riem*).

“Há um outro grande homem: o Capitão que, embora homem do mundo, é um amante de Deus. (*A Mahima*) Fale com ele qualquer desses. Conhece de cor os Vedas, a Vedanta, o *Bhagavata*, o *Gita*, o *Adhyatma Ramayana* e outras escrituras. Verá quando conversar com ele.

“Ele tem grande piedade. Uma vez eu estava caminhando por uma rua de Baranagore e ele segurava um guarda-chuva sobre minha cabeça. Convida-me para ir à sua casa, demonstra-me grande atenção. Abana-me, massageia meus pés e alimenta-me com vários pratos. Uma vez em sua casa, entrei em samadhi no banheiro; tomou conta de mim, embora seja tão metuculozo a respeito de seus hábitos ortodoxos. Não demonstrou qualquer desgosto pelo lugar.

“Tem muitas despesas, sustenta os irmãos que vivem em Benares,. No início a esposa era muito avarenta. Agora está tão sobrecarregada com as despesas da família, que não pode gastar todo o dinheiro que gostaria.

“A esposa do Capitão disse-me: ‘Ele não gosta da vida mundana, por isso, uma vez disse que renunciara ao mundo.’ Na verdade, de vez em quando, manifestava aquele desejo.

“O Capitão nasceu numa família de devotos. O pai era soldado. Ouvi dizer que no campo de batalha, adorava Shiva com uma das mãos e segurava na outra, uma espada.

“O Capitão é um grande seguidor das convenções ortodoxas. Devido às minhas visitas a Keshab Sen, deixou de vir aqui por um mês. Disse-me que Keshab havia violado as convenções sociais, jantava com os ingleses, havia casado a filha com um homem de outra casta e que perdera sua própria casta. Eu disse ao Capitão: ‘O que importam essas coisas? Keshab canta o nome de Deus, então vou até ele, ouvir falar de Deus. Só como ameixas, que me importam os espinhos?’ Mas o capitão manteve-se inflexível. Disse-me ‘Por que o senhor vê Keshab?’ Respondi de forma áspera: ‘Mas não vou a ele por dinheiro, vou para ouvir o nome de Deus. E o que me diz do fato do senhor visitar a casa do vice-rei? Ele é um mlechehha. Como pode estar em sua companhia?’ isto fez com que ele se calasse.

“Mas é um grande devoto. Ao fazer a adoração, faz o arati com cânfora. Ao recitar hinos, torna-se uma pessoa totalmente diferente. Fica absorto.

(A *Mahimacharan*): “À luz do raciocínio vedantista, o mundo é ilusório, irreal como um sonho. A Alma Suprema é a Testemunha – testemunha dos três estados de vigília, sonho e sono profundo. Essas coisas estão em sua linha de pensamento. O estado de vigília é tão real como o sonho. Vou lhe contar uma história que está de acordo com sua atitude.

“Havia um fazendeiro que vivia no campo. Era um verdadeiro jnani. Ganhava a vida plantando. Era casado e depois de muitos anos, nasceu-lhe um filho, a quem chamou Haru. Os pais amavam afetosamente o menino. Isto era natural, visto que ele era a única jóia da família. Devido a seu espírito religioso, o fazendeiro era amado pelos aldeões. Um dia estava trabalhando no campo, quando um vizinho chegou e disse-lhe que Haru havia tido um ataque de cólera. O fazendeiro imediatamente voltou para casa e providenciou tratamento para o menino, mas Haru morreu. Os outros membros da família ficaram tomados de dor, mas o fazendeiro agiu como se nada tivesse acontecido. Consolou a família e disse-lhe que o pesar era inútil. Então voltou para o campo. Ao regressar para casa encontrou sua esposa chorando ainda mais amargamente. Ela lhe disse: ‘Você é um insensível! Não derramou uma única lágrima pela criança.’ Calmamente o fazendeiro respondeu: ‘Devo contar-lhe porque não chorei? Tive um sonho na noite passada. Sonhei que havia me tornado rei; pai de oito filhos e era muito feliz com eles. Então acordei. Agora estou muito perplexo. Devo chorar por aqueles oito filhos ou por Haru?’

“O fazendeiro era um jnani e havia realizado que o estado de vigília era tão irreal como o estado de sonho. Há somente uma Substância eterna e esta é Atman.

“Eu, de minha parte, aceito tudo. Turiya e também, os três estados de vigília, sonho e sono profundo. Aceito todos os três estados e tudo o mais – Brahman e também, maya, o universo e os seres vivos. Se eu aceitasse menos, não poderia ter todo o peso.”

Um devoto: “O peso todo? Como é?” (*Todos riem*).

Mestre: “Brahman é qualificado pelo universo e seus seres vivos. No começo, segundo o m’todo ‘Isto não, isto não.’, tem-se que eliminar o universo e os seres vivos, mas enquanto a ‘consciência do eu’ permanecer, não se pode senão sentir que o Próprio Deus é que Se tornou tudo. Só Ele tornou-Se os vinte e quatro princípios cósmicos.

“Quando um homem fala da parte essencial da fruta bel, quer dizer somente a polpa e não, as sementes e casca. Mas se ele quiser falar do peso total da fruta, não pode pesar somente a polpa. Tem que aceitar tudo: sementes, casca e polpa. As sementes, a casca e a polpa pertencem a uma e mesma fruta.

“Nitya e Lila pertencem à mesma Realidade, portanto, aceito tudo, o Relativo bem como o Absoluto. Não quero dizer simplesmente que o mundo seja maya. Se assim fosse eu não teria o peso pequeno.”

Mahimacharan: “É uma boa síntese; do Absoluto até o Relativo, e do Relativo até o Absoluto.”

Mestre: “Os jnanis consideram tudo ilusório, como um sonho, mas os bhaktas aceitam todos os estados. O leite flui do jnani, em gotículas. (*Todos riem*). Há algumas vacas escolhem sua forragem; daí seu leite sai em gotículas, mas as vacas que não escolhem tanto e comem qualquer coisa, dão leite em quantidade. Um devoto superior de Deus aceita tanto o Absoluto quanto o Relativo; portanto, pode desfrutar o Divino, mesmo quando a mente desce do Absoluto. Esse devoto é como as vacas que dão leite em torrentes. (*Todos riem*).

Mahima: “O leite da vaca que come sem discriminação cheira pouco.” (*Todos riem*).

Mestre (*com um sorriso*): “É verdade, sem dúvida. Por isso aquele leite deve ser fervido. Deve-se ferver esse leite um pouco. Não haverá qualquer cheiro se ferver o leite no fogo do Conhecimento. (*Todos riem*).

(*A Mahima*): “Você explica ‘AUM’ referindo-se somente a ‘A’, ‘U’ e ‘M’.”

Mahima: ‘A’, ‘U’, ‘M’ significam criação, preservação e destruição.”

Mestre: “Dou a ilustração do som do gongo: ‘tom’<sup>4</sup>, t-o-m. É a fusão do Lila no Nitya: o denso, o sutil e o causal fundem-se na Grande Causa; em Tutiya fundem-se os estados de vigília, sonho e sono profundo. O toque do gongo é como a queda de um grande peso num oceano. Ondas começam a se levantar: o Relativo levanta-se do Absoluto; os corpos causal, sutil e denso emergem da Grande Causa, do Turya emergem os estados de sono profundo, sonho e vigília. Suas ondas levantando-se do Grande Oceano fundem-se novamente no Grande Oceano. Do Absoluto ao Relativo e do Relativo ao Absoluto. Portanto dou a ilustração do som do gongo, ‘tom’. Percebi claramente todas essas coisas. Foi-me revelado que existe um Oceano de Consciência sem limite; d’Ele procedem todas as coisas do plano relativo, e n’Ele elas fundem-se novamente. Milhões de Brahmanas levantam-se naquele Chidakasha e fundem-se n’Ele de novo. Tudo isto foi-me revelado; não sei muito do que os livros falam.”

Mahima: “Aqueles a quem foram reveladas essas coisas não escreveram as escrituras. Ficaram extasiados com suas experiências; por isso, quando escreveriam? Necessita-se de uma mente um tanto calculista para escrever. Outros aprenderam dos videntes e escreveram livros.”

Mestre: “As pessoas mundanas perguntam porque não se libertam do apego a ‘mulher e ouro’. Esse apego desaparece depois da realização de Deus. Se um homem prova a Felicidade de Brahman, sua mente não corre mais atrás dos prazeres sensoriais, riqueza, nome e fama. Se a traça vir a luz uma só vez, não mais vai para a escuridão.

“Alguns amigos disseram a Ravana: ‘Você tem assumido diferentes formas<sup>5</sup> por Sita. Por que não vai a ela na forma de Rama?’ Ravana explicou: ‘Quando contemplo Rama, mesmo a posição de Brahma me parece insignificante, para não falar da companhia da esposa de outro homem! Como poderia tomar a forma de Rama com essa intenção?’

“Toda adoração e disciplina espiritual devem ser dirigidas somente para um fim, isto é, libertar-se do apego mundano. Quanto mais se medita em Deus, menos se fica apegado às coisas triviais do mundo. Quanto mais se amar os Pés de Lótus de Deus, menos se desejará as coisas do mundo, menos dar-se-á importância aos confortos materiais. Olhará para a esposa de outro homem como sua mãe, e a própria esposa como sua companheira na vida espiritual. Abandonará os desejos animais e conseguirá qualidades divinas. Ficará totalmente desapegado do mundo. Embora tenha que viver no mundo, viverá como jivanmukta. Os discípulos de Shri Chaitanya viveram como chefes de família, com desapego.

“Você pode citar centenas de argumentos da filosofia Vedanta para um verdadeiro amante de Deus e tentar explicar que o mundo é como um sonho, mas não poderá abalar sua devoção a Deus<sup>6</sup>. Apesar de todos seus esforços, ele voltará à devoção.

“Um homem que nasce com um elemento de Shiva torna-se um jnani; a mente inclina-se sempre para o sentimento que o mundo é irreal e somente Brahman é real, mas quando um homem nasce com um elemento de Vishnu, desenvolve amor a Deus. Esse amor jamais pode ser destruído. Pode desvanecer um pouco de vez em quando, ao se permitir ao raciocínio filosófico, mas por fim, volta para ele, aumentado mil vezes.”

Depois que os devotos deixaram o Mestre, Mahimacharan trouxe Hazra para o aposento. M. estava presente. Mahima disse a Shri Ramakrishna: “Tenho uma queixa contra o senhor. Por que pediu a Hazra que fosse para casa? Ele não deseja voltar para a família.”

<sup>4</sup> O ‘o’ deve ser pronunciado com ‘ó’ de memória.

<sup>5</sup> No período em que Sita foi mantida na prisão em sua capital, Ravana costumava visitá-la sob diferentes formas, a fim de conquistar seus favores.

<sup>6</sup> De acordo com a Vedanta não-dualista, o Deus Pessoal é tão ilusório quanto o universo relativo, mas para o bhakta, um devoto, Ele é real.

Mestre: “Sua mãe disse a Ramlal o quanto está sofrendo por ele estar longe; assim pedi a Hazra para ir vê-la, pelo menos por três dias. Pode alguém ser bem sucedido na disciplina espiritual se causa sofrimento à sua mãe? Ao visitar Vrindavan estava quase decidido a morar lá, quando me lembrei de minha mãe. Disse a mim mesmo: ‘Minha mãe chorará se eu ficar afastada dela.’ Então voltei para aqui com Mathur Babu. Além disso, por que um jnani como Hazra teria medo de voltar para o mundo?”

Mahima (*com um sorriso*): “Senhor, esta seria uma boa pergunta, se Hazra fosse um jnani.”

Mestre (*sorrindo*): “Ó, Hazra alcançou tudo. Tem somente um pequeno apego ao mundo por causa dos filhos e uma pequena dívida. Como o povo diz, minha tia está agora em perfeita saúde, só um pouco doente!”

Mahima: “Onde está, senhor, o conhecimento de Hazra?”

Mestre (*sorrindo*): “Ó, você não sabe! Todos dizem que Hazra é um grande homem. Sabem que mora no templo de Dakshineswar. Só falam de Hazra. Quem se preocupa em mencionar o meu nome?” (*Todos riem*).

Hazra: “O senhor é incomparável. Não há outro igual no mundo, por isso, ninguém o compreende.”

Mestre: “É isso! Com certeza ninguém pode compreender o incomparável. Por isso as pessoas deveriam mencionar-me?”

Mahima: “O que ele sabe, senhor? Fará tudo a seu aceno.”

Mestre: “Não é assim. É melhor perguntar-lhe a este respeito. Ele me disse, ‘O senhor e eu estamos em condições iguais.’”

Mahima: “Ele discute muito.”

Mestre: “Às vezes dá-me uma lição. (*Todos riem*). Às vezes o repreendo, quando discute demais. Mais tarde, quando estou deitado dentro do mosquito, sinto-me infeliz com a idéia de tê-lo ofendido. Levanto-me, procuro-o e saúdo-o; desta maneira fico tranqüilo.

(*A Hazra*): “Por que você se refere ao Puro Atman como ‘Ishvara’? O Puro Atman é inativo e testemunha dos três estados. Quando penso nos atos de criação, preservação e destruição, chamo o Puro Atman de Ishvara’. Como é o Puro Atman? É como o ímã, que está muito distante de uma agulha. A agulha move-se, mas o ímã permanece imóvel, inativo.”

Ao cair da tarde, Shri Ramakrishna estava andando de um lado para o outro no quarto. M. estava sentado, pensativo. Subitamente o Mestre disse-lhe afetuosamente: “Por favor, dê-me duas camisas de linho. Como você sabe, não posso usar coisas de qualquer pessoa. Pensei pedir as camisas ao Capitão, mas prefiro que seja você” M. sentiu-se muito gratificado e disse, “Como posso agradá-lo, senhor?”

Ao anoitecer queimou-se incenso no quarto de Shri Ramakrishna e como sempre, ele inclinou-se diante das imagens de deuses e deusas nas paredes, cantando seus nomes suavemente. De fora podia-se ouvir o murmúrio do Ganges e a música do culto da tarde nos templos de Kali, Vishnu e Shiva. Pela porta podia-se ver o sacerdote à distância, indo de um templo para o outro, com um sino na mão esquerda e luz na direita, enquanto um atendente levava o gongo. A melodia da tarde estava em harmonia com o espírito da hora e do lugar, e com os mais íntimos pensamentos dos adoradores. Por um instante, o egoísmo da vida diária foi esquecido.

Mais tarde Shri Ramakrishna estava sentado no quarto, em seu habitual estado de felicidade. Ishan chegara de Calcutá. Tinha fé ardente e costumava dizer, “Se alguém sai de casa com o santo nome de Durga nos lábios, o Próprio Shiva o protege com Suas armas celestiais.”

Mestre (*a Ishan*): “Você tem muita fé, mas eu não tenho tanta. (*Todos riem*) Deus só pode ser realizado por meio da fé.”

Ishan: “Sim, senhor.”

Mestre: “Você pratica ritos religiosos – japa, jejum e assim por diante. É muito bom. Se alguém se sentir sinceramente atraído para Deus, Ele o faz praticar todas essas disciplinas. O devoto realizará Deus se praticá-las sem pensar no resultado. Um devoto observa muitos ritos por causa das prescrições das escrituras. Essa devoção é chamada vaidhi bhakti, mas há

uma forma mais elevada, chamada raga-bhakti, que brota do anelo e amor a Deus. Prahlada teve essa devoção. Quando o devoto desenvolve esse amor, não mais necessita fazer ritos prescritos.

9 de novembro de 1884

Shri Ramakrishna estava em seu quarto, sentado no pequeno divã, olhando em direção leste. Os devotos estavam sentados no chão. Era mais ou menos meio-dia quando M. chegou e sentou-se depois de saudar o Mestre. Aos poucos outros devotos começaram a se juntar. Vijaykrishna Goswami chegou com muitos devotos Brahmos. O sacerdote Ram Chakravarty também estava presente. Pouco depois chegaram Mahimacharan, Narayan e Kishori.

Era o começo do inverno. Shri Ramakrishna sentiu necessidade de algumas camisas e havia pedido a M. para trazê-las. Além de duas camisas leves, M. havia trazido uma outra de um tecido mais grosso, que Shri Ramakrishna não havia pedido.

Mestre (*a M.*): “É melhor que você leve esta de volta. Pode usá-la. Não há nada de errado nisso. Diga-me, que tipo de camisa pedi?”

M.: “O senhor pediu-me para trazer-lhe camisas leves. Não me pediu para comprar a mais grossa.”

Mestre: “Então leve-a de volta. (*A Vijay e outros*) Vejam, Dwarika Babu deu-me um xale. Os devotos Marwaris, também, trouxeram-me um. Não pude aceitar –”.

Vijay interrompeu o Mestre, “Está certo, senhor. Se alguém necessita de uma coisa, deve aceitá-la e deve haver um outro para dá-la. Quem, a não ser uma pessoa pode dar?”

Mestre: “Quem dá é o Próprio Deus. A sogra diz a uma nora: ‘Minha filha, vejo que todos têm alguém para lhe prestar um pequeno serviço. Seria ótimo se você pudesse encontrar quem lhe massageasse os pés.’ A nora disse, ‘Mãe, o Próprio Deus massageará meus pés. Não preciso de ninguém mais.’ Ela falava assim porque era uma amante sincera de Deus.

“Uma vez um faquir foi até o imperador Akbar pedir dinheiro. O imperador estava orando, ‘Ó Senhor, dá-me riqueza.’ O faquir ia embora, mas o imperador fez sinal para que esperasse. Depois de terminar as orações, Akbar aproximou-se do santo e disse-lhe: ‘Por que o senhor vai embora?’ O faquir respondeu: ‘O senhor mesmo estava pedindo dinheiro e riqueza; então pensei que se eu tenho que pedir, pedirei a Deus e não, a um mendigo.’”

Vijay: “Vi um sadhu em Gaya. Não tomava iniciativa de nada. Um dia quis alimentar alguns devotos. Subitamente descobrimos que manteiga, farinha, frutas e outros alimentos haviam chegado não se sabe de onde.”

Mestre (*a Vijay e outros*): “Há três tipos de sadhus: bons, medíocres e maus. O sadhu bom não faz esforço para conseguir alimento. Os dandis, entre outros, pertencem às classes medíocres e má. Para conseguir alimento, o sadhu medíocre baterá na porta de uma casa e dirá, ‘Namo Narayana’.<sup>7</sup> O mau sadhu começa a brigar se não consegue ganhar esmolas.

“O sadhu bom comporta-se como uma grande serpente. Senta-se num lugar e o alimento vem a ele. Uma serpente não se move de onde está. Um jovem sadhu, brahmachari desde a infância, saiu para esmolar. Uma jovem deu-lhe esmola. O sadhu viu seus seios e pensou que ela estivesse com abscessos. Perguntou sobre eles. A senhora mais velha da família explicou-lhe que ela, um dia, seria mãe e que Deus lhe havia provido tudo, com antecedência. A estas palavras o sadhu ficou maravilhado. Disse: ‘Não preciso mendigar. Deus me proverá também.’”

Alguns devotos pensaram que neste caso, também, não deveriam trabalhar.”.

Mestre: “Mas aqueles que pensam que é necessário um esforço, deve fazê-lo.”

Vijay: “Há uma linda história a respeito disso, no *Bhaktamala*”.

Mestre: “Conte-nos.”

Vijay: “Por favor, conte-nos o senhor mesmo.”

Mestre: “Não, você conta. Não me lembro dela muito bem.

<sup>7</sup> “Saudações a Deus”. Com estas palavras, um sadhu saúda outra pessoa.

“Deve-se ouvir essas coisas no começo. Foi por isso que eu as escutei há anos atrás, mas agora, não estou mais naquele estado. Hanuman disse: ‘Não conheço a posição das estrelas, ou a fase da lua. Penso somente em Rama.’

“O pássaro chatak anseia somente pela água da chuva. Mesmo que esteja morrendo de sede dirige o bico para cima, e quer somente água de céu. O Ganges, o Jamuna e os sete oceanos estão cheios até a borda, mas ele não tocará a água da terra.

“Rama e Lakshmana visitaram o lago Pampa. Lakshmana viu um corvo ansioso por água. Repetidamente chegava até a borda, mas não bebia. Lakshmana perguntou a Rama sobre isto e ele disse: “Irmão, este corvo é um grande devoto de Deus. Dia e noite repete o nome de Rama. A garganta está seca, mas não quer beber para não parar de repetir o nome de Rama.’

“Na noite de lua cheia eu disse a Haladhari, ‘Irmão, é noite de lua nova?’ (*Todos riem*).

(*Sorrindo*): “Sim, é verdade. Uma vez me disseram que a característica de um homem de Conhecimento Perfeito é que ele não pode distinguir entre a lua cheia e a nova, mas como se pode convencer Haladhari disso? Ele respondeu: ‘Isto certamente é o Kaliyuga negro. Ele não pode distinguir entre a lua cheia e a nova! E as pessoas respeitam-no!’ ”

Mahimacharan entrou no aposento.

Mestre (*respeitosamente*): “Entre, entre senhor. Por favor, sente-se.

(*A Vijay e outros devotos*): “Em êxtase não me lembro de data. Outro dia houve um festival religioso na chácara de Beni Pal. Esqueci-me da data. Não posso mais me lembrar do último dia do mês, quando é muito auspicioso repetir o nome de Deus.”

Shri Ramakrishna permaneceu pensativo por uns minutos.

Mestre: “Mas recorde-me se um homem assume o compromisso de visitar-me.

“Um homem alcança este estado quando a mente está cem por cento absorta em Deus. Quando Hanuman voltou do Ceilão, Rama disse-lhe: ‘Você viu Sita. Diga-me, como ela está?’ Hanuman respondeu: ‘Ó Rama, vi que somente o corpo de Sita está lá; não continha nem sua mente, nem sua alma. Na verdade ela havia consagrado o corpo, a mente e a alma aos Teus Pés de Lótus, portanto, vi somente seu corpo no Ceilão. Além disso vi que o rei da Morte rondava por lá, mas o que ele poderia fazer? Era somente um corpo, não tinha nem mente nem alma.’

“Se meditarem num ideal, obterão sua natureza. Se pensarem em Deus, obterão a natureza de Deus. Uma boneca de sal foi até o oceano, para medir sua profundidade. Tornou-se uma com o oceano. Qual a meta de livros ou escrituras? Alcançar Deus. Um homem abriu um livro pertencente a um sadhu. Viu a palavra ‘Rama’ escrita em cada página. Nada mais.”

“Se um homem ama Deus, a menor coisa acende nele o sentimento espiritual. Então repetindo o nome de Rama somente uma vez, obtém o fruto de dez milhões de sandhyas. À vista de uma nuvem, a emoção de um pavão é despertada: dança abrindo a cauda. Radha teve a mesma experiência. A visão de uma nuvem trazia-lhe à mente, a lembrança de Krishna.

Chaitanya passava por um vilarejo. Ouviu que os tambores eram feitos da terra daquele lugar. Imediatamente foi tomado pelo êxtase porque os tambores eram usados no kirtan.

“Mas quem pode ter este despertar espiritual? Somente aquele que renunciou ao apego às coisas do mundo. Se a seiva do apego secou completamente num homem, a menor sugestão acende a emoção espiritual. Embora risquem um fósforo úmido mil vezes, ele não produzirá faísca, mas se estiver seco, a menor fricção o acenderá.

“Dor e prazer são inevitáveis no corpo. Aquele que realizou Deus dedica a mente e a vida, o corpo e a alma, a Deus. Quando Rama e Lakshmana foram tomar banho no Lago Pampa, atiraram os arcos no chão. Saindo da água, Lakshmana apanhou o arco e viu a ponta manchada de sangue. Rama disse-lhe, ‘Olhe, irmão! Olhe. Talvez tenhamos ferido alguém.’ Lakshmana cavou a terra e encontrou uma grande rã. Estava morrendo. Rama disse à rã. ‘Por que você não coaxou? Teríamos tentado salvá-la. Você grita alto, quando está nas garras de uma cobra.’ A rã disse, ‘Ó Senhor, quando sou atacada por uma cobra, coaxo, dizendo: “Ó Rama, salva-me!”’ Desta vez vi que era Rama que estava me matando, por isso, fiquei quieta.’ ”

Shri Ramakrishna permaneceu em silêncio por algum tempo, observando os devotos. Ouvira dizer que Mahimacharan não acreditava na orientação de um guru. Retomou à conversa.

Mestre: “Um homem deve ter fé nas palavras do guru. Não deve olhar para o caráter dele. ‘Embora meu guru visite a taberna, ainda assim, é a personificação da Felicidade Eterna.’”

“Um homem que costumava dar recitais do *Chandi* e *Bhagavata* disse, ‘Uma vassoura é por si mesma suja, mas limpa os lugares sujos.’”

“Mahimacharan estudava Vedanta. Seu objetivo era atingir Brahmajnana. Seguiu o caminho do conhecimento e estava sempre raciocinando.”

Mestre (*a Mahima*): “A meta do jnani é conhecer a natureza de seu próprio Ser. Isto é Conhecimento; isto é liberação. A verdadeira natureza do Ser é que Ele é o Brahman Supremo; eu e o Brahman Supremo somos um, mas este Conhecimento está oculto devido à maya.

“Disse a Harish: ‘Isto é tudo: o ouro está escondido debaixo da terra. Deve-se remover a terra.’”

“Os bhaktas retêm a ‘consciência do eu’; os jnanis, não. Nangta costumava ensinar como estabelecer-se no verdadeiro Ser, dizendo, ‘Fundei a mente no buddhi e o buddhi no Atman, então ficará estabelecido em seu verdadeiro Ser.’”

“Mas o ‘eu’ persiste. Não se pode ficar livre dele. Imagine uma extensão de água sem limite; acima e abaixo, na frente e atrás, direito e esquerda, em todos os lugares há água. Nela coloca-se uma jarra cheia de água. Há água dentro da jarra e fora, mas a jarra ainda está lá. O ‘eu’ é a jarra.

“Mesmo depois de atingir o Conhecimento, o jnani mantém o corpo como antes, mas o fogo do Conhecimento queima sua luxúria e outras paixões. Há dias atrás, durante uma tempestade, um raio atingiu o templo de Kali. Vimos que as portas não haviam sofrido qualquer dano; somente as cabeças dos parafusos haviam quebrado. As portas são o corpo, e as paixões – luxúria etc. – são os parafusos.

“Um jnani gosta de falar somente de Deus. Sente-se pesaroso se alguém fala de assuntos mundanos, mas um homem mundano pertence a uma classe diferente. Usa sempre o turbante da ignorância, em sua cabeça. Sempre se volta para assuntos mundanos.

“Os Vedas falam dos ‘sete planos’ da mente. Quando a mente do jnani sobe ao quinto plano, ele não pode ouvir nem falar de outra coisa que não seja Deus. Neste estágio somente palavras de sabedoria brotam de seus lábios.

“Os Vedas falam de Satchidananda Brahman. Brahman não é nem um nem dois. Está entre um e dois. Não pode ser entre existência e não-existência.

“Quando o devoto desenvolve raga bhakti, amor arrebatador por Deus, realiza-O, mas perde-se vaidhi bhakti, devoção formal, tão facilmente como foi obtida. A devoção formal é tanto de japa, tanto de meditação, tanto de sacrifício e homa, tantos artigos para o culto e a recitação de muitos mantras à Divindade. Este tipo de devoção vem num minuto e vai-se no outro. Muitas pessoas dizem: ‘Bem, amigo, vivemos de havishya durante tantos dias! Quantas vezes adoramos a Divindade em nossa casa! E o que conseguimos?’ Mas não há com sair de raga bhakti. Quem obtém este amor apaixonado por Deus? Aqueles que praticaram muitos atos meritórios em nascimentos passados ou aqueles que são eternamente perfeitos. Pense numa coisa dilapidada por exemplo, enquanto estão sendo retirados o capim e o lixo, subitamente descobre-se uma fonte com um cano que foram encobertos pela terra e tijolos, mas logo que são removidos, a água jorra.

“Aqueles que têm amor apaixonado por Deus não dizem coisas assim: ‘Ó irmão! Quão estrito tenho sido a respeito da alimentação! Mas o que consegui?’” Novos agricultores abandonam o cultivo de seus campos que não propiciam colheitas, mas os agricultores hereditários continuarão a cultivar os campos, haja colheita boa ou não. Seus pais e avós eram agricultores; sabem que devem, também, cultivar a terra como meio de vida.

“Somente aqueles que desenvolvem raga bhakti por Deus podem ser chamados devotos sinceros. Deus torna-Se responsável por eles. Se você registrar seu nome num hospital, o médico não lhe dará alta, a não ser que esteja curado. Aqueles que são conduzidos por Deus não têm nada a temer. O filho que se segura ao pai, enquanto caminha numa beirada estreita

de um arrozal, pode escorregar se ele, por falta de atenção, deixar de segurar a mão do pai, mas se o pai segurar-lhe a mão, não há esse perigo.

“Há alguma coisa impossível para a fé? E um verdadeiro devoto tem fé em tudo; na Realidade sem forma, Deus com forma, Rama, Krishna e a Mãe Divina.

“Uma vez quando ia a Kamarpukur, fui surpreendido por uma tormenta. Estava no meio de um grande campo. O lugar era freqüentado por ladrões. Comecei a repetir os nomes de todas as Divindades: Rama, Krishna e Bhagavati. Repeti também, o nome de Hanuman. Cantei o nome de todos eles. O que isto significa? Deixe-me dizer-lhe. Quando o empregado conta o dinheiro para as compras de comida diz, ‘Esses centavos são para as batatas, estes para as beringelas, este para o peixe.’ Conta o dinheiro, separadamente, mas depois quando está completa, guarda as moedas juntas.

“Quando se desenvolve amor por Deus, gosta-se de falar somente de Deus. Se você ama uma pessoa, gosta de falar e ouvir a seu respeito. A boca de uma pessoa mundana enche-se de água ao falar de seu filho. Se alguém elogia o filho, imediatamente diz ao rapaz, ‘Vá apanhar um pouco de água para que seu tio possa lavar os pés.’

“Os que gostam de pombos ficam muito felizes se alguém elogiar pombos diante dele, mas se falar, logo dirão, ‘Alguém de sua família, durante quatorze gerações já criou pombos’”

Logo Shri Ramakrishna dirigiu-se a Mahimacharan que era chefe de família.

Mestre: “Que necessidade há de renunciar ao mundo por completo? Basta que você abandone o apego, mas tem que fazer sadhana, tem que lutar contra os órgãos dos sentidos.

“É muito vantajoso lutar de dentro de um forte. Ali tem-se muita ajuda. O mundo é uma praça de prazeres. Depois de ter desfrutado diferentes coisas, deve-se abandoná-las, uma a uma. Uma vez tive o desejo de usar uma corrente de ouro na cintura. Por fim consegui uma e a coloquei, mas tive que tirá-la imediatamente.

“Uma vez comi um pouco de cebola <sup>8</sup>. Enquanto comia, discriminava, ‘Ó mente, isto é uma cebola’. Então movimentei-a em diferentes lugares na boca e por fim, a cuspi.”

Esperava-se um músico. Devia cantar com seu conjunto. Shri Ramakrishna perguntava de vez em quando aos devotos, ‘Onde está o músico?’

Mahima: “Estamos muito bem assim como estamos.”

Mestre: Não, senhor. Vocês têm tudo isso no decorrer do ano.”

Um devoto fora do quarto disse: “O músico chegou.”

Shri Ramakrishna, cheio de alegria, disse, “Ah! Chegou?”

Esteiras foram estendidas no chão da longa varanda e a noroeste do aposento do Mestre. Shri Ramakrishna disse, “Joguem um pouco de água do Ganges nas esteiras. Muitas pessoas mundanas estiveram sentadas nelas.”

Muitas senhoras da família Priya Babu, de Bali, haviam chegado para visitar os templos. Queriam assistir ao kirtan. Um devoto disse a Shri Ramakrishna: “Estas senhoras perguntaram se haveria lugar para elas no quarto. Podem sentar-se?” O kirtan já havia começado. O Mestre disse: “Não, não! Onde há lugar aqui?”

Narayan chegou e saudou Shri Ramakrishna que disse-lhe afetuosamente: “Por que você veio? Seus familiares lhe têm tratado tão mal!” Fez sinal a Baburam para dar de comer a Narayan. Narayan entrou no quarto do Mestre. Shri Ramakrishna seguiu-o porque desejava dar-lhe de comer com suas próprias mãos. Em seguida, voltou para a varanda.

Muitos devotos estavam presentes, incluindo Vijay. Mahimacharan, Narayan, M. e Gopal mais jovem. Logo Narayan voltou da varanda e sentou-se ao lado do Mestre. Mais ou menos às três horas, Adhar chegou. Ao vê-lo, Shri Ramakrishna parecia agitado. O devoto saudou o Mestre e sentou-se no chão. Shri Ramakrishna fez-lhe sinal para que se aproximasse.

Quando a música acabou, os devotos dispersaram-se. Alguns foram passear no jardim e outros foram para os templos assistir ao culto da tarde.

<sup>8</sup> A cebola é considerada alimento rajásico e que não leva à vida espiritual.

Ao anoitecer organizou-se um kirtan no quarto do Mestre. Shri Ramakrishna pediu a um devoto que trouxesse outro lampião. Os dois lâmpioes iluminaram intensamente o aposento.

Shri Ramakrishna perguntou a Vijay: “Por que você se senta aí? Chegue para mais perto de mim.” Nesse instante o kirtan criou uma atmosfera santa. O Mestre dançou em êxtase. Os devotos dançaram à sua volta. Enquanto Vijay dançava, suas roupas caíram. Estava inconsciente.

Quando a música terminou, Vijay começou a procurar sua chave, que havia caído em algum lugar. O Mestre disse-lhe, rindo: “Por que preocupar-se com isto?” Queria dizer que Vijay não tinha mais a fazer com caixas e chaves.

Kishori saudou Shri Ramakrishna e já estava na hora de despedir-se. O Mestre abençoou-o, tocando seu peito ternamente e disse-lhe adeus. Suas palavras estavam impregnadas de amor. M. e Gopal saudaram o Mestre. Eles também já estavam de saída. Com muito afeto, o Mestre disse-lhe: “Não podem ir amanhã de manhã? Podem resfriar-se à noite.”

M. e Gopal decidiram passar a noite com Shri Ramakrishna. Sentaram-se no chão com alguns devotos.

Shri Ramakrishna não havia descansado durante o dia; os devotos estiveram com ele o tempo todo. Saiu por alguns minutos. Retornando ao quarto viu M. escrevendo uma canção de Ramlal.

Mestre: “O que você está fazendo?”

M. disse que estava escrevendo uma canção. Ao lhe mostrar o Mestre comentou que era um pouco longa. M. escreveu um verso ou dois e logo parou.

Um pouco mais tarde Shri Ramakrishna comeu pudim e um ou dois luchs. A seu lado estava aceso um lampião. M. sentou-se perto dele. O Mestre perguntou se havia doces. M. havia trazido sandesh que guardara na prateleira. Shri Ramakrishna pediu a M. para trazer-lhe um. M. procurou os doces mas não os encontrou. Ficou embaraçado, havia dado aos devotos.

Depois de terminar a ceia, Shri Ramakrishna sentou-se no pequeno divã e M. no tapete. O Mestre, falando a respeito de Narayan, ficou tomado de emoção.

Mestre: “Vi Naran hoje.”

M.: “Sim, senhor. Seus olhos estavam úmidos. Quando olhei para seu rosto tive vontade de chorar.”

Mestre: “Ao vê-lo, desperta em mim, por assim dizer, amor maternal. Seus parentes o maltratam, em casa, porque vem aqui. Não há quem o defenda.”

M.: “No outro dia ele deixou seus livros na casa de Haripada e correu para o senhor.”

Mestre: “Não foi sensato para ele, fazer aquilo.”

Shri Ramakrishna ficou em silêncio. Depois de alguns minutos continuou.

Mestre: “Veja, ele tem muita substância em si, senão, como eu poderia ser atraído para ele embora estivesse ouvindo o kirtan naquele momento? Tive que deixar a música e ir para o quarto. Isto jamais aconteceu antes.”

Novamente Shri Ramakrishna ficou em silêncio. Pouco tempo depois, começou a falar.

Mestre: “Em êxtase perguntei-lhe como estava se sentindo. Apenas disse que estava feliz. (A M.) Dê-lhe de comer de vez em quando – assim como os pais fazem com o filho.”

Shri Ramakrishna começou a falar a respeito de Tejchandra.

Mestre (a M.): “Por favor, pergunte-lhe o que pensa de mim. Será que ele me considera um jnani? Ou, o que diz a meu respeito? Vi que é muito reticente. (A Gopal) Peça a Tejchandra para vir aqui aos sábados e terças. (A.M.) Vamos dizer que eu vá à sua escola e procure – “

M. pensou que Shri Ramakrishna desejava ir à sua escola ver Narayan. Disse ao Mestre: “O senhor pode ficar esperando em nossa casa.”

Mestre: “Não, tenho outra coisa em mente. Quero ver se há, na escola, outros rapazes de valor.”

M.: “Claro que pode ir. Outros visitantes vêm à escola. O senhor pode ir também.”

Shri Ramakrishna fumava. M. e Gopal terminaram a ceia. Decidiram dormir no nahabat. M. sentou-se novamente no chão, junto de Shri Ramakrishna.

Mestre (*a M.*): “Há muitas panelas e frigideiras no nahabat. Por que não dormem aqui?”

M.: “Está bem, senhor.”

Eram dez ou onze horas da noite. Shri Ramakrishna estava sentado no pequeno divã, recostado num travesseiro. M. sentou-se no chão. O Mestre conversava com ele. Um lampião queimava numa prateleira junto à parede.

O Mestre sentia uma grande compaixão por seus devotos. Quis abençoar M., aceitando seu serviço pessoal.

Mestre: “Meus pés doem, por favor, massagei-os, com suavidade.”

M. sentou-se no divã pequeno e pôs os pés do Mestre em seu colo, massageando-os. De vez em quando Shri Ramakrishna fazia uma pergunta a seu discípulo.

Mestre (*sorrindo*): “Você gostou da conversa de hoje?”

M.: “Muitíssimo.”

Mestre (*sorrindo*): “Como falei sobre o Imperador Akbar!”

M.: “Esteve muito bem.”

Mestre: “Repita para mim.”

M.: “Um faquir foi visitar Akbar. O Imperador estava rezando. Em suas orações pedia a Deus que lhe desse opulência e riqueza. A isto o faquir estava disposto a abandonar o aposento, em silêncio. Mais tarde, quando o imperador perguntou o motivo, o faquir disse, ‘Se tenho que mendigar, por que tenho que fazê-lo a um pedinte?’”

Mestre: “De que mais falamos?”

M.: “O senhor nos falou muito a respeito de guardar para o futuro.”

Mestre (*sorrindo*): “O que eu disse?”

M.: “Deus toma sobre Si Mesmo, total responsabilidade por aquele que confia totalmente n’Ele. É como um tutor que toma conta de um menor. O senhor também nos disse que, numa festa, uma criança não pode sozinha, encontrar um lugar para comer; alguém deve encontrar um lugar para ela.”

Mestre: “Não, não é bem assim. Disse que a criança não cai se o pai segurar sua mão.”

M.: “O senhor também descreveu os três tipos de sadhus. O melhor sadhu não sai para conseguir o alimento, vive num lugar e ali consegue o alimento. O senhor nos falou sobre aquele jovem sadhu que, ao ver os seios de uma jovem, disse, ‘Por que ela tem esses abscessos?’ O senhor nos falou de muitas outras coisas.”

Mestre (*sorrindo*): “O que mais?”

M.: “A respeito do corvo do Lago Pampa que repetia o nome de Rama dia e noite. Foi por isso que não pôde beber água, embora estivesse à sua beirada. E a respeito do santo em cujo livro estava escrito somente ‘Om Rama’. E o que Hanuman disse a Rama.”

Mestre: “O que ele disse?”

M.: “Hanuman disse a Rama: ‘Vi Sita no Ceilão, mas era somente seu corpo. A mente e a alma estavam a Teus pés.’”

“E sobre o pássaro chatak. Não beberá nada a não ser água da chuva. E também, sobre jnana e bhakti yoga.”

Mestre: “O que eu disse a respeito delas?”

M.: “Enquanto se está consciente do ‘jarro’, o ego certamente permanecerá. Enquanto se é consciente do ‘eu’, não se pode livrar-se da idéia ‘sou o devoto e Tu és Deus.’”

Mestre: “Não, não é isso: o ‘jarro’ não desaparece se uma pessoa estiver consciente dele ou não. Não se pode livrar-se do ‘eu’. Pode-se pensar muito, mas ele não desaparecerá.”

M. permaneceu em silêncio por algum tempo.

M.: “O senhor conversou com Ishan Mukherji no templo de Kali. Ficamos muito felizes em estar lá.”

Mestre (*sorrindo*): “Sim, sim. Diga-me, o que eu disse?”

M.: “O senhor disse que o trabalho é somente o primeiro passo. Disse-nos que falou a Sambhu Mallick. ‘Se Deus aparecer diante de você, você Lhe pedirá hospitais e dispensários?’”

“O senhor disse uma outra coisa: Deus não Se revela a uma pessoa, enquanto ela for apegada ao trabalho. O senhor disse isso a Keshab Sen.”

Mestre: “O que eu disse?”

M.: “Enquanto o nenem brinca com o brinquedo, esquece-se de tudo o mais, a mãe cuida da cozinha e de outros afazeres da casa, mas quando a criança larga os brinquedos e chora, a mãe deixa a panela de arroz e corre para a criança.”

“Naquele dia o senhor disse mais: Lakshmana perguntou a Rama onde se poderia encontrar Deus; depois de muita explicação, Rama disse-lhe, ‘Irmão, moro no homem que tem amor divino – um amor que faz rir e chorar, e dançar e cantar’.”

Mestre: “Ah, meu Deus! Ah, meu Deus!”

Shri Ramakrishna permaneceu em silêncio por algum tempo.

M.: “Naquele dia o senhor falou somente palavras de renúncia a Ishan. Desde então, muitos de nós voltamos aos nossos sentidos. Agora estamos ansiosos para reduzir os deveres. Naquele dia o senhor disse, ‘Ravana morreu no Ceilão, e Behula chorou amargamente por ele.’

Shri Ramakrishna riu alto.

M. (*humildemente*): “Senhor, não é bom diminuir os deveres e envoltivos?”

Mestre: “Sim, mas é uma coisa diferente, se cruzar com um sadhu ou um pobre. Deve servi-los.”

M.: “Naquele dia o senhor falou muito bem a Ishan, a respeito dos adutores. São como abutres sobre uma carcaça. O senhor uma vez disse a mesma coisa a Padmalochan.”

Mestre: “Não, a Vamandas de Ulo.”

Depois M. sentou-se no chão, perto do divã pequeno. Shri Ramakrishna estava com sono. Disse a M.: “Vá dormir. Onde está Gopal? Por favor, feche a porta.”

Na manhã seguinte, Shri Ramakrishna saiu da cama muito cedo. Como de costume, cantou os nomes sagrados dos diferentes deuses e deusas. De vez em quando olhava para o rio sagrado. O culto da manhã começou nos templos de Radhakanta e Mãe Kali. M. havia passado a noite no chão do quarto do Mestre. Saiu da cama e observou o culto nos diferentes templos.

Shri Ramakrishna terminou o banho e com M., foi ao templo de Kali. Pediu ao discípulo para fechar a porta de seu quarto.

No templo, sentou-se defronte à imagem de Kali e ofereceu flores, às vezes a Seus pés, às vezes sobre sua própria cabeça. Abanou a Divindade. Depois voltou ao quarto e pediu a M. para abrir a porta. Entrando no aposento, sentou-se no divã pequeno.. Estava completamente tomado por fervor divino e começou a cantar o nome de Deus. M. sentou-se sozinho no chão. Shri Ramakrishna começou a cantar a respeito da Mãe Divina.

Quem existe que pode entender o que seja a Mãe Kali?  
Até mesmo os seis darshanas são incapazes de revelá-La.  
É Ela, dizem as escrituras, que é o Eu interno  
Do Yogi, que descobre no Eu toda sua alegria.  
Ela que, por Sua doce vontade, habita em cada ser vivo.

Depois cantou:

Toda criação é o jogo da minha louca Mãe Kali;  
Por Sua maya os três mundos ficam enfeitados.

Continuou:

Ó Kali, quem pode conhecer-Te? Inúmeras são Tuas formas. ...

Novamente cantou:

Ó Mãe, redime-se rapidamente!  
Do terror do rei da Morte, estou a ponto de morrer. ...

M. disse a si mesmo, “Gostaria de que ele cantasse:

Mãe, Tu não podes enganar-me mais,  
Pois vi os seus carmins Pés de Lótus.”

Muito estranho, mal tinha o pensamento passado pela mente de M., e Shri Ramakrishna cantou-a. Poucos minutos mais tarde disse a M., “O que você de meu estado mental?

“M. (*sorrindo*): “É seu estado simples e natural.”

Shri Ramakrishna cantou para si mesmo, o seguinte refrão de uma canção:

A não ser que um homem seja simples, não pode reconhecer Deus, o Uno Simples.



## CAPÍTULO XXXIV

### BANKIM CHANDRA

*Sábado, 6 de dezembro de 1884*

**A**DHAR, UM GRANDE DEVOTO DE SHRI RAMAKRISHNA, vivia em Sobhabazar, seção nordeste de Calcutá. Quase todos os dias, depois de sair do trabalho no escritório e voltar para casa ao cair da tarde, fazia uma visita a Shri Ramakrishna. De sua casa, em Calcutá, ia a Dakshineswar numa carruagem alugada. Sua única alegria era visitar o Mestre, mas ele ouvia muito pouco do que Shri Ramakrishna dizia porque, depois de saudar o Mestre e visitar os templos, a pedido do Mestre, deitava numa esteira no chão e caía no sono. Às nove ou dez horas era acordado para voltar para casa. Contudo, considerava-se abençoado por poder visitar o homem-Deus de Dakshineswar. A pedido de Adhar, Shri Ramakrishna a miúdo visitava sua casa. Essas visitas eram ocasiões para festivais religiosos. Reuniam-se devotos em grande número e Adhar os alimentava fartamente. Um dia, enquanto Shri Ramakrishna visitava-o, Adhar disse-lhe: ‘Há muito tempo que o senhor não vem à nossa casa. Os aposentos parecem sombrios; cheiram a mofo, mas hoje, a casa está alegre; a doçura de sua presença enche a atmosfera. Hoje chamei Deus sinceramente. Ao orar até derramei lágrimas. “Verdade?”’, disse o Mestre com ternura, lançando um olhar carinhoso para o discípulo.

Shri Ramakrishna chegou à casa de Adhar com os devotos. Todos estavam alegres. Adhar organizara uma festa suntuosa. Muitos novatos haviam vindo. A convite de Adhar, diversos magistrados vieram; queriam observar Shri Ramakrishna e julgar sua santidade. Entre eles estavam Bankim Chandra Chatterji, talvez a maior figura literária de Bengala dos fins do século XIX. Era um dos criadores da moderna literatura bengali e escrevia sobre assuntos sociais e religiosos. Bankim era o resultado do contato da Índia com a Inglaterra. Dera uma interpretação moderna às escrituras hindus e preconizava reformas sociais drásticas.

Shri Ramakrishna conversava muito feliz com os devotos, quando Adhar apresentou-lhe diversos amigos.

Adhar (*apresentando Bankim*): “Senhor, ele é um grande erudito e escreveu muitos livros. Veio para conhecê-lo. Seu nome é Bankim Babu.”

Mestre (*sorrindo*): “Bankim! <sup>1</sup> Bem, o que o fez curvar-se?”

Bankim (*sorrindo*): “Bem, senhor, as botas são as responsáveis. Os pontapés de nossos senhores ingleses curvaram meu corpo.”

Mestre: “Não, meu caro senhor! Shri Krishna estava curvado por causa de Seu amor divino. O corpo estava partido em três lugares, devido a seu amor por Radha. É assim como algumas pessoas explicam a forma de Shri Krishna. O senhor sabe por que Ele tem uma pele azul escura? E por que é de estatura tão pequena – somente três e meio cúbitos medidos por Suas próprias mãos? Deus parece assim enquanto for visto à distância. Assim a água do oceano parece azul de longe, mas se o senhor aproximar-se e puser água nas mãos, não mais verá azul; será muito clara, transparente. Assim, o sol também parece pequeno porque está muito distante; se o senhor aproximar-se dele, não mais o achará pequeno ... Quando se conhece a verdadeira natureza de Deus, Ele não parece nem azul nem pequeno. Mas isto está além de nossa visão, só é visto em samadhi. Enquanto existir o ‘eu’ e o ‘você’, também existirá nome e forma. Tudo é a lila de Deus, Seu prazer esportivo. Enquanto um homem for consciente de ‘eu’ e ‘você’, experimentará as manifestações de Deus através de diversas formas.

Shri Krishna é o Purusha, Srimati<sup>2</sup> é Sua Shakti, o Poder Primordial. Os dois são respectivamente, Purusha e Prakriti. Qual é o significado de Yugala Murti, as imagens conjugadas de Radha e Krishna? É que Purusha e Prakriti não são diferentes; não há qualquer diferen-

---

<sup>1</sup> Literalmente a palavra significa “inclinado” ou “encurvado”.

<sup>2</sup> Radhika, a Divina Companheira de Krishna.

ça entre eles. Purusha não pode existir sem Prakriti, e Prakriti não pode existir sem Purusha. Se o senhor mencionar um, o outro está subentendido. É como o fogo e seu poder de queimar; não se pode pensar no poder de queimar do fogo, sem o fogo, portanto, nas imagens conjugadas de Radha e Krishna, os olhos de Krishna estão fixos em Radha e os de Radha em Krishna. A pele de Radha é dourada, como o relâmpago, e por isso, Krishna usa roupa amarela. A pele de Krishna é azul, como uma nuvem escura e daí Radha usar um vestido azul; e adornar-se com safiras azuis. Radha tem pulseiras de tornozelos tilitantes; Krishna, também, as tem. Em outras palavras, há uma harmonia interna e externa entre Purusha e Prakriti.”

Quando Shri Ramakrishna acabou de falar, Bankim e os amigos começaram a sussurrar em inglês.

Mestre (*sorridente, dirigindo-se a Bankim e outros*): “Bem, senhores! O que estão dizendo em inglês?”

Adhar: “Discutíamos o que o senhor acabou de falar: explicação sobre a forma de Krishna.”

Mestre (*sorrindo*): “Isto me recorda uma história engraçada. Dá-me vontade de rir. Uma vez um barbeiro estava fazendo a barba de um senhor. Este foi levemente ferido pela navalha. Imediatamente gritou, ‘Damn!’ mas o barbeiro não conhecia o significado da palavra. Colocou a navalha e outros utensílios de barbear de lado, arregaçou as mangas da camisa – era inverno – e disse, ‘O senhor disse “damn” para mim. Agora tem que me dizer o que significa.’ O cavalheiro disse, ‘Não seja tolo, mas faça a barba com mais cuidado.’ Mas o barbeiro não desistiu tão facilmente. Disse, ‘Se “damn” quer dizer alguma coisa boa, então sou um “damn”, meu pai é um “damn” e todos os meus ancestrais são “damns”. (*Todos riem*). Mas se o significado for algo mau, o senhor é um “damn”, seu pai é um “damn” e todos os seus ancestrais são “damns”, (*Todos riem*). Eles não são somente “damns”, mas damn – damn – damn – damn – da-damn – damn.’ ” (*Gargalhada*).

Logo que a risada acabou, Bankim retomou a conversa.

Bankim: “Senhor, por que não prega?”

Mestre (*sorrindo*): “Pregar? É somente a vaidade do homem que o faz pensar em pregar. O homem é uma criatura insignificante. Só Deus é que prega – Deus que criou o sol e a lua, iluminando o universo. Será pregar algo banal? O senhor não pode pregar enquanto Deus não Se revelar ao senhor e lhe der o mandato. Claro que ninguém pode impedi-lo de pregar. O senhor não recebeu mandato, mas mesmo assim, fala alto até ficar rouco. As pessoas o ouvirão uns dias, e depois, se esquecerão de tudo. É como qualquer outra sensação, enquanto o senhor fala, as pessoas dizem, ‘Ah! Como fala bem’; e no momento que acabar, tudo desaparecerá.

“O leite na panela chia e sobe, enquanto houver fogo debaixo dela, Retire o fogo e o leite descerá.

“Deve-se aumentar a força pela sadhana; caso contrário, não se pode pregar. Como diz um provérbio: ‘Você não m quarto para dormir e está convidando um amigo para dormir com você.’ Não há lugar para você deitar, entretanto diz, ‘Venha, amigo! Venha e deite-se comigo.’ (*Risada*).

“Algumas pessoas costumavam todas as manhãs, sujar as margens de Haldarpukur, em Kamarpukur. Os aldeões insultavam os que faziam aquilo, mas continuavam a sujar. Finalmente os aldeões enviaram uma queixa ao governo. Um funcionário visitou o lugar e pôs um aviso, ‘É Proibido Incomodar. Os infratores serão punidos.’ Isto pôs fim a tudo. Depois não houve mais problemas. Era uma ordem do governo e todos tinham que obedecê-la.

“Assim também, se Deus revela-Se ao senhor e lhe dá mandato então, pode pregar e ensinar. Caso contrário, quem escutará?”

Os visitantes ouviam atentamente.

Mestre (*a Bankim*): “Sei que o senhor é um grande pundit e escreveu muitos livros. Por favor, diga-me o que pensa dos deveres do homem? O que o acompanhará após a morte? O senhor crê existe algo depois, não?”

Bankim: “O que existe depois? O que é isto?”

Mestre: “Verdade. Quando um homem morre depois de alcançar o Conhecimento, não tem que ir a outro plano de existência; não renasce, mas enquanto não tiver alcançado o

Conhecimento, enquanto não realizou Deus, deve voltar à vida na terra; não pode escapar disso. Para essa pessoa há o que vem depois. Um homem é liberado depois de alcançar o Conhecimento, depois de realizar Deus. Para ele não há mais volta à terra. Se um grão de arroz cozido for semeado, não germinará. Do mesmo modo, se um homem for fervido pelo fogo do Conhecimento, já não pode tomar parte no jogo da criação; não pode levar uma vida mundana porque não tem mais apego a ‘mulher e ouro’. O que se ganha semeando arroz cozido?”

Bankim (*sorrindo*): “Senhor, também uma erva daninha não preenche a função de uma árvore.”

Mestre: “Mas o senhor não pode chamar um jnani de erva inútil. Aquele que realizou Deus alcançou o fruto da Imortalidade – não um fruto comum como a cabaça e a abóbora. Está livre de renascimento. Não nasce mais em qualquer outro lugar – seja na terra, no mundo solar ou lunar.

“A analogia é unilateral. O senhor é um pundit. Não estudou lógica? Suponhamos que o senhor diga que um homem é tão terrível quanto um tigre. Isto não significa que ele tenha uma cauda ou focinho de um tigre! (*Todos riem*).

“Disse a mesma coisa a Keshab. Perguntou-me, ‘Senhor, há vida após a morte? Comprometi-me de uma maneira ou de outra. Disse que os oleiros colocam os jarros ao sol para cozer. Entre eles há tantos jarros cozidos, quanto não cozidos. Às vezes, o gado os pisoteia, mas quando os não cozidos são quebrados, os oleiros guardam-nos. Misturam-nos com água e colocam argila na roda e fazem novos potes. Não jogam fora os não cozidos. Assim, eu disse a Keshab: ‘O Oleiro não o deixará ir-se enquanto você não estiver cozido. Ele o colocará na roda do mundo até que tenha alcançado o Conhecimento, enquanto não O tiver realizado Ele não o deixará ir-se. Terá que voltar à terra repetidas vezes, não há fuga. Você será liberado somente quando realizar Deus. Somente então, o Oleiro o deixará ir-se. Isto é porque então, você não servirá a nenhum propósito neste mundo de maya.’ O jnani foi além de maya. O que ele fará nesse mundo de maya?

“Mas Deus conserva alguns jnanis no mundo de maya para serem instrutores. Para ensinar os outros, o jnani vive no mundo com ajuda de vidyamaya. É o Próprio Deus quem conserva o jnani no mundo, para Seu trabalho. Este foi o caso de Shukadeva e Shankaracharya.

(*A Bankim, sorrindo*): “Bem, o que me diz sobre os deveres de um homem?”

Bankim (*sorrindo*): “Se o senhor me pergunta a esse respeito, devo dizer-lhe que são comer, dormir e ter vida sexual.”

Mestre (*asperamente*): “O que? O senhor é muito atrevido! O que o senhor faz dia e noite, sai por sua boca. Um homem arrotta o que come. Se comer rabanete, arrotta rabanete; se comer coco verde, arrotta coco verde. Dia e noite o senhor vive no meio de ‘mulher e ouro’; sua boca pronuncia somente palavras sobre este assunto. Pensando constantemente em coisas mundanas, o homem torna-se calculista e dissimulado. Por outro lado, torna-se puro se pensar em Deus. Um homem que viu Deus jamais dirá o que o senhor acabou de dizer. O que a erudição de um pundit o beneficia, se ele não pensar em Deus e não tiver discriminação e renúncia? Para que serve erudição se a mente mora em ‘mulher e ouro’?

“Realmente milhanos e abutres voam muito alto, mas seu olhar está fixo somente na carniça. O pundit, sem dúvida, estudou muitos livros e escrituras; pode repetir seus textos ou pode haver escrito livros. Mas se ele estiver apegado a mulheres, se ele pensar em dinheiro e honra como coisas essenciais, o senhor o chamaria de pundit? Como pode um homem ser um pundit se a mente não mora em Deus?

“Alguns podem dizer sobre os devotos: ‘Dia e noite estas pessoas falam de Deus. Estão loucas, perderam o juízo, mas nós somos espertos! Como desfrutamos os prazeres – dinheiro, honra e sentidos!’ O corvo também pensa que é um pássaro esperto, mas a primeira coisa que faz quando se levanta cedo, é encher o estômago com a sujeira dos outros. Já reparou como ele anda empertigado? De fato, muito esperto!”

Havia um profundo silêncio.

Shri Ramakrishna continuou: “Mas são como o cisne, são aqueles que pensam em Deus, que oram dia e noite para se livrarem do seu apego às coisas do mundo e seu amor a ‘mulher e ouro’, que não gozam outra coisa a não ser o néctar dos Pés de Lótus do Senhor, e

para quem os prazeres mundanos têm sabor amargo. Se o senhor puser uma mistura de leite e água diante do cisne, ele deixará a água e beberá somente o leite. Já reparou a postura de um cisne? Vai em frente numa direção. Assim são os devotos autênticos: vão somente em direção a Deus Nada mais buscam, Nada mais desfrutam.

*(Afetuosamente a Bankim)* Por favor não se ofenda com minhas palavras.”

Bankim: “Senhor, não vim aqui para ouvir palavras doces.”

Mestre *(a Bankim)*: “Somente ‘mulher e ouro’ constituem o mundo: isto é maya. Por isso não se pode ver ou pensar em Deus. Depois do nascimento de um ou dois filhos, marido e mulher deveriam viver como irmãos e falar somente de Deus. A mente de ambos serão atraídos para Deus e a esposa será uma ajuda para o marido, em seu caminho da espiritualidade. Ninguém pode provar a felicidade divina sem abandonar seus sentimentos animais. Um devoto deve orar a Deus para ajudá-los a abandonar este sentimento. Deve ser uma oração sincera. Deus é o nosso Controlador Interno, certamente ouvirá nossa prece se ela for sincera.

“E ‘ouro’. Sentando nas margens do Ganges abaixo do Panchavati, eu costumava dizer, ‘Rupia é argila e argila é rupia’. Então joguei ambas no Ganges.”

Bankim: “Verdade! Dinheiro é argila! Senhor, se tiver alguns trocados poderá ajudar os pobres. Se dinheiro é argila, então o homem não pode fazer caridade ou fazer bem aos outros.”

Mestre *(a Bankim)*: “Caridade! Fazer o bem! Como se atreve a dizer que pode fazer o bem a outros? Um homem anda muito empertigado de um lado para o outro, mas se alguém derrama água suja em sua boca, enquanto estive dormindo, nem ele tomará conhecimento; a água escorre de sua boca. Onde está sua basófia, vaidade, orgulho?

“Um sannyasi deve abandonar ‘mulher e ouro’, não pode aceitar mais isso. Não se deve engolir o próprio cuspe. Quando um sannyasi dá alguma coisa a um outro, sabe que não é ele quem está dando. A bondade pertence somente a Deus. Como pode alguém apossar-se dela? A caridade depende da vontade de Rama. Um verdadeiro sannyasi renuncia a ‘mulher e ouro’ mental e externamente. Aquele que não pode comer melado, não deve ter melado por perto. Se assim o fizer e disser aos outros para não comerem, as pessoas não lhe darão crédito.

“Um chefe de família, naturalmente, necessita de dinheiro, porque tem esposa e filhos. Deve economizar para sustentá-los. Dizem que o pássaro e o sannyasi não devem guardar para o futuro, mas a mãe pássaro traz alimento no bico, para seus filhotes; assim, ela também guarda. Um chefe de família necessita de dinheiro. Tem que sustentar a família.

“Se um chefe de família for um verdadeiro devoto, cumpre suas obrigações com desapego; abandona o fruto de seu trabalho a Deus – lucro ou perda, prazer ou dor – e dia e noite ora por devoção e por nada mais. A isso chama-se trabalho desinteressado, cumprimento do dever sem apego. Um sannyasi, também, deve trabalhar com desapego, mas ele não tem deveres mundanos, como o chefe de família.

“Se um chefe de família faz caridade sem apego, está fazendo bem a si mesmo. É somente a Deus que ele serve – Deus que mora em todos os seres, e quando ele serve a Deus, na realidade está fazendo bem a si mesmo, e não, aos outros. Se um homem serve Deus desta forma, através de todos os seres, não somente através dos homens, mas também de animais e outros seres vivos; se ele não busca nome e fama, ou o céu após a morte; se ele não busca qualquer retribuição daqueles a quem serve; se executa seu trabalho com essa atitude – então, na verdade faz um verdadeiro trabalho sem egoísmo, sem apego. Por meio desse trabalho desinteressado, faz bem a si mesmo. Isto chama-se karma yoga. Esse é também, um caminho para realizar Deus, mas é muito difícil e não adequado ao Kaliyuga.

“Por isso digo, aquele que trabalha com esse espírito de desapego – que é bondoso e caridoso – beneficia a si próprio. Ajudar os outros, fazer bem aos outros – esse é unicamente trabalho de Deus, que criou o homem, o sol e a lua, pai e mãe, frutas, flores e milho. O amor que o senhor vê nos pais é o amor de Deus. Ele o deu para preservar Sua criação! A compaixão que o senhor vê num coração bondoso é a compaixão de Deus. Ele a deu para proteger os desamparados. Quer o senhor seja caridoso ou não, Ele terá Seu trabalho executado de uma maneira ou de outra. Nada pode deter Seu trabalho.

“Qual é o dever do homem? O que mais pode ser? Somente tomar refúgio em Deus e orar a Ele com o coração anelante para obter Sua visão.

“Sambhu disse-me: ‘Quero construir muitos hospitais e dispensários. Assim posso fazer muito bem aos pobres.’ Eu lhe disse, ‘Sim, isto não é ruim se puder fazê-lo com desapego., mas ser desapegado é muito difícil, a não ser que ame sinceramente Deus. E além disso, se você envolver-se em muitas atividades, ficará apegado a elas, de uma maneira desconhecida para você mesmo. Pode pensar que não tem motivo algum por trás de seu trabalho, mas talvez haja crescido um desejo de fama e publicidade sobre seu altruísmo. E também, se estiver ocupado em numerosas atividades, a pressão talvez o faça esquecer-se de Deus.’ Também lhe disse, ‘Sambhu, quero perguntar-lhe uma coisa. Se Deus aparecer você O desejará ou desejará muitos hospitais e dispensários?’ Se alguém realiza Deus, não aprecia nada mais. Aquele que provou calda de açúcar cande não pode apreciar uma bebida feita de melado comum.

“Os que constroem hospitais e dispensários e encontram satisfação nisso, são, sem dúvida, pessoas boas, mas são de um tipo diferente. Aquele que é um verdadeiro devoto de Deus, só procura Deus. Se encontrar-se envolvido em muitos trabalhos, sinceramente ora, ‘Senhor, seja misericordioso e reduz meu trabalho, minha mente que deveria pensar em Ti dia e noite, vem perdendo seu poder, pensa somente em coisas mundanas.’ Devotos de alma pura formam uma classe em si mesmos. Não se pode ter amor verdadeiro por Deus a menos que se saiba que somente Deus é real e o resto, ilusório. O senhor não pode sentir amor verdadeiro por Deus, enquanto não souber que o mundo é transitório, com um ou dois dias de existência, enquanto que somente seu Criador é real e eterno.

“Janaka e sábios como ele trabalharam no mundo com ordem de Deus.

(*A Bankim*): “Algumas pessoas pensam que Deus não pode ser realizado sem o estudo de livros e escrituras. Pensam antes de tudo, que devem conhecer o mundo e suas criaturas; que em primeiro lugar devem estudar ‘ciência’. (*Todos riem*). Pensam que não se pode realizar Deus sem antes compreender Sua criação. O que vem primeiro, ‘ciência’ ou Deus? O que o senhor acha?”

Bankim: “Creio que deveríamos antes de mais nada, conhecer as diferentes coisas do mundo. Como podemos conhecer Deus, sem saber nada do mundo? Primeiro devemos aprender dos livros.”

Mestre: “Este é a idéia geral de todos vocês, mas Deus vem em primeiro lugar, e em seguida, a criação. Depois de alcançar Deus, o senhor pode conhecer tudo o mais, se for necessário.

“Se de alguma maneira, o senhor for apresentado a Jadu Mallick, então, poderá conhecer, se quiser, o número de chácaras que tem e a soma de dinheiro investido nos títulos do governo. O próprio Jadu Mallick lhe falará a respeito, mas se o senhor não o conhecer e, quando entrar em sua casa, for detido por seus porteiros, então, como poderá conseguir informação correta sobre suas casas, chácaras e títulos do governo? Quando conhecer Deus conhecerá tudo o mais, mas então, o senhor não se importa em saber de coisas sem importância. O mesmo está dito nos Vedas. O senhor fala das qualidades de uma pessoa enquanto não o vir, mas logo que ela aparece à sua frente, todas essas conversas acabam. Fica feliz, simplesmente por estar em sua presença. Fica encantado só em conversar com ela. Não fala mais sobre suas virtudes.

“Primeiro realize Deus, depois pense na criação e outras coisas. Deram a Valmiki, para repetir como mantra, o nome de Rama, mas lhe foi dito que inicialmente repetisse ‘mara’. ‘Ma’ quer dizer Deus, e ‘ra’ o mundo. Primeiro Deus e depois, o mundo. Se conhecer um, conhecerá todos! Se puser cinqüenta zeros depois de um, terá uma quantia grande, mas apague o um e nada restará, é o um que faz os muitos. Primeiro um, depois muitos. Primeiro Deus, depois Suas criaturas e o mundo.

“A única coisa necessária é realizar Deus. Por que o senhor se preocupa tanto com o mundo, a criação, ‘ciência’, e tudo isso? Seu negócio é comer mangas. Que necessidade tem de conhecer quantas centenas de árvores que há no pomar, quantos milhares de galhos e quantos milhões de folhas? O senhor foi ao pomar para comer mangas. Vá comê-las. O homem nasceu neste mundo para realizar Deus; não é bom esquecer-se disso e dirigir a mente para outras coisas. O senhor veio para comer mangas. Coma-as e seja feliz.”

Bankim: “Onde poderemos conseguir mangas?”

Mestre: “Ore a Deus com o coração anelante. Certamente Ele ouvirá sua prece, se for sincera. Talvez Ele o leve a homens santos cuja companhia pode desfrutar e isto o ajudará no seu caminho espiritual. Talvez alguém lhe diga, ‘Faça isto e alcançará Deus’.”

Bankim: “Quem? O guru? Ele guarda para si as melhores mangas e só me dá as ruínas!” (*Risada*).

Mestre: “Por que deveria ser assim? A mãe sabe qual o alimento adequado para os estômagos de seus diferentes filhos. Podem todos eles digerir pilau e kalia? Suponhamos que se tenha conseguido um peixe. A mãe não dá pilau e kalia a todos os filhos. Para o filho de estômago delicado, prepara uma simples sopa. Mas isto quer dizer que ela o ama menos?”

“Deve-se ter fé nas palavras do guru. O guru não é outro senão Satchidananda. O Próprio Deus é o Guru. Se acreditar em suas palavras como uma criança, realizará Deus. Que fé tem uma criança! Quando a mãe lhe fala a respeito de um certo homem, ‘Ele é seu irmão’. A criança acredita que realmente ele é seu irmão. A criança acredita nisso cento e vinte e cinco por cento, embora ele possa ser filho de um brahmin, e o homem, filho de um ferreiro. A mãe diz à criança, “há um bicho papão naquele quarto, e a criança realmente acredita que aja ali um bicho papão. Essa é a fé de uma criança! Devemos ter esta fé infantil nas palavras do guru. Deus não pode ser realizado pela mente hipócrita, calculista e argumentadora. Deve-se ter fé e sinceridade. Hipocrisia não serve. Para o sincero, Deus está muito próximo, mas Ele está longe, muito longe de um hipócrita.

“Deve-se ter por Deus o anelo de uma criança. A criança somente vê confusão quando mãe está longe. O senhor pode tentar bajulá-la colocando um doce em sua mão, mas nada a enganará. Somente diz, “Não, quero ir com minha mãe”. Deve-se sentir esta ansiedade por Deus. Ah, que anelo! Quão inquieta uma criança fica por sua mãe! Nada pode fazê-la esquecer-se de sua mãe. Aquele a quem o desfrutar dos prazeres do mundo não tem sabor, aquele que não aprecia mais nada do mundo – dinheiro, nome, conforto material, prazer dos sentidos – torna-se sinceramente ansioso pela visão da Mãe. É para ele somente que a Mãe vem correndo, deixando todas as Suas outras obrigações.

“Ah, esta inquietude é tudo. Qualquer caminho que seguir – seja o senhor um hindu, um muçulmano, um cristão, um sakta, um vaishnava ou um Brahma – o ponto vital é a ansiedade. Deus é o nosso Guia Interno. Não importa se o senhor toma um caminho errado – somente deve estar inquieto por Ele. Ele Próprio o colocará no caminho certo.

“Além disso, há erros em todos os caminhos. Todo o mundo pensa que seu relógio é o certo, mas na verdade, nenhum relógio está absolutamente certo. Mas isto não impede seu trabalho. Se um homem estiver ansioso por Deus, conseguirá a companhia de sadhus e tanto quanto for possível corrigirá seu próprio relógio com a ajuda dos sadhus.”

Trailokya do Brahma Samaj começou a cantar. Logo Shri Ramakrishna levantou-se e perdeu a consciência do mundo exterior, imerso em si mesmo, absorto em samadhi. Os devotos ficaram em sua volta. Empurrando as pessoas, Bankim aproximou-se do Mestre e começou a observá-lo atentamente. Jamais havia visto alguém em samadhi.

Depois de alguns minutos Shri Ramakrishna retornou à consciência parcial e começou a dançar em êxtase. Era uma cena inesquecível. Bankim e seus amigos imbuídos de influência inglesa, olhavam para ele com admiração. Era este o estado de intoxicação de Deus? Os devotos também, olhavam-no com olhos maravilhados.

Quando o canto e a dança terminaram, o Mestre tocou o solo com a testa, dizendo, “*Bhagavata -- Bhakta – Bhagavan!* Saudações a todos!” Sentou-se e todos ficaram à sua volta.

Bankim (*ao Mestre*): “Senhor, como se pode obter amor divino?”

Mestre: “Por meio de inquietude – a inquietude que uma criança sente por sua mãe. A criança sente-se desamparada quando fica longe de sua mãe e chora ansiosamente por ela. Se alguém puder chorar assim por Deus, poderá vê-Lo.

“Com a aproximação da aurora, o horizonte oriental torna-se vermelho. Sabe-se então, que logo será o nascer do sol. Assim também, se o senhor vir alguém inquieto por Deus, esteja certo de que ela não tem muito o que esperar pela visão d’Ele.

“Um discípulo perguntou ao instrutor, ‘Senhor, por favor diga-me como posso ver Deus.’ ‘Vem comigo’, disse o guru, ‘eu te mostrarei.’ Levou o discípulo a um lago e ambos

entraram na água. Subitamente o instrutor pressionou a cabeça do discípulo para baixo d'água. Depois de alguns momentos soltou-o e o discípulo levantou a cabeça e ficou de pé. O guru perguntou-lhe, 'Como te sentiste?' O discípulo espondeu, 'Ó! Pensei que ia morrer; estava arfando para respirar.' O instrutor disse, 'Quando te sentires assim por Deus, então saberás que não tens que esperar muito pela Sua visão.'

(A *Bankim*): "Vou dizer-lhe algo. O que o senhor ganhará flutuando na superfície? Mergulhe um pouco, as pedras preciosas estão muito abaixo da água; assim por que mexer os braços e pernas na superfície? Uma verdadeira pedra preciosa é pesada. Não flutua, afunda! Para conseguir uma verdadeira pedra preciosa o senhor deve mergulhar fundo."

Bankim: "O que podemos fazer, senhor? Estamos atados a uma cortiça. Isto nos impede de mergulhar." (*Todos riem*).

Mestre: "Todos os pecados desaparecem se uma pessoa apenas lembrar-se de Deus. Seu nome quebra as correntes da morte. O senhor tem que mergulhar, senão não conseguirá a pedra preciosa. Escute a canção."

O Mestre cantou com uma voz suave:

Mergulhe fundo, Ó mente, mergulhe fundo no Oceano da Beleza de Deus.  
Se descer até as profundezas,  
Aí encontrará uma ema de Amor.

Procure, Ó mente, procure Vrindavan em seu coração.  
Onde com Seus devotos amorosos,  
Sri Krishna brinca eternamente.

Acenda, Ó mente, o lampião da verdadeira sabedoria,  
E o deixe queimar com uma chama firme  
Incessantemente, dentro do seu coração.

Quem conduz seu barco através da sólida terra.  
É seu guru, diz Kubir.  
Medita nos seus pés sagrados.

Todos ouviram encantados. Novamente Sri Ramakrishna começou a falar.

Mestre (*a Bankim*): "Há alguns que não querem mergulhar. Dizem, 'Não vamos ficar perturbados se pensarmos demais em Deus?'" Referindo-se àqueles que estão intoxicados com amor divino, dizem, 'Estas pessoas perderam a cabeça'. Mas não percebem uma simples coisa: Deus é o Oceano de Amrita, Imortalidade. Uma vez eu disse a Narendra: 'Suponhamos que haja uma xícara com calda e você fosse uma mosca. Onde se sentaria para beber a calda?' Narendra respondeu, 'Eu me sentaria na beirada da xícara e esticaria o pescoço para beber.' 'Por que?' perguntei. 'Que mal há em mergulhar no meio da xícara e beber calda?' Narendra respondeu, 'Eu ficaria preso na calda e morreria.' 'Meu filho', disse-lhe, 'esta não é a natureza do Néctar de Satchidananda. Ele é o Néctar da Imortalidade. Não se morre por mergulhar n'Ele. Ao contrário, torna-se imortal.'

"Portanto digo, mergulhe fundo. Não tenha medo. Ao mergulhar fundo em Deus, uma pessoa se torna imortal."

Bankim inclinou-se profundamente ante o Mestre. Já estava de saída.

Bankim: "Senhor, não sou tão tolo como o senhor pode pensar. Tenho um pedido a fazer. Por favor, conceda a graça de abençoar minha casa com a poeira de seus santos pés."

Mestre: "Isto me agrada. Irei se Deus quiser."

Bankim: "Ali também o senhor verá devotos de Deus."

Mestre (*sorrindo*): "Como? Que tipos de devotos são? São como aqueles que dizem 'Gopal! Gopal! Keshava! Keshava?'" (*Todos riem*).

Um devoto: "Como é a história de 'Gopal!', senhor?"

Mestre (*sorrindo*): "Vou lhes contar. Num certo lugar havia uma metalúrgica. Os operários eram conhecidos como vaishnavas piedosos; usavam colares de contas no pescoço, marcas religiosas na testa e uma bolsinha com rosário. Repetiam o nome de Deus em voz alta.

Podiam ser chamados sadhus; mas tinham que trabalhar muito como ferreiros para ganhar o pão e sustentar suas esposas e filhos. Muitos fregueses, sabendo de sua piedade, vinham à loja porque acreditavam que lá, não havia esperteza com seu ouro e prata. Quando os fregueses entravam, viam os operários trabalhando e repetindo o nome de Hari. Mal os fregueses sentavam-se, e um dos operários gritava, ‘Keshava! Keshava! Keshava!’ Poucos minutos mais tarde, um outro dizia, ‘Gopal! Gopal! Gopal!’ . Depois de conversarem um pouco, o terceiro homem gritava, ‘Hari! Hari! Hari!’ No meio tempo os fregueses quase haviam terminado suas transações. Então o quarto exclamava, ‘Hara! Hara! Hara!’ Os fregueses ficavam muito impressionados com a devoção e fervor dos operários e sentiam-se bastante seguros em entregar-lhes o dinheiro. Estão certos de que não serão enganados.

“Mas sabem o que havia atrás de tudo isso? O homem que dizia, ‘Keshava! Keshava! Keshava!’ <sup>3</sup> depois da chegada dos fregueses, queria dizer, ‘*Quem são eles?*’ Em outras palavras, queria saber o quão inteligentes eram. O homem que dizia, ‘Gopal! Gopal!’ queria dizer que ele não os achava melhor do que uma “*manada de vacas*”. O homem que dizia, ‘Hari! Hari!’, ‘*Posso roubá-los?*’ dava a entender que, já que eram como uma manada de vacas poderiam ser roubados. O último homem que dizia, ‘Hara! Hara!’ queria dizer, ‘*Sim, roube-os*’. Com isto ele dizia que já que os fregueses eram como uma manada de vacas, por certo que poderiam ser roubados. Aqui, também, vocês vêem um grupo de homens piedosos, grandes devotos de Deus!”(*Todos riem*).

Bankim despediu-se, mas estava distraído. Quando chegou à porta, verificou que seu xale havia caído no quarto e estava em mangas de camisa. Um senhor entregou-lhe o xale.

Dos devotos que estavam na casa de Adhar, Sarat <sup>4</sup> e Sannyal eram brahmins, mas Adhar pertencia à casta inferior dos ferreiros, e por isso, os dois brahmins retiraram-se rapidamente para não se sentirem pressionados por seu anfitrião, a comer ali. Sarat e Sannyal há pouco tempo, visitavam o Mestre e não sabiam que os devotos formavam uma casta separada entre eles. Não havia distinção de casta.

Adhar ofereceu uma festa ao Mestre e aos devotos. Já era bem tarde, quando os devotos voltaram para suas casas, guardando em seus corações, a imagem do Mestre em êxtase, e recordando de suas palavras de grande sabedoria.

Já que Bankim havia convidado Sri Ramakrishna para visitar sua casa, alguns dias mais tarde, o Mestre enviou Girish e M. à sua residência de Calcutá. Nessa oportunidade Bankim manteve uma longa discussão com esses dois devotos sobre o Mestre. Disse que queria visitar Sri Ramakrishna novamente, mas seu desejo jamais foi satisfeito.



<sup>3</sup> Esses quatro nomes de Deus têm duplo sentido, em bengali. O segundo significado de cada palavra é dado em itálico.

<sup>4</sup> Sarat tornou-se um discípulo monástico de Sri Ramakrishna, com nome de Swami Saradananda.

## CAPÍTULO XXXV

### NO STAR THEATRE (II)

*Domingo, 14 de dezembro de 1884*

**S**HRI RAMAKRISHNA chegou ao Star Theatre, na rua Beaton, em Calcutá, para assistir a uma peça sobre a vida de Prahlada. M., Baburam, Narayan e outros devotos o acompanhavam. O vestíbulo estava fortemente iluminado. A peça ainda não havia começado. O Mestre ficou num camarote, conversando com Girish.

Mestre (*sorrindo*): “Ah! Você escreveu lindas peças.”

Girish (*sorrindo*): “Bem, senhor, quão pouco sei! Apenas escrevo.”

Mestre: “Não, você assimila bastante os ensinamentos. Outro dia disse-lhe que ninguém poderia esboçar um caráter divino, a não ser que tivesse em seu coração, amor a Deus.

“Sim, deve-se assimilar idéias espirituais. Fui à casa de Keshab ver a peça *Nava-Vrindavan*. Conheci um magistrado que ganhava oitocentas rupias por mês. Todo o mundo dizia que era um homem muito letrado, mas encontrei-o inquieto por causa de um menino, seu filho. Estava muito preocupado em arranjar um lugar para ele; não prestava atenção à conversa espiritual dos atores. O menino aborrecia-o com perguntas: ‘Pai! Que é isto? O que é aquilo?’ Estava extremamente ocupado com a criança. Vejam, ele apenas lê livros, mas não assimila o conteúdo.”

Girish: “Muitas vezes perguntei a mim mesmo: ‘Por que preocupar-me com o teatro?’”

Mestre: “Não, não! Deixe as coisas como estão. As pessoas aprenderão muito com suas peças.”

A representação começou. Prahlada foi visto entrando na escola como estudante. Ao vê-lo Shri Ramakrishna disse uma ou duas vezes a palavra ‘Prahlada’ e entrou em samadhi.

Em outra cena Shri Ramakrishna chorou ao ver Prahlada debaixo da pata de um elefante. Chorou quando o rapaz foi atirado ao fogo.

Mudos com a cena, Lakshmi e Narayana estavam sentados em Goloka. Narayana estava preocupado com Prahlada. Também esta cena levou Shri Ramakrishna ao êxtase.

Depois da representação, Girish levou Shri Ramakrishna ao seu camarim. Disse ao Mestre: “O senhor gostaria de ver a peça. *Vivaha Vibhrata!* [‘A Confusão do Casamento’]?”

Mestre: “Ó não! Por que uma coisa assim depois da vida de Prahlada? Uma vez disse ao diretor de uma companhia teatral, ‘Finalize sua representação com algo religioso’. Ouvimos uma conversa espiritual maravilhosa, e agora ver ‘A Confusão do Casamento’! Um tema mundano! Devemos tornar a ser nosso ‘eu’ novamente. Temos que voltar ao nosso velho estado.”

Girish: “O senhor gostou da representação?”

Mestre: “Senti que foi o Próprio Deus quem fez os diversos papéis. Aqueles que representavam os papéis femininos, pareceram ser a personificação direta da Mãe Bem-aventurada, e os pastores de Goloka, a personificação do Próprio Narayana. Foi somente Deus quem Se tornou todos eles.

“Há sinais pelos quais pode-se saber se um homem realmente viu Deus. Um deles é a alegria, não há qualquer dúvida nele. É como o oceano: as ondas e sons estão na superfície, abaixo estão as grandes profundidades. O homem que viu Deus comporta-se, às vezes como um louco, às vezes como uma coisa inerte, sem fala porque vê Deus dentro e fora; às vezes, como uma criança, sem o menor apego, andando com a roupa debaixo do braço. Também em estado de criança, age de muitas maneiras, às vezes como um menino, entregue à frivolidades, às vezes como um rapaz, trabalhando e ensinando com a força de um leão.

“O homem não pode ver Deus por causa de seu ego. Não se pode ver o sol enquanto houver uma nuvem no céu, mas isto não quer dizer que não haja sol; ele está ali.

“Mas não há mal algum no ‘ego de uma criança’. Ao contrário esse ego é benéfico. Verduras fazem mal ao estômago, mas hínche é bom. Então hínche não pode ser chamado de verdura. Também açúcar cande não pode ser classificado como doce. Os doces fazem mal à saúde, mas o açúcar cande, não.

“Por isso disse a Keshab: ‘Se eu lhe disser mais do que já disse, você não poderá manter sua organização coesa’. Isto o assustou. Logo acrescentei: ‘Não há mal no “ego de uma criança” ou no “ego de um servo”’.

“Aquele que viu Deus descobre que somente Deus tornou-Se o mundo e todos os seres vivos; foi Ele quem Se tornou tudo. Uma pessoa assim é considerada um devoto superior.”

Girish (*sorrindo*): “Sim, Deus é tudo, mas o devoto mantém um traço do ego que não é prejudicial.”

Mestre (*sorrindo*): “Sim, não há mal nisso. Este vestígio de ego é conservado para se desfrutar Deus. Você pode gozar a felicidade divina somente quando fizer a distinção entre você mesmo e Deus – distinção entre o servo e o Amo.

“Há, também, o devoto do tipo medíocre; vê que Deus mora em todos os seres como o Guia Interno, mas o devoto de tipo inferior diz, ‘Deus existe. Está lá em cima.’, quer dizer, além do céu. (*Todos riem*).

“Quando vi os pastores de Goloka em sua representação, senti que Deus havia Se tornado tudo. Aquele que viu Deus sabe que somente Ele é Aquele que faz, O que faz tudo.”

Girish: “Senhor, sei com certeza que é Deus quem faz tudo.”

Mestre: “Digo, ‘Ó Mãe, sou a máquina e Tu és o Operador, sou algo inanimado e Tu me fazes consciente; faço como Tu me mandas fazer; falo como Tu me mandas falar.’ Mas o ignorante diz, ‘Sou em parte responsável e em parte, Deus é o responsável’.”

Girish: “Senhor, em verdade nada faço. Por que preocupar-me com o trabalho?”

Mestre: “Não, o trabalho é bom. Quando o terreno está bem limpo, sem pedras e seixos, qualquer coisa que plante, crescerá, mas deve-se trabalhar sem qualquer motivo pessoal.

“Há dois tipos de paramahansas: o jnani e o premi<sup>1</sup>. O jnani está centralizado em si mesmo; sente que para ele, basta ter Conhecimento. O premi, como Shukadeva, depois de alcançar sua própria realização, ensina os homens. Alguns comem manga e limpam os vestígios em suas bocas, mas outros, dividem suas mangas com os demais. Pás e cestas são necessárias para cavar um poço. Ao terminar de cavar, alguns atiram as pás e cestas dentro do poço, mas outros, guardam-nas para que o vizinho possa utilizá-las. Shukadeva e alguns outros guardaram as pás e cestas para benefício dos outros. (*A Girish*) Você deve fazer o mesmo.”

Girish: “Por favor, abençoe-me, senhor.”

Mestre: “Tenha fé na Mãe Divina e conseguirá tudo.”

Girish: “Mas sou um pecador.”

Mestre: “O infeliz que constantemente pensa que está em pecado, torna-se pecador.”

Girish: “Senhor, até o chão em que eu costumava sentar-me, tornava-se impuro.”

Mestre: “Como pode dizer isso? Suponhamos que uma luz seja levada para um local que ficou no escuro por milhares de anos; ela vai iluminar pouco a pouco, ou de uma só vez?”

Girish: “Então o senhor me abençoou.”

Mestre: “Se você sinceramente assim o crê, o que mais vou dizer? Como, bebo e canto o nome de Deus.”

Girish: “Não tenho sinceridade. Por favor, dê-me.”

Mestre: “Eu? Sábios como Narada e Shukadeva podiam fazer isto.”

Girish: “Não vejo Narada nem Shukadeva, mas o senhor está aqui diante de mim.”

Mestre (*sorrindo*): “Está bem. Você tem fé.”

Todos ficaram em silêncio. A conversa recomeçou.

Girish: “Tenho um desejo: amar a Deus por Ele mesmo.”

Mestre: “Somente os Ishvarakotis têm esse amor. Não é para homens comuns.”

Todos ficaram em silêncio. O Mestre começou a cantar, abstrato, com os olhos virados para cima:

<sup>1</sup> Amante de Deus.

Podem todos ter a visão de Shyama? O tesouro de Kali é para todos?  
 Ó, que pena minha mente tola não veja o que é verdadeiro!  
 Mesmo com toda Sua austeridade, raramente o Próprio Shiva contempla  
 A visão sedutora dos pés carmins da Mãe Shyama.

Para aquele que medita n'Ela, as riquezas do céu são na verdade, muito pobres.  
 Se Shyama lança o olhar nele, ele nada na Felicidade Eterna.  
 O Príncipe dos yogis, o Rei dos Deuses, meditam em vão em Seus Pés.  
 Contudo o indigno Kamalakanta anela pelos pés abençoados da Mãe!

Girish repetiu:

Contudo o indigno Kamalakanta anela pelos pés abençoados da Mãe!

Mestre (*a Girish*): “Pode-se realizar Deus por meio de uma intensa renúncia, mas a alma deve estar inquieta por Ele, tão anelante como uma pessoa que anseia por um pouco de ar, quando a cabeça está pressionada debaixo d'água.

“Um homem pode ver Deus se reunir em si, a força dessas três atrações: a atração do homem mundano por suas posses, a atração do marido por sua esposa e a atração da criança por sua mãe. Se puder reunir estas três formas de amor e entregá-las a Deus, então, poderá vê-Lo em seguida.

Chore à sua Mãe Shyama com um choro verdadeiro, Ó mente!  
 Como pode Ela manter-se afastada de você?

“Se um devoto ora a Deus com um verdadeiro anelo, Deus não pode deixar de Se revelar a ele.

“No outro dia falei-lhe sobre o significado de bhakti. É adorar Deus com corpo, mente e palavras. ‘Com corpo’ significa servir e adorar Deus com as mãos, ir aos lugares sagrados, ouvir cantar o nome e as glórias de Deus com os ouvidos e contemplar a imagem divina com os olhos. ‘Com mente’, significa meditar em Deus constantemente e recordar-se e pensar em Sua lila. ‘Com palavras’ significa cantar-Lhe hinos, Seu nome e glórias.

“A devoção, conforme descrita por Narada está adaptada ao Kaliyuga, quer dizer, cantar sempre o nome e glórias de Deus. Aqueles que não têm tempo vago, adorem a Deus no mínimo de manhã e à noite, cantando com todo o coração, Seu nome e batendo palmas.

“O ‘ego do devoto’ não gera orgulho; não cria ignorância. Ao contrário, ajuda a realizar Deus. Este ego não é mais como o ego comum, assim como hínche é como verdura comum. Geralmente fica-se indisposto quando se come verduras, mas hínche remove bile em excesso. É bom. Açúcar cande não é como doces comuns. Doces em geral são prejudiciais, mas açúcar cande remove a acidez.

“Nishtha conduz à bhakti e ela, quando madura, torna-se bhava; bhava, quando concentrada, torna-se mahabhava; e finalmente, prema. Prema é como um cordão. Deus está ligado ao devoto através de prema, não fugirá mais. Um homem comum pode, no máximo, alcançar bhava. Ninguém, a não ser um Ishvarakoti, atinge mahabhava e prema. Chaitanyadeva alcançou-o.

“Qual o significado de jnana yoga? É o caminho pelo qual um homem pode realizar a verdadeira natureza do seu próprio Ser; é a consciência de que somente Brahman é sua verdadeira natureza. Prahlada, às vezes, estava consciente de sua identidade com Brahman. E às vezes, ele via que Deus era um, e ele, outro; em tais momentos, permanecia em estado de bhakti.

“Hanuman disse, ‘Ó Rama, às vezes penso que Tu és o todo e eu, uma parte; às vezes Tu és o Amo e eu, Teu servo, mas, Ó Rama, quando tenho o Conhecimento da Realidade, vejo que Tu és eu, e eu sou Tu.’”

Girish: “Ah!”

Mestre: “Por que um homem não seria capaz de realizar Deus no mundo? Mas ele deve ter discriminação e desapego; deve ter a consciência inabalável que somente Deus é real e tudo o mais irreal, que sua existência dura somente dois dias. Não adianta ficar na superfície, tem que mergulhar profundamente.”

Com estas palavras, o Mestre cantou:

Mergulhe fundo, Ó mente, mergulhe fundo no Oceano da Beleza de Deus.  
Se descer até as profundezas,  
Aí encontrará uma gema de Amor. ...

Mestre: “Você deve lembrar-se de algo mais; no oceano há o perigo de crocodilos, quer dizer, luxúria e tudo o mais.”

Girish: “Não tenho medo do Rei da Morte.”

Mestre: “Mas estou falando do perigo dos crocodilos de luxúria e semelhantes. Por causa deles deve-se esfregar o corpo com açafraão antes de mergulhar – o açafraão da discriminação e desapego.

“Alguns alcançam conhecimento de Deus no mundo. Fala-se de duas espécies de yogis; os ocultos e os conhecidos. Aqueles que renunciaram ao mundo são yogis ‘conhecidos’; todos os reconhecem, mas os yogis ‘ocultos’ vivem no mundo, não são conhecidos. São como uma empregada que faz suas obrigações na casa, mas a mente está voltada para os filhos, no campo. Eles são, como já falei, iguais a uma mulher livre que faz suas obrigações domésticas com zelo, mas cuja mente está sempre no amante. É muito difícil cultivar discriminação e desapego. Não é fácil livrar-se da idéia ‘sou o amo e todos esses são meus’. Vi um magistrado, que ganha um salário de oitocentas rupias, que não prestava atenção a uma palestra religiosa. Havia trazido um dos seus filhos com ele, e estava preocupado em encontrar um bom lugar. Conheço outro homem cujo nome não vou dizer, que costumava dedicar uma boa parte de seu tempo à japa, mas deu falso testemunho por causa de dez mil rupias. Portanto, um homem também pode realizar Deus no mundo, mas somente se tiver discriminação e desapego.”

Girish: “O que acontecerá a este pecador?”

Shri Ramakrishna cantou com voz terna, virando os olhos para cima:

Medito no Senhor. Aquele que mata os terríveis inimigos do inferno.  
E que acaba com o medo da morte;  
Pensando n’Ele a alma liberta-se do pesar mundano  
E navega no oceano da vida, num piscar de olhos.

Considere, Ó mente porque você veio à terra:  
Que ganho existe em pensamentos e atos maus?  
Seu caminho não é por aí: faça aqui sua penitência  
Meditando por muito tempo e profundamente, no Senhor eterno.

Mestre: “ ‘Navega no oceano da vida num piscar de olhos’. Obtém-se a visão de Deus, se Mahamaya ficar do lado de fora da porta. A graça de Mahamaya é necessária; por isso é necessário, também, a adoração de Shakti. Veja, Deus está perto de nós, mas não é possível conhecê-Lo porque Mahamaya fica no meio. Rama, Lakshmana e Sita estava caminhando. Rama vinha na frente, Sita no meio e Lakshmana atrás. Lakshmana estava somente a dois e meio cúbitos de Rama, mas não podia ver Rama por causa de Sita – Mahamaya atrapalhava.

“Quando adorar Deus, deve-se assumir uma atitude definitiva. Tive três atitudes: a atitude de uma criança, a de uma atendente e a de um amigo. Durante muito tempo eu me via como atendente e companheira de Deus; nessa época costumava usar saia e jóias como uma mulher. A atitude de criança é muito boa.

“A atitude de ‘herói’ não é boa. Algumas pessoas cultivam-na. Olham-se como Purusha e a mulher como Prakriti; querem agradar a mulher por meio de relações sexuais com ela. Mas este método muitas vezes leva à ruína.”

Girish: “Uma vez também tive esta idéia.”

Sri Ramakrishna olhou pensativamente para Girish.

Girish: “Ainda tenho isso na minha mente. Diga-me o que fazer.”

Shri Ramakrishna refletiu um minuto e disse: “Dê a Deus sua procuração. Deixe-O fazer o que Ele quiser.”

A conversa voltou-se para os jovens devotos de Shri Ramakrishna.

Mestre (*a Girish e outros*): “Em meditação, vejo os traços internos desses jovens. Não pensam em adquirir casa e propriedade. Não desejam os prazeres do sexo. Dentre esses jovens, os que são casados não dormem com as esposas. A verdade é que, a não ser que se abandone *rajas* e adquira *sattva*, não se pode viver em Deus, não pode amar a Deus e realizá-Lo.”

Girish: “O senhor abençoou-me.”

Mestre: “Como é isso? Eu lhe disse que você teria sucesso se fosse sincero.”

Dizendo isso o Mestre exclamou: ‘Anandamayi’ e entrou em *samadhi*. Permaneceu naquele estado durante muito tempo. Retomando à consciência parcial, disse, ‘Onde estão aqueles malandros?’ M. trouxe-lhe Baburam. Shri Ramakrishna olhou para Baburam e os outros devotos e disse, ainda em êxtase, “A felicidade de Satchidananda é realmente, boa, mas o que dizer da felicidade da embriaguez divina?”

Começou a cantar:

Uma vez por todas, desta vez, compreendi finalmente:  
Do Uno que conhece tudo, aprendi o segredo de bhava. ...

Novamente cantou:

Por que eu deveria ir a Ganga ou Gaya, a Kasi, Kanchi ou Prabhas?  
Enquanto eu puder dar meu último suspiro com o nome de Kali nos lábios?

O Mestre continuou, dizendo, “Enquanto orava à Mãe Divina, disse, ‘Ó Mãe, não procuro nada mais; dá-me somente puro amor por Ti.’ ”

Shri Ramakrishna sentia-se satisfeito com o estado sereno de Girish. Disse-lhe: “Este seu estado é bom; o ânimo calmo é o melhor.”

O Mestre estava sentado no escritório do gerente. Um homem entrou e disse, “O senhor vai assistir à comédia. ‘A Confusão do Casamento?’ Está sendo apresentada agora.

Shri Ramakrishna disse a Girish, ‘O que você fez? Esta comédia depois da vida de Prahlada! Primeiro doces e pudim de arroz, e depois, um prato de ervas amargas!’”

Depois do teatro, as atrizes, seguindo instruções de Girish, vieram ao camarim, saudar Shri Ramakrishna. Inclinaram-se ante ele, tocando o chão com suas cabeças. Os devotos notaram que algumas delas, ao saudarem Sri Ramakrishna, tocaram seus pés. Ele, com muita ternura, disse-lhes: “Por favor, não faça isso, Mãe!”

Depois que as atrizes deixaram o local, Shri Ramakrishna disse aos devotos, “Todos são Ele, somente sob formas diferentes.”

A carruagem estava à porta. Girish e os outros vieram se despedir do Mestre. Assim que Shri Ramakrishna subiu na carruagem, entrou em *samadhi* profundo. Narayan e vários outros devotos estavam com ele. A carruagem partiu para Dakshineswar.

*Sábado, 27 de dezembro de 1884*

Era época de Natal. Aproveitando-se do feriado, muitos devotos vieram ao templo para visitar o Mestre, sendo que alguns chegaram de manhã. Entre eles estavam Kedar, Ram, Nityagopal, Tarak, Surendra. M., Sarada Prasanna e um grupo de jovens devotos. Era a primeira visita de Sarada Prasanna.

Mestre (*a M.*): “Onde está Bankim? Você o trouxe?”

Bankim era um estudante que Shri Ramakrishna havia conhecido em Baghazar. Vendo-o de longe, o Mestre dissera que se tratava de um ótimo rapaz.

Depois de um certo tempo, Shri Ramakrishna foi ao Panchavati com os devotos. Eles ficaram à sua volta, alguns sentados, outros de pé. Sentou-se na plataforma de cimento em torno da árvore, olhando para o sudoeste. Perguntou a M., com um sorriso, “Trouxe o livro?”

M.: “Sim, senhor.”

Mestre: “Leia um pouco para mim.”

Os devotos estavam ansiosos para conhecerem o nome do livro. Tratava-se do *Devi Choudhurani*. O Mestre ouvira que o livro tratava da ação desinteressada. Ouvira, também, da grande fama de seu autor, Bankim Chandra Chatterji, que conhecera alguns dias antes, e desejava avaliar a mente do autor, através do livro.

M. disse: “Uma jovem – a heroína – caiu nas mãos de um assaltante, Bhavani Pathak. Seu nome havia sido Prafulla, mas o ladrão mudou para ‘Devi Choudhurani’. No fundo de seu coração, Bhavani era um bom homem. Fez Prafulla passar por muitas disciplinas espirituais, ensinou-lhe, também, como praticar ações desinteressadas. Roubava das pessoas más, e com o dinheiro, alimentava os pobres e desamparados. Dizia a Prafulla, ‘Castigo os maus e protejo os virtuosos.’”

Mestre: “Mas este é um dever de um rei.”

M.: “Num trecho o autor fala sobre bhakti. Bhavani Pathak enviou uma moça chamada Nishi para fazer companhia a Prafulla. Nishi era cheia de compaixão e considerava Krishna seu marido. Prafulla já era casada; havia perdido o pai e vivia com a mãe. Os vizinhos falavam mal dela devido a seu caráter e evitavam-na, e assim, seu sogro não lhe permitia viver com o marido. Mais tarde o marido casou-se de novo, mas Prafulla era extremamente dedicada a ele.

(A *Shri Ramakrishna*) “Agora, o senhor pode prosseguir com a história.”

M. leu :

Nishi: “Sou uma filha de Bhavani Pathak. Ele também, de uma certa maneira, deu-me em casamento.”

Prafulla: “O que você está querendo dizer?”

Nishi: “Entreguei –me toda a Krishna.”

Prafulla: “Como assim?”

Nishi: “Minha beleza, juventude e alma.”

Prafulla: “Então Ele é seu marido.”

Nishi: “Sim, porque Ele somente é meu marido, que me possui completamente.”

Prafulla (*suspirando*): “Não sei. Você fala assim porque não sabe como é um marido. Se você tivesse um marido de verdade, jamais poderia ter gostado de Shri Krishna.

O tolo Brajeswar – marido de Prafulla – ignorava que sua esposa o amava tanto.

Nishi: “Todos podem amar Shri Krishna porque Ele possui beleza infinita, juventude infinita e esplendor infinito.”

Esta jovem era discípula de Bhavani e bem versada em lógica. Mas Prafulla era iletrada, não podia contestar os argumentos de Nishi. Mas os legisladores das leis sociais conheciam a resposta. Deus é infinito, sem dúvida, mas não se pode guardar o infinito na pequena jaula do coração. Pode-se fazer isto somente com o finito. Portanto o Criador infinito do universo é adorado pelos hindus na jaula de seu coração como Shri Krishna, o Deus Pessoal finito. O marido de uma mulher tem uma forma ainda mais definida, portanto, se a esposa abriga puro amor conjugal, o marido converte-se no primeiro passo em direção a Deus. Por isso o marido é a única Divindade para a mulher hindu. Neste aspecto, outras sociedades são inferiores à sociedade hindu.

Prafulla era uma jovem ignorante, não podia compreender os argumentos de Nishi. Disse: “Amiga, não compreendo todos esses argumentos, mas você ainda não me disse o seu nome.”

Nishi: “Bhavani Pathak deu-me o nome de Nishi, Noite. Sou irmã de Diva, Dia. Um dia vou apresentar-lhe minha irmã. Deixe-me continuar com o que estava dizendo. Somente Deus é o Marido real, e para uma mulher, o marido é seu único Deus. Shri Krishna é o Deus de todos. Por que haveríamos de adorar duas, dois Deuses? Se você dividir pequena bhakti desse diminuto coração, quão pouco ficará!”

Prafulla: “Não seja tola. Há algum limite para a bhakti de uma mulher?”

Nishi: “Não há fim para o amor de uma mulher, mas bhakti é uma coisa e amor, outra.”

Resumindo parte do livro, M. disse que Bhavani iniciou Prafulla na vida espiritual. Continuou lendo:

Durante o primeiro ano Bhavani não permitiu que nenhum homem entrasse na casa de Prafulla, nem permitiu-lhe que falasse a qualquer homem fora de casa. Durante o segundo ano, a ordem sobre falar foi suspensa, mas não foi permitida a entrada de nenhum homem no interior da casa. No terceiro ano, Prafulla raspou a cabeça. Então Bhavani permitiu que seus discípulos seletos a visse. A discípula de cabeça raspada poderia conversar com eles sobre assuntos das escrituras, mantendo os olhos no chão.

M. então leu que Prafulla começou o estudo das escrituras, terminou a gramática, leu o *Raghuvamsa*, *Kumara Sambhava*, *Shakuntala* e *Nashadha* e estudou um pouco das filosofias Samkhya, Vedanta e Nyaya.

Mestre: “Vocês sabem o que significa? Pessoas como o autor deste livro crêm que o conhecimento é impossível sem o estudo de livros. Pensam que o primeiro vem o conhecimento de livros e depois, o conhecimento de Deus. A fim de conhecer Deus, deve-se ler livros! Mas se eu desejar conhecer Jadu Mallick, devo em primeiro lugar, saber o número de suas casas e quanto dinheiro tem em títulos do governo? Preciso realmente de todas essas informações? Melhor seria que de uma maneira ou outra, eu entrasse em sua casa, seja convencendo os porteiros, seja ignorando o tratamento grosseiro ou tratasse com o próprio Jadu Mallick. Depois, se eu quisesse saber de sua riqueza ou posses, terei somente de perguntar-lhe. Isso seria muito simples. Primeiro vem Rama, em seguida, Suas riquezas, isto é, o universo. É por isso que Valmiki repetiu o mantra, ‘mara’. ‘Ma’ significa Deus e ‘ra’, o mundo, isto é, Suas riquezas.”

Os devotos ouviam as palavras do Mestre, extasiados.

M. continuou a história de Prafulla.

Prafulla acabou seus estudos e então, praticou austeridade, durante muitos dias. Um dia Bhavani visitou-a; queria instruí-la a respeito do trabalho desinteressado. Citou-lhe o *Gita*: “Sempre executarás ações obrigatórias sem apego, executando ação desinteressada, atingirás o mais elevado.”

Disse-lhe quais as três características da ação desinteressada; primeiro, controle dos órgãos dos sentidos; segunda, ausência do egoísmo e terceira, entrega do fruto da ação a Shri Krishna. Disse-lhe, também, que nenhum dharma é possível para a pessoa egoísta. Citando o *Gita* falou: “Os gunas de Prakriti fazem toda a ação. Com o entendimento iludido pelo egoísmo, o homem pensa, ‘Sou eu quem faz.’”

Em seguida Bhavani falou-lhe sobre a entrega e fruto da ação a Shri Krishna. Novamente citou o *Gita*: “O que tu fizeres, o que comeres, o que dispensares, qualquer austeridade que praticares, Ó filho de Kunti, faz tudo como uma oferenda a Mim.”

Mestre: “Isto é muito bom. Estas são palavras do *Gita*; não se pode refutá-las, mas algo mais deve ser salientado. O autor fala da entrega dos frutos da ação a Shri Krishna, mas não em cultivar bhakti por Ele.”

M.: “Não, isto não está especialmente mencionado aqui.”

“Em seguida Prafulla e Bhavani conversaram a respeito do uso do dinheiro. Prafulla disse que havia oferecido toda sua riqueza a Krishna.”

M. leu o livro novamente:

Prafulla: “Com minhas ações, ofereço toda minha riqueza a Shri Krishna.

Bhavani: “Toda?”

Prafulla: “Sim, toda.”

Bhavani: “Neste caso você tem que trabalhar para ganhar a comida, ficará apegada ao trabalho. Por conseguinte, há duas alternativas diante de você: ou conseguirá a comida

por meio de esmolas, ou terá de viver de seu dinheiro. Mesmo um mendigo torna-se apegado às esmolas, portanto, você deve usar seu dinheiro para manter o corpo.”

M. (*ao Mestre, sorrindo*): “Esta é a natureza da mente calculista.”

Mestre: “Sim, esta é a natureza da mente calculista; esta é como o homem mundano pensa, mas aquele que busca Deus, mergulha de cabeça, não calcula a respeito de quanto e de quão pouco necessita para a manutenção de seu corpo.”

M.: “Em seguida Bhavani perguntou a Prafulla: ‘Como você oferecerá todo seu dinheiro a Shri Krishna?’ Prafulla disse: ‘Bem, Shri Krishna mora em todos os seres. Vou distribuir dinheiro entre eles.’ Bhavani respondeu: ‘Muito bom!’ Muito bom!”

“Citando o *Gita*, Bhavani disse: ‘Aquele que Me vê em todas as coisas e todas as coisas em Mim, jamais se separa de Mim, nem Eu Me separo dele. Um tal yogi, estabelecido em unidade, adora-Me como morando em todos os seres, mora em Mim, qualquer que seja seu modo de viver. Ó Arjuna, esse yogi é considerado o mais alto e pode julgar o prazer e a dor de todos os seres pelo mesmo padrão que aplica a si mesmo.’

Mestre: “Estas são as características do bhakta mais elevado.”

M. leu novamente o livro:

Deve-se trabalhar muito se desejar ajudar a todos os seres com caridade. Portanto, é-lhe necessário, fazer uma pequena exibição de roupas, de pompa e de luxo. Por isso Bhavani disse: ‘Um pouco de barganha é necessário.’

Mestre (*asperamente*): “ ‘Um pouco de barganha é necessário!’ Fala-se como se pensa. Se pensar em coisas mundanas dia e noite, e lidar com as pessoas com hipocrisia, então as palavras tomam a cor dos pensamentos. Quando comer rabanete, arrota-se rabanete. Em vez de falar sobre barganha, melhor teria dito, ‘Um homem deve agir como se fosse aquele que faz, sabendo muito bem na verdade que não é ele quem faz.’ Outro dia um homem estava cantando aqui. A canção continha palavras como ‘lucro’ e ‘perda’. Eu o fiz calar-se. Se uma pessoa pensar num determinado assunto dia e noite, não pode falar de outra coisa.”

A leitura continuou. O autor descrevia a realização de Deus. Prafulla havia se tornado Devi Choudhurani. Era o mês de Vaishakh. Devi estava sentada no terraço de seu barco, conversando com Diva e outra amiga. A lua estava em cima. O barco estava ancorado no Ganges. A conversa girou em torno da questão se podia-se ver Deus. Devi disse, “Assim como o perfume da flor é diretamente percebido pelo nariz, assim Deus é percebido diretamente pela mente.”

A esta altura o Mestre interrompeu e disse: “Sim, Deus é diretamente percebido pela mente, mas não, pela mente comum. É a mente pura que percebe Deus, e nesse momento, a mente comum não funciona. A mente que tem o menor vestígio de apego ao mundo não pode ser chamada pura. Quando todas as impureza da mente forem removidas, pode-se chamá-la Mente Pura ou Atman Puro.”

M.: “O autor diz um pouco mais adiante, que Deus não pode ser facilmente percebido pela mente. Diz que se necessita de um telescópio para a visão direta. A Yoga é o telescópio. A Yoga, como descrita no *Gita*, é de três tipos: jnana, bhakti e karma. Pode-se ver Deus por meio desse telescópio de yoga.”

Mestre: “Isto é muito bom. Essas são as palavras do *Gita*.”

M.: “Por fim Devi Choudhurani encontrou o marido. Mostrou-lhe grande devoção e disse-lhe: ‘Você é meu Deus. Quis aprender a adoração de um outro Deus, mas fracassei. Você tomou o lugar de todos os deuses.’ ”

Mestre (*sorrindo*): “ ‘Fracassei’. Este é o dharma de uma mulher totalmente dedicada ao marido. Este também, é um caminho.”

A leitura havia terminado. O Mestre sorria. Os devotos olhavam para ele, ansiosamente esperando ouvir o que ele iria dizer.

Mestre (*aos devotos, sorrindo*): “Isto não é tão mal; chama-se dharma de castidade, devoção de uma esposa a seu marido. Se Deus pode ser adorado através de uma imagem, por

que não adorá-Lo através de uma pessoa viva? Foi o Próprio Deus quem brincou no mundo na forma de homem.

“Ó, por que estado passei! Passei alguns dias absorvido em Shiva e Durga, alguns dias em Radha e Krishna, e outros absorvidos em Sita e Rama. Quando assumia a atitude de Radha, chorava por Krishna, e assumindo a atitude de Sita, chorava por Rama.

“Mas Lilá não é de jeito algum, a última palavra. Passando por todos esses estados, eu disse à Mãe Divina: ‘Mãe, nesses estados há separação. Dá-me um estado em que não haja separação.’ Então permaneci por algum tempo absorvido em Satchidananda Indivísível, retirei os quadros dos deuses e deusas do seu quarto. Comecei a ver Deus em todos os seres. A adoração formal caiu. Veja aquela árvore bel. Costumava ir lá para apanhar as folhas. Um dia, quando tirava um pedaço da casca caiu e vi que a árvore estava cheia de Consciência. Fiquei pesaroso por haver ferido a árvore. Um dia tentei pegar um pouco de grama durva, mas percebi que não podia fazer isto. Tive que forçar para arrancá-la.

“Não posso cortar um limão. Outro dia tentei cortar um grande, com dificuldade can-tei o nome de Kali e cortei a fruta da mesma maneira como as pessoas sacrificam um animal diante da Deusa. Um dia queria apanhar algumas flores. As árvores estavam carregadas. Estavam em todos os lugares. Imediatamente tive a visão de Virat; parecia que Seu culto terminara há pouco. As flores pareciam ramalhetes colocados a cabeça da Divindade. Não pude pegá-las.

“Deus brinca, também, através do homem. Vejo que o homem é a personificação de Narayana. Assim como se acende o fogo friccionando dois pedaços de madeira, assim Deus pode ser visto no homem se houver intensa devoção. Se houver isca adequada, então virão grandes peixes como carpa para abocanhá-la imediatamente. Quando se está intoxicado de prema, vê-se Deus em todos os seres. As gopis viam Krishna em tudo; para elas o mundo inteiro estava cheio de Krishna. Diziam que elas mesmas eram Krishna. Estavam num estado de intoxicação de Deus. Olhando para as árvores, diziam, ‘São eremitas absorvidos em meditação sobre Krishna.’ Olhando para a grama diziam, ‘O cabelo da terra eriça-se ao toque de Krishna.’

“Devoção ao marido também é dharma. O esposo é Deus. Por que não deveria ser? Se Deus pode ser adorado através de uma imagem, por que não por meio de um ser vivo? Mas para sentir-se a presença de Deus são necessárias três coisas: primeiro a devoção do sacerdote, segundo uma imagem e terceiro, a devoção do chefe de família. Vaishnavcharan disse uma vez que no final, a mente do devoto é absorvida na manifestação humana de Deus.

“Mas deve-se lembrar de uma coisa. Não se pode ver Deus brincando como homem, a não ser que se tenha tido a visão d’Ele. Sabe qual é o sinal daquele que teve a visão de Deus? Um homem assim, adquire a natureza de uma criança. Por que de uma criança? Porque Deus é como uma criança, portanto, aquele que vê Deus, torna-se como uma criança.

“A visão de Deus é necessária. Agora, a pergunta é, como obtê-la? O meio é a renúncia total. Um homem deve ter um anseio tão intenso por Deus que possa dizer, ‘Ó Pai do universo, estou fora do Teu universo? Será que não vai ser bondoso comigo, Seu malvado?’

“Adquire-se a natureza daquele em que se medita. Adorando Shiva, adquire-se a natureza de Shiva. Um devoto de Rama meditava em Hanuman, dia e noite. Costumava pensar que havia se tornado Hanuman. No final estava firmemente convencido de que até lhe havia crescido uma pequena cauda. Jnana é a característica de Shiva e bhakti, de Vishnu. Aquele que participa da natureza de Shiva, torna-se um jnani, e aquele que participa da natureza de Vishnu, torna-se um bhakta.”

M.: “Mas e Chatanyadeva? O senhor disse que ele tinha ambos, conhecimento e devoção.”

Mestre (*cortando*): “Seu caso foi diferente. Era uma Encarnação de Deus. Há uma grande diferença entre ele e um homem comum. O fogo da renúncia de Chaitanyadeva era tão grande, que Sarvabhauma despejou açúcar em sua língua e, em vez de derreter-se, evaporou-se. Estava absorvido em samadhi. Que imensa foi sua conquista da luxúria! Compará-lo a um homem! Um leão come carne e contudo, acasala-se somente de doze em doze anos, mas a andorinha come grão e tem vida sexual dia e noite. Esta é a diferença entre uma Encarnação Di-

vina e um ser humano comum. Um homem comum renuncia à luxúria, mas de vez em quando esquece-se do seu voto. Não pode controlar-se.

(A M.): “Aquele que realizou Deus considera o homem um simples verme. Não se pode ter êxito na vida religiosa aquele que tiver vergonha, ódio ou medo. Estes são grilhões. Já ouviu falar dos oito grilhões?”

“Como pode aquele que é eternamente perfeito ter medo do mundo? Sabe jogar. Uma alma eternamente perfeita pode até levar uma vida mundana, se assim o desejar. Há pessoas que podem esgrimar com duas espadas ao mesmo tempo; são esgrimadores tão hábeis que, se pedras forem atiradas contra eles, batem na espada e voltam.”

Um devoto: “Senhor, como podemos ver Deus?”

Mestre: “Poderá alguém ver Deus, se não dirigir toda a mente a Ele? O *Bhagavata* fala de Shukadeva. Quando caminhava parecia um soldado com a baioneta parada. Seu olhar não vagueava; tinha uma só meta, e esta, era Deus. Este é o significado de yoga.

“O pássaro chatak bebe somente água da chuva. Embora o Ganges, o Jamuna, o Godavari e todos os outros estejam cheios de água, e embora os sete oceanos estejam, cheios até a borda, ainda assim o chatak não os tocará. Beberá somente a água que cai faz nuvens.

“Aquele que desenvolve uma yoga assim, pode ver Deus. No teatro o auditório empenha-se em todo o tipo de conversa, sobre casa, trabalho e escola, até a hora da cortina subir; mal ela sobe e toda conversa pára e a platéia vê a peça com atenção fixa. Se depois de um longo tempo alguém pronuncia uma palavra ou duas, é sobre a peça.

“Depois que um alcoólatra bebeu, fala somente de felicidade, de alegria.”

Nityagopal estava sentado defronte de Shri Ramakrishna, em silêncio.

Mestre (a Nityagopal, sorrindo): “Gopal! Por que você está sempre em silêncio?”

Nityagopal responde como uma criança, “Eu – não – sei.”

Mestre: “Compreendo porque você não diz alguma coisa; talvez tenha medo de cometer um erro. Tem razão. Você está certo. Jaya e Vijaya eram porteiros de Narayana. Recusaram a entrada de Sanaka, Sanatana e outros rishis no Seu palácio. Por esta transgressão tiveram que nascer três vezes na terra.

“Também há o exemplo de Sridama; era porteiro de Viraja<sup>2</sup>.no Goloka. Shri Krishna estava na casa de Viraja. Radhika foi lá para surpreender Krishna e quis entrar. Sridama não permitiu e por isso, Radhika amaldiçoou-o para que nascesse como um demônio, na terra. Mas Sridama também, amaldiçoou-a.

“Mas há uma coisa que você deve lembrar-se. Quando um menino caminha segurando a mão do pai, pode cair no esgoto, mas o que ele tem a temer, se o pai lhe segura a mão?”

A história de Sridama está narrada no Brahavaivarta Purana.

Kedar, que era funcionário do governo, estava vivendo em Dacca, por algum tempo. Havia sido transferido de Calcutá. Era devoto de Shri Ramakrishna e havia reunido em Dacca, muitos devotos, que vinham a ele regularmente para instrução espiritual. Como não se deve visitar um religioso de mãos vazias, os devotos traziam doces e outras oferendas.

Kedar (ao Mestre, humildemente): “Devo comer estas oferendas?”

Mestre: “Não lhe farão mal, se forem dada por amor a Deus, mas lhe farão se forem dadas por motivo egoísta.”

Kedar: “Expliquei tudo aos devotos, e agora, sinto-me aliviado. Disse-lhe que aquele<sup>3</sup> que me deu sua bênção conhece tudo.”

Mestre (sorrindo): “É verdade. Vê, aqui vem gente de toda espécie. Assim, encontram coisas diferentes.”

Kedar: “Não necessito conhecer coisas diferentes.”

Mestre (sorrindo): “Por que não? Deve-se conhecer um pouco de tudo. Se um homem abre um armazém, provê todos os tipos de artigos, incluindo um pouco de lentilha e tamarindo. Um homem hábil sabe tocar um pouco de todos os instrumentos.”

Shri Ramakrishna deixou o quarto e foi para o bosque de pinheiros. Os devotos passeavam pelo jardim. Vários foram para o Panchavati. Shri Ramakrishna encontrou-os ali e

<sup>2</sup> Companheira de Krishna

<sup>3</sup> Shri Ramakrishna.

disse: “Estou com indigestão. Comi na casa de Mallick. São pessoas de mentalidade mundana.”

Algumas coisas pessoais do Mestre estavam espalhadas na plataforma cimentada do Panchavati e ele pediu a M. para trazê-las. Seguiu para o quarto com os devotos.

À tarde o Mestre descansou um pouco. Em seguida vieram alguns devotos. O Mestre sentou-se no pequeno divã, reclinando-se numa almofada.

Um devoto: “Senhor, pode-se conhecer os atributos de Deus por meio do intelecto?”

Mestre: “Certamente que não, se for o intelecto comum. Pode-se conhecer Deus assim, tão facilmente? Deve-se praticar sadhana. Deve-se, também, adotar uma atitude particular em relação a Deus, por exemplo, a atitude de um servo para com seu amo. Os rishis de outrora adotaram a atitude de shanta. Conhece a atitude dos jnanis? É meditar no seu próprio Ser. (*A um devoto, com um sorriso*). Qual é a sua atitude?”

O devoto não respondeu.

Mestre (*sorrindo*): “Você tem duas atitudes: medita em seu próprio Ser e também, mantém a atitude de um servo para com Deus. Não estou certo?”

Devoto (*hesitando e sorrindo*): “Sim, senhor.”

Mestre (*sorrindo*): “Veja como Hazra diz, posso ler os pensamentos das pessoas. Uma pessoa pode manter essas duas atitudes somente num estágio muito adiantado. Prahlada as mantinha. Deve-se trabalhar arduamente, a fim de praticar este ideal.

“Vou dar um exemplo. Suponhamos que um homem esteja segurando um ramo espinhoso de uma ameixeira-de-porco. Sua mão sangra profusamente, mas ele diz, ‘Não há nada comigo, não estou ferido.’ Se você lhe perguntar sobre sua ferida, ele dirá, ‘Está tudo bem, estou muito bem.’ Agora existe qualquer significado em simplesmente pronunciar estas palavras? Deve-se praticar disciplina para manter este ideal.”

Os devotos prestavam total atenção ao que o Mestre dizia.

